





Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Dr. Antonio Gomes
Da Rocha Madahil

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SEBASTIAO

DECIMOSEXTO REY DE PORTUGAL;

COMPOSTA

POR D. MANOEL DE MENEZES,

Chronista mór do Reyno, e General da Armada Real, &c.

PRIMEIRA PARTE.

Que contém os successos deste Reyno, e Conquistas
em sua menoridade.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ V.
NOSSE SENHOR.



LISBOA OCCIDENTAL
NA OFFICINA FERREYRIANA.

M. DCC. XXX.

Com todas as licenças necessarias.

João Maria da Silva Netto da Silva e Silva.



SENHOR.



Os Reaes pès de Vossa Magestade reverentemente prostrado offereço a primeira Parte da Chronica do muito alto, e magnanimo Rey D. Se-

Sebastião de laudosa memoria, composta pelo Chronista mór do Reyno D. Manoel de Menezes, a qual com incansavel trabalho accrescentey, pondo-a pela ordem Chronologica daquelles tempos, desde o dia em que foy o seu felice, e desejado nascimento, até empunhar o Sceptro, que depois regeo. Nella verà Vossa Magestade a variedade dos successos, e o que obrou o valor naquelle seculo, com a lealdade dos Portuguezes; pois vendo elles ao Serenissimo Rey D. Sebastião debaixo da tutela da Serenissima Rainha Dona Catharina sua avò, que governava estes Reynos na sua menoridade; e que pelas suas acçoens já dava a conhecer o invencivel de seu coração, pois todo o ambito da terra seria pouco para conquistar: à sua imitação se avantajaraõ todos seus Vassallos, fazendo respeitar o nome Portuguez nas quatro partes do Mundo, já na paz obrando com o conselho, já na guerra cortando com a espada, e ainda nas partes mais remotas deste Lusitano Imperio, introduzindo a palavra de Deos nos vastos Dominios, que Vossa Magestade impera.

Neste glorioso governo, em que Vossa Magestade domina nos coraçãoes de seus leaes Vassallos, se vèm exceedidas todas estas felicidades, assim na tranquillidade da paz, em que nos conserva, como na recta Justiça, que nos administra, e na magnanimidade de seu generoso animo faz todas as suas gloriosas acçoens eternizadas para toda a posteridade, como já desde agora venera, respeita, e confessa todo o Universo.

Espero do Regio animo com que Vossa Magestade ampara as letras, se digne de aceitar esta Chronica debaixo da sua Real protecção, para que animado da sua generosa propenção possa dar à luz as mais Chronicas dos Reaes Predecessores de Vossa Magestade. Guarde Deos a Real pessoa de Vossa Magestade muitos annos, &c.

MIGUEL LOPES FERREIRA.



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. FRANCISCO XAVIER
DE MENEZES,

*QUARTO CONDE DA ERICEIRA, DO CONCELHO
de Sua Magestade, Sargento mór de Batalha dos seus Exercitos, Deputado
da Junta dos Tres Estados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeira, e Se-
nhor de Ancião, oitavo Senhor da Casa do Louçal, Commendador
das Commendas de Santa Christina de Sarzedello, de S. Cypriano
de Angueira, S. Martinho de Frazão, S. Payo de Fragoas, de
S. Pedro de Elvas, e de S. Bartholomeu de Covilhã todas na
Ordem de Christo, Academico, e Censor da Academia
Real da Historia Portugueza, &c.*



E U Senhor. Busco a Vossa Excellencia como a Oracu-
culo deste nosso Hemisferio Lusitano, não para o consultar, mas sim para
lhe pedir queira Vossa Excellencia pôr na presença de Sua Magestade a Pri-
meira Parte da Chronica do Senhor Rey D. Sebastião; porque conhecendo

todos a vastidão das Sciencias , com que Vossa Excellencia illustra este Reyno ; que parece quiz a Providencia Divina vincular na pessoa de Vossa Excellencia todas estas perfeições para o fazerem unico em todas as materias , prendas estas tão relevantes com que a natureza ornou a pessoa de Vossa Excellencia , que desde a idade de sete annos já Vossa Excellencia fallava todas as linguas com tanta perfeição , e agiliade , como se fora nacional de cada huma. Se buscarmos o sangue que anima a Vossa Excellencia , o veremos todo Real derivado da illustrissima Familia dos Menezes , como he constante em todos os Genealogicos , desde o Conde D. Pedro , e em todos os Historiadores , e o que he mais nos titulos , e Privilegios que se conservaõ nos Reaes Archivos de Simancas em Castella , da Torre do Tombo em Portugal , e em outros dos mais acreditados , que a Casa de Vossa Excellencia se deriva de D. Pedro Bernardo de S. Fagundo , Rico Homem em terra de Campos , e Senhor de muitas terras , de que seu filho D. Tello Peres de Menezes , Senhor de Madrid , e de muitas Cidades , foy o primeiro que tomou este appellido , de que a Villa de Menezes he o Solar , e de que os Reis de Castella são Senhores , por herdarem esta sua Corte , e outras Provincias , como parentes mayores da Casa de Menezes , pelo casamento do Infante D. Affonso de Molina , irmão del Rey S. Fernando o III. com Dona Mayor Affonso de Menezes herdeira da primeira linha desta grande Casa , e floreceo D. Pedro Bernardo , decimoquinto avô de Vossa Excellencia , pelos annos de 1050. em que confirmou muitos Privilegios. Muitos entendiaõ que D. Pedro Bernardo tinha a Varonia dos Telles , que já no anno de 700. tinhaõ por tronco a Senõior Tello ; porẽm depois de D. Pedro de Brito Coutinho no Memorial da Casa de Tarouca mostrou D. Luiz de Salazar e Castro insigne Historiador , e Genealogico com todas as provas q̃ podem dar os Patronimicos tirados dos Privilegios originaes , que D. Pedro Bernardo descendia por Varonia del Rey D. Fruella II. de Leaõ , que morreo no anno de 924. e da Rainha Dona Nunilo Ximena , filha de D. Sancho VI. Rey de Navarra ; e deste Rey D. Fruella era quinto neto D. Pedro Bernardo. A El Rey D. Fruella deduzem a Varonia os melhores Genealogicos desde El Rey Theodoredõ Rey dos Godos de Hespanha , que morreo no anno de 451. que dizem que descendia del Rey Baltho , que floreceo 1331. annos antes da vinda de Christo. Era D. Fruella neto decimosetimo de Theodoredõ , e contando-se nesta fórma a Varonia de Vossa Excellencia , he trigessimonono neto com avôs conhecidos del Rey Theodoredõ. Se o referido D. Luiz de Salazar não tivera escrito em cinco volumes a Historia da Casa dos Menezes q̃ com impaciencia esperamos se imprima com os Privilegios originaes , que lhe servem de provas , muito puderaõmos dizer da grandeza desta Casa , sô apontaremos que tres vezes os Reis de Castella , e Portugal buscaraõ filhas suas para Rainhas , descendendo por muitas linhas deste esclarecido tronco , e os Menezes por infinitas são descendentes

tes destes, e outros Reys de quem Vossa Excellencia se deriva, e o que he mais, de vinte e oito Santos, e Sanras Canonizados, e Beatificados. Na Casa de Vossa Excellencia se conserva a grandeza, ou com o titulo de Ricos Homens, ou com outros; não havendo tempo algum, em que se não achem Grandes da Familia dos Menezes; porém tendo havido na sua Varonia trinta e seis titulos de Duques, Marquezes, e Condes em Portugal, e Castella, he Vossa Excellencia o unico em toda Hespanha dos q conserva o titulo, e grandeza com Varonia infallivel até D. Pedro Bernardo, e o primeiro Conde que ouve em Portugal na fórma em que hoje o são, foy D. João Affonso Tello de Menezes, Conde de Barcellos, feito por ElRey D. Diniz no anno de 1298.

Muitos volumes me seriaõ necessarios para fazer memoria dos Varoens illustres em armas, e letras, em lugares politicos, e em virtudes, que tem havido nesta Casa; só referirey a observação que em outro lugar imprimi, de que os ultimos parentes de Vossa Excellencia, e ascendentes seus tem escrito em diversas materias cem volumes, e de que nem hum só ascendente de Vossa Excellencia deixou de servir na guerra com grande reputação, que em Vossa Excellencia, e no Senhor Conde D. Luiz de Menezes seu filho, e nos Senhores Condes D. Luiz, e D. Fernando pay, e avô de Vossa Excellencia temos visto gloriosamente desempenhada.

Sendo as Varonias illustres em todas as naçoens a mayor prova da Nobreza pois até nas letras Sagradas se referem só as successoens de pay a filho, não he a Casa de Vossa Excellencia, só illustrissima entre todas as de Hespanha, como diz da dos Menezes D. Luiz de Salazar; porém he igual por todos os lados, nas esclarecidas alianças, pois em seus netos de Vossa Excellencia se enchem as arvores de costado de setimos avôs por todos os lados, que são as provas mais rigorosas de Alemanha; as quaes faz em França entre muito poucas Familias a de Rohan dos Principes de Sobise herdeiros legitimos do Ducado de Bretanha, e que casaraõ com Infantas de França, Navarra, e Escocia, e entraraõ na Casa de Vossa Excellencia com o mais sangue illustre dos Excellentissimos Condes da Ribeira, e igualmente pelo casamento de Vossa Excellencia com a Excellentissima Senhora Condessa Dona Joanna Magdalena de Noronha, em quem se uniraõ todas as virtudes, e perfeiçãoens às illustres Familias da Casa de Sarzerdas, Sylva, e Linhares, e pela Excellentissima Senhora Condessa Dona Joanna de Menezes mãy de Vossa Excellencia [e em tudo unica] a herança da Casa da Ericeira, e duas vezes o sangue dos Excellentissimos Condes de Atouguia, dos Saldanhas Senhores do Morgado de Oliveira, e até que a Casa de Vossa Excellencia se separou em D. Fernando de Menezes da Casa de Cantanhede se contaõ outros casamentos igualmente illustres, sendo o tanto os desta Casa, que em todos os trinta e nove ascendentes de Vossa Excellencia se conhecem as Familias de que descendem as Senhoras desta grande Casa.

Permittame a grandeza de Vossa Excellencia, e a urbanidade de seu generoso coração, que nesta Dedicatoria trate só, e com brevidade da sua illustissima ascendencia, e que devida por outros Livros as mais circumstancias que tenho que ponderar nas muitas que concorrem na Excellentissima pessoa de Vossa Excellencia. Guarde Deos a Vossa Excellencia muitos annos., &c.

B. ás mãos de Vossa Excellencia.

Seu criado

MIGUEL LOPES FERREIRA.

PRO;



PROLOGO.

DEpois que mandey imprimir não sem trabalho as seis primeiras Chronicas dos nossos Reys , e acabey com a delRey D. Diniz , como já estava impressa a delRey D. Affonso IV. que escreveo o Chronista mór Ruy de Pina , e que tambem hey de tornar a imprimir emendada , para continuar com a delRey D. Pedro I. e D. Fernando , a que ha de seguirse a delRey D. João o I. que tambem corria já impressa em dous volumes por Fernão Lopes , Author de algumas das outras com o terceiro da Conquista de Ceuta , por Gomes Eannes de Azurara. Tenho já approvadas as Chronicas delRey D. Duarte , D. Affonso V. e a delRey D. João o II. do mesmo Ruy de Pina , a que se seguirá Garcia de Resende com todas as suas Obras , reimprimindo a Chronica delRey D. Manoel de Damião de Goes , e a delRey D. João o III. de Francisco de Andrada. Todas estas Historias foraõ conferidas com as que existem na Torre do Tombo , e com outros manuscritos , emendandose tambem as impressas ; e sahindo à luz ao mesmo tempo muitas Relações , Epitomes , e Descobrimentos pertencentes á Historia de Portugal.

Dey razão deste grande intento por evitar á curiosidade publica o temor de que vendo imprimir a Chronica delRey D. Sebastião , imaginasse , que eu me desobrigava de atar o fio das outras Historias , que com esta se interrompiaõ. Porém como ainda q̃ são raras , e difficeis de achar as outras Chronicas , assim destes , como de outros Authores , correm a mayor parte impressas , entendi que seria mais agradavel anticipar as memorias deste grande , infelice , e desejado Rey em quanto não vemos as Memorias , que nos promete da sua vida o Reverendo Abbade Diogo Barbosa Machado , que com mais ordem , elegancia , e averiguação desempenhará a eleição , que fez de tão digno Academico a Academia Real da Historia Portugueza , a quem se dirige todo o nosso trabalho.

No titulo desta Primeira Parte attribuo a D. Manoel de Menezes esta Historia ; e o fundamento que tive , foy dizer D. Francisco Manoel,

e outros Authores, que este tão excellente no sangue, como no valor, e erudição, com q̃ acreditou os deus empregos tao distantes de General da Armada, e Chronista mór, escrevera em estylo seco esta Chronica, e participandome o Conde da Ericeira, a quem devo n.uitos dos documentos, de que as duas partes deste livro se illustraõ, hum volume, que achou na admiravel Livraria de Joseph de Faria, Secretario de Estado, e Guarda mór da Torre do Tombo, com o titulo de *Historia Chronologica de Portugal*, sem nome de Author, não duvidey que fosse a de D. Manoel de Menezes, assim porque Joseph de Faria nos seus admiraveis, e verdadeiros Tratados Genealogios, allega muitas vezes este Author, e a Historia que escreveo da sua esclarecida Familia, como porque ainda que os Criticos arguaõ, que o estylo desta Historia não he tão elevado como o de outras obras de D. Manoel de Menezes, concorda com a definição, que faz D. Francisco Manoel, que era seu contemporaneo, e se communicavaõ ambos, e sabia julgar muito bem de estylos, e sempre tão grande nome, ainda que seja por conjectura, authoriza este titulo, e estimarey muito que me convençaõ, apparecendo o original, e não nego que introduzi pela mesma ordem Chronologica entre os capitulos daquelle livro todos os successos de que pude alcançar noticia pelos instrumentos manuscritos mais fidedignos, e pelos Authores impressos mais acreditados.

De huns, e outros forão os principaes para ambos os volumes deus Tomos de papeis antigos, que juntou o Marquez de Castel-Rodrigo, e são parte dos doze, que o Conde da Ericeira conserva na sua Livraria, de donde tambem extrahi huns Annaes de Lisboa, desde o anno de 1565. até o fim do anno de 1628. A chamada Chronica do Padre Amador Rebello, que he muito breve, a jornada de Africa de Jeronymo de Mendoça, e outras de varios Authores Castelhanos, e Italianos, hum dos Dialogos de Miguel Leitaõ de Andrada, de quem determino imprimir outra vez a Miscelanea; as Decadas de Diogo de Couto; as Affias de Manoel de Faria, a Historia do Conde de Atouguia D. Luiz de Ataide, por Antonio Pinto Pereira, e outras Historias da India, impressas, e manuscritas. Para os successos de Africa, de mais das Relações da batalha, me vali da breve Historia de Africa de Manoel de Faria, da Historia de Tangere, que elegantemente escreveo na lingua Portugueza o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes do Conselho de Estado; de hum Historia de Arzila, de que o Conde da Ericeira tem o original; da Historia do cerco de Mazagaõ de Pedro Gavy, e de outras Relações do mesmo sitio; e para a America, e Ilhas, do Padre Simão de Vasconcellos, Gaspar Furtuoso, e outros Escriitores, assim impressos, como manuscritos

Algumas vezes acharás os successos das Conquistas antepostos, e pospostos huns aos outros, e aos de Europa, o q̃ fiz de proposito, por não truncar as materias, que pela mayor parte vão resumidas, e por isso se ajuntarão todos os successos de cada governo, ou guerra continuada.

Comprehende esta Primeira Parte desde os ultimos tempos del Rey D. João o III. de quem dou huma noticia preliminar, até q̃ El Rey D. Sebastião principiou a governar o Reyno, depois das regencias da Rainha Dona Catharina sua avó, e do Infante Cardeal D. Henrique seu tio, em quem a Rainha tinha cedido o governo.

Na Segunda Parte, que se principia a imprimir se achará todo o governo del Rey D. Sebastião, livre já das tutelas, até a funesta batalha de Africa, referindo depois della as tristes consequencias daquella fatalidade. Em outro volume se ha de seguir pelo mesmo methodo a Chronica do Cardeal Rey D. Henrique.

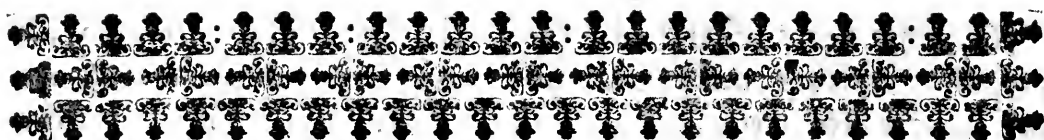
O tempo, em que se introduzirão os tres Reys de Castella D. Filipe II. III. e IV. não tem Historiador particular em Portugal, e ainda que eu quizerá formar destes lessenta annos huma Historia, tirada da de Hespanha, e outros Reynos, de muitos instrumentos originaes, das ultimas Decadas de Couto, e de Antonio Bocarro, e de algumas Relações, não me atrevo a promettella se o desejo dos curiosos me não animar com as suas instancias para que encadee esta porção de Historia, com as que tenho dado á luz, de que nunca me atrevi a chamar Author, senão Compilador do que os outros já tinham escrito.

A Historia del Rey D. João o IV. Militar, e Politica corre com a aceitação que merece, nos dous volumes de *Portugal Restaurado*, que admiravelmente escreveu o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, grande na penna, e grande na espada, e igual na direcção dos negocios politicos; porém como o seu assumpto o não obrigava a escrever os successos particulares da vida del Rey, q̃ he tambem assumpto das Chronicas, entendo que não será desagradavel a impressão dos dous Tomos, que compoz o Chronista mór Fr. Rafael de Jesus, da Ordem de S. Bento, que contém muitas noticias particulares, que se não achão no *Portugal Restaurado*.

Estes são (Leitor) os motivos, que tive para esta numerola collecção da Historia antiga de Portugal, que me não moveo o interesse, senão o zelo de servir a Patria, animado pela Augusta, e generosa protecção del Rey D. João o V. que felizmente nos governa, e he igualmente Grande em todas as qualidades, que constituem hum Principe perfeito.

Vale.

LICEN.



L I C E N C A S.

DO SANTO OFFICIO.

*Approvação do M. R. P. Manoel Consciencia da Congregação do Oratorio,
Qualificador do Santo Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Eminencia li esta Chronica do Serenissimo, e sempre
laudofo Senhor Rey de Portugal D. Sebastião, composta por D. Manoel
de Menezes Chronista mór daquelles tempos, e a qual agora accrescentada se
pertende dar á estampa. Nada descobri neste livro, q̃ lhe impida o ser justissi-
mo acrédor da publicação, que tanto lhe merece a qualidade do seu Author,
e a utilidade do seu assumpto. O Author escreveo com estylo grave, claro,
e syncero, sem faltar ás noticias importantes, sem divertirle em digressões
importunas, nem ferir com palavras mordazes o que estranha, ou hyperboli-
zar com affectadas o que louva: tudo prerogativas muy proprias de Historia-
dores excellentes. A utilidade do assumpto he grandissima, e muy geral, por
ferem semelhantes livros nas Monarchias huns como gazophilacios, ou the-
souros universaes, donde todas as pessoas de qualquer sorte, Reys, e Vassal-
los, podem tirar riquezas de doutrina inestimaveis. Nelles achão os Vassallos
muy singulares Heroes da sua Patria, que obrando com rara prudencia na
paz, e prodigioso valor na guerra, lhes despertaõ os brios, e com os exemplos
precedentes servem de mudo magisterio para lhes ensinar o bem, que devem
seguir, e o mal, que devem evitar, como advertio Diodoro Siculo: *Sola His-
toria verbis res gestas repræsentans omnem complectitur utilitatem: His-
torias legentibus ostenditur prætorum exemplis quid nobis agendum sit, quid
vè fugiendum.* Por onde discretamente disse Angelo Policiano, que nenhu-
ma faculdade era mais proficua, que a Historia, a qual, como nella se abomi-
naõ os maos, e elogiaõ os bons, aos primeiros reprime com o medo da des-
honra, e aos segundos anima com as esperanças do louvor. Não he menor
tambem a utilidade dos Monarchas, porque aqui lem as gloriosas acçoens dos
seus Progenitores, tendo nelles, quantos troncos da sua Real ascendencia,
outros tantos Exemplares da sua imitação. Aqui podem aprender os dictames
mais acertados para o governo, as direcçoens mais prudentes para a vida, os
arbitrios mais uteis para o bem commum dos seus Povos, os modos mais pro-
prios para a observancia das suas Leys, e os meyoos mais efficazes para a con-
servação dos seus Estados. Aqui vem as faltas, que devem emendar em si, e
as virtudes que haõ de copiar dos outros, procurando purificar-se daquellas,
e nestas imitallos, quando naõ cheguem a excedellos. Em fim, por estes livros
se capacitaõ de noticias importantissimas, que, ou pessoalmente naõ podem
averiguar, ou os validos, Ministros, e Conselheiros se naõ atrevem a lhe di-
zer;

Diodor. Si-
cul. in Præ-
m. lib. 1.
Bibliot.

Angel. Po-
lit. in Præ-
fat. ad Sue-
ton.

zer; por cuja causa aconselhava Demetrio Phalareo a ElRey Ptolomeo Fila-
delfo, que juntaſſe, e leſſe Hiftorias ſemelhantes, como refere o erudito
Padre Bonarcio: *Demetrius Phalareus Ptolomæum Philadelphum monere ſo-* P. Bonart.
litus erat, ut ſibi codices compararet de Regno, eoſdemque revolvat, eo quod in cap. 6.
illa, de quibus amici, eo conſiliarii Reges non audent admonere, libris ſcrip- Esther. n.
tis contineantur. 23.

De proveitos pois tão relevantes he fecundiffima a Chronica preſente,
porque nella lerão os Sereniſſimos Senhores Reys de Portugal as maravilho-
ſas virtudes, ſentenças, e proezas de hum Monarcha Luſitano, que o me-
recia, e havia ſer de todo o Mundo, ſe os grandes peccados do Reyno, e
inſcrutaveis Juizos de Deos, lhe não atalharaõ Imperio tão dilatado: e nella
tem os Vaſſallos deſta Coroa tão fortes deſpertadores nos eſtupendos prodi-
gios de valentia, que na Aſia, na Africa, e na America obraraõ aquelles, en-
tão verdadeiros Portuguezes, e ſempre Heroes de immortal memoria, os
quaes, numerando as ſuas vitorias pelas batalhas, foraõ outros tantos Hercu-
les no valor, e outros tantos Alexandres na generoſidade: confuſão muy ſen-
ſivel, e deploravel para eſtes noſſos tempos, em que de Portugal, e dos Por-
tuguezes ſe pôde affirmar, o que lá diſſe Eneas de Troya, e dos Troyanos,
que elies, e a ſua gloria foraõ, mas já não eraõ:

— — — *Fuimus Troes, fuit Ilium, & ingens*
Gloria Teucrorum. — — —

Em nada offende o Author a rectidão dos bons coſtumes, os quaes antes aju-
da a promover com os elogios, que lhes dá; e nada tem, ou havia de ter con-
tra a noſſa Santa Fé hum Livro, cujos illuſtres Heroes com perpetuo, e incan-
ſavel zelo procuraraõ ſempre em todo o Mundo exaltar a ſua verdade, pro-
pagar a ſua noticia, e defender a ſua pureza. Eſte he o meu parecer, Voſſa
Eminencia mandará o que for ſervido. Liſboa Occidental, e Congregaçãõ
do Oratorio. 19. de Novembro de 1727.

O Padre Manoel Conſciencia.

Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Boaventura de S. Giaõ, Qualificador do
Santo Officio, e Examinador da tres Ordens Militares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI o Livro de que a petição trata, e nelle não áchey couſa que ſe oppo-
nha á verdade de noſſa Santa Fé, e bons coſtumes. Liſboa Occidental,
no Hoſpicio do Duque. 16. de Dezembro de 1727.

Fr. Boaventura de S. Giaõ.

Viſta a informação, pôdeſe imprimir a Chronica do Senhor Rey D. Se-
baſtiaõ, compoſta por D. Manoel de Menezes, e depois de impreſſa
tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual não correrá.
Liſboa Occidental 16. de Dezembro de 1727.

Fr. Alencaſtre.

Cunha.

Teixeira.

Sylva.

DO ORDINARIO.

Vista a informação, pôde-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 1. de Março de 1728.

D. J. A.

DO DESEMBARGO DO PACO.

*Approvação do Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Menezes;
Conde da Ericeira, do Concelho de Sua Magestade, &c.*

SENHOR.

Vi por ordem de Vossa Magestade a Chronica delRey D. Sebastião, que se atribue a D. Manoel de Menezes, e a conferi com hum manuscrito antigo, e fidedigno, que eu conservava com o titulo de Historia Chronologica de Portugal, e Miguel Lopes Ferreira, que a fez accrescentar, a reduzio a melhor ordem, e tirou de alguns Authores impressos, e manuscritos muitos dos successos que refere, e como os prodigios se toleraão sempre nas Historias, pela judiciosã reflexão que faz Tito Livio me não parece que se tirem desta o que a Critica moderna julga menos verosimil: porque a minha opiniaõ na impressãõ dos livros antigos he, que devem conservar-se, não só com os defeitos da lingua do seculo em que foraõ escriptos, e do estylo, e genio que acredita que sãõ gènuinos, mas até entendo, que se não deve emendar o que se averiguou depois que não era tão verdadeiro; pois as memorias se haõ de conservar como foraõ, e não como se deseja que fossem, para que comparadas as noticias que corriaõ ha dous, ou tres seculos com as que hoje se admittem, e com monumentos que se descobrião nos Archivos se veja o progresso das tradiçoens, que ou se continuaõ, ou se interrompem, ou se finem segundo o excesso da credulidade, e incredulidade, que sãõ os defeitos que he preciso evitar nos que só desejão a verdade da Historia, resistindo á lisonja, e á vaidade, que com o especioso titulo da gloria da Patria fervem mais de escurecella, q̃ de illustralla, e assim succede na pintura, q̃ se compõe para ser perfeita de claros, e escuros. Para a Academia Real da Historia he muito util q̃ se imprimaõ as Historias antigas de que havia poucas copias manuscritas, e que se repitaõ as ediçoens das que tendo sido impressas, eraõ já muito raras; e entendo que Vossa Magestade deve premiar a quem faz esta collecção, para que se anime, e outros com o seu exemplo em contribuir para a perfeição das Sciencias, e Artes, de que a Historia he huma das mais nobres faculdades, reconhecendo a posteridade com esta experiencia mais, que Vossa Magestade, não só lhe dá o exemplo das acçoens grandes do seu glorioso seculo, mas os exemplares dos passados. Lisboa Occidental 12. de Mayo de 1728.

Conde da Ericeira.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 14. de Mayo de 1728.

Marquez Presidente.

Pereira.

Teixeira.

Bonicho.

INDEX



INDEX

DOS CAPITULOS.

CAPIT. I. Do casamento do Principe D. João pay del Rey D. Sebastião com a Infanta Dona Joanna filha do Emperador Carlos V. pag. i.

CAP. II. De como a Princeza Dona Joanna partio para Portugal, e foy entregue na Raya, e do que se passou com isto, p. 6.

CAP. III. Do grande apparato com que a Princeza Dona Joanna foy conduzida a Lisboa, p. 11.

CAP. IV. De como os Principes foraõ à Sè receber as Benções, e das grandes festas com que a Cidade de Lisboa applaudio o seu casamento, p. 16.

CAP. V. De hum lastimofo, e horriuel caso q neste tempo acon-teceo no Paço na presença del Rey pag. 21.

CAP. VI. Da morte do Principe D. João, e da causa della, p. 25.

CAP. VII. Dos sinaes prodigio-sos, que precederaõ à morte do Principe; e nascimento del Rey

D. Sebastião, e da grande ancia com que era pedido a Deos, p. 27.

CAP. VIII. Do nascimento del Rey D. Sebastião, e do grande prazer, e alegria, que causou, e Procissoens, que por isso se fize-raõ, p. 29.

CAP. IX. Do Bautismo do Prin-cipe, e como lhe foy posto o nome de Sebastião, e se descobrio à Princeza a morte de seu marido, e de suas exequias, p. 32.

CAP. X. De como a Princeza Do-na Joanna voltou para Castel-la, p. 34.

CAP. XI. Da prosperidade dos Reynos de Portugal até o tempo del Rey D. João III. e como de- pois foy descaindo, p. 37.

CAP. XII. Das despezas do Pa-trimónio Real em tempo del Rey D. João o III. p. 39.

CAP. XIII. Da morte do Infante D. Luiz, e de como El Rey D. João entendeu tambem que mor-ria brevemente, p. 41.

CAP.

I N D E X

- CAP. XIV.** *Da morte, e sahimento del Rey D. João o III.* p. 44.
- CAP. XV.** *Do Officio do enterramento del Rey D. João o III.* p. 47.
- CAP. XVI.** *De como o governo do Reyno foy entregue a Rainha Dona Catharina, e porque razão,* p. 50.
- CAP. XVII.** *Do levantamento del Rey D. Sebastião, e ceremonias deste auto,* p. 52.
- CAP. XVIII.** *Das ceremonias funeraes dos Escudos quebrados por El Rey D. João o III.* p. 57.
- CAP. XIX.** *De como a Rainha Dona Catharina governou o Reyno de Portugal,* p. 58.
- CAP. XX.** *Da criação del Rey D. Sebastião, e dos Mestres, que o ensinaraõ,* p. 59.
- CAP. XXI.** *Em que se contém hum exemplo del Rey D. Pedro, que em Cortes apontaraõ, pedindose bom Ayo para El Rey D. Sebastião,* p. 62.
- CAP. XXII.** *Em que se trata de quem foy D. Aleixo de Menezes, que El Rey D. João o III. fez Ayo do Principe D. Sebastião seu neto, e dos filhos que teve,* p. 63.
- CAP. XXIII.** *Em que se prosegue a mesma materia de D. Aleixo de Menezes, Ayo del Rey,* p. 65.
- CAP. XXIV.** *Do que o Emperador Carlos V. disse em abono de D. Aleixo de Menezes, quando soube ser eleito para Ayo del Rey D. Sebastião, e de como a*
- Infanta Dona Maria se vio com a Rainha sua mãy em Badajos,* p. 67.
- CAP. XXV.** *Em que se contém o parecer que D. Aleixo de Menezes deu sobre quem se havia de dar por Mestre a El Rey D. Sebastião,* p. 70.
- CAP. XXVI.** *De como a Rainha Dona Catharina mandou visitar o Emperador, e a Rainha de Hungria pela morte de sua irmãa a Rainha Dona Leonor,* p. 72.
- CAP. XXVII.** *De como Lourenço Pires de Tavora foy por Embaixador a Roma, e dos negocios de sua Embaixada,* p. 75.
- CAP. XXVIII.** *Em que se prosegue a mesma materia da Embaixada de Lourenço Pires de Tavora em Roma,* p. 81.
- CAP. XXIX.** *Do modo com que a El Rey se davaõ as liçoens, e como hia a visitar a Rainha, e assento que se dava a D. Aleixo de Menezes,* p. 86.
- CAP. XXX.** *Dos estudos del Rey, e do muito que aproveitou nelles,* pag. 88.
- CAP. XXXI.** *Do que El Rey passou com hum Ermitão,* p. 90.
- CAP. XXXII.** *De como D. Constantino de Bragança foy por Viso Rey à India, e dos successos do seu governo,* p. 91.
- CAP. XXXIII.** *Dos mais successos da India governandoa o mesmo D. Constantino,* p. 99.
- CAP. XXXIV.** *De como Francisco*

DOS CAPITULOS.

- cisco Barreto fez viagem para o Reyno, e de hum prodigiosa pedra que trouxe a Rainha Dona Catharina, p. 105.
- CAP. XXXV. Proseguemse os successos da India governando o mesmo D. Constantino, p. 107.
- CAP. XXXVI. Do grande Imperio, ou Região de Cafraria de Monomotapa, e da primeira Missão de Pregadores Evangelicos, que entrou nelle, p. 112.
- CAP. XXXVII. Proseguese o mesmo, dando conta dos Reys, e dos costumes dos Cafres, pag. 118.
- CAP. XXXVIII. Da vida, e Missão do santo Padre Gonçalo da Sylveira, e dos trabalhos de seus companheiros, p. 128.
- CAP. XXXIX. Do que aconteceu ao santo Padre Gonçalo da Sylveira em Monomotapa, e de como foy martyrizado, p. 135.
- CAP. XL. Finaliza D. Constantino o seu governo da India, e volta para o Reyno; da-se noticia de como se houve com hum reliquia supersticiosa, e do mais que lhe aconteceu, p. 143.
- CAP. XLI. De como governou a India D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, e dos notaveis successos de seu tempo, pag. 147.
- CAP. XLII. Cópia de duas cartas del Rey, e do Pontifice para o Arcebispo de Goa sobre a Christandade da India, p. 152.
- CAP. XLIII. Em que se dá noticia dos successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brasil, p. 157.
- CAP. XLIV. Em que se continua a mesma materia dos successos da Provincia de Santa Cruz, governando a Mem de Sá, p. 163.
- CAP. XLV. Descrição desta Capitania, sua Costa, e Sertão, pag., 169.
- CAP. XLVI. Proseguese a materia dos mesmos successos, particularmente dos da Capitania de S. Vicente, p. 170.
- CAP. XLVII. De como a Rainha intentou renunciar o governo do Reyno, e não se lhe aceitou, p. 175.
- CAP. XLVIII. De como a Rainha Regente enviou Embaixadores ao Concilio de Trento, e escreveu a alguns Cardeaes em nome del Rey, p. 180.
- CAP. XLIX. Do cerco de Mazagão, e de suas primeiras gentes, pag. 183.
- CAP. L. Do fundamento que o Xarife Muley Abdela teve para ir contra Mazagão, p. 184.
- CAP. LI. Do que o Capitão mór Ruy de Sousa sentio do segredo do Xarife, e o que fez, p. 185.
- CAP. LII. Do que se fez em Mazagão sobre hum arviso, que se deu, p. 185.
- CAP. LIII. Da vinda de hum Cassis a Mazagão dissimuladamente, p. 186.
- CAP. LIV. Do pregação q o Xarife deitou contra Mazagão, p. 187.
- § v CAP.

- CAP. LV.** Como hum filho do Xarife foy eleito por Capitão mór, e encomendado a El Rey de Daza, pag. 188.
- CAP. LVI.** De como o filho do Xarife chegou a Mazagaõ, e o Mouro Cassis fugio para os seus, pag. 188.
- CAP. LVII.** Do aviso, q o Capitão mór mandou a Lisboa, e do que a Rainha Regente fez, e dos primeiros que foraõ em soccorro, p. 189.
- CAP. LVIII.** Do recado que o filho do Xarife mandou a Ruy de Sousa, e de sua resposta, p. 190.
- CAP. LIX.** Do numero dos Mouros, que cercaraõ a Mazagaõ, e do que fizeraõ, p. 190.
- CAP. LX.** Do sitio de Mazagaõ, pag. 193.
- CAP. LXI.** De como os Mouros fizeraõ hum bastiaõ de terra, p. 194.
- CAP. LXII.** Do que os Mouros fizeraõ com hum feiticeira para derribar Mazagaõ, e da morte de muitos, e do seu muito trabalhar, p. 195.
- CAP. LXIII.** Do que sete Cavalleiros fizeraõ nos Mouros que estavaõ sobre Mazagaõ, p. 196.
- CAP. LXIV.** De como chegou a Mazagaõ o General Alvaro de Carvalho, e do que entaõ succedeo, p. 197.
- CAP. LXV.** Do que succedeo no Baluarte Santo Espirito, e sua repartição, p. 199.
- CAP. LXVI.** Repartição do mais muro de Mazagaõ, p. 203.
- CAP. LXVII.** Da gente que estava no Baluarte S. Sebastiaõ, e avante, p. 203.
- CAP. LXVIII.** Da gente que estava no Baluarte Santiago, e por diante, p. 204.
- CAP. LXIX.** Do amor que se tinhaõ os Portuguezes no cerco de Mazagaõ, p. 205.
- CAP. LXX.** Do que aconteceo em Mazagaõ no cerco a trinta de Março, p. 209.
- CAP. LXXI.** Do que aconteceo aos nove dias de Abril, p. 210.
- CAP. LXXII.** De hum grande bateria, que se deu a Mazagaõ, p. 211.
- CAP. LXXIII.** De algumas cousas que succederaõ no cerco de Mazagaõ, p. 212.
- CAP. LXXIV.** De alguns Fidalgos, q vieraõ de soccorro a Mazagaõ, e do que mais succedeo, pag. 213.
- CAP. LXXV.** De como os Portuguezes abriã a mina em Mazagaõ, p. 216.
- CAP. LXXVI.** Do que a Rainha Dona Catharina determinou sobre o cerco de Mazagaõ, mandando alguns Fidalgos, p. 219.
- CAP. LXXVII.** De hum briga, que houve entre os nossos, e como se soube que os Mouros queriaõ combater outra vez a Fortaleza p. 220.
- CAP. LXXVIII.** Das devocões que se fizeraõ por Mazagaõ em todo Portugal, p. 222.

DOS CAPITULOS.

CAP. LXXIX. Do primeiro assalto que os Mouros deraõ á Fortaleza, p. 222.

CAP. LXXX. Em que se prosegue a noticia do terrivel combate de Mazagaõ, p. 229.

CAP. LXXXI. Do mais que succedeo no cavalleiro em o assalto de Mazagaõ, p. 231.

CAP. LXXXII. De como os nossos pelejaraõ esforçadamente no cavalleiro, vendo hum Crucifixo arvorado no muro, p. 233.

CAP. LXXXIII. De como a Rainha mandava consolar aos que perdiaõ seus filhos, e parentes, p. 236.

CAP. LXXXIV. De alguns casos graciosos, que succederaõ acabado o primeiro combate, p. 237.

CAP. LXXXV. Das folias, que se fizeram na Fortaleza pela victoria do combate, e do mais em que logo se cuidou, p. 239.

CAP. LXXXVI. Do conselho que se teve se sahiraõ a dar nos Mouros, e como não teve effeito, p. 240.

CAP. LXXXVII. De como os nossos sahiraõ outra vez de noite a ver o arrayal do inimigo, pag. 242.

CAP. LXXXVIII. Do que se fez em Mazagaõ, e de como se tomou hum lingua, p. 243.

CAP. LXXXIX. De hum enxame de abelhas, e de humna carta de hum Elche, que se deitou em Mazagaõ, p. 245.

CAP. XC. Do segundo combate, e assalto, que se deu a Mazagaõ, p. 246.

CAP. XCI. Dos Fidalgos, que foraõ queimados, e feridos neste combate, p. 248.

CAP. XCII. De como deraõ fogo á mina em Mazagaõ, p. 249.

CAP. XCIII. Do terror, que os Mouros tinhaõ do valor dos Christãos, e como elles appellidaraõ victoria, p. 250.

CAP. XCIV. Como os Religiosos de S. Francisco estiveraõ sempre com hum Crucifixo no muro, e as mulheres eraõ companheiras nos trabalhos, p. 251.

CAP. XCV. De como os Mouros tornaraõ a proseguir a obra, e os Christãos a preparar-se para outro combate, p. 252.

CAP. XCVI. De como os Mouros se partiraõ de Mazagaõ, pondo fogo às suas estancias, p. 253.

CAP. XCVII. Dos que morreraõ no cerco de Mazagaõ, p. 253.

CAP. XCVIII. Do summario, e fim do cerco de Mazagaõ, p. 254.

CAP. XCIX. Do desafio que hum Mouro de Azamor fez a hum Cavalleiro de Mazagaõ, e se dà noticia de outros successos do General, p. 256.

CAP. C. De outras victorias q̃ em Mazagaõ se conseguiraõ, p. 264.

CAP. CI. Do que aconteceo nas Ilhas de S. Forge, e do Pico com a noticia de algumas particularidades desta segunda, p. 269.

CAP.

- CAP. CII.** *Convoca a Rainha a Cortes, e renuncia o governo do Reyno, p. 271.*
- CAP. CIII.** *De hums apontamentos que os Povos propozeraõ, e pedirãõ nestas Cortes, p. 277.*
- CAP. CIV.** *De como o Cardeal Infante governou o Reyno, p. 283.*
- CAP. CV.** *Da instituição do Conselho de Estado, e dos avisos que Lourenço Pires de Tavora deu ao Cardeal no principio do governo, p. 284.*
- CAP. CVI.** *Dos grandes trabalhos que acontecerãõ na Ilha de S. Miguel, e de hum diluvio de fogo, e agua, que nella houve, p. 290.*
- CAP. CVII.** *Em que se prosegue a mesma materia dos trabalhos da Ilha de S. Miguel, p. 294.*
- CAP. CVIII.** *Do subsidio Ecclesiastico, que o Papa concedeo a El Rey, e para que effeito, pag. 296.*
- CAP. CIX.** *Da queixa que El Rey fez a alguns Principes de Europa, e do q̃ resultou della, p. 299.*
- CAP. CX.** *De como Lourenço Pires de Tavora foy por mandado do Cardeal governar a Praça de Tangere, e dos successos da sua viagem, e governo, p. 302.*
- CAP. CXI.** *De hum desafio que o Alcaide de Arzila fez ao Capitão de Tangere, e de como não teve effeito por causa do mesmo Mouro, p. 307.*
- CAP. CXII.** *Em q̃ se proseguem,*
- e finalizaõ os successos de Lourenço Pires de Tavora no seu governo de Tangere, p. 312.*
- CAP. CXIII.** *De huma pratica, que D. Aleixo de Menezes fez d Rainha Dona Catharina, e ao Cardeal Infante sobre a criação del Rey, quando se lhe deu por Confessor o Padre Luiz Gonçalves da Camera seu Mestre, pag. 318.*
- CAP. CXIV.** *De como governou a India João de Mendoça, e do q̃ em seu tempo succedeo, p. 324.*
- CAP. CXV.** *Do Viso Rey D. Antão de Noronha, e dos successos da India em seu tempo, p. 327.*
- CAP. CXVI.** *Em que se prosegue a mesma materia, p. 332.*
- CAP. CXVII.** *Proseguemse os feitos da India sendo Viso Rey della D. Antão de Noronha, p. 334.*
- CAP. CXVIII.** *De duas cartas notaveis, que de Portugal, e Roma se escreverãõ ao Viso Rey da India, e finaliza o seu governo, p. 341.*
- CAP. CXIX.** *Noticias do Patriarcha da Ethiopia, e de huma carta, que escreveu a El Rey D. Sebastião, p. 346.*
- CAP. CXX.** *Successos do Brasil, particularmente do Rio de Janeiro, p. 348.*
- CAP. CXXI.** *Proseguemse a guerra do Rio de Janeiro, expulsão dos Francezes, e fundação daquelle Cidade com o nome de S. Sebastião, p. 353.*

DOS CAPITULOS.

CAP. CXXII. De outros successos da guerra notaveis, p. 358.

CAP. CXXIII. Do casamento da Senhora Dona Maria, e de como foy para Parma, p. 361.

CAP. CXXIV. Do estrago que Gaspar Caldeira, Portuguez, veyo fazer com Francezes na Ilha da Madeira, e da Armada que foy contra'elle, p. 362.

CAP. CXXV. Do q̃ ElRey passou com D. Aleixo sobre lhe não consentir, q̃ sabisse fora em hum cavallo mal domado, p. 366.

CAP. CXXVI. De outra pratica que D. Aleixo de Menezes fez a ElRey no dia antes que se lhe entregasse o governo do Reyno, p. 367.

CAP. CXXVII. Traducção de hums versos Gregos, que a Rainha Dona Catharina mandou a ElRey D. Sebastião seu neto no dia antes que tomasse o governo, com hum Memorial feito pela mão del Rey, do que determinava observar no governo do Reyno, p. 371.

ERRATAS.

O primeiro numero he pagina , o segundo columna , o terceiro linha.

P Ag. 13. 2. 16. arco lege carro 33. 2. 13. *qui* l. *quod* 54. 2. 6. e a manter l. e os manter 62. 2. 13. tiravaõ que l. tiravaõ, he que 62. 2. 14. he, q leg. 5. 63. 2. 2. Reyno no l. Reyno. No 66. 2. 11. campanha l. campainha 82. 2. 17. eu l. feu 83. 2. 23. banqueçou l. banqueteu 86. 1. 13. Encommendatarios l. em Commendatarios 87. 2. 18. estarem l. estavaõ 89. 2. 21. concede l. concedesse 106. 1. 20. della l. delle ibi 2. 19. lhas l. lha 108. 1. 3. que a l. que o ibi 1. 12. revelou l. révelou ibi 2. 36. barbaros com l. barbaros. Com 112. 2. 37. muita. Africa l. muita parte de Africa 113. 1. 29. do l. de 116. 1. 26. juntas l. junto ibi 28. doentios l. doentias 122. 1. 27. instancia l. estancia ibi 2. 28. esse l. e se se 127. 1. 20. morte l. morto 145. 2. 2. e l. se 146. 1. 28. falta de l. falta por 147. 2. 37. toca l. tocar 149. 2. 4. não lhe l. não se lhe ibi 33. de o l. de a 161. 2. 34. precipio l. precipicio 168. 1. 4. nome das l. nome, e das 169. 2. 9. legos l. legoas 170. 1. 35. lagoas l. legoas 174. 1. 27. do l. e o 185. 1. 36. furça l. curça 189. 2. 2. Cavalleiros por entaõ foraõ l. Cavalleiros que por entaõ foraõ eraõ 201. 2. 32. qua l. porque 207. 2. 25. muita l. muito 215. 2. 15. principiavaõ l. principiaraõ 216. 1. 20. dizerem l. diziaõ 218. 1. 40. que na l. que estava na 233. 1. 11. vicios l. vivos ibi 2. 34. picaraõ l. picavaõ 235. 2. 37. chorara l. chorar 236. 1. 23. ou qual l. ou em qual 238. 2. 34. Mouros, que l. Mouros, e dizendo que 240. 1. 40. se achaõ l. que se achaõ ibi 2. 17. dia l. hum 241. 1. 33. e porque l. pelo que 242. 1. 23. do quanto l. do que 250. 1. 29. a que l. aqui 252. 1. 25. muros l. Mouros 257. 1. 13. da l. de 262. 1. 20. de cavallo, que estavaõ l. de cavallo. Acodio o Adail, e os que estavaõ 263. 1. 5. Outro l. Outeiro 289. 2. 24. *decubrir* l. *descubrir* 295. 1. 8. se l. e se ibi 37. hia consumindo l. se hia pondo 296. 1. 6. cinco l. seis 299. 1. 28. affectos l. effectos ibi 2. 7. faziaõ l. fariaõ 303. 1. 21. fome l. fama 306. 2. 25. adquirido l. adquirida 308. 1. 23. e o despedio l. e os despedio ibi 28. *e pel* l. *e pelas* 309. 1. *viol* l. *via* ibi 5. *todo* l. *tudo* 310. 13. Cidade l. Cide 311. 14. *a entendia* l. *o entendia* 317. 2. 38. Capitaõ João l. Capitaõ. E. João 327. 2. 13. entraraõ l. encontraraõ 330. 1. 17. principiado l. principiado 341. 1. 5. que governaraõ l. que as governaraõ 354. 1. 36. partia l. partio 356. 2. 9. vaõ l. se vaõ 357. 1. 5. entrexachada l. entreçachada 366. 2. 12. e governar l. em quem havia de governar 367. 1. 23. seguio l. seguia. 369. 1. 39. *com que* l. *em que* 370. 2. 30. *meu o sangue* l. *o meu sangue*

Outros erros se acharaõ , que o curioso Leitor poderá emendar com mais facilidade.



CHRONICA

DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

DOM SEBASTIAO,

DECIMO SEXTO REY DE PORTUGAL.

PRIMEIRA PARTE.

Que conthem os successos deste Reyno, e Conquistas em sua menoridade.

C A P I T U L O I.

Do Cazamento do Principe D. Joaõ, pay del Rey D. Sebastião, com a Infanta Dona Joanna filha do Emperador Carlos V.



SERENISSIMO
Rey D. Joaõ III.
foy filho do felicis-
simo Rey D. Ma-
noel de gloriosa
memoria, cazou

com a Serenissima Rainha Dona Catharina, filha del Rey D. Felipe de Castella, Archiduque de Auf-

tria, primeiro deste nome, e da Rainha Dona Joanna, sua mulher, e della teve muitos filhos, a saber: o Principe D. Affonso, a Infanta Dona Maria, que foy Princeza de Castella, e mulher primeira del Rey D. Felipe II. o Principe D. Manoel, o Principe D. Felipe, o Infante D. Diniz, o Infante D. Antonio,

A

nie,

1537.

nio, a Infanta Dona Isabel, a Infanta Dona Beatriz, e o Principe D. Joaõ, pay delRey D. Sebastião, que nalceo na Cidade de Evora em 3.^a de Junho de mil quinhentos e trinta e sette. E além destes teve ElRey D. Joaõ mais fóra de Matrimonio o Senhor D. Duarte, que foy Arcebispo de Braga, fugeyto de grandes partes, e virtudes.

Mas como Deos tinha ordenado de castigar este Reyno com a attenuação da descendencia Real, e estava chegado o tempo muito antes profetizado, em q̃ este Reyno havia de passar a dominio estranho, fugeitando-o por nossos peccados ao de Castella, lhe aprouve, por sua Divina Providencia, dispôr q̃ todos estes Principes morressem em vida dos Reys seus pays, com grande lastima sua, huns meninos, outros moços de pouca idade, dilatandose só a vida por mais alguns annos ao Principe D. Joaõ, o qual Deos deyxou para bordaõ de sua velhice, em que estribassem suas esperanças com algum alivio das desconsoações de verem morrer tantos filhos, e de quem esperavaõ ficassem successores do Reyno de Portugal: de cujas mortes ElRey, e a Rainha sofrião as magoas, e feridas com animo Real, e varonil, e igual consideração, e louvavaõ ao Senhor pelos secretos juizos de assim o ordenar, conformandose elles em tudo cõ a vontade Divina, a quem sempre nas prosperidades, e trabalhos pretenderaõ muito agradar, e

servir, como se vio em todo o processo de sua vida.

E como a herança dos Reynos de Portugal pendia sómente daquella unica esperança, que era o Principe D. Joaõ unico filho de pays já esteriles, por sua idade madura, temerosos ElRey, e os povos de que esta se acabasse na florente idade, como tenra flor, que se podia facilmente murchar, segundo já tinhamo visto em todos seus irmãos, ordenaraõ de o cazar tanto que chegasse à idade de quatorze annos, para que havendo filhos, ficassem os Reynos de Portugal mais providos de herdeiros, e se evitassem os temores, e receyos, que cada hora o salteavaõ. Pelo que se tratou o seu cazamento com a Infanta Dona Joanna, filha de Carlos V. Emperador de Alemanha, que juntamente era Rey de Hespanha, e da Emperatriz Dona Isabel, sua mulher: no qual cazamento se falava desde o anno, em que se ajustou o do Principe D. Felipe de Castella com a Infanta Dona Maria de Portugal, e querendo-se ultimamente concluir com este tratado, teve ElRey Cõcelho com os Infantes seus irmãos, e com os Duques, e mais Senhores Concelheiros, e assentada a fórma sobre isto, o mandou tratar com o Emperador, e se ajustou o dito contrato com grande contentamento, e gosto de hũa, e outra parte, ficando só esperando chegassem os Principes à idade competente, para haverem de consummar

mar

1550.

mar o Matrimonio legitimamente, como dispoem as Leys; porque o Emperador duvidava em mandar vir a filha para Portugal antes do Principe ser de quatorze annos; mas entrando nelles no anno de mil quinhentos e sincoenta, tempo, em que em Alemanha, onde então assistia o dito Emperador, estava por Embayxador de Portugal Lourenço Pires de Tavora, Fidalgo da Casa del Rey, e do seu Concelho, o qual desejando muito ter a honra de Condutor da Princeza para este Reyno, avizou a El Rey ser muito conveniente tratar-se já da conclusão, e vinda da Princeza, antes que o Principe D. Felipe voltasse da companhia do Emperador, seu pay para Castella, de que se tratava; porque estas materias haviaõ de ser communicadas entre ambos, e seria cousa difficullosa de ajustar, e de muita despeza de tempo, estando tão apartados hum do outro, em terras tão distantes.

1551.

El Rey, que o não desejava menos lhe ordenou que puzesse todo o seu cuidado em concluir este negocio, e o tratasse com grande empenho com o Emperador, e Principe, seu filho; o que elle fez; mas dilatouse ainda a conclusão até o mez de Junho do anno seguinte de mil quinhentos sincoenta e hum, em que o Principe fazia quatorze annos de idade, e voltando neste tempo o dito Principe D. Felipe para Hespanha trouxe ordem de seu pay para fazer a entrega da

Princeza sua irmãa. Partio também por posta Lourenço Pires, e por França chegou a Touro, Cidade do Reyno de Leaõ, onde ella assistia, porque assim lho ordenou El Rey; e aqui lhe mandou a Commissão do Principe, seu filho para receber a Princeza em seu nome. Chegado Lourenço Pires à presença da Princeza Dona Joanna, e feitos os cumprimentos segundo o uso daquella idade, lhe deu conta dos côtratos ajustados entre o Emperador, seu pay, e El Rey D. Joaõ, seu tio, e do seu casamento com o Principe D. Joaõ, seu primo, o que ella muy bem sabia, por ser logo de tudo informada; e assim lhe disse mais como tinha ordem del Rey, seu Senhor, e Procuração do Principe para a receber em seu nome: e se effeitnou em 11. de Janeiro do anno seguinte de mil quinhentos

1552.

sincoêta e dous. A fórma do recebimento foy esta. Mandou o Principe D. Felipe ao Condestable de Castella, e ao Duque de Najara levarem Lourenço Pires do seu apozento ao Paço, e elle o esperou com a Princeza em huma sala acompanhados de muita Nobreza daquelles Reynos, todos vestidos de galla; tanto que o dito Embayxador entrou por ella dentro levantouse o Principe em pé, e sahio fóra do estrado sinco, ou seis passos a recebel-lo, e o levou onde estava sua irmãa, e alli, vistas primeiro as Letras do Santo Padre de Roma, pelas quaes os dispensava no parentesco, e as

Comiſſoens, que tinha delRey, e do Principe para eſte effeyto , e examinado tudo muito bem, ſe fez logo o acto com toda a ſolemnidade, celebrandoſe, conforme as Conſtituições daquelle Reyno, pelo Biſpo de Oſma, D. Pedro da Coſta, Portuguez , que primeiro o foy da Cidade do Porto, e paſſou a Caſtella por Capellaõ mór da Princeza Dona Maria. Depois de feito o recebimento por palavras de preſente, ſe aſſentáraõ, e ſe começou hum ſaráo, em que dançáraõ todos os grandes, e a Princeza com huma Dama, ambas ricamête veſtidas, e toda aquella ſomana houve muitas feſtas, em que juſtou o Principe, e ſe dilatariaõ muito mais ſenaõ fora obrigado a acudir a Madrid, chamado de negocios graviffimos. E logo a Noyva dalli por diante ſe chamou Princeza de Portugal, e começou logo a ſer tratada com muito mayor reſpeyto , e veneração de todos os Cortezãos de Caſtella, e de continuo era mandada viſitar pelo Principe de Portugal, ſeu Eſpoſo.

Tanto que ella aſſim foy recebida partio para Portugal por Embayxador hum fidalgo chamado Lopo Furtado de Mendoça, o qual trazia Commiſſão, e inteiros poderes para receber o Principe D. João em nome da dita Princeza Dona Joanna , e na Villa de Almeirim, onde entaõ a Corte aſſiſtia, deu ſua Embayxada a ElRey, ſendo recebido , e acompanhado de todos os Senhores Portuguezes até o Paço,

e viſtas ſuas Proviſoens , e poderes, que trazia, foy mandado apozentar por ſua Alteza muito nobremente. Logo que eſtas novas foraõ denunciadas pelo Reyno, como a Nação Portugueza he taõ fiel, e verdadeira, amante dos ſeus Principes, começaram todos a apparelharſe para que no dia do Regio recebimento moſtraſſem exteriormente o goſto, que tinhaõ do prazer do ſeu Rey, e Senhor , e da paz, que por via do tal cazamento ſe firmava entre eſtes Reynos, e os de Caſtella, e aſſim depois de paſſados alguns dias, ſendo preſentes os Infantes , Duques, Condes, e mais Senhores de ſua Corte, todos veſtidos de requiſſimas gallas, foy o Embayxador conduzido da ſua pouzada ao Paço pelos Infantes Cardeal D. Henrique, e D. Luis, irmãos delRey D. João, e filhos delRey D. Manoel , acompanhando-os toda a Nobreza da Corte.

ElRey o ſahio a receber à ſalla, e feytos os cumprimentos, e ceremonias deſtas viſtas, e funções, alli pelo dito Cardeal Infante Arcebiſpo de Evora, foy recebido por palavras de preſente o Principe D. João, filho legitimo, e herdeyro, nos Reynos de Portugal delRey D. João III. e de ſua mulher a Rainha Dona Catharina, com o Embayxador de Caſtella, em nome, e com Procuração da Princeza Dona Joanna, ſua prima, filha legitima do Emperador Carlos V. e de ſua mulher a Emperatriz Dona Iſabel, tia do meſmo Princi-

Principe, como irmãa delRey, seu pay; no qual dia se fizeraõ na mesma Villa de Almeirim, onde estavaõ, muitas festas, jogos, e regozijos, como a qualidade da função requeria, e pertencia à grandeza de tais Principes; e neste dia comeo o Embayxador à meza com ElRey, e com o Principe, e Infantes Cardenal D. Henrique, e D. Luis, todos a hum meza, e houve sarão, no qual dançou ElRey, e a Rainha, Principe, e Infantes, com muita grandeza, perfeição, e alegria, e continuáraõ as festas em Almeirim por espaço de quinze dias. E por todo o Reyno se solennizou este cazamento do Principe cõ grande aplauzo, e principalmente a famosa Cidade de Lisboa, que em tudo se avanta a todas, onde houve oyto dias festivaes, nos quaes por ordem da Camera, que he muito generosa, cada dia sahiaõ com envenções novas.

Depois disto teve ElRey Concelho acerca da eleyção dos Conductores da Princeza, e foraõ eleytos D. João de Lancastre, primeiro Duque de Aveyro filho do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Mestre de Santiago, que foy filho bastardo delRey D. João II. e D. Fr. João Soares, Bispo de Coimbra, e Conde de Arganil, os quaes logo se começáraõ a preparar para o caminho. No mez de Março do anno seguinte de mil quinhentos cincoenta e dous, voltou ElRey com sua Corte para Lisboa, e se foy apozen-

tar nos Paços de Enxabregas, e mandou fazer apozentos para o Principe, e Princeza, em que se pudessem muito bem agazalhar; e para isso se tomáraõ as cazas, que foraõ de Fernão d'Alvres, das quaes até os Paços se fez em muy breve tempo hum bom corredor, e hum nobre apozento. E por isto, e porque se dilatou tanto a ultima resolução, que se esperava do Emperador para assento da caza da Princeza, que se passou a Primavera, e não querendo ElRey D. João arriscar a sua laude, caminhando nos calores do Estio, se dilatou a vinda da Princeza até o Outono seguinte, e assim se suspendéraõ tambem os aviamẽtos dos ditos seus Conductores até novo aviso, que lhe foy dado no principio do mez de Outubro, para que logo se puzessem promptos.

Em todo este tempo assistio Lourenço Pires com a Princeza em Touro; e porq̃ era Ministro muito fiel, e desentereçado, podendo fazer prevenção de mercês para o diante, só significou a ElRey, e pediu à Princeza que fosse recebido em seu serviço D. Christovão de Moura, seu sobrinho, filho de sua irmãa, que entãõ era mancebo de poucos annos: o qual indo depois com ella para Castella, passou: por industria da mesma Princeza, para o serviço de seu irmão Felippe II. ao qual servio taõ bem, que por seus merecimentos, subindo como por degrãos, chegou a ser Marquez de Castello Rodrigo. Tanto que o Duque

Duque esteve aparelhado se foy apresentar a ElRey com todos os seus Escudeiros, e criados, ricamente vestidos, e adornados, e vinhaõ com elle duzentos Cavalleiros de esporas douradas, além dos Pagens, e alabardeiros, ou soldados da guarda de sua pessoa, muitas azemalas com bagagens, e levava por deviza nos reposteiros huma Serpente pintada com a cauda voltada sobre a orelha, e a letra, q̃ dizia: *Ut non audiam*, que quer dizer: *Para não ouvir*. Não menos adornado veyo o Reverendo Bispo D. João Soares, com grãde numero de Cavalleiros, nobremente ataviados, conforme o seu estado; e a sua diviza, q̃ trazia nos reposteiros eraõ suas Armas, e a letra que, dizia: *Soli Deo honor, Et gloria*, e quer dizer: *A honra, e gloria se dé somente a Deos*. E isto com muitas trombetas, e charamelas, e outros instrumentos, e Cãtores para o effeito de tão regia função, como convinha.

Neste tempo que o Duque, e o Bispo estavaõ promptos para partir em Lisboa tinha ElRey novas da Princeza quando determinava partir, e com esta certeza partiraõ para Elvas estes dous Senhores, o Duque a 5. e o Bispo a 7. de Novembro, cõ toda a sua gente a esperar a Princeza para a receberem na Raya dos dous Reynos, como estava assentado. Acompanhãrãõ ao Duque seus irmãos D. Affonso, e D. Luis de Lancastre, e outros muitos Cavalleiros, que quizerãõ fazer este ob-

sequio a ElRey, para virem acompanhando a Princeza, sua sobrinha, e nora; aos quaes o Duque deu sempre meza franca por todo o caminho, e na Raya grandes banquetes a todos em geral antes, e depois da entrega da Princeza, com tanta abundancia, e variedade de guizados, que bem mostrou a generozidade, e grandeza de seu animo, e estado.

CAPITULO II.

De como a Princeza Dona Joanna partio para Portugal, e foy entregue na Raya, e do q̃ se passou com isto.

Resoluta a vinda da Princeza Dona Joanna, e determinado o tempo mais cõveniente para ella, partio da Cidade Touro a 23. dias do mez de Outubro do mesmo anno de mil. quinhentos sincoenta e dous, acompanhada de Lourenço Pires de Tavora, Embayxador de Portugal, que por ordem delRey estava ainda assistindo com ella em sua companhia, e serviço, e por D. Diogo Lopes Pacheco, Duque de Escalona, e o dito D. Pedro da Costa, Bispo de Osma, os quaes ambos foraõ nomeados pelo Principe de Castella para acõpanharem a Princeza, e a entregarem na Raya de Portugal, como he costume: vinhaõ mais em sua companhia Luis Sarmento, que fazia officio de seu Mestre

Mestre Salla, e havia de ficar fazendo o de Embayxador do Emperador, e Luis Vanegas, Apozentador mór de Castella, pessoa de que se fazia muita confiança, a quem foy encarregado o apresto, e aviamento de tudo o que era necessario para esta jornada, e Galpar de Teve, Thesoureiro da Princeza, o qual com Luis Sarmento a tomavaõ nas taboas para se pôr a cavallo em quanto caminhou por Castella, e outros muitos Fidalgos, e Cavalheiros daquelle Reyno.

O De Touro foy a Princeza a Tordezilhas despedirse da Rainha Dona Joanna sua avó, mãy do Emperador, e posta a caminho por Salamanca, Placencia, e Alcantara, chegou a Badajós, onde se levantáraõ tamanhas duvidas sobre a forma da sua entrega, que se puzeraõ em termos de haver nella disgos-tos, e dilação; o que já no caminho tinha principiado, querendo o Duque de Escalona preceder a Lourenço Pires nos actos publicos, e nas entradas, e sahidas dos Lugares, parecendo competirlhe (posto que não trazia titulo de Embayxador) pela grandeza de sua pessoa, e por lhe vir entregue a Princeza, o que elle lhe não quiz consentir, posto que o Duque se chegou a valer da Princeza para cumprir o seu intento, precedendo sempre o Tavora, pela authoridade de Embayxador de Portugal: do que o Duque vinha muy resentido, e agora se acrescentou muito mais por cauza

do que se segue.

Na Instrucção, que o Duque de Aveiro levava sobre a ordem de como se havia de fazer a entrega, lhe ordenava ElRey, que elle, e o Bispo beijassem a mão à Princeza a cavallo, segundo o costume deste Reyno, e que a cavallo a recebessem da mão do Duque de Escalona, o qual trazia por Instrucção do Principe D. Felipe, que se guardaria no acto desta entrega o mesmo, que se uzou no da Princeza Dona Maria, sua mulher, e entendendo-se entre os Castelhanos, que nelle lhe beijáraõ a mão a pé os Duques de Bragança, e Medina Sidonia, e que a pé a entregou o de Bragança, e a recebeo o de Medina; insistio tanto o Duque de Escalona em não exceder couza alguma disto, e penhorou-se tanto em palavras, que poz em contingencia de senão concluir o negocio, sem se dar primeiro conta delle ao Principe de Castella, que neste tempo estava em Monção fazendo Cortes à Coroa de Aragoão. E porque o que nisto se passou he differente do que se lê em algumas historias, e para memoria ponho aqui por extenso este caso.

Escreveo ElRey D. João a Lourenço Pires, que instruisse a Princeza do que havia de uzar naquella occasião, para que, como menina, e ignorante do costume, não errasse as ceremonias, e lhe dizia o seguinte. *O Duque tanto, que chegar à vista da Princeza se decerá em es-*

paço conveniente, para que a pé lhe possa hir beijar a mão, e a Princeza depois de elle decido, lhe mandará dizer por hum seu Pagem, que abi estará a pé, que se ponha a cavallo, e o dito Duque lhe hirà assim a cavallo beijar a mão, e depois de o fazer se apartará da Princeza hum pouco a hum a ilhargá, ficando porém mais adiante della que na ilhargá, e a Princeza lhe mandará cubrir a cabeça, e no dito lugar estará até o tempo, em que o Duque de Escalona houver de fazer o auto da entrega; e ao tempo do Duque de Aveiro dizer, que pelo poder, que tem meu, e do Principe para receber a Princeza, tomará os ditos poderes da mão de hum seu Secretario, e os mostrará, e depois os tornará ao dito seu Secretario para elle os dar ao Notario, o qual Notario os ha de ler em publico, como requerer, pela lembrança que traz do modo, que se ha de ter na dita entrega; e acabando o Duque de Aveiro de falar, e dando os poderes para se verem, o mandará a Princeza cubrir, e feita a dita entrega, ao tempo de o Duque de Escalona haver de dar a redea ao Duque de Aveiro, vos arredareis vós do lugar da ilhargá da Princeza, para o dito Duque ficar depois da redea tomada, no dito lugar, e despedido o Duque de Escalona da Princeza, vos passareis vós ao lugar, em que estava o dito Duque de Escalona, e feito isto abalará a Princeza, e começará a caminhar. Ao Bispo de Coimbra mandará a Princeza cubrir primeiro, que aos ir-

mãos do Duque de Aveiro, por quanto o Bispo, por razão de sua Dignidade os precede, e terá com elle a Princeza todo o bom modo delhe fazer honra, e favor, e quando o mandar assentar mandarlhe ha dar almofada por hũ Reposteiro de Camas. Este mesmo modo deve também ter, e guardar como os ditos irmãos do Duque de Aveiro, &c.

Dando Lourenço Pires disto parte à Princeza, ella se rescentio disso, por ver a diversidade, que disto hia, à ordem, que seu irmão tinha dado ao Duque, e escrito a ella, e parecialhe que a querieão tratar com menos authoridade, da que se uzou na entrega da dita Princeza, sua cunhada, e com tudo movida de muitas razões, que Lourenço Pires lhe deu, se vinha já conformando com a ordem del Rey, seu logro; mas o Duque as contrariou, não querendo de nenhuma sorte apartarle da sua oppinião, por mais que nisso se trabalhou. Do que avizando Lourenço Pires a El Rey, elle lhe respondeo muy largamente, e entre muitas razões ao intento poz esta concluencia: Quanto ao beijar da mão do Duque de Aveiro a cavallo, nisto pôde haver differença, mas não parece razão, nem a Princeza deve querer q se mude tão antigo costume, e de tão tempo guardado em autos passados, dos quaes hum foy o da Rainha, minha sobre todas muito amada, e prezada mulher, e outro o da Rainha de Frãça, exemplos, que antes se deviaõ querer, que

os de Princezas ; quanto mais , que quando a Princeza , que Deos temhia para Castella , rezão era que guardasse os costumes della ; e quando a Princeza vem para Portugal , rezão parece , que guarde os costumes de cá : mayormente , quem deve pretender o amor dos naturaes : o qual ainda que seja tão devido aos Principes , tambem o he a elles , conseruallos em seus fóros , e bons costumes , e mantellos em suas posses , &c.

Porém vendo o Duque de Aveiro , que o de Escalona senão queria apartar da sua Instrucção , nem fazer alteração alguma sem avizar ao seu Principe ; e ter d'elle primeiro ordem para isso , do que de nunhũa forte o poderaõ dobrar , receando mayores duvidas , e prejudiciaes demoras da entrega , attendendo mais ao gosto del Rey , e Principe , e à conveniencia deste Reyno , de que elle era , e tinha tão grande parte ; quiz antes quebrar por si , e mandou dizer a Lourenço Pires , que posto q̃ El Rey ordenava o contrario , elle queria sahir de sua Instrucção , para q̃ a entrada da Princeza em Portugal senão dilataste mais , e lhe beijaria a mão a pé. Deu elle logo parte disto ao de Escalona , e como prudente , e sagaz , para melhor negociar , fingio outros termos , dizendo , que Martim Correa (por quem estas materias se communicavaõ entre o Duque , e Lourenço Pires) era chegado com avizo do Duque de Aveiro , em que lhe dizia , que sua determinação fora sempre de

beijar a mão à Princeza a pé , ainda que ella o mandasse pôr a cavallo , o que elle tinha guardado em segredo para o manifestar naquella hora , e o descubria , antes por evitar as duvidas , que sobre isso havia. Com estas , e outras muitas razões se foy o Duque convencendo , com muito trabalho de Lourenço Pires de Tavora , sendo ajudado de Luis Vanegas , homem de mais proposito , e talento , que o dito Duque , que summamente era desconfiado.

Finalmente depois de muitos debates , e contendas , vencidas por Lourenço Pires todas as difficuldades , se fez a entrega da Princeza na Raya , ou Estremo dos Reynos de Portugal , e Castella , em quinta feira 25. de Novembro : o Duque de Aveiro se poz desta banda de Portugal com muito bom concerto , e ao tempo de abalar , foy com muito boa ordem , e se apeou com gravidade , e tanto que Lourenço Pires o vio apear se apeou tambem , e se foy a elle , e o acompanhou até chegar à Princeza , e com elle se tornou depois a pôr a cavallo ; fez isto fóra da Instrucção , que tinha del Rey , ditado só da sua grande prudencia , sem a communicar com o dito Duque , nem com outra alguma pessoa , por lhe parecer , vistas as couzas passadas , que convinha a autoridade do Reyno , e à do Duque , fazello elle assim. Tanto que a Princeza vio apear o Duque , lhe mandou a toda pressa dizer , por hũ seu Pagem , que para isso estava apé ,

que se tornasse a pôr a cavallo, e assim veyo tambem Luis Vanegas muito depressa, que tambem estava a pé, bradando alto, que Sua Alteza lhe rogava se tornasse a pôr a cavallo, e dizendo que chegassem o cavallo ao Duque; mas elle assim a pé, continuou o passo até beijar a mão à Princeza, e feyto isto tornou o dito Luis Vanegas a bradar que chegasse o cavallo ao Duque, e pela sua grande authoridade o acompanhou até se pôr a cavallo, e proseguio o auto da entrega, e entregue a Princeza, ao Duque de Aveiro, o de Escalona se apeou, e beijou a mão da Princeza, e se despedio della a pé sem se querer pôr a cavallo, como ella lhe ordenava, nisto mais que em outra algũa acção sua discreto. Depois, tendo já a Princeza dado alguns passos adiante com o Duque de Aveiro, chegou o Bispo de Coimbra com os seus Clerigos, e lhe beijarão a mão a cavallo, o que vendo o Duque de Escalona, se começou a queixar; ao que acudio a prudencia de Lourenço Pires, e o accomodou; acabando-se o auto com muita paz, e soccego.

Feita a entrega voltarão os Castelhanos para Badajoz, e a Princeza com os seus novos vassallos partio para a Cidade de Elvas, e dahi veyo a Estremoz, Evora, e Monte mór o novo, onde o Principe obrigado do seu amor, a estava esperando secretamente, e não tão occulto, que não levasse consigo cincoenta de cavallo, e o Duque de Bragança

o acompanhava, e o trazia a seu cargo: e alli naquella Villa foy visto, e conhecido da Princeza, e de sua companhia. De Monte mór veyo a Landeira, e Palmella; fazendo as jornadas muito curtas, para que senão molestasse, e detendo-se alguns dias nestes Lugares, sendo em todos elles muito festejada. Em todos os quaes (por permissão del Rey) mandou soltar os presos, que o estavam por crimes leves, ou que não tinham partes. De Palmella desceu ao Barreyro, onde chegou na tarde de Sabbado 3. de Dezembro, e foy apozentada em humas cazas junto do rio Tejo, que communmente se chama mar, pela mistura, e semelhança, que com elle já tem nesta grande, e famosa enxada, e ancoração da Cidade de Lisboa, as quaes cazas estavam para isso muito bem aparelhadas, e ornadas de ricas armações, e tudo o mais, como convinha para tal hospedagem, e com sua ponte, e escada para o mar toda ricamente pintada. E tanto que a Princeza alli chegou, logo foy mandada visitar, assim da parte del Rey, e Rainha, como do Principe, e Infantes, e alli se deteve até a segunda feira pela manhã, que El Rey a foy bulcar; e logo a Cidade começou a dar mostras da sua grande alegria com luminarias, e fogos artificiaes.

CAPITULO III.

*Do grande apparato com que a
Princeza Dona Joanna foy
condusida a Lisboa.*

1552. **N**A segunda feira seguinte 5.
de Dezembro do dito anno
de mil quinhentos sincoenta e dous
partio ElRey D. João ás nove ho-
ras da manhã para o Barreiro, on-
de a Princeza Dona Joanna, sua
nora, estava, e foy em hum fermo-
so, de rico Bergantim, que por sua
grandeza, huns lhe chamavaõ Ga-
liaõ, e outros Caravella, que para
isto estava muy bem preparado, cõ
muitas bandeiras de seda, e todo
toldado de bocado, e os bordos, e
costados tudo cuberto do mesmo
bocado, até o lume da agua, e as
bandeiras eraõ brancas, e verdes,
guarnecidas, e bordadas de fio de
ouro, com muitos, matizes, e lavo-
res, e com as Armas Reaes do Rey-
no, e hiaõ com ElRey o Infante D.
Luis, seu irmão, e o Duque de Bra-
gança, e outros muitos Senhores, e
Fidalgos, muito ricamẽte vestidos,
com colares de ouro, e joyas de pe-
draria, e outras peſſas de muito va-
lor, e todos muito vistosos, e ata-
viados. Este Bergantim Real, co-
mo era taõ grande, e hia todo cu-
berto de bocado, não levava vèlas,
nem remeyros, nem õs podia ter,
mas era levado à toa por outras bar-
cas, que hiaõ diante, cõ os patrões,

e remeiros vestidos de libré verme-
lha, e todos muito lustrosos. E fo-
raõ mais quatro Bergantins peque-
nos, ou bateis, dous delles com tol-
dos de veludo carmezim, e o ter-
ceiro de amarello, e o quarto de
verde com barras de bocado, e as
grades douradas, os quaes mandou
ElRey fazer para lá no Barreiro
delembarcar, e embarcar, porq̃ o
em que hia, por sua muita grandeza
não podia chegar à terra, e nelles
voltou ElRey com a Princeza, e
os mais Senhores da sua compa-
nhia, e Damas da Princeza, a em-
barcar todos no Bergantim Real.

E assim mesmo se tinhaõ manda-
do fazer, e estavaõ preparados, ou-
tros muitos bateis, ou Bergantins,
por todos os Tribunaes, naçoens
Estrangeiras, e officios da Cidade,
para acompanhar a ElRey, e
obsequiarem a Princeza, e eraõ to-
dos formados com muitas galanta-
rias, e invenções sobre monstros
terrestres, e marinhos, como cada
hum melhor podia, e procurando
todos avantajarse huns aos outros,
fingindo, Montes, Serras, Grifos,
Salvagens, Cavallos marinhos, Ser-
pentes, Leoens, Tigres, e outros
animaes, e figuras muito galantes,
que por ser couza divertida parti-
cularizarey para eterna memoria
de funcão taõ plauzivel. Estavaõ
todos os Ministros, Tribunaes, Juizes
dos officios, e todas as mais
peſſoas, que haviaõ de hir nos ba-
teis, esperando que ElRey sahisse
do Paço, e tanto que se embarcou

aballaraõ todos, cubrindo o mar com taõ luzida frota, toda toldada de vèlas, e bandeiras, com muitos instrumentos, e suavissimas musicas, cousa por certo muito vistosa, e alegre.

O batel da Camera da Cidade, foy sempre, e veyo ao lado direito do Bergantim Real; hia toldado de seda branca, e preta, com a não e Corvos de São Vicente Martyr, pintados, que são as suas Armas, e os remeiros com libré da dita cor, e nelle hia o Presidente, Vereadores, e mais Officiaes do Senado, e adiante hia o Meirinho da Cidade, em outro batel, com os seus homẽs, fazendo afastar as outras embarcações, e assim levavaõ mais outro batel atraz embandeirado de bandeiras de seda ricas, com as mesmas Armas, e nelle hiaõ muitos instrumentos de timbales, trombetas, e charamellas. Da parte esquerda do Bergantim Real, hia hum batel da Caza da India, com o Feitor, e Officiaes della, toldado de seda branca, e amarella, e os remeiros vestidos do mesmo theor, e na proa levava huma donzella, vestida de seda, com huma Coroa de prata na cabeça, e na mão huma Esfera, posta sobre huma grande bola, figura do mundo, e com bandeiras de seda da mesma cor, e levava por Armas hum G. grande, de letra gotica, e dentro nelle hum I. e hum C. que queria dizer: *Comercio das partes de Guiné, e Indias*. Hia outro batel do Almazem, com toldo de

seda branca, e azul, e remeiros da mesma libré, e em cada quina, ou remate do dito toldo, estava posto hum homem, armado de armas brancas, tendo em huma mão Escudos grandes, e na outra bandeiras, e levava na proa outro homem, armado das mesmas armas, com penachos na cabeça, e na mão direita huma Esfera. E hiaõ neste batel alguns berços, que se dispáraõ algumas vezes.

Hia outro batel da Alfandega, com toldo de seda amarella, e remeiros da mesma libré, muito bem embandeirado. Hia outro batel dos Contos com seu toldo de seda azul, e branca, com remeiros da mesma libré, e com bandeiras de seda muito vistosas. Lucas Giraldo, e sua caza levou outro batel cõ toldo de seda, e os remeiros de libré amarella, e branca, com suas bandeiras do mesmo theor. Diogo Martins, e sua caza levou outro batel cõ toldo de seda amarella, branca, e azul, com remeiros do mesmo theor. Bento Rodrigues, e sua caza levava outro batel, com toldo de seda azul, e branca, e os remeiros vestidos da mesma libré. Diogo de Craſto, e sua caza levava outro batel, da mesma maneira. Marco Antonio, e os refinadores dos Açucares, levavaõ outro batel, com toldo de seda da mesma cor, e remeiros com libré da mesma seda, e na volta lançaraõ muitos foguetes. Micer Bernardo, levou outro batel da mesma maneira. Os

Bulga-

Bulgalezes levavaõ outro batel cõ toldo de seda, e remeiros de librè muito bem confertados, e à vinda lançavaõ muitos foguetes. Os Mercadores de sobrado, levavaõ outro batel, com toldo de borcado, e remeiros de muito rica librè, e com vèlas de seda. Os Mercadores de logeas sahirão com hum batel muito bem confertado, feito em figura de huma Serpente, com remeiros, vèlas, e bandeiras bem confertados; na proa levava a Imagem de S. Christovão muito agigantado com os pés na agua, e hum pinheiro nas mãos, dando mostras de que passava o mar, e na poupa hum arco Iris, com os sette Planetas, ricamente vestidos de tella douro, e prata, e assim mais duas ferras. Os Caixeiros, levavaõ hum batel muito rico, com seu toldo de seda, e remeiros de librè da mesma, e diante levava o Deos Mercurio, com huma bandeira na mão. Os Corretores de cavallos levavaõ outro batel, confertado muito bem, e dentro nelle, hia huma serra com dous Leões deitados lambendo as mãos, e duas Ninfas, com hum galante, que as defendia dos ditos Leões. Os Tabaliães das Notas, hiaõ com hum batel, e seu toldo de seda muito bem confertado, e embandeirado. Os Tabaliães do Civil, e Crime, levavaõ outro batel, com toldo de seda branca, com suas bandeiras, e à volta lançavaõ foguetes.

Os Mercadores de Madeira,

hiaõ em outro batel, feito em fôrma de serra, cuberta de ribeiras de agua, e na proa levava Santiago a cavallo, e na poupa huma Torre, na qual hiaõ leis Mouros, e leis remeiros Christãos, que os ditos Mouros tinhaõ cativos, e Santiago lhos tirou do poder, e cattivou os ditos Mouros, e os Christãos os levavaõ prezos com as mãos atadas, e cadeas de ferro ao pescoço, e à volta lançavaõ muitos foguetes da dita Torre. Os Ourives da prata, levavaõ outro batel, muito bem confertado, e armado, em fôrma de hum arco triunfante, com rodas, que se moviaõ pela agua, e na proa hiaõ dous golfinhos grandes, ferozes, com filgas de prata na mão, e em cima delles hum homem negro, bem vestido à Mourisca, tangendo huma trombeta, e representava o Tritão, Deos marinho. Os Contratadores do trigo, hiaõ com outro batel com seu toldo azul, e vermelho, e remeiros da dita librè. Os do officio da Bandeira de S. Miguel, levavaõ hum batel muito bem confertado com seu toldo de seda, e remeiros de librè rica, e na proa hiaõ dous Gigantes ferozes, cada hum com sua massa na mão, e na poupa hia uma Giganta grande musica.

Os da Bandeira de S. Jorge, levavaõ hum batel muy bem confertado, formado a modo de serra bem feita, e hia na poupa huma Torre, com duas janellas, em que estava hum Rey, que se mudava de huma para a outra, e falava com

os Pastores, que estavaõ deitados na mesma serra, e na outra velava huma sua filha, a qual defendeo S. Jorge, e na proa hia a Imagem do dito Santo a cavallo armado, e diante d'elle, hia huma Serpe muito feroz, a qual estava com as garras levantadas contra o Santo, que lhe tinha a lança metida pela boca, e lançava a mão à espada, para pelear com ella, e a filha do dito Rey estava detraz do dito Santo, muito bem adornada. Os Fabricantes, e cortadores de carne, e pedreiros, levavaõ seus bateis muito bem confortados.

Os Cerieiros, hião com outro batel muy galante, em que formãrão hum jardim de cera, e na proa levava huma arvore carregada de maçans, e o vão do batel todo cuberto de huma parreira com uvas ferraes, e ao redor muitos alegretes com cravos, e outras flores, e na poupa huma horta, com muitas arvores, com frutas verdes, e maduras, tudo de cera, e tudo couza bem vistosa. Os Corrieiros, e Adargueiros, levavaõ outro batel muito bem confortado, e embandeirado. Os Framengos fizerão outro batel com toldo de seda amarela, e com suas bandeiras da mesma, e remeiros da dita libré, e o dito batel feito em fórma de Elefante, e na proa levava hum Leão ferós, cõ hum estandarte na mão, e no meyo levava duas colmeas, cõ seus rotolos, que dizião: *Non plus ultra*, e junto do toldo hião dous homens

feitos marinhos, sobre os quaes hia posta hũa Aguia Real grande, com as Armas do Emperador, e quando voltou lançava muitos foguetes.

A mayor parte destes bateis, ou Bergantins, levavaõ trombetas, charamellas, e outros instrumentos, e musicas, com muitas galantarias de gosto. E os pescadores de Alfama levavaõ seis Caravellas pintadas, e huma dellas levava duas bandeiras grandes, huma do Espírito Santo, e a outra de Deos Padre, e nella levavaõ huma dança, toda vestida de libré preta, de pano muy fino, com suas cadeas, e colares de ouro, e gorras com medalhas, e pontas de ouro, e talabartes, e adagas douradas. Os Chinceiros, levavaõ suas barcas enramadas, e com bandeiras muito bem confortadas. Os Pescadores de Cataquefarás, levavaõ outras barcas, tambem pintadas, e muito bem confortadas, com suas musicas. Forão, e vierão outras muitas barcas, e bateis com gente muito luzida, que hia ver as festas com muitos Navios, e Caravellas, que andavaõ à vèla pelo mar disparando artilharia à hida, e à volta del Rey, e tambem de terra o salvarão com muitas bombardas.

Chegado El Rey às cazas, onde a Princeza estava, já ella o estava esperando, com huma gravidade, e continencia, que lhe foy muito louvada, e chegando El Rey ao topo da escada, logo ella se lançou a seus pés com muita humildade. El Rey a levan-

a levantou, e abraçou, e lhe não quiz dar a mão a beijar, e se fizeram grandes cumprimentos de cortezias; e muitos Senhores, que acompanhavão a ElRey, lhe forão beijar a mão a ella. Assentou-se ElRey, e a Princeza junto d'elle, em cadeiras forradas de seda parda, guarnecidas de veludo roxo, com muita pedraria, couza de muito preço, e riqueza.

No mesmo dia de tarde, tomou ElRey a Princeza pela mão, e descendo pela escada se meterão no batel menor, para embarcarem no rico Bergantim, que estava mais de largo, e o mesmo fez o Infante, Duques, e mais Senhores, e Damas da Princeza nos outros tres bateis, para se recolherem todos no dito Bergantim, que era muito grande; logo as musicas, e divertimentos das outras embarcaçoens começarão por todo o mar, e os navios a dar salvas, e assim vierão atè o Paço, com tanta alegria, e festas, quaes nunca se virão taes, no rio de Lisboa. A gente, que concorreo às prayas a ver, além da que andava pelo mar embarcada, era tanta, que se affirma passar de cem mil pessoas.

Chegando ao Caes, que estava feito diante, e pegado nas varandas dos Paços da Ribeira, estando tudo muy bem armado de panos ricos, tomou sua Alteza a Princeza pela mão, e a levou até fóra, e à entrada das varandas estava o Principe esperando, e com elle o Cardeal

Infante, seu tio, e alli se fizeram suas cortezias de parte a parte, como era devido, e a tal occasião pedia, e começarão os Principes ambos a praticar, e entre outras palavras, perguntou o Principe à Princeza: *Que taes lhe parecerão os Paços de Monte mór?* E esta pergunta fez o Principe, porque se tinhaõ alli visto, e conhecido hum a outro. Ao que a Princeza respondeo: *Que muito bem, e que aquella Villa lhe parecera ser a melhor de todas quantas terras, tinha vislo em Portugal.* A Rainha a abraçou, e o mesmo fizeram as Infantas Dona Maria, irmãa delRey D. João, e Dona Isabel, sua cunhada, e depois de feitos os cumprimentos, e suas cortezias, porque já era tarde para hirem à Sé, e porque a Princeza vinha enjoada, e molestada, feyto silencio, forão alli recebidos na sala grande do Paço por palavras de presente, pelo Cardeal, seu tio. E por ella vir assim molestada não houve larão no Paço aquella noite; mas pela Cidade erão as festas, e jogos muy grandes, com muito fogo, e luminarias. E nesta noite, e na seguinte dormio a Princeza com a Rainha, e o Principe com ElRey, seu pay, porque queria ElRey, que elles fossem à Sé primeiro, que consummassem o Matrimonio, e ahi recebessem as Bençoas, como era costume, para o que se tinha a Cidade desvelado com preparos de muito custo, e estudada hũa douda Oração, em seu louvor, como logo se verá.

CAPITULO IV.

*De como os Principes foraõ á Sé
receber as bençoas, e das grã-
des festas, com que a Ci-
dade de Lisboa applau-
dio o seu caza-
mento.*

1552. **N**A Quarta feira logo seguinte
7. do mez de Dezembro do
mesmo anno de mil quinhentos
fincoenta e dous, dia do grande
Doutor Santo Ambrosio, e vespere
da Conceyção de Nossa Senhora
ordenou Sua Alteza de levar os
Principes à Sé, para o que se juntou
toda a Fidalguia pela menhã no
Paço. Cavalgou ElRey, e o Prin-
cipe lhe deu o Estribo, e ao Princi-
pe o Infante D. Luis, e os Duques
de Bragança, e de Aveiro, eraõ os
das taboas da Princeza, e o seu Es-
tribeiro mór, este levava o cavallo
pela redea, e postos em ordem a sa-
ber o Principe à mão direita, e El-
Rey à mão esquerda, e a Princeza
no meyo, foraõ andando pelo Ter-
reyro do Paço para as portas da Ri-
beira; estando toda a Nobreza pos-
ta em ala formando rua, huns de
huma parte, e outros da outra, co-
mo em Procissão, todos ricamente
vestidos com guarnição de ouro, e
pedras preciosas, e grandes colares,
e pompas, e pagens, e criados; e
não sómente elles, eos seus, mas os
propios cavallo, e mulas, tudo era

ouro, coula muito para ver, e ad-
mirar, e nisto se conhece muito o a-
mor, fé, e lealdade, que a Nação
Portugueza tem aos seus Reys, e
Principes, e Senhores naturaes,
pois pelo exterior applauzo se con-
jectura muy bem o animo inte-
rior. E cada dia deitavão novas ga-
las, e differentes, e cada vez melho-
res à competencia. A companhã-
rão mais a suas Altezas, os Embay-
xadores, que se achavão nesta Cor-
te, o Nuncio de Sua Santidade, e
outros muitos Bispos, e Prelados, e
as Damas, que a Princeza trouxe de
Castella.

Estavão as Portas da Ribeira,
que guiaõ para o Pelourinho ve-
lho, guarnecidas, e ricamente adorna-
das de lavores, e pinturas, por
ordem da Camera da Cidade, e o
arco reformado de madeira pinta-
da com emprezas, e geroglicos,
com muito ouro de huma, e outra
parte, e no meyo estava a Imagem
do Anjo Custodio do Reyno, com
as Armas de Portugal, e à mão di-
reita estava a Imagem de S. Vicente
Martyr, Padroeiro de Lisboa, e
da outra parte, a de Santo Anto-
nio, seu natural, com pinturas de
peyxes, e de outras cousas muito
galantes conforme a obra; e com
targes, e letras em louvor de Suas
Altezas, e no meyo estavaõ as Ar-
mas da Cidade.

Chegando Suas Altezas ao Pe-
lourinho, onde estava a Cidade em
corpo de Camera, e com ella D.
Luis de Castro, Alcaide mór da
Cida-

Cidade, que alli tomou a redea do cavallo da Princeza, e a levou dalli por diante, e o Doutor Simão Carvalho, sobindo-se em hum theatro, que para isso estava feito, e bem armado, orou em nome da Cidade, fazendo huma doura Pratica a Suas Altezas, em seu louvor, dando a ElRey as graças da merce, que lhe fazia de nella receber seus filhos: no fim da qual, logo os Vereadores, Escrivão da Camera, Procuradores, Juizes, Procuradores dos Misteres, e outros Officiaes da Camera, e Cidadões, beijáraõ todos a mão a ElRey, e aos Principes, a cada hum per si, como he costume, conforme o seu Regimento. Depois disto os quatro Vereadores, que entãõ serviaõ, a saber: Francisco Correa, D. Duarte da Costa, Manoel Corte Real, Christovão Mendes de Carvalho, e tres Vereadores passados, a saber: D. Garcia Déça, Loppo de Britto, João Brandaõ, com Francisco Dias, Chanceller da Cidade. Todos oito tamarãõ hum muito rico Palio de bordado forrado de setim cramezim, com as varas douradas, pegando cada hum delles em huma dellas, e Suas Altezas, se metéraõ debaixo delle, da mesma sorte, que vinhaõ, e proseguiraõ o seu caminho para a Sé, por esta ordem.

Hia diante o Meirinho da Cidade, com outros officiaes de justiça, afastando a gente, que era infinita; seguiaõse os instrumentos, trombetas, e charamelas delRey, logo a

Fidalguia, os Duques, os Prelados, e os Infantes, e o Estoque delRey. Depois todos os Cidadões em alas de huma, e outra parte, a saber: os dous Procuradores, hiaõ junto do Palio, cada hum de sua parte, e da direita hia Christovão de Magalhães, Escrivão da Camera, e os Juizes do Cível, e diante delles os dos Orfaõs, e os das Propriedades, e da outra parte esquerda, hiaõ os Juizes do Crime, e diante delles os Officiaes, com todos os da Cidade, e Juiz do Terreiro, e Thesoureiro, e dahi para cima os outros Cidadões, todos com suas varas, repar-tidos tantos de huma parte, como da outra, em muito boa ordem, todos a pè com seus tabardos, e capuzes frizados, com grandes collares, e ricas cadeas, e pontas de ouro, todos descubertos, e alguns com grandes calvas, cousa muito para ver, de que ElRey recebia muito gosto, porque o elevavãõ, e inter-neciaõ muito estes extremos, e apparatus dos seus vassallos: e atraz de tudo hiaõ outros Officiaes de Justiça menores, para accomodarem as discenções, que houvesse.

Desta maneira chegáraõ à Sé, passando pela porta do ferro, que estava bem consertada, e muito melhor o Portico da Sé, em cujo adorno, q foy de muito custo, despenderãõ os Conegos mais de trezentos cruzados, quantidade grande para aquelle tempo; alli se viaõ as Armas do Reyno, e as das tres Ordões Militares, de que ElRey novamente era

Administrador, por concessão do Papa, a quem o tinha pedido, e disse lhe mandou suas Bullas, e assim havia outras cousas muito vistosas no dito Portal, tudo de algodão com lindo artificio. Chegando às escadas se apearam Suas Altezas, e os Duques desceram a Princeza, e as Damas não se apiaram, e esperaram cá fora com muitos Senhores, que as acompanhavam; porque era tanta a gente dentro, e fora, que se não podia revolver, nem passar.

A porta da dita Igreja os estavam esperando o Arcebispo D. Fernando de Valconcellos de Menezes, com os seus Conegos, e mais Clero della, e os levaram à Capella Mór cantando o *Te Deū laudamus*, e o de *Benedictus*, &c. e ouvindo Missa, que acharam já principiada; e no fim della, receberam os Principes as bençoas, que lhe deu o dito Arcebispo, havendo para tudo dispensação de Sua Santidade, que tinha dispensado no parentesco, concedendolhe também o Nuncio muitas Graças, e Indulgencias. Isto acabado voltaram a cavalgar, e vieram pelo mesmo caminho da rua da Padaria, Fancaria, e dahi pela rua nova dos ferros, e passaram pelo arco dos pregos, que estava muito bem consertado, e pintado com hum rica face de arco triumphal da parte da rua nova, que a Cidade mandou fazer, e todas as ruas por onde passaram, estavam muito bem armadas de panos de seda, e colchas da India, e outras drogas, e as colu-

nas da rua nova todas cubertas de panos, e alcatifas novas muito ricas, e em muitas partes panos de tella de ouro, e bordado, de maneira, que tudo estava muito perfeitamente adornado; e assim chegaram Suas Altezas ao Paço com muitos vitros, festas, e prazeres, e contentamentos de todos.

Neste dia houve Banquete Real, e comeram com Suas Altezas, os Infantes Cardeal D. Henrique, e D. Luis, todos a hum meza, e à noite não houve sarão porque se ajuntaram os Noivos. No dia antecedente tinham principiado as festas da Cidade por mar, e terra, que duraram por espaço de oito dias continuos. O Officio de S. Jorge fez por vezes hum dança, ou exercicio de piques de homens muito bem ornados com seu pifaro, e tambor, com seu Capitaõ, e Sargentos. O Officio de S. Miguel fingio os Reys da India, e de Guiné, vestidos conforme o uzo da sua terra todos a cavallo, e diante com trombetas, timbales, charamellas, e o Embayxador com tres pagens a cavallo, que levavam presentes de barras de ouro, e prata, e pedras preciosas a Suas Altezas. E os Officios de S. Joseph, fingiram a historia de David, quando matou o Gigante Goliath, com homens, e mulheres, que dançavam, e cantavam, dizendo toda a historia, a som dos instrumentos, que levavam. E os Capateiros fizeram a historia do Deos Cupido, com hum carro triumphante de

de quatro cavallos, que o levavaõ, e nelle hia Hercules Tebano, e Dalmira, e Julio Cezar, e a Rainha do Egypto Cleopatra, e Alexandre Magno, Rey de Macedonia, e sua mulher Tabá, e Eneas Troyano, vencido de Crasto, e Orfeo, com hum violão tangendo, e cantando o Vilancico seguinte: *Veán todos mi tormento, y quien libre está de amor, lo será de mi dolor.* E os Alfayates, fizeraõ doze Sereas com cabeleiras, e grinaldas de ouro, e quatro Cirnes, que bailavão ao som do tanger, e cantar das Sereas, e hum Rey Indio, com seus pagens ricamente vestidos: e a historia de Judith, levando a cabeça do General Olofernes, e mais hum dança de homens, e mulheres, com seus instrumentos, que tangião, e El Rey Salamaõ, com a Rainha Sabá, festejando as Vodas dos nossos Principes, com seus presentes, que levavaõ, e muitos cantores, e tangedores. E os Corrieiros, e Adargeiros, fizeraõ o casamento de Tobias o moço, com Sára, applicado ao Principe, em que entravão elles ambos, e alli o Arcanjo S. Rafael, e o Diabo, que matou o marido, e o sogro, e sogra de Tobias, e outras muitas figuras, que festejavão cantando, e tocando seus instrumentos.

E os Cortidores, fizeraõ a historia de Sanção: a saber, os Filisteos, que peitaraõ a Dalida para que lhe desse o segredo de sua força, a qual o deu à prizaõ, cortandolhe a guada-

delha, e elles lhe tiraraõ os olhos, e nisto feneceo com vitoria dos Filisteos, e todos traziaõ, ou formavaõ hum dança muito prefeita, com seus instrumentos, que tocavaõ. E os Fanqueiros, fizeraõ hum Serpente com sette cabeças, que significavão os sette peccados mortaes, e sahirão sette virtudes a contender com os ditos sette peccados, dizendo a cada hum delles contra quem pelejavão, tudo dançando ao som dos seus instrumentos, e a cada mudança diziaõ seus ditos, sentenças, e trovas. E os Tancoeiros, fizeraõ o juizo de Paris, Troyano: a saber, Mercurio, levando as tres Deosas ao Juizo de Paris, sobre a maçã da discordia, e Paris da maneira, que a julgou a Venus, por ser mais fermosa, e sahirão sette figuras todas vestidas ao modo Romano, como a historia requeria, e traziaõ musica, e instrumentos, que tocavaõ. E os Vinhateiros, fizeram o triunfo do Deos Baccho, com hum dança de dezaleis homens, vestidos de libré rica, e a figura que representavaõ o dito Deos, no meyo lançando vinho, e os dançantes com suas garrafas delle, e seus instrumentos, com que tangião muy perfeitamente. E os Barqueiros fizeraõ hum dança de machados pintados, e elles vestidos de rica libré.

E os Tozadores, e Tintureiros, fizeraõ hum historia de cinco irmãos Gigantes em hũa Fortaleza, e della saltavão aos que passavaõ

pela estrada, e tendo o Rey da terra disso informação, lhe mandou Embayxada desafiando-os à guerra, que sahisssem com elle a campo; o qual Rey levava o pendaõ de Christo, e com sua ajuda venceo os ditos Gigantes, e se convertêrão à Fè, e fizeraõ Christãos, e entregaraõ as chaves da dita Fortaleza ao Rey. Os Cordoeiros de linho, e esparto, fizerão huma dança da historia de Hercules, quando lutou com o filho da terra, meynos vestidos de seda, e o mais de outra libré, com seus instrumentos, que tocavaõ muito bem. Os Odreiros, e Pecheleiros, fizerão huma dança de bordoens dourados, como Romeiros, e levavaõ hum Urso no meyo da dita dança, e huma Dama muy ricamente vestida, com seus instrumentos. Os Almocreves, fizerão huma dança de arcos, e outra de espadas, vestidos de libré muito bem consertados. Os Atafoneiros, fizerão outra dança de machados, de seda muito bem consertados, com seus instrumentos, que tocavaõ. Os Teceloens fizerão huma dança de certos segadores, vestidos de libré com seus instrumentos. Os Esteireiros fizerão a historia dos Patagois, que eraõ cinco de huma parte, e da outra outros cinco caçadores, e huma Donzela, q os Patagois tinhaõ cativa, metida em humas brenhas, e indo por alli os caçadores caçando déraõ com ella, e peleijáraõ com os Patagois, e os vencêrão, e a tiráraõ

de seu poder, e tudo dançando muito bem ao som dos seus instrumentos.

As Medideiras do Terreiro do trigo, fizeraõ huma dança de mulheres, vestidas de seda ricamente, com seus instrumentos. As Padeiras fizeraõ outra dança, com duas Pélas. As Regateiras do peyxe fizeraõ huma Pêla, e danças de Siganas, e as da hortalia, outras de muitas maneiras por vezes. E as Regateiras da fruta, fizeraõ duas Pélas, e danças de Siganas, de toucas, e toalhas. Houve tambem varias folias: huma dos Pescadores de Alfama; outra dos Pescadores de Cataquefaràs, duas da Cidade vestidos de libré branca, e preta, e outras do Termo, a saber, huma folia de Belem, e Oeiras, e outra de Bêfica, e Carnide; outra do Lumiar, e Paço: outra de Friellas, Unhos, e Camarate: outra de Santo Antonio do Tojal: outra de Sacavem, e S. João da Talha. E assim outros festejos, que por abreviar deixo, divididos todos por ordem, cada hums em seu dia, no discurso dos oito, que as festas duráraõ, como acima digo. E naõ só na Corte, mas em todo o Reyno havia muitas festas, com muita alegria, por amor deste casamento do Principe D. João, com taõ excellente Princeza, de quem esperavaõ a segurança da successão do Reyno de Portugal.

CAPITULO V.

*De hum lastimoso, e horriuel
caso, que neste tempo acon-
teceo no Paço, na pre-
sença delRey.*

1552. **A** Cabadas estas festas, com grande contentamêto de Suas Altezas, e dos seus Vassallos, e povos do Reyno. Logo ao Domingo seguinte, onze dias do dito mez de Dezembro do mesmo anno de mil quinhentos sincoenta e dous, ordenando-se outras muitas, e grandes festas, e havendo neste dia banquete Real para todos estes Principes, como nesta vida não ha gosto perfeito, foy este muito aguado. Quiz ElRey ouvir Missa na sala, como muitas vezes fazia, e estando presentes Suas Altezas, Reys, Principes, e Infantes, Duques, e toda a mais Fidalguia da sua Corte, disse a Missa o Padre Juliao Soares, Cappellaõ delRey, e assistio a ella hum maldito homem Ingles com tão dannado coração, que tanto, que o Sacerdote levantou a Hostia consagrada, com temerario atrevimento se chegou a elle, e lha arrebatou das mãos, e quebrou, e entornou o vinho do Calix, que ainda não estava consagrado, e deu algumas punhadas no celebrante. Vendo isto os presentes, lançáraõ-se a elle alguns Senhores, principalmente o Duque de Bragança, que o quize-

ra logo matar, se ElRey não differa, que o não mataassem, para se saber delle quem o commovera a commetter tão grande insulto, e se vinhaõ alguns mais em sua companhia.

Proseguio o Sacerdote a Missa com grandissima perturbação, com as particulas, que se acháraõ, e preparou de novo o Calix, e o Conlagrou; houve grandissimo desgosto, e sobressalto em todos. ElRey triste, e trelpassado com o successo derramou muitas lagrimas de tristeza; comeo este dia só, e com grande pena, sem genero de festa alguma, e assim mesmo toda a Corte. Correo logo a fama do caso, e quando o malaventurado herege dalli foy levado, houvera de ser despedaçado pela gente, segundo estavaõ todos delle escandalizados pelo desacato feito ao Divinissimo Sacramento, e ainda que foy entregue ao Regedor, não o podiaõ livrar do povo, porque lhe não ficou cabello, que lhe não arrepellassem, nem barba, que lhe não arrancassem da cabeça.

ElRey se encerrou de nojo, e tomou dõ, e disse, que: *Prouvera a Deos nosso Senhor, se fizesse antes a elle, ou ao Principe seu filho, aquella injuria, e que aquelle desgosto o acompanharia para sempre em quanto vivesse, pois se fizera a seu Deos, e Senhor, huma tão grande afronta, e desacato na sua presença, sem elle o poder evitar primeiro que se fizesse, e que bem conhecia, que seus peccados*

o me-

omereciaõ. E se recolheo chorando, não querendo q̃ lhe falassem, nem entrasse pessoa algũa onde elle estava, e assim foy, que dalli em diante viveo sempre com esta pena, e lhe abreviou a vida morrendo dalli a cinco annos. E não era menor o desgosto, e sentimento em todo o povo da Cidade, pois todos choravão de pena, que certo nunca se tal vio, por não poderem tolerar, que tão grande afronta fosse feita a Deos nosso Senhor, sem que alguma pessoa o podesse entender, e atalhar antes que succedesse, e certo, que se Sua Alteza ao tal tempo não estivesse na Cidade, pouco fora o que se fez na matança dos Judeos, na mesma Cidade, em tempo del Rey D. Manoel, seu pay, para o que agora fariaõ não sómente nos Judeos, pelo grande aborrecimento, que lhe tem, mas em toda a nação Estrangeira, porque andava a gente tão alvoraçada, e inflamada em zelo do amor Divino offendido, que não podiaõ supportar tal afronta feita a seu Deos, e Senhor, e em seu desaggravo, todos houveraõ de passar à espada, se El Rey o não mandára atalhar.

Choravão os Clerigos, e Religiosos, ouvindo contar tal delacato feito a seu Deos, dizendo: *Que para que era mais vida, senão morrer logo por honra, e amor do mesmo Senhor.* Esta Fé, e puro affecto tem a Nação Portugueza, que nosso Senhor escolheo por seu zelo, e piedade, como mais fiel, lá desde o seu

principio, para seu santo serviço. E como El Rey D. João era Christianissimo atalhou tudo, mandando juntamente a todos os Conventos, que expuzessem o Santissimo Sacramento, e fizessem Preces, e Processões de desaggravo, com muita cera, e devoção, para que nosso Senhor applacasse a sua ira, e não attendesse aos nossos descuidos, e fraquezas, mas como pay de Misericordia nos perdoasse, e trouxesse ao verdadeiro caminho da emenda, e arrependimento de nossas culpas.

E porque o mal aventurado Herrege não estivesse muito tempo sem castigo da sua inorme culpa, e pena, que merecia; logo no mesmo Domingo à tarde, mandou El Rey ao carcere, onde elle estava prezo, o Doutor Eusebio Homem, bom Letrado de boa fama, e reputação, e o Inquisidor, para o inquirirem, e saberem delle quem o movera, ou porque cauza commettera feito tão horrendo, e o convencessem, e obrigassem a reduzirse ao gremio da Igreja, para que Deos lhe perdoasse, e merecesse ser salvo. Assim o executáraõ, exortando-o a que se arrependesse, e confessasse a sua culpa, que nosso Senhor lhe perdoaria. E elle muito duro, e pertinaz em sua tenção, não respondeo mais, senão: *Que nenhuma injuria fizera a nosso Senhor, porque elle estava no Ceo.* Não reparando nas palavras, que Christo disse: *Ego vobiscum sum usque ad consumationem seculi.* E que lá a El Rey fizera

desa-

desacato, por ser em sua presença, de que a elle pedia perdaõ; e na mesma contumacia esteve até a segunda feira. E quando Sua Alteza soube que queria morrer infiel, e arrenegado, deu lugar ao Regedor, que executasse nelle a justiça, que sua crueldade merecia.

Como o delito pedia riguroso castigo, quiz o Regedor examinar se por ventura haveria alguns da sua oppinião, e feita, que concorressem para o caso, e por mais perguntas, que lhe foraõ feitas, nenhuma cousa quis confessar, mais que ser elle só no tal caso; e à Segunda feira doze do dito mez de Dezembro, se ordenou huma fogueira de frente dos Paços, onde Sua Alteza estava, porque visto elle não ter respeito ao Rey do Ceo, nem ao da terra, nem querer aproveitar-se da misericordia, que se lhe offerencia tão caritativamente, quis ElRey velo justicar, ainda que he muito estranhado nos Principes assistir, e ver a execuçaõ das suas justiça, mas aqui pode mais em Sua Alteza o zelo da Fé, e amor a Deos afrontado, e odio à cegueira dos Hereges, como fiel Catholico Romano; e tambem, porque convinha, que já que senão podia executar o castigo aonde cometera o delito, se fizesse ao menos là perto, e à sua vista, para ex-cramento. E neste dia às quatro horas da tarde, o tirou a justiça da cadeia do Limoeiro, e o trouxe arrastando em hum couro de boy, sem Misericordia, visto não ser Ca-

tholico, e o povo, que era infinito, o queria despedaçar a cada passo, e chegando ao Pelourinho da Ribeira, lhe cortaraõ as mãos, e daqui em hum instante foy levado ao lugar da fogueira, onde estavaõ milhares de rapazes com muitas pedras, e alli lhe tornaraõ a fazer novas perguntas, às quaes nunca quis responder, estando muito duro, e emperrado, à vista do que foy logo levantado, e prezo a hum mastro, para melhor ser visto de Suas Altezas, e tornandolhe a requerer com grande efficacia se arrependesse, que ainda Deos haveria misericordia delle, e não seria queimado vivo, não quis aceitar, nem responder, pelo que lhe foy posto o fogo, e lhe comessaraõ à tirar muitas pedradas, e assim apedrejado, e queimado entregou o maldito herege a sua alma, e corpo aos demonios, para ser eternamente atormentado nos infernos.

E logo à Terça feira 13. do dito mez, dia de Santa Luzia, ordenou Sua Alteza, que se fizesse huma solenne Procissão de Preces, e desagravo do Senhor, mandando que todas as Confrarias do Santissimo Sacramento, viessem com suas Cruzes, e cirios juntar-se a S. Domingos, donde a Procissão havia de sair, e às oito horas da manhã partito ElRey para là, com a Rainha, Principes, e Infantes, e toda a Fidalguia, e tanto que chegou mandou formar todas as Irmandades por ordem em alas, com toda a cera

aceza,

aceza, e tanto, que se formãrão todas, revestido o Cardeal Infante tomou huma rica Custodia nas mãos, em que estava o Santissimo Sacramento; derramando muitas lagrimas, e todas as mais pessoas Reays, e Fidalguia, em que bem mostravaõ a grande pena, e sentimento, que os acompanhava pela injuria, e horrendo sacrilegio, que fora feito a Jesu Christo nosso Senhor. Pegãrão nas varas do Palio, o Nuncio de Portugal, e o Arcebispo de Lisboa, e D. Jaymes, irmão do Duque de Aveiro, e ElRey logo de traz, e o Principe, e o Infante D. Luis, Rainha, Princeza, Infantas Dona Maria, e Dona Isabel, e toda a mais Fidalguia em muyto boa ordem.

Toda a gente da Procissão estava parada, cada hum com sua tocha acesa na mão, porque era muita em extremo, sómente o Cardeal, que levava o Santissimo Sacramento, e o Palio, que o cubria, e Suas Altezas andavão, com a principal Nobreza. Esta Procissão sahio de S. Domingos, e andou à roda da Praça do Rocio, recolhendo-se no mesmo Mosteiro, onde exposto o Santissimo Sacramento no Altar se principiou a Missa, que foy rezada; e Prégou o Doutor Antonio Pinheiro, Chronista delRey, que depois foy Bispo de Miranda, e Leiria, e disse cousas maravilhosas, àcerca do Senhor Sacramentado, e de nossa Santa Fé, quam viva estava na geração Portugueza, mas que por

nosso peccados merecíamos ser castigados, e que devíamos muito temer o açoite da Divina Justiça, que por este delacato se descarregaria sobre nós, com o qual Sermaõ se deteve, e gastou tres horas, deixando o povo mais aliviado. Mas ElRey como a sua pena era mais sensivel, sempre se vio ficar triste, e melancolico.

E a Irmandade da Santa Misericordia de Lisboa, ordenou logo outra Procissão muy devota, com perto de cem Disciplinantes, e sahio da sua Igreja de noite para commover mais à devoção, que certo parecia a Procissão de Quinta feira de Endoenças. Nestes dias concedeo o Nuncio muitas graças a todos os Fieis, que confessados, e commungando rogassem a Deos nosso Senhor suspendesse a sua ira, e nos não castigasse por cauza de tão execrando delito, e encomendava a todos o fizessem com muita devoção, e cuidado, aproveitando-se das Indulgencias.

Correo a noticia deste insulto, nunca ouvido, por todo o Reyno, e das Procissões, que nesta Cidade se faziaõ, pelo qual foraõ feitas na Villa de Santarem outras pela mesma fórma. Primeiramente ordenou a Misericordia huma muito devota, tanto que a nova chegou, e fez-se em huma madrugada com muita gente, e muy devotamente, e foraõ a S. Domingos, onde houve Sermaõ, que fez derramar muitas lagrimas aos ouvintes, reprehendendo

dendo o Prégador a pouca cautela, e cuidado, que se teve em evitar aquelle grave defacato a Deos nosso Senhor, discorrendo não ser conveniente dizer Missa em Oratorios, senão em Templos consagrados, e dedicados para o culto Divino.

E dahi a oito dias se ordenou outra Procissão muito mais solenne, com toda a Clerefia, e todo o povo, e concorreraõ todas as Confrarias, com suas Cruzes, e cirios, e levarão o Santissimo Sacramento pela Villa em Custodia muy rica de baixo de hum fermoso Palio, e forão a S. Domingos, onde tambem houve Sermaõ, e muitas Indulgencias concedidas pelo mesmo Nuncio a todos os Fieis, que confessados, e commungando venerassem o Divino Sacramento nesta acção de desaggravo, que se lhe fazia, rogando a Deos pelo aumento do culto Divino. Outras Procissões de desaggravo, se fizeraõ por todo o Reyno de Portugal, com muita piedade, e veneração, pedindo a Deos milericordia, para que os não castigasse por cauza de tão grande maldade, e afronta sua.

CAPITULO VI.

Da morte do Principe D. João, e da causa della.

O Principe D. João como amasse a Princeza sua mulher com huma brandura de coração, e ella lhe conrespondeffe cõ igual amor,
Part. I.

assim pelo muito chegado parentesco, que entre ambos havia, porque eraõ primos direitos, como filhos de irmãos, porque a Emperatriz Dona Isabel, mãy da Princeza, era irmãa del Rey D. João, pay do Principe, como pela afeição marital, a qual na florente idade, e nos tenros corações mais se imprime, veyo a Princeza em breve tempo a dar mostras de ser prenhe, de cujos finais, todo o povo se encheo de gozo, e de alegres esperanças, pelas consolações dos Reys, e esperanças do Reyno proveitosas, que naquelle Matrimonio estavaõ todas postas; mas como os gostos da presente vida não tenhaõ firmes raizes, nem possaõ sustentar os aballos das penalidades herdadas da mãy do peccado, não puderaõ estes contentamentos premanecer muito tempo nos coraçoes dos homens, nem os Principes podem ter nelles algum direito, ou posse, por tanto tres mezes antes do parto da Princeza, sobrevindo ao Principe D. João huma enfermidade lenta, que se veyo a fazer mortal, não permitindo Deos que a virtude dos remedios aproveitasse, nem o mal se mitigasse, com ella acabou a vida mortal, em Terça feira dous de Janeiro de mil quinhentos sincoenta e quatro, dezoito dias antes que a Princeza parisse, nas cazas de Alvaro Peres de Andrade, junto ao arco dos prégos, que tinhaõ porta por dentro para o Paço da Ribeira.

1554.

D

Cha-

Chamavaõ os Medicos a esta infirmitade do Principe : *Payxaõ habetica*, que era sentir continuamente huma sede insaciavel, e diziaõ proceder da demasiada communicacão, e amor, com que se havia com a Princeza, sua mulher; pelo que o primeiro remedio, que lhe applicaraõ, foy mandalo apartar della, mas elle perseguido da sede levantou-se huma menhãa da cama a beber agoa da chuva, que achou empoçada no pé de huma janella, por descuido dos que lhe assistiaõ, que entaõ o deixaraõ só, e sendo muita, e choca, fez-lhe muito mais mal, e logo empeyorou, e morreo no dia seguinte.

Mas como já pela morte do Principe, o amparo do Reyno de Portugal, e a successão delle ficasse posta nas esperanças do parto da Princeza, porque o sobressalto de taõ intempestiva tormenta, com perigo da criança inclusa no ventre, não abalasse as entranhas da viuva pouco ditosa, privada taõ cedo dos gostos desta vida, e dos Estados, e felicidades humanas, que já comessava a possuir, e do marido, que

muito amava, cuidaraõ muito El-Rey, e a Rainha de encubri-lhe a morte do Principe, até que parisse: os quaes com prudencia mais que humana, com mostras de grandeza de animos Reays, dissimulando a propria dor, taõ sensiva, e cruel, a visitavão a miudo, com semblantes alegres, bastantes para encubrir a tristeza penetrante de suas almas, dando com isto avizo ao povo, que afastados donde a Princeza pudesse ouvir, ou sentir algum rumor, ou turbacão, fizessem seus prantos, e sentimẽtos de lagrimas, e tristezas, q̃ a dor immensa de seus corações, de nenhuma maneira podia temperar, por aquella grande perda, e risco em que ficava o Reyno; e não era isto só na Corte, mas em todo Portugal, porque a todos abrangia a perda. Foy o Principe levado a Belem com pouca pompa, por não fazer grande abalo na Corte, e sepultado na Igreja do Real Mosteiro de S. Jeronymo, com os outros seus irmãos, e hoje se vê o seu sepulcro dentro da grande Capella, que fórma o Cruzeiro, da parte da Epistola, onde se lê este Epitafio.

HIC PATITUR LETHI JOANNES VULNERA PRINCEPS,
ET PUER, ET PRINCEPS PRO'H DOLOR EMMANUEL!
JOANNES UNO MULTOS HEREDE RELIQUIT,
UNUS PROMULTIS NAMQUE SEBASTUS ERAT.

CAPITULO VII.

Dos sinais prodigiosos, que precederão à morte do Principe, e nascimento delRey D. Sebastião, e da grande ancia, com que era pedido a Deos.

PRecederão à morte do Principe D. João, e ao nascimento delRey D. Sebastião, seu filho, muitos finais espantosos, e tristes annunciadores da sua morte, e das desgraças, que se seguirão a este Rey, e ao Reyno de Portugal. Quando o dito Principe se recebeu em Almeyrim, por procuração, da Princeza Dona Joanna, sua mulher, desde o primeiro dia, que principiáraõ as festas, que alli houve até o ultimo, que acabáraõ, apparecia em Lisboa no ar, quazi em cima da Sè hum exalação de fogo em fórma, e grandeza de hum cofre meyo aberto, outros lhe chamavão athaûde, ou sepultura, porque com tudo isto se parecia, e foy entã visto com grande espanto; sobre que se fizeraõ grandes juizos, e relaçoens, que se mandáraõ a Almeyrim, aonde estava a Corte, de que muitos interpretáraõ o breve tempo, que aquelles gostos haviaõ de durar, e vir a parar em morte, e sepultura, e com effeito assim succedeo. Aquelle grave sacrilegio, commettido pelo infame Herege, de que se trata acima,

Part. I.

foy logo interpretado por anuncio de desgraças para este Reyno. A noite antes de adoecer o Principe D. João, estando elle na cama dormindo, e a Princeza acordada, com hũa tocha, q̃ alumiaava a caza, vio a mesma Princeza hũa mulher vestida de luto, com mangas de pontas, e touca larga, q̃ pondo-se-lhe diante, deu hum trinco cõ os dedos, e logo hum asopro para o ar, como quem lhe annunciava haviaõ de parar todas as suas esperanças em vento, e desapareceo deixando a Princeza com susto, e grande temor.

Andando ella em vespêras de parir a levavaõ algumas noites a fazer exercicio à varanda da Péla; estando ahi assentada em hum das janellas, que alli havia na dita varanda com algumas Damas, entre as quaes era hum, Dona Leonor Manoel, Marqueza de Navarres, e a Princeza de Asculy, Dona Eufrazia, e outras moças da Camera: estando alli todas viraõ subitamente sair pela varanda delRey direitos ao Forte muitos homens vestidos à Mourisca de varias cores, com tochas acesas nas mãos, dando vozes: *Ly, ly, ly*, e chegando sobre o mar parecia que se lançavaõ nelle. Cuidáraõ no principio, que seria alguma cousa, que se mandara fazer de preposito; mas mandando-o preguntar, e achando as portas fechadas se recolheraõ com algum temor. E dahi a poucos dias tornando a Princeza ao mesmo posto, assentando-se em hũa das janellas,

que ficava na mesma varanda depois de haver feito algum exercicio se vio a mesma multidão de figuras de Mouros do mesmo traje, e vozes, e atemorizada ella, e as Damas se retirárao, e dando conta a ElRey, e à Rainha do que se havia visto ficárao suspensos, e mandárao que se tivesse isto em segredo.

Estas mesmas figuras tornou a Princeza a ver na sua antecâmara, de que não fazendo caso, por cuidar, que era gente do Paço; mas vendoas entrar, e sair, conhecendo, que erao fantasmas, se assustou, e cahio desmayada no regaço de hũa Dama, das que com ella estavao, sem que nenhuma entao visse isto. Outras noites sentia, que lhe apagavao as luzes do seu quarto, sem ver quem o fazia, e ainda em sonhos a não deixavao livre estas infestas sombras, e assim lhe acontecia muitas vezes espertar com temores, e sobressaltos. Foraõ tambem ouvidos no ar estrondos de guerra, e muitas noites sobre o Palacio de Lisboa, ays, e suspiros espantosos. Sinais todos infastos, que traziaõ a gente atemorizada, e confusa, e de que facilmente se entendia pronosticavao o pouco, que se lograraõ estes Principes, e os trabalhos, que ao diante se seguiraõ a este Reyno, originados pelo filho, que produziraõ.

Antes que a Princeza parisse sabida pelo Reyno a morte do Principe D. Joaõ, seu marido, vendo que a successão pendia somente daquelle

parto, q podia ser falivel, e incerta, foraõ tao grandes os sobressaltos q todos tiveraõ, q já muitos se julgavao entregues ao dominio de Castella (q sempre abominamos) pelos concertos ajustados, quando cazou a Princeza Dona Maria, com o Principe D. Felipe, que depois foy Rey segundo deste nome em Castella, successor de Carlos V. seu pay, o qual casamento se celebrou no anno de mil quinhentos quarenta e tres, e os concertos eraõ: que falecendo ElRey, seu pay, sem legitimo successor varaõ, herdassem o Reyno de Portugal os filhos da dita Dona Maria sua filha. Pela qual razao em todo aquelle entre meyo, que tardou o parto da Princeza Dona Joanna esteve muy confuzo, e sobressaltado este Reyno, revolvendo-se todo em agonia, recorrendo de todo o coração a Deos com muitos Sacrificios, Orações peñenes de dia, e de noite, com muitos jejuns, esmollas, e disciplinas: não havendo outra cousa mais, que Procissões, e lagrimas, para que o Senhor lhe concedesse, e desse da Princeza filho varaõ, Principe, que herdasse o Reyno do avó, com que ficasse seguro, e livre da sujeição de Castella, de que se temiaõ; porque posto que a dita Princeza Dona Maria faleceo do primeiro parto, que teve, delle deixou o Principe D. Carlos, que ainda vivia, o qual o pay depois mandou matar, por entender delle lhe queria desobedecer, por onde o dito pay veyo a ser se-

Inhor

nhor do que houvera de ser do filho.

A notavel Villa de Santarem, que em tudo se avanta às outras, e ainda a muitas Cidades, fez algumas Procifsoens muito solennes, e ultimamente mandando pedir licença ao Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Valconcellos, de Menezes, para tirarem o Santo Milagre em Procifsaõ, a fizeraõ em 14. de Janeiro, correndo toda a Villa, com tão grande solennidade, que nella hia todo o Clero Secular, e Regular della, e seu Termo, e a Mifericordia com muita Penitencia, o Cabido, o Senado, e toda a Nobreza, muitos descalços, e todos chorando muitas lagrimas, pedindo ao Senhor por mifericordia, Principe herdeiro varaõ, e por fim voltáraõ à Caza do mesmo Senhor, onde prègou o Mestre Affonso Vigario de Santa Maria de Alcaçova, commovendo a todos a muitas lagrimas. E a Mifericordia dalli por diante todos os dias fazia Procifsaõ, indo a S. Domingos, S. Francisco, e a outros Mosteiros. E assim mesmo muitos meninos de noite guiados de alguns devotos homens de virtude faziaõ suas Procifsoens, e Preces, cousa certamente muito piedosa.

E como estas Preces, e Orações se encomendavaõ a gente virtuosa, e Religiosos, succedeo que entreos de Santa Cruz de Coimbra havia hum muy reformado, que estando huma noite em oraçaõ, encomen-

dando a Deos esta necessidade, lhe appareceo ElRey D. Affonso Henriques, sepultado naquella Caza, com S. Theotonio, primeiro Prior della, & S. Sebastiaõ, e lhe disse: *Que Deos por rogos delles todos tres suspendia a sua ira, e queria uzar ainda de sua mifericordia com este Reyno, dandolhe hum Principe que o herdasse, o qual se chamaria Sebastiaõ por respeito do Santo Martyr.* Com que o Religioso ficcu consolado, e deu parte disto ao seu Prelado, o qual o mandou pôr em memoria, e se conserva a lêbrança.

No dia antes do em que a Princeza pario, foy a S. Domingos desta Cidade de Lisboa, huma mulher velha, e disse aos officiaes da Confraria de JESUS: *Que assentassem no livro por Confrade ao Principe D. Sebastiaõ, que assim se havia de chamar o que a Princeza parisse, que senaõ sabia que morte teria, e dando hum real de prata de esmola o deixou sentado, e se foy sem se saber quem ella fosse.*

CAPITULO VIII.

Do nascimento delRey D. Sebastiaõ, e do grande prazer, e alegria, que causou, e Procifsoens, que por isso se fizeraõ.

Entretida a Princeza, e naõ de todo enganada, por alguns indicios, que como discreta sentia, e repostas,

1554. repostas, que lhe não quadraão às perguntas, que fazia àcerca do Principe, com animo prudente, e temperado, metida entre duvidas, e sobrefaltos lhe deraão as dores do parto à meya noite de dezanove para vinte de Janeiro de mil quinhentos sincoenta e quatro, dia do Martyr S. Sebastião. Tinha o Arcebispo dado por ordem, que tanto que à Princeza dessem as dores, a qualquer hora que fosse, avizassem do Paço a Sé para que tocassem logo o sino grande; e a todo o Clero, e Religiões, que tanto que o ouvissem se juntassem logo todos na Sé. Assim se executou; e quando o sino da Sè deu o avizo, tocavaão os Conventos a Matinas. Foraão logo todos juntos assim de noite com suas Cruzes, e todo o outro Clero em muito boa ordem, e formada hũa dolorosa Procissão, caminhou da Sè para S. Domingos, rogando a Deos pelo bom successo do parto da Princeza, dando o Senado velas a todos à sua custa, e hum real de prata para hum Missa. Nesta Procissão hia hũa Senhora de joelhos, cuberta, e embuçada com hum roupão comprido, e ainda que diante lhe alumiauaão com hum tocha não se conhecia quem era, e pela muita lama, que havia hia toda atolada até a cintura, dando immensos suspiros, misturados com muitas lagrimas, que a todos movia a fazer o mesmo, e assim cantando as Ladaïnhas chegaraão a S. Domingos, onde, porque hia alli a mayor

parte da Cidade, houve dous Sermoes, hum na Igreja, e outro no Alpendre, que moveraão a muitas lagrimas, pedindo todos a Deos dèsse filho varaão da Princeza, como a unico remedio do povo Portuguez.

A'lem disto não ficou Dona, nem Donzella, por nobres, recolhidas, e virtuosas, que fossem; as quaes com muitas lagrimas não sahisssem fóra de suas cazas, e andassem pelas Igrejas pedindo ao Senhor o remedio taõ desejado, concorrendo com isto infinita gente de todos os estados ao Terreiro do Paço com os olhos fitos nas varandas, e janellas Reays, com os sentidos suspenlos delejavaão ouvir a nova do que a Princeza paria, os quaes postos em grande silencio, sem se ouvir rumor de taõ grande multidão, pela attenção de sua esperanças, tendo já rompido a menhaa, como voz vinda do Ceo, apparecêraão nas janellas do Paço alguns Fidalgos, e Donas, os quaes com palavras mal pronunciadas interrompidas de alegria, denunciaraão ao povo como tinhaão Principe nascido.

Tal foy o rumor, e alvoroço do contentamento subitamente nascido em toda aquella multidão, antes emmudecida pela prompta attenção, que rompendo com lagrimas de alegria o silencio forçado, não cessavaão de dar louvores a Deos por taõ grande merce. Desfeita de improvizo aquella companhia antes unida com hum só cuidado, discorria

corria cada hum pelas ruas da Cidade a dar novas aos auzentes, e mandar cartas pelos Correios a todo o Reyno, com que alentassem os animos descaídos do povo com o contentamento do novo Principe, herdeiro do Reyno de Portugal.

A este tempo voltando a Procissão de S. Domingos, para a Sé cantando as Ladainhas, pedindo aos Santos que os ajudassem; na entrada da rua dos Escudeiros se publicou ser o Principe nascido, a qual noticia deu hum mancebo, que vinha correndo do Terreiro do Paço para ganhar alviças; aonde logo mudando o tom, e letra, parando diante do Hospital Real, alevantarão o *Te Deum laudamus*, e outros Hymnos festivaes, com muita alegria, e com os corações soltos, e já livres da incerteza do successo, em que todos hiaõ suspensos, davaõ muitas graças, e louvores a Deos nosso Senhor pelo beneficio recebido, derramando muitas lagrimas de gozo, e prazer. E daqui partirão para S. Vicente, com o Braço do Martyr S. Sebastião, como era costume todos os annos no seu dia, o qual foy trazido a esta Corte do sacco de Roma, em tempo do Papa Clemente VII. que o mandou o Emperador Carlos V. a ElRey D. João III. seu cunhado. Os Principes, e mais Senhores, que na Corte a este tempo estavaõ, perdida a gravidade de suas pessoas, como homens livres da profunda tristeza,

e da pouca esperança de saude, correndo sem composição alguma, a toda a pressa, se foraõ ao Paço a saber a certeza da nova, e com alvoroço notorio se foraõ beijar a mão a ElRey, e à Rainha, os quaes consolados em grande maneira por Deos lhe restituir benigna, e liberalmente em hum só neto a perda de tantos filhos, não podiaõ encubrir o contentamento, que disso sentiaõ, com suave temperança da fresca dor do Principe D. João, poucos dias antes morto.

No Domingo seguinte ordenou a Cidade outra Procissão de Acção de Graças a Deos nosso Senhor, que foy a S. Domingos, onde houve dous Sermões, hum dentro na Igreja, e outro fóra no Adro, com muitas lagrimas de gozo, e logo outra à Sé, onde Prégou o Doutor Antonio Pinheiro, com grande efficacia, e talento, e durou o Sermaõ duas horas, e meya. O mesmo se fez por todo o Reyno, e a Villa de Santarem em tudo generosa, tratou logo de dar graças a Deos, nas mesmas Igrejas, onde tinhaõ feito Preces, fazendo tres muito solennes Procissões ao Santo Milagre, a Santa Maria do Monte, e a S. Domingos. Pelo que com muita razão podemos chamar a este Principe, filho de lagrimas, pois com tantas se alcançou, e tantas custou o perdello.

CAPITULO IX.

Do Baptismo do Principe, e como lhe foy posto o nome de Sebastião, e se descobrio à Princeza a morte de seu marido, e de suas exequias.

CHegado o oitavo dia, depois do nascimento do novo Principe, que eraõ 27. do dito mez de Janeiro, se deu ordem a que fosse baptizado, e se ordenou, que o Baptismo se fizesse no Oratorio do Paço, e para assistirem naquelle acto foraõ chamados todos os Senhores de Titulo, e todas as pessoas principaes, que entãõ estavaõ na Corte, e a todo outro genero de gente se fechou a porta, e ainda por cauza da pressa, com que se fez, e inadvertencia, ou esquecimento, que houve ficaraõ alguns Fidalgos principaes sem serem chamados. Foraõ Padrinhos ElRey D. João, seu avô, e o Infante D. Luis seu tio, e Madrinha a Rainha Dona Catharina, sua avô. As peças do Baptismo levarãõ Capellães fidalgos, as quaes estavaõ postas na Antecâmara, sobre hum a meza, donde elles as tomãõ vindo já o Principe no meyo da Sala, porque não sahiraõ com ellas da caza de dentro, donde o Principe sahio. Levou-o à pia Dona Joanna Deça, Camareira mór da Rainha, e o Cardeal Infan-

te D. Henrique, tio de seu pay, e irmão delRey D. João, o baptizou, pondolhe o nome de Sebastião por respeito do Santo, em cujo dia elle nascera, a quem já o povo Portuguez era muito obrigado com devoção, por Deos ter levantado o cruel açoute da frequente peste, que padeciaõ estes Reynos, com a vinda do seu Braço a elles. E por cauza deste nome, que posto lhe tinhaõ, lhe mandou depois o Papa Paulo IV. hum a Setta, das que ferraõ o mesmo Santo Martyr, a qual elle quando depois chegou à idade de governar o Reyno tomou por Empreza, e por memoria do muito que a estimava, instituhio hum a Ordem Militar com esta insignia, que não permaneceu depois que elle faltou, e foy elle não só o primeiro Rey deste nome, mas a primeira pessoa Real, que neste Reyno o teve.

Depois do Baptismo do Principe, se descobrio à Princeza Dona Joanna, sua mãy, a morte do Principe, seu marido, o que ella quasi sabia; mas dissimulava, contempORIZANDO com quem lhe guardava este segredo: entãõ se lhe armou de dõ a sua Camera, e ella o tomou reprimindo a sua pena com grande fortaleza de animo, de que era dotada: quiz cortar os cabellos; mas ElRey lho não consentio; e até entãõ senaõ tinhaõ feito sinaes pelo Principe morto, por amor de que ella o não viesse a entender, e tomasse lobrefalto, com risco da criança,

ança, que no ventre trazia, e assim se dilatáraõ ainda alguns dias, até se segurar do aballo do parto, e então se fizeraõ, com muito sentimento, dobrando-se os sinos tres dias.

No seguinte, que era Domingo 28. do dito mez de Janeiro, foy El-Rey dar graças a Deos à Sé, pelo nascimento do neto, acompanhado dos Infantes, seus irmãos, Duques, Condes, e mais Fidalguia da Corte, todos cubertos de dõ, onde se mostrou muita, e muy profunda tristeza, assim no semblante del-Rey, como nas lagrimas, que todos derramavaõ, e depois de ouvir Missa, voltou direito para o Paço, e foy esta a primeira vez, que sahio fóra, depois da morte do Principe.

As Exequias do Principe se fizeram primeiramente na Villa de Santarem, muito solennes. Tanto que tiveraõ noticia do feliz parto da Princeza, mandou logo a Villa formar huma Eça de magestoza machina, na Igreja dos Frades de S. Francisco, tão alta que excedia ao Coro, e estava junto à Capella mór, estribada sobre grandes colunas, com capiteis, que formavaõ arcos, tudo armado de veludo preto, com muitas tochas à roda, e em cima as Armas Reays, pintadas de ouro em hum pano preto, com hum Elmo, e huma grande folhagem, tudo de ouro, que lustrava muito bem, porém não estavaõ direitas, dando mostras de que não chegára a Reynar, e a Igreja toda bem armada de preto, e com seus degrãos, e

Part. I.

bancos para assentos. E na tarde de Domingo 4. de Fevereiro do mesmo anno, convocados todos os Clerigos, e Frades, cantáraõ Vesperas, e logo Matinas muito solenemente, e ao outro dia Segunda feira pela manhã, se cantáraõ as Laudes, disse a Missa o Chantre, e dous Conegos de Alcaçova: Pré-gou Fr. Antonio de Almeida, da Ordem de S. Francisco, tomando por Tema: *Tetendit arcũ quasi inimicus, & occidit omne, quierat pulchrum visu*. Sobre as quaes palavras fundou o seu Sermaõ, e discorreo admiravelmente. Acabado o Sermaõ acendeo-se toda a cera, que se tinha dado a todos em Laudes, e chegando-se o Chantre, com os seus assistentes à Eça, entcou o Responso o Cnego Niculao Affonso, bom musico, e o dito Chantre cantou a Oração, com tantas lagrimas, e soluços, que não podia proseguir, no que claramente mostrava o grãde sentimento, que pela morte do seu Principe tinha, cujo Capellaõ era, pois havia poucos dias, que tinha sahido da Capella de Sua Alteza.

No mez de Março seguinte, se fizeraõ outras Exequias muito mais solennes, por ordem del-Rey, no Real Mosteiro de Belem. Armou-se toda a Igreja de preto muito bem, formouse no meyo della hum Coro de seis degrãos de cada parte, para os Officiantes, o qual era muito comprido, e todo cuberto de dõ. Na Capella mór se levantou huma

E sump-

sumptuosa Eça sobre doze degrãos cuberta de veludo preto, com as Armas Reays em cima, com hum vinco pelo meyo dos Castelllos em final de não chegar a Reynar. A este sahimento não assistio ElRey, nem os Infantes, por se acordar assim no Concelho, porque estava Sua Alteza ainda tão triste, que lhe poderia prejudicar à saúde, vendo, e ouvindo o Officio, e tambem porque ainda não tivera nojo manifesto, e por isto se teve por escuzada a sua assistencia.

Em hum a Sexta feira à tarde, se juntárao no dito Mosteiro de Belem todos os Prelados do Reyno; a saber D. Fernando de Vasconcellos de Menezes, Arcebispo de Lisboa, D. João Soares, Bispo de Coimbra, e outros, e o Cabido da Sé de Lisboa, com todos os Capellães, de Sua Alteza, e todas as Communiidades dos Conventos da Cidade. Juntos assim todos feito silencio principiárao as Vesperas, e acabadas cantárao logo Matinas, estando acezas trezentas tochas. As lições, foraõ repartidas nesta fórma: a primeira aos Franciscanos, a segunda aos Dominicos, a terceira aos Carmelitas, a quarta aos Trinos, a quinta aos Jeronimos, a sexta aos Eremitas de Santo Agostinho, a settima aos Loyos, a oitava ao Deão da Sé, a nona a D. Sancho. No outro dia muito cedo, se principiárao as Missas rezadas, para o que estavaõ feitos no claustro vinte e cinco Altares, preparados com seus gui-

zametos, nos quaes com os da Igreja se differaõ muitas, e dahi as Laudes com grande solennidade: disse a Missa do Officio o Arcebispo de Lisboa, prégo D. Sancho por espaço de tres horas muito bem, chorando a espaços, quando a materia o pedia, com tanta efficacia, e discricião, que admirava a todos, de quem recebeo muitos applausos. Depois foraõ dadas tochas a todos os Bispos, e Prelados: disse o Responso Penha fiel, Capellaõ delRey, muito bem entoado, e o Arcebispo a Oração, e se concluhio o acto funebre com grande sentimento em todos os assistentes.

CAPITULO X.

De como a Princeza Dona Joãna voltou para Castella.

S Abida a morte do Principe D. João, não sómente em Castella, Reyno mais vesinho ao nosso, mas em todos os outros da Europa, e ainda dos Mouros, foy logo Sua Alteza visitado de todos os Reys, e Principes, por seus Embayxadores, dandolhe os pezames com suas cartas de crença, e consolatorias aos quaes ElRey agradecia muy bem, e respondia, segundo a seus estados pretencia, e principalmente foy visitado do Emperador Carlos V. seu cunhado, entre os quaes (passados os primeiros cumprimentos) foy tratado, que visto ficar assim a Princeza viuva, voltasse para Castella.

Isto

Isto pedia o Emperador ao nosso Rey D. João, à instancia do Principe D. Felipe, seu filho, que a queria deixar por Governadora dos Reynos de Hespanha, em quanto hia a Inglaterra celebrar o seu segundo Matrimonio, com Dona Maria, Rainha do dito Reyno, para onde estava de caminho, e o mesmo Principe o pedia por si, com grande efficacia, mandando cá a Portugal, Luiz Vanegas, Apozentador mór de Castella, a tratar isto com ElRey, seu sogro. E como isto assim foy assentado, pedio ElRey ao Duque de Bragança, que se aparelhasse para hir com a Princeza a Castella. O Duque cheyo de pena, estava em Villa Viçozza, para onde se tinha retirado por morte do Principe, vindo sómente assistir ao Baptismo do Principe menino, e às Exequias Reays do mesmo defunto em Belem; tendo este avizo assentou de a esperar em Arrayollos, Villa sua, até onde ordenava ElRey, que a acompanhasse o Infante D. Luiz, seu irmão.

Aos 12. de Mayo deste mesmo anno de mil quinhentos fincoenta e quatro, estando toda a Corte alvoroçada com esta partida da Princeza para Castella, ordenou ElRey, que toda a Nobreza, homens, e mulheres, a viessem visitar, e beijarlhe a mão por despedida, naqual visita estava ella assentada, toda cuberta, e embuçada no seu manto, sem ver, nem ser vista de alguém, e assim lhe estavaõ dizendo os no-

Part. I.

mes, e Titulos, dos Senhores, ou Senhoras, que a visitavaõ. E neste mesmo dia à noite, que era Sabba-do, partio a dita Princeza para os Paços de Enxobregas, acompanhando-a a Rainha Dona Catharina com poucas Damas, por mar, com hum só tocha aceza, com muita pena, e sentimento. ElRey ficou no Paço com os Infantes, seus irmãos, e entre tanto hiaõ passando para Aldea Galega bestas, e facto, e todas as cousas necessarias para a jornada da Princeza, e assim estavaõ tambem muitas barcas preparadas, e aos 15. do dito mez partio ElRey às 11. horas do dia para Enxobregas, cõ o Infante D. Luiz, e acompanhado de todos os Senhores da Corte, e feita pouca demora por atalhar mais lagrimas, tomou ElRey a Princeza pela mão, e a levou a hum caravella, que para isso estava toda toldada de damasco preto, com suas bandeiras semelhantes, e em muito breve espaço passaraõ à banda dalem, e depois de agasalhada a Princeza na sua pouzada, se despedio ElRey della, a qual sentio tanto a sua despedida, que lhe deu hum accidente, pelo que foy logo outra vez chamado ElRey, e tornou a estar, e deterse com ella mais de hum hora, e moderando sua pena, e saudade, a abraçou, e se despedio della, e daqui se foy ao apozêto do Infante D. Luiz, onde esteve hum grande espaço para com elle mitigar o grande sentimento, que trazia, e tornou a

E ij

caval-

cavalgar , e foy dormir dahi huma legoa para a parte de Setubal, onde esteve alguns dias.

Ao outro dia pela menhã partio a Princeza seu caminho , recolhida em hũas andas pretas fechadas , muito triste só sem ver pessoa algũa , acompanhando-a o Infante D. Luis , seu tio , com todos os Fidalgos de sua Caza , e chegando a Arrayolos , a estava o Duque de Bragança D. Theodosio esperando meya legoa fora da Villa , com toda a sua gente, que eraõ mais de mil homens de cavallo , que o acompanhavaõ, todos com capuzes, e carapuças de luto, e estribeiras envernizadas, todos muito bem cavalgados , e preparados , conforme a occasiã , e grandeza do Duque requeriaõ , e estavaõ postos em ala, de huma parte, e da outra da estrada, por onde a Princeza havia de passar , ainda que eraõ huns outeiros , e ladeiras. E como o Duque custuma encontrando a ElRey no campo apear-se para lhe beijar a mão , e ElRey o manda pôr a cavallo, e entãõ lhe dá a mão a beijar, o Infante D. Luis, que conheceo o intento do Duque , e sabia , que a Princeza não havia de querer uzar com elle daquella cerimonia , por hir fechada nas andas, e não se querer descobrir, lho mandou dizer: *E que tivesse sua Senhoria por bem retirar-se para a Villa , e que isto ficasse reservado para quando a Princeza se apeasse, e quizesse recolher ao seu apozento.* O Duque o teve por

bem , e obedeceo cõ grande generosidade, e bom semblante , e deixando os seus para acompanharem a Princeza, e Infante até o apozento, se foy com seis Fidalgos de sua caza esperaralla à porta delle, onde a Duqueza estava , com todas as suas Damas, e Ayas , para a acompanhar, e servir, e chegando a Princeza , foy recebida em hum quarto dos Paços do Duque, que lhe tinha prevenido, e muito bem adornado, e alli lhe beijou o Duque , e a Duqueza a mão, e foy isto em Sabbatho 19. do dito mez, às 10. horas da menhã.

E feita a entrega da Princeza ao Duque, logo o Infante se despedio, e partio da Villa, vindo gentar fora a huma quinta, aonde o Duque lhe mandou muito comer para elle, e sua gente, e para as cavalgaduras, e aos da Princeza deu banquete, e a toda a mais gente, que se achava na Villa, e com estar o mar taõ longe, arredado dalli tantas legoas , tinha o Duque prevenido, e mandado vir tanta quantidade de peixe a todo o custo , q̃ feito em varios guizados, e dado com abundancia lobejou tanta quantidade, que todos os que queriaõ se carregavaõ delle , sem que os do Duque o impedissem , e os Castelhanos o levavaõ às cargas para Castella. E a mesma abundancia houve ao outro dia Domingo, q̃ a Princeza se deteve alli, em que se deu banquete de carne de toda a sorte, e diversidade de caças , vaca, carneiro, prezunto, &c. guizada de muitas

muitas maneiras, com muito, e bom vinho, frutas, e doces, tudo tão bom, e em tanta quantidade, que se admirárao muito os Castelhanos da grandeza do Duque, e o mesmo se obrou nos dias seguintes, até a Princeza ser entregue em Castella, mandando o Duque prover tudo muito bem à sua custa, em que dispenseo mais de vinte mil cruzados, quantia grande para aquelle tempo! e foy muito louvado por esta generosidade de sua pessoa.

Ao outro dia Segunda feira 21. do dito mez de Mayo, partio a Princeza dalli, e foy dormir a Souzel, e à Terça feira foy a Arronches, e à Quarta feira 23. de Mayo às 10. horas da manhã, foy pelo Duque de Bragança, que a acompanhava com toda a sua gente, entregue na Raya dos dous Reynos Portugal, e Castella, aos Bispos de Oíma, e Badajoz, e a D. Garcia de Toledo, seu Mordomo mór, e dalli a levá-rao à Villa de Alcantara, onde a veyo esperar o Principe D. Felipe, seu irmão, e dalli a acompanhou até a Corte de Valhadolid.

Em Castella fez obras muito famosas; governou aquelles Reynos na auzencia de seu pay, o Emperador, e do Principe, seu irmão, com muita prudencia, e inteireza. Fundou o Religiosissimo Mosteiro *das Descalças de Madrid*, bem conhecido por este titulo, nas mesmas cazas, em que havia nascido. Colocou o Altar mór do dito Mosteiro no mesmo lugar, em que tinha

sido baptizada, e o Colateral do Evangelho dedicou a S. João Baptista, em cuja vespéra nalcéra, e de quem lhe derao o nome, e o da Epistola ao Martyr S. Sebastião, por haver parido no seu dia felizmente a seu filho El Rey D. Sebastião, aonde se diz, que se faz todos os annos, commemoração por elle em dia dos Finados. E ao pé do dito Convento, fundou tambem humas Caza de Misericordia, a imitação da que vio em Portugal, e assim foy ella naquelles Reynos, a Instituidora de tão Santa Caridade, e naquelle Mosteiro está sepultada, onde viveo muito virtuosa, e acabou santamente, como tudo se contará mais largamente no Capitulo de sua morte, que se poem na segunda parte, no anno de 1573. em que aconteceo.

CAPITULO XI.

Da prosperidade dos Reynos de Portugal, até o tempo del-Rey D. João III. e como depois foy descaindo.

Não está a Providencia Divina tão atada aos juizos humanos, nem limitada aos discursos dos homens, que necessariamente páre nos termos desejados de seus entendimentos, nem em os successos, que elles tração, pois nem nas mayores adversidades lhe faltao remedios de

de melhorar em os tempos, nê em as summas prosperidades occasiões de grandes quedas ; e parece que tem a natureza tayxados certos limites , até onde podem chegar as felicidades humanas , e não passar dahi , e depois decrepitar pouco a pouco, com mostras de bem pouca constancia , até tornar a seu primeiro principio. Desta variedade de rempos estão assas as Historias antigas cheyas de exemplos , que nos ensinaõ não esperar do mundo cousa fixa, nem perpetua, pois de grandes Reynos, e Monarquias passadas não enxergamos já hoje senão hũas gastadas ruinas , e de poderosos Monarcas ouvimos ainda frescos infortunios.

Tinha o Reyno de Portugal com felices successos, e heroicas virtudes dos bemaventurados Reys , seus antepassados (em tempo del-Rey D. João o III.) chegado ao cume da prosperidade , em grandeza de muitos Principes , opulencia de riquezas , com multidaõ de exclarecidos Capitães , os quaes com insignes vitorias tinhaõ Africa cheya de temores , e Asia posta em espanto , pondo muitos Reys , e Reynos debayxo do Imperio dos seus Reys , com gloriosa noticia do nome Portuguez, conhecido até o fim, e limites da terra, e o que mais claro o fazia, era a quietação, e paz da Republica temporal, com admiração da temporal Justiça, e no Espiritual a solennidade do culto Divino , com exemplos de grandes

santidades, e obras de muitos merecimentos de vida , para honra de Deos, e gloria das Almas.

Destes exercicios era estremadamente amigo, o bemaventurado Rey D. João, o qual com amor , e mercês obrigou a seus Vassallos a viverem de maneira , q̃ entre huns não houvesse offensas , nem em outros queixumes; com que se escuzava a severidade da Justiça, para execução de malles , e castigos , antes como outro Numa Pompilio , occupado na instrucção de santos costumes, solennidade do culto Divino, frequentação dos Sacramentos, reformação das Religiões Monasticas , e na promulgação do Evangelho Sagrado entre a cega Gentilidade, das Indias Orientais, nunca faltou com favores, e ajudas aos que elle, para este ministerio com muita prudencia, e maduro concelho, elegia com azezo fervor de dilatar a Fé Catholica entre os Barbaros , moradores debayxo do seu Cetro.

Mas por occulto Juizo de Deos, a que a razaõ humana não póde dar alcance , premittio elle , como esta felicidade acabasse , começando a descer , como por degrãos , até de todo vir a perder o resplendor de sua gloria com a Coroa , e nome dos Reys de Portugal, e já em vida do dito Rey se começou a conhecer esta declinação , largando em Africa aos Mouros as Cidades de C,afim, Azamor , Alcacer , e Arzilla , com grande sentimento de quantos ponderavaõ quanto tinhaõ custado.

custado á Conquistar, e sustentar, e quaõ convenientes ellas eraõ, mas esta perda se reconheceo muito mais depois à nossa custa, e para nossa desgraça, podendo aquelles Lugares servir de azilo, e valhaouto quando alli se perdeu ElRey D. Sebastiaõ, e com elle o Reyno todo, passando ao Dominio de Castella por espasso de lessenta annos, que foy a mayor declinação, a que podia chegar; mas foy Deos servido, que se restaurasse, tornando a cobrar a sua felicidade, com a liberdade antiga, ainda que com grande deminuição em suas conquistas, de que se aproveitaraõ os Hereges do Norte, com grande quebra da Religiaõ Christãa, quando nos vi- raõ declinados por falta de forças, pela que tivemos de Reys naturaes.

CAPITULO XII.

*Das despezas do Patrimonio
Real em tempo delRey
D. Joaõ o III.*

ANtes que falecesse ElRey D. Joaõ o III. se fizeraõ contas de toda a despeza, que era feita nas conquistas destes Reynos, e em outras occaziões da Coroa, e honra della, e se achou por mayor, que no tempo do seu Reynado gastara o seguinte.

No anno de mil quinhentos e vinte e tres, na jornada da Rainha de França, Dona Leonor, terceira

mulher, que tinha sido delRey D. Manoel, nas arras do seu cazamento, e nas carretas de agua (para as quais ElRey lhe mandou dar des mil cruzados) foraõ despendidos sincoenta mil cruzados.

No anno de mil quinhentos e vinte tres, foy o Conde Almirante D. Vasco da Gama, para a India, com grossa Armada, em que levou dous mil e sette centos homens, e nella se despenderaõ duzentos mil cruzados, além do que se podia gastar com a Armada ordinaria.

No anno de mil quinhentos e vinte e oito, foy o cerco de Maluco, que custou sincoenta mil cruzados.

No anno de mil quinhētos trinta e tres, foy D. Pedro de Castella-branco à India, no mez de Outubro, com hum Galiaõ, e dous Navios redondos, e des Caravellas, e levou oito centos homens, em que se despenderaõ cem mil cruzados.

No anno de mil quinhētos e trinta e oito, foy o dito D. Garcia por Viso-Rey à India, com grossa Armada, e levou quatro mil cento e sincoenta homens; e além do q̃ ordinariamente se podia despende na Armada costumada, parece que se gastaraõ trezentos mil cruzados.

A Cidade de C,afim em Africa, foy cercada no anno de mil quinhentos trinta e nove, como ao diante se dirá.

No anno de mil quinhētos quarenta e dous, se desfez C,afim, e Azamor, e nos soccorros dos ditos Lugares, antes que se disfizessem, e

nas

nas Armadas, que para isso se fize-
rao, e nas obras de Mazagaõ, e sa-
tisfações, que se dérao aos morado-
res, que foraõ dos ditos Lugares, se
despenderaõ trezentos mil cruza-
dos.

No anno de mil quinhentos
quarenta e tres, cazou a Princeza
Dona Maria, filha delRey D. Joaõ,
com o Principe D. Felipe de Cas-
tella, e custou o casamento quatro
centos mil cruzados, e ella morreo
de parto do Principe D. Carlos no
anno de mil quinhentos quarenta e
finco, e o mesmo Principe D. Car-
los, sendo já homem, foy morto por
ordem de seu pay, por entender del-
le, que lhe queria ser desleal, e de-
sobediente, no anno de mil qui-
nhentos sessenta e oito.

Nos annos passados, que neste
Reyno houve esterilidade de paõ,
mandou ElRey D. Joaõ o III. com-
prar muita soma delle fóra do Rey-
no para se dar ao povo pelo que lhe
custou, no que houve muita perda
assim por se perderem alguns Na-
vios, e outros hirem dar a outros
Reynos, como por haver muita
quebra no paõ, no qual, e no que se
buscou nos ditos annos para os Lu-
gares d'alem mar, se gastáraõ pas-
sante de sincoenta mil cruzados.

O Brasil não rendeo de vinte an-
nos tégora o q̃ costumava render,
mas tem custado a defender, e po-
voar mais de oitenta mil cruzados.
Mas no tempo, em que esta Chro-
nica se imprime se acha muito dif-
ferente, e taõ melhorado daquelle

estado antigo, que he a mayor ren-
da que tem hoje a Coroa de Portu-
gal.

A Malageta não tem rendido
do dito tempo a esta parte, a quin-
ta parte do passado, e tem custado
a defender, outros oitenta mil cru-
zados. E tirados desta soma duzêtos
e sincoenta mil cruzados de que
os Povos fizeraõ serviço a ElRey,
cento e sincoenta nas Cortes de
Torres Novas, e cem nas que
fizeraõ em Evora, se gastáraõ
dous milhoens oito centos e dés
mil cruzados. E muitas destas des-
pezas se fizeraõ com dinheiro to-
mado a cambio; e álem disto cum-
prio ElRey o Testamento delRey
D. Manoel, seu pay, e o da Rainha
Dona Leonor, mulher delRey D.
Joaõ o II. e o da Excellête Senhora
Dona Joanna, Rainha de Castella,
que cá viveo Freira de Santa Clara,
pela causa, que se diz na Chronica
delRey D. Affonso V. seu tio, e
tambem pagou as legitimas aos Se-
nhores Infantes seus irmãos, e deu
Caza, e Estado ao Infante D. Luis,
e ao Infante D. Fernando, e ao In-
fante D. Duarte. E porque a fazen-
da de Sua Alteza, não podia suprir
todas estas delpezas, e outras mui-
tas, que não ponho aqui, se deviaõ
entaõ em Flandes, e em Castella,
hũ milhaõ nove centos e quarenta
e seis mil cruzados, que corriaõ a
cambio até se lhes pagar, como
constou ao Concelho, por cartas
do Feitor de Flandes, e do livro do
dinheiro, q̃ havia de quatro annos.

O Xarife de Marrocos cercou a Cidade de C,asim, que lhe foy bem defendida, e depois voluntariamente largada contra razão, o que depois se houve por máo conselho; foy o cerco no anno de mil quinhentos e trinta e nove, e largouse no anno de mil quinhentos quarenta e dous, como fica dito.

CAPITULO XIII.

Da morte do Infante D. Luis, e de como ElRey D. João entendeo tambem que morria brevemente.

HUma firme coluna faltou a Portugal neste tempo, que muito o ajudava a governar, e manter, com os seus conselhos, e prudencia, era o Infante D. Luis, irmão delRey D. João o III. e filho segundo delRey D. Manoel, Principe muito excellente, e adornado de graves virtudes. Estando de assento na sua Villa de Salvaterra, que está situada em riba Tejo, junto do mesmo Rio, entre Santarem, e Lisboa, porém da outra parte dalém, onde gostava muito de assistir, e andava fazendo huns Paços, adoeceo de terçans dobres de muito má qualidade com grande febre, donde veyo para junto da Cidade, para tratar de sua laude, e apozentouse em huma Quinta, que foy do Conde de Linhares junto a S. Bento dos Loyos, que hoje chamaõ o Beato

Part. I.

Antonio. Aqui lhe assistiraõ por mandado delRey, seu irmão, D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira, e Pedro de Alcaçova Carneiro, Secretario delRey, e os melhores Fisicos da Corte, com grande cuidado, e vigilancia; mas não foy Deos servido, que os remedios da cura aproveitasssem, querendo hir castigando os peccados doReyno, com a morte de tão exclarecidos Principes, e assim aggravando-se a doença, veyo a falecer em vinte sette de Novembro de mil quinhentos sincoenta e sinco, sendo de quarenta e nove annos, e nove mezes de idade; tẽdo primeiro recebido todos os Sacramẽtos deste tranze com summa devoção, e piedade; e ao outro dia, que era Quinta feira, foy levado à Igreja do Mosteiro de Belem, acompanhado da Nobreza, dos Capellães delRey, e da Irmandade da Santa Misericordia, onde foy sepultado junto do Cardinal Infante D. Affonso, seu irmão.

Deste Serenissimo Infante, tem tratado os Chronistas Goes, e Andrada; mas ainda que digaõ delle muito, tudo he nada, para quem só de suas obras merecia huma Chronica, se houvera mais curiosidade nos seus contemporaneos, para nos deixarem eternizados feitos tão dignos de memoria. Foy muy amado dos Portuguezes, porque elle os amava, e favorecia muito: não cessava de lhe alcançar favores, e izenções delRey, e só de si se descuidava, não solicitando al-

1555.

F

gum

gum para sua pessoa: vagando algumas Commendas, que lhe eraõ devidas, e muito licito o pretendellas, como foraõ os Meistrados das Ordens de Santiago, e de Aviz, por morte do Senhor D. Jorge, filho delRey D. Joaõ o II. e o não fez, antes aconselhou a ElRey, seu irmão, que os unisse à Coroa, como unio para sempre; nem se sabe que pedisse nunca mais que o Priorado do Crato, para seu filho o Senhor D. Antonio, sendo muy pouco o que lhe ficou delRey, seu pay, para tão grande pessoa, como elle era, porém elle o governava com grande prudencia, de sorte que lhe chegava para o governo de sua caza, e para gallas, e festas, que os tempos, e occaziões pediaõ, quando havia cazametos, ou outras funções Reays, sem pedir ajudas de custo ao dito Rey, seu irmão, e com tudo isto ainda fazia muitas esmolas a cavalleiros pobres, e a outros muitos de menor esfera.

Foy muito obediente a ElRey, seu irmão, e tevelhe tanto respeito, e ao Principe D. Joaõ, seu sobrinho, que o veyo ElRey a reprehender de ser nisso demasiado; ao que respondeo, que lhe convinha dar bom exemplo aos Cortezãos. Tratando-se no Concelho, que convinha ao bem do Reyno cazar a Infanta Dona Maria com elle, não veyo nisso por entender em ElRey, que o não levava muito em gosto, e queria antes cazalla como o Principe de Castella, como o fez, e quando o

Infante a vio cazada se alegrou muito, e fez muitas festas, por dar gosto a ElRey, ainda, que fora mais acertado cazalla ElRey com elle. Acompanhou ao Emperador Carlos V. seu cunhado na jornada de Tunes, onde se houve com raro valor, e adquerio grandes estimações do Emperador. Foy depois duas vezes a Castella a tratar, com o mesmo Emperador, graves negocios tocantes ao bem, paz, e utilidade destes Reynos, e Conquistas, e Comercios delles, e tudo conseguiu com grande felicidade.

Naõ se obrava cousa de importancia, em que ElRey o não consultasse, e seguisse o seu parecer, como mais acertado, porque tudo obrava, e ditava com grande prudencia, e discrição, e por isso sentio muito a sua morte, e chorou muito por elle, e assim mesmo toda a Fidalguia, e Povo, porque a todos fazia muitos bens, e os amava, e era de todos muito amado, e respeitado. Foy devotissimo dos Padres Capuchos Franciscanos de N. Senhora da Arrabida, e os favoreceo muito em sua vida, e por sua morte lhe fez algũas deixas de couzas para o uso, e governo dos Religiosos, e seus Cõventos, e dizia: *Que para Lisboa ser o melhor de Hespanha, e de Europa, não lhe faltava mais, q̃ter dentro em seu districto aos Padres da Arrabida.* Naõ teve o gosto de o ver em seus dias; mas cõseguirão-no os ditos Padres depois, e fundáraõ o seu Cõvento de S. Pedro de Alcátra

no mais alto, e melhor sitio della.

Teve hum filho, que foy o Senhor D. Antonio, bem conhecido em toda Europa, em Dona Violante Gomes, donzella muito fermosa, com quem se suspeitou, que elle cazara, e o filho o quiz provar ao depois em ordẽ a habilitar-se para a herança do Reyno, mas julgou-lhe o contrario, o qual o Infante mandou criar no Mosteiro da Colta, da Ordem de S. Jeronymo, donde veyo estudar no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de Conegos de Santo Agostinho, e daqui foy para Evora, e lhe alcançou o Priorado do Crato, applicando-o ao estado Clerical, e por sua morte o deixou recomendado ao Cardeal D. Henrique, seu irmão, o qual o fez tomar Ordens até Evangelho, com tenção de o chegar ao seu mesmo estado; mas elle descontente do tal estado, não quiz passar a Presbytero, antes pedio ao Summo Pontifice dispensa da obrigação das Ordens, que já tinha, e vestio-se de secular; pelo que desgostou muito o tio, e por aqui se lhe foy originando a sua ruina, que adiante teve, oppondo-se à successão do Reyno, por morte do mesmo tio, sem forças, contra o formidavel poder del-Rey D. Felipe de Castella, com muito risco seu, sendolhe preciso auzentar-se da sua patria, e viver dos favores dos Reis de França, e Inglaterra. Foy muy douto mas; não se soube aproveitar das suas Letras, e foy muito amado dos Portugue-

Part. I.

zes, por amor do Infante seu pay, e tambem por ser muy afavel, e generoso, e se padeceraõ grandes trabalhos no Reyno, por amor delle.

Estando ElRey D. Joaõ doente, e trazendolhe alli, onde estava o Principe D. Sebastião, seu neto, para se entreter, e divertir com elle, que era menino de dous annos, succedeo pedir ElRey hum pucaro de agua, que lhe trouxeraõ com huns doces, dos quaes convidou o Principe, e dando a ElRey hum pucaro cuberto com sua tapadoura, como era costume darem-se aos Reis de Portugal, trouxeraõ tambem agua para o Principe, em outro pucaro pequeno, e descuberto, e dando-lha a não quiz beber, e chorou muito, para que lhe dessem outro pucaro com tampa, como a ElRey, e ou fosse, q̃ como menino lhe parecesse bem atapadoura do pucaro, ou por outra razão, ElRey o interpretou por final de que morria cedo, porque tomando aquillo em mão agouro, se melancolizou muito, e se voltou na cama para a outra parte, dizendo: *Cedo quereis Reynar*. E com isto mandou que levasssem dalli o Principe, assentando comsigo, que viveria pouco, e começaria seu neto a Reynar naquella pequena idade, que a todos estes agouros abria caminho a grãde melancolia delRey, sem bastar, ou querer admitir o dizerem-lhe, que o choro do Principe, fora por ver a tampa do pucaro, com galantaria, e não por querer o pucaro ta-

Fij pado

pado, como Rey, que em sua innocencia não cabia conhecimento de tal cousa, ou tambem, que como menino apetezia aquellas cousas, que primeiro via, sem mais respeitos, nem outra intelligencia, e com tudo fosse, como fosse ElRey ainda que melhorou desta, que era queyxa leve veyo a morrer dahi a hum anno, cumprindo-se o que pronosticou.

CAPITULO XIV.

*Da morte, e sahimento delRey
D. João o III.*

1557.

A Os onze de Junho de mil quinhentos sincoenta e sete, Sexta feira em Lisboa nos Paços da Ribeira, adoeceo ElRey D. João o III. de huma dor accidental, que lhe veyo de huma apoplexia, e malencolia, e grande febre, e sendo já às duas horas depois do meyo dia, foraõ juntos todos os Físicos, com o Físico mór, e houve concelho se o sangrariaõ, e por ElRey estar muito apertado do mal, mandou a Rainha chamar o Mestre D. Fr. Gaspar do Catal, Bispo de Leiria, seu Confessor, para que o confeçasse, e logo lhe foy trazido o Santissimo Sacramento, que tomou com muita devoção, e foy mandado dar pregaõ por toda a Cidade, que se fechassem as tendas, e cessassem os officios, e se fizessem Procissões de Preces. Ficáraõ todos sobressaltados com esta repentina noticia, porque

naõ a havia de molestia delRey, antes cada dia o estavaõ vendo, e logo foy feita huma Procissão de todas as Ordens, e Clerizia, cantando a Ladainha, em que hiaõ muitos Fidalgos, e Dónas rogando a Deos pela vida, e saude delRey, a qual sahio da Sé até S. Domingos, onde fez huma breve Prêgação o Doutor Antonio Pinheiro, Bispo que depois foy de Miranda, encomendando muito que rogassem a Deos dêsse saude a ElRey, e sahiraõ depois das Ave Marias.

Neste tempo estava ElRey muito atribulado, que o naõ deixava o mortal accidente, do qual a Rainha foy defenganada pelos Físicos, que lhe dilerão: *Que se por graça de Deos naõ fosse, que sonbesse que ElRey perdia a vida, por ter já o mal na cabeça, de qninguem escapava.* A Rainha atribulada mostrou entaõ grande animo, e se foy a ElRey dizêdolhe: *Que se lembrasse q morria, e mostroulhe hũ Crucifixo, e disse: q se encomendasse a elle, e lhe naõ lembrasse a vida deste mundo, que era hum pouco de vento, e que ao outro dia seria ella com elle, e que nada lhe dêsse pena, nem cuidado, nem occupasse a memoria senaõ em Deos.* E outras palavras de muito esforço, e muita prudencia, de tal sorte, que os que estavaõ presentes se admiráraõ do animo da Rainha, e logo ordenou que lhe fosse trazida a Santa Unção, que naõ tardou muito, e lhe foy dada; e como ElRey vio que a sua doença era mortal começou

meçou a falar com a Rainha em coulas de sua alma, pedindolhe: *Que regeſſe, e governaſſe eſte Reyno com muito amor, e ſem eſcandalo, e que ella com o Infante Cardeal D. Henrique, ſeu irmão, com deſ do Concelho fizeſſem os deſpachos de mayor importancia.* E eſtando nelas praticas com a Rainha lhe vierão ſuores de morte, de que logo ſe ſentio finir.

E foy chamado Jorge da Silva, homem Fidalgo, e virtuoso ao qual diſſe ElRey, que o ajudaſſe a bem morrer, e diceſſe com elle o Credo, e eſtavaõ preſentes o Cardeal, ſeu irmão, e a Infanta Dona Maria, ſua irmã, e a Infanta Dona Iſabel, mulher, que tinha ſido do Infante D. Duarte, e o Senhor D. Duarte, filho dos ditos Infantes, e o Meſtre D. Fr. Gaſpar do Caſal, Biſpo de Leyria ſeu Côfeſſor, e Dónas, e peſſoas virtuoſas, e a Rainha cõ grãde eſforço, e animo diſſimulando a ſua pena, tomou a mão a todos na conſolação delRey, e cõ hũ Crucifixo na mão, e hũa vella na outra ſe poz aſſentada na cama delRey, e falandolhe palavras, q̃ moviaõ a muita devoção, e choro, lhe diſſe: *Que ſe conſollaſſe muito em N. Senhor, e conſiaſſe em ſua Divina miſericordia, pois tinha recebido todos os Sacramentos, e que não olhaſſe para ella, nem para outrem, ſenaõ para o Senhor, que tinha diante de ſi, e o havia de hir ver na gloria, que iſſo lhe era mais neceſſario, e que lhe não deſſe cuidado conſa alguma do mundo.* E

tanto que ElRey começou a entrar em artigo de morte, ella lhe meteo a vella na mão, e eſteve com elle dizendo o Credo, com os que com ella eſtavaõ, e o nome de JESUS, e tanto que ElRey eſpirou, que ſeria entre as onze, e as doze da meya noyte, a Rainha lhe techou os olhos, e apertou o queixo debaixo da barba, e o cubrio com o lençol, e ſe foy enſerrar no ſeu Oratorio.

Os que eſtavaõ na caza fizeraõ muito grande pranto, e as ditas Infantas, Dona Maria, e Dona Iſabel, e as Senhoras ſuas filhas ſe foraõ a poz a Rainha, onde fizeraõ ſeu pranto, e ſe diz que nelle as conſollava a Rainha. Os Fidalgos, que neſte tempo eſtavaõ no Paço, ſe ſahiraõ cada hum pelas ruas chorãdo, e ſe fizeraõ logo ſinais na Sé, e Freguiſſas. E taõ ſubita foy a morte delRey, q̃ tinha hido à Miſericordia (da qual era Irmão) na Quarta feira antecedente, e nella ouvido Miſſa à viſta de todos, bem diſpoſto, e na Quinta feira tinha ſido viſto dos ſeus pelo Paço, e ainda na meſma Sexta feira, em que morreo, pelo que ninguem podia crer, que era falecido. E logo àquellas horas começou de concorrer muito povo ao Terreyro do Paço, todos chorando taõ grande perda. Eſteve acompanhado de peſſoas Religioſas, e Frades, que logo foraõ chamados, com muita cera acẽſa, e lhe foy veſtido o habito da Ordem Militar de Noſſo Senhor JESU Chriſto, de que era Meſtre, e o Eſtoque, e Elcudo

Elcudo de Cavalleiro, e foraõ chamados D. Theodosio, Duque de Bragança, e o Marquez de Villa Real; e outros Senhores, que estavaõ em suas terras, que sem dilação vieraõ à Corte.

E ao outro dia à tarde Sabbado doze de Junho, Vespera da Festa da Santíssima Trindade, e de Santo Antonio de Lisboa, vieraõ todas as Communidades dos Conventos encommendallo por sua ordem, e feito isto se poz o corpo delRey em hum a Eça de veludo preto, com hum a Cruz de setim branco em cima, em duas mulas; que o levarão, e ao sahir do Paço era tanta a gente, que não cabia no Terreiro, e tão grande a grita, e choro que senão ouvia outra cousa pelas janellas, e ruas, por onde hia, de tal sorte, que affirmão ouvirse na Villa de Almada, que está distante hum a legoa, da parte dalém do Tejo, e foy levado ao Mosteiro de Belem, acõpanhado do Senhor D. Duarte, e do Senhor D. Antonio, e de D. João, primeiro Duque de Aveiro, e D. Constantino de Bragança, e do Conde de Vimiozo, e D. Fernando de Vascõcellos de Menezes, Arcebispo de Lisboa, e de outros Senhores, e Fidalgos, q̃ não cabiaõ pelo caminho, e hia o corpo delRey cercado de Moços da Camara, e da Capella delRey, e Reposteiros a pé gritando, e lamentando-se, que era cousa piedosa, as palavras, que diziaõ.

Acompanhou-o tambem a Irmandade da Sãta Misericordia, por

elle o pedir assim, e foraõ todos os Irmaõs cõ suas vestes pretas, e suas tochas acesas com o seu Provedor, que entãõ era D. Affonso de Lancastre, filho do Senhor D. Jorge, e neto delRey D. João o II. Antes de entrarem em Belem sahiraõ os Frades em Communidade a recebelo fóra do Mosteiro, e do Lugar, com Cruz, e cera, chorando, e assim o levãrão à Igreja do seu Mosteiro, e foy o dito corpo Real metido nas andas cá em Lisboa, e tirado dellas lá em Belem pelo Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, e pelo Senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luis, e pelo Duque de Aveiro, e D. Constantino de Bragança, e pelos Condes de Vimiozo, e Castanheira, e outros Senhores, que cada hum por sua parte lançou mão do cayxaõ, em que hia, o corpo, dentro nas andas, com toallas, que para isso hiaõ aparelhadas, e o levãrão até hum a meza, que estava para isso ordenada, e cuberta de veludo preto, onde foy posto, e por ser tarde, e se não poder fazer logo outra cousa, se lhe cantou só hum Responso, e o Arcebispo a Oração, com tantas lagrimas, e suspiros em todos, que parecia estallarlhes o coração. E foy dalli tirado pelos mesmos Senhores, e metido na sepultura pelos Padres mais antigos, e dignos da Caza, a qual se lhe fez na Capella mór, junto delRey D. Manoel seu pay, e se acha agora trasladado para hum rico, e soberbo Mausoleo de pedra de Jafpe,

pe, que está na mesma Capella mór em correspondencia de outro tal

do dito Rey, D. Manoel seu pay, com este Epitafio.

PACE DOMI, BELLOQUE FORIS MODERAMINE MIRO
AUXIT JOANNES TERTIUS IMPERIUM.

DIVINA EXCOLUIT, REGNO IMPORTAVIT ATHENAS,
HIC TANDEM CITUS EST REX PATRIÆQUE PARENS.

Era ElRey D. João o III. quando faleceu de cincoenta e cinco annos, e quatro dias. Reynou trinta e cinco annos cinco mezes, e vinte e oito dias, começou a Reynar no mais pequeno dia do anno, que foy em 19. de Dezembro de mil quinhentos e vinte e hum, e morreu em o mayor (conforme a conta de entaõ) que foy aos 11. de Junho. Faleceu quando sua vida era mais necessaria ao Reyno, pelo grande desamparo, em que ficou em poder de hum Principe menino, e por outras muitas razões, e necessidades fazia muita falta a sua vida, e bem se foy experimentando.

CAPITULO XV.

Do Officio do enterramento del-Rey D. João o III.

NA tarde de quatorze do mesmo mez de Junho de mil e quinhentos cincoenta e sette, que era em huma Segunda feira, se ajuntou no Real Mosteiro de Belem, da Ordem de S. Jeronymo huma legoa de Lisboa, toda a Nobreza de

Portugal, convem a saber, o Cardeal Infante, o Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, o Senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luis, o Duque de Bragança D. Theodosio, e seu filho D. João, e seus irmãos, e os Condes, e Senhores com a mais Fidalguia do Reyno, e nove Bispos destes Reynos, as Dignidades, e Conegos da Sé, e os Capellães delRey, com toda a mais Clerisia, e as Ordens de S. Francisco, S. Domingos, do Carmo, da Trindade, Eremitas de Santo Agostinho, de Santo Eloy, e Jeronymos, onde assim juntos na dita Igreja de Nossa Senhora de Belem, a acharaõ preparada com a fabrica, e Tumulo seguinte.

Das grades do Cruzeiro até a porta principal da dita Igreja estava feito hum Coro de quatro ordens de assentos além dos bancos, que estavaõ ao pé, que era aquinta ordem, com quatro portas, por onde entravaõ para elles, q estavaõ cubertos de preto, e assim mesmo todas as paredes té os principios da abobeda, e remate das paredes, e todos os esteyos, e columnas, assim do

corpo

corpo da Igreja, como do Coro, e no corpo do Cruzeiro de hum a vara em alto, por diante do chaõ estava hum a sumptuosa Eça de dezasete degrãos em alto, com tres ordens de grades de redor della, guarnecidas de panno preto, e em cima de tudo hum a tumba cuberta de velludo preto, com sua Cruz de damasco branco, e hum grande sobreceio de velludo, do qual pendia hũa grande bandeira de tafetá branco, com as Armas Reays, e de redor dellas o collar da Ordem do Thuzão, de que era Cavalleiro o dito Senhor Rey, que são humas pederneiras, e esclavoens de fuzis de ouro, e embayxo hum Cordeiro dependurado. Nas ditas tres ordens ao redor da Eça arderaõ nas Vesperas, e dia duzentas e vinte e oito tochas. A Capella mór onde o dito Senhor jaz, estava toda tapizada de velludo preto, que seriaõ tres mil covados, e dizem q̃ havia de estar, e ficar para sempre pendurado na dita Capella. Estava o Tumulo em hum estrado alto de mais de tres palmos, cuberto de velludo, e hum a Cruz à Cabeceira, com doze castiçais de prata, muito grandes, seis por banda com suas tochas ardendo, e ao pé hum a caldeira de prata com agua benta, e hizope, onde as Ordens cada hum a per si, cantou hum Responso.

Todos os Altares estavaõ guarnecidos de dõ com castiçais de prata altos, e ao pé de cada Altar duas tochas ardendo em castiçais de ma-

deira preta. Todas as sepulturas dos Reys, Principe, e Infantes, estavaõ cubertas de damasco preto, e no Coro, q̃ para este auto se fez, havia nesta tarde duas estantes hum a para os Nocturnos, e outra para as Liçoens, cubertas de dõ, e o Pulpito com Sobreceio de dõ sómente, sem outro pãno, as Craftas de redor das paredes armadas de luto, e dizem que na armação de dõ deste sahimento estavaõ doze mil cruzados de panno, e que passava a muito mais. Nestas Craftas havia vinte Altares armados, finco em cada quadra, que para este auto foraõ levantados, cada hum com dous castiçais de prata altos, e ao pé do estrado hum a alcatifa rica, e dous castiçais de madeira preta, com suas tochas, e no lado de cada Altar hum banco cuberto com hũa vara de ruaõ preto, e guizamento para as Missas; e porque esta Crafta não era ainda lageada a espadanáraõ.

O Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Valconcellos de Menezes, começou as Horas em Pontifical, com seus assistentes, com ornamentos riquissimos de brocado roxado de preto, e por ordem de distribuição tocou a primeira Lição aos Frades de S. Frâncisco, a segunda aos de S. Domingos, a terceira aos do Carmo, a quarta aos da Trindade, a quinta aos Eremitas de Santo Agostinho, e a sexta aos de Santo Eloy, a setima aos de S. Jeronymo, a oitava ao Cabido, e a nona à Capella del Rey. Acabadas as Vesperas

peras deraõ de cear a todos os Ministros deste auto Ecclesiastico, cõ sua differença, segundo as pessoas, e Dignidades de cada hum, no Refeitório, e em outros apozentos, em abundancia; e para repouzarem. Terça feira duas horas depois da meya noite se começaraõ as Missas rezadas em todos os Altares assim das Craistas, como da Igreja onde se diffieraõ pela alma do defunto Rey; mil e duzentas Missas rezadas em trinta e cinco Altares.

A's seis horas se começaraõ as Laudes; e às sete a Missa mayor, que disse o Arcebispo de Lisboa D. Fernando, e à roda em circulo da Eça se puzeraõ outras duzentas e vinte e oito tochas, e ao redor da cova deze tochas, em castiçais de prata. Prégou tres horas o Doutor Antonio Pinheiro, e tudo foy das grandezas, magnificencias, zelo da Fé, de Christo, e mercès, vitorias, e triumphos, que El Rey fez, e alcançou em sua vida, e em sua enfermidade, e morte, como quem as tinha bem notadas, e sabidas por ser Chronista do mesmo Senhor Rey. A cabada a Missa, e Sermaõ acenderaõ de novo duzentas tochas novas, que se deraõ aos Capellães del Rey, ao Cabido da Sé, e aos mais semelhantes, e chegando-se o Arcebispo à sepultura, foy dito o Responso, cõ muitas lagrimas, e soluços de toda aquella Congregação. Acabado este auto se deu de jantar a todos, os que o quizerão aceitar dos da noyte antes.

Part. I.

Na Cidade de Lisboa depois deste sahimento, ou Officio geral se fizeraõ outros muitos particulares, com muitas despezas de Eças, Altares, armações, e de cera, e Prêgações, porque não ficou Igreja, Mosteiro, nem Ermida, em que se não, fizessem Exequias por El Rey D. João, e em muitas Igrejas se fizeraõ duas, tres, e quatro vezes pelas Confrarias dellas, ou por ser irmaõ dellas, ou porque todas, e todos lhe viviaõ muito obrigados, e se affirma, que dos muros a dentro se fizeraõ mais de duzentos Officios de Exequias, com tanta solemnidade, como se cada hum delles fosse o principal.

O Arcebispo de Lisboa fez por si hum Officio na sua Sé, para o que convocou toda a Cleresia, que seriaõ passante de trezentos Clerigos, e a cada hum, que quiz dizer Missa pela alma do dito Senhor Rey, mandou dar quatro vintens, e aos que a não diffieraõ meyo tostaõ, que naquelle tempo eraõ esmolas muy grandes; ardendo muita cera, e tochas de quatro pavios, e se dobraraõ todos os finos da Cidade das Vesperas até o dia, dizendo seu Responso cada Clerigo, e nas Prêgaçoens se tocavaõ levemente os louvores del Rey por se ter feito por extenso no sahimento geral de Belem.

G

CA.

CAPITULO XVI.

*De como o Governo do Reyno
foy entregue à Rainha Do-
na Catharina, e porque
razão.*

DEpois da morte , e enterro delRey D. João o III. no dia seguinte, que foy Domingo da Santissima Trindade 13. de Junho , se ajuntáráo os do Concelho, para tomarem acordo nas couças tocantes ao governo do Reyno, e à paz, e soccego delle, e para isto melhor se fazer tratárao de saber se deixára ElRey Testamento, ou algũa lembrança, ou papel, em que fizesse alguma disposição , por onde elles se pudessem governar, e não se achou mais que hum papel sem ser affinado por ElRey, o qual era huma instrucção, que deu o Chanceller mór Gaspar de Carvalho, a qual ElRey lhe pedio, como conselho, se licitamente, sem ser cõtra Direito, e sem hir contra sua consciencia, poderia, por sua morte, deixar a Rainha por Governadora destes Reynos, em quanto o Principe não fosse de idade para poder tomar posse, e reger por si os ditos Reynos. Sobre isto era a instrucção, que o dito Gaspar de Carvalho deu a ElRey, porém feita pela mão do Secretario.

Achado este papel, e mandado chamar Gaspar de Carvalho, lhe deu o Cardeal o juramento dos Sã-

tos Evangelhos para que dicesse a verdade se lhe pedira ElRey aquelle parecer, e conselho, e se eraõ aquellas as razoens, e causas, que elle para isso lhe dera. O que tudo jurou o dito Chanceller mór, dizendo: que verdade era; mas que aquella letra não era sua, que lhe parecia ser do Secretario. O mesmo Cardeal deu logo o juramento ao dito Secretario, que presente estava, o qual disse, que era verdade que ElRey lhe mādára trasladar aquelle papel com tenção de o por por verba em seu Testamento, o qual andava cada dia para fazer, e veyo a morrer sem o pòr em execução. O que tudo isto se escreveu em fórma autentica para constar com clareza a todo o tempo da diligencia, que sobre o cazo foy feita.

Sabida assim a ultima vontade delRey, e vista a capacidade da Rainha, que era mulher varonil, lábia, e prudente, de quem se podia muito bem confiar o governo do Reyno, assentárao os do Concelho de lhe entregarem logo o governo do Reyno, e q̃ juntamente fosse tambem Tutora de seu neto o Principe D. Sebastião, e que elle fosse logo acclamado por Rey. A qual determinação não quizerão executar sem primeiro darem parte disso à Camera da Cidade, como cabeça do Povo de todo o Reyno, mandando chamar os Procuradores, a quem mostrárao o papel delRey, e as mais diligencias feytas, e acordo, que tinhaõ tomado, pedindolhe seu

seu parecer, e voto para q̄ senão ob-
brasse cousa algũa contra os seus fo-
ros, e costumes, por parecer elcuza-
do chamar para isto a Cortes. Res-
ponderão elles, q̄ em caso de tanta
suposição praticariaõ, e tomariaõ
seu parecer, e dariaõ a resposta; por-
que era necessario palpar a vontade
do Povo, e ver se levavaõ em gosto
aquella eleição, para que não suce-
desse o que lá se vio com a Rainha
Dona Leonor, mulher delRey D.
Duarte, que não consentiraõ, que
ella governasse por seu filho meni-
no D. Affonso o V. havendo no
Reyno Infantes, Varoens com
mayor sufficiencia, visto se não
convocarem Cortes, como era con-
veniente, e que feita esta diligen-
cia voltariaõ.

Ao outro dia Segunda feira 14.
do dito mez, se ajuntaraõ todos na
Camera, Vereação, e cabeças do
Povo, e os mais, que nesta materia
tinhaõ voto, e lhe foy proposta a
de que se tratava, em especial a de-
terminação do Concelho, para o
qual lhe pediaõ a elles sua authori-
dade, ou confirmação, sobre o que
dessem seus votos; houve muitos,
e diversos pareceres alegando cada
hum as razoes, que melhor lhe
pareciaõ, porém depois de bem
praticada esta materia se assentou,
q̄ por quanto pelo q̄ se tinhavisto,
e examinado da vontade delRey
ser, que por sua morte ficasse a Rai-
nha por Governadora do Reyno,
em quanto o Principe D. Sebastiaõ
não fosse de idade, para por si o po-

der fazer, e sabida tambem a capa-
cidade, que na Rainha havia para
poder muito bem occupar aquelle
cargo, e dar cumprimento aos en-
cargos d'elle, por ser mulher varo-
nill, e ter dado disso boas mostras
em vida delRey, seu marido, se as-
sentou, que estava bem feita a elei-
ção da Rainha para Governadora,
que approvavaõ, e davaõ seu voto,
como tambem a Tutoria de seu ne-
to, tendo-se por certo, que ninguem
havia de curar d'elle melhor, nem
tambem, como ella.

Assentado isto se foy a Cidade
ao Concelho, que em quanto as
cousas não foraõ assentadas esteve
quasi sempre junto, e tanto que se
foubes a resolução, que traziaõ, man-
daraõ chamar todas as pessoas, que
para o auto da entrega do governo
à Rainha, eraõ precisamente neces-
sarias, aos quaes, juntos todos, se
deu parte do para que eraõ chama-
dos, e approvado por todos, se fo-
raõ à Rainha, e a houveraõ por
Governadora destes Reynos, e por
tal lhe beijaraõ todos a mão, a sa-
ber os Duques em nome de todos
os Grandes; o Cardeal Infante por
todo o Estado Ecclesiastico; os Vé-
dores da fazenda pela massa do
Reyno; o Regedor pelas Justiças;
a Cidade em nome de todos os Po-
vos. E logo lhe derão todos as ho-
menagens de lhe obedecerem em
tudo, e por tudo em quanto gover-
nasse pelo Principe seu neto, até
que elle fosse de idade para o poder
fazer por si, como cousa sua. E a

1557.

Rainha jurou em hum Missal de os Reger em paz, e justiça, quanto lhe fosse possível, e nosso Senhor lhe inspirasse, como também de lhe guardar seus foros, eizençoens, segundo os uzos, e costumes de Portugal, e de tudo isto se fez termo, e assento em hum Livro, que ella assignou no mesmo dia 14. de Junho do anno de mil quinhentos sincoenta e sete, em que este auto se obrou. Logo também ficou assentado, q̃ na Quarta feira seguinte, se fizesse o auto do solemne levantamento, e acclamação de Rey de Portugal do Principe D. Sebastião, e se poz por obra, como se trata no Capitulo seguinte.

CAPITULO XVII.

Do levantamento del Rey D. Sebastião, e ceremonias deste auto.

1557.

DEterminado assim o dia, e dispositas todas as cousas necessarias para o auto da acclamação, e levantamento do Principe D. Sebastião, no dia de Quarta feira 16. de Junho de mil quinhentos sincoenta e sete, que era Vespera da festa do Corpo de Deos, de tarde pela huma hora concorreo ao Paço toda a Nobreza da Corte, e a Cidade em corpo de Camera, hindo todos juntos em boa ordem, sem estrondo algum de instrumentos, por causa da morte del Rey D. João;

porém hiaõ sem luto, e alguns vestidos de festa, e chegando às escaldas dos Paços Reays se apeáão, e sobindo foraõ ter a huma grande sala, q̃ ha nos ditos Paços da Ribeira, a qual estava muito bẽ armada de requiissimos pannos de ouro, e seda, e no fim della estava hum theatro com hũ estrado grande levantado sobre quatro degrãos, por onde se sobia para elle, o qual estava debaixo de hum rico docel de brocado, e sobre este estrado estava huma cadeira cuberta com hum fermoso panno do mesmo brocado, taõ grande, que do que cahia da cadeira, se cubria muita parte do estrado, e ao pé estava outra cadeira, com menos apparato, para o Cardeal Infante D. Henrique.

Chegada a hora competente entrou o Principe na sala, vindo por huma varanda, acompanhado de todos os Grandes de Portugal, e o trazia ao côlo D. Lopo Dalmeida, filho de D. Duarte Dalmeida, e junto cõ elle o Cardeal de sorte, q̃ a muitos pareceo, que o trazia no côlo, e vinha o Principe vestido em hum pelote de Setim branco, com calças, e jubaõ roxado de ouro, com muita chaparia de botoens de ouro, e gorra de Setim branco, com medalha, e penacho nella, e huma opa do mesmo Setim, da qual lhe trazia a fralda o Marquez de Torres novas, filho primogenito do Duque de Aveiro, vindo diante delle todos os Reys de Armas de Portugal, Algarve, e India, com suas

suas Cottas de Armas vestidas, e todos os Porteiros com suas massas de prata nas mãos; e chegando ao theatro assentárao o Principe na cadeira, e o Cardeal se assentou na que lhe estava destinada, e como o Principe era de tão pouca idade, vieraõ com elle a sua ama, e sua Aya, Dona Joanna Déça, que lhe assistiaõ na cadeira, huma de huma parte, e outra da outra, para o enterterem em quanto durava o auto.

Chegou logo Gaspar de Sarria, que entaõ servia de Thesoureiro do Thesouro Real, com hum Cetro de ouro de tres palmos de comprimento, e da grossura de hum dedo, com sua cabeça em cima, e beijando-o o entregou ao Camareiro mór do Cardeal, e elle o deu ao Cardeal, o qual beijando-o o meteo na mão a ElRey; mas como era tão menino, ainda que o Cetro era por esse respeito mandado fazer pequeno, não o podia susten-ter, e o ajudava sua Aya. Logo se levantou no mesmo theatro o Doutor Antonio Pinheiro, Prégador delRey D. João, seu Chronista, e seu valido, a quem tinha commettido o cargo de muitos negocios do Reyno, de grande qualidade, e pezo, e feito silencio na sala disse em voz alta o seguinte.

Nosso Senhor houve por bem, e lhe aprouve de levar para si o muito alto, e muito poderoso, e Catholico Rey D. João o III. deste nome, cujo falecimẽto todos devemos muito sentir, por quaõ inteiramente sempre re-

geo, e governou em seus dias estes Reynos, e Povos de Portugal, trabalhando em todas suas obras por se fazer de todos amado, e temido, e por sua morte ficou por herdeiro, e direito successor destes Reynos o muito alto, e muito poderoso Principe D. Sebastião, seu neto, filho do muito alto, e muito poderoso Principe D. João, filho do sobredito Senhor Rey, a quem os ditos Reynos por linha direita pre-tenciaõ, e agora està presente para o levantardes por vosso Rey, e Senhor, e lhe dardes vossas homenagens, para em tudo lhe seides leaes, e feis vassallos, e de sua parte elle vos promete de em tudo vos mäter em justiça, paz, e verdade, quanto lhe for possível, dando-lhe nosso Senhor vida, e saude, como o mesmo Senhor sera servido conceder por sua bondade, e remedio nosso, e no entanto, que elle por falta de idade não pòde governar, ordenou o mesmo Senhor Rey D. João, q̃ santa gloria haja, q̃ a Rainha sua mulher, governasse por elle por entender, que o faria com muito boa satisfação, e inteireza; o que esperamos da sua grande prudencia, cuja eleição, como tão acertada, tendes todos approvada.

Acabada a pratica, levantouse o Secretario Pedro de Alcaçova Carneiro, e em voz, que bem foy ouvido, leu duas Procurações da Rainha, ambas feitas ao Cardeal, das quaes huma era para que elle por ella, e em seu nome pudesse dar, e jurar a homenagem a seu neto, El-Rey D. Sebastião; dando para isto

ao Cardeal todo seu livre, e cumprido poder, e mandado especial, para por ella poder jurar a dita homenagem; ao que tudo se obrigava de cumprir, e manter sem falta alguma. A outra Procuração, era em que ella, como Tutora de seu neto, ElRey D. Sebastião, dava poder ao dito Cardeal, para por ella, em nome do dito seu neto, poder tomar o juramento ao que os Reys são obrigados em tal cazo. As quaes Procuraçoens o dito Cardeal aceitou, e logo poz por obra, como adiante se verá.

Acabado isto estava presente o Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos de Menezes, com hum Missal nas mãos, e hum Cruz em cima, e levantou-se o Cardeal donde estava assentado, e com os giolhos ambos em terra, se poz diante do Arcebispo, e pondo as mãos ambas em cima do Missal, e Cruz, a primeira couza, que jurou foy a homenagem, que em nome da Rainha, como Governadora do Reyno devia, e fazia a ElRey D. Sebastião, seu neto, e por aquelle juramento prometia de que tanto, que ElRey fosse de idade para poder governar por si o seu Reyno lhe faria entrega delle, sem a isso pôr duvida, nem embargo algum, e de em tudo durante o tempo lhe obedecer, como a seu Rey, e Senhor, e outras palavras, que no tal cazo se uzaõ. Feito este juramento, logo se seguiu o outro pela outra Procuração da Rainha, em

que lhe dava poder de jurar por ElRey, o que fez com a mesma solemnidade, que o primeiro, prometendo, e jurando por parte delRey ao Povo de em tudo lhes guardar justiça, e a manter em paz, e de os tratar com aquelle amor, que a tal povo se devia.

Feito isto se levantou o Cardeal, e se foy pôr de giolhos diante delRey, e lhe beijou a mão, por parte da Rainha, como a seu Rey, e Senhor, e logo o Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, o qual tinha na mão o Estoque delRey, como Condestavel, que era do Reyno de Portugal; o qual depois de jurar a homenagem, beijou a mão a ElRey, e a poz elle beijou logo o Duque de Bragança D. Theodosio, e o de Barcellos, seu filho, e logo o Marquez de Villa Real, e o Marquez de Torres novas, o Conde de Vimioso, o da Castanheira, e o Barão de Alvito, e os irmãos do Duque de Aveiro D. Luis, e D. Affonso de Lancastro, e depois destes o Duque de Aveiro D. João; acção, que lhe foy muito louvada, por se não encontrar com o Duque de Bragança, por evitar contendas. Beijou logo D. Affonso de Menezes, e outros grandes deste Reyno, e não se consentio que lhe beijassem todos a mão, por ElRey ser de tão pouca idade, e estar afrontado da calma. Tornou o Cardeal a levantar-se, e pondo-se de giolhos segunda vez diante delRey lhe beijou a mão por si, e co-

mo Arcebispo de Evora , e apoz elle lha beijou o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, filho do Infante D. Luis , e logo o Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos de Menezes , e o Bispo D. Jayme de Lancastro , e outros , que se achárao na Corte. Acabando estes , se levantárao os principaes Cidades , e por parte da Cidade , e de todos os mais Povos , como cabeça do Reyno , beijárao a mão a El Rey , e lhe derao a homenagem , fazendo nisto as ceremonias , que em tal cazo se costumão.

Acabado o beijamao , estava junto del Rey , D. Joao de Menezes , Capitaõ , que foy de Tangere , e Alferes mór deste Reyno , com a Bandeira Real nas mãos , e desenhandoa , e os Reys de Armas postos em sua ordem , e vestidos com sua Cotta de Armas , se fez silencio na sala , e o Rey de Armas Portugal , disse em voz alta: *Ouvi, ouvi, ouvi*, e D. Joao tremolando a Bandeira , disse em voz bem entoada. *Real, Real, Real*, pelo muito alto , e muito poderoso Principe D. Sebastiao , nosso Senhor, Rey de Portugal. Ao que responderaõ todos os Reys de Armas , repetindo as mesmas palavras: *Real, Real, &c.* A isto acodiraõ todos os instrumentos , que na sala havia de charamellas , trombetas , e timbales , e fizeraõ o seu estrondo , e armonia muy alegre , cousa muito para ver , e fazendo calar os instrumentos , desceo o dito D. Joao de Menezes , Alferes mór , hum degráo

do theatro , e tornou a dizer as mesmas palavras: *Real, Real, &c.* o que tornou a ser repetido pelos mesmos Reys de Armas , e applaudido pelos ditos instrumentos , e por todo o Povo , de q̃ estava cheyo o Terreiro do Paço. Depois disto tomárao El Rey na fórma , em que o trouxeraõ , e o levárao a hum Oratorio do Paço , onde entrou o Cardeal com elle , e D. Lopo , e outros alguns dos Grãdes a fazer oração , e a dar graças a nosso Senhor pela obra daquelle dia.

Neste tempo , que El Rey entrou a fazer oração , se sahiraõ os Cidades , e cavalgárao , levando diante a sua Bandeira da Cidade , a qual tinha de hũa parte as Armas Reays pintadas , e da outra as da Cidade , que he hum Nao com dous Corvos , em memoria do Navio , em que foy trasladado para ella o corpo do Martyr S. Vicente , seu Padroeiro. E era esta Bandeira de damasco branco , guarnecida toda à roda de franja de ouro , e hum barra do mesmo de cada parte , e a haste dourada , a qual levava Sebastiao de Goes , a quẽ a Cidade rogou , q̃ quizesse ser seu Alferes naquelle auto de tanta solemnidade , e elle o fez por muito boa ordem , e junto d'elle hia D. Luis de Castro , Alcaide mór da Cidade , e D. Fernando de Almada , Capitaõ mór , e postos todos a cavallo , esperáraõ , que El Rey voltasse à varanda , que cahe sobre o Terreiro , para dar de si mostra ao Povo , como he uso nestes autos.

Aca-

Acabada a sua oração, appareceo ElRey na varanda, hindo diante o dito D. João de Menezes com a sua Bandeira Real nas mãos, acompanhando a ElRey toda a Nobreza.

Tanto que foy visto do Povo levantárao todos as vozes dizendo: *Viva, viva ElRey, nosso Senhor D. Sebastião*. E logo no mar comessárao a festejalo, disparâdo muitos tiros de artelharía, que do Galiaõ grande S. Sebastião se tirárao, e de outras Caravellas, que no porto estavam, que todas se embândeirárao de festa neste dia; mas acabado elle se lhe tirárao as Bandeiras para continuar o luto, e o dito D. João, Alferes lançou a Bandeira Real fóra da varanda, e tornou a dizer em voz alta: *Real, Real, &c.* e os Reys de Armas as repetirão, e o mesmo fez o Povo com grande alegria. Recolhido ElRey para dentro, aballou a Cidade levando diante trombetas, e timballes, acompanhada de muita, e nobre gente, e encaminhou-se pela Ribeira, pelas portas do Pelourinho velho, levando arvorada a sua Bandeira, e defronte da Cozinha dos Almotacés, deu o dito Sebastião de Goes o primeiro pregação dizendo: *Real, Real, Real pelo muito alto, e muito poderoso, e excellente Principe D. Sebastião, nosso Senhor, Rey de Portugal*. A que acudirão todos os da companhia, e Povo repetindo as mesmas acclamações com muita alegria, tocando todos os instrumentos. Daqui entrou cõ a mesma ordem pelas por-

tas da Ribeira, e na entrada da Rua nova, deu o segundo pregação da mesma sorte, e assim mesmo foy respondido, repetindo todos o mesmo; e foraõ pela Rua nova, no meyo da qual se tornou a dizer o mesmo, e tambem no fim della, e daqui foraõ ao Rocio, e voltárao pela Rua das Arcas, e Correaria, dizendo em todas as ruas duas vezes: *Real, Real, &c.* repetindo todos as ditas acclamações com muita alegria; e chegando à Sé fizerao a ultima acclamação, com as mesmas palavras, tirando todos o barrete, e tocando os instrumentos, e alli se apiárao, e entrárao dentro na Igreja a fazer oração, e foraõ pòr a Bandeira em hũa janella da Camera; e não toraõ à Torre da homenagem, como he uso, por ser já tarde, e tambem por mandar a Rainha dizer, que era escuzado, que alli bastava que a puzessem.

ElRey D. Sebastião tinha, quando o levantárao por Rey, de idade, tres annos, quatro mezes, e vinte e sete dias. E nesta tarde das duas horas até as quatro choveo tres pancadas de agua, muito grossa, e dahi para a noyte fez muito bom tempo. E havendo muita falta de pão, que tinha principiado a faltar havia dous mezes, com grande carestia, e não apparecia já no Terreiro, ou Celeiro publico, genero algum de trigo, ou centeyo, e só vinha algumas vezes alguma cevada, e se algum trigo vinha de Castella se vendia a trezentos e vinte reis, e de França

França por quatro centos reis , e centeyo por trezentos , e a cevada por duzentos reis , *preços todos para aquelle tempo exorbitantes , e hoje tão ordinarios*. E nesta tarde , estando jurando o Principe , entrãrão doze navios de França carregados de pão pela barra dentro , coufa , que se teve a bom final , e todo o Povo o tomou a muito boa estrema , e ventura do novo Rey. E logo abateo o preço , e se veyo a vender o trigo por duzentos , e cincoenta reis , o centeyo a cento , e setenta reis , e a cevada por cem reis.

Ao outro dia , que era Quinta feira , dia da Festa do Corpo de Deos , ordenou a Cidade a sua Procissão , segundo o seu antigo costume , porém no discurso della não houve danças , nem regozijos , como era uso nos outros annos , e sómente junto do Palio , onde levavaõ o Santissimo Sacramento hia toda a Capella del Rey , com suas charamellas , e trombetas , que de quando , em quando tocavão alguns Motetes , e cantavão Psalmos , e Hymnos em louvor do Divino Senhor Sacramentado , e assim chegãrão ao Mosteiro de São Domingos , onde a Procissão se recolheo , como havia alguns annos que se costumava.

CAPITULO XVIII.

Das Ceremonias funeraes dos Escudos quebrados por ElRey D. João o III.

1557.
A Os dezoito dias do mez de Junho , Sexta feira , deste anno de mil e quinhentos e cincoenta e sete , depois do dia do Corpo de Deos , pela manhã sahiraõ todos os Officiaes da Justiça , e Cidadoens da Camera vestidos de luto de panno preto , com os capellos nas cabeças , levando dous Juizes do Crime , e hum do Civel , cada hum seu Escudo , com o pa-
vez preto sem Armas , postos sobre as cabeças sustentando-os com as mãos , e logo Sebastião de Gões enfiava de hum cavallo , todo cuberto de dõ , que chegava ao chaõ , e arrastava mais de vara e meya , e elle com grande capuz , que tambem arrastava pelo chão , e até cinco covados de panno tudo preto , ao redor do pescoço por Béca , o qual levava ao hombro huma hastia preta com huma Bandeira de calhamaço tinta , e romba , que hia arrastando duas varas pelo chaõ ; e logo nos degrãos da Sé se subio Diogo Lopes , que era o Juiz do Civel , com o Escudo , dizendo em alta , e triste voz : *Oh povo Portuguez choray , e senti , com muita dor , e tristeza a morte , e falecimento do vosso bom Rey D. João*
H o III.

III. deste nome , lembravos com quanto amor , e justiça governou estes Reynos trinta , e seis annos , que viveo , choray com muita dor , e tristesa sua morte.

E logo deu com o Escudo no chaõ quebrando o em tres partes ; logo os circunstantes levantáraõ hum doloroso brado com muitos , soluços , ays , e choros lastimosos. E caminhando muito devagar todos a pè , excepto , o Alferes , e Vereadores , que hiaõ a cavallo ; levando varas pretas nas mãos , e alguns outros Officiaes , hindo junto do arco dos Barretes na Rua nova João Rodrigues da Arruda , que era hum dos Juizes do Crime , que trazia outro Escudo , subindo-se em cima de hum banco , que ahi tinhaõ posto para isso cuberto com hũ panno preto , em pé todo cuberto de dò , fez a mesma fala , e quebrou o tal Escudo , estando muita gente junta todos chorando em altos gritos , e assim foraõ tẽ o Rocio , donde o outro Juiz do Crime , posto nos degrãos da escada do Hospital , fez o mesmo , e quebrou o que levava , e dalli foraõ pela Prassa da palha , á Rua das arcas tẽ a Sè , honde se fez hum sahimento , com muita solennidade , por ordem da Camera , estando todos , os que alli hiaõ a elle ; e todos estes oyto dias de doze de Junho tẽ dezanove , não se abrio tenda de official algum , nem nenhum officio mecanico trabalhou publicamente , e isto de seu pro-

prio motu , sem nenhum constangimento , que foy o mayor sentimento , que se sabe houvesse neste Reyno por morte de algum dos seus Reys , excepto de D. João I.

CAPITULO XIX.

De como a Rainha Dona Catharina , governou o Reyno de Portugal.

C Omo a vontade delRey D. João era , que por sua morte ficasse a Rainha Dona Catharina , sua mulber per Tutora do Principe D. Sebastião , seu neto , e Governadora do Reyno de Portugal , atẽ elle ser de idade de vinte annos , tempo , em que poderia ter capacidade bastante para poder reger por si o dito Reyno , de que elle ficava legitimo herdeiro , e assim o deyxou declarado nos apontamentos , que tinha para o seu testamento , o que foy ratificado , e approvedo por todos os Grandes do Reyno , com o fica contado assim no Capitulo 16. A Rainha vendo quam orsaõs ficavaõ os Reynos de Portugal por morte delRey , seu marido com hum só herdeiro , e esse menino de taõ pouca idade , aceitou a curadoria , e tutoria delle , e o governo dos ditos Reynos , mais por caridade de acudir á necessidade do Povo , que por interesse , ou gosto proprio entre tantas magoas , como tinha padecido nas

nas mortes de seus filhos, e principalmente na chaga fresca da morte do Principe D. João, que pouco tempo antes lhe estalára diante de seus olhos, no principio de sua felicidade; e a da morte delRey, seu marido, muito mais fresca, e sensitiva; convocados assim todos os Senhores do Reyno, de cujo conselho se pudesse ajudar, principalmente do Cardeal Infante D. Henrique, seu cunhado, irmão delRey defunto, e Arcebispo de Evora, que tomou por seu Coadjutor, pedindolhe, que a ajudasse a suportar o grave pezo do governo, e negocios do Reyno; começou a governar com muita suavidade, e a tratar do bem commum, e geral dos seus Vassallos, sem faltar ponto assim na administração da Justiça, como nos apparatos da guerra de Africa, e Indias Orientaes, e outras Conquistas, Povoações, e Comercios do Brasil, Guiné, e Ilhas; o que fazia com tanta, e tão boa satisfação, prudencia, e esforço de animo, que fez ventagem a muitos Principes dezejosos de ganhar fama, e honra, como tudo se hirà vendo, nos graves successos de guerra do tempo do seu governo, em tudo bem succedida; não se mostrando avara nos premios, e no fazer de mercès aos Vassallos, dignos, e merecedores dellas, não se descuidando nunca de galardoar os serviços, e merecimentos dos dignos de premio. E igualmente concorria com a cor-

Part. I.

respondencia de Embaixadas, aos Reys confederados, como em vida delRey, seu marido, cumprindo todas as obrigações com summo cuidado.

CAPITULO XX.

Da criação delRey D. Sebastião, e dos Mestres, que o ensinárao.

A Rainha Dona Catharina, e o Cardeal Infante D. Henrique, sobre os quaes estava estribado o pezo do governo do Reyno, e criação do Rey menino, ao qual elles com grande zelo, e amor procuravao todo o bem de seus Reynos, principalmente as virtudes para merecimento da alma, e bons costumes, para ornamento da pessoa, e dignidade Real, ambos com o parecer dos principaes Senhores, do Reyno ordenárao quatro Sumilheres a ElRey a saber: D. Pedro de Menezes, D. Fernando Alvres de Noronha, D. Duarte de Almeida, e Febos Moniz, e para Ayo D. Aleixo de Menezes, por serem velhos, e sufficientes para o instruirem em toda a boa criação, e pulicia, e tratamento de seus Vassallos, e politica, que havia de usar com os Reys, e Principes dos outros Reynos: para cujo cargo ficou D. Aleixo nomeado por ElRey D. João, como logo se dirá, dando noticia da grande

H ij

qua-

qualidade de sua pessoa.

E porque os Mestres dos costumes da alma correspondessem aos da doutrina da pessoa, ordenáram no mesmo tempo dar-lhe por Confessor, o Padre Frey Luis de Montoya, varão douto, e santo, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, e Mestre, que o ensinasse a ler, escrever, e Latim, com outras boas Artes, o Padre Luis Gonçalves da Camera, Religioso da Companhia de Jesus, o qual neste tempo estava em Roma, donde foy chamado, por ser nobre, virtuoso, e douto em todas as Artes, e de grande erudição, e noticia das Historias, e Antiguidades humanas, e muy lido nos Annaes dos Reys antigos, de que podia tirar exemplos de muita doutrina para ensinar, e afeiçoar a ElRey a empresas dignas do animo Real, e apartallo das tyrannias, e outros malles, que alguns Principes executáram com perda das almas, e infamia dos Estados, e da dignidade, e pessoa Real. Tinha o Mestre delRey por companheiros, o Padre Amador Rabello, e o Padre Galpar Mauricio, cômumente chamado, o *Padre Mauricio*, o qual foy nomeado por Mestre dos Moços Fidalgos, e algumas vezes, por indisposições do Mestre Luis Gonçalves, dava lição a ElRey.

Todos estes Padres eraõ da Companhia de Jesus, e Portuguezes, e foy esta eleyção particular do Cardeal, que induzio a Rai-

nha a vir nisso, e procurallo, por ser muito afeiçoado a esta Religião ajudando-a muito, e querendo por esta via adiantala; e foy isto feito contra o parecer de muitos, que entendiaõ não convinha dar a ElRey taes Mestres, e ser mais conveniente, que occupasse aquelle cargo hum Fidalgo Clerigo secular; e o Doutor Antonio Pinheiro, Bispo que depois foy de Miranda, e Leiria, Prégador delRey D. João, homem de gravissimo talento, se queixou muito de o não occuparem neste cargo de Mestre delRey, tendo-o sido do Principe D. João, seu pay, e sobre isso escreveu humma larga carta á Rainha Dona Catharina, onde diz, que he discredito da reputação de sua pessoa ver o mundo a pouca conta, que se fez delle neste caso, para o que elle tinha tanta intelligencia, e que se ficaria julgando erro em seu procedimento: do que a Rainha ficou sentida, mas já lhe não pode dar remedio; e assim o occupou em outros cargos honrosos, até lhe negociar a Mitra de Bispo de Miranda, donde o Cardeal ao diante o mudou para Leiria.

Chegando ElRey á idade competente, começou o Mestre a entender no ensino, e doutrina delle, mas considerando como ElRey D. João foy algum tanto remisso, e descuidado da guerra, applicando todo o cuidado ás cousas do culto Divino, por onde a Milicia começou a esfriarse, sendo pouco favor-

recida,

recida, e chegou a largar aos Mouros as Fortalezas, que os Reis, seus antecessores tinham conquistado em Africa com muito trabalho, e despeza de sua fazenda, as quaes eraõ C, asim, Azamor, Alcacere, Argel, e Arzila, e perdido por força de Armas o Cabo de Guè, o que os Povos, e Nobreza estranhavaõ muito murmurando disso; zelosos os Padres Mestre, e Mauricio da honra de Deos prostrada naquellas Cidades, da exaltação da Fé Catholica, e dos creditos, e accrescentamentos deste Reyno de Portugal, determinãraõ inclinar a ElRey D. Sebastião á guerra, e a restaurar estas quebras, exortando-o com palavras, e exemplos de Reis belicosos, que alcançaraõ insignes victorias, e conquistaraõ grandes Reynos, trazendolhe á memoria o esforço dos seus Ascendentes, do grande Rey D. Affonso Henriques, delRey D. João I. e as venturolas ouzadias dos Reis D. Affonso V. e D. Manoel, e nas materias de escrever, e Livros, em que lhe davaõ lição o persuadiaõ ao exercicio Militar, e a altas empresas de guerra.

ElRey, que de sua natural inclinação era esforçado, e magnanimo de coração, e espiritos altivos, hia com a idade bebendo esta doutrina, e logo começou a dar mostras de animo invencivel; perdendo o temor em todos, e quaes quer perigos. E como a Conquista deste Reyno, a qual com direito

de Armas, e zelo de Religião se pôde emprender, assim para alargar os lemites delle, como para se ampliar a Fé Catholica, seja a Provincia de Africa, vesinha, e inimiga, assim por odio antigo, como pela diversidade da crença, a principal guerra, que os Mestres mostravaõ a ElRey com o dedo era esta contra aquella Provincia, onde as nossas Armas tinhaõ ganhado grande reputação nos tempos passados, e de presente se achavaõ com menos credito, por causa da quebra, e perda das Praças referidas.

ElRey como era moço de sobeja ousadia dezejolo de adquerir fama, e gloria com obras de esforço, concebeo tal odio aos infieis, que cada dia dezejava chegasse já o tempo, e occasião de accommeter com armas aos inimigos da Fé, e executar nelles a ferocidade do seu animo, criado com grande zelo da exaltação da Fé Catholica, e augmentos dos seus Reynos. Taõ orgulhoso se mostrava ElRey no q a doutrina dos Mestres, e sua natural inclinação o convidavaõ, que entrando em mayor idade, todo o seu exercicio, e gosto era falar na Arte Militar, e na Conquista de Africa, dando-se a todo o genero de cavallaria, montar bem, e ligeiro, correr touros, canas, julgar, e tornear, e sahir á caça, exercicios, que todos conduzem, e ensayaõ para a guerra, no que se fez muy destro, levando ventagem

aos Senhores , e Fidalgos de sua Corte , antigos , e exercitados.

CAPITULO XXI.

Em que se conthem hum Exemplo delRey D. Pedro , que em Cortes apontaraõ , pedindo se bem Ayo para ElRey D. Sebastião.

QUando se tratava de eleger Ayo para ElRey D. Sebastião em Cortes , que entaõ houve , se fez hum apontamento sobre isso ; e pedindo se lhe desse pessoa de muita concideraçãõ ; porque na Criação dos Príncipes estava tudo , e apontando outros trouxeraõ hum exemplo delRey D. Pedro , falando sobre os privados , o qual he o seguinte.

Fazendo ElRey D. Pedro Conde de Barcellos a D. João Affonso Tello de Menezes, Irmaõ de Martim Affonso Tello , grande seu privado, com muy notavel solemni-
dade , alem de outros aparatos de festas , mandou lavrar seis centas arrobas de cera , e a noite antes do seu alevantamento arderaõ do Paço , que entaõ era o do Limoeiro , atè o Mosteiro de S. Domingos, onde velou as Armas , sinco mil tochas, mādando ajuntar na Cidade, e vir do termo della sinco mil homẽs para pegarem nellas , e a porta do Mosteyro estavaõ armadas tendas,

e grandes mantens , ou melas de paõ , e tinas de vinho , e muitas carnes, e vacas guizadas para quantos queriaõ comer , e beber , e ElRey pessoalmente andava no Rocio dançando, e festejando o valido com menos authoridade de sua pessoa. Taõ grande cousa era entaõ o titulo de Conde , que por cousa rara era assim applaudida!

A consequencia, q̃ daqui tiravaõ que queriaõ tal pessoa por Ayo, he , q̃ retirasse a ElRey destas facilidades , estranhando-lhe qualquer acção , que não só fosse , mas nem ainda parecesse indecente , e indecorosa à sua Real pessoa ; desórte que creado assim com esta doutrina , fosse ao depois recatado em suas acçoens. Já neste tempo o luxo , e vaydades dos homens tinhaõ apeçonhento aquellas antigas lhanezas , e affabilidades , com que se tratavaõ os Reys antigos , e cõmunicavaõ com seus Vassallos , sem lhe servir de desluzire , ou desauthoridade de suas pessoas , como agora se cuydava desta acção delRey D. Pedro ; o que na verdade não foy ; antes he por isto muyto louvado , e com esta brandura de animo curou muyta parte da ferocidade , e rigor com que se tinha portado em outras acçoens ; mas como já estas acçoens eraõ estranhadas , he digno de louvor o pensamento presente , pelo muyto bem apurado que queriaõ tal Rey para hum tal Reyno.

CAPITULO XXII.

*Em que se trata de quem foy D.
Aleixo de Menezes, que
ElRey D. João III. fez
Ayo do Principe D.
Sebastião seu neto,
e dos filhos que
teve.*

DOm Aleixo de Menezes foy filho de D. Pedro de Menezes, que ElRey D. Affonso o V. fez Conde de Cantanhede, por carta sua dada em Evora em 6. de Agosto de 1479. e de sua segunda mulher Dona Beatriz de Mello, filha do Chanceler Ruy Gomes de Alvarenga. Começou a servir em Africa de muy pouca idade, e com seu tio Dom João de Menezes se achou na tomada de Azamor no anno de 1513. Passou à India em companhia do Governador Lopo Soares de Alvarenga, onde começou a servir de Capitão mór de huma Esquadra de oito navios, com que correo a costa da Arabia. E quando no anno de 1517. foy o Governador buscar ao mar roxo a Armada do Soldão de Babilonia, foy elle por Capitão da não Almiranta, e pelejou com os Mouros em Judá: e se achou na tomada de Zeyla na costa da Ethiopia nas portas do Estreyto, e de Calayate o mandou o Governador aprestar

asnaos, que haviaõ de vir para o Reyno no anno de 1518. Foy a Malaca meter de posse daquella fortaleza a Affonso Lopes da Costa, onde pelejou com ElRey de Bintam, e lhe defendeo aquella Fortaleza, que tinha cercada, e lhe tomou o Forte de Muar, que tinha feyto sobre o rio, onde entre os mais despojos se ganhãrão mais de setenta peffas de artilharia, e daqui aviou, e despedio para Maluco a D. Tristaõ Manoel, e se tornou para a India, onde o Governador o deyxou em seu lugar humavez no anno de 1520. indo soccorrer a Fortaleza de Coulaõ, que a Rainha daquelle Reyno tinha muy apertada.

No anno seguinte, em outra occasião despedindo-o de Comorim, onde o fora acompanhando com ElRey de Cambaya, e com o nome de General das galés, e navios de remos, o fez hir governar em seu nome: pelejou com Melique Az, e com grande nome se tornou ao Reyno, onde ElRey o mandou visitar, reformar, e prover as Fronteiras de Africa, onde estava por Capitão em Arzila D. João Coutinho, Conde de Redondo, seu primo. Em Azamor o Conde do Prado, que succedera a D. João Mancel, e em Tangere D. Alvaro de Abranches, que succedera a D. Duarte de Menezes. Tornando desta Commisção foy eleyto em Concelho por VisoRey da India, no que ElRey D. João
naõ

naõ coveyo pelo querer para outras cousas de intima confiança, sobre as quaes o mandou por Embayxador ao Emperador Carlos V. e depois no anno de 1542. affistio, e tratou dos negocios do Cazamento da Princeza Dona Maria com o Principe D. Felipe, e com ella foy a Castella por seu Mordomo mór, onde assim do Emperador, como do Principe foy tido em grãde estima, e por voto, ou parecer de ambos foy escolhido por Padrinho do Principe D. Carlos, o qual em quanto viveo mandava vizitar todos os annos a D. Aleixo. Ficou por Testamenteiro da dita Princeza, a qual lhe deixou sinco mil reales de renda nas Alcavalas de Sevilha, e levando-se o testamento ao Emperador lhe dobrou a quantia, e para effeito de pessiurem estes dez mil reales habilitou seus filhos.

Quando morreo a Princeza recolhendo-se o Principe em hum Mosteiro, ficou D. Aleixo entregue de toda a sua Casa, e da pessoa do Principe D. Carlos, que teve atè o entregar em Valhadolid. Tornando a Portugal o quiz El Rey D. Joã fazer Ayo do Principe D. Joã, seu filho, o que elle naõ accitou, desculpando-se com a tristeza, e sentimento da morte da Princeza, e por muitas instancias, que nisto teve de parentes, e amigos, naõ se lhe pode persuadir outra cousa, e quando depois succedeo a lastimosa morte deste Principe, no principio de sua idade, col-

tumava dizer, que: *se morrêra estando encarregado delle, se fora a hum dezerto, e vivera com o proprio desgosto, que seu tio D. Joã Manoel pela morte do Principe D. Afonso filho del Rey D. Joã o II. que morreo em Santarem, correndo com elle parellhas, da queda, que deu o cavallo.*

Acceitandolhe El Rey taõ piedosa desculpa, o fez Mordomo mór da Rainha Dona Catharina, sua mulher, o qual Officio servio atè a morte del Rey D. Joã, que já o tinha designado para Ayo del Rey D. Sebastião, seu neto, e com esta tenção fez sua Aya a Dona Joanna Dêça de Menezes, sua irmã, mulher, q̃ fora de D. Bernardo Coutinho, seu primo cõ irmão, a qual entregou o Principe em nascêdo, e lhe deu doze Dõas viúvas, que haviaõ sido mulheres de Fidalgos, e Cavalheiros, e honrados, para que estivessem debaixo da sua obediencia, e assistissem ao serviço do Principe, além de outras criadas inferiores, e deu ordem a D. Aleixo, que corresse com a criação do Principe, e acudisse ao que importasse, e naquella fôrma de testamento, que tinha mandado fazer o declarou por seu Ayo, acrescentando, que em caso, que a Rainha morresse, ficasse El Rey debaixo da criação dos dous irmãos, e da tutela do Cardeal D. Henrique, atè ser entregue do Reyno.

Em todo este tempo, que houve, atè a entrega do Reyno, teve car-

go do Governo, pessoa, e Caza delRey, cerrando, e abrindo portas, despindo-o, e vestindo-o, e acompanhando-o em todo tempo, e lugar, e assentando-se em hum cadeira raza nas proprias cazas, em que ElRey estava, e cubrindo-se. Tinha superintendencia nos Sumilheres, que serviaõ ás fomanas, e sobre todos os Officiaes da Caza delRey, e no dia em q̃ ElRey tomou entrega do governo, o acompanhou atè á Cadeira Real, que estava em hum estrado, e a ella esteve encostado em pé, em quanto se fez a cerimonia da entrega dos Sellos, que sendolhe entregues pelo Cardenal, seu tio, tanto que respondeu á Pratica, se voltou para D. Aleixo, e com muitas mostras de amor, e obediencia lhos entregou, e elle os teve na mão, em quanto duráraõ as mais ceremonias.

CAPITULO XXIII.

Em que se prossegue a mesma materia de D. Aleixo de Menezes, Ayo delRey.

FOy D. Aleixo de Menezes pessoa de singular modestia, porque querendo ElRey D. João fazello Conde de Val de Reys, assim por seus serviços, como pela auctoridade do cargo, que lhe queria dar, elle o não quiz aceitar, dizendo que era pobre para Titulo, e

Part. I.

delRey D. Sebastião não teve, nem aceitou mercè alguma, dizendo; *Que em quanto o tirasse em seu poder não pediria, nem aceitaria cousa alguma, porque senão attribuisse mais a valia, que a merecimento proprio.* E cahio enfermo no principio do governo delRey sem mais despachos que a Alcaidaria mór de Arronches, que se lhe deu em satisfação da Comenda da Redinha, que se tirou a seu filho por hum Breve, que entaõ veyo do Papa, em que ordenava, que as Comendas dos pays, senão podessem dar aos filhos.

Tomou ElRey D. Sebastião á sua conta todas as obrigaçoens de seu Ayo, para despachar seus filhos com Titulos, e lugares, tanto que cazasse, mas como faltou sua vida, e casamento, assim ficáraõ por galardoar seus grandes serviços. No primeiro dia, em que lhe entregáraõ a ElRey D. Sebastião apeando-se de noite á sua porta lhe deu hum pagem hum papel, e acabando de ceiar com sua mulher, o abriu, e vio, que tinha hum cota, que dizia assim: *Se Vossa merce quizer ver, e saber a vida, e espantosos successos deste Principe, que hoje lhe entregáraõ, leya esse papel.* Tanto que acabou de ler isto, o queimou, e estranhando-lho sua mulher, lhe respondeu: *Que ElRey D. João lhe entregara a Princeza, sua filha, que morrera de muy pouca idade, de que sempre tivera grande desgosto, e que Deos o livrara de outro mayor,*

I que

que houvéra de ter, se lhe morrêra em seu poder o Principe D. João, e que agora sem agouros, e livre de temores, e sobre saltos queria criar aquelle Principe, que Deos dispozesse delle, o que mais servido fosse.

Casou D. Aleixo duas vezes, a primeira com Dona Joãna Manoel, sua sobrinha, filha de D. Henrique de Noronha, irmão de D. Pedro, Marquez de Villa-Real, e de Dona Maria Manoel, irmãa do mesmo D. Aleixo, do qual casamento houve a Dona Luiza de Menezes, que cazou com D. Pedro de Menezes, Senhor de Cantanhede, para ajuntar á caza de seu pay, e avós, a fazenda, que tinha, e porque esta Senhora morreo de parto, e sem filhos, quiz D. Aleixo cazar D. Pedro, com huma sobrinha sua, filha de Dona Joãna de Menezes, sua irmãa; mas porque D. Pedro tinha olho á Caza de Alconchel, cazou em Castella com sua prima Dona Ignez de Zuniga, filha de D. Fadrique de Zuniga, Senhor de Miravel; pela qual razão, D. Aleixo sendo de setenta annos de idade se cazou por ordem delRey, com Dona Luiza de Noronha, filha de D. Alvaro de Noronha, da qual Senhora houve a Dona Luiza de Menezes, e a D. Alvaro, a D. Pedro, a Dona Mercia, mulher de D. Luis Coutinho. Conde de Redondo, e a Dona Beatris, que morreo menina, D. Luis havendo oytto mezes, que era cazado com Dona Luiza de Mene-

zes, filha de D. Fernando de Menezes, e de Dona Felippa de Mendonça, e tendo vinte e tres annos morreo na batalha de Alcáçere sem filhos, cazou depois esta Senhora com D. Constantino de Bragança, primo com irmão, de sua nãy, filho do Marquez de Ferreyra.

D. Alvaro de Menezes, filho segundo de D. Aleixo, foy Pagem da Campanha delRey D. Sebastião, o qual cargo teve de dez annos. Foy particular favorecido delRey vestindo-o, e despindo-o, depois de recolhidos os Sumilheres, que eraõ cazados, ficando com ElRey, todas as léstas, que os Sumilheres semaneiros vinhaõ, dada a hum a, e D. Alvaro sahia a comer, e para isso tinha caza no Paço, e lhe tinha ElRey prometido grandes mercês, que desbaratou a jornada de Africa, na qual cahio D. Alvaro muito ferido, junto a ElRey, onde ficou por morto. e depois de ser cativo, lhe deu ElRey D. Henrique os bens da Coroa, que haviaõ sido de seu irmão: ElRey o cazou com Dona Violante, filha de D. Valco da Gama, Conde da Vidigueira, fazendolhe mercê, em sete vidas de tudo o que possuia da Coroa, sendo descendentes da dita Dona Violante, da qual houve a D. Aleixo de Menezes, q se meteo Frade de S. Francisco, e a Dona Luiza de Menezes, que cazou por amores com Lourenço de Souza, Apozentador mór, e a Dona Maria de Noronha, que tam-
bem

bem cazou por amores no Mosteiro da Castanheira, onde se criava com D. Pedro Manoel, seu tio irmão do Conde de Atalaya.

D. Pedro de Menezes, filho de D. Aleixo, se criou no Paço, com seus irmãos, e ElRey D. Sebastião o mandou estudar a Coimbra com muitas mercês, e favores, e dando lhe no Paço, hum quarto, em que vivesse, e sendo de quinze annos, tomou o Habito de Eremita de São Agostinho, e mudando o nome se chamou Frey Aleixo, e sendo Prior de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, foy a Madrid a negocios de sua Ordem, onde a primeira vez, que falou a ElRey lhe mandou dizer, que o havia de occupar em serviço de Deos, e seu, e pela tenção, que tinha o nomeou por Arcebispo de Goa, Primaz da India, sendo de trinta e cinco annos, que elle aceitou com grande repugnancia, e naquellas partes fez o que he notorio, ao mundo, assim no espiritual, como no temporal, as vezes, que Governou, nas vagantes de Viso-Rey, e nos tres annos, e hum mez, que depois o foy: no espiritual, desterrando os peccados, e abuzos da licença Militar, que a conversação dos infieis tinha introduzido naquellas partes, e reduzindo ao Gremio da Igreja Catholica, os antigos Christãos de S. Thomè, que tantos annos havia estavaõ cismaticos, apartados do caminho de sua salvação, e outras obras verdadeiramente Apostolicas, e vindo

Part. I.

da India, o fizeraõ Arcebispo de Braga, e depois hindo a Madrid sobre negocios do Arcebispado o fizeraõ Prezidente do Concelho de Castella, onde falleceo.

CAPITULO XXIV.

Do que o Emperador Carlos V. disse em abono de D. Aleixo de Menezes quando soube ser eleyto para Ayo delRey D. Sebastião. E de como a Infanta Dona Maria se vio com a Rainha, sua Mãe em Badajòs.

ENfadada já a Rainha Dona Leonor, terceira mulher delRey D. Manoel de Portugal, e segunda de Francisco de França, de solicitar cazamentos para a Infanta Dona Maria, sua filha, vendo-os todos estorvados por ElRey D. João o III. seu entiado, e irmão da Infanta, por respeitos, que lhe pareciaõ ser assim conveniente, tratou por ultimo, no fim do anno de mil, e quinhentos e cincoenta e seis, de que ella fosse para sua companhia, valendo-se do Emperador Carlos V. seu irmão, e da Rainha Dona Maria de Ungria, irmã de ambos, para que ElRey o não impedisse. Mas elle que lhe pareceo peyor esta faida da Infanta, que as que antes se tinhaõ pertendido, mo-

I ij

veo

veo novos tratos de cazamentos, para que, ou a Infanta sahisse para Estado mais honrado, ou ficasse permanecendo neste Reyno, onde viviria mais honrada, que fóra del- le, sem estado, como desterrada, posto que na companhia de sua mãy. Para cujo effeito mandou Lourenço Pires de Tavora a Castella tratar isto com o Emperador, que neste tempo tinha renunciado o Imperio em seu irmão D. Fernando, e os Reynos de Castella em seu filho D. Felipe, para se recolher ao Mosteiro de S. Justo, como logo fez. Partio Lourenço Pires no principio do mez de Janeiro do anno seguinte de mil e quinhentos e sincoenta e sete, e tratando com o Emperador o negocio a que hia, entre outras cousas, lhe deu conta da eleição, que El Rey fazia de D. Aleixo de Menezes para Ayo do Principe D. Sebastião, seu neto; ao que o Emperador respondeo, approvando o acerto, com humas tão notaveis palavras, que por taes, e por suas, e por ser hum grave testemunho em seu abono as quero pôr aqui assim como as refere o dito Enviado em huma carta, que de Valhadolid, Corte então de Castella, escreveo ao dito Rey, que no que toca a este particular diz assim.

Communiquey com o Emperador o pensamento de Vossa Alteza sobre o escolher por Ayo do Principe D. Sebastião a D. Aleixo de Menezes, e lhe nomeey os mais, que se apontavaõ, dandolhe as ra-

lões, que havia em cada hum para ser nomeado, e quando lhe quiz dar as que concorriaõ em D. Aleixo, me atalhou com estas formaes palavras: *Para Don Alexo no es menester mas, sino que es Don Alexo, y si como yo le escogi para Padrino de un solo nieto, y heredero, que Dios me ha dado, pudiera escogerle para su Ayo, no pusiera yo esta eleccion en concejo, ni le diera en España competidor al Officio; lo que pude hize, y ansi lo haga El Rey my hermano, pues Dios le ha hecho merced que teniendo nieto le pueda dar tal Ayo.* Fiz memoria das palavras, e cuido que não accrescento, nem diminuo nellas: está de parecer, que ou senão dilate, ou senão trate mais em concelhos esta materia; porque ou senão dé materia aos nomeados de se recentirem, vendo-se excluidos, ou de pouco gosto a D. Aleixo, sabendo que se disputa de sua sufficiencia entre competidores. Até aqui o Capitulo da carta de Lourenço Pires de Tavora para El Rey.

Sobre o negocio da Infanta, a que era mandado se disputou largamente de parte a parte em varias conferencias, que tiveraõ não desistindo a Rainha Dona Leonor da pretensão de que a filha fosse para sua companhia, nem os irmãos de a favorecer, e ajudar neste intento; porque se a Infanta houvesse de cazar (diziaõ elles) de sua caza o podia muy bem fazer, com que por evitar mayores desgostos, veyo El Rey

Rey D. João a permitir, bem contra sua vontade, que a irmãa fosse para caza de sua mãy, que tendo voltado de França, assistia neste tempo em Castella. Os Cazamentos, que ElRey agora apontava para a Infanta eraõ parte dos que antes tinha impedido, a saber D. Fernando Emperador, homem veuvo já idoso, e seu filho III. Archiduke de Austria, e o Duque de Saboya, cujos tratados queria, que se movessem de novo, e cometessẽ, aos appontados; mas nenhum teve effeyto; porque a Infanta já neste tempo cuidava mais em servir a Deos em estado virginal, que em cazar, e assim corria fama, que ella queria hir ver sua mãy, e depois meterse Freira lá em Castella, no que ElRey não convinha: porque se houvesse de ser Freira, melhor lhe estava sello cà em Portugal. Veyo ElRey a falecer (como está dito) antes da partida da Infanta, pelo que se tornou a embarçar por via da Rainha Dona Catharina, Regente do Reyno, e do Cardeal Infante D. Henrique; mas as ditas Rainhas, suas mãy, e tia tanto trabalháraõ, e apertáraõ com o seu requerimento pedindo já lómente a vezita, e vista de alguns dias em Badajós, que importunados o vierão a conceder, prometendo a Infanta com juramento de que voltaria para o Reyno depois de feita a vizita a sua mãy; e assim o cumprio, porque indo a Badajós com grande aparato, porque se tratava

com muita grandesa, posto que ainda durasse o luto por ElRey D. João, depois de vinte dias, que alli estiverão juntas, voltou para este Reyno, onde foy recebida com o Cântico de *Benedictus*, em applauso de tão generosa acção, com grande credito, e louvor seu, delminhando a oppinião, que havia de q̃ ella se hia com a dita Rainha, sua mãy, a qual, como outro velho Semiaõ, tendo conseguido o que tanto tinha dezejado, morreo dahi a poucos dias, como se contará adiante, e a Infanta ainda depois se lhe offerecia cazar com ElRey D. Felipe de Castella, veuvo segunda vez por morte de Dona Maria, Rainha de Inglaterra; mas não teve effeito, achando o dito Rey serlhe mais conveniente cazar em França, e assim permaneceu a Infanta Dona Maria em perpetua castidade, vivendo sempre muito virtuosamente applicada às Letras, e aos bons Livros com as suas Dónas, e Donzellas, de que se dará mayor noticia na segunda parte no anno de sua morte tratando-se della.

CAPITULO XXV.

*Em que se contem o parecer,
que D. Aleixo de Menezes
deu sobre quem se havia
de dar por Mestre
a ElRey D. Se-
bastião.*

TRatando-se em Concelho de dar Mestre a ElRey, entre os mais pareceres, que houve foy este o de D. Aleixo: Que a elle pelo que conhecia da condição e natural delRey, em quem se imprimia com facilidade tudo aquillo, que com capa de virtude se lhe representava, lhe parecia que o Mestre delRey não fosse Religioso nem secular, mas que se buscasse hum Sacerdote, douto, e virtuoso, que juntamente fosse Fidalgo denobres, e honrados costumes, que sem os dizer de palavra, os mostrasse por obra, e que lhes não parecesse acerto o de haverem de eleger Religioso; porque como entre elles o mundo, e a obediencia era em grão extremo, e fóra da mediana politica, com que os Reys mandaõ e os Vassallos obedecem, e nelles por ser obrigada com votos, era tudo com excesso, mandando, ou obedecendo; porque apoderãdo-se da doutrina delRey tiraria hum Principe imperioso, e intoleravel em mandar, e por outra parte na execução das

cousas fugeito, e cativo ao gosto, e conselho de seus Vassallos privados; porque não podiaõ acertar nestas duas cousas aquelles, que mandando, ou obedecendo chegavaõ sempre ao extremo, que como ElRey tinha o animo tão facil em se lhe imprimir tudo aquillo que com capa de Religião se lhe persuadia, nenhuma cousa quereiaõ assim do governo publico, como do particular da pessoa delRey, que a não conseguissem por esta via, e que assim como seria perigoso na inclinação delRey haver quem lhe distraisse o animo, e o inclinasse á incontinencia, assim tambem poderia haver perjuizo em ter quem com demazia lhe tirasse o brio juvenil; e inclinado ao que dentro dos limites da nobresa, e christandade se permitia aos Principes; porque da inclinação delRey entendia que se a maduresa de quem o guiasse, não soubesse ter meyo, elle sempre se inclinaria a hum dos extremos, pela efficacia, com que aprendia as cousas.

Lembrou mais que convinha entre aquellas primeiras letras hir-lhe lembrando exemplos de guerra, e de governo tirado dos successos dos Livros, e Historias, que se lessem: para nenhuma das quais cousas, lhe parecia accommodado Religioso; porque o modo da sua criação hia fundado em huns termos tão differentes do que importava para hum Republica, a que nunca seu voto podia ser muy importante

portante ao Estado do Reyno; e nas cousas de guerra como tão alheyas de sua proficção, ou as ignoravaõ de todo, ou lhe conheciaõ só os effeitos de vencer, ou ser vencido, sem medirem as causas, e meynos, por onde se vinha a estes fins, e tinha a experiêcia mostrado de poucos annos a esta parte no Reyno de Ungria, e na Transilvania como o tratarem dous Religiosos das cousas de guerra, e aconselharem os Reys nellas, meteraõ aquelle Reyno na sojeição do Turco; porque guiados de hum bom zello da exaltação da Fé, e por ventura cuidando, que só esta piedade basta; medem mal os meynos humanos, e a força, e o estado do Principe, a quem aconselhaõ.

Advertia que dado humavez Mestre, e começando a ter conhecimento da natureza del Rey, seria impossivel, apoderado humavez do seu animo, apartarem-no delle por mais deligencia, que se fizesse; porque em amar, e aborrecer não sabia ter meyo, e q̃ sendo hum Fidalgo de virtudes, letras, madureza, e conhecimẽto das cousas do mundo, tinha tudo o q̃ hum Rey havia de mister para seu Mestre, e cessavaõ as cousas, que faltavaõ no Religioso, e que as satisfações deste cargo, quando muito paravaõ em hum Bispoado; o que esta pessoa já por suas letras, e qualidade merecia, sem esta occupação, o que tambem militava no Religioso, mas que trafia consigo de mais, a

mais as continuas pretensões para a sua Ordem, que podiaõ vir a ser de grande concideração no estado, e fazenda de tão piqueno Reyno, e concluhia, que qualquer que o Mestre fosse se tivesse advertencia em não ter maõ com El Rey em mais que nas cousas tocantes a seu cargo; porque algumas vezes ouvira dizer ao Emperador Carlos V. que: *Os Principes instruidos nas Artes do Governo, e guerra, tinhaõ sciencia bastante em sabendo resar por humas Horas.*

Houve neste voto, e nos mais altercações de varios dias, e como o Cardeal negoceava em publico, e em secreto, veyo a persuadir a Rainha que se escolheffe dos Padres da Companhia, e assim mandou a Rainha a Roma pelo Padre Luis Gonçalves da Camera, a quem foy entregue a pessoa del Rey para o doutrinar na lingua Latina, e mais Artes necessarias á indole, e boa criação de hum Principe, como fica dito acima no Capitulo 20. tratando-se da sua criação, e das pessoas, que lhe assinação para o doutrinarem.

CAPITULO XXVI.

De como a Rainha Dona Catharina mandou visitar o Emperador, e a Rainha de Ungria pela morte de sua irmãa a Rainha Dona Leonor.

1558

A Cabadas as vistas referidas no Capitulo 24. dahi a poucos dias em 25. de Fevereiro do anno de 1558. Faleceo a Rainha Dona Leonor, irmãa do Emperador Carlos V. e da Rainha Dona Catharina de Portugal, em Talaveruela de Badajós, e foy sepulrada no Mosteiro de S. Lourenço do Escorial. Foy filha de Felipe I. Rey de Castella, Archiduque de Austria, e da Rainha Dona Joanna, sua mulher; casou com ElRey D. Manoel de Portugal, sendo sua terceira mulher, de quem teve o Infante D. Carlos, que morreo menino, e a Infanta Dona Maria, em quem já se falou algumas vezes, e se hà de tratar adiante em Capitulo particular com largueza na II. Parte. Por morte delRey, seu marido ficou a Rainha Dona Leonor muito moça, e sendo muito fermosa, e virtuosa Senhora, não queriaõ os povos que ella voltasse para Castella, antes tinhaõ grande gosto, e desejo que ElRey D. João III. seu primo, e enteado, que de novo principiava a Reinar, cazasse

com ella, e a Camera de Lisboa se atreveo a incitallo a isso, com hum papel de muito boas, e ajustadas razoes, às quaes attendendo o Pontifice não duvidaria (diziaõ elles) em conceder a dispensação. Mas ElRey considerando ser cousa veigenhosa tomar por mulher aquella, que tratava por mãy, não contentio, e casou depois com a Infanta Dona Catharina, irmãa mais moça da dita Rainha Dona Leonor; e succedendo neste tempo a Batalha de Pavia, e prisão de Francisco I. Rey de França, pelo dito Emperador, por bem de pazes, tratando-se dellas, achando-se o Francez veuvo, pedio por mulher a dita Rainha ao Emperador, seu irmão, e se fez o casamento; pelo que partio a Rainha para Castella, por ordem do Emperador, seu irmão, com grande pezar dos Portuguezes, e dahi foy para França onde viveo com seu marido vinte annos, e viuvando sem filhos voltou para a companhia do Emperador seu irmão, e com elle andou em Alemanha, e vindo depois para Castella, viveo muy pouco tempo, sempre suspirando pela vista da Infanta Dona Maria, sua filha, atè que a conseguiu, mas, logrou pouco tempo este gosto.

Sabendo a Rainha Dona Catharina de Portugal da sua morte, por aviso, que della lhe mandou sua irmãa a Rainha Dona Maria, veuva de Luis, Rey de Ungria, que

que lhe affistio na morte , mandou logo vizitar a dita Rainha , e o Emperador , seu irmão , por Bernardino de Tavora , dandolhe os pezaumes da falta da defunta , e a summa do que mandava dizer, ao Emperador , era: Que do falecimento da Rainha de França , sua irmã , tivera ella , e tinha aquelle grande sentimento ; que era razão , e que requeria tão grande amor , e tão chegado parentesco ; mas que no que nosso Senhor ordenava não havia contrariar , senão tomar tudo como da sua mão , que o que faz he o melhor , e o que mais nos convem , de quem se póde esperar consolação verdadeira , em tal cazo , e que a consolava muito saber que a dita defunta acabára tão catholicamente , e tão conforme com a vôtade Divina naquella hora , como sempre vivera em toda a sua vida , pelo que , e por todas as suas obras , e grande virtude , esperava em nosso Senhor mediante a sua Misericordia , lhe daria a sua gloria , pelo que ainda que a lembrança desta perda lhe fosse a ella muy continua e muito para lhe doer , e sentir , todavia lhe dava muito grande cuidado entender que a havia sua Magestade sentir com aquelle grande excesso de amor , que ella sabia q' lhe tinha , pelo que lhe pedia que com sua muy grande prudencia o quizesse moderar , e dissimular o melhor que pudesse , lembrando-se de quanto dâno podia fazer á sua disposição , e quanto emportava

Part. I.

sua vida ao serviço de Deos , e ao bem de toda a Christandade , e que se a ella fora possivel o hiria servir com muy boa vontade naquelle proprio lugar da Rainha , sua irmã , mas que em cumprir com a sua obrigação , que tinha de governar estes Reynos de seu neto , tambem entendia fazerlhe serviço , pedindolhe muito a avizasse de sua disposição.

Depois falavalhe nas cousas da Infanta Dona Maria , a quem a defunta Rainha , sua mãy deixou os seus bens , como a unica filha , herdeira sua , sobre o que se achava confuza pela pouca declaração , que a Rainha de Ungria mandára á Infanta , e assim lhe pedia conselho de como obraria , principalmente nas deixas de França , porque pelo muito amor , e obrigação , que tinha á dita Infanta , como de mãy , que na verdade lho era , pois a criára em sua Caza , devia cuidar muito nos seus particulares ; o que elle tambem devia fazer , e obrar á cerca das cousas da dita Infanta , como seu proprio pay , pois ella com tanta razão o tinha por tal , e esta conta fazia delle sempre , e que dezejava muito seu parecer á cerca do modo , com que procederia com El Rey de França nos negocios da dita Infanta , e se mandaria a isso , alguma pessoa , e de que qualidade seria , e que mandaria dizer , e pedir. E á cerca do mais , que a defunta deixava á dita Infanta , sua filha , não tinha que encomendar a

K

sua

lua Magestade, tendo por certo q elle havia de obrar assim, como lho merecia a Infanta, e que aquella mesma confiança era razão que ella, e a dita Infanta tivessem de seu filho ElRey D. Felippe de Castella, assim no que tocava a França, como em tudo o mais, no que senão alargava mais em quanto não visse o Contrato do cazamento da dita Rainha com ElRey de França, e os mais papeis tocantes a esta materia, que a Infanta mandava pedir.

E á Rainha de Ungria dava os mesmos pezames, pedindolhe muito quizesse moderar a sua pena, e saudade, q pela falta de tão virtuosa, e amiga irmãa, padecia, conformando-se com a vontade de Deos, que assim o dispôs, e consolando-se de a ver acabar tão catholicamente, como vivera, e não quizesse prejudicar com o seu demaziado sentimento, a saude, de q tanto necessitava, para acompanhar, e tratar do Emperador, seu irmão, dandolhe tambem os agradecimentos das mercês, que fazia á Infanta Dona Maria, sua sobrinha, as quaes lhe affirmava empregallas bem nos seus merecimentos, e no muito, que a dita Infanta lho sabia agradecer, e estimar, e que desejava muito ter mayor inteireza de suas cousas, para cuidar nellas, como era razão, e assim esperava ver as clarefas, que a dita Infanta lhe mandava pedir, pois nos seus particulares estava obrigada a

obrar como propria mãy, e não ló como tal, mas ainda lhe devia corresponder como proprio pay, pois nosso Senhor fora servido levar para si a ElRey, seu senhor e marido, e deixalla a ella em seu lugar.

Com este recado da Rainha partio Bernardino de Tavora de Lisboa para Castella em seis de Março do dito anno, e levava por instrucção, que por vias secretas procurasse saber do estado das cousas da Infanta, em que termos, e em poder de quem ficou a sua fazenda, de que quantidade, e qualidade se dizia que era, e o que se fizera, e tratara com os criados, e criadas, que ficaraõ da Rainha, e onde estavaõ.

Escreveo tambem a Infanta Dona Maria aos ditos Emperador, e Rainha, seus tios, dandolhe os pezames da morte da Rainha sua mãy, que muito sentia, como pediaõ rasoens tão principaes, e conjuntas, dava os agradecimentos á dita Rainha de Ungria do aviso, que lhe mandára do que a dita sua mãy deixava ordenado ácerca della, e porque pelo traslado do Testamento senão inteirava bem no conhecimento, que devia ter daquellas materias, pedialhe a Escritura do Contrato do cazamento da Rainha, sua mãy com ElRey de França, e os mais documentos, que houvesse, para tratar de sua justiça com ElRey de França, e no mais como conviesse.

Tambem a Rainha Dona Catharina

tharina mandava dar parte ao Emperador, seu irmão do estado das cousas de Africa, alteraçõens daquella Provincia, entrada dos Turcos nella, morte do Xarife, e de seu filho Rey de Fés, no que se devia cuidar muito, porque destas alteraçõens, e novidades se podia seguir grande prejuizo a Hespanha, como já se experimentara nos tempos passados, o que se devia temer assim pela vezinhança destes Reynos, como pela muita força, e industria dos inimigos, não podendo deixar de estranhar o grande descuido, que em Castella havia ácerca de cousa de tanta importancia; encomendando muito a sua Magestade que attendesse a isto, para que se atalhasse com tempo tão grande mal, e que ella no que tocava aos particulares, e parte destes Reynos, visto quanto tambem nisso lhe tocava, procuraria de trabalhar, e fazer tudo, o que pudesse, conforme ao que convinha, e era necessario se fizesse em tal cazo; de cuja materia tinha já mandado dar conta á Princeza, sua filha, e ao seu Concelho. Governava neste tempo os Reynos de Castella a Princeza Dona Joanna, por seu irmão D. Felipe, que estava ausente em Flandes, tendo o Emperador já renunciado nelle os ditos Reynos, e o Imperio em seu irmão D. Fernando.

CAPITULO XXVII.

De como Lourenço Pires de Tavora foy por Embayxador a Roma, e dos negocios de sua Embayxada.

Lourenço Pires de Tavora, Fidalgo da Caza del Rey D. João o III. e do Concelho del Rey D. Sebastião, ramo illustre do seu Apellido, e quarto Senhor da Caza de Caparica, foy o Vassallo, que por estes tempos fez os mayores serviços a esta Coroa em todos os negocios politicos, e não o menor em alguns da guerra por sua prudencia, saber, e discrição. Primeiramente foy por Embayxador del Rey D. João o III. a El Rey de Fés, Muley Hamete para o incitar a fazer guerra ao Xarife Muleima, que de homem particular, filho de hum Cacis, com pretexto de zelo da sua Religião se tinha feyto Rey de Sus, muito poderoso entre os Mouros, e muito prejudicial ás nossas Fronteiras de Africa, e por isso trattava El Rey D. João de o destruir, e não teve effeito. Voltado de Africa o mādou o dito Rey por Capitaõ mór de huma frota de seis náos á India, e chegando a Cóchim soube do terrivel cerco, em que estava posta a nossa Praça, chamada *Dio*, e partindo logo para lá assistio nella até o fim d'elle, e se

achou com muito valor na Batalha, que o Viso-Rey D. João de Castro deu aos Capitaens, e formidaveis exercitos delRey de Cambaya, em que os venceu. Depois foy por Embayxador ao Emperador Carlos V. em Alemanha, e dahi voltou conduzindo para este Reyno a Princeza Dona Joãna, como fica dito. Daqui o tornou ElRey a mandar por Embayxador à Rainha Maria de Inglaterra, a darlhe o parabem de sua exaltação á Coroa, e tratar de casar com ella o Infante D. Luis, seu irmão. Tornou por Enviado do mesmo Rey a Castella a dissuadir a pretença da hida da Infanta Dona Maria para sua mãy.

Em todos estes negocios se houve com tão bom desempenho, que isso mesmo era a causa de senão poder elcular de o meterem de novo em outros mayores, e assim o mandou agora a Rainha por Embayxador a Roma, para dar obediencia em nome delRey D. Sebastião, seu neto, ao Summo Pontifice Paulo IV. no qual não faltavaõ desconfianças de se lhe retardar com ella, e juntamente para ficar naquella Curia tratando dos negocios deste Reyno, em lugar do Commendador mór da Ordem de Christo D. Affonso de Lancastre. Partio de Lisboa pela posta a vinte e dous de

1559. Abril do anno de de mil e quinhentos e sincoenta e nove, e a nove de Junho fez a sua entrada publica em Roma; mas achou o Papa já tão velho, e enfermo que enten-

dendo viveria pouco tempo, refervou o acto da obediencia para o seu successor, e assim succedeo, morrendo Paulo IV. em dezoito de Agosto do dito anno, e sendo homem, q os Padres Thiatinos, Fundação sua, e que delle tornaõ o Apellido, tem por Santo, lá teve não ley que, por onde nunca agradou aos Romanos, e lhe houveraõ de arrastar o corpo morto, como fizeraõ á sua estatua, que pouco antes em adulação sua tinhaõ posto no Capitolio, se os Cardeaes não acudiraõ a sepultalo antes do termo costumado; feito isto se apresentou Lourenço Pires aos Cardeaes juntos em Congregação na Sancristia de S. Pedro, e lhe fez a offerta costumada em tal tempo, dizendolhe.

Illustrissimos Senhores, ElRey de Portugal, meu senhor me mandou, q, acontecendo falecer da vida presente o Summo Pontifice, eu me apresentasse a este venerãdo e Sacro Collegio, e em nome de S. A. offerecesse para o serviço desta Santa Sè Apostolica, todo o seu poder, credito, e fazenda com verdadeiro, e inteiro animo, muy prestes, e aparelhado para em tudo, o que se offerecer, cumprir com a obrigação, que a esta Santa Sé, e á Igreja de Deos todo o Catholico, e Christiamissimo Principe deve ter: Vossas Senhorias Illustrissimas poderãõ dispor de tudo, e animo mandar, porque pela commissão, que tenho delRey meu Senhor estou pròpto para servir em tudo como me for orde.

ordenado, e posto que esta offerta seja em summa, e em poucas palavras, tornarseão em muy grandes obras, todas as vezes que vossas Senhorias Illustrissimas as experimentarem em serviço desta Santa Sè Apostolica.

Respondeo o Cardeal Decano, tirando o barrete, palavras geraes de agradecimento em nome do Collegio. Entrárao em Conclave, e quatro mezes gastárao sem se concordar, em quem havia de ser Pôntifice, até que em vinte e cinco de Dezembro cõcordárao no Cardeal de Florença João Angelo de Medicis, que se chamou Pio IV. O nosso Cardeal Infante D. Henrique, que por morte de Paulo III. chegou a ter dezacete ou dezanove votos para Papa, tornou agora a ter quinze sem negociação alguma, só por seus merecimentos, e fama, que havia de suas virtudes; porque foy muito bom Perlado.

Coroado o Pontifice lhe deu Lourenço Pires obediencia em nome del Rey de Portugal, e entrando nos negocios desta Coroa lhe deu tão bom principio, que os da Inquisição, requerimento tão desejado, e recomẽdado del Rey por sua grãde necessidade como impedido dos Christãos novos com a viveza, com que elles sempre se oppuzerao aos desta qualidade, o alcançou do Papa no primeiro dia, em que lhe falou nelle, e foy a primeira expedição, q̃ assinou depois de Coroado, submetendo-os ás Leys, exames, e castigos della nas materias de seus

erros, e no mesmo Breve concedeo tambem a esta Inquisição de Portugal todas as graças, e privilegios, de que gozavao as de Italia, e Castella. Com o mesmo successo tratou os mais negocios, que teve a seu cargo, que foraõ muitos, e de grande qualidade. Alcançou para o Cardeal Infante D. Henrique a Legacia perpetua destes Reynos; que lhe tinha concedido o Papa Julio III. e Paulo IV. Iha suspendeo no principio do seu Governo; negocio, o mais recomendado del Rey, por evitar a vinda de Nuncios a este Reyno, cousa trabalhosa para elle, e foy esta graça muito estimada por sua utilidade, e por se alcançar em tẽpo, q̃ menos espeiraça havia della.

Houve para El Rey hum subsidio de cincoenta mil cruzados cada anno nos bens Ecclesiasticos, pago por cinco annos, grangeado por sua industria, sem Commissão del Rey. Tomou occasião para este requerimento de outro semelhante, q̃ neste tẽpo tinha feito El Rey de Castella, e tentando ao Papa, e achãdo-o bem affecto, deu conta a El Rey, que estimou o alvitre, e lho agradeceo com muitas rasoes, que lhe elcreveo em huma larga Carta, que conclue assim. *E sómente vos lembro quanto me haverey por bem servido de vós, em me trazerdes esta graça concedida, e expedida, e a lembrança, que disso me ficará para que assim o procureis quanto em vós for.* E o que nisto se passou se vê melhor pelo Capitulo seguinte de hu-

ma Carta de Lourenço Pires.

No processo destas praticas acabou Sua Santidade de se me declarar queria fazer a Vossa Alteza graça dos sincoenta mil cruzados, como lhe pedia, offerecendome eu por parte de Vossa Alteza a servir a Sua Santidade e a esta Sè Apostolica, e dispender a fazenda, e vida em defensão da Christandade. Foy de tão grande contentamento esta offerta para Sua Santidade, e pareceolhe tão importante para exemplo do que se tratava cõ El Rey de Castella, que se deliberou fazer Consistorio para despachar este negocio de Vossa Alteza, antes que respondesse ao Conde Brocardo, e assim o fez, e juntos todos os Cardeaes propoz a obrigação, que os Pontifices, e esta Sãta Sè Apostolica tem a Vossa Alteza, e seus Antecessores pela grande, e perpetua obediencia, que tem, e elles tiveraõ a esta Igreja, e pela continua guerra, que faz aos inimigos de nossa Santa Fè, e que sendo Vossa Alteza o unico Rey Christão, que procurava o augmento de nossa Religiaõ, e que com tanta despeza de fazenda, e Vassallos combate, por seus Capitaens, com os Turcos, e delles tẽ havido muitas victorias, em tempo, em q̃ elles sãõ superiores no pelejar a todas as outras naçoens, seria rasão que esta Sè Apostolica o ajudasse, e favorecesse em suas grandes empresas, nas quaes Sua Santidade tinha informaçãõ ter Vossa Alteza gastado muita parte do seu Patrimonio, e estar individado, e que pedindolhe eu agora soccorro para uma Ar-

mada contra os inimigos da Fé, e de que se seguiriaõ muitos bens, e offerecendo que a dita Armada viria servir esta Sè Apostolica em huma expedição geral, quando a chamaassem, e que posto que para isso eu pedisse ajuda de cem mil cruzados nas Igrejas de Portugal lhe parecia devia de cõceder a Vossa Alteza sincoenta mil sómente, com as condiçoens, que a El Rey Felipe se fez a outra Concessão nos dias passados. Accumulou tambem por muy principal obrigação, que se tinha a Vossa Alteza, a deligencia, com que mandara os seus Prelados para o Concilio, primeiro que todos os Reys, e disto, e do mais disse assaz palavras em louvor de Vossa Alteza, e de seus Reynos; e perguntando aos Cardeaes pelo que do caso lhe parecia? Responderaõ todos differentemẽte do que costumaõ, quando não onsaõ contrariar, dizendo sómente Placet. Mas começando Carpi como Decano, cõ muitos louvores de Vossa Alteza, e os mais Cardeaes por ordem, accrescentando cada hum as melhores palavras, que podia para exaltar o nome, e obediencia, e grandes empresas de Vossa Alteza, trabalhavaõ por vencer hum ao outro: entre os quaes o Cardeal Amulio, que foy Embayxador de Veneza, e de quem o Papa tem muita confiança, disse: Que sómente os Portuguezes eraõ os que neste tempo, quer poucos, ou muitos, esforçadamente combatiaõ com os Turcos, e delles haviaõ continuamente victorias. E desta maneira concluhiraõ todos que a Concessão

era muy justa, e necessaria, e neste commum contentamento, e muita satisfação da graça se acabou o Consistorio, com Sua Santidade tambem mostrar, por me honrar, era razão partir eu contente, accrescentando muitas palavras; a recompensa das quaes deve tambem com outras obrigaçoens tocar a V. A. pois a dita oppinião dos Ministros redunda em serviço dos seus Principes, e tendo elles o proveito, devem pagar as dividas. Fuy ao outro dia beijar opé a Sua Santidade pela Concessão, que tinha feita, e lhe affirme y ter muito mais obrigado a V. A. pelo modo, e pelas boas palavras, que pela mercê, inda que fosse grande, por ser a que se lhe pedia, e o confirme y na oppinião, e confiança, que em V. A. tinha de o servir, e soccorrer a esta Sé Apostolica quando em huma commum necessidade contra infieis fosse chamado. Tornoume Sua Santidade, a referir tudo o que passara no Consistorio, mostrando muito contentamento pela conformidade dos Cardeaes na Concessão, gloriando-se de lhe saber sua proposição conforme a sua vontade, sem ter primeiro prevenido os Cardeaes, como em outros negocios se costuma, e assim tambem de lhes dizer pedia eu cem mil cruzados para se contentarem dos sincoenta. Affirmo a V. A. que o vi neste acto com o mesmo parecer, e satisfação, que podia ter recebendo elle a graça, e nos agradecimentos, que eu por tudo lhe dey, me disse muitas vezes, que aquillo era pouco para o que elle faria, e dezeja-

va fazer em beneficio de V. A. por seus merecimentos, e pela reverencia, e obediencia, que a esta Sé Apostolica tem.

Isto que a Lourenço Pires pareceo huma cousa muito grande, como na verdade era, e por tal foy estimada da Rainha, e dos Ministros do governo, e com que elle voltou de Roma muito ufano, caulou muito grande escandalo, e desgosto em todo o Reyno, por ser pedido, contra Ley, e Direito sem urgente necessidade, e por isso se lhe oppoz o Estado dos prejudicados, provando com muitas razoens a nulidade da Concessão, como adiante se verá no anno, em que o Cardeal mandou executar a Bulla, sendo já Regente do Reyno. Só nisto desacerrou Lourenço Pires, e com tudo teve a fortuna de que ninguem o culpasse, não se presumindo que fosse invenção sua. Cuidou que com isto fazia hum grande serviço ao seu Principe, e enganou-se; porque nunca com estas ajudas de custo se logrou o fim, que se pretendia, e o intento para que se pediraõ; como se verá adiante.

Além destas graças, que parecêraõ de mais difficuldade, alcançou tambem Breves para se dividirem as Commendas, e se lhe pórem põesens; para os Bispos, e pessoas Ecclesiasticas, e Religiosas poderem entrar em todos os Concelhos, e votar em cazos crimes. Para se deputarem em cada Igreja Cathedral, as duas Conessias Doutoraes, que hoje

hoje vemos nellas. Tambem para o Cardeal Infante vizitar, e reformar todos os Mosteiros de Portugal de Frades, e Freiras de todas as Ordens, e isto antes de se lhe ter cōcedido a Legacia. E para que de cada Bispaço fossem nomeadas por ElRey tres, ou quatro pessoas, que sómente servissem de Juizes Apostolicos nelles, e que destes senão dariaõ nunca ás partes os que pedissem. Esta graça, que a experiencia mostra quaõ util fora ao soccego de nossos naturaes ularse ainda hoje della, foy concedida a instancia sómente de Lourenço Pires, sem ter ordẽ delRey para a pedir. Em muitas das Concessões, que ficaõ apõtadas excedeo a sua diligencia a esperança, e nesta até o dezejo.

Em fim de todos os negocios, q̃ levou deste Reyno, e dos que achou por negociar do tempo de seu antecessor, e dos que de novo se lhe encomendaraõ, não ficou algum, q̃ deixasse de negociar muito á vontade, e gosto delRey; além de muitos de pessoas particulares, que sollicitou com grande pontualidade. Largo fora trazer todas as cartas delRey, em que lhe agradece o muito bem que o servia, baste dizer que em nenhum de spacho deixaraõ de lhe hir agradecimentos, mas sempre com mais palavras que mercês. O Doutor Antonio Pinheiro, Bispo que depois foy de Miranda, e Leiria, por cuja mão passavaõ os negocios desta qualidade, em huma carta, que lhe escreveo lhe diz assim:

O exame de Breves, que aqui vouo, deu grande lustre ao cabo de vossa Legacia: os delRey vem bonissimamente expedidos, &c. E o Secretario Pedro de Alcaçova: Nos negocios vera vossa merce o que se offerece pelas cartas de sua Alteza, que fica com grandissimo contentamento do modo, com que todas estas expedições vierão, e com tanto conhecimento disso, que se isto pôde dar alivio nos trabalhos, tem rasão de o receber.

Não se enferrou, só em Portugal o fruto do muito que Lourenço Pires pôde em Roma, que como o não converteo em si pode abranger a muitos. A ElRey D. Felipe de Castella servio bem em algumas occasiões, e particularmẽte em duas taõ importantes, como eraõ querer o Papa, quando mandou o Cardeal de Ferrãra por Legado a França, mandar outro a Castella, e a segunda na Concessão do subsidio, que ElRey pretendia sobre as rêdas das Igrejas, para sustentação de cincoenta galés contra o Turco. Tinha Lourenço Pires adquerido a graça do Pontifice, que delle fazia muita conta, merecêdo-o a sua qualidade, e grande discrição, pela qual lhe dava conta de muitos, e graves negocios da Igreja, e dandolhe parte do intento, q̃ tinha acerca dos Legados, dizendo: Que se resolvia a mandar outro a Castella, para que ElRey senão escandalizasse de elle só ular com França aquella particularidade. Lourenço Pires o advertio, que antes seria ao contrario,

e se

e se escandalizaria ElRey de llo mandar, por q̃ sendo a causa de mandar o outro a França julgar Sua Santidade aquelle Reyno por perdido no que tocava á Sé Apostolica; e q̃ importava usar de todos os remedios para ver se aproveitava algum; e porq̃ o dito Cardeal era lá muito aceito poderia soldar a quebra, e conservar a uniaõ da Igreja; mandando outro a Castella; entenderia ElRey Felippe que Sua Santidade julgava aquelle seu Reyno por tão perdido, nas materias da Religiaõ como o de França, e que tinha a mesma necessidade de remedio. Cõ estas, e outras razoens, o persuadio a mudar de parecer, e mandar se desse conta a ElRey de Castella da causa, porque o ordenava assim, para q̃ não cuidasse outra cousa. E por tudo isto se mostrou o dito Rey muito agradecido a Lourenço Pires. Até os Vassallos del Rey de Castella se valiaõ de Lourenço Pires, cõ a mesma confiança, que os Portuguezes, para alcançarem por sua via os despachos de seus requerimentos na Curia. He boa prova disto as Cartas, que se conservaõ dos mayores Senhores daquelle Reyno, e que entaõ occupavaõ os supremos lugares d'elle, em que lhe faziaõ estas recommendaçoens.

E chegando ao mais, que se póde dizer nesta materia, bem se póde afirmar que não foy a Santa Igreja Catholica quem menos serviço recebeo de Lourenço Pires de Tavora nesta Embayxada, porque com

o credito, que alcançou com o Papa, não occorria negocio algum de importancia, por mayor, que fosse, em que o não consultasse, e pedisse seu parecer, cõfessando que ninguẽ lhe falava mais lizamente, nem tão puro, e livre de respeito.

CAPITULO XXVIII.

Em que se prosegue a mesma materia da Embayxada de Lourenço Pires de Tavora em Roma.

T Eve Lourenço Pires occasiaõ de servir a Republica Christãa em varios, e importantes negocios. Foy o mayor de todos, que se podiaõ offerecer o do Concilio Tridentino, que o Papa logo no principio de seu Pontificado publicou, q̃ queria continuar em proseguimento dos Pontifices Paulo, e Julio Terceiros, (que ambos o abrião, e suspenderaõ) parecendo este o unico remedio dos trabalhos, que a Christandade padecia, e como tal era encontrado, com todas as forças e cautellas dos Hereges Luteranos, ajudados de alguns Catholicos de pouco zelo; e communicando o Papa esta materia com Lourenço Pires desde seu principio por todo o discurso della, e as contradiçoens, q̃ teve, que foraõ grandes, e a puzeraõ algumas vezes a perigo de se desfazer, trabalhou Lourenço Pires de modo em o suster no propo-

sito, e o persuadio a polo por obra com tão vivas, e efficazes razoens, que se conseguio o bom effeito; do q̃ se vê claramente não ser Lourenço Pires o menor instrumento, q̃ Deos tomou na terra para effeituvar huma cousa tão grande, e tão util á sua Igreja. Deltas praticas trataõ muy largamente, e com muita particularidade as Cartas do dito Embayxador, que ainda que he Lenda gostozza, e o Leitor as estimaria, as deixo por abreviar.

Impedio tambem as Espectativas ou futuras Successoens dos Beneficios, por ser cousa escandalosa á Christandade, estando o Papa resoluta a concedellas, e obrigado da efficacia de suas razoens o deixou de fazer. Com tão bom desempenho de sua obrigação, e com tanto fruto universal, acabou Lourenço Pires o termo de sua Embayxada; e vendo que para o trato de sua pessoa, conforme cõvinha á sua authoridade, e honra deste Reyno não chegavaõ os sinco mil cruzados, q̃ tinha de seu ordenado, tẽdo já a sua fazenda muito empenhada, pedio com instancia, que o mandassem

vir, e sendolhe concedida licença duas vezes, outras duas lhe foy revogada; porque era muy conveniente á sua prudencia, e assistencia em Roma; e assim lhe foy ordenado por ElRey, que prolongasse a sua assistencia, ainda até o Outono seguinte daquelle anno de mil e quinhentos sessenta e hum, pedindo elle a licença em Março. Sintio Lourenço Pires muito esta resolução, mas obedeceo, como fiel Vassallo, e obrou, como bom Ministro. Chegado o termo da diſaçaõ, e alcãçada nova licença para voltar ao Reyno, e á sua caza, tendo já mandado adiante seu filho Christovão de Tavora, que o acompanhou nesta Embayxada, e adiante o veremos grande valido delRey, lhe chegou hum Correyo ás vinte, pelo qual se lhe mandava suspender a jornada outra vez; e a causa foy pelo pedir assim Sua Santidade; he cousa muito notavel, vesse melhor da Carta delRey, que por memoria, e honra de tal Varaõ, e do Reyno, que o mereceo ter por natural, a porey aqui, e he a seguinte.

1561.

Carta delRey, para Lourenço Pires de Tavora.

POr via de Andre Telles, meu Embayxador na Corte de Castella recebi as vossas Cartas de treze do passado, e por outras, que em companhia dellas vieraõ, mandou Sua Santidade ao Nuncio, que nesta Corte rezide, q̃ de sua parte me dicesse o sentimento, q̃ tinha de eu vos mandar licença para vos virdes pela grande falta, que necessariamente vossa pessoa nessa Corte não poderia deixar de fazer em tal tempo, com que elle folgava de falar as cousas, que se offereciaõ do serviço de Nosso Senhor, e bem da Christandade,

por

por quaõ desenterecadamente nellas lhe daveis vosso parecer, e pelas partes, e qualidades, que em vós achava para se haver de ajudar delle em muitas occurrencias, pedindome pelo dito Nuncio, que suspendesse vossa vinda, e pelo menos a deferisse por hum anno, porque alem do contentamento, que Sua Santidade com isso recebera, não parecia que convinha a meu serviço, e a reputação da Coroa destes Reynos, mandar vir em tal tempo pessoa, que tanta experiencia tinha, e que tanto poderia aproveitar nas cousas geraes, e particulares, que se houvèrem de tratar. E como estas razoes fossem ante mim presentes sempre, e eu com muita difficuldade passasse por ellas pela instancia, qz me farzeis em vossa vinda, e por causa de vossas neccessidades, pareceome que assim pelas ditas razoes, como pelo gosto, que Sua Santidade mostra de rezidirdes nessa Corte, e grande instancia, que acerca disso me manda fazer não podia deixar de vir no que Sua Santidade mostra dezejar, do que eu recebo contentamento em se offerecer cousa, com que o possa comprazer, e vós não podeis deixar de receber de Sua Santidade favor, e honra neste officio, qz mandou fazer, e ainda que isto não haja de ser para folgardes de ficar; porque sey que as honras, e mercês não pretendeis senão de mim, tenho por certo que vendo a vontade, com que vos mandava licença, e a causa, que se offerece para vós revogar, folgareis de me ficar servindo mais hum anno nessa Corte: muito vos encomendo o façaes assim, e vos não venhaes, porque a esse respeito sómente mandey despachar este Correyo, e que da minha parte digaes a Sua Santidade como vos mando ficar, pelo que de sua parte me disse o seu Nuncio; porque não dezejo senão mostrarlhe a vontade, que tenho para o servir. E para ajuda de vossas neccessidades vos faço mercè de dous mil cruzados, de q com esta vay letra, e de vossos serviços, e merecimentos terey aquella lembrança, que requiere o conhecimento, que delles tenho; e sendo cazo que esta Carta vos ache ja despedido de Sua Santidade, e fóra de Roma duas, ou tres jornadas, agradecervoshey muito tornar de vos para Roma, e servir de me, como vos mando; tudo isto, que vos escrevo disse aqui ao Nuncio de Sua Santidade para lho escrever, &c.

1561. Com esta Carta, que foy despachada de cá em vinte e hum de Setembro, e chegou a Roma em nove de Outubro, do dito anno de mil e quinhentos sessenta e hum. Recebeo Lourenço Pires: Grande sobre salto, são palavras suas na reposta a El Rey, e confusão tão expresso mandamento houveo por duro, e em tudo

quasi impossivel a se guardar pela conjunção de meu desbarato, &c. Porque tinha mandado partir seu filho cõ a mayor parte da Familia em vinte e cinco do dito mez de Setembro, e a caza já desbaratada, e elle mudado para a do Cardeal Mõte Puliciano; porque o resto do fato era já tambem enviado por mar,

naõ se detendo elle mais que pelo refiſto das Bullas do ſubſidio, e Legacia, que parece de propoſito ſe lhe dilatava. Deu conta a Sua Santidade, queixando ſe amorofamẽte de uzar com elle eſta travellura, tẽdo-lhe manifestado as razoens, que o forçavaõ a virſe. O Papa o ſocce-gou com muito boas palavras, e lhe deu hum quarto do ſeu Palacio para apozento delle, e para o ter mais conjunto aſſi, preparado com todo o necceſſario; favor taõ extraordinario, que naõ ſey ſe ſe terã feito a outro algum Embayxador, prometendo-lhe juntamente, q̃ para a Primavera ſeguinte ſe poderia vir ſem falta; porque entre tanto, eſperava em Deos, tomariaõ as couſas outros termos.

Obrigado Lourenço Pires da ordem del Rey, e dos favores, e goſto do Pontifice ficou continuando em ſeu officio por mais aquelle Inver-

no mudado para o dito Palacio, ſervindo, e ajudando em tudo, o que podia, e foy de muita utilidade a ſua demora ao Embayxador, e Prelados, que deſte Reyno foraõ ao Concilio, como adiante ſe dirã tratando delles. Aberto o Concilio em Trento, e publicado o primeiro Decreto em vinte e oytos de Janeiro, de mil e quinhentos ſeſſenta e dous, ſendo eſſa a principal cauſa, q̃ ſe dava a detença de Lourenço Pires, e ſendo já entrada a Primavera, termo para o qual o Papa ſe tinha penhorado que lhe daria licença, houve de concederlha, e deſpachalo para ſe poder partir. E entre os Breves, e deſpachos, que o Papa lhe deu para El Rey, foy hum delles o que ſe ſegue, em recommendação de ſua peſſoa, que por ſer notavel he bẽ q̃ fique em memoria, e abono de ſua qualidade, o qual traduzido de Latim diz.

1562.

Carta do Summo Pontifice para El Rey.

Chariffimo, &c. Havendo entendido por Cartas do noſſo amado filho o Cardeal D. Henrique, voſſo tio, que deſejarveis aproveytarvos do ſerviço do amado filho nobre V araõ Lourenço Pires, e dizendonos que he já partido ſeu ſucceſſor, naõ quizeamos detelo mais tempo, principalmente podendo a detença ſerlhe occaſiã de entrar em taõ larga jornada com perigo de ſua ſaude, pelo que com noſſa benção o deixamos hir, cuja memoria nos ſerã ſempre ſuaave, e aprazivel em quanto vivermos: tal foy a fé, e amor, que nelle conhecemos para com Voſſa Mageſtade, e afeição, e devoção a eſta Sã Apostolica; o zelo, finalmente, cuidado, e deſtreza, com que tratou os negocios; e aſſim eſtimamos que Voſſa Mageſtade ſe haja de valer do ſerviço de tal peſſoa, a quem ſeguramente ſe podem entregar todas as couſas, por graves, e difficultoſas, q̃ ſejaõ. Encomendaramolo muito a Voſſa Mageſtade, ſenaõ ſouberamos o perpetuo, e louvarvel coſtume deſſa Corte, em remunerar, e accreſcentar os homẽs inſignes,

insignes, e benemeritos. Elle declarará a Vossa Magestade o nosso paternal amor, e lhe dirá algumas cousas, que conforme a elle lhe mandamos dizer, nas quaes lhe mande Vossa Magestade dar credito. Deos guarde a Vossa Magestade. Dado em Roma em S. Pedro a onze de Abril, de mil e quinhentos sessenta e dous annos, terceiro do nosso Pontificado.

1562.

1562. Não parará aqui as estimações, que Lourenço Pires adquerio em Roma; o Senado daquella Cidade lhe tomou tanta afeição, por seu talento, e merecimentos, que o receberão por seu Cidadão, e disso lhe derao Privilegio para si, e seus descendentes. São notavejs os termos, com que nelle he tratado; não se poem aqui por abreviar. Porém não passará de Privilegios, e Indulgencias os proveitos, que Lourenço Pires tirou da Corte Romana, e de toda a benevolencia do Summo Pontifice, porque dos outros, que se costumão alcançar naquelle lugar, não teve algum para si, nem para seus filhos, tendo já então trez. Em fim despedido do Papa sahio de Roma em quatorze de Abril, de mil e quinhentos sessenta e dous, acõpanhado de hum irmão do Cardeal de S. Jorge, sobrinho do Papa, com toda a sua Guarda de Cavallos ligeiros, coula não costumada, senão com Principes. Nas primeiras duas pouzadas achou aparelhados banquetes do Papa em abundancia, e por todo o Estado da Igreja o mandou acõpanhar pelo seu Correyo mór, e paguárlhe os portes, e fazer toda a mais despeza do caminho, e nas entradas dos seus Lugares era recebido do Governador, e Officiaes del.

les com Praticas, e as mais solemnidades, que se uzaõ com as mayores pessoas. Sahido das terras do Pontifice, fez caminho por Urbino, onde o Duque daquella Cidade o estava esperão com seu filho mayor hum milha fora della, e o agasalhou, e banqueou quatro dias em varios Palacios seus magnificamente, e da mesma maneira foy levado dalli até Veneza por conta do Duque; bem se pôde crer que em obsequio do Papa; de Veneza por Milão, e França entrou em Hespanha, e chegou a Madrid em dous de Junho: aqui se deteve alguns dias; por q̃ trazia Comissão do Papa, e Carta de mão propria em crêça sua, para tratar com El Rey D. Felipe, sem encarecimento, os mayores negocios, ou todos os que então occorrerão na Christandade, que a tanto chegou a confiança, que do seu talento se fez; a tudo o que deu cabal expedição, como consta de hum muito larga Carta, que daquella Corte lhe escreveo, que não ponho por brevidade.

Cõ isto deu Lourenço Pires fim àquella Embayxada, em que servio tres annos, não se contando os que depois d'elle vindo de Roma ficou obrando a sua memoria no serviço deste Reyno, como D. Alvaro de Castro,

Castro, que lhe succedeo no cargo, dizia a El Rey, escrevendolhe: (com grande fidalguia, e pouco uzada) *Que achava o Papa, e os Senhores daquella Corte tão inclinados a seu serviço pelo respeito, e boa industria de Lourenço Pires, que todos os serviços, que alli se lhe fizessem em muitos annos, devia por â sua conta.* E bem se experimentou no requerimento, que El Rey fez do Padroado perpetuo dos Mosteiros deste Reyno, que então andavão Encomendatarios Seculares, e se tinha por cousa de muita concideração. Mandou El Rey a Lourenço Pires, el-tando para partir de Roma, q̃ pedisse ao Papa com a mayor instancia, q̃ pudesse, lho concedesse em lugar do subsidio dos sincoêta mil cruzados, que lhe tinha alcançado, de q̃ desistia para este effeito: boa proua de quanto se dezejava esta Concessão. Deixou-o Lourenço Pires começado, e porque senão podia deter mais, não esperou a reposta, ou por lhe parecer q̃ seria qual dezejava; ainda depois d'elle vindo, como succedeo; porque se fez a Graça a El Rey, como pedia. Mas com os Padroados tornou a requerer que lhe ficasse o subsidio, que por esta Concessão se lhe mandava largar. Valeo-se de Lourenço Pires para o alcãçar, o que senão tinha por cousa pouco difficultoza; escreveu elle ao Papa, pedindolhe muito encarecidamente esta graça para El Rey, e valeo tanto, que o Papa se moveo a concedello, e teve por bem que El-

Rey ficasse gosando de huma, e outra cousa. Provasse isto das Cartas, que lhe escreverão o Papa, e seus sobrinhos os Cardeaes de Sãta Flor, e S. Carlos Borromeo, ambos successivamente Proctetores de Portugal; dandolhe conta desta Graça. Não he necessario dizer mais para abono de tão celebre varaõ, e há muito mais, que dizer d'elle, e de suas obras, e fera força continualas adiante no Governo do Cardeal.

CAPITULO XXIX.

Do modo, com que a El Rey se davaõ as Lições, e como hia a vizitar a Rainha, e assento, que se dava a D. Aleixo de Menezes.

PUnha-se antes del Rey tomar a Lição, hum bofete de pão preto, marchetado de marfim, e nelle tinteiro, pennas, e papel, e hũa palmatoria pequena de marfim, sem disciplinas, e hũ Relogio de areya, de huma parte huma cadeira de espladas, em que El Rey se assentava, e da outra parte huma raza para o Padre Luis Gonçalves da Camera, seu Mestre, e a huma parte se assentava de giolhos o Padre Amador Rabello, ambos da Companhia de Jesus, que dava a materia a El Rey, e o hia ensinando a tomar a penna, e formar a letra. A huma parte da caza, estava assentado D. Aleixo de

de Menezes, Ayo del Rey, o qual via primeiro; o que tinha a materia; ou treslado, que lhe davaõ, e quando não parecia conveniente, dizia q̃ lhe dessem outra. Acabada a hora do Relogio de areya se levantava o Mestre, e sem tratar com El Rey mais cousa alguma fóra da Lição, se hia.

Deste modo continuáraõ os Padres, até que o Veneravel Padre Frey Luis de Montoya, Reformador dos Frades Hermitães de Santo Agostinho, neste Reyno, que confessava a El Rey, escuzando-se com a sua idade, e com a inquietação de seguir a Corte, e acompanhar a El Rey, se meteo o Mestre neste cargo de Confessor, com o qual se foy introduzindo, e appoderando do animo del Rey, e por sua via, e industria do Cardeal D. Henrique, entrou seu irmão, o Padre Doutor Martim Gonçalves da Camera, na Presidencia do Paço, dandolhe tanta mão nas matérias do Governo do Reyno, que absolutamente pendia todo elle da vontade dos dous irmãos, que vendo a El Rey com o Governo entregue, deraõ ordem de o apartar da Rainha, em cuja companhia até então estivera no mesmo Paço, como se dirá na Segunda Parte desta Chronica; e D. Aleixo por sua idade, e por ver El Rey entregue do Reyno, deixou de continuar com a guarda, e ensino particular del Rey, com o que os dous irmãos ficarão absolutamente apoderados de tudo, e começarão nas

materias, e treslados, que davão a El Rey, a tratar das Conquistas de Africa, e da India, ajuntando persuasoens, de que El Rey se deixava levar com hũa inclinação natural, de que se seguirão as desaventuras, que vimos, e adiante se referem.

Depois q̃ El Rey entrou em idade de de oytos annos, (e que deixado o serviço ordinario das mulheres, que em quanto menino o vestiaõ] o servião já Fidalgos, e como assim dormia, e comia em Quarto apartado da Rainha, costumava El Rey hir do meyo dia para a huma hora ver sua avó, e assentados ambos lós, cada hum em sua cadeira, e seu Ayo, D. Aleixo, em outra raza, estarem falando por espaço de huma hora, na qual a Rainha lhe perguntava pelo que aprendia, e costumes, que lhe ensinava, e dizia o que cõvinha a seu estado, e pessoa Real; e algũas vezes voltava El Rey córado, e sêti-do das reprehensões de avó, a que tinha summa veneração, e respeito, e como moços sentem muito a sogeição, de quem os manda com authoridade, foy facil de persuadir a El Rey, tanto que lhe entregárão o Reyno, e Cetro; que se apartasse de sua avó, e depois, que continuasse pouco com suas visitas, e conversação; dõde se seguirão os desgostos, que houve, pelos quais se quiz a Rainha hir do Reyno como adiante se dirá.

CAPITULO XXX.

*Dos Estudos delRey, e do
muito que aproveitou
nelles.*

ENtregue ElRey á direcção do Padre Luis Gonçalves, quanto ao seu ensino da Doutrina, e Sciencias neccessarias a ElRey assistio para este effeito nos Paços de Lisboa, que chamão da Ribeira, e aqui o principiou o dito Mestre a ensinar desde o A, B, C, em idade de seis annos, e principiando a estudar Latim, entendendo a Rainha de quanta utilidade seria para a criação, e ensino dos Moços Fidalgos, haver para elles tambem no Paço Escola particular, ordenou que fosse della Mestre o Padre Mauricio, da Companhia de Jesus, homem de virtude, de quem se esperava desse boa conta deste cargo, e além de Latim lhe lia tambem huma Lição de Mathematica, com o que a Rainha folgava muito, por lhe parecer seria tambem occasião, e motivo para ElRey, seu neto estudar com mais gosto, e mandando ElRey fazer rol dos Moços Nobres, que andavaõ no Paço, se deu principio a esta Lição, com hum bom numero delles, e com muito applauzo de todos, e gosto particular delles, e de seus paes, conhecendo que com isto aprendiaõ seus filhos bons costumes, e se viaõ mais favorecidos del-

Rey, o qual se havia com elles cõ modo muy galante, e hum dia mãdou a seu Mestre que os fizesse votar sobre qual delles era mais capaz para Vilo-Rey da India. E sabendo elles que isto vinha delRey, se alegraraõ muito, e o tiveraõ por grande honra, e correndo os votos, todos (cousa para notar) deraõ o seu em hum, dos que entre elles tinha mais juizo, modestia, e affento, e mandando o Mestre reposta a ElRey da eleição, e conformidade, com que se houvéraõ, procedendo rectamente sem respeito. Vendo isto ElRey ficou muy contente, e satisfeito da prudencia, com que elles se houvéraõ, e disse: *Vedes como votaraõ bẽ aquelles Moços.* E ficou dalli em diante com grande conceito delles.

No Estudo do Latim mostrou ElRey grande emgenho, e memoria nas Liçoens, que lhe liaõ, porque em breve tempo precebia paginas, e folhas inteiras de Versos, e Prosa, ainda que fossem muy escuros, no que o não excedia outro algum, e chegou a grande conhecimẽto dos Authores Latinos, por escuros, que fossẽ de tal sorte q̃ indo hũ dia pela festa, governando já o Reyno, ter com elle o Padre Amador Rabello, cõpanheiro do Mestre, o achou lendo por huma Prefacção de São Jeronymo, ou Santo Agostinho, q̃ para a entender teria bem que fazer qualquer Mestre; porque lendo o dito Padre algumas regras lhe parecêraõ muy elcuras, e preguntando

do se tinha alguma duvida lhe respondeu, que a fosse vendo, e elle a hiria juntamente convertendo em Portuguez; e assim o fez tão claramente sem tropeçar em cousa alguma, que ficou o Padre muito admirado, não esperando tanto d'elle, e por ser fundo o pégo, em que se meteo. Ouvio tambem Mathematica, e fez nella taes progressos, que sobre a Elphera de João Sacrobosco, fez hūs Comētarios muy doutos, e engenhosos; o que visto pelos peritos na Materia, não achãrão q̃ emendar, antes tão acertados, como de algum bom Mestre da Materia.

Por sua grande curiosidade, e vivo emgenho alcãçou alguns principios das outras Artes, e Sciencias, e folgava por recreação de se achar em algumas Conclufoens de Filosofia, e Theologia, quando se defendiaõ em alguns Conventos. Era ElRey brando de condição em quanto menino, e tinha hum coração como de cera, em que se imprimia, e como tal tomava tudo quanto o Mestre lhe aconselhava; e tudo eraõ cousas de utilidade para si, e para o Reyno, ainda que havia algumas desconfianças do contrario, particularmente em D. Aleixo, seu Ayo. He verdade que da sua comunicação, junta com o bom genio proprio, sahio ElRey muy abeatado; e se cuidou que fora isto causa de elle aborreter a comunicação de mulheres, e ter pouco cuidado em cazar, sendo que era obrigado tratar de dar successão ao Reyno:

Part. I.

mas he certo que o Mestre, e Martin Gonçalves, seu irmão fizeraõ toda a deligencia para que elle tomasse estado, apontando-lhe as Noivas, e a utilidade, que com ellas lhe vinha, como adiante se tratará. Huma só queixa se podia formar, mas isso procedia de bom zelo, e he insitallo o Mestre a proseguir a guerra dos Mouros, em Africa, mas isto não para que se precipitasse, empenhãdo sua pessoa; por que pellos seus Capitaens a podera muy bem fazer com honra, e sem prejuizo do Reyno.

Pelo trabalho; que o Mestre tinha de hir cada dia duas vezes ao Paço, e voltar para o Collegio, que ficava longe, veyo a adoecer, pelo q̃ pedio a Rainha Regente ao Prelado que lhe cõcede licença de andar a cavallo; e de jantar no Paço com os companheiros. Concedeo-lho elle assim; mas vendo-se o Mestre obrigado a obedecer poz por condição, que se lhe havia de dar hum Quarto á parte; e o jantar conforme o do Collegio. Alli os hia ElRey ver depois de jantar acompanhando-o só o seu Ayo, e porq̃ tinhaõ alli hū Mappa, tinha ElRey grande gofsto de estar vendo nelle os Reynos, e Provincias do Mundo fazendo muitas perguntas sobre as cousas, q̃ nelle via por ser muy curioso, e gofstar muito destas cousas.

M

CA.

CAPITULO XXXI.

Do que ElRey passou com hum Hermitão.

Tunto da Cidade de Evora vivia por este tempo hum Hermitão, chamado Aleixo, de grande fama de virtude, e oração, homem já velho, e de veneravel presença: andava vestido de Donato Franciscano, e tinha seu recolhimento em hũa Ermida, e se occupava em serviço de Deos; e em obras pias, como era procurar esmolas para os pobres, e mais necessitados, pelos quaes as repartia, e para este effeito vinha algumas vezes a Lisboa pedir esmola a ElRey, e a outras pessoas nobres, sendo já muy conhecido de todos por sua grande piedade, e bom exemplo, expecialmente, porque não podia ouvir murmurar de pessoa alguma, e reprehendia asperamente aos que o fazião: sendo pois ElRey ainda menino de oytto, ou nove annos, e estando hum dia pela sesta falando com este bom velho diante de alguns Moços Fidalgos, entre algumas cousas, que com elle tratou lhe fez esta pergunta: *Quantas vezes, Frey Aleixo, vos costumaes confessar?* E respondeo elle: *Nosso irmão, assim chamava a todos, não he isso cousa para perguntardes.* E não lho quiz dizer. Mas como ElRey sabia q̃ elle não costumava negar cousa alguma, q̃ lhe pedissem pelo amor de Deos, deseioso de saber o q̃ lhe

perguntava, com impertinente curiosidade, tornou a inflar: *Ora pelo amor de Deos, que modigaes.* Aqui se vio o Hermitão em grande aperto; porque por huma parte não oulava responder, por sua grande humildade, e por outra parecialhe cousa dura negar o que se lhe pedia pelo amor de Deos. E estando assim preplexo cuidando no que faria, respondeo assim: *Nosso irmão, eu confesseme cada dia; mas entende que não deveis perguntar estas cousas.* Continuou ElRey a sua curiosidade perguntando-lhe: *E de que tendes vós de que vos confessar cada dia?* Aqui entrou o bom velho em colera, e com ella respondeo a ElRey por modo de admiração, e pergunta dizendo: *E bem não sabeis vós, nosso irmão, que cada dia devemos fazer exame de nossa consciencia, e esmiulhar, o que fazemos, e o que falamos, e se acharmos, que em alguma cousa discrepamos da vontade do Senhor dos altos Ceos, recorrer a elle logo, pedindo-lhe perdão, e dizendo-lhe: Tibi soli peccavi, Tibi soli peccavi e Tibi soli peccavi.* E dizia isto com vozes tão altas, e desentoadas, q̃ ElRey ficou como palmado, e attonito, não sabendo hir mais por diate, e fazendo nelle tão aballo, e impressão aquellas palavras, q̃ dalli por diate se confessava sempre cada oytto dias. E daqui se póde colegir de quanto proveito seja huma boa conversação, e o grande fruto, que se tira de praticas, e conferencias espirituaes.

CAPITULO XXXII.

De como D. Constantino de Bragança, foy por Viso-Rey à India, e dos successos do seu Governo.

OS feitos gloriosos dos Valerosos Portuguezes no dilatado Imperio do Oriente desde o seu descubrimiento até o tempo prezente estaõ largamête cõtados nas Chronicas dos Serenissimos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. Avó del Rey D. Sebastião, e em outros muitos Livros particulares, que trataõ desta materia, agora contaremos os que se foraõ continuãdo nos tempos do nosso Rey, de quem he esta Chronica, para que não seja notada de diminuta por falta delles, nem se entenda, que os Governadores de seu tempo degeneraraõ dos primeiros, ou lhes faltaraõ occasiões; porque as tiveraõ muy grãdes de mostrar o seu valor, e illustrar o seu nome, e a sua Nação, o que faremos com muita brevidade, deixando as particularidades, para se verem, e admirarem nas Décadas daquella larga Historia, escrita defulamente pelo Chronista Diogo de Couto.

Por morte del Rey D. Joaõ III. foy nomeado por Viso-Rey da India D. Constantino de Bragança, irmão do Duque do mesmo Estado D. Theodozio, primeiro do nome,

Part. I.

e filho do Duque D. Jaime, e de sua segūda mulher Dona Joāna de Mendoça, para succeder no Governo a Francisco Barreto, que havia mais de tres annos que estava governando aquelle Estado. Era D. Constantino pessoa muy qualificada, como taõ propinquo à pessoa Real, e como tal, posto que filho segundo, tinha melhor, com que passar a vida, do q alguns primogenitos de outras grandes Cazas do Reyno; por isso o cargo necessitava mais de sua pessoa, que ella delle; nem a Rainha Regente se atreveria a cometelo para elle, se o mesmo D. Constantino não differe humavez, zombando, ao Duque, seu irmão, como admirando-se de dous Fidalgos, q se escuzavaõ deste cargo: *Que de boamente hiria elle à India servir a Deos, e a El Rey*; o que ella sabendo o mandou chamar, e o penhorou pela, palavra, dando-lhe muitos agradecimentos, e elle como generoso, posto que se achou atalhado, e nunca tal cuidou, que acontecesse, não se desdise, e assim tratou das cousas de sua viagem, ainda que com repugnancia da vōtade.

Aos sete de Abril, de mil e quinhentos sincoenta e oytto, partio de Lisboa com quatro náos de Armada, que leváraõ por Capitaens, D. Payo de Noronha, Aleixo de Souza Chichorro, q por sua idade de setenta annos, e experiencia, e limpeza nas cousas da India, hia nomeado por seu Concelheiro, e Vedor da

1558.

M ij

da fazenda Real; Pedro Peixoto da Sylva, e Jacome de Mello. Levou dous mil homens de guerra, e chegarão prosperamente á Cidade de Goa; Corte dos Governadores da India, no principio de Setembro do mesmo anno, e foy este Viso-Rey o q̃ abriu caminho a todos os mais Governadores da India, passarem a ella com este titulo. Neste tempo estava o Governador Francisco Barreto, duvidoso do que faria de hum grande Armada, que tinha preparada, e posta a ponto de occupar em qualquer opperação; mas com a chegada de D. Constantino perdeu estes cuidados, entregandolhe o governo, sem experimentar as duras residencias, que se costumão fazer nestas despedidas; porque nem o seu procedimento o merecia, nem o animo Real de D. Constantino attendeo a isso, o qual foy recebido com muitas festas, e alegrias annuncios das felicidades, que se seguirão.

Começou o Viso-Rey a entender no q̃ tocava ao governo, como a mandar Capitaens ás Fortalezas. A' de Cananor passou D. Payo de Noronha, que com hum ingrata sequeidade, que usou com o Rey da terra, não querendo accitar-lhe hum presente, deu motivo a descompor-se de modo que os Portuguezes, q̃ alli moravaõ, não ousavão hir á Cidade, e recebêrão muito danno em alguns encontros. Soccorreos o Viso-Rey com dous Capitaens, hũ a poz do outro. Foy o primeiro Ruy

de Melo com cinco navios, e o segundo Luis de Melo da Sylva com nove, o qual ficou lá com todos, e o primeiro voltou a Goa, e principiou-se alli hum viva guerra. Entre tanto o Viso-Rey proleguia o intento de alcançar a Praça de Damão, tão desejada para segurar as terras de Baçaim, que Francisco Barreto havia principiado com ElRey de Cambaya Senhor della. Concedeo a elle. Mas para tomar a posse havia o inconveniente de estar apoderado della hum forte Abexim, chamado Cide Bofatá, levantado contra o seu Principe, que por isso a concedeo, por ser fácil a dadiva do que senão pode lograr. Achava-se este valente Capitão bem armado, e sem pensamento de a entregar, menos que obrigado de força, ou necessidade: poz o Viso-Rey em concelho o cazo, e resolveo-se, que em pessoa fosse sobre ella.

Para assim o executar se alleviou do que tinha prompto entre mãos, que era despachar para o Reyno as naos, em q̃ partio o seu Antecessor. Eraõ sete, das quaes só tres chegarão ao Reyno, perdeu-se em S. Thomè a do Capitão Antonio Mendes de Castro: e a de João Rodrigues de Carvalho arribou a Moçambique. A' de Francisco Barreto succedeo o mesmo, depois de sofrer hũa terrivel tormenta, da qual para escapar lançarão toda a carga ao mar. Muito peyor succedeo a de D. Luis Fernandes de Vasconcellos, que desamparando a se meteo no batel cõ sessenta

sessenta pessoas, ficando nella mais de duzentas, e com ellas o Padre Frey Bernardo de Castro, que incitado de D. Luis a que se salvasse cõ elle, obrigado mais da caridade de acõpanhar aquelles tristes desamparados, que do dezejo de viver lhe respondeo: *Que mais queria tratar da salvação daquellas almas, que da de sua vida*; porque os estava confessando. Pouco se havia apartado o batel quãdo se vio o navio ser sumergido do mar. Delle foy nadando para se salvar hum homẽ, o qual por não embaraçar o batel, foy morto pelos, que hiaõ nelle contra vontade de D. Luis, que tapou os olhos por não ver aquelle horrivel espectaculo. Com varios acontecimentos chegaraõ a Goa. Em Monçambique com huma liberalidade magnanima gastou Francisco Barreto vinte mil cruzados de sua fazenda no concerto dos dous navios, e com a gente delles, por espasão de seis mezes. Voltando a viagem, e a padecer a mesma fortuna, desamparou o companheiro, mas vendo-o quasi perdido, voltou a recolher a gente, porque o outro foy-se logo a o fundo, e assim se juntaraõ no seu mil cento e trinta e sete pessoas. Tal he o valor, e o desafogo de hum varraõ admiravel! Não pode passar adiante, e assim voltou para Goa.

Em Cananor principiou Luis de Melo da Sylva, incitado dos Mouros, que em numero de tres mil lhe assaltaraõ as trincheiras, a sacudilhos de modo que com morte de

muitos os fez voltar as costas infamemente ficando bem superior, e em tanto avisou ao Vilo Rey do successo, pedindolhe soccorro, e seguiu a fortuna, que se lhe mostrava agora de bom semblante. Entre tanto o dito Vilo-Rey se embarcava naquella Armada do Barreto, havendo-a augmentado, pois chegavaõ agora os navios a sincoenta. Cõ esta luzida pompa deu vista a Damaõ, produzindo terror nas terras vesinhas, e muito mais na que buscava: sahio D. Diogo de Noronha a reconhecer as fortificaçoens. Achou-as como de peitos animosos, q̃ esperavaõ defenderse de hum poder grande, com quatro mil homẽs escolhidos, e resolutos. Saltaraõ em terra sinco Capitaens, D. Diogo de Noronha, Antonio Moniz Barreto, Martim Affonso de Miranda, Pantaliao de Sá, e Pedro Barreto Rólim, que foy o primeiro, que saltou em terra, e foy marchando. Porém os barbaros atemorizados do poder, e valor dos Portuguezes, posto que estavaõ animosos, e resolutos para a defenla se desanimaraõ, e carregando com os seus bens, e filhos desampararaõ a Cidade, e forças della. Entrou o Vilo Rey na Cidade, e a primeira cousa, que fez, como lá antigamente El Rey D. Affonso Henriques na entrada de Sãtare, foy por se de giolhos, e dar graças ao Senhor das Vitorias, por lhe conceder aquella taõ barata, alimpou se dalli a abominavel esperança barbara, com agua, e benção Catholica,

Catholica, confagrando a Mesquita em Igreja de Nossa Senhora da Purificação, por ser aquelle o seu dia.

O Capitão fugido acampou o seu Exercito em Parnel, distãte duas legoas. Dalli com dous mil cavallos, sabia todas as noites a inquietar a nossa gente, e a impedir ao Viso-Rey o curso, que levava em dar forma à segurança do vencido. Offereceo-se animosamente Antonio Moniz Barreto a destruylo só com quinhentos homens. Deram-lhos com estes Capitaens; D. Lourenço, e D. Diogo de Souza, irmãos, D. Diogo Pereira, João Lopes Leitão, Jorge de Moura, e Tristão Vaz da Veiga. Com grande silêncio forão marchando huma noite em busca do inimigo. Em frente delle se achou o Moniz só com ceto e vinte homens, por se terem perdido os mais no caminho cheyo de embarços, e por causa da escuridão da noite, q̃ faz muitas vezes errar ainda aos mesmos guias. Com estes sómente se arrojou ao exercito, assim imperuoso, que fazendo notavel estrago poz em fugida ao Abexim, entendendo vinha sobre elle o mesmo Viso-Rey com todas as suas forças. Ficou o nosso Capitão senhor do campo, até que mostrando a menhã ao inimigo o pouco numero, que o havia descomposto, desceo do cume de hum monte, para onde se tinha retirado, não menos irado, que corrido, apertando grandemente ao Barreto. A este tempo lhe tinhão já chegado os mais, que a noite tinha der-

ramado. Com todos deu sobre o barbaro, e vencendo-o segunda vez com morte de quinhentos, o tornou a pôr em vergonhosa fugida. Assim desistio de sua esperança passando-le a outras terras. Achou-se nos alojamentos boa Artelharia, em numero de trinta e seis canhoens, grande soma de Moeda de cobre, e outros despojos.

Proseguio o Viso-Rey em dar ordem às cousas da Praça, obrigando com franquezas aos moradores, espalhados pelos montes por causa do medo a vir habitar nella; concedendo a El Rey de Sarceta, seu vizinho o tributo, que nella tinha, para mayor segurança, e quietação della, e para mais a assegurar se resolveo em apoderarse da Ilha de Ballar, pouco distante, por cuja via se podião perturbar as cousas. Quiz passar a ella em pessoa. Mandou diante a D. Pedro de Almeida, Capitão de Baçaim, chegado de pouco, e seu irmão D. Luis, com cento e sincoenta cavallos, e outros tantos infantes, o que sabido pelos de Balsar, desampararão a Villa, e entreu nella D. Pedro, sem resistencia. Concorreo o Viso-Rey a tomar posse, deixando por Capitão della a Alvaro Gonçalves Pinto, com cento e sincoenta soldados, e alguma Artelharia. Voltado a Damaão, despachou huma Armada de vinte vellas, para o Estreito de Meca, informado de que se apresentavaõ as Galés de Cafar. Foy por General della Dom Alvaro da Syl,

Sylveira, o qual depois de não achar em que fazer emprego por aquelles mares, o acharão elles na Armada, que destruirão com tormenta, fazendo surgir as náos em varios portos da India. Em Damão deixou o Vilo-Rey por Governador a D. Diogo de Noronha, com mil e duzentos homens, e cinco Capitaens para lhes dar meza, os quaes erão Ruy Gonçalves da Camera, Tristão Vaz da Veiga, Andre de Souza de Arronches, João Lopes Leitão, e D. Diogo de Ataide; e acabado isto tão felizmente voltou o Vilo-Rey para Goa correndo o mez de Março, de mil e quinhentos fincoenta e nove.

1559.

No mesmo tẽpo que em Damão se obrava o referido succedeo na Cidade de S. Thomé, que hũ Portuguez, seu vezinho, e daquelles, q̃ adorão o interece (destes há muitos na India) melhor, que os Gẽrios aos Idolos, por premios, que esperava de Ramá Rajo, Rey de Bijnagá, ou por alguns desgostos, que lhe terião dado alguns da Cidade, ou por outra alguma causa, ou tudo junto, o incitou a vila cometer por dous motivos, o primeiro da quantia de dous milhões, que lhe alegurava do despojo, e o segundo a honra de seus Deoses, a que devia acudir, como supremo cultor delles, pois ella se achava muito descaida com os progressos Catholicos. Boa casta de christão, o que se fazia procurador dos Idolos! Menos attendeo a elles o barbaro, q̃ ao interece proposto:

porque chegada esta faizca a isca da sua cobiça, de forte lha acendeo, q̃ de subito o fez marchar sobre ella com quinhentos mil homens. Achava-se na Cidade Pedro de Ataide, que sabendo da vinda del Rey, animosamente procurou incitar os moradores á defenla, porém elles desanimados com a vista daquelle grande poder, mostrando-le zelosos, (por senão mostrarem covardes) de não tirarem a alguem o que era seu, disserão, que El Rey em vir alli vinha a humar das Povoações da sua Coroa, e resolutos em o receberem com festas, desesperaraõ ao Ataide de modo que se passou a Goa por lhes não ser companheiro naquella infamia. Adornaraõ-se as ruas para o recebimẽto, sahiraõ-lhe ao encontro com hum presente de quatro mil cruzados, tirados por todos os moradores; acçaõ, que lhe temperou o furor, com que vinha. Estendeo o Exercito por aquella capafissima Campanha, sem querer entrar na Cidade, mandando que lhe trouxessem alli todos os seus moradores desde o mayor ao mais pequeno, homens, e mulheres, com suas fazendas. Assim se executou prontamente. Accomodou bem a todos naquelle campo, e examinadas as riquezas prometidas por aquelle inimigo de sua Religiaõ, e de sua gente, não se acharaõ oitenta mil cruzados, sendo tudo trazido, e avaliado até os pobres fardels. Ficou o Rey confuso, e postos os olhos naquella maldade, e na inocencia

cencia

cencia de todos, mandou lançar aquelle mão homem aos Elefantes, que logo o fizeraõ em pedaços, cõ que alcançou o justo premio da sua boa obra. ElRey confertando-se cõ a gente da Cidade, em que lhe dessem lómerte cem mil pagodes, moeda daquelle Paiz, soltou-os contentes, restituindolhes, os seus bens cõ tanta pontualidade, que faltãdo entre tantos huma só colher de prata, a fez procurar, e restituir a seu dono. Bom exemplo para Ministros, q se chamaõ Catholicos, nos quaes falta muitas vezes a rectidaõ, que aqui vemos executada tão pontualmente por hum barbaro. Estes forã os primeiros Portuguezes, que imitando aos Romanos tímidos ao poder de Breno, comprãrã a liberdade com dinheiro, e não com ferro.

Vejamos agora o que aconteceu a Luis de Mello da Sylva, que no anno passado, sahio para o Malavar, com aquella poderosa Armada, acrescentada com mais seis navios de soccorro. Fez por aquella costa notavel danno, com que cortou o curso do commercio aos Mouros. Achando-se em Mangalor; mandou a dous Capitaens lhe trouxessem huma fusta dos nossos inimigos de Cananor, que estava naquelle rio. Ao executar a ordem, acudiraõ os donos della, com alguns outros da Cidade, com que a nossa gente ficou mal tratada. Ateou este successo, à ira justa no Mello, e assaltando a povoação

foy passando todo o bicho vivo a cutello, e abrazando tudo com fogo. Hiaõ fugindo os seus habitantes, quando por huma parte sahia huma tropa, capitaniada de hum Mouro velho com huma adaga na mão, achou diante ao nosso Capitãõ, a quem se arrojou de improviso, e lhe atravessou hum braço. Picado elle lançoulhe a mão aos cabellos, q trazia estendido sobre os hombros, e entregando-o aos que o seguiaõ lhes disse: *Tomay lá esse diabo*. E logo foy feito em pedaços. Recolheo-se o Mello à sua Armada, victorioso, com perda de poucos dos seus, entre os quais foy o Capitãõ Gonçallo Sanches, deixando a Cidade abrazada, e nella muitos dos inimigos mortos.

Neste tempo apparecãrã no mar treze navios carregados de Mouros, e instrumentos de guerra, à obediência de dous Capitaens valerosos: hũ de Calecut, e outro de Cananor; cõ presumpção de destruir a nossa gente. Sahio a elles Luis de Mello, cõ sete sómente precedia na sua galeota, posto em pé na cochia, armado, e com hum montãte na mão, e a barba, que tinha muito comprida, entrançada, e com hum nó na ponta, com o que se mostrava formidavel. Com gentil ardor o veyo a receber o de Calecut, Rume, ou Turco, posto na frente de todos. Tanto que chegãrã a tiro de Canhaõ, disparou hũ o nosso Condestavel cõ tal felicidade, que não só foy varrendo os inimigos da proa, à poupa, mas tam-

também lhe voltou o navio, do qual escapárao muy poucos nadando. Carregárao os outros, e tres abordando o do nosso Capitaão com tanto impeto lhe deitárao gente dentro, que fizerão retirar os nossos da proa com morte de alguns, e entre elles D. João de Lima, e D. Fulano de Almeyda, que sendo lançado ao mar embrulhado em huma colcha depois de vagar seis dias pelas ondas, foy sahir em Mangalor á portaria de S. Domingos, tão inteiro, e incorrupto, que pode ser conhecido, e parecia espirado daquelle dia. Acodio da poupa o Mello, e com grande estrago fez retirar ao inimigo; voltárão atraz delle os Soldados de Luis de Mello, e dos tres navios, que o abordarão não ficou pessoa viva salvo alguma nadado. Acudirão os outros navios, e pelejando valerosamente, rendeo Manoel da Sylva com o seu dous dos inimigos, Gomes Annes de Freitas hum; e vendo que em outro nosso fazião os Mouros grave danno morto já o seu Capitão Fulano Pimentel, saltou dentro com tanta ferocidade, que todos forão passados á espada. Assim ficárão inteiramente vencidos os seis de Calicut, quando o de Cananor assombrado com este successo fugio com os sete, que trouxe, sem fazer mais que ser testemunha do que havia acontecido. Morrerão mais de quatrocentos bárbaros no conflito, os quaes forão pasto muitos dias dos peyxes daquellas prayas, de sorte q

Part. I.

se abstiverão delles os moradores da terra por se achar no ventre de hum os dedos de hum homem.

Voltando Luis de Mello a Goa com estas victorias, o prendeo o Viso-Rey, não por premio dellas, mas por se hir em tempo que a Praça de Cananor necessitava muito da sua assistencia. Estranhouse a prizão, e como elle não era dos Governadores, ou Capitaens, que levarão adiante a sua oppinião, ainda que se perca o mundo, motivo de haverem perdido muitos Principes grandes cousas, foy em pessoa a reconciliar-se com Luis de Mello a Pangim, onde estava prezo, o qual obrigado daquella real politica, voltou com a sua Armada a Cananor, como o Viso-Rey lhe ordenava, por ter avizo de D. Payo de Noronha, que se achava em aperto. Chegado elle a Cananor deu alento àquelle presidio, que se achava em grande perigo ameaçado de hū cerco, que lhe prometião todos os Principes Malavares, e a Mourisma daquelles contornos, incitados de Ade Rajão, que grandemente incitava a ElRey, não sem que o mesmo Noronha deixasse de dar occasião com as suas asperezas, a estas discordias. Sahio o Rajão com cem mil homens, dos quaes erao dez mil escopeteiros, e de subito cō hū estrondo, que ensurdecia, e metia grande confusão, singirão a Praça, e assaltarão de improvizo as trincheiras irreparavelmente.

O Mello, que tinha ficado nellas

N

com

com sessenta Soldados, acudia como hum rayo a todas as partes. D. Antonio de Vilhena Manoel, q̃ vio sua caza cheya de Mouros, sahio a elles com sincoenta Soldados fazendo maravilhas. Manoel Travassos na sua estancia executava o mesmo. Assim todos cada hum na sua, e não erão mais de quinhentos, se baralhãrão com aquelles cem mil barbaros, de sorte que trazião formado hum inferno com a confusão das vozes, com o estrôdo das armas, e artellaria; e com as chamas desta, e das alcanzias, e bombas, que voavão, alumando horriavelmente aquella noyte. Davaõ-se golpes incriveis; cahião a centos os inimigos. Discorriaõ as mulheres pavorosas, esquecidas de sua compostura, choravão os filhinhos desamparados de suas mãys, ou nos braços dellas se os levavão, desconhecendo-as, e tendo medo dellas, pela mudança, que o horror lhe tinha causado no aspecto. Os Religiosos de S. Francisco instavão com rogativas ao Ceo. Todos os que não tomavão armas, pelejavão com a devoção. De hum se affirma, que posto em oração vio sobre humaviga da Igreja o Espírito Santo, em figura de Pomba resplandescente, e a viraõ tambem outros, advertidos por elle, e no mesmo ponto sahiraõ da Fortaleza com hum Cruz diante a meterse entre o exercito, e a animar a nossa gente informando-a do que havião visto.

Inflamaraõ-se todos com hum

catholico furor de maneira, que com novos estragos consumirão o defengano de toda aquella turba. Morreraõ dos inimigos quinze mil, pequeno numero para taõ grande multidaõ; mas mayor maravilha he, que às mãos de tantos sô morressem dos nossos vinte sinco, durando a batalha doze horas, e principiou as quatro da noite. O Capitaõ Luis de Mello deu taõ bons golpes, como ordens, taõ veloz, e advertido, que às vezes executava estas duas acções juntas. Francisco Riscado, homem ordinario em fortuna; mas não em valentias, de que se fizeraõ as fortunas mayores, pelejou sempre com incãçavel ardor, voãdo pelas taipas, trincheiras, e paliçadas como huma ave, derramando artificios de fogo. Retirarão-se às suas terras os vencidos, ainda mais admirados do valor, que os humilhou, que condoidos da perdição, que buscãrão, e ficou com esperanças de paz a Praça de Cananor. Agora se descobre quanto se deveo ao zelo, com que o Viso-Rey prendeo a Luis de Mello, e ao primor, com que o soltou, pois hum coula, e outra forão ansias de o por em Cananor, como adevinhando a honra, que para todos o esperava aqui. Tanto prevem grandes discursos! Foraõ os nossos todos assim, como estavaõ em Procissão a nossa Senhora da Victoria dar graças a Deos por aquella taõ prodigiosa, q̃ alli lhe concedeo, a qual os barbaros lamentarão por largos tempos em suas povoações.

CAP.

CAPITULO XXXIII.

Dos mais successos da India governando-a o mesmo D.

Constantino.

NO mesmo tempo, em que estas cousas succediaõ na India, andava o Preste João, ou Emperador da Abbassia envolto com Turcos, e Mouros, de que era opprimido, de quem alcançou algumas victorias acompanhado dos Portuguezes, que là andavaõ nas suas terras desde que a ellas passou, com quatro centos homens valerosos, em seu soccorro o Capitão D. Christovão da Gama, irmão do Governador da India D. Estevão da Gama, em tempo del Rey D. João III. Negocava pouco o nosso Bispo D. Andre de Oviedo, que là tinha hido a reduzir aquellas sombras de Christandade ao gremio da Igreja Catholica, e insistia fervorosamente para dispor o Emperador a deixar as suas heresias. Porém defenganado de que o não moveria, resolveo se em deixallo, mas importunado dos Portuguezes, que com a sua ausencia temiaõ, que lhe esquecesse a nossa Religião, se deixou ficar com elles: quando assaltado aquelle obstinado Principe do novo poder del Rey de Mallassays, se foraõ aquelles Portuguezes seguindo-o, que contra o seu parecer hia bñlcando ao inimigo. Parece lhe pronosticavaõ a morte

Part. I.

neste calo; porque o Mallassays o matou. Elles vendo o morto, ainda, que viraõ logo ir em accelerada fugida os seus vassallos, entraraõ pelos Mouros fazendo maravilhas de valor desesperado, atè que os mais delles ficaraõ derrubados pelo campo, e dalli a alguns dias foraõ achados nelle sem corrupção.

O Turco sempre ancioso de apoderar-se dos portos Arabicos do lado persico, enviou este anno hum Capitão seu com setenta, e tres embarcaçoens entre grandes, e pequenas, e nellas mil, e duzentos Turcos, e Janilarios sobre a nossa a Fortaleza de Baharem. Estava por Governador della. Rax Morado, valeroso Capitão, Persiano o qual compondo-se o melhor que pode, logo que vio no mar os Turcos avisou a El Rey de Ormuz, e a D. Antão de Noronha Governador daquella Praça do perigo eminente, em que se achava: com muita brevidade sahiraõ a soccorrello dez navios capitaniados por D. João de Noronha, que teve quasi ganhadas as galez dos Turcos, e perdendo-as por não acabar de as seguir, ellas o apertaraõ ao outro dia tanto que o fizeraõ entrar pelas calas daquella marinha. Chegou entaõ D. Alvaro da Sylveira, irmão do Santo Padre Gonçalo da Sylveira, Martyr de Monomotapa, de quem adiante trataremos, o qual avisado de Ormuz, partio com alguns dos navios da sua esquadra, e ainda não bem chegado, quando juntando-se com D. João levarãõ de vencida as

N ij

duas

duas galez dos Turcos. Vendo-as o Baxâ perdidas, que estava baten-do a fortaleza, deuse por igualmente perdido se as não recuperava, e apertou os combates.

Visitou Rax Morado a D. Alvaro, e assentando com os Capitães de não dar batalha aos inimigos, senão pôr em cerco os cercadores, foy tal a insolête desobediência dos Soldados que amotinando-se o obrigáram a q a desse. Felo assim acompanhado do Rax com trezentos Persas, bem armados. Envestirão com grande furor, e foraõ levando aos Turcos de vencida, ou deixando-se de industria levar delles, ainda que com estrago seu, até onde tinham huma emboscada, que levantando-se sobre os nossos descompoz a D. Alvaro notavelmente; lem que lhe valesse o grãde esforço, com que hia pelejando, já com huma ferida bem perigosa, até que dandolhe hum tiro de escopeta na garganta cahio quasi morto. Pelejarão em sua deffensa com admiravel ardor Ruy Barreto, Ayres Gomes da Sylva, D. João Gonçalves de Ataide, Francisco de Toar, Francisco de Sousa Tavares, Alexandre de Sousa, D. Valco de Ataide, Sebastião de Sousa de Abreu, Francisco de Faria Cavalleiro singularizado por seu valor, Antonio Luiz Ayres, e Diogo de Miranda, Francisco de Mello, D. João de Castelo-branco, e Jorge Pereira Coutinho.

Trabalhãrão João de Quadros, e outros Cavalheiros por salvar a D. Alvaro, em quãto os outros entreti-

nhão a furia dos Turcos, e não puderão retirãdo se, quãdo Antonio Luiz, e Frâncisco de Faria foraõ vistos obrar novas maravilhas naquelle caso, cercados da barbara multidão, fazendo nella hum notavel estrago, até que cahido Antonio Luiz, por lhe cortarem huma perna, ainda que pelejou de joelhos espantosamente, foy morto com arremeçoens, por senão atreverem a chegar a elle ainda assim como estava. Notavel valor! Matãrão tambem ao Faria no mesmo lugar. De pouca distancia vio D. João Gonçalves de Ataide, que os Turcos cortavão a cabeça a D. Alvaro da Sylveira, e cheyo de hũ honroso furor, voltando a Ruy Barreto, e Sebastião de Sousa disse: *Que a verdadeira honra era morrer naquella occasiã, que dessem assim sós como estavaõ sobre os barbaros.* O Sousa foy logo derrubado com huma bala; porém os outros dous envestirão cõ tal valor, que cortando de desesperadamente pelos inimigos chegarão a porse sobre o corpo de D. Alvaro. Morreo D. João naquella porfia com façanhas heroicas, e com outras semelhantes ficou mortalmente ferido o companheiro. Morrêrão dos nossos mais de setenta, e ficarão outros cativos. Recolheo-se Rax Morado á sua Fortaleza com muitos, havendo obrado este dia de modo que lhe podiaõ ter inveja os Portuguezes. Assim foy castigada a imprudencia temeraria dos que teimãrão em que se desse a batalha.

Esta morte de D. Alvaro, e sua del-

Nota

destruição foy profetizada por seu irmão o Santo Padre Gonçalo da Sylveira da Companhia de Jesus, q̃ advirtio ao Viso-Rey em Damaão não mandasse a elle, porque lhe havia de succeder mal o que lhe foy attribuido a friela de Religioso, e porq̃ senão fez caso do seu aviso se experimentou a ruina. Ficou Pedro Peixoto com a capitania da nossa gente; e usando do Conselho desprezado antes, cercou a Ilha; e poz em tanto aperto aos Turcos, que chegaraõ a pedir misericordia: com que de novo se vio quanto se havia errado em não seguir este caminho. Avizado D. Antaõ de Noronha em Ormuz deste lastimoso successo, partio com pressa, e com ansia de o vingar. Proseguiu se o cerco; e sobre varios accidentes se renderaõ os cercados, offerecendo os cativos, que serião até trinta, alguma artelharia, as armas, e cavallos, e doze mil cruzados. Deu-lhe passagem para Baçorá, e hiaõ tão enfermos de fome, e de humas pestíferas quenturas, a que a Ilha està muito sojeita, que somente duzentos voltaraõ daquella sua desgraçada empreza, e da mesma doença mortéraõ muitos dos nossos.

Ha nesta terra huma cousa muito notavel, e vem a ser, que porque as aguas da terra são muito nocivas por causa das ervas, e sitios porque passaõ, tendo muito boas em huma serra, onde nascem, permitio Deos, que junto da mesma Ilha dentro do mar salgado arrebertassem muitos olhos de agua excellêntissima para remedio

dos mariantes, a qual sahe debaixo da areya com tanto impeto, que faz rugido tão grande, que se houve fóra. Aqui nestas profundas, e affogadas fontes fazem os nossos navios as suas aguadas, nesta fórma. Entraõ no mar dous mergulhadores, e hum delles leva hum grande odre, e hum cano de barro, de grossura, que possa caber no pernil, e tanto que chegaõ abaixo, metem este cano no olho da agua até o enterrarem na areya, e a boca de cima a encaixaõ no pernil do odre, e como esta agua embaixo arreberta com furia, vay pelo cano a cima até encher o odre em pouco espaço. E porque tanto que o odre se começa a encher, começa a suspender para cima o que o tem, serve o companheiro, que com elle vay, de se lhe pór nas costas por pezo para o odre o não levantar, e tanto que està cheyo o larga, e o mesmo odre o traz a cima, e há mergulhadores destes tão destros, e exercitados nestas aguadas, que enchem muitos odres sem lhe entrar gota de agua salgada. Vejaõ agora os curiosos que mais se pedia inventar no mundo, que escapasse aos Portuguezes!

Neste tempo chegaraõ à India cinco náos do Reyno, tendo partido delle na monção commua seis, e por Capitão general Pedro Vaz de Sequeira, e os outros Francisco de Sousa, Pedro de Goes, Luis Alvares de Sousa, Lizarte Pires de Andrade, e Ruy de Mello da Camera, que arribou a Lisboa. Nesta Armada foraõ

os primeiros Bispos de Cochim D. Jorge Temudo, e de Malaca D. Jorge de Santa Luzia, ambos Religiosos da Ordem de S. Domingos, creados novamente pelo Papa Paulo IV. à instancia da Rainha Regente do Reyno Dona Catharina, e suffraganeos do de Goa, que levantou a Arcebispo, e foy para primeiro D. Gaspar, Conego de Evora, e grande valido do Cardeal Infante D. Henrique, e isto fez a Rainha movida de grande zelo da Religião christãa q̃ nella havia para q̃ aquella nova christandade, que hia em muito crecimento fosse mais bem servida com multiplicados Pastores.

Sabendo o Viso-Rey que no Malavar, aonde andava o vencedor Luis de Mello, se compunhaõ novas Armadas de inimigos, o loccorreio com seis cêtos Soldados em defasete vellas, e os principaes Capitães eraõ D. Felipe de Menezes, D. Paulo de Lima Pereira, Gonçalo Pires de Alvelos, Alvaro Reynel, Miguel Rodrigues Coutinho. O Mello fez prudente distribuição deste soccorro pelas entradas dos rios, com ordens do que haviaõ de obrar; e elle andava como hum rayo por aquellas côstas de huma em outra parte abraçando quanto via por terra, e topava por mar. Sahiraõ entaõ sete paraõs dos inimigos bem armados, e artilhados, correndo pelo rio Maim, em que se achava Gonçalo Pires de Alvelos, e descarregando os seus canhoens nos nossos navios, que os segundáraõ, perderaõ hum. Porém

em hum nosso succedeo a desgraça de que ateando-se a polvora o voou, e a quantos estavão nelle, com que os inimigos se foraõ sem o danno, q̃ os ameaçava. Proseguio o Mello a guerra este anno sempre com bom successo, e no seguinte com o mesmo sem differença, com que tinha enfreado a todo o Malavar.

Em Damaõ corria a Fortaleza de Balsar o Bofatá, pouco antes despojado da outra, com seis centos cavallos, e grande numero de infantaria. Sahiolhe ao encontro animosamente o Capitão Alvaro Gonçalves Pinto, com vinte lanças, e cem pioens Portuguezes, e quinhentos naturaes da terra, envestio-os, e com a sua lança derrubou logo os primeiros dous, que o encontraraõ com as suas. A seu exemplo deu carga a nossa gente, e subitamente renderaõ mais de fincoenta. Travou-se a peleja; mas prevaleceo a multidão contra o valor, que cercado della foy roto obrando cousas maravilhosas: morreo o Capitão, com quasi todos os Portuguezes, e dos naturaes, que não fraqueáraõ cento, e fincoenta; os mais fugirão para onde lhe pareceo que seguravão a vida. Acudio o barbaro à Fortaleza parecendolhe achalla desáparada; mas enganouse; porque João Gomes da Sylva, Soldado ordinario, capitaniando a outros muy poucos, com que se achou nella lhe fez crua resistencia com grande danno, até que lhe chegou soccorro de Damaõ capitaniado por Tristaõ Vaz da Veiga, com dez ba-

teis bem armados. Apezar de grãde resistencia saltou na praya, e entrando na Fortaleza, acabaraõ os Abexins de perder as elperanças de conseguir o seu intento, e se recolheraõ. Dahi a poucos dias voltaraõ, e sahindo a elles o Capitaõ, que já era Affonso Dias Pereira, obrou com elles como antes o Pinto, e tambem morreu na peleja, e os inimigos entraraõ de volta com os nossos na Fortaleza. Acodio Vicente Carvalho, e dando tortemente sobre elles os fez voltar desatinadamẽte. Calisto de Sequeira matou vinte por sua maõ. Continuouse a defenſa com valor incrível até que chegou com segũdo soccorro de Damaõ Luis Alvares de Tavora, e fez retirar os inimigos.

Porẽm vêdo, q̃ era de mais custo que proveito o conservar a dita Fortaleza, a mandou o Viso Rey desamparar, e voltando os Abexins embusca della, a arrazaraõ, e foraõ fazendo grande danno por aquellas povoaçoens, até que chegaraõ a Tarpur, aonde se achava Martim Lopes de Faria, o qual só com quarenta Soldados, que tinha na sua companhia os fustigou de tal sorte, que com morte de muitos os fez passar adiante derrotados; porẽm acusta de sua vida; porq̃ ficou tão ferido, que dali a poucos dias morreu em Damaõ. Daqui sahio D. Diogo de Noronha embusca delles, e depois de varias diligencias os alcançou junto a Vaimim, formados, e animosos. Os de cavallo eraõ seis centos, e os de pé mil. Presentoulhe o nosso Capitaõ

batalha com cẽto e sincoẽta dos primeiros, e trezentos, e sincoenta dos segundos, e com bisarra resoluçaõ logo à primeira envestida lançaõ por terra sessenta inimigos mortos, e continuando-se o conflito, em que se ſinalou muito D. Diogo, puzeraõ os inimigos em fugida, deixando nas mãos dos nossos hum grosso despojo, muitos cativos, as mulheres, e a fazenda, q̃ era grande copia de moeda, roupas, cavallos, armas, e muniçoens, com o q̃ entraraõ triunfantes em Damaõ a pesar das reliquias inimigas, q̃ lhe vinhaõ picado nas costlas, e fazendo grãdes algazarras, até q̃ se voltaõ a chorar a sua desgraça em quãto na Praça a celebravaõ os nossos.

Entrou o anno de 1560. e nelle 1560. depois de despachadas as náos para o Reyno, partio para a Abbassia no principio de Fevereiro o Capitaõ Christovão Pereira Homem com tres fustas, sómente para pôr naquella terra ao Irmaõ Fulgencio, Freire, da Companhia de Jesus, por quem enviava o Viso Rey ao Bispo D. André, algumas alfayas, e provimentos do culto Divino à instancia do Patriarca D. Joã Nunes, que assistia em Goa. Encontraraõ já junto ao porto de Arquicó as quatro Galezes do costario Cafar, de quem se retiraraõ com trabalho. Porẽm tornando-lhe a apparecer a Capitania quando menos o cuidavaõ, e sendo forçado pelejar, a entrou o Pereira com atẽ quinze Soldados, e foy levando os Turcos, que eraõ cento, e sincoenta, até o pé do masto grande, matando

matando, e ferindo nelles como hũ Leaõ, porém vencidos os nossos da multidão, cahirão despedaçados das catanas, sem nenhum se querer render; palmando o Cafar do estrago, que lhe fizeraõ. O Irmaõ Fulgencio com muitas feridas foy cativo com a fusta, e os mais, que nella estavaõ, e levado à Cidade do Cairo, e depois de grandes trabalhos, foy resgatado por via do nosso Embaixador de Roma, e por Italia tornou a este Reyno, com oyto Portuguezes da sua companhia, cujo resgate de todos custou mil e quinhentos cruzados, e voltando para a India morreo no mar. As outras duas fustas, de que eraõ Capitaens Vicente Carvalho, e Roque Pinheiro, depois de verem de parte o conflito voltáraõ com as tristes novas a Goa, onde o Vilo-Rey os mandou prender em premio da sua covardia: porque se elles concorreraõ com a sua obrigação, era aquelle o dia, em que se acabava cõ aquelle cruel pirata, que nos tinha fechada a communicação com a Ethio pia.

Foy muy sentida dos Portuguezes na Abassia a falta, que lhe fez o dito Religioso, com o que levava. Ao Emperador morto havia succedido seu irmão Adamas Sagad, o qual pelo tempo adiante venceu em huma grande batalha a muitos rebeldes. Tiverão os Portuguezes a mayor parte nesta vitoria; como aquelles, que precedendo a todo o exercito fizeram no contrario a costumada impressão do seu valor. El-

tava o Bispo desavindo com aquelle Principe, porque cada vez se mostrava menos afeiçoado aos preceitos da Igreja Romana; por cuja causa permitio Deos que voltando o Baxá do Turco mais poderoso, e não se achando assim o Sagad, que com tudo não duvidou sair-lhe ao encontro, e dando-se batalha ficou o Turco vencedor, ajudado de alguns Portuguezes, que tambem sabem fer Turcos quando querem, e tal vez querendo mais do que he justo. Resultou daqui não se fiar mais delles aquelle Emperador, nem pedillos mais aos Viso-Reys da India.

O Bisminaique, Senhor da costa da Pescaria do aljofar, vendo que os de Punicale, não queriaõ dar-lhe mayor tributo do que costumavaõ, que era hum dia della, resolveo-se em os obrigar por força, para o que juntou dez mil homens, e marchou diante o seu Capitaõ Melrão, fazendo notavel danno. Sahiolhe ao encontro D. Duarte de Menezes, que com diferentes successos lhe chegou a tirar a vida; e detendo aquelle curso, deu lugar a que a gente inutil para as armas, como velhos, mulheres, e meninos se puzessem em cobro, levando de seus bens o que puderão; porém no mar padelceraõ grandissimas necessidades de fome, e sede. O Capitaõ da Fortaleza Manoel Rodrigues Coutinho sahio a pelejar com hum esquadraõ de Melrão, e houvesse com valor. Mas carregando ElRey com todo o seu poder obrigou os nossos poucos a retirar-se

se a dous navios, aonde passaraõ
ainda muito mal, e a povoação
foy roubada, e destruida pelo ini-
migo.

Chegáraõ neste tempo à In-
dia quatro nãos, de seis, que par-
tiraõ de Lisboa Iremetidas pela
Rainha Regente, das quaes fez
Capitaõ General a D. Jorge de
Souza, e das mais Valco Louren-
ço de Barbuda, Jorge de Macedo,
Lourenço de Carvalho, Ruy de
Mello, e Francisco Figueira de
Azevedo. Nesta Armada foy para
o seu Arcebisado D. Gaspar pri-
meiro Arcebispo de Goa, e foraõ
tambem os primeiros Ministros
da Sãta Inquisição, q̃ houve na In-
dia, Aleyxo Dias Falcao, e Francis-
co Marques Botelho, Canonistas
Seculares. Enviou-os a Rainha Re-
gente obrigada do que já se multi-
plicava lá a maldita semente do ju-
daísmo, de algũs, q̃ o diabo tomava
para cõtaminadores daquella nova
seara do Senhor, que eraõ daquella
nefanda nação, que tanto consome
a vida, e a honra por fazenda, e que
tãto erra para perder em hũa hora
o que junta em toda a vida, cõ taõ
enfame ansia. A não do Figueyra ar-
ribou ao Reyno, e a do Mello ao
Brazil, e proseguindo depois a sua
viagem se perdeu adiante do Ca-
bo da Boa esperança. Salvou-se a
gente no batel, e nelle, e em duas
barcas fabricadas da madeira do
navio, que empedaços foy dando,
á costa, proseguirão a viagem cos-
tiando a terra com grandes traba-

Part. I.

lhos atè entrarem em hum rio da
terra delRey Manãcabó, aonde
por causa de se fiarem demasiada-
mente nos barbaros, que eraõ hun-
necios, foraõ por elles destruidos, e
roubada Dona Francisca Sardinha,
mulher do Capitaõ Diogo Pereira
de Vasconcellos, que era huma flor,
e servio-lhe a fermosura de desgra-
ça, como a muitas, que lhe fora
muito melhor serem feas. O Mestre
da não fez maravilhas para a defen-
der, e morreo na porfia, com mais
de sessenta, e os que escapáraõ, pro-
seguirão taõ desgraçada viagem,
atè chegarem á India.

CAPITULO XXXIV.

*De como Francisco Barreto fez
viagem para o Reyno, e de
huma prodigiosa pedra, q̃
trouxo à Raynha Dona
Catharina.*

DEpois de padescidos muitos
trabalhos, muitos contrastes
e desvários da fortuna, com que se
vio em grandes perigos, e por ulti-
mo exposto a huma terrivel falta de
agua, por cuja causa morria toda a
gente, que era muita senão fora
Deos servido que encontrasse no
mar a fusta de Reque Pinheiro, q̃
lhe deu quanta trazia, e depois de
ter perdido toda a sua fazenda com
grande magoa de toda Goa, de
quem era summamente amado, se

O

lançou

lançou terceira vez ao mar em viagem para o Reyno o Governador, que tinha sido da India, Francisco Barreto, na não S. Giaõ, q̃ lhe deu o Viso-Rey q̃ existia, e partio em vinte de Dezembro de 1560. e com melhor successo fez agora esta viagem, dando em toda ella meza aos Fidalgos, que vinhaõ em sua companhia. Chegou a Lisboa em hum Domingo treze de Junho do anno seguinte de 1561. no dia mais alegre, que costuma ter Lisboa, por ser o de Santo Antonio seu natural, e foy recebido de toda a Corte com muito alvoroço, e contentamento pelo terem por morto, por constar que havia tres annos que tinha partido da India a primeira vez e não se tinha outra noticia della, e acompanhado de toda a Fidalguia o levãrão a beijar a mão a Rainha Regente Dona Catharina, da qual foy recebido com notaveis estimaçoens, assim pela qualidade, e valor de sua pessoa, como pelos muitos serviços, que tinha feito aos Reys de Portugal na India, e em Africa.

Apresentou Francisco Barreto à Rainha huma joya, ou perola a mais preciosa, que podia vir da India. Era huma pedra prodigiosa lavrada pela absoluta natureza, a qual hoje estivera venerada em hum celebre Templo, se os homens amãrão tanto estas, como as lavradas da arte, e da vaidade; porque era huma pedra parda da forma, e grandeza de hum ovo com os sete Ceos figurados de

varias cores, e entre elles colocada por modo muito admiravel huma veneravel Imagem da Sacratissima Virgem Maria com o Menino Jesus, seu bento filho nos braços. O modo como foy achada foy este.

Andando na Ilha de Ceilaõ junto da praya do mar hum Soldado Portuguez, encontrou com hum Jogue, que são huma casta de Ermitaens, que ao modo gentilico ha naquellas partes que vagaõ, e fazem penitencia nos desertos, o qual levava hum saquinho de varias pedrinhas, seixinhos, e conchinhas coula curiosa, que tinha escolhido, e apanhado na praya, entre as quaes vio o Soldado a referida pedra, pediolhas dandolhe por ella huma esmolla, e trazendo-a a Cochim a amostrou a hum amigo, que a entendeu melhor do que elle, e lha comprou por dous pardãos, dinheiro da India. Começou a correr a fama da tal pedra, e do que continha, e sabendo-o o Governador, que então era o dito Francisco Barreto, lha pedio, mas não lha quiz dar, se q̃ primeiro lhe prometteffe [fazendolhe disso hum escrito] de lhe alcançar hum officio, que elle pretendia. Trouxe-a Francisco Barreto, e em Moçambique se começãrão a conhecer os seus favores; porque deitada em agua, e dada a beber a muitos doentes melhoravaõ logo, e pondo-a a algumas mulheres, que tinhaõ perigosos partos pariaõ felizmente. E contando-se isto á Rainha ella a recebeu, e estimou muito, e a guardou

no Theſouro de ſuas joyas, e em ſeu poder continuou os meſmos milagres, Anda hoje no movel das Rainhas; mas fora melhor venerarſe em hum Templo, e chamarſe a Senhora dos Ceos, ou das Indias.

CAPITULO XXXV.

Proſegüeſe os ſucceſſos da India governando-a o meſmo D. Conſtantino.

NO meſmo tempo, em q̃ Francisco Barreto navegava para eſte Reyno andavaõ os Reys de Cochim, e Cranganor envoltos em huma crua guerra, na qual ſenaõ entremetiaõ os Portuguezes; porq̃ ambos eraõ vaſſallos de Portugal. Porém deſcompondo ſe alguma gente de Cranganor contra alguns dos noſſos, a fuſtigou João Pereira de modo, que entendêraõ quanto lhes convinha não dar motivo a que a noſſa mão ſe levantáſſe irada contra elles. Proleguirãõ os deſacordados com a guerra, e foy o remate ficar ſuperior o de Cochim.

Tambem agora ſe compunha o Viſo-Rey, para hir ſobre o Rey de Jafanapataõ, e Senhor da Ilha de Manar; originava eſte movimento ſer aquelle Rey hum cruel verdugo dos que aceitavaõ no ſeu Reyno a Fè, e Religiaõ chriſtãa, tendo obrigado com ſua crueldade pouco antes a que lhe fugiſſe o ſeu proprio irmão mais velho, a quem tiranni-

Part. I.

camente havia uſurpado o Reyno. Tomou eſte deſpojados Principe por ſeguro o hirſe a Goa, adonde ſe bautizou com o nome de D. Affonſo. Favorecêraõ-no por mandado del Rey D. João III. atè que ponderando D. Conſtantino as miſerias padecidas pelos Catholicos do Cabo de Comorim, e praya da Peſcaria, com a torpe viſinhança dos Badágas; e que aquelle barbaro Rey com grande ira, e acceleramento degolava a quantos ſe confeſſavaõ chriſtãos, ſe resolveo a hir caſtigalo, e tirarlhe da mão o Cetro, e dalo a D. Affonſo, de quem elle era de direito, e dar hum Rey catholico aos que o eraõ, e o dezejavaõ ſer, para que os não atemorizáſſe a impiedade daquelle tyranno. Deſembarcou deſfronte da Cidade de Jafanapataõ com mil e duzentos homens, que paſſáraõ em mais de cem embarcaçoens pequenas, e grandes. O primeiro que ſaltou em terra foy Gonçalo Falcaõ. Oppoſſelhe ao deſembarque o Principe, com dous mil homens; mas obrigado das noſſas ballas ſe foy retirando. Entrãraõ os Portuguezes na Cidade por hũa fermosa rua, que ſe eſtendia muito daquella parte, no meyo da qual eſtavaõ duas peças de artilharia groſſas, cubertas com folhas de palma para enganar os noſſos, as quaes diſparadas a primeira paſſou por alto, e a ſegunda matou o Alferes de Luis de Mello da Sylva, e outros dous Soldados, e com algum caſculho ferio na cara ao meſmo Mello.

O ij

Acudio

Acudio Joaõ Pessõa alevantar a bã-deira , e foy marchando até se pôr sobre a mesma artilharia , que a havia derrubado. Mādou Luis de Mello este avilo ao Vilo-Rey , e foy marchando, com a barba escorrêdo sangue da ferida, rompendo por nuvens de setas, e pelouros dos barbaros , de que alguns ficãrão escalavrados , e hum deu no nó da garganta a D. Filippe de Menezes , e quiz Deos q̃ revelou sem lhe fazer mais danno , que deixarlhe huma nodoa vermelha.

Com o avizo marchou o Vilo-Rey a entrar na Cidade , acompanhado do resto da gente , e na sua companhia levava a bandeira de Christo crucificado hum Religioso de S. Domingos , a qual foy primeiro que se accõmetesse mostrada , e venerada por toda a gente. No mesmo tempo acudia por outra rua o dito Principe contra Gonçalo Falcaõ , que alli se finalou muito , e D. Antaõ de Noronha. Entre tanto anoiteceo , e ElRey conhecendo o perigo se retirou a Palacio , e depois a huma Fortaleza , que tinha dahi legoa , e meya de distancia deixando o Vilo-Rey Senhor inteiramente daquella fermola Cidade. Logo tratou de colher à mão o Rey ; mas elle retirando-se se poz em seguro. Entrando D. Constantino a tomar posse da Fortaleza , mandou atraz delle algumas esquadras , de q̃ foy primeiro Capitão Luis de Mello , que era o Aquilles destes dias , e os outros Martim Affonso de Mirã-

da, Gonçalo Falcaõ , e Fernando de Sousa de Castelo branco. Seguirão-no até o reduzirem a pedir misericordia , e a offerecer a restituição do Thesouro , que havia tomado a Tribuli Pandar , e a sua nora , mulher delRey de Cota , a sujeição á Coroa Portugueza , com moderado tributo , e a Ilha de Manar , e mandou seus Embaixadores a tratar da paz , e concertos. Aceitou o Vilo-Rey , ponderando quam difficulosa cousa era tirar totalmente a Coroa da cabeça áquelle Rey para a pôr na de seu irmão , ainda q̃ fosse sua de justiça.

Entre tanto que fazião entrega ao Vilo-Rey das cousas dos concertos , tendo mandado para a Armada o Principe , que ElRey lhe mandou em refens , a fortuna sempre varia voltou a sua roda contra esta felicidade. Juntos os Povos daquella terra de improvisõ conjurados , deraõ sobre os nossos , que estavaõ taõ descuidados , que primeiro sentiraõ os golpes , que vissem as armas , e degolaraõ a muitos , e o mesmo Vilo-Rey enganado astuciosamente esteve arriscado a succederlhe o mesmo. Recolhido a Armada mandou a D. Antonio de Noronha com quatro centos homens para soccorrer a Fortaleza , em que estava Fernão de Sousa , e havia morto em sua defensa muitos barbaros com a sua chegada os apertaraõ de sorte que lhe abriãrão caminho para sair da Fortaleza com tudo o que nella havia , e marchar para a praya de go-

lando nos barbaros, que concorrião a embaraçar-lhe o passo. Com este tão vario successo navegou o Viso-Rey para a Ilha de Manar levando o dito Principe prezo. Alli fundou huma Fortaleza, e trasladou para ella os moradores de Punicalé, para os remir da tyrannia, e oppressão cõ que eraõ tratados daquelle Naique. Ficou por Capitão della Manoel Rodrigues Coutinho acompanhado de Religiosos das Ordens de São Francisco, e da Companhia de Jesus; contentes huns, e outros igualmente com a justa destribuição, que de tudo lhe fez o Viso-Rey deixando-lhes ordenado o que haviaõ de observar. Despachou logo a Baltazar Guedes de Sousa por Capitão mór das Praças de Ceilão, remetendo por elle a El Rey de Gota sua avó e parentes, que o de Jafanapataõ lhe havia entregado por principio da execução daquella mal lograda concordia; e feito isto partio para Cochim.

Em Ceilaõ estava agora por Governador D. Jorge de Menezes o Baroché, que levando adiante as suas boas cavallarias, e as de seu antecessor Affonso Pereira de Lacerda em defensão del Rey de Gota, contra seu irmão Madune, obrou muito fazendo por vezes grande estrago nos barbaros; mas por fim faltando-lhe as munições vio-se apertado, e obrigado a retirar-se com tão grande pena, que lançado por terra mordida na areya por senão poder vingar de outra sorte.

Por este tempo o Cambayo Madre Maluco, vendo ausente de Damaõ ao Viso-Rey determinou com hum grande poder restituir-se della. Sabendo isto o Governador da Praça D. Diogo de Noronha, usou de huma notavel traça para o devirtir do intento, porque senão achava cõ forças para lhe poder resistir; persuadio com grande destreza a Cedemecaõ, Senhor de Surratê, visinho, e amigo, que o Madre Maluco, seu cunhado vinha a despojallo della, e para isso publicava, que vinha contra Damaõ. Deulhe o barbaro credito; sahio a visitar o cunhado ao campo, e persuadio-o a hir cear com elle. Aceitou o innocente, e apenas tinha entrado na Fortaleza com os principaes do exercito, quando foraõ todos degolados, e dando logo nos arrayes os destruhio, e fez fugir. Assim ficou a nossa Praça livre daquelle formidavel poder, que a ameaçava pela prudencia, e astucia do Governador.

Pouco depois sobreveyo sobre Surratê Chinguiscaõ, filho do morto, com animo encolorisado de vingar a morte do pay; entrou na Cidade, e obrigou a Cedemecaõ encerrar-se na Fortaleza della. Continuava-se a guerra de parte a parte quando chegou Luis Alvares de Tavora com dez navios de soccorro por mandado de D. Diogo, e dando a entender a cada hum que hia em seu soccorro, se deixava estar sem operação, até que o sitiador se concertou com o sitiado por hir acudir

a suas terras pelas quaes entrava outro inimigo, e assim ficáraõ ambos obrigados do favor de D. Diogo, q̃ tão astuciosamente os enganava por nossas conveniencias. Mas logrouse pouco o Estado desta sua grãde prudencia; porque morreo nestes dias pobremente de bens mundanos, tendo servido cargos em que podera adquerir muita fazenda, mas tudo gastava no serviço de seu Rey, e de sua patria, poucos hà hoje, q̃ o faibão imitar neste amor, e nesta limpeza de mãos.

1561. Enrrou o anno de 1561. quando o Viso-Rey se achava em Cochim despachando tres nãos para o Reyno. Vio-se com ElRey da Pimenta, que estava desávido, e fizerão concertos. Com a mudança que se fazia dos Principes de Calecut, para criarse em Cranganor, e os de Cranganor para se criarem em Calecut, se alteráraõ as cousas de modo, que o Capitaõ de Cananor João Pereira se achou apertado, e acudindo a impedir o passo aos Malavares, apoderados da Ilha de Primbalão, q̃ era del Rey de Cochim, com que apparecia perigosa a nossa Fortaleza. Cõ grande velocidade despachou o Viso-Rey a D. Francisco de Almeida, com dez navios, e outros a Luis de Mello da Sylva, com quinhentos homens. Assistio ElRey de Cochim com a sua gente. Houve huma batalha, em que os nossos obráraõ taes proezas, que por força os lançáraõ fóra da Ilha com morte de muitos, ficando o Mello ferido. Sobreveyo

Martim Affonso de Miranda, e acabando de alimpar a Ilha entregando-a a seu dono, partio o Viso-Rey para Goa.

Despachou Capitaens para algumas Fortalezas, e huma Armada de vinte e hum navios para soccorrer a ElRey de Baçorà contra os Turcos, que o tinhaõ apertado, e offerecia por este soccorro huma Fortaleza naquella terra. Foy por Capitaõ mór della Sebastião de Sã. Mas sobrevindolhe hum tẽporal muito forte não só não proseguio a derrota, que levava; mas derramouse por varios portos do Estado perdẽdo-se huma boa occasião de honra, e augmento delle; tendo-se feito com a dita Armada muy grande despeza, e isto por ser despachada tarde, como succede muitas vezes às nãos, que vão deste Reyno. Chegou entãõ aviso ao Viso-Rey de Cedemecão, que tendo outra vez sobre si a Chinguiscão, vẽdo-se sem forças para se defender, e se livrar de suas mãos. lhe offerecia para a nossa Coroa aquella Praça, pedindolhe enviasse a tomar posse della, só com a obrigação de o pôr em liberdade, com a sua gente, e fato, aõde elle finalasse. Armou logo quatroze Vellas, e com ellas mandou a D. Antonio de Noronha, e com elle Luis de Mello para Governador de Damão. Acháraõ alli quatro Galeotas, das que se haviaõ derramado da Esquadra de Sebastião de Sã, e passáraõ a Surrate com a de D. Antonio, com que se fez o numero de quatro centos homens. Foraõ entrãdo

do pelo rio por entre nuvens de balas, com que não houve embarcação sem perda de gente. Tomarão terra, e arrojando-se aos inimigos ganharão logo huma estancia, e continuando-se a guerra depois de varios successos, e esforços de parte a parte foy Chinguiscaõ vencido, com mais de vinte mil homens por menos de quinhentos Portuguezes. A Ruy Gonçalves da Camera se deveo ser o primeiro, que entrando por huma meya lua, com que nos vinha abraçando o inimigo, lhe deu a conhecer quem o buscava, levando espetado no ferro da alabarda hum dos principaes Capitaens contrarios. Cada hum fazia muito por se finalar, e o Capitaõ mór houvesse com extraordinario esforço, e prudencia, e ficou senhor do Campo.

Com aquelle proprio ardor entrou na Cidade, naqual se achava o Chinguiscaõ, e sahio della ayrolamente, ainda que com grande risco. Tratando antes, e agora com Cede-mecão, que entregasse a Fortaleza, como havia offerecido, achava nelle a frialdade de quem se via já defrontado do perigo, ou por temer, que pela execução da promessa o matassem os seus, como em fim intetaraõ só por causa da promessa obrigando-o a fugir, e dar em mãos do contrario, que o degolou, e succedeolhe no Estado de Surrate hum seu cunhado, chamado Carecem, com beneplacito de Chinguiscaõ, a quem soube obrigar com promessas, e rendimentos cortezes.

Em Maluco havia entrado o Capitaõ Manoel de Vasconcellos, que vendo-se com ElRey de Ternate o obrigou a que desistisse daquelle Reyno, por ser proprio da mão Portugueza, pela herança, que delle lhe havia deixado o seu legitimo possuidor, que feito christão, com o nome de D. Manoel morreo em Malaca. Assim o fez, e foy D. Sebastiaõ acclamado Rey do Maluco em todas aquellas Regiões: ficado-se o q o entregava com o titulo, e governo delle. Morreo logo o Vasconcellos depois de fazer alguma guerra a ElRey de Tidore. Succedeolhe o Alcaide mór Sebastião Machado, que a fez ao Jangaje de Geilolo; porque hia dando mostras de alguma arrogancia perigoza. Deixou-o humilhado com a mão de Jorge Ferreira, que passou a esta acção. A christadade hia em muito crecimento por todas estas Regioens cõ a diligencia, e cuidado dos Padres da Companhia, incansaveis obreiros da vinha do Senhor naquelle vasto Oriente, no q lhe não eraõ inferiores as Franciscanas muito mais antiga, e a Dominica, que erã quantas até gora lá tinham passado. Cujá diligencia, e santissima Cõquista era alêtada e favorecida do Viso-Rey, que com aquelle sangue de Principes instituidos pelo proprio Christo se desvelava no alcance dos mayores frutos por esta cultura; intenção singular dos nossos Reys nestes descobrimentos, e Conquistas.

CAPITULO XXXVI.

Do grande Imperio, ou Região da Cafraria de Monomotapa, e da primeira Missão de Prêgadores Evangelicos, que entrou nelle.

Porque por este tempo entráão na grande Região da Cafraria de Monomotapa tres Padres da Companhia de Jesus a prégar a Fé de Jesu Christo aquelles barbaros, que foraõ os primeiros Missionarios Evangelicos, que lá entráão; pedidos pelo Capitaõ de Moçambique, e mandados de Goa á instancia do Viso-Rey D. Constantino, e porq̃ entãõ se teve mayor noticia deste novo mundo tão incognito, aos antigos Geografos, e adiante havemos de ver hirem a senhorearse delle os Portuguezes, como Conquista sua propria espirital, e temporal, daremos aqui noticia de suas coufas, e depois a daremos tambem da dita Missão, com brevidade deixando o mais para os Autores, que o tratão expofesso.

A Ethiopia inferior, ou Africa Austral, de que agora havemos de fallar, corre da linha ao Sul até o Cabo da Boa Esperança, posto em trinta, e cinco grãos. O mar Oceano a lava pela parte do Levante, Ponente, e Meyo dia, e para a parte do Norte confina com a immensa vastidão da Africa Septentrional, ou

Ethiopia Superior. Nesta Africa Austral já a Região a que os Portuguezes chamaõ Cafraria, por ser habitada de Cafres, que no Arabigo val o mesmo, que homens sem ley, e convem este nome mais propriamente ás naçoens, que carregão obre o lado Oriental entre o Cabo Delgado, que está em dez grãos, e hum terço, até o Cabo da Boa Esperança, porque os Arabigos, que chamãrão Cafres a estes barbaros, nunca passarão à outra costa, nem os Portuguezes na Europa, ou no Brazil dão este nome aos Angolanos, Benguelas, e outras muitas naçoens de negros Occidentaes, que estão sujeitas ao seu dominio. Neste destrito pois da Africa Austral, e Oriental ha muitos Reynos, Senhorios, e Republicas livres, de q̃ não ponho os nomes, por ser lição impertinente; porẽm os mais affamados, e conhecidos são os dous Imperios de Monomotapa, e dos Bororos, que vem confinar com as margens do rio Zambeze, este pela parte do Oriente, e aquelle pela parte do Occidente. Ficunda este rio quasi toda a Cafraria, e desce de tão longe, que ninguem lhe sabe o principio, nem a industria dos Portuguezes, que lhes não escapou a fonte do Nilo, tão mysterioza por occulta aos antigos, descobrirão até hoje a origem deste, o qual depois de correr muita Africa, e recolher em si outros muitos rios, entra no mar Oriental, por duas bocas distantes hũa da outra trinta legoas.

A primeira foz, e mais proxima a Moçambique, donde dista noventa legoas, he a barra de Quilimane, posta em dezoito grãos, e aberta ao Leste. A segunda mais para o cabo da Boa Esperança he a de Luabò. Entre estas duas barras ficaõ tres Ilhas, das quaes a do meyo he a mayor, e terá trinta legoas de comprimento até a garganta do Rio, que daqui por diante computando as voltas corre a Nordeste. Chamasse a Ilha Chingoma, onde houve huma povoação chamada Cuama, por cuja causa os Portuguezes intitulaõ a toda esta Região, *Rios de Cuama*. Rios, e não Rio; porque sendo hum só se reparte em muitos, retalhando a terra em diversas Ilhas à força de seus braços. A segunda he a Ilha de Linde, de sete legoas de comprimento, que de fronta com a terra firme de Quilimane, e lhe forma a barra. A terceira para a parte de Luabò he a mais pequena. As duas barras de Quilimane, e Luabò são capazes de embarcaçoens do cem toneladas, porém os Portuguezes sómente frequentão a de Quilimane por ser mais segura, ainda que se não livra de muito arriscada às vezes. O Rio he de agua doce: em partes se ajunta muito; e em outras se alarga tanto, que quasi se perde de vista a outra banda.

Ha neste Rio diversos generos de animaes horrendos, e nunca vistos em Europa; hum dos quaes he

o Hipopomo, ou Cavallo marinho, muy differente do da India. He animal muy feyo, e disforme do tamanho de hum boy, mas de cabeça muito mayor, ainda que semelhante. Tem huma Estrella na testa, e a cauda tão pequena, que mal se vé, e as pernas muy curtas, os pès pequenos, semelhantes aos do Ganço; e muy a proposito para nadar: quasi todo he igual, e roliço: os olhos pequenos, e nas orelhas, e rinchar parece cavallo, e daqui tomou o nome. De dia anda no Rio, e de noite pela terra passando erva, de que vive, e quando volta para a agua corre com tanta furia, que se encontra com algũa arvore a lança por terra. Lagartos de vinte palmos de comprimento; que se colhem hum homem, ou animal pela praya, o despedação e comem. O peixe redondo de tres palmos de comprido, e de huma só espinha tão preguiçoso, que vafando os Rios fica sepultado no lodo esperando pelo Inverno, e sustentando-se na sua propria cauda. O tremedor, q̃ posto na mão treme a espaços, e faz tremer o braço de quem o tem, cujo effeito dizem q̃ não causa nos virgens. Andão tambem aqui Corcodilos como os do Nilo; porém differentes em humas conchas, que tem, tão grandes, e tão duras, que parecem fortes arnezes de aço. Os seus figados he a mais refinada peçonha, que lá se póde descobrir. Mantem-se de carne do que colhem pela praya,

ou seja gente, ou animal, o mais ordinario he de Cervos, Bufaros, e colhem-nos por engano quando vão a beber. O que fazem escondendo-se na agua junto de terra, e quando algum delles chega, o metem no Rio, e o comem. Conta-se na vida do Santo Padre Gôçalo da Sylveira; Apostolo da Cafraria, de quem logo trataremos, hum calo bem engraçado para os que gostaõ de semelhantes certamens, e não para quem tem o coração compassivo, e succedeo por este tempo. Corria hum Leão atraz de hum Bufaro, o qual cansado de fugir acudio a beber, e cahio nas garras de outro tal inimigo. Resistio fortemente puxando para terra, e o Corcodilo para o meter no Rio. Entre tão chegou o Leão, e lançando as garras ao triste Bufaro, com tanto impeto puxou por elle, que levantou no ar ao Corcodilo; e dando com elle em terra arrebentou da grande pancada, e q deu.

Junto ao Rio estão as melhores povoaçoens que là tem os Portuguezes, que são Sena distante do mar sessenta legoas, situada no Reyno de Ilhamoy, e Tete distante de Sena outras sessenta, e do mar cento, e vinte; entre as quaes ha outras menores, e todas são da Coroa de Portugal, e em todo este distrito ha residencias de Padres Dominicos, e Jesuitas, Cultores desta vinha do Senhor. De Tete por diante se começaõ a es-

tender os Reynos de Munhay, e Mocranga, patrimonio do Monomotapa. O Rio he navegavel até trinta legoas de Tete, aonde hum grande penedo, que o atravessa impede as embarcaçoens, e passado, ainda torna a ser navegavel em partes principalmente no Inverno. Sempre correo fama de haver neste Imperio abundantissimas Minas de ouro, e prata: das segundas nunca os Portuguezes tiverão inteira noticia do sitio, nem das primeiras foraõ tão senhores, como agora das do Brasil, guardando os Cafres sempre inviolavel segredo por lhe não serem roubadas. As do ouro, que são mais manifestas são muitas, e as mais ferteis delle estão na Mocranga, junto de Bocuto, e Mossapa.

Não muito distante de Bocuto fincoenta legoas de Tete está hum alto monte, ou serra, que chamaõ de Fura, donde dizem, que a Rainha Sabá, que dos fins da terra veyo a Jerusalem a visitar ElRey Salamão, tendo noticia da sua grande sabedoria, carregou os Camellos de ouro, e prata, que lhe levou em presente, e querem que Fura seja vocabulo corrupto de Ofir, donde o dito Rey mandava depois que teve esta noticia, pela dita Rainha, carregar as suas frotas deste fino metal para a fabrica do Templo de Jerusalem, e em prova disto perseverão ainda por esta serra algumas cercas de pedras de altura de hum homem encaixadas hu-

mas nas outras com admiravel artificio, sem cal, nem lavor algum de picão: e dentro destas cercas de viação morar os Judeos, Feitores de Salamaõ. Outros querem que sejam viltigios de Palacios dos antigos possuidores destas Minas, ou de Castellos, donde se defendiaõ dos Estrangeiros. Estende-se o circuito das Minas por mais de duzentas, e fincoenta legoas, e foraõ taõ abundantes, que sem ser cavado, á superfície da terra se achavaõ pedaços de ouro de valor de quatro, e mais mil cruzados; e na ferra de Fura se descobrio huma pedra, q̃ depois de fundida tinha de valor quarenta mil cruzados, e outra subio a quatro centos mil; e até nos troncos das arvores se achavaõ grandes veyas delle; porẽm estas abundancias devem de estar já hoje muito deminutas. Ha tambem nos rios muita abundancia de areya de ouro.

Para resgate destes gricos me-taes instituiraõ os Portuguezes varias Feiras nesta Regiaõ, que eraõ certos sitios, onde moraõ alguns de assento, e outros muitos concorriaõ a certos têpos com pãnos, missanga, que são continhas meudas, e outras meudezas de bem pouco valor entre nòs, e de grande estimação para os Cafres, q̃ descem a trocar o ouro por ellas. A primeira se chama Luanze, distante de Tete trinta e cinco legoas ao Sul. A segunda Bocuto treze legoas da outra. A terceira Massapa.

Part. I.

De sta a quarta Feira vaõ trinta e cinco legoas, a qual se chama Dambarari, e a ultima Ongoe, para a parte do Norte, distante quarenta legoas. Algumas dellas estaõ hoje destruidas por culpa da ambição de quem não sabe caber cõ o bem, e quer mais do que he razão. Todos os Portuguezes neste Imperio, tem privilegio de mulheres do Emperador, em sinal de amor, e o Capitaõ, que assiste em Massapa chama elle a sua mulher mayor, e não se pôde hir dalli sem sua licença.

Passadas estas Minas se começa a estender o Reyno de Chiroro, abundante de arroz, e gado; mas muito falto de lenha, por ser todo de planicias. Mais ao Poente està Arupande, Xangoa, e o dilatado Butua, que confina com Angola, e Benguela, por onde muy bem se pôde entrar na Cafraria com mayor facilidade. He abundante de ouro, onde o vaõ resgatar os Portuguezes de Sofala, e Sena. O Reyno de Manica he hum dos mais celebres pelo Sertaõ da Cafraria, e nelle tem os nossos duas Feiras de ouro. Ao pè deste se estendem os Reynos de Barbe, e de Macombe. Alem das povoaçoens referidas temos mais neste Imperio de Monomotapa a Fortaleza de Sofala, porto do mar, em dezaleis grãos meridionaes, e trinta legoas da barra de Luabó. Todas estas terras correm da parte elquerda do rio Zambeze, entrando pela barra de

P ij

Qui.

Quilimane, e à mão direita se estende o segundo Imperio que chamão dos Bororos, dividido em muitos Reynos, o principal dos quaes he Moravi, que toma o nome da Cidade principal, que distará de Tete sessenta legoas lançadas pelo certão ao Nornordeste; junto della ha hum grande lagoa, que se prolonga para a mesma parte, que terá de largura quatro, ou cinco legoas, e não se sabe quanto se estende; entende-se que por ella se pode navegar para Ethiopia, ou Abassia, indo em canoas, ou almadias, e ainda hoje vivem com esta esperança os Padres da Companhia. He abundante de peixe, pelas margens de mantimentos. Depois deste Reyno se segue o de Massi, e logo o de Ruengas, e outros menos conhecidos.

Assim como os Reynos da Cafraria são muitos, e muy largos, assim os climas são varios, as terras juntas aos rios de Cuama são quentes, e humidas com excesso, e por essa razão doentios principalmente no Reyno de Tonga, onde o calor he intoleravel. As da Mocranga, são, pelo contrario temperadas, e sãdias. Começa o Inverno em Dezembro, e acaba no fim de Abril; e depois continua hum frio agudo até meado Agosto, por causa de certo vento subtil, e penetrante: passado elle reverdessem as arvores, e se vestem com os campos de variedade de flores, e frutos. Na Mocranga queima este frio to-

do o arvoredos, excepto o de espinho; congela-se a agua, e nos montes altos succede enregelarem-se os corpos, porém nas terras vestidas ao rio he muito mais brandos, e por isso as arvores nunca largão de todas as folhas, mas pouco, e pouco as vão mudando como as oliveiras em Portugal. Todas estas terras se as cultivão abundão de frutos; mas os barbaros não se sabem aproveitar dellas.

Produzem milho grosso, e miúdo, e arroz, q̃ são o seu principal mantimento. Não tinhão conhecimento de trigo, e levado lá da India, feita experiencia achouse, que o tempo de sua producção he de Mayo até Agosto. Não tem vinhas, nem oliveiras, e assim compoem o seu vinho de milho miúdo, e de hum genero de legume, como mostarda, que chamão Nachenin, amassados com agua, e faz efeitos semelhantes ao nosso. O azeite fazem de pevides de figueira do inferno, malancias, e pepinos esprimidos, e serve só para se untarem. Tem variedade de frutas, e em Sena, e Tete peras, e figos como em Portugal. Ha aqui hum arvore, cujo miolo he venenoso tão activo, que as frechas untadas com elle, se ferem qualquer cousa matao irremediavelmente se lhe não acodem logo com certa raiz tão medicinal, que mastigada, e cuspidada sobre a ferida puxa logo o sangue, e com elle a peçonha para fora. Onde se verifica bem

bem o adágio dos Portuguezes: *Que quando Deos permite o mal, logo destina a Medicina.* Trazem sempre os Cafres esta raiz pendurada dos arcos, para se valerem della, em qualquer aperto; e assim andão sempre acompanhados destes dous contrarios.

Ha nesta Região grande abundancia de aves, e muito baratas. O passaro das plumas he tão grande, que engole huma galinha inteira, e ha outro tão desmarchado, que arrebatã, e engole huma cabra. Não falta gado de todo o genero principalmente vacas, de que ha mayor quantidade sem exercicio; dos animaes Sylvestres ha grãde numero de Lobos, Tigres, Uílos, Leões Abadas, com duas pontas na cabeça, huma no cachaço, e outra na testa, que a algumas crece até sete palmos, e com ella brigaõ, e matão, e revolvem a agua antes q bebaõ, como faz o Unicornio, animal da Ethiopia. São quasi do tamanho do Elefante, velosissimas no correr, e da pelle, que he muito grossa, se fazem bastões. Porém o de que ha mayor quantidade he de Elefantes, e tão grandes como torres, e delles he o mayor mantimento dos Cafres. No caçar delles ha variedade, e differença em cada Reyno. No de Tonga são os Caçadores delles conhecidos por certa marca, que lhe poem os pays em pequenos. Juntaõ-se grande quantidade delles de até cento, e sincoenta para hir a esta caca dos

Elefantes, que andão pascendo pelos campos, outros bem armados os esperaõ nos passos estreitos dos bosques. Os primeiros Caçadores os afugentão para onde estaõ os segundos, os quaes quando elles vão passando a hum, e hum os decapaõ pelas pernas com tal força que ou cahem logo, ou pouco depois, não podendo governar a sua grande maquina de carne. Feito isto juntaõ-se todos a despedaçalos, e dividilo entre si. A tromba como parte mais estimada, he para El-Rey, os dentes, que são o marfim, são tão grandes como madeiros, e alguns carregaõ muy bem hum carro.

Em Monomotapa usão de outras traças. Vão dous Cafres, e tão que apanhaõ algum no meyo toca hum delles hum affovio, e acodindo o Elefante àquella parte com o seu tardo movimento para as ilhargas, o outro o fere na curva da perna com hum grande machado, e acodindo elle à parte da ferida, o outro Cafre faz o mesmo, e tantas vezes até que o lançaõ por terra, donde senão levanta mais, e matando-o usão o mesmo, que os de Tonga. Aqui se achou ser falso o que dizem, de que senão deitão por não poderem dobrar os joelhos, e que dormem em pé encostados às arvores; o que assim succede em algumas Regiões especialmente em Guiné, onde dizem, que para os caçarem facilmente degolaõ as arvores junto da

da terra até ficarem mal leguras, onde elles costumão dormir, e vindo elles encostar-se com a força do encontro botão a arvore por terra, e cahem juntamente. Tambem usão fazer-lhe tranqueiras, e valas por onde sabem, que hão de passar, para cahirem nellas, e tanto que cahem acodem os negros, que estão á espreita, e os matão, e reparam, e a caula de se dizer, que se não levantão mais, caindo, será por serem muito pezados, e demasiadamente grandes, e fazerem-no de vagar, e difficultosamente para o que lhe não dão tempo os que os espreitão, e prova-se isto de outro uo de caça, que ha delles na Cafria.

Vay hum Cafre com muita subtilidade ter aonde algum dorme, estando deitado, e com as pernas muy bem dobradas, leva na mão direita hum azagaya, e na esqnerda hum facho de fogo, e por diante lhe mete a azagaya entre a guéla, e opeito, por certa parte, onde a pelle he muy branda, e com grande ligeireza tira com o facho para hum banda, e foga para a outra. Acorda o animal, e sentindo-se ferido, não vendo o offensor, corre á luz do fogo dando medonhos urros, e vafando-se em sangue até que morre. Segue o Cafre pela manhã o rasto do sangue até dar com elle, e chamando outros o desfardão todos. A carne communmente deixão apodrecer e então a comem com mais gosto

por estar mais tenra. As qualidades, natureza, valor, e prestimo destes animaes se veção na Chronica del Rey D. Manoel. Ha tambem naquellas brenhas cobras tão desmarcadas que tem quarenta palmos de comprido, e se chamão fatos; engolem hum boy inteiro. He Região muy falta de cavallos, e por elles suspirão continuamente os Portuguezes para alivio das dilatadas jornadas. He tambem por partes muy falta de mantimentos por culpa dos naturaes, que ou não sabem, ou não querem aproveitar-se dos campos sendo fertiz, tendo abundancia de boys, que por perguica, não domaão, e quando viraão q os Portuguezes em tempo do Governador Francisco Barreto fugeitavaão ao jugo os boys, e bufarros pondo-os a carros, e acarretando pedra com elles para hum Fortaleza, que se fazia em Sena, e lavravaão a terra com arados, passavaão admirados de tal novidade.

CAPITULO XXXVII.

Prosegue-se o mesmo, dando conta dos Reys, e dos costumes dos Cafres.

A Cidade principal cabeça deste grande Imperio, ainda que geralmente se chama Monomotapa, o seu nome principal he Simbaóé, onde reside, e tem a sua Corte o Emperador. Terà humalegoa

legoa de circunferencia ; porém as cazas estão muito apartadas humas das outras , e todas são de madeira , e barro cubertas de palha, até os Paços Reays; porque não tem cal, nem telha, nem engenho para a fazerem. Cada huma está cercada com sua seve de pãos. Os Paços do Emperador são muy grandes porém as estancias de q particularmente se serve são tres huma para si, outra para a sua mulher, outra para os criados, que lhe assistem das portas a dentro. Por tres portas se sahe a hum pateo: hum para sahir a Emperatriz, onde não entrão homens; outra para elle, e por ella entraõ sómente os moços, que com particularidade o servem, e são filhos dos Grandes: outra que he a dos cosinheiros, que são os principaes Senhores, e parentes seus; e dos moços da cosinha, q tambem são nobres, e nenhum de todos estes nomeados ha de passar de vinte annos de idade, porque até alli não se presume que entendão com as mulheres; e se algum encorre neste vicio he gravemente castigado; Passado este tempo servem de fóra, e vão crescendo em cargos uteis, e honrosos, e todos tem seus Capitães, que os governão.

Os officiaes mais principaes da caza Real são: *Ningomoxa*, que he Governador dos Reynos; *Mocomoaxa*, Capitão general; *Ambuya*, Mordomo mór. A este quando morre a Mazarira, mulher princi-

pal do Emperador, toca o nomear logo outra, que herde o estado da defunta, que sempre ha de ser irmã, ou a parenta mais chegada do mesmo Rey; *Inhantovo*, que he o Tangedor mór, a quem estão sujeitos muitos outros Tangedores, e Musicos; e este he Senhor dos Grandes; *Murucão*, Capirão mór; da guarda; *Bucurum*, que val: *Mão direita del Rey*; *Magande*, Feiticeiro mór; *Netambé*, Beticario, q guarda os feitiços, e unguentos *Nehonho*, Porteiro mór. Todos estes officios não sahem de senhores. Não ulão de manjares artificiosos, nem delicados, todo o seu comer he cozido, e assado nas brasas. Comem todo o animal vivete fazendo summa estimação dos ratos, como nós das perdizes.

Tem o Emperador mais de mil mulheres; porém nove são as principaes, e se chamão grandes Rainhas, são todas suas irmãs, e parentas mais chegadas. A superior he a *Mazarira*, que se chama *Mãe dos Portuguezes*, que aprezenteyão; porque trate os seus negocios com o marido, e o Emperador não lhes envia algum Embaxador, sem q vá na companhia criado seu della. A segunda: *Inhanda*, e patrocina os Mouros. A terceira: *Nabuzia*, e he a que vive com elle das portas a dentro: a quarta: *Navemba*: a quinta: *Nemangore*: a sexta: *Nizingoa pangi*: a septima: *Nemangoro*; a oitava: *Nessanbi*: a nona: *Necarunda*.
Todas

Todas vivem à parte, cada huma com o melmo fausto, e Officiaes q̃ o Emperador, com rendas, e ainda Reynos proprios para as despezas de sua casa. Tanto que morre alguma logo lhe succede outra no estado, e nome. Tem jurisdicção, como o Emperador, para premio, e castigo. Elle ora vay ás suas casas, ora as manda vit a Palacio. Com ellas vive a outra turba de mulheres divididas, que lhe obedecem como subditas, e de que elle usa quando quer; e assim são tantos os filhos, que tem, como moscas, e lhe nascem cada anno mais de trezentos.

Trata-se o Emperador com grande ostentação, e grandeza, como Senhor do melhor, e mais rico torraõ de terra, e he obedecido de mais de vinte e cinco Reys, e outros, que são senhores absolutos de Provincias, e Republicas livres, que todos lhe rendem vassalage, e pagão tributo, e por isso he tão poderoso, que em tempo de guerra com muita facilidade poem em campanha cem mil homens. Tem para sua guarda trinta mil Cafres da gente elcolhida, que todos vivem pelos povos vesinhos, e dispostos para o que se ordenar. Obedecem estes ao Perfeito dos portos do Reyno, que em sua lingua chamão: *Mocomorgo*, ou *Zono*. A este toca ter cuidado das entradas do Imperio para que lhe não succeda algum desastre. Por este tempo, de que vamos tratando servia

este cargo Antonio Cayado, Portuguez, muy valido do Emperador. Trazem por Bandeiras figuras de Elefantes, Corcodilos, Leões, boys e de outros animaes, levantadas em lanças muito altas, e por ellas se conhecem os Capitães. A vida do Soldado he cõmun entre elles, e he a que mais lhes contenta. Na guerra estranhão muito estratagemas, e ciladas. Dão batalha em campo descuberto, e de dia; por q̃ tem por cousa afrontosa accometer ao inimigo de noite. Trazem armas para offender, e não para se defender. Usão de quatro generos dellas cada hum juntamente a saber: arco, aljava com frechas, as segundas, lanças de arremeço: em treceiro lugar espadas penduradas de bainhas de madeira, e finalmente hum garrote acõmodado para ferir, do qual usão quando não podem jugar das outras armas, e como esta Região he falta de mantimentos não podem estes exercitos perleverar tres dias em algum campo por falta delles, e assim andão em continuo movimento deixando tudo abrazado por onde passaõ sem ficar animal, nem o mais asqueroso, nem erva, nem folhas de arvores, que não consumão. Quando pelejão cobrẽ os peitos com hum panno de algodão em forma de Cruz deixando as mais partes do Corpo descubertas.

Mas voltando ao Emperador, todos os que o servem o fazem de

joe.

joelhos, ninguem entra aonde elle assiste sem sua licença senão for Rey, ou pessoa Real, e nenhum de qualquer qualidade que seja pôde entrar sem se descalçar primeiro. Ninguem lhe vay falar sem lhe levar algum presente o qual se o aceita he sinal de benevolência, se o engeita de disflabor. Falaõlhe de joelhos, e debruçados, e apartados d'elle; he grande descortezia estar em pé diante d'elle, e ficar lhe igual, ou sobranceiro; mas não se estranha virar lhe as costas, antes he estranhado virar lhe o rosto. Quando bebe, tosse, ou espirra logo se sabe em toda a Cidade; porque os presentes o saudão em voz alta, e batendo nas palmas, os de fóra ouvindo fazem o mesmo, e os da Cidade vão continuando com aplausivel matinada. E com todas estas grandezas, os ornatos de seu corpo, consistem somente em hum panno de seda fingido pelo peito, e outro pendurado dos hombros, a armação do Paço são machiras, que são como redes do Brasil. Traz pendurada hum a pã com a alfe de marfim, e atraz fingida como espada por insignia para encarregar aos subditos a agricultura, como cousa muy importante à conservação da vida, e para isto sahe ao campo nos tempos da sementeira para dar calor a ella aos Cafres, que são summamente preguiçosos. Traz mais duas espadas fingidas para mostrar a sua soberania de que he castiga-

Part. I.

dor dos mãos, e defensor dos bons.

Quando sahe fóra, leva na mão seu arco, e frechas ou hum azagaya de pão preto com ponta de ouro maciço a modo de ferro de lança: e vay sempre diante d'elle hum Cafre batendo com a mão em hum a caixa, para que todos advirtão que vem atraz o Emperador. Todos os mezes quando apparece a Lua nova, faz hum a festa aos seus Mozimos, que são os defuntos, seus Antepassados: e neste dia ninguem tarbalha, mas todos vão à Corte, e o Emperador toma certas ervas, e as mistura com milho, e azeite, e com esta agua rozada borrifa aos vassallos para os attrahir á sua obediencia. Lava-se em vinho, e depois o dà a beber aos seus para que se unão com elle em hum só coração, e hum a só alma. Estas festas consistem em pemberar o Emperador no seu Paço com azagayas hum a em cada mão. Pemberar vem a fer o correr de hum a parte para a outra a modo de quem peleja em qualquer batalha, fingindo ora q a tira, ora que se retira, e desvia de algum tiro. Celebraõ-se ao som de muitas flautas, a tabales, e assovios. Os mezes repartem elles em tres somanas de dez dias cada hum a, o primeiro dia he o da Lua nova, e sua festa ao quarto, e septimo de cada somana, nelles se veste a Corte de galla, que não excede hum panno de seda, e o Emperador dà audiencia a todos, e nella está em

Q

pè

pé com hum bastão de tres palmos em cada mão como arrimado a elles, e as partes lhe falão postradas como asima se disse. Costuma durar de pela manhã até horas de vespéras. Se se acha empedido vem em seu lugar o Ningomoxa. Ninguem lhe póde falar, nem hir a Palacio no oytavo dia da Lua, nem elle obra cousa importante, tendo-o de malissimo agouro.

A sua mayor festa he no primeiro dia da Lua de Mayo, à qual chamão *Chuarvo*. Achaõ-se para ella na Corte diante do Emperador todos os Grandes, e Senhores do seu Reyno, que são infinitos, e todos pemberão huns com outros com azagayas nas mãos, envestindo-se, e retirando-se: viva imagem de verdadeira batalha, ao som de muitos instrumentos. Dura a festa todo o dia, e acabada ella manda trazer hum panella de Maiz, cosido em grão, e espalhando-o pela instancia lhes diz, que comão; porque o Maiz nasce da terra, e elle he o Senhor della. E elles se abaixão com grande competencia, e emulação a apanhalo, sabendo q o q mais colhe mais lhe aggrada, e de pois o comẽ cõ tão gosto como se fora massapão. Feito isto recolhe-se o Emperador, e oyto dias não apparece não cessãdo entre tão os atãbores o seu estrôdo. No ultimo dia manda matar a hũ dos Grandes que se acharaõ na festa, o qual sempre he aquelle; a quem he mais

desaffeiçoado. Isto he como sacrificio, que offerece aos seus Mozimos, ou Antepassados, que supoem colocados no Ceo; calaõ-se os instrumentos, e cada hum volta para a sua terra. Gosta muito o Emperador de huns instrumentos, que se tangem diante delle, e vem a ser huns adufes de couro de boy seco, de feitio de saquinhos de dous palmos de comprido, a que chamão inhabũdos, com quantidade de pedrinhas dentro, que fazem hum zunido enfadonho, e descompolto, e quãdo quer chuva manda os tangedores com elles a certo lugar a despertar os Mozimos, para que resolvão as nuvens em agua: e nella supplica se contradiz a si mesmo pois se jacta de presidir aos Meteoros. Estã a Corte de Simbaoé ao levante da nossa povoação de Tete, e quasi na mesma altura. As cazas não tem portas, se não a do Emperador, e as dos Grandes, aos quaes tocaõ defender o povo de ladroens; e se ha Justiça nas Cidades, esse executára rectamente, e cruzadas eraõ portas, trancas, e ferrolhos.

Os mais costumes dos Cafres são tão barbaros como elles. A principal gente desta nação, e de que sempre sahe o Emperador he a de Mocranga, em que ha alguma policia, porém geralmente todos são frouxos, rudes, sem Ley, sem Letras, nem arte alguma, que invêtassem, ou recebessem de outra nação em tantos seculos. Contão as

Historias passadas por tradicção. Mas não dão noticia do nome, e principio dos seus Reys: entende-se que já os tinhaõ em tempo da Rainha Sabà, que eraõ seus Vassallos, ou tributarios. Os que tratão com os nossos se vão domesticando, e usão já de vestidos da India; muitos cingem-se com as peças de panão, que nos compraõ assim sem mais feitiço, os outros usão ordinariamente de pelles de animaes. Na Mocranga conhecem que ha Deos ao qual chamão *Morungo Mocuto*, mas não o adoraõ, nem lhe offerecem sacrificios: porque não o temem, nem esperão d'elle cousa alguma nesta, ou na outra vida: não adoraõ idolos, e crêm, que ha demonio, e que he máo, e chamaõ-lhe *Muzuco*: toda a sua superstição consiste na veneração dos Muzimos, que são os seus deuses, a quem reccorrem em suas necessidades, como nos fazemos aos Santos, em cujas figuras lhes apparecem os demonios em sonhos, e lhes pedem varias cousas de comer, e beber, que elles offertaõ ás sepulturas de seus antepassados. Donde se infere, que crem a immortalidade da alma, e a outra vida; mas tem a vontade tão indurcida, e depravada, que nenhum caso fazem do outro mundo. Adoraõ alguns huma enxada metida na terra com o gume virado para cima, por ser instrumento, com que fazem as suas sementeiras. São muy dados a feitiços, e nin-

guem castiga com mayor rigoraos feitiçeiros. Governão-se por *Fumos*, que são como Governadores: sogeitos ao Rey: ou por Senadores: que chamão *Mocûros*. Cada hum delles he Senhor de sua Aldea, e todos juntos elegem hum Consul, que preside ao Senado na Metropoli, ou Mozinda. Tem seu General das Armas, a quem obedecem os Capitães das mais Cidades, e povos: são muy vingativos, mas ninguem pôde queimar caza, ou derramar sangue sem licença dos *Fumos*, ou dos *Mocûros*. As causas, e demandas se concluem de pé a pé, por mais graves, e intrinçadas, que sejam: alegaõ as partes a sua justiça, e dá-le logo a sentença da qual se não pôde appellar, nem dizer mais palavra. Quando hum affirma, e outro nega, e não ha prova bastante à decizão da causa, appellaõ para o *Mavi*, bebida venenosa, e quem a bebe, e vive, vence o pleito. Os que se não querem arrilcar a tão perigosa prova, substituem em seu lugar huma galinha, e se ella escapa depois de beber o *Mavi*, triunfão, e se morre sofrem origor da pena determinada ao crime, ou verdadeiro, ou imposto. Porém ninguem he obrigado a estar por esta experiencia, sem ser primeiro indiciado pelo feitiçeiro. Todas as Cidades tem suas *Choangas*, isto he, Procuradores na Corte, os quaes são obrigados a patrocinar, e fazer dar entrada no Paço aos pretendentes da sua

Cidade são inclinados a criar gados, e cultivar os campos, e nisto consistem todas as suas artes. E são tão brutos, que não sabem domar os animaes, nem aproveitarse delles para o serviço, e nem ainda depois de o verem fazer aos Portuguezes, cousa que tanto os admirou, se resolvem a isso: assim fazem as suas sementeiras cavando a terra, e não muito funda, e enterrão a semente fazendo covas pequenas. São muito invejosos huns dos outros; e assim se algum se avanteja em criar gado, cultivar a terra, recolher mais frutos, lhe tem tal inveja, que conjurandose contra elle, lhe tirão a vida, attribuindo-o não à sua industria, senão a feitiçaria, e para os matarem basta vir-lhe ao sentido. Não sabem que cousa he providencia, e assim não guardão de hum dia para outro, donde vem a padecer facilmente necessidades.

Comprão as mulheres, com quem hão de cazar, e o mais rico tem mayor numero; e este he entre elles o mayor final de grandeza. O ter muitas, e o mais forte impedimento para receberem a Fé; mas muitos pobres se contentão com humia só. Estas servem ao marido de cultivar o campo, e de todo o serviço, como escravos, e quando ellas não tem filhos, as entregão a seus pays, e recebem delles o preço com seus frutos, a saber: a vaca com os seus bezerros, de de o dia do casamento até o do repudio: e assim

elles, como ellas podê tornar a cazar com outro. Como nunca entre elles se introduzio seita alguma, ainda, que se entende lhe foy pré-gada a dos Mouros, de que tomaraõ o conhecimento, que alguns tem de Deos, e noticia do demonio, com tudo como della não confervão mais que a circuncisaõ, são fa-ceis em crerem as verdades Evangelicas, e receberem a Fé de Christo; mas muito difficultosos em largarem as mulheres, como aconteceu no Reyno do Congo. Se de pequenos são instruidos sahem bõs Christãos; porém nos grandes não ha perseverança, e com a facilidade, com que recebem a Fé, alargaõ; quando ella lhe contradiz os seus depravados costumes. Facilmente entregão os filhos para serem bautizados; mas ha muita falta de Ministros, que lhes affistão, e instruaõ entendimentos tão rudes, e obstinadas vontades. O Emperador todos os annos renova o lume, e o divide, e manda por todo o seu Imperio, e o cuidado desta distribuiçaõ encarrega aos Grandes, e a elles acodem os que o vem buscar, e o que por desprezo o não pede, he castigado, como por crime de lesa Magestade.

Estes são os costumes mais geraes, e usados entre os Mocarangas, ou Mocarangas. Porém em outros Reynos se observão outros differentes, e alguns muito mais bestiaes, como são os Botongos; q não tem crença alguma, nem no-

ticia

ticia de Deos, nem sabem que cousa são boas, ou más obras, nem que tenham premio, ou castigo na outra vida nem que a haja. Sò reverência muito a fortuna, a quem chamão *Mozibo*, e alguns *Nafibo*, quando lhes succedem bem suas cousas dizem, que *Mozibo* lhes foy favoravel, e a seus antepassados e atribuem-lhe o favor, que outrê lhe faz, e o bom despacho de seus negocios; e commercios. Quando algum em suas obras se conforma com a sua propria vontade, então julga que obra bem. São muy dados a agouros, feitiços, e encantamentos, e difficoltosamente se podem apartar destes vicios. Quando algum morre entre elles encobrem a sua morte, e tratao de o sepultar com muito segredo antes q outros o saibão; porque cuidão que os que acompanhão o defunto trazem a morte comsigo, do que procede desampararem os proprios parentes huns aos outros, e estalarem à necessidade. Dizem q qualquer homem pôde ser causa da enfermidade, e morte dos outros, e para saber o q o tem sido consultaõ aos feitiçeiros, e daõ-lhes tanto credito, que aos que declaraõ por aucthores do mal, logo lhes tiraõ a vida. Assim o tinha feito El Rey de Tonga, quando chegou o Santo Padre Gonçalo; porque entendendo dos feitiçeiros, que hum havia sido causa da morte de hum seu filho, que pouco antes morrera o mandou atravessar com huma

lança. Gostão de Musica, e de instrumentos. São amigos de danças, e nellas imitão aos exercicios Militares, porque humas vezes imitão aos Soldados quando poem cerco a huma Cidade, outras aos Cidadãos cercados, outras aos mesmos Soldados quando se repartem em varias esquadras para acometter ao exercito contrario, outras ao exercito, posto em campanha a ponto para dar batalha, e assim de outras mil maneiras. Para estas danças se vestem a seu modo de varios generos de vestidos, como de pelles de Leões, de Tigres, e de outros animaes ferozes: atão estas pelles ao corpo de tal maneira, que dando voltas sobre hum pé com grande ligeireza se abrem em redondo com grande gosto dos q estão vendo. Em acabando algũa sua mudança antes q se recolha ao seu lugar, levanta a areya com o pé tão alta, q se perde de vista.

Quando querem jurar tomaõ huma pouca de terra, ou huma braza de lume na mão, e soprando-a a deitão no chão, e logo affirmão, ou negão com juramento o que dizem. Ha outro modo de juramento mais solenne, e he: que o que hà de jurar se ajoelha diante do atambor del Rey, o qual se ouve de quatro legoas de distancia, e tocando-o com a mão direita o beja, e fala com elle, não só como se tivera entendimento; mas como se reconhecera nelle alguma divindade;

dade; e diz: *furo de confessar se commeti este crime, e se eu sou culpado vedesme aqui, tirayme a vida: e se sou innocente, não permitaes que eu padeça, sem culpa, já que a não tenho.* E logo outra vez toca o atambor com a mão, beja-o, e levanta-se. He tão grande a oppinião que tem desta cerimonia, que todos crem, que ha de morrer logo o que naquella forma jurar fallou. Nenhuma cousa fazem que não seja por seu proveito, e cuidão que tudo se lhes deve, e que o que se lhe dá he seu, donde procede não haver entre elles memoria dos beneficios, que recebem huns dos outros. Se hum faz hum favor a outro pela manhã, e átarde lhe pede alguma cousa em correspondencia, não o póde alcançar, ainda que seja couza de pouca consideração, senão lha paga primeiro. Da Justiça, nem ainda sabem o nome, sendo ella a que dá ser ao mundo. Tem por licito o que cada hum apetece: a vontade própria he a ley, e medida de suas obras; porque não temem a Deos, nem amão a virtude. Facilmente commettem furtos, mortes, adulterios, e outros peccados mayores; porque não temem aos que offendem, nem os pays castigaõ aos filhos, ainda que os vejam juntar com suas proprias mãys. Não póde haver gente mais bruta, nem mais sem uso de razão! Mas com tudo isso convertem-se facilmente na forma que asima disse.

Hum só costume ha entre estes barbaros digno de admiração, e de muito louvor, que sendo christianissimo, he tratado entre nós como barbaro. E he q na Mocrange chamão aos cegos, tolhidos, e aleijados: pobres delRey; porque com grande piedade lhe dà rendas, com que se sustentem, e quando caminhaõ são obrigados os povos, por onde passaõ, a mantellos, e dar-lhes o de que tiverem necessidade, e guia para passarem de hum lugar a outro. No que se avantajão aos Catholicos, que nem ainda cõ os Sacerdotes, caidos em tal trabalho, usaõ desta piedade, deixando-os com lastimosa indecencia valer-se das portas das Igrejas, e das esquinas das ruas.

Antes de concluir com estas noticias, que vou abreviando quanto me he possivel, porque ha livros inteiros, que tratão dellas, quero dar hum a de certa cerimonia bẽ redicula, que se usa com ElRey dos Moraviz. Dá este Rey publicas, e continuas audiencias aos seus povos, despachando com incrivel brevidade todas as caulas civis, e criminaes, e ainda quando adoecer, lhe he necessario assistir no tribunal; porque se falta dous, ou tres dias, se faz logo aviso ao successor, que não he o filho, se não hum certo Governador de outra Cidade, a quem pelo seu direito toca o Reyno. Desce elle logo à Corte, e trata-se de dar garrote ao Rey enfermo, para que não tenha ferias

Justiça em quanto se dilata a enfermidade. Mas como a plebe tem para si, que não logrará boas novidades, se o Rey lhe não der a benção antes de morrer, e não he facil persuadir-lhe esta cerimonia, ultima disposição para a sua morte, no mesmo tempo, em q̃ lhe armão o laço à garganta, lhe enchem as mãos de milho, principal mantimento da Cafraria; fazendo que oretenha nellas por força: e quando lhe vão apertando o baraço lhe soltaõ as mãos, o qual movendo-se a hum, e outro lado com as anhas da morte espalha o milho pela Camera: e applaudindo todos ao som de instrumentos esta benção, lança o triste o ultimo alento, o qual depois de morte se vinga muy bem do filial affecto, com que lhe tomáraõ a benção.

Abre-se logo huma comprida, e larga cova, na qual entraõ muito a seu pezar todas as mulheres, e filhos del Rey, todos os seus criados, e officiaes de sua caza: deitão-lhe dentro pannos para se vestir, e mantimentos para comer na outra vida, e tudo isto ao estrondo de varios instrumentos de sentoados, e por remate o corpo do defunto. Estão ja preparados tres, ou quatro mil Cafres com suas enxadas nas mãos, que em breve espaço os entulhão, e enterraõ a todos. Mais barbaros, que todos são os *Monumbos*; porque comem gente, de que tem açougue publico. Tem o Imperio de Monomotapa duzentas e

sincoenta legoas de circuito, e toda a Cafraria mais de oyto centas, pode-se muy bem chamar a quinta parte do mundo; porque não pertence a alguma das outras partes em que elle está dividido, não está finalada nas Taboas de Tolomeu, nem os Geografos, e Historiadores antigos tiverão noticia della, e tudo os valerosos Portuguezes descobriraõ, e patenteáraõ.

A occasião da Missão apontada foy, que vindo a Moçambique hũ filho del Rey de Inhambane, e Otengue, ou Tonga, que he o Reyno da Cafraria mais confinãte com aquella nossa Fortaleza, no anno de 1559. tão bem lhe parecerão as coulas da nossa santa Fé, que se converteo, e instruido foy Bautizado, sendo seu Padrinho Sebastião de Sã, Capitão da dita Fortaleza, que o tratou com muita honra, e o mandou a seu pay bem premiado, na companhia de algũs Portuguezes. Contou elle a El Rey e aos mais da Corte a merce, que Deos lhe fizera, e fazendo officio de Prégador lhes declatou a verdade da Fè Catholica, a Virtude do Santo Bautismo, e a honra, q̃ os Portuguezes lhe tinhaõ feito, e os persuadio a fazerẽ o mesmo. Oirmaõ mayõr quiz logo vir a Moçambique persuadido delle, para ser Bautizado, porém o pay o atalhou, mandando o novo christão a pedir ao dito Capitão, Ministros, q̃ lhes ensinassem a Doutrina Christãa,

tãa, e os Bautizassem a todos, e porque na Ilha não havia mais Sacerdote, que o Vigario da Fortaleza, escreveo o Capitão a Goa ao Viso-Rey D. Cōstantino, dandolhe conta da grande porta, que naquellas Regiões se abria ao Santo Evangelho, e da extrema falta de Ministros Ecclesiasticos, que entrassem a prègar a Fé por aquellas valtissimas Provincias tão desamparadas como barbaras, e branqueassem as almas dos Cafres na sagrada fonte do Bautismo.

Naõ se podia dar mais alegre nova ao piissimo Constantino, que a recebeo com tanto alvoroço, como, se lhe entrassem por casa todas as riquezas de Sofala, e mandando logo chamar ao Provincial da Companhia de Jesus Antonio de Quadros, lhe pedio q̃ mandasse alguns dos seus Religiosos a esta empreza. Em quem menos se cuidava de mandar era no Padre Gonçalo da Sylveira, Provincial, que acabava de ser, e esse foy o que pedio esta commissão: porq̃ estava destinado para ella pelo Espírito Santo para nella receber a Coroa de Martyrio e santificar com seu sangue aquella tão brutal terra. Naõ se lhe pode resistir, e assim partio para ella com o Padre André Fernandes, e o Irmão André da Costa, Leigo. Mas antes de passar adiante demos alguma noticia de quem foy este grande varão, e depois continuaremos com os successos da Missão.

CAPITULO XXXVIII.

Da vida, e Missão do Santo Padre Gonçalo da Sylveira, e dos trabalhos de seus Companheiros.

NAlceo o Santo Padre Gonçalo da Sylveira no Reyno de Portugal, na Villa de Almeirim situada defronte de Santarem, da parte dalèm do Tejo no anno do Senhor de 1526. seu pay foy D. Luis da Sylveira, Conde da Sortelha, Alcaide mór de Alamquer, e fidelissimo Capitão da Guarda delRey D. João III. sua mãy Dona Brites Coutinha filha do Marichal D. Fernando Coutinho, matrona em tudo igual a D. Luis, seu marido. Foy D. Gonçalo o decimo, e ultimo entre seus irmãos, de cujo parto a mãy morreo. Observouse, que tres dias antes de nascer chorou, talvez profetizando o trabalho, que havia de causar a sua mãy, e a orfandade, em que logo havia de ficar faltando-lhe tambẽ pouco depois o pay. Sua irmãa Dona Filippa de Vilhena, mulher de Alvaro de Tavora, Senhor do Mogadouro, o criou, e doutrinou em sua caza, e o mandou estudar, Latim, e virtudes no Convento de Santa Margarida da Ordem de São Francisco situado junto do Rio Douro, não muito distante do Mogadouro donde veyo proseguir

guir os mais estudos na Universidade de Coimbra, sendo de dezasseite annos, elevado do raro exemplo de Santidade, com que resplandecião os primeiros Fundadores do Collegio da Companhia de Jesus, se deliberou a entrar na dita Ordem, o que executou no anno de 1543.

No Noviciado se exercitou com summo desvelo em todas as Virtudes religiosas, particularmente na penitencia, e humildade, e elle era o mais fervoroso naquellas santas doudices de mortificaçoens publicas, que então se faziaõ pelas ruas, e praças da Cidade, e depois se estranharão. Fizeraõ os parentes grandes diligencias pelo apartar do seu santo proposito; mas não lhe foy possível. Acabados os seus estudos de Filosofia, e Theologia com singular adiantamento nas letras, e ordenado ja de Sacerdote discorreio em Missaõ pedanea por todo Portugal, sustentando-se do que pedia de esmola pelas portas, confessando até não haver penitentes, prégando até enrouquecer, e perseguindo-se a si mesmo até a morte. E este foy o teor de vida, que sempre obsevou nas Missões, como elle mesmo escreveo da Cidade do Porto ao seu Reitor de Coimbra.

Do que lhe succedeo na Villa de Tomar, podemos bem inferir a utilidade espiritual, que redundava no restante do Reyno de suas pregaçoens, e de seu exemplo. Vendo os moradores daquella nobre Vil-

la quanto importava a reforma de seus costumes reter nella por mais tempo hum Varaõ tão admiravel, de commum acordo mandaraõ a Corte hum Enviado, que por ordẽ Real o fez dilatar mais quatro mezes naquelle distrito. Reveloulhe Deos que havia de morrer martyr, e o modo do seu martyrio, e esta revelaçã, que andava ja divulgada entre os seus, se publicou tambem entre os Seculares, quando dizendo Missa na Caza Professa de S. Roque em Lisboa, lhe viraõ todos os presentes as mãos ensanguentadas ao levantar o Caliz. A novidade fez inquirir o mysterio, e romperse pela Cidade o segredo. Para poder conseguir esta Coroa, a que Deos o tinha predestinado, alcançou licença de seu Santissimo Patriarca Ignacio para navegar a India. Partio de Lisboa no anno de 1556. e chegando a Moçambique foy logo em Procissãõ com os mais navegantes a huma Ermida de N. Senhora do Baluarte, naqual depositou certas Reliquias das onze mil Virgens, que levava consigo. Deteve-se alli alguns dias, e fazendo-se na volta de Goa, entrou no Collegio de S. Paulo hum Sabado pela meya noite, e no dia seguinte prégoou na Sè Primacial, com admiração de toda a Cidade. Logo que poz os pés em terra succedeo no Provincialado ao Padre Antonio de Quadros, e pouco depois de acabar os tres annos do seu governo com notavel aproveita-

1560.

mento espiritual de toda a India, e edificação universal, partio para a Missão da Cafraria, e aportou a Moçambique em cinco de Fevereiro de 1560. com o Padre André Fernandes, e o Irmão André da Costa, Leigo, como já se disse no Capitulo passado. Os successos da sua viagem refere o Santo em hum dilatada Carta que escreveu a Goa ao Provincial, na qual diz de si, e dos companheiros estas palavras: *Creyo que na viagem, següdo o apparelho do mar nos cõservamos com edificação. Todos os dias pela manhã tínhamos huma hora de Oração da vida de Christo, e de tarde outra de algum Mysterio da Virgem. Rezavamos todos tres as Ladainhas, encõmendando no fim dellas a Igreja, a Companhia, esta Provincia de Vossa Reverência o Capitão Pantaleão de Sá, q̃ he muito nosso, e nos tratou melhor, q̃ a si mesmo, a viagem, as almas do Purgatorio, a conversão dos infieis, os nossos devotos, e a inviolavel observancia dos nossos votos, e por cada huma destas necessidades rezavamos huma Ave Maria. Cada semana nos confessavamos duas vezes, e o Irmão fazia Doutrina cada dia, &c.* Além disto todas as noites praticavaõ perante, todos os que queriaõ ouvir da vida do Santo daquelle dia, e a todos encomendavão rogarem a Deos pela conversão da Cafraria.

Favoreceos conhecidamente a Virgem Maria, e os livrou de pe-

rigos, e necessidades. Quando o Piloto clamou, que descobria a Ermida da Senhora do Baluarte, estava o Santo Padre rezando o Officio Divino, e recitãdo no Psalm 104. aquelle Verso, que diz: *Expandit nubem in protectionem eorum, & ignem, ut luceret eis per noctem.* Em terra, convidado a jantar com o Capitão, pedia primeiro esmola pelas portas, e punha na meza os pedaços de pão, que lhe davaõ, á imitação do Padre S. Francisco, quando era hospede de algum Cardeal. Aos doze de Fevereiro se meteo em hum pangayo com seus dous companheiros, e dous Seculares Portuguezes, e deu à vela para o porto de Inhambane, em quasi 23. grãos Austraes junto ao cabo das correntes. Entre Inhambane, e a barra de Luabó corre o Reyno de Chicanga atè as ribeiras do Rio Sabia, e daqui por diante o Reyno de Sedanda, que vay confinar com as terras de Sofala, e aqui começa o Reyno do Quiteve, que fenece no Rio Tendanculo, e passado este Rio se vão estendêdo as nossas terras até a foz mais Austral do Zambeze. Quiteve, Sedanda, e Quicanga são nomes de tres filhos de hum Emperador de Monomotapa, que mandados por seu pay a governar estes Reynos, se levantaraõ com elles despedaçando a Monarquia por multiplicar as Coroas, como fizeraõ na India os Capitães do Emperador de Narvinga.

Aportou a Inhambane o Santo Padre

Padre Gonçalo da Sylveira, e logo o appalpou a terra com hum fluxo tão copioso de humor à garganta; e aos olhos: que lhe difficultava a respiração, e impedia a vista. E aggravando-se cada dia mais a doença, se apparelhou para morrer, com estar certo do martyrio. Foy Deos servido, que o largasse a febre, e sentindo-se com algum alento applicou o animo á sua empreza, e mandou ao Padre André Fernandes com quatro Cafres à Corte de Otongue metida trinta legoas pelo Sertão, a dar parte a ElRey da sua vinda. Eraõ estes Cafres para levarem ao Padre na manchira, ou rede portatoria; mas elle por dar exemplo de humildade quiz antes hir a pé, e chegando á Corte, foy bem recebido delRey, que encarando nelle, e vendo-o tão cheyo de brancas, se admirou muito de que senão tão velho podesse fazer a pé um tão largo caminho, e com tanta brevidade. Despachou logo ElRey um bom numero de gente, a conduzir o Padre Sylveira, e entre elles, para mais o honrar, alguns de seus parentes. Adoeceo entre tanto gravemente o Padre André Fernandes, por ser o clima da terra muito doentio, e sem outro regalo para a cama senão huma esteira, e humas papas de milho para a me-

za, padeceo por alguns dias excessiva molestia; mas sabendo que vinha entrando pela Cidade o Padre Sylveira ainda enfermo, e o Irmão André da Costa com pouca saude, se levantou da cama como pode, e os sahio a receber com tanto alvoroço, e alegria, que da consolação do espirito lhe resultou o alivio do corpo.

Tratou-se logo da instrucção delRey, e da sua familia, e de outros muitos, assim da Nobreza, como da plebe, q̃ de boa vontade assistiraõ ao Cathecismo, e depois de bem instruidos por alguns dias foraõ Bautizadas quinhentas pessoas com a mayor solemnidade, e applauso, a que podiaõ abranger as grandezas de Otongue. O Rey se chamou D. Constantino em obsequio do Viso-Rey da India, a Rainha Dona Catharina, e humasua irmãa Dona Isabel, em memoria da de Portugal, e da mulher do Infante D. Duarte: os filhos delRey, e outros Cafres principaes se hōraraõ cō os nomes das mayores pessoas de Portugal. Bautizado ja ElRey de Otongue escreveu logo ao Viso-Rey, dandolhe as graças, como a Author, depois de Deos, daquella mercé, e beneficio q̃ por seu meyo havia recebido, cuja carta he a seguinte.

Carta del Rey de Otongus ao Viso-Rey da India.

EXcellentissimo Senhor, não quizera que V. Excellencia esperara outra reposta a suas Cartas, que aque pode dar o que até gora esteve tão apartado do conhecimento do verdadeiro Deos, e do amor de Christo Jesus. Oh quam errado tenho andado todo o tempo de minha vida passada, e quão apartado do caminho da verdade, procurando com tanto cuydado que meus Vassallos me obedecessem, sem cuydar na obediencia, que eu devia a Deos Principe, e Rey dos Reys, não posso deyxar de admirarme da benevolencia, que V. Excellencia usou comigo, eu de pura fome perecia miseravelmente; porém V. Excellencia, como Principe excellentissimo, e principalmente o seu Rey, como tão firme columna da Religião Catholica, me deraõ o pão da Fé, e aquella agua celestial, e me convidað, e tarzem por estes Ministros, sem eu o merecer, ao Divino manjar, de que gozaõ os Christãos. Seja Deos Louvado infinitamente que alumiou o meu entendimento com os raios de sua divina Luz, para que visse claramente quam levantado he o parentesco, que havemos contraído por meyo do Santo Bautismo, e quanto me importa a amizade, que tenho com o muito poderoso Rey de Portugal, e com V. Excelencia, que em seu nome governa o Estado da India: como poderey eu declarar os grandes bens, e proveytos, que desta Religião se recresem anim, e a todo o meu Reyno, ou seja tratando dos bens temporaes, que tem breve fim, ou dos eternos, que haõ de durar para sempre? He tão grande a honra, que desta união nos veyo, que não sey que haja outra mayor: as rendas crescem summamente o Reyno se assegura, e o que he mais digno de mayor estimacão, recebemos Mestres, q nos ensinaõ a bem viver; e como poderemos alcançar a verdadeira, e eterna felicidade. Pelas quaes causas, Viso-Rey invictissimo, de muy boa vontade offereço a V. Excellencia, e ao seu Rey minha pessoa, e meu Reyno, e tómo por testemunha a mesma Religião, que recebi, que faço este offerecimento de verdadeiro coração, e com grande, e syncera vontade. Humia só confa pesso, e rogo com todo o encarecimento; que como pelos desse Reyno se nos mostrou o caminho da salvação, pelos mesmos, mediante Deos, nos ajude para que nunca nos apartemos della, por mayores trabalhos, que padecemos. Deos guarde a V. Excellencia, &c.

Sete fomanas se deteve aqui o Beato Padre Sylveira discorrendo pelas Provincias visinhas, e fazendo continuas converloens, e Bau-

tismos, e vendo a facilidade, com que aceitavão a Fé não teve por difficultosa a empreza, e que segundo aquelles bons principios, pou-

poucos Ministros bastavão para lançar fóra daquella terra ao cruel inimigo do genero humano, tratou de acodir á cabeça, como parte mais importante, dandolhe mayor cuidado a conversão do Emperador de Monomotapa, para onde o chamava a Coroa do martyrio: partio para lá, voltado a Moçambique, e deixando a cultura daquella nova Christandade ao zelo do Padre André Fernandes, e do Irmão Costa, e de caminho fez varias conversoens em alguns Xeques das terras, por onde passava, especialmente em hum Principe filho de hum poderoso Rey daquella Região, que trouxe a Moçambique para alli o Bautizar com muita solemnidade. Aos 19. de Agosto do mesmo anno de 1560. deu á vela para os Rios de Cuama em hum fusta bem esquipada, acompanhado de seis Portuguezes, hum dos quaes, que se chamava Antonio Dias, lhe havia de servir de interprete. Mas em quanto elles navegão com grandes perigos do mar, vejamos o que depois succedeo aos companheiros, que não padecerão menores tormentas na terra, onde ficàrão.

Com a ausencia do Santo Prelado ficàrão os dous Padres como desamparados em huma perpetua faulade, cujo sentimento se lhe accrescentou logo muito mais vendo a pouca observancia, e perseveração, que os novos christãos começàrão a tér na Fé; o Irmão Costa

voltou para Goa obrigado de hũa grave enfermidade, e o Padre Fernandes metido só entre aquelles barbaros, lê alivio de Côpanheiro padeceo infinitas molestias no espirito, e no corpo. No espirito, vendo tão mal empregados os seus trabalhos naquella barbara, e depravada gente. Prégava-lhes continuamente da immortalidade das almas das penas do interno, da gloria do Parayzo: e praticando-lhes hum dia sobre estes pontos se levantou hum, que parecia o mais intelligente, e lhe disse: *Padre para que vos canças em nos dizer essas cousas? não ha outro Deos mais que o nosso Gamba, assim chamão ao seu Rey, não ha gloria, não ha inferno, nem premio, ou castigo, senão viver, e morrer.* Os christãos não se podião apartar de seus barbaros costumes, e antigas feitiçarias, e particularmente de terem muitas mulheres, e cazarem (como fazião os Judeos) com a mulher do irmão, que morria sem filhos. Reprehendidos de suas barbarias estiverão muitas vezes para matar o Padre ás frechadas; mas Deos o livrou milagrosamente. Tinhão para si; que era hum finissimo feitiçeiro por tres fundamentos. O primeiro, porque passando de cem annos, como elles inferião da brancura dos cabellos, era tão robusto, e bem disposto, que vencia a qualquer mancebo, nas forças do corpo, e sofrimento dos trabalhos. O segundo, porque tinha o cabello

corredio

corredio como bogio, e não frizado como elles, e sabia o que passava pelo restante do mundo estando em Otongue: mas isto era por cartas. O terceiro, e com que todos lidavão mais, era o Breviario; porque como não tinham ufo algũ de caracteres, nem experiencia de Livros, e vião sempre o Padre applicado a correrlhe as folhas não podião entender de que pudesse aquillo servir senão de alguma grande feitiçaria. E por esta causa tinham grande medo d'elle não só a gente vulgar; mas ainda os Sangas, ou Grandes do Reyno, que são os mayores feiticeiros.

No principio ouvião, e tratavão ao Padre com algum amor, e respeito; porém depois que privou ao Rey da sua antiga divindade, todos o aborrecerão de morte. Tem aquelles barbaros para si, e nisto concordão com os mais da Cafra-ria, que tem poder o seu Gamba de mover os temporaes, fazer sopra-rem os Ventos, imbruscarem-se os ares, choverem as nuvens, trovejar, e cairem curiscos, melhorar o tempo, e fazer Sol, calma, ou frios, cada vez que querem: e por este respeito lhe obedecem com muita promptidão, e lhe fazem tantos obsequios, como se fora alguma cousa divina. E quando lhes quer meter medo não lhes pode fazer mais terrivel ameaça, que dizer que suspenderá as chuvas convenientes às suas lavouras. Ainda depois de Bautiza-

do conservava o Gamba este fabuloso attributo com demasiada arrogancia, e por nenhum caso queria desistir de tão util, e importante privilegio. Não podia levar isto em pasciencia o Apostolico Varão, e hum dia na sala Real, estando presente o mais luzido da Corte, com grande affluencia de palavras, e mayor efficacia de espirito, o reprehendeo asperamente de tão desmarcada doudice, e com hum argumẽto tão claro, que todos lhe reconhecerão força, e tão evidente que ninguem lhe soube responder, o reduzio a confessar publicamente que não tinha poder algum dos telhados asima. Foy o argumento. *Que se era tão poderoso como se fingia executasse alli à vista de todos alguma daquellas acçoens, para que ninguem duvidasse da sua potencia: que se de repente alli logo fizesse encobrir o Sol, chover, relampijar, &c, elle confessaria lograr elle Rey essa preheminencia.* Ficou o simples Rey delanganado; mas tão desabrido contra o Padre por lhe tirar a melhor parte da sua honra, e authoridade, que dalli por diante lhe concebeo odio mortal, e a seu exemplo os mais Cafres. E lhe ordenou que não pré-gasse mais no seu Reyno a Ley de Christo, nem reprehendesse os antigos usos e costumes da terra, tão approvados nella.

Quanto às penalidades do corpo, padefceo o Padre Fernandes gravissimas fomes. Os Portugue-

zes de Sofala, e Moçambique, se esqueceraõ de o prover do necessario, e como não tinha pannos para trocar por mantimentos, que he a moeda, q̃ corre entre os nossos, e os naturaes, sustentouse quatorze dias das folhas de huma sarralha, que criava à sua porta, não lhe tocando nos olhos, e cultivando-a para senão leccar, e como lhe não bastasse esta dieta, se metia pelos matos a comer frutas agrestes, por não achar entre aquella cruel gente genero algum de piedade, ou misericordia, nem achava creatura alguma, com quem se pôde-se consolar, ou aliviar de tantas penas. Por cujas causas contrahio hum febre lenta, que o consumia, e lhe impediu o uso dos mēbros, e dos sentidos, e vendo cada dia a morte diãte dos olhos, só remia ficar sem sepultura, e ser nocivo depois de morto, aos que não podia melhorar estando vivo; porque os Cafres, segundo o que se disse no Capitulo passado, lha não haviaõ de dar, porque o não costumão. E para prevenir com tempo este inconveniente abriu como pode hum covão detraz de hum arca de madeira, que tinha no seu aposento sobre a qual dormia, para q̃ abrindo a os Cafres depois de sua morte por se aproveitarem do que ouvesse dentro, ao levantar da tampa cahisse o cadaver na covão, e por este modo ficasse sepultado. O Divino Sacrificio da Missa era a unica consolação, que tinha este servo

do Senhor apertado de tanras afflicções; mas até desta o priváraõ furtandolhe o ferro das hostias. Finalmente vendo o pouco que aproveitava com a sua assistência naquella terra em corações tão indurecidos nos antigos abusos, se partio para Sofala, e dahi para Goa mais morto que vivo, onde informou ao Vilo-Rey, que já era o Conde de Redondo, q̃ para a conversão da Cafraria se devia usar de outros meys, mais que de brandura. Este foy o successo da Missaõ de Otongue, vejamos agora a de Monomotapa, que teve mais cruel fim, tendo semelhantes principios.

CAPITULO XXXIX.

Do que aconteceu ao Santo Padre Gonçalo da Sylveira em Monomotapa, e de como foy martyrizado.

N Avegando o Santo Padre Sylveira para o vasto Imperio de Monomotapa, já perto da barra de Quilimane se levantou hum temporal tão forte, que poz em grande perigo a fusta. Posse o Santo de joelhos, e levantando as mãos, e os olhos ao Ceo, repetio com grandes brados aquellas palavras do Apostolo em semelhante occasião: *Domine, Salva nos, perimus.* Logo abrandáraõ os ventos, e soccegáraõ os mares. Chegáraõ à

a terra, e desembarcando em dia de São Jeronymo, trinta de setembro, celebrou o Santo Missa em hum Altar, que os companheiros lhe armãrão na praya. Daqui navegou para Giloa Corte de hum Rey, que logo se quiz Bautizar, e deu licença para prègar a Ley de Christo a seus Vassallos. Depois cõtinuou para Sena; e pedindo aos cõpanheiros encomẽdassẽ muito a Deos a conversão daquelle Imperio, se apartou da sua cõmunicação em hum retiro, q̃ se lhe fez na fusta, onde por espaço de oito dias, que se gastãrão até Sena se esteve preparando para a mesma empreza com Santos exercicios, e lição de sagrados Livros, comendo sómente cada dia hum punhado de grãos torrados, e bebendo huma pouca de agua.

De Sena mandou avizar ao Emperador da sua vinda, e pedir-lhe licença para passar à sua Corte, e entre tanto se occupou em instruir, e doutrinar os Mercadores Portuguezes, que alli viviãõ com pouca differença dos barbaros, e catiquizar, e Bautizar os naturaes, saindo a certas horas ao campo a fazer oração, e colher fruta para se sustentar. Visitou algumas vezes a El-Rey de Inhamoy, e querendo-se este fazer Christão com oito filhos, o defferio para outro tempo, assim por não haver hum Sacerdote, a quem por então recomendasse a sua instrucção, como por não aggravar ao Emperador, se lhe pre-

ferisse no Bautismo os Principes seus Vassallos. Passado algum tempo, chegou hum Enviado do Monomotapa para o conduzir a Simbaocé, e com este Enviado partio para a nossa povoação de Tete distante sessenta legoas, a pé com os Ornamentos às costas, como lã no Japão S. Francisco Xavier. Em Tete exercitou o mesmo, que em Sena, e Bautizãdo hum Fumo com huma sua filha, proleguio a jornada para a Corte com muito trabalho em toda ella. Entrando em huma povoação chamada Mabate, a fez toda Christãa, e lançandolhe a benção, disse que nunca naquelle lugar faltaria quem seguisse a Ley de Christo: e assim se tem verificado conservando-se mais de quarenta annos, sem assistencia de Sacerdotes, constantes na Fé; e quando por alli passavão alguns Portuguezes lhes offerenciaõ os filhos para que os Bautizassem. Em outra povoação chamada Bemba instruhio, e Bautizou a hum Cafre, pondo-lhe o nome de Luis, o qual estava para morrer, e com isto, e hum Evangelho, q̃ lhe rezou melhorou de repente. Aos 24. de Dezembro chegou á grande aldeia de Quituquin, e alli celebrou as tres primeiras Missas do Sagrado Nascimento de Christo, que se entendé vio Monomotapa, em cuja Corte entrou dia de Santo Estevão 26. do dito mez, ou segundo alguns no primeiro de Janeiro do anno do Senhor de 1561.

Tanto

Tanto que o Emperador soube da vinda do Padre Gonçalo da Sylveira, estando já informado da sua grande santidade, e nobreza, o mandou visitar por Antonio Cayado, aquelle Portuguez Capitão das portas, que assim disse era seu grande valido, mandando-lhe juntamente hum grande presente de ouro, boys, e criados para o servir. O Santo Padre lhe rendeo as graças pela mercè, e lhe tornou a mandar tudo, e dizer: *Que de Antonio Cayado podia sua Alteza entender quaes fossem as riquezas, que de tão longe, e com tanto trabalho hia buscar ao seu Reyno.* Ficou o barbaro admirado de tão extraordinario desapego dos bens, tão dezejados de todos os outros homens, e por esta razão o recebeo com tanto respeito, e reverencia, como se lhe entrara por caza o mayor homem do mundo. Mandou-o entrar calçado (contra o estylo geralmente observado) na propria camara aonde dormia, na qual não entraõ senão os Principes de sangue Real: fello assentar ao seu lado em hum quite, ou tripeça igualmente comfigo, ficando da outra parte a Emperatriz sua mãy, e á porta ficou Antonio Cayado, para servir de interprete. Feitos os cumprimentos, e offereceo o Emperador quantas terras quizesse, e quantas vaccas, quantos criados, quantas mulheres, quanto marfim, e quanto ouro houvesse mister.

Respondeo o Santo Padre: *Que*

Part. I.

nenhuma outra couza dezejará mais que a salvação de sua Alteza, porque bens, e riquezas da vida tinha elle renunciado para alcançar os que lhe vinha trazer, e annunciar. Não he possível Antonio Cayado, disse ElRey, que homem, que despreza as cousas, que todos appetecem, e buscão com tantas ancias, seja da mesma natureza dos outros. Este homem he muito differente delles. E depois de praticarem largamête sobre diversas materias o despedio com muito amor, e cortezia offerecendo-lhe todo o favor necessario.

No aposento, onde se recolheo lhe armaraõ hum Altar, onde poz hum Imagem da Virgem Maria nossa Senhora, e celebrava Missa cada dia. Entrou hum Cafre principal a ver por curiosidade, e reparando na Senhora ricamente pintada, foy dizer ao Emperador que o Padre tinha em sua caza hum muito fermosa mulher. Elle dezejoso de a ver lhe mandou dizer, *que lhe disserão, que trazia comfigo sua mulher, que estimaria muito lha mostrasse, e levasse ao Paço.* Recebeo o Santo o recado como vindo do Ceo, pela porta, que lhe abria ao seu intento, e cobrindo a Imagem com hum veo de seda a levou ao Emperador; e fazendo-lhe primeiro hum pratica do Mysterio da Santissima Trindade, da Criação, e Redempção do mundo, e principalmête da Encarnação do Verbo Divino, e parto da mesma

S

Senho-

Senhora ; posto de joelhos lha mostrou. Admirado elle de tal fermosura a adorou, e reverenciou, e pediu ao Padre, a deixasse ficar no Paço, porque lenão podia apartar de sua beleza, para o que o mesmo Emperador, e o Padre lhe armaraõ na mesma camara huma Capella, onde a collocaraõ.

Sinco vezes appareceo a Santissima Virgem na forma da pintura, toda resplandecente, e magestosa em sonhos ao Emperador, falando-lhe em lingua, que elle não entendia. Admirado do successo mandou chamar o Padre, e lhe deu cõta da vizaõ. Disse elle, que aquella linguagem era do Ceo, e que só a podião entender os Christãos Bautizados, e obedientes ao filho daquella Santissima Rainha. Agradou-se o Emperador da repõsta, e no dia seguinte o mandou chamar para que o Bautizasse, a elle, e a sua mãy. Ficou o Santo Padre cheyo de gozo, dando graças a Deos pelos bons principios, q' via para aquella Christandade, e os começou a instruir na Doutrina Christãa, dandolhe duas liçoens cada dia, por espaço de mais de quinze, até que em dia da Conversaõ de São Paulo vendo os já bem dispostos os Bautizou com grande apparato, e ostentação, pondo-lhe ao Emperador o nome de D. Sebastião, por respeito delRey de Portugal, e à

Emperatriz, Dona Maria. A offerta Imperial, porque o Padre não accitava ouro, foraõ cem bois, que elle logo mandou matar, e repartir pelos pobres, assombrando-se a Corte de tão estupenda liberalidade, cousa nunca vista naquellas partes. Seguirão logo o exemplo do Emperador trezentos Grandes, que depois de bem doutrinados, receberam o Santo Bautismo, e nunca se apartavaõ de seu Santo Mestre, trazendo-lhe manteiga, leite, ovos, cabritos, e outros mimos semelhantes, que o servo de Deos distribuia aos pobres, contentando-se com milho cozido, ortaliga, e fruta do mato para seu sustento.

Já se abalava toda a Cidade a professar a Ley de Jesu Christo, quando receoso o demonio de lhe tirarem das mãos o Cetro da Cafaria, excitou nos animos dos Mouros, residentes naquella Corte, tanto fogo de odio, e inveja contra os progressos da Fé, e gloria dos Portuguezes, que os fez conjurar entre si, contra a vida innocente do Padre Gonçalo da Sylveira. Mingames, natural de Moçambique, Caciz mór da sua feita, e grande feiticeiro, convocou os outros a conselho, e tratou com elles o modo como induziriaõ ao Emperador para que o mandasse matar, e assentado, elegeraõ de

entre si quatro, os mais astutos, e sagazes, poderolos, e bem vistos na Corte, para lhe hirem falar, hum dos quaes foy o mesmo Mingames, os quaes armados de monstrosas tabulas, e horriveis patranhas, se forão ao Paço, e com tal arte persuadirão ao Emperador o perigo, em que estava de perder a vida, e o Reyno, ou a força de feitiços, ou as mãos dos Portuguezes; porque aquelle seu Caciz não era outra cousa, que huma elpia do Viso-Rey da India, que vinha ver, e examinar as forças, e entradas daquelle Reyno, para depois se vir apoderar delle, como tinhaõ feito nas mais partes de Asia, e Africa, e que para melhor enco-brir estes designios, e o enganar a elle, usava daquelles feitiços da agua na cabeça, sal na boca, e lali-va nas orelhas, e nariz, solicitando contra elle os animos de seus Vassallos com dadivas, e promessas, que a este fim ordenara a liberal repartição dos boys, não reparando agora em perder pouco para depois se apoderar de tudo: a este modo lhe disserão outras muitas couzas, concluindo, que tudo se remediaría com a morte de tal Caciz.

Ficou o simples Monarca sobressaltado com o que lhe disserão os perros, e crendo, que assim era tomando parecer com a Emperatriz, sua mãy, assentou com ella, e com elles de mandar tirar a vida ao Apostolico Varão Gonçalo da

Part. I.

Sylveira. Não era ainda tempo de se romper o legredo, e já o São por revelação divina sabia da traição, q os Mouros lhe ordião, e da impia determinação do Emperador, e dando conta de tudo a seu amigo Antonio Cayado, lhe disse *Bem sey Antonio, que o Emperador anda traçando a minha morte, e que não tardará muitos dias. Mas já estou preparado para a receber com alegria, e valor. Só me peza do miseravel Emperador, que deixando-se enganar dos Mouros, falta com a palavra aos homens, e a Deos com a Fe.* Rio-se Antonio Cayado tendo aquillo por sonho, e lhe disse: *Padre meu, quem lhe meteo tal em cabeça? Creame q a ninguem estima mais o Emperador, que a Vossa Reverencia.* E partindo logo ao Paço para ver se descobria algum indício do que dizia o Santo, começou a praticar com o Emperador á cerca delle, e logo do seu semblante conheceo que sua vontade estava trocada, e pondo toda sua industria, tratou de o informar melhor, e reduzi-lo a mais acerto do parecer; rogoulhe muitas vezes, que não se arrojasse, e que considerasse bem quam grande peccado cometeria contra Deos, e quanto danno originaria contra si proprio, perdendo a amizade do Viso-Rey da India, e del Rey de Portugal; quam pezada carga tomaria sobre seus hombros; porque nem os Bemaventurados no Ceo, nem os homens na terra sofreriaõ a

Sij

morte

morte do innocentissimo Padre Gonçalo sem castigo.

Não foraõ bastantes, e poderosas estas, e outras razoes, que Antonio Cayado lhe disse, para o fazer mudar de seu dãnado proposito, em que já estava obstinado. A tudo respondeo, que chamaria os Engangas, [assim chamão aos Mouros,] e trataria outra vez com elles desta materia. Ouvindo Antonio Cayado ao Emperador, e estando certo, que de concelho, aonde entravão os Authores da quella maldade, não podia esperar-se outra sentença, que a que estava dada, voltou ao Padre Gonçalo, e lhe disse: *Padre Santo apparelharvos, que vossa morte esta certissima, eu acho o Emperador tão determinado contra Vossa Reverencia que não vejo modo para o apartar de seu perverso intento.* Aos quinze de Março se fez o segundo concelho sobre a morte do Santo Padre Sylveira, e se decretou, que fosse executada logo na noite seguinte. Guardaraõ todos nisto tão segredo, que ninguém no povo o pode saber. No mesmo dia voltou Antonio Cayado a falar ao Emperador sobre a mesma materia, procurando com razoes, e ameaças reduzi-lo do seu malvado intento. Elle ensinado da malicia dos Mouros, fingio, que já não tratava de matar ao Padre Gonçalo, senão q̃ sahisse da Cidade; e o mesmo respondeu a Emperatriz, sua mãy a Antonio Cayado, falando-lhe sobre

isto. Todas estas cautelas devião ser ordenadas a q̃ lhes não fugisse a preza.

Trouxe o Cayado a nova da modificação da sentença ao São Padre Gonçalo; porẽm elle como estava certo, não só da morte; mas tambem do dia, em que havia de dar a vida pela Prêgação do Evangelho; lhe pedio encarecidamente mandasse buscar dous, ou tres Portuguezes, que andavão na Corte, para os delobrigar da Quaresma; porque depois o não poderião fazer: e como estes não viessem até o meyo dia, disse Missa, e consagrou duas, ou tres particulas para lhes dar a Communhaõ, se por ventura chegassem a tempo: deteve-se na Missa quanto pode, e vendo, que os Portuguezes não appareciaõ, consumio as formulas consagradas, e consumou o Divino Sacrificio. Depois da Missa Bautizou cincoenta Cafres, que antes havia instruido, e por todos repartio pannos, Rosarios, e outras couzas, que tinha. Vierão os Portuguezes de tarde, ouvio-os de confissão, e armando-os de saudaveis documentos para se desviarem da estrada da perdição, os mandou para suas cazas. E querendo elles deter-se mais algum tempo, o não consentio, e lhes entregou os Ornamentos, e Livros para que os levassem a caza de Antonio Cayado, e tudo isto com rosto tão soccegado, e aprasivel, como senão ouvesse cousa alguma, que temer.

Para

Para seu companheiro, e defensor deixou ficar hum Santo Crucifixo sobre o Altar, e vendo-se só com elle vestio huma Sotana nova, e revestido de Sobrepeliz, e Estola, se poz a passear pela caza, com tanta serenidade, e alegria, q̃ passou deo ver Antonio Cayado, quando voltou a falar com elle. E vendo o o Santo Padre tão cuidadoso, e solícito, chegou-se a elle, e tocando-lhe com a mão no peito lhe disse: *Que he isto Antomo? tens de por certo, que estou com mayor animo para receber a morte, que meus inimigos para dar ma: perdo-o de todo o meu coração ao Emperador, e a sua mãy, pois se deixaraõ enganar dos Mouros, elle como mancebo, e ella como mulher. Perdo-o a todos os cumplices desta morte, e peço a Deos nosso Senhor, que os não castigue a elles por amor de mim, e que me receba em satisfação das culpas desta Cidade.* Com estas palavras, ainda que ditas com tanta paz, e animo loccegado, entrou Antonio Cayado em mayor cuidado, e ainda que senão podia acabar de persuadir, que o Emperador commetesse tão grande maldade contra hum homem tão innocente, não queria, nem podia apartar-se d'elle; com tudo obrigado dos seus rogos o deixou, e foy se para sua caza, donde mandou dous criados para notarem o que succedesse, e vendo algum perigo o fossem chamar com muita pressa. Acharão elles o Santo Padre escrevendo

para a India, o qual entregando-lhes as cartas os mandou voltar para caza do amo, e que não tornassem: *Andou o Santo Padre até alta noite passeando juto da sua choupana com os braços em Cruz, e os olhos postos no Ceo fazendo muitas deprecaçoens a Deos, e cansado já de esperar pelos matadores, que não tinhaõ coragem para o accommetterem de rosto, a rosto, entrou para dentro, e sobre a esteira, onde dormia, poz o Crucifixo entre duas velas acesas, e ajoelhando se diante d'elle orou largo tempo, e adormeceu. Tudo espreitavaõ os inimigos escondidos em lugar vesinho, e tanto que o viraõ cahido, entraraõ furiosamente oito Cafres, hum dos quaes chamado Mocrumes, homem principal, e que muitas vezes falava, e comia com o Santo Padre, se lançou sobre o seu peito. Correrão logo quatro, e tomando-o pelos pés, e braços, o suspenderaõ no ar em quanto os outros tres lhe lançaraõ hum baraço ao peçoço com seu nó corredio; e puxando de huma, e outra parte o afogaraõ; lançando o gloriozo Martyr grande copia de sangue pela boca, e narizes, e voou a sua bendita Alma para o Ceo.*

Com este genero de morte, que muito antes tinha profetizado em Portugal, coroou o Padre Gonçalo da Sylveira suas immensas fadigas aos 15. de Março de 1561. le

morreo antes da meya noyte, ou aos 16. le succedeo depois della. Fizeraõ os Cafres em pedaços a Imagem do Santo Crucifixo, e quizeraõ despir o veneravel cadaver, levados de sua natural rapacidade, mas Vendo-o a pertado com cilicio de ferro, assentaraõ que o Padre devia ser algum grande feiticeiro, e não se atrevendo a despojallo dos vestidos, por senão contaminarẽ com algum feitiço, o foraõ arrastando lançar no lago, donde nascẽ os Rios Mossengueze, e o Motete, q̃ alguns chamão mar, não advirtindo que este dista dalli mais de cento e vinte legoas, e não o enterraraõ; porq̃ lhe tinhaõ metido na cabeça os authores da maldade, que a terra se havia de romper, e o ar apèstar com tão peçonhento cadaver. Daquelle lago sahio o Santo corpo, passado algum tempo, e foy pelo Rio abaixo. Levado das correntes até hum lugar de brenhas, para onde o levãraõ huns Leoens, e Tigres, e o guardão, e defendem, assistindo-lhe com grandes cantos, e melodias, muitas, e fermosas aves, como testemunhãraõ alguns Cafres, que viraõ de longe; e he tradicção que se conserva incorruto, e tem-se visto por vezes luzes naquelle lugar; o qual està despovoado à roda por medo daquellas feras. Tudo isto aconteceo para que le cumprisse o que o Santo Martyr tinha profetizado quando disse: *Que seus inimigos o haviaõ de afogar por amor de*

Christo, e seu corpo havia de ser lançado donde nunca mais apparecesse, e assim tem acontecido até o presente; porque nunca os Christão o podêraõ haver para o venerar.

Era o Santo Padre Gonçalo da Sylveira de trinta e seis annos de idade quando morreo; foy Doutor em Theologia, o primeiro Preposito da Caza Professa de S. Roque de Lisboa. O lextó Provincial da India na ordem dos tempos, e o segundo por Patente de São Ignacio, que só a teve antes d'elle São Francisco Xavier. Em todos estes cargos se ouve como Varaõ Santo, que era, servindo mais a todos, do que mandando-os. Em Goa foraõ palmosos os exemplos, que deu com sua Virtude, e exercicios de humildade, visitava os Carceres, e os Hospitaes, consolando, remediando, e animando a todos; doutrina os rudes, catequizava, e Bautizava os Gentios, e Mouros; em seu tempo houve em Goa Bautismos géraes muy notaveis, e entre elles toymuito estrondoso o de huma Princeza Moura, e para remedio das heregias solicitou o Tribunal do Santo Officio para aquelle Estado: fez outras muitas obras tão santas como foy a sua vida, e depois de martyrizado muitos milagres; pelo que o não estar já Canonizado he por pouca vêtura nossa, e grande descuido dos seus Padres, que muito se poderaõ honrar com ter por Irmão tão illustre

Mar-

Martyr; e muito mayor das illustres Casas de Portugal, que o tem por parente tão propinquo.

Sintirão muyto os Christãos a morte do Santo Padre; e os Mouros tiveram grande prazer com ella, e a festejaraõ muyto; mas a sua alegria se lhe trocou brevemente em desgraça; porque não tardou o Ceo em vingar o sangue do justo Abel. Veyo hum a nuvem de gafanhotos, que encobria o Sol, e destruhio as searas, e tudo o que a terra produzia, seguindo-se daqui hum a extraordinaria fome, e logo hum a terrivel peste, que fez lastimoso estrago; e nunca visto na Cafraria. Dous annos duraraõ estes açoutes, e conheceo o Emperador, que Deos o castigava pela injusta morte do Santo, e innocente Caciz, como lhe costumava chamar: converteo o furo contra sua propria mãy, e mandou a matar; porque não impedira, antes apadrinhara o requerimento dos Engangas; e deu a mesma sentença contra os quatro procuradores, que o foraõ induzir a tão abominavel trayção, dos quaes dous foraõ logo justificados, e os outros dous fugiraõ; hum dos quaes foy o preverlo Mingames, que com medo do Emperador, e dos Portuguezes, andou sempre peregrinando escondido por diversas terras, como outro Caim. Passados dous annos choveo tanta agua, que innundou toda aquella terra. Mayores castigos mandou

depois executar El Rey Dom Sebastião por Francisco Barreto, que lá foy com hum exercito, como adiante se verá na segunda parte.

CAPITULO XL.

Finaliza D. Constantino o seu governo da India, e volta para o Reyno. Da-se noticia de co-

mo se houve cõ hum a famosa reliquia supersticiosa, e do mais, que lhe aconteeo.

Entre os grandes despojos, que os Portuguezes fizerão na grande Cidade de Jafanapataõ, foy a de hum a famosa reliquia, que alli era tida em grande veneração pelos barbaros, e aprezen-tada ao Viso Rey, lhe leguraraõ, que por ella haveria hum a grande soma de ouro, pelo muito que era respeitada, e desejada de todos aquellos Reys Orientaes, principalmente do de Pegu, que todos os annos mandava seus Embayxadores com ricos presentes ao de Jafanapataõ em premio de lha deyxar imprimir como sinete em preciosas maças de ambar, algalia, almilcar, e outras confeiçoens aromaticas, que para isso levavaõ em cofres de ouro, para que já que não podia lograr o original se consolasse com a estampa. Esta maldita reliquia era hum dente, que se

le dizia de bogio encaftoado em ouro, e pedras preciosas, sobre que hã alguma variedade à cerca de fua origem; dizendo huns, que fora de hum bogio, ou mono brãco, que por fer defta cõr, e defcobrir a mulher mais amada do Rey daquella terra, que se lhe tinha efcondido, viera a lograr delles grandes eftimaçoens, e por fua morte idolatrar naquella pèffima reliquia fua, que pelo tempo adiante veyo a cobrar tão grande reputação, e respeito para com aquelles cegos gentios.

Dizem outros, e he o que se tem por mais certo, que aquelle dente he do feu Budu, ou Budaõ, antiquiffimo Legislador daquelles barbaros, entre os quaes se fez famoso com fua feitiçarias, de quem contaõ muitas patranhas, que difcorrendo por todas aquellas Regioens, fez a mayor refidencia em Ceylaõ; por cuja cauza eftando para morrer lhe quiz deixar em prendas de feu amor aquelle dente, que tirou da fua boca, e por fer de tal fogeito veyo a lograr tanta eftimação. O Vifo-Rey o trouxe para Goa, com geral fentimento dos gentios, o que sabendo El Rey de Pegu lhe mandou feus Embayxadores, offerecêdolhe por elle trezêtos mil cruzados; ou mais, tudo quanto quizeffe, perpetuas pazes com o Estado, e prover a Praça de Malaca de mantimentos todas as vezes, que os houeffe mifter. Communicou o negocio com os

Fidalgos, Capitães velhos da India, e todos forão de parecer, se vendeffe o dente a tão fubido preço para os difpendios do Estado, que se achava muy empenhado. A effa refolução repugnavaõ as grandes letras, e authoridade do Arcebispo D. Galpar, que affim nas praticas, como nos pulpitos difsuadia a entrega da infame reliquia; para que fenaõ deffe aos géticos occafião de idolatrarem nella. Era D. Cõftantino grande Catholico, temente a Deos, e muito obediente aos Prelados da Igreja, e como por ambas as partes o efcrupulo, o apertava por q fe guindo a oppinião do Arcebispo defraudava o Estado de hũa grãde foma de dinheiro, muito neceffario para novas Conquiftas em augmêto da Fé, e da Coroa de Portugal, e fe fe inclinaffe ao confelho dos Fidalgos, expunha aquelle detestavel offor a publica adoração de toda a gentilidade do Oriente.

Quiz vintilar o ponto para obrar com a confciencia fegura. Convocou huma junta, na qual entraraõ, com o Arcebispo todos os Prelados, e Theologos das Religioens, Fidalgos velhos, e Ministros da Coroa, e da fazenda Real. Porpoftas as duvidas, e debattida a materia, se inclinou a piedade do Vifo-Rey à oppinião dos Theologos, que fem difcrepancia resolveraõ q fenaõ podia entregar a quelle dente, ainda que se arrifcasse o Estado, e o mundo todo. Affentada effa decifaõ, e feito hum

hum termo, que todos affinárao, mandou o Vilo-Rey trazer o dente pelo Thiloureiro, e despojado do rico encaixe, o entregou ao Arcebispo, que em prezença de todos os da junta o lançou em hum almofariz, e com sua propria mão opizou, e desfez em poz, e os deitou em hum brazeiro, e as cinzas mandou lançar no meyo do rio, a vista de toda Goa. Confundirão-se os Mouros com este espectáculo, vendo quanto mais podia com os Portuguezes o odio da idolatria, que a cobiça do dinheiro. Chorárao os Gentios a perda da mais prezada reliquia do Oriente. E alguns Christãos, assim na India como em Portugal, se escandalizárao do Vilo-Rey por enguitar tanto ouro, que lhe davao, e o mais que se lhe offerencia, em occasião de que tanto necessitava o Estado disto. Porque para os Gentios idolatrarem não lhes faltavao outros idolos, e que de qualquer pedaço de osso podiao fazer outro dente em memoria daquelle, a quem dëllem a mesma veneração, por onde mal se lhe podia ella evitar com a falta deste.

Mas viva D. Constantino, que com esta esclarecida acção eternizou a fama da Christandade Portugueza por todas as Naçoens do mundo. Já hoje estaria apagado o resplendor daquelle ouro, se por ventura entao lusisse: e ainda hoje se lê o glorioso nome de D. Constantino à luz do fogo, com que se

Part. I.

abrazou taõ abominavel reliquia, e vendessemos o dente aos Gentios, não bastaria todo o ouro do Pegu para dourar a nossa cobiça na estimação dos bons Catholicos; e lançando-o nas brasas fizemos a nossa Fé hum dos mais applaudidos sacrificios. Era D. Constantino o melhor Portuguez, que passou à India, e foy esta a mayor proeza, que nella obrarao os Portuguezes.

Foy zelosissimo da Fé: em seu tempo se estendeo, e propagou na India mais que nunca a Christandade obrigados dos seus favores, e ajudados do seu patrocínio os Missionarios. Iõ os da Companhia de Jesus á sua parte bautizarao a vinte, e tantas mil almas; e os Franciscanos, e Dominicos, he sem duvida que não fariao menor fruto. Haviaõ os Governadores passados introduzido hum maldito costume de honrarem mais os Bramanes, e Nobreza Gentilica, que os Christãos, a quem occupavaõ em officios bayxos, e cargos despreziveis; por onde luziaõ muy pouco as Conversoens. D. Constantino trocou a sorte, a estes deu-lhes cargos honrados, fazendo delles toda a estimação, e servindo-se delles no Paço, abatendo totalmente os Gentios; por onde a conversão se veyo a multiplicar tanto. Prohibio-lhes os Pagodes, e todas as ceremonias, festas, casamentos, e mais regozijos, que usavaõ ainda publicamente em Goa. Este zelo da Fé creava em D.

T Conf.

Constantino aquelles espiritos Reais, e Catholicos, com que preferia os aumentos da Religião a todas as conveniências temporaes. Hum dos que se prezavão de grandes Ministros, se atreveo a lhe dizer em certa occasião, que o thesouro do Estado ficaria mais exhausto de dinheiro em seu tempo, do que no de seus antecessores; e que quando se ouvessem de carregar as naos para voltarem a Portugal, não haveria, que mandar, senão huma lista de convertidos, tantos em tal dia, e tantos em tal, boa materia para as cartas dos Padres da Companhia, e não para referirse a El Rey. A esta imprudente advertencia respondeo, que as mayores riquezas da India, na estimação dos Reys de Portugal, consistião nos aumentos da Fé; e continuou nas santas obras do seu zelo.

Foy o primeiro que na India levantou Téplo ao primeiro Apostolo della S. Thomé, o que fez na Cidade de Goa, no que tinha havido grande falta de descuido para com aquelle grande Protector da Christandade Oriental; porq̃ tambem ha Santos no Ceo pouco venturosos na terra. Com ser ainda tão moço, e de prezença airola, e galharda, nunca se lhe advertio acção escandalosa em seus recatados, e honestos procedimētos, antes era tão opposto ás desordens da lascivia, que com largos dotes, à custa de sua fazenda, evitou em muitas dōzellazos estragos da mocidade.

Vendo o seu trianio quasi acabado, e que sedo lhe viria successor, mandou fabricar huma não na Ribeira de Goa, para nella voltar para o Reyno, a que poz nome *Chagas*, pela grande devoção, que tinha às de Nosso Senhor Jesu Christo, a qual fez à custa do que poupava do seu ordenado, sem oppressão de pobres, e officiaes, nem se valer da fazenda Real: e quando as naos assim se fabricão, tem certa nas suas viagens a felicidade, q̃ esta teve; porque além de trazer ao Reyno com prospera fortuna a D. Constantino, levou depois à India quatro Viso Reys. Passou dezassete vezes o Cabo da Boa Esperança, e durou mais de vinte e cinco annos, servindo por ultimo de Cabrea no Rio de Lisboa.

Chegado o successor lhe entregou o governo do Estado prospero, e partio para Cóchim no fim de Outubro deste anno de 1561. e no mez de Janeiro seguinte partio para o Reyno, aonde chegou com tão bom successo, como experimentou indo para a India, sem movimētos, nē alterações do mar, respeitando, sem duvida, este indomitoelemento o sangue Real Portuguez, que lhe corria pelas veas. Não trouxe outras riquezas na sua não; mais que por curiosidade a mostras de todas as Nações da India, e officiaes de todas as Artes, e officios, e dez, ou doze mil cruzados em pedras finas, que não quiz trazer na sua não, e as entregou ao Mestre

Mestre de outra, para com ellas pagar suas dividas. E chegando a Lisboa foy mixiricado, que trazia grandes riquezas, e thesouros, e que deixava roubada a India. Pelo que lhe deraõ caça a não, e levãrão a pedraria à Caza da India, onde vendo-se a pouquidade, e que enganarão a ElRey, mandãrão, que pagasse os Direitos, e levasse a sua pedraria. Ao que D. Constantino mandou responder, que visto lhe pedirem Direitos de cousa tão limitada, devia ElRey seu Senhor estar necessitado, que se assim era lhe offerecia aquella pedraria, sintindo não ser mais para a empregar no serviço de sua Alteza. Do que envergonhados os Ministros lha mandãrão entregar. E como todos os bons procedimentos sempre são caluniados, porque essa he a melhor prova de serem bons, não saltarão malevolos, que além da calumnia referida lhe quizerão deslustrar as Acçoens do seu governo; mas o tempo mostrou depois ser elle o mais feliz, e mais fecundo de excellentes Capitães, que vio a India, e o proprio Rey D. Sebastião o confirmou, quando no anno de 1568. mandando por Vilo-Rey della a D. Luis de Ataide, lhe disse: *Que governasse tambem como D. Constantino.* E no anno de 1571. o quiz tornar a mādãr por Vilo-Rey, em quanto vivesse, dādolhe hũ grãde Titulo; mas elle se escuzou por não ter filhos, e estimar mais o seu repouso, q̃ quãtas cōveniências havia.

Part. I.

Deraõlhe em premio dos seus serviços a Capitania de Cabo Verde, q̃ arrendou por seis centos mil reis cada anno; e porque era trabalho, pedio a ElRey lhe consignasse aquelle rendimento na Villa de Estremoz, o que elle lhe concedeo, e nella se apozentou com sua mulher Dona Maria, filha de D. Rodrigo de Mello, Marquez de Ferreira, e de sua segunda mulher Dona Brites de Menezes. E porque não teve filhos della deixou os seus bens a D. Constantino, filho do Marquez de Ferreira, por ter o seu mesmo nome, e ser seu sobrinho, filho de hũa sua irmãa. Era ja falecido quãdo ElRey passou a Africa a segunda vez, em q̃ se perdeu a batalha.

CAPITULO XLI.

De como governou a India D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo; e dos notaveis successos de seu tempo.

Porque hey de resumir os successos da India do tempo do governo do Vilo-Rey D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo; a hum sò Capitulo, ainda que muita parte delles tocão ao tempo do Regimento do Reyno do Cardeal Infante, o escrevo no da Rainha Dona Catharina, por ser despachado por ella, e lhe toca o primeiro anno, de mais q̃ como tudo pertence a ElRey D. Sebastião, e tudo vay incorporado na sua Chronica,

T ij

pouco

pouco importa, q̃ se ponha em hũ ou em outro governo, em q̃ senão tira o seu a seu dono, e parece mais justo lançar-se neste lugar.

Vendo a Rainha Dona Catharina, que o tempo do governo de D. Constantino se hia acabando tratou de lhe mandar successor, e elegeo ao dito Conde de Redondo, Regedor, que então era da Casa da supplicação. Preparou-lhe huma Armada de cinco nãos, de que foraõ por Capitães Gonçalo Correa, Manoel Jaques, Francisco Figueira de Azevedo, e Pedralvres Vogado, e elle na principal, e deu-lhe tão bom aviamento que partio de Lisboa aos 15. de Março de 1561. e com bons temporaes chegou a Goa em 7. de Setembro, onde foy bem recebido, e D. Constantino lhe entregou o governo do Estado. A primeira coula, em que entendeu o novo Viso-Rey foy em prender por ordem da Rainha a Gonçalo Falcão, Fidalgo ordinario, e mandalo a Lisboa em ferros para ser castigado, por haver desafiado atrevidamente a Francisco Barreto, quando o vio ja sem o governo; mas elle tendo disto noticia se soube occultar, e voltando para o Reyno, nelle esteve escondido atè alcançar perdão del Rey D. Sebastião, quando ja governava o Reyno. Tambem nesta occasião mandou a Rainha prender a Jorge de Soula, por não querer abater a sua Bandeira à nãõ de D. Constantino, vindo ambos para o

Reyno; sobre que se ouveraõ de descompor, senão cedera D. Jorge, e com tudo a Rainha o mandou desembarcar em Cascaes prezo, e levar ao Castello de Lisboa, para que senão perdesse o respeito aos Governadores, que tinham feito as vezes, e representado a pessoa del Rey.

Depois disto despachou o Viso-Rey alguns Capitães para varias Fortalezas, e para o Reyno cinco nãos, e a D. Francisco Mascarenhas com huma Armada de vinte e tres, embarçaõens contra o Pirata Cafar Turco, que não obraão mais que amparar as nãos mercantis da Costa do Malavar. No principio de Fevereiro de 1562. enviou o Viso-Rey com outra Esquadra a defender do mesmo Pirata às nãos, que vinhaõ de Ormuz a Jorge de Moura. Avistaraõ no mar de Caxem huma poderosa nãõ de Mouros Achens, e enves-tindo-a Pedro Lopes Rebelo com o seu Galeão; a atracou pelejando-se de parte a parte furiosamente atè que pegando fogo no Galeão, e lançado muito pelos nossos na do inimigo se queimaraõ ambas lastimosamente salvando-se a nossa gente somente no Galeão de Antonio Cabral, que acodio. Partio este anno de Lisboa huma Armada de seis nãos com tres mil homens de guerra, e por Capitão mór D. Jorge Manoel, e chegou a Goa em Setembro, a tempo que o Viso-Rey pretendia partir para os ma-
res

res de Calecut, em cujo tempo chegou noticia de que hum famoso Capitão de Cambaya Abexim, chamado Cide Mariaõ accômetia a Praça de Damão com oito centos cavallos, e mil Infantes. Sahio-lhe ao encontro o Governador della Garcia Rodrigues de Tavora com quinhentos de pé, e cento, e oitenta de cavallo, e prezentoulhe batalha. Ao accômeter levantou hum Religioso de São Domingos hum Crucifixo, e foy logo morto com alguns dos nossos. No mayor fervor da peleja acodio o Capitão contrario bradando pelo nosso, e encontrando-se ambos tão furiosamente que cahiraõ em terra. Esteve o nosso arriscado a ser degolado pelo contrario; mas sendo atravessado com huma lança por hum Portuguez ficou o Tavora livre, que posto a cavallo foy dando nos barbaros até os derrotar, de todo, e pôr em fugida, com perda de muitos mortos, e cativos com muitos despojos.

No principio de Dezêbro partio o Viso-Rey para Calecut com huma estrondosa Armada de cêto e quarenta navios com quatro mil homens os mais luzidos, e bem tratados, que vio a India, e com grande pompa firmou pazes com o Camorim, com quem se avistou, e deixou atemorizado, posto que se achava com quarenta mil homens. Acabados os cumprimentos lhe enviou, o Viso-Rey hum rico presente, que he o que aquelles bar-

baros mais estimão, e voltou para Cóchim a despachar as náos para o Reyno. Os Soldados pelarozos de não lhe offerecer occasião de desembainharem as espadas contra inimigos, as puxavaõ huns contra outros, e em varias pendencias morrerão mais de fincoenta.

A Ilha de Amboyno nas Malucas andava neste tempo levantada contra Vasco de Freitas, Capitão de huma Fortaleza, que alli tinha fundado, e uzando de rigorosos procedimentos, com os naturaes, os provocou contra si, e as Armadas da Rainha de Japara em seu favor delles. Mataraõ a muitos Christãos, novamente convertidos por S. Francisco Xavier, e mais Padres da Companhia. Oppose-lhe hum, por nome Manoel, homem principal, e deteve a corrente inimiga, até que chegou alli o Capitão Henrique de Sã, q com os seus e os nossos parciaes da terra lerrou tudo, e proseguio-se a cultura Evangelica.

Em Columbo succedia pior. Madune dezejo de despojar do Reyno a seu irmão Rey de Cota, mandou a Raju, seu filho com trinta mil homens sobre a nossa Fortaleza, e depois de o por em grande aperto, accommeteo a Cidade de Cota, distante quasi duas legoas. Acudio o Capitão da Fortaleza, Balthazar Guêdes de Sousa, e fez-lhe brava resistencia. Obraraõ os Portuguezes em huma, e outra parte proezas incriveis, e largamê-

te tratadas por Couto na sua septima Decada da India, Livro 10. Mas reduzidos ao ultimo extremo, chegãraõ de soccorro D. Diogo de Mello Coutinho, Capitaõ de Manar, e Antonio da Costa Travaços de Tucotori, com municoens, e quatro centos homens, com cuja fama, ló de que hiaõ, alentou os apertados, e fez retirar os inimigos, com perda de dous mil, e dos nollõs sòmente vinte, entrando tres Religiosos Franciscanos, que eraõ o alento dos Christãos com suas praticas, e oraçoens.

1563.

Neste anno de 1563. mandou para a India o Cardeal, Regente ja do Reyno, a D. Jorge de Sousa com quatro nãos, das quaes huma arribou, e outra se perdeu no porto de Goa. Daqui mandou o Vilo-Rey para a guerra de Cananor a D. Francisco Mascarenhas com quinze navios, e atrazando-se o de que era Capitaõ Jeronymo Dias de Azevedo, em que hiaõ sòmente quarenta homens de peleja, deu vista de tres navios de Mouros Malavares, e podendo muito bem desviar-se delles o nãõ quiz fazer, antes investindo-os no primeiro encontro saltou dentro de hum delles com espada, e rodella. Gaspar Carvalho, Soldado ordinario de prezença horriavel, e carrancudo, e muito feyo, mas de forças, e animo prodigioso, e espedaçando logo a dez barbaros, foy tangendo os mais às cutiladas atè que lhe acudiraõ mais companheiros, mas

Nota.

sobrevindo contra o nollõ os outros dous navios, e pondo-o em aperto se recolheraõ os nollõs, e fizeraõ tão grãde estrago nos Mouros, que os deixãraõ atemorizados, e com morte de muitos foraõ navegando, sem morrer algum dos nollõs; mas foraõ muitos feridos. Queixouse o Vilo-Rey ao Camorim, Rey de Calecut de andarem pelo mar alguns Vassallos seus à pilhagem, cõtra o ajuste das pazes. Respondeo elle. *Que de tal nãõ sabia, que deviaõ de ser alguns ladrões formigueiros, que se os colhessem, os castigassem, que elle faria o mejsmo.* Nãõ contentou ao Vilo-Rey a resposta, e tratou de buscar occasiã de lhe responder pelos mesmos termos. Nãõ o vio executado, porque morreo neste tempo aos 19. de Fevereiro de 1564. cõ dous annos e meyo de governo felicissimo, e foy sepultado no Convento de S. Francisco de Goa, e depois foraõ seus ossos trasladados á Villa do Redõdo.

1564.

Nãõ estavã ociosos por todo aquelle Estado da Lusitania Oriental em todo este tempo os Obreiros da Vinha do Senhor, que até gora eraõ sòs os Religiosos de São Francisco, Jesuitas, e Dominicos, Os da Companhia eraõ os unicos Cultores do Japaõ, onde tinhaõ feito notavel fruto na Conversãõ daquella Gentilidade, bautizando, cõ varios Principes, e Senhores, aos Reys de Bungo, que se chamou D. Francisco, por amor de S. Francisco

cisco Xavier, que lhe tinha dado a primeira noticia da Ley de Christo, e aquem tinha muita devoção. De Omura D. Bartholomeu: de Arima D. Portasio: de Toza D. Paulo, e o de Cavachi; e todos forão muito bons Christãos, e virtuosos, especialmente o de Bungo, que antes de ser bautizado ja favorecia tanto a Christandade, e os Missionarios Padre Cosme de Torres, e seus companheiros, que a Rainha Dona Catharina se deu por obrigada a crever-lhe em nome del Rey, seu neto, em agradecimento disto a carta seguinte.

Carta del-Rey de Portugal para El Rey de Bungo no Japão.

Nobre, e honrado Duque de Bungo. Eu D. Sebastião por graça de Deos Rey de Portugal, &c. vos faço saber, que por Cartas, que os Padres da Companhia de Jesus, que andaõ nessas terras do Japão, escrevem a este Reyno, soube da muita razão, que ha para eu folgar com vossa amizade, pelo consentimento que dais aos naturaes de vossas terras para se fazerem Christãos, e receberem nossa Santa Fé, e pelo muito favor que sempre destes acerca disto aos ditos Padres, e em tudo o que cumprio a suas pessoas, e segurança delles nos perigos, trabalhos, e necessidades, que se lhes offereciaõ, soccorrendo-os sempre com avisos, conselho, ajuda, e esmolas, para seu remedio, e sustentação; de que recebi, e recebo muy grande contentamento, especialmente; porque espero, que apoz estas boas obras, que são juicio, e final de nosso Senhor vos querer dar inteiro, e verdadeiro conhecimento da verdade, e pureza da Ley de Jesu Christo Redemptor nosso, vos fara merce de vos dar luz, e graça para a receberdes, e elle vos receber nella para salvação de vossa alma, e de todos vossos Vassallos, que ainda não chegaraõ ao conhecimento deste bem: porque tenho esperança, que recebendo-a vós, todos elles faraõ o mesmo, e assim como vos virem guardar a Fé, e lealdade ao Senhor, e Criador de todo o mundo, não dando as creaturas a honra, serviço, e veneração, que a elle, como a Deos de todos se deve, vos seraõ leaes, e fieis, e eu folgarey sempre de fazer tudo o que para vossa pessoa, e para os vossos com razão me requererdes, e de meus Reynos, e Senhorios vos cumprir. E porque tenho muy grande esperança, que folgareis de tomar esta Ley tão santa, e verdadeira, escrevo ao meu Capitão Geral, e Viso-Rey nas partes da India, que tanto que o souber, ou tiver Carta vossa, ou dos Padres da Companhia de Jesus, que andaõ em vossas terras, de como recebestes a agua do Santo Baptismo, e procuraes saber, e guardar o que he necessario para vossa salvação, como de tão honrada pessoa espero, mo escreva, pelo contentamento, que receberey de tão grande merce de nosso Senhor, e bem de vossa alma: e tambem elle terá cuidado de em meu nome fazer tudo, o que com razão lhe requererdes, e vos cumprir, como

*como sabe que eu dezejo, que sempre se faça a todos os que deixão os engan-
nos, e falsidades gentlicas, por receber a verdade da nossa Sãta Fè. Nobre,
e honrado Duque, nosso Senhor vos alumee com sua graça, e com ella vos
tenha sempre em sua guarda. Escrita em Lisboa a 11. de Março de 1562.*

Com esta Carta, que o zelo, e fervor daquelles santos Missionarios no serviço de Deos, e salvação das almas, lhe saberiaõ muito bem commentar, e com as incançaveis diligencias dos mesmos Padres, se resolveo o dito Rey a bautizar-se, tendo-o já consentido a seu filho D. Sebastião, e às mulheres de hũ, e outro, sendo todos primeiro muy bem catequizados por hum Irmão da Companhia Japonez, chamado João, cujos Bautismos celebrou o Padre Francisco Cabral, e o del Rey mysteriosamente aconteceo em dia de Santo Agostinho; porque assim como antigamente se teve por difficultosa a conversão daquelle, que veyo a ser lume da Igreja, assim a deste Rey senão tinha por menos, (ainda que favorecia a Ley dos Christãos) pelo seu grande entendimento, subtileza de juizo, e sciencia das feitas, e Idolatrias do Japão, tanto, que depois que o viraõ convertido, e bautizado, diziaõ os Bonzos, ter enlouquecido, e variado; porque de outra sorte não era possivel fazer mudança de crença hum Rey tão douto. Atribuio-se a sua conversão á intercessão do Apostolo daquelle Imperio o Santo Xavier, aquem o dito Rey chamava o seu grande amigo, e foy-o tanto, que lá à vis-

ta de Deos, onde já estava, lhe negociou o remedio da salvação, como piamente se cre. Porém não posso entender a razão de se lhe negar nesta Carta o titulo de Rey, e darselhe o de Duque, sendo Monarca de cinco Reynos, e meyo.

CAPITULO XLII.

Copia de duas Cartas del Rey, e do Pontifice para o Arcebispo de Goa sobre a Christandade da India.

A Inda que todo o cuidado dos Reys de Portugal nestas navegações do Oriente, descobrimentos, e Conquistas de novas terras, e Regioens barbaras, foy só com o designio de dilatar a Fè de Jesu Christo, e accrescentar a Christandade, e dominio, ou obediencia da Igreja Catholica Romana, como eleitos para isso pelo mesmo Senhor no Campo de Ourique, com tudo atê mais que meyo reinado de D. João III. posto que senão delcuidavaõ, não se attendia tanto a isso, como a sujeitar as terras, e as vontades, e a introduzir o Comercio, para depois se poder semear o grão da Divina palavra com mayor esperança de fruto, como succedeo do anno de 1542. por diante por meyo dos Religiosos de S. Fran-

Francisco, que desde o principio trabalhavaõ já nesta vinha do Senhor, como lá os Obreiros do Evangelho; que logo de manhã foraõ para ella, e dos da Companhia, que no dito anno entraraõ nella, e dos Dominicos, que foraõ seis annos depois; porẽm muito mais se applicou o cuidado a esta Sãta Conquista das almas para Deos em tẽpo do nosso Rey D. Sebastiaõ, pelo zelo, e grande piedade, e virtude da Rainha, sua avó, e do Cardeal, seu tio no tempo, que por elle ser menino governaraõ este Reyno; provas disto se tem visto, e se veraõ adiante, e outras muitas estaraõ ja perdidas da memoria das gentes, pelo discurso dos annos, q̃ láõ ja passados; porque a principal cousa, que recomendavão aos Governadores da India, era o cuidado das Convertoens, favor dos convertidos, e ajuda dos Ecclesiasticos, e Missionarios. Resultava destas diligencias numerosos Batiſmos, principalmente em Goa, em tempo de Francisco Barreto, e D. Cõstantino de Bragança.

Succedeo que chegado de poucos dias áquella Cidade D. Gaspar, primeiro Arcebispo della, indo em 15. de Dezembro de 1660. ao Col

legio de S. Paulo, da Companhia de Jesu, lagrar em Bispo de Nicea ao Padre Belchior Carneiro da mesma Companhia, jantando no mesmo Collegio com o dito Bispo, e os assistentes, que foraõ o Patriarca de Ethiopia, e o Bispo de Malacca, vio de tarde a grande solennidade, com que os Religiosos daquella Caza bautizaraõ na sua Igreja a quatro centas e nove pessoas, e entrou em ciumes, parecẽdolhe tocar aquillo á sua jurisdicção, e q̃ os Padres lha usurpavaõ, e assim, lhes prohibio o uso della, e a administração de algumas Igrejas, que tinhaõ edificado pela Ilha para remedio da nova Christandade. Obedeceraõ como verdadeiros, humildes; mas como isto era contra o que El Rey ordenava, e redundava em notavel prejuizo, e diminuição da mesma Christandade; porque o Arcebispo com o seu Clero, não podia, nem punha tanto cuidado, e applicação a esta santa obra, como convinha, vendo os ditos Religiosos, que isto era obra do Demonio, e compadecidos da grande necessidade, recorreraõ a Roma, e a Portugal, donde emanaraõ as Cartas seguintes para o Arcebispo ácerca da mesma materia.

Carta del-Rey para o Arcebispo de Goa.

Reverendo em Christo Padre Arcebispo amigo. Eu El Rey vos envio muito saudar, como aquelle de cujo accrescentamento muito me prazeria. El Rey, meu Senhor, e a vó, que Santa gloria haja, vendo a obrigação, que tem a Coroa destes Reinos, e Senhorios a conversão dos in-

feis dessas terras da India, e pelo zelo, que Deos nosso Senhor lhe deu do augmento, e dilataçã de nossa Santa Fé Catholica, teve sempre muito dezejo, e cuidado de que ella fosse dilatada, e augmentada nas ditas partes, e para isto haver effeito, o encomendou, e en carregou sempre muito aos Viso-Reys, e Governadores dellas, e alem das lembranças, que lhes dava, ordenou, e proveo para este intento algumas cousas particulares por cartas, e provisoens suas, e em quanto senão executarão inteiramente, e com toda a deligencia, e cuidado, que a obrigaçã, e importancia do negocio pedia, procedeo a conversão das ditas partes com muito menos fruto, do que Sua Alteza dezejava, e pretendia. Depois sabendo eu que no tempo do Governador Francisco Barreto se augmentou muito a Christandade, por elle a favorecer, e fazer cumprir algumas cousas do que assim estava ordenado, e ordenar outras ao mesmo proposito, e tendo eu informaçã das mais razoes particulares, e impedimentos, porque a gentildade não recebia a nossa Santa Fé, expecialmente nessa Ilha de Goa, e nas a ella adjacentes, e dezejando tirallas, e prover nisso, o pratiquey com os do meu Concelho, e como Viso-Rey D. Constantino, quando o mandey à India, e lhe dey sobre isso algumas lembranças, encomendandolhe muito que neste negocio pozesse toda a força, que elle pedia, e prouve a nosso Senhor que com a deligencia, e meynos, que o dito D. Constantino nisso poz, recebeu muitos nossa Santa Fé, de que eu recebi, e recebo muy grande prazer, e contentamento, e espero, que se assim se continuar, em muy breve tempo sejam convertidos muitos povos dessas partes, que será grande bem, e meyo para o soccego de minha consciencia, e segurança, e paz de meus vassallos, e a Coroa deste Reyno poder possuir esse Estado. E porque cousa tão santa, e obligatoria he muy necessaria, e dezejo eu muito que seja sempre, e pro todas as vias favorecida, não me pareceo sobejo fazer vos esta lembrança, e encomendar volo muito, posto q̃ confio q̃ da vossa parte não ficará nada por fazer, do que cumpre, para que este meu dezejo haja effeito. E porque eu escrevo largo ao Conde de Redondo, meu Viso-Rey, nessas partes sobre este negocio, e que pratique com vosco, e com os Padres da Companhia de Jesu, e outros Religiosos os meynos, q̃ se poderão tomar mais convenientes para esta obra proceder com todo o fervor, e efficacia possível não sómente nessa Ilha de Goa, e nas a ella adjacentes, mas em todas as outras partes desse Estado, vos encomendo muito que o trateis com elles, e façais sempre ao dito Viso-Rey as lembranças, que vos parecerem necessarias para o favor, e ajuda, que elle deve dar, para que se cumpra inteiramente com a obrigaçã, que a Coroa destes Reynos, e Senhorios a isso tem; e assim vos encomendo muito que tenhaes sempre lembrança de avisar os Bispos, e Vigarios, e outras pessoas, que vos parecer, que devem, e podem ajudar nesta obra, em quaesquer partes, que estiverem, de todas as cousas, que virdes, que para bem della

della he necessario serem avizados, e animeis a todos os Religiosos, que na conversão se occupão, e empregão para que procedão sempre com mayor fervor, e devoção neste tão grande serviço de nosso Senhor, e que a mim mais me lembra, e de que mais conta faço, que de todos os outros proveitos dessas partes, e procurareis que senão dé occasião aos novamente convertidos, e aos que se espera, que se convertaõ, de enfraquecer, nem aos outros, que parece, que estão mais longe de receber nossa Santa Fé, de se confirmarem em seus erros; porque redundaria em grande discredito della, e seria muito de serviço de nosso Senhor, e meu. E receberey muito contentamento de ver cada anno por vossas Cartas, novas do augmento, que nosso Senhor da na conversão dessas partes. Escrita em Lisboa a 11. de Março de 1562.

REY.

Era o Arcebispo homem de mais que mediana virtude; e posto que o genio mais o levava ao soccego da Magdalena, q̃ aos empregos de Marta, vendo por esta Carta quanto importava o negocio da conversão ao bem do Estado, e à cõsciencia del. Rey, e quam decoroso era à sua dignidade patrocinar os Religiosos Missionarios mandou chamar os Padres do Collegio de São Paulo, e confessando-se enganado por homens peitados por gentios, lhes concedeu amplissima faculdade para solennisarem os Bautismos, e com sua benção se afervoraraõ de sorte os Padres, e Irmãos da Companhia de Jesu, que saindo a prégar pelas Aldeas do contorno, se recolheraõ depois de vinte dias com trezentos e vinte nove Catecumenos, que o mesmo Arcebispo bautifou na Igreja do dito Collegio, estando presente o Viso-Rey,

e toda a Nebrela Goanna, com as mesmas festas, e applausos do tempo de D. Constantino. E daqui por diante foy sempre em mayor augmento o numero dos convertidos, principalmente quando o Capitão da Cidade D. Lopo Vaz de Sequeira. e o Padre Francisco Rodrigues andáraõ por toda a Ilha de Goa, e pelas adjacentes, lendo aos povos huma Carta, que El Rey escreveo a todos os infieis vassallos da sua Coroa, naqual os convidava ao conhecimento do verdadeiro Deos, e a professarem a Santa Ley de Jesu Christo nosso Redemptor.

Confirmouse mais o Arcebispo D. Galpar no favor, que dava aos Missionarios, quando no anno seguinte lhe entregaraõ huma Carta do Summo Pontifice Pio IV. que traduzida do Latim em Portuguez dizia assim.

Carta do Summo Pontifice para o Arcebispo de Goa.

Veneravel Irmão saude, e Apostolica benção. Entendemos que he muy pequena a copia de Obreiros nessas partes da India, a respeito da grande abundancia de searas. Mas com tanto mayor caridade deveis abraçar, e tanto mais benignamente favorecer aquelles, que o Senhor vos deu por coadjutores do vosso officio, quanto mais não sómente proveitoso, mas ainda necessario sentis que vos he seu trabalho para cumprirdes com a obrigação do vosso officio. Tendes varoens Religiosos, que trabalham animosa, e diligentemente na vinha do Senhor, assim de algumas outras Ordens, como tambem da Companhia de Jesu, cuja industria, e desvelo quam proveitoso seja na Igreja de Deos, alem de o sabermos pelo testemunho das obras, q̃ahi fazem, cooperado a Divina Graça, o experimentamos tambem cada dia nestas partes Occidentaes. Taõ excellente serviço nos faz a nós, e à Sé Apostolica a mesma Companhia por sua grande, e excellente devoção, e pelo insigne zelo da virtude, e salvação das Almas. Finalmente pedindo-o assim seus merecimentos, assim como nós amamos, e queremos que seus privilegios concedidos por esta Santa Sé em toda a parte retenhaõ sua firmeza, e inteireza: assim tambem vos exhortamos, e se he necessario amoesamos, e mandamos, que vós tambem ahi, onde estais, a abraçeis com aquella caridade, que convem, e com vossa protecção a defendais, e de tal maneira guardeis, e façais guardar seus privilegios, que não nos chegue queixa de vós, que nos possa ser molesta. Por tanto de tal maneira da vossa ajuda, socorro, e favor a mesma Companhia para converter muitos gentios, e conservar na Fé os já convertidos, que mereçais diante de Deos todo poderoso ser participante de taõ grandes merecimentos, e eu tenha motivo de vos dar as devidas graças pelos favores, que lhes fizerdes, conhecendo a devoção, que tendes de propagar a Fé. Dada em Roma em São Pedro de baixo do anel do Pescador no primeiro de Dezembro de 1562. no terceiro anno do nosso Pontificado.

Nesta mesma mção de 1563. chegou ao Conde Viso-Rey outra Carta do Cardeal D. Henrique Regente, elcrita em nome del Rey, como se fazia a todas as ordens Reays, em 21. de Março, naqual lhe ordenava prohibisse a entrada nas nossas terras aos Judeos brãos da Turquia, e da Persia, aos Bispos cis-

maticos o governo da Christãdade de S. Thomè: desterrasse os Bramees, q̃ não fossẽ Lavradores: não consentisse Medicos gentios, por serem prejudiciaes aos Portuguezes, e Christãos da terra, que os Batismos se celebrassem como antes, se assim fosse mais conveniente ao favor, e dilatação da Fé; e que tudo isto

isto se fizesse por direcção, e conselho do Arcebispo Primás; o qual sentido de o terem enganado, foy o mais empenhado na execução de todos estes Decretos.

Por este tempo foy martirizado hum Menino de Goa, de doze para treze annos, o qual navegando de Cambaya para a dita Cidade com seu pay foraõ cativos de Mouros Malavares, o Capitaõ mór dos quaes o tomou para si, a feiçãoado à sua boa pareença, para o cazar com huma sua filha da mesma idade; para o que o começou a hir acariciando para Mouro. O pay amargurado deste successo procurou occasião de falar ao filho, e o exhortou cõ grande força, e efficacia a perseverar na Fé, e dar a vida por Jesu Christo antes, que ser Mouro, que senaõ vècesse das caricias, nem dos favores, e regalos, que lhe promittia o barbaro, por mais hũ par de annos, que poderia viver; porq̃ eraõ muito mayores, se cõparação alguma, os gostos, e felicidades da Bemaventurança, que logo hia lograr, se morresse como bom christaõ: o que era tanto pelo contrario obedecendo ao Mouro, que se condenava sem duvida, ou remissão alguma, as terríveis penas do inferno para sempre; &c. Com o que fortalecido o sãto Menino resistio cõ mayor fortaleza, do q̃ seus annos, e forças pediaõ, a cerimonia da circuncisão, nem a propria esposa, que era huma Mourinha bem parecida, o pode convencer, e abran-

dar, ou fazer mudar de parecer, sendo os carinhos das mulheres as armas mais fortes, que pôde haver para conquistar, e render os mais fortes peitos humanos; antes a lançou de si com desprezo. Tal era a Graça Divina, que em sua alma estava! Do que escandalizado, e enfuricido hum Mouro dos presêtes, arrancou da catana, e lhe levou de hum golpe huma perna. Cahio o sãto Martyr em terra, onde o algoz conlegundo golpe lhe separou a cabeça do corpo, e o mādou para a Gloria a receber o premio da victoria; e seu corpo foy lançado no mar. Ficou seu pay não sómente livre dos receyos de o ver Mouro; mas muito alegre de sever com hum filho Martyr de Jesu Christo, e voltando com os companheiros, depois de resgatados, para Goa, contavaõ todos com grande gosto este successo. Não se sabe de certo o anno, mez, nem dia, em q̃ succedeo, nẽ ainda o nome do sãto Martyr, e de seu pay ficou em lembrança, por descuido dos que o tomaraõ em memoria, que só atenderaõ ao essencial do successo.

CAPITULO XLIII.

Em que se dá noticia dos successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brasil.

AS cousas da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brasil, nome impropriamẽ-

te posto por causa do pão vermelho, que aqui se cria, tão cobiçado, e invejado de todas as Naçoens, estavaõ ainda neste tempo muy tenras. Tinha sido esta nova, e mayor Lusitana descoberta pelo segundo Descubridor da India Pedro Alvres Cabral no anno de 1500. Foy depois costeada, e descubertos os seus portos particularmente por Gonçalo Coelho, e Christovão Jaques no principio do Reinado del-Rey D. João III. o qual a deu a alguns de seus Vassallos para q̃ a povoassem, como fizeraõ com muito trabalho, pelos annos de 1535. mas porque a Bahia de todos os Santos era o principal porto deste novo Estado, e nelle não pôde tomar pé seguro o seu Povoador Francisco Pereira Coutinho, por causa da ferocidade dos naturaes da terra, que em fim passado algũ tempo o vierão a destruir de todo, a mandou ElRey D. João povoar, e fundar alli hũa Cidade por sua cõta no anno de 1549. pelo primeiro Governador deste Estado Thomé de Sousa, e a constituhio cabeça delle para residencia dos Governadores, e Bispos do dito Estado. Mas no tempo, em que succedeo na Coroa de Portugal, ElRey D. Sebastião ainda estava tudo muy tenro. Aspiravaõ muito os Frãcezes à posse desta nova terra, que lhe não pertencia por nenhuma via assim por ser Descubrimiento, e Conquista propria nossa, como pela desistencia, que tinhaõ feito os seus Reys

quando pelo Papa foraõ convidados para a repartição de novos Descubrimientos de terras, e assim foraõ algumas vezes contratar alli com os naturaes da terra, sendo sempre rechaçados, e expulsos pelos nossos; e ultimamente foraõ fazer assento na enseada do Rio de Janeiro, e a resolução de virẽ àquelle porto foy esta.

Tivèraõ noticia os Francezes em suas terras de como as gentes dos Tamoyos naturaes daquella paragẽ, muita em numero, e guerreira, depois de haver estado em amizade com os Portuguezes, guardãdo-lhes a fé promettida por algum tempo, vieraõ com tudo a quebralla, irritados de aggravos, que diziaõ ter recebido delles, e q̃ de amigos estavaõ feitos seus contrarios, por causa da ambição dos nossos, que em fim quanto ganhaõ por seu valor, vem a desacreditar, e perder por causa della: e como era o sitio do Rio tão accomodado para tirar grandes proveitos das drogas principaes do Brasil, e especialmente do pão vermelho; porq̃ tanto suspiraõ os Estrãgeiros: vêdo por outra parte a pouca, ou nenhuma resistencia, que podia haver na entrada, pois nem estava presidida, nem nella havia Portuguez algum, que a deffendesse: cõ esta certeza se animou hum Niculao Villagailhon, nobre Francez Cavalleyro da Ordem Militar de São João, a fabricar huma Armada de soldados, e vir occupar inopinada-

nadamête a dita enfiada; como em effeito fez, sem haver alguem, que lhe resistisse; e já quando o nosso Rey começou a reinar tinha affetado liga com os naturaes da terra, e com palavras brandas, e dadivas liberaes, se tinha feito senhor de seus corações, e estavaõ unidos em hum corpo cõtra os Portuguezes, e de mão commua se haviaõ fortificado, dando bem cuidado com a sua vizinhãça à nossa Capitania de S. Vicente; mas em fim foraõ destroihidos os seus designios, como adiante se verá.

Os Padres da Companhia de Jesus, q̃ tinhaõ passado à Conquista espiritual daquelle novo Mundo com o primeiro Governador d'elle, indo por superior de todos o Padre Manoel da Nobrega Portuguez, andavaõ neste tempo espalhados por todas as novas povoações acudindo ao remedio das almas de todos, assim naturaes da terra, como Portuguezes, catequizando, baptizando, e reduzindo aquelles a viver politicamente cõgregados em povoações; porque habitavaõ nos matos como feras; e doutrinando a todos geralmête; porêem achavaõ-se agora muito desgostados cõ o retrocedimêto dos povos Temimons, aquem a cubiça de alguns Portuguezes fez desertar outra vez para os seus antigos elcoadrijos, mas ainda lá os não desemparrava a caridade daquelles Santos Religiosos.

Quando ElRey D. João fale-

ceo era Governador desta Provincia o segundo, q̃ ella teve, D. Duarte da Costa, e dizem que deixou nomeado para terceiro a Mem de Sã, mas não tomou posse do governo senaõ passado hũ anno da Regência da Rainha Dona Catharina, no anno de 1558. Era Mem de Sã homẽ de grãde coração, zelo, e prudência, a cõpanhada de letras, e experiencia em paz, e guerra. Levava por seu Regimento que procurasse em seu governo por todos os meynos possiveis trazer à Fé de Christo os Indios daquelle Provincia: e porq̃ este intento tivesse melhor effeito sendo manifesto a ElRey o animo pio do Governador, que mandava, na Provizaõ de seu cargo lhe dava a entender que havia de governar muitos annos, dizendo nella, *que serviria alem dos tres annos ordinarios o mais tempo, que ElRey fosse servido*; e deu tão boa conta de si que governou quatorze annos.

A primeira coula, que fez este bom Capitaõ tanto que desembarcou, foy recolherse em hum cubiculo dos Padres da Companhia, e tomar alli por oyto dias os Exercícios espirituales de Santo Ignacio, por instrucção do Padre Manoel da Nobrega, consultando com Deos, e cõ o dito Padre os meynos mais suaves, com que poderia conseguir o intento delRey, e o seu, q̃ era o mayor bem do Estado, e conversão daquelle gentildade; e para todas as acções, que depois obrou, ficou daqui animadissimo; começando

quando em primeiro lugar por sua pessoa, com vida exemplar, que uniformemente observou até sua morte. Relava o Officio Divino todos os dias, e em todos infalivelmente ouyja Missa ante manhã, confessava-le, e commungava todos os Sabbados, assistia aos Sermoes; e dava pias advertencias aos Piègadores; era affavel para todos, e tão inclinado à virtude, que dezejava ser hum dos Obreiros da Companhia de Jesu, para se empregar todo na conversão da gentilidade; mas com os poderes do seu cargo obrou mais, que isso.

A primeira cousa a que attendo, foy ao negocio dos Indios. Soube; que estes tinhaõ, no tempo de seus antecessores assentado paz com os Portuguezes, e que não obstante ellas, viviaõ sem moderação nos ritos do seu Gentilismo, matando, e comendo seus contrarios; vivendo a modo de feras espalhados pelas brenhas, e fazendo guerra huns aos outros; seguindo o dictame de seu appetitte sómente, com prejuizo grande dos que já tinhaõ abraçado a Fé, e de toda a Republica. Consultou os meynos do remedio, e resolveo que era necessario pôr freyo àquellas demasias com Leys efficazes; e mandou promulgar as seguintes; sob graves penas. *Primeira: que nenhum dos nossos confederados ousasse dalli em diante comer carne humana. Segunda; que não fizessem guerra, senão com causa justa, approvada por elle,*

e os do seu CANCELLO. Terceira; que se ajuntassem empvoações grandes, em forma de Republicas levantasse nelleas Igrejas, e que acudissem os que eraõ já Christãos a cumprir com as obrigações do seu estado, e os Cathecumenos a Doutrina da Fé, fazendo cazas aos Padres da Companhia de Jesu, para que residissem entre elles assim da instrucção dos que quizessem converterse.

Promulgadas estas Leys, como o Demonio hia a perder tanto nelleas moveo grandes murmurações entre o vulgo; dizendo, que melhor era que lemassem, e comessem huns aos outros; porque assim sediminuhiaõ, e suas forças contra nós; e que o contrario era conjuntarem-se empvoações; e que obrigarlos a fazer Igrejas, e cazas aos Padres era violêtar a liberdade daquella gente; desgostalla, e metellos em ira contra os nossos, poucos, e mal seguros, sendo elles tantos; e todas estas queixas descarregavaõ sobre o Padre Nobrega como Director das taes ordenações. Acudio elle à defenſa, dizendo: *Que os Governadores passados tinhaõ feito muito em chegar os gentios ao estado prezente, e que sendo agora confederados, e tributarios ao Rey de Portugal, era obrigação nossa obrigarlos a differenciar-se das feras, e viver conforme a Ley natural, para assim abrir caminho, e porta à Doutrina, que era o mayor empenho dos nossos piíssimos Reys; pois era mais que barbaridade estar hum homem comendo*

comendo a outro homem; e que era genero de impiedade estar consentindo, que por qualquer leve causa estivessem fazendo guerra aos nossos confederados; que viviaõ confiados em nossa protecção; e que para os mais inconvenientes tinhamos hum Deos grande; que acudiria pelos seus; e por sua causa, e que mais arriscados ficavaõ sempre os Padres, pois andavaõ entre elles, que quando succedesse alguma coisa do que fetemia, primeiro havia de descarregar a furia dos barbaros sobre as suas cabeças.

O Governador, que era pio, e de grandes esperanças em Deos, mandou executar as Leys; e com effeito se foraõ reduzindo os Genios a quatro Povaçoens chamadas São Paulo, Santiago, São João, e Espírito Santo; e começaraõ aviver com mais policia; acõmodando-se aos novos preceitos, fazendo Igrejas, e admittindo Padres. Havia com tudo hum mais principal entre elles, chamado Cururupebã, que não só, não quiz obedecer às Leys; mas com muita arrogancia dizia, que havia de matar, e comer a quantos podesse, não izentando disso aos Portuguezes. Soube o Governador disto, e para atalhar este mau exemplo, e atemorizar a ousadia dos mais, mandou secretamente huma noite soldados bem armados, que dando de subito sobre as cabanas do soberbo, derrotaraõ, e puzeraõ em fugida aos seus, sem poderem aproveitar-se, dos seus ar-

cos, e frechas; (armas muy perigosa; de que usaõ,) e o prenderaõ a elle trazendo-o ao Governador, qõ mandou encarcerar.

No mesmo tempo mandou em favor dos Indios; que fossem postos em sua liberdade todos aquelles, que contra justiça estaõ em servidaõ, feitos escravos dos Portuguezes: e na execuçaõ desta Ley mostrou finezas em defençaõ dos Indios. Resistio a este Decreto hũ poderoso; poz-lhe o Governador a caza em cerco; e senaõ descedera lha destruhia, e a elle. Viraõ os Indios isto, e se confirmavaõ mais ná obediencia de Governador taõ reto, e igual. Succedeo que estando a pescar tres Indios dos congregados nas Aldeas vieraõ outros dos montes, e os mataraõ, e comeraõ. Quizeraõ os Aldeanos vingarse com as armas; mas o Governador os mandou accommodar, tomãdo o desaggravo por sua conta. Mandou aos contrarios que lhe remettestem os delinquentes; quizeraõ obedecer; mas elles amotinaraõ a todos de sorte, que vieraõ arresponder com arrogancia; qõ os fossem os Portuguezes lá buscar. Aqui se tornou a renovar a desconfiança dos nossos, em que rellos o Governador meter em precipio com tanta, e taõ barbara gente, por huma taõ leve causa. Sẽ embargo destas murmurações sahio o animoso Mem de Sá da Bahia, embarcou a gẽte, que lhe pareceo, desembarcou nas prayas dos contrarios, convocou os aggravados,

buscou os aggravantes, que se tinhamo embrenhado dahi muito longe, depois de vinte e quatro horas de muito trabalhosa marcha de brenhas muito fechadas por caminhos de montes, e vales asperissimos, que hiaõ abrindo à força do ferro, chegãrão aos barbaros, que eraõ infinitos, entrincheirados em huma grande serrania, fazendo medonha algafarra. Accommetterãõ-nos os nossos com grãde esforço, mas como eraõ tantos resistiraõ largo tẽpo, atẽ que obrigados dos nossos arcabuses foraõ derrotados, e postos em fugida; aos quaes seguirãõ os aggravados, fazendo nelles cruel carnicaria. Teve o Governador noticia que hum dos que foraõ mortos no conflicto tinha menos hum braço, que diziaõ cortara para o comer hum dos nossos confederados: mandou lançar preõ, que dentro em tantas horas sobpena de morte fosse restituído, e se cumprio, achando-se unido ao corpo. Entãõ gozou dos applausos da victoria, que tinha mandado suspender; aceitou os vivas, louvou o esforço dos soldados, mandou que descançassem, e tomassem refeição.

Mas não parou aqui a victoria; quizeraõ acabar por huma vez com aquelles rebeldes, perturbadores da paz da Bahia: foraõ buscando-os com o mesmo trabalho, dantes, rompendo as brenhas; e foraõ dar cõ hũa notavel multidãõ delles aggragados em hum altissi-

mo monte, que parecia tocar nas nuvens, e rodeado de huma grande lagoa; vencida esta primeira difficuldade, não foy menor a da subida; porque os montes eraõ alcantilados, e como cortados a prumo de industria. Fez o Capitaõ mór huma breve fala aos Portuguezes, e o Padre Antonio Rodrigues (grande lingua Brasílica) outra aos Indios da nossa cõpanhia. Deu-se final de accõmetter à sombra da Santa Cruz, que levavaõ arvorada; subiraõ trepãdo como gatos, pegando-se às raizes, e ouvindo as algafarras dos barbaros, que lhes lançavaõ muitas pedras pelas ladeiras abaixo. A pezar de tudo foraõ chegãdo os nossos poucos, aonde se travou a mais crua pendência, q̃ naquellas partes vio o sol: as settas o encubriaõ, e o estrondo da nossa arcabufaria atroava os ares, atẽ que vendo os inimigos o chaõ cuberto de mortos desistiraõ da sua teima, e valeraõ-se dos pès, e das brenhas; mas nem assim escapãrão muitos, e foy a mortandade taõ grande, que não teve conto.

Voltou o Governador com os seus para a Cidade, e foy nella recebido como homem mandado do Ceo, para honra, desaggravo, equietação daquelle Estado, e açoute do Gẽtio rebelde. Fizeraõ-se publicas acçoens de graças, e virãõ os que foraõ de voto cõtrario, que não era de balde a confiança do Governador, e Padre Nobrega, cuja prudencia, e zelo ficou daqui em

em mayor veneração, e com mais espanto quando depois de passados tres dias appareceo à vista da Cida- de huma embarcação de Paràgua- çu, e fez sinaes de paz. A Embay- xada era, que traziaõ prezos os de- liquentes, causa de todas aquellas revoltas, para que os castigassem como lhes parecesse, e cõcedessem pazes aos que restavaõ, que se obri- gavaõ a guardar dalli em diante as Leys promulgadas, e todas as mais condiçoens, que lhes quisessem impòr; que logo queriaõ unir-se em Aldeas, e admittir Padres, que lhes ensinassem a Fé, e fazer-lhes Igrejas, e cazas. Dobrou este suce- sso a geral alegria de todos, particu- larmente do dito Padre.

1559. Todos estes successos acontece- raõ no anno de 1558. No anno se- guinte de 1559. chegou àquelle Estado hũa nova, e mayor colũna Ecclesiastica, muy necessaria para a Conversão daquelle Gentilidade; era D. Pedro Leitaõ, segundo Bis- po do Brasil; desembarcou na Ba- hia em 9. de Dezembro do dito anno. Este Prelado era Clerigo, e foy Sagrado em Lisboa, e enviado pela Rainha Regente, e Cardeal Coadjutor, àquelle Estado, para remedio espirital delle. Deu elle boa conta do seu cargo, vizitou as Povoaçoes, ajudou a promulgar a Fé, e por suas mãos bautizava os convertidos, favorecia os Missiona- rios como seus Coadjuutores, e fez outras muitas obras mais proprias de Historia Ecclesiastica. Na sua Part. I.

companhia levou sete Padres da Companhia de Jesu, que fizeraõ quarenta, com os que lá estavaõ, e todos andavaõ repartidos, e occu- pados por todas as Aldeas, em Missaõ.

CAPITULO XLIV.

Em que se continua a mesma materia dos successos da Pro- vincia de Santa Cruz, governando-a Mem de Sã.

POr este tempo hiaõ dando bẽ que cuidar os Francezes do Rio de Janeiro, porque; se haviaõ apossado daquelle sitio desde o an- no de 1556. e cada vez mais se apo- deravaõ delle, das drogas da terra, e do Comercio dos Indios, os quaes àssombra das armas de Frãça hiaõ crescendo em suas insolencias, e discorriaõ toda a costa em danno dos nossos da Capitania de S. Vi- cente. Hiaõ cercando, e intrinchei- rando todo o sitio, entrandolhe cada dia novos soccorros, e estavaõ já fabricando huma Fortaleza jũto da barra, com que ficavaõ inex- pugnaveis. Porẽm o que mais cui- dado deu foy fugirem a Villagai- lhon, que era Catholico Romano, quatro soldados hereges Calvenis- tas, por elle os querer castigar por seus delitos; e foraõ para a dita Ca- pitania de São Vicente, e hũ delles, homem douto, chamado Joaõ Bo- lès,

lés, versado na Escritura torcida ao modo de sua leita, semeou os seus erros entre os simpliciores Christãos. Acudio o Padre Luiz da Gram, e não só o convenceo; mas fez que fosse prezo por ordem do Bispo para a Bahia, com dous companheiros, convertendo-se o outro, que ficou alli vivendo com mostras de Christão até morte; e o dito Bolès foy depois justificado no Rio de Janeiro no anno de 1567. por maddado do dito Governador, e teve a fortuna de morrer reconciliado com a Igreja Catholica por diligência do Santo Padre Anchieta.

Ainda neste tempo senão fazia tão tolo das cousas do Brasil, como da India, de que se esperavaõ mayores conveniencias, e por isso ainda que em Portugal se sabia da residencia dos Francezes naquelle porto não dava isso muito cuidado, parecendo seria contrato, que se lhe poderia vir a prohibir com facilidade; mas crescendo a noticia de quanto se hiaõ apoderando, e firmando na terra com Fortalezas, crescẽdo tãbem o poder, e numero dos Indios Tamoyos, seus confederados, e soccorros, que lhe hiaõ de França, e de como alli se aproveitavaõ, e enriqueciaõ das drogas, e do pão Brasil, e outras muitas, q̃ para elles eraõ de grande valor, e a nòs de danno: e que segundo os Tamoyos solicitavaõ as outras naçoens circunvesinhas, e crecia o numero dos soldados Francezes, se podia temer que accometessẽ

mayores empresas, movendo dalli guerra às mais parres da Costa. As quaes razoens consideradas no Cõcelho de Guerra, e communicadas à Rainha Regente, mādou ao Brasil hum Armada ao Governador Mem de Sá para que com ella, e as mais forças do Estado os fosse lançar fóra do Rio de Janeiro desafrentando o nome Portuguez.

Chegada a Armada no anno de 1560. ao Governador, que nenhũa 1560. outra coula mais desejava, do que era a liberdade do Estado, que lhe fora entregue, poz em Cõcelho a fórma da execuçaõ da ordem da Rainha, e não faltaraõ pareceres de q̃ não convinha com tão pouco poder accometter inimigo tão fortificado: q̃ se devia dilatar o effeito até melhor occasiaõ, em que houvesse cabedal seguro: que menos mal era soffrer o aggravo por algũ tempo mais, que a ignominia de ser rebatidos, que era já a potencia do Francez de consideração, o sitio quasi inexpugnavel, os auxiliares quasi infinitos: que as nãos, bastimentos, e aprestos de guerra entravaõ cada dia de França, e não se gastavaõ. Por outra parte, que as nossas nãos para tão grãde empresa eraõ poucas, e a soldadesca de conta não podia ser muita, nem de mafiados os aprestos de guerra. Estas eraõ as razoens contrario.

Porém o Governador prudẽte, e Christão, depois de consultar o caso com Deos, e com o Padre Nobrega, de cuja virtude tinha grande

grande conceito, que lhe persuadia a empreza, e quasi a segurava a victoria; e vendo que quanto mais se difficultava, engrossando o tẽpo as forças, e a paciencia dos nossos o animo aos inimigos, e que virião depois não só a deffenderle com mais facilidade; mas tãbem a offender aos discuidados, e ganhar outras Praças, com mayor ignominia do nome Portuguez: resolveo-se a accometellos com o pouco poder, com que se achava; aprestou a Armada, que constava de dez navios, duas nãos de guerra principaes, e oyto ordinarias, com algũs barcos da costa, e nelles o numero, que pôde de soldados Portuguezes, e alguns Indios; com o que se fez na volta do Rio de Janeiro, levando consigo o seu fiel Concelheiro Padre Nobrega, e chegando com bom successo a embocar a barra de noite foraõ sentidos das Centinellas Francezas, e obrigados a lançar ferro fóra. Os Francezes se preparãrão, e deixãdo todos as suas nãos serecolhéraõ à Fortaleza, cõ mais oyto centos Tamoyos frecheiros; porque assim com a multidão de gente, como das armas resistissem melhor ao nosso poder. Daqui partio o Padre Nobrega para São Vicẽte por causa de seus achaques, e lá solicitou hum bom soccorro de canoas, e hum fermoso bergantim de guerra.

Com este bom persagio mãdou o Governador entrar, apesar de toda a força, que resistia, e metidas

as embarcaçoens dêtro da enseada, se foy preparando para a commetter a Fortaleza principal da Ilha, q̃ chamaõ: *Villa gailhon*, nome, q̃ tomou do fundador, aqual parecia inexpugnavel; porq̃ tudo o q̃ he Ilha era Fortaleza, e tudo o q̃ era Fortaleza, Ilha, e toda (excepto hum pequeno porto de praya) era cercada de penedia braba, onde bate o mar, cousa de cẽ braças de comprido, e sincoenta de largo, em cujas duas ultimas pôtas levantou a natureza dous cabeços talhados ao mar, e no meyo de ambos hũ singular penedo, como de quatro braças em alto, e leis em contorno. Da circũferẽcia dos recifes, e penedia delles tinhaõ feito de sensavel muralha: dos dous cabeços compouco artificio, duas juntamente naturaes, e artificiaes Fortalezas: e do penedo hũ pouco mais cavado ao picaõ, caixa de polvora segura, e constante contra toda a artelharia. Horror causou visto de perto o que ao longe parecia mais facil.

Soube porẽm o valor Portuguez, huma vez empenhado, dissimular o medo. Accometteo a todo orrisco, e em breue confliẽto ganhãrão terra, primeiro de grão de victoria: e a ssestando nella grossa artelharia, foraõ batendo fortemẽmente por dous dias, e noites continuas as principaes partes da força: porẽm de balde; porque era viva rocha a penedia, accommodada sóment e por arte a poder de ferro, e não o era possivel ser rendida
por

por esta via. Descurloados os nòs los tratavaõ de retirar-se por estarẽ muitos feridos, e faltos de muniçoens. Porém o Ceo lhes inspirou hum novo artificio, favorecêdo-os às claras; porque a força, que pôde resistir ao pelouro Portuguez, não pôde resistir ao seu braço: levado este do brio natural, feitos em hum corpo, arremetteraõ ao cabeça principal, que olha para a barra, chamado das Palmeiras, e o entrãraõ com morte de muitos inimigos. Com este bom successo animados accometêraõ ao penedo, que servia de almazem de polvora, com tal valor, que de semparado dos seus foy ganhado, e juntamente com elle perdido de todo o animo dos Francezes, e Indios, que fiados no segredo, e seguro da noite se foraõ despenhando pouco, a pouco das muralhas abaixo, e embarcados em bateis, e canoas, se acolhêraõ, parte às nãos, parte às suas breñhas, deixando nas mãos dos Portuguezes, com a Fortaleza, e aprestos della de guerra, huma das insignes victorias daquelles tempos; pela defficuldade da empresa. No dia seguinte fez o Governador acção de Graças a Deos nosso Senhor por taõ grande mercè, celebrando hum dos Padres da Companhia a primeira Missa, que vio aquella Ilha.

Consultouse se se devia conservar aquella força, e resolvendo-se q̃ não, por não dividir as do Estado, que eraõ ainda poucas para taõ

grande màquina, conduziraõ às nãos a artelharia, que os Francezes de sampararaõ em grande quantidade, e os mais despojos da dita Fortaleza, e puzêraõ por terra tudo, o que era artificial, e podia servir de reparo. Sucedêraõ aqui cousas notaveis, q̃ deixo por abreviar. Adaõ Gonçalves, soldado antigo, morador em São Vicente foy hum dos mais esforçados Capitaens da empresa, e dos principaes aucthores da victoria; indo depois à Bahia procurar Certidoens dos seus serviços para requerer a ElRey o premio delles, o tocou Deos de sua graça, e trocando o requerimento, entrou na Companhia de Jesus, onde viveo, e morreo virtuosamente. O Capitaõ dos Indios, q̃ foraõ a esta guerra, que depois de bautizado se chamou Martim Affonso, obrou milagres de esforço; dizem que no mayor conflicto do penedo, elle fora o que lhe poz o fogo, e fizera desmayar os contrarios; por onde mereceo ser muito louvado, e favorecido pelo Governador, e premiado del-Rey com o Habito de Christo, e tença, que depois gozàraõ tambem alguns seus descendentes. Dalli partio o Governador com a Armada para S. Vicente a prover-se de mantimento jã no fim de Março, e depois se recolheo à Bahia.

Por este tempo houve nas Capitãias dos Ilhéos, e Porto seguro grandes perturbaçoens nascidas de assaltos continuos da nação Ay-

more,

moré, que tudo a temORIZAVA. He esta casta de Indios Aymorés a mais brutal, e deshumana de todo o Brasil: descende dos Tapuyas antigos: porém por occasião de guerras, que houve entre elles, succedeo que certos bandos menos poderolos, fugindo a seus inimigos se recolhêrao ao interior do Sertão a lugares fragolos, e montanhas estereis, onde não podessem ser achados: e como alli viviaõ separados do commercio de toda a mais gente, por discurto de tempo vieraõ seus filhos, e netos a perder a noticia da linguagem propria, e formãraõ outra, que de nenhuma outra nação era entendida, fêa gutural, arrancada do peito. He gente agigantada, robusta, e forçola: não tem cabello em todo o corpo, mais que o da cabeça; todos os mais arrancão.

Uzaõ de arcos demasiadamente grandes: são taõ destros frecheiros, que nem hum mosca lhes escapa: ligeirissimos, grandes corredores: não vivem em cazas, ou Aldeas, nem alguem lhes achou já mais morada: pelos matos, e campos andaõ à maneira de feras, de todo nus, homens, e mulheres: dormem na terra, e escaçamente lhes servê algumas folhas de colchaõ. Acoutaõ-se das chuvas ao pé de qualquer arvore, ou ramo. Não trataõ de roças (assim chamaõ là às fazendas, ou quintas,) ou sementeiras: sustentaõ-se de frutas agrestes, e caça de feras, e aves, que parecem

obedecem aos seus arcos; e esta comem crua, ou quando muito mal assada, machos, e femeas andaõ tosquizados, e tẽ suas navalhas para este effeito, feitas de certa especie de cana, que quasi igualaõ as de aço. Igualmente andaõ à caça de feras, e da gente, e he para elles a carne desta o mais saboroso bocado. Accometem sempre à traição, nunca em descuberto, e por isso poucos em numero accomettem a muitos, porque não trataõ de defender o campo; mas não fazendo a sua logo fogem cada hum para seu cabo: sem lealdade, ou policia de huns para outros, nem ainda depays para filhos, ou estes para com aquelles.

Estes Aymorés pois salvagens, e agrestes, por estes tempos começaraõ a descer de suas terras, em que viviaõ havia tantos annos: e guiados das correntes dos rios, vinhaõ a poz elles sahir ao mar, e davão assaltos em tudo, o q achavaõ, matando, e assolando os escravos, e fazendas dos moradores, e ainda muitos dos senhores nas Villas dos Ilheos, e Porto seguro, com confusão geral, e muy especial das Aldeas dos Indios dos Padres da Companhia, que nem podiaõ desfêderse, nem ter o soccego necessario para tratar de sua conversão. Chegou à Bahia a queixa desta oppressão tão grande; compadecio-se o Governador, e tomando conselho, especialmente com o seu Padre espirital Nobrega. Resol-

veo-se

veo. se q fosse o mesmo Governador em pessoa a castigar a insolência daquelles barbaros por hõra de Deos, do nome das Armas de Portugal, e remedio daquelles pobres Fieis.

Ajuntou navios ligeiros; escolheu soldados de satisfação, e alguns Indios das Aldêas, e desembarcou em breve tẽpo no porto dos Ilhẽos. Informou-se dos moradores, e soube que os delinquentes estavaõ retirados da hi longe a huns lugares occultos muy fragosos, onde se davaõ por seguros, e donde vinhaõ fazer seus assaltos. Não houve demora, tomada guia poz-se a caminho o Governador com toda a sua gente, e vencidas grandes difficuldades, especialmente a de huma inaccessible lagoa, deu de subito sobre os barbaros, e os derrotou, e poz fogo às suas brenhas, que ardẽrão por espaço de muitas legoas, e tornãrão a noite claro dia. Já se vinhaõ retirando depois de tomado algum descanso, quando junto das prayas vem que os estavaõ esperando toda a multidão dos que escapãrão, bramindo como Leões. Prevenio o Sá, como Capitaõ astuto o remedio, deixou hũa emboscada a traz, e ordenou que os mais apressassem o passo fingindo que fugiaõ medrosos. Tanto que elles abalãrão sobre os nossos, deulhe a emboscada nas costas, e os dediante voltãrão caras a elles, e os jarretãrão com os arcabuses, e espadas, ficandolhes sòmente o refugio do mar, onde se afogãrão muitos. Com

estas victorias entrou o Capitaõ Sá na Villa dos Ilhẽos, foy direito á Igreja de Nossa Senhora, onde fez publicas acçoens de Graças a Deos Nosso Senhor, e foy levado de todo o povo como em triumpho, por Libertador de suas terras, e vingador de seus aggravos.

Não tinhaõ passado muitos dias, estando tudo em paz, e a Villa occupada em representaçoens de alegria, quãdo vem as prayas coalhadas dos melmos, e outros barbaros dos bosques, convocados por elles, todos em som de guerra, ferindo os arẽs com estrendo, apostados a matar, e comer a todos os nossos, e levarem o Governador prezo. Não se atemorizou elle com tanto poder dos barbaros, antes dizia, que vinhaõ alli entregar-se ao cutello juntas as reliquias daquelles, que com taõ excessivo trabalho não pudera alcançar; que queria o Ceo de hum golpe extinguir nação taõ preverla, e aliviar de huma vez aquelle povo. Sahiolhes ao encontro com o Estandarte da Santa Cruz, como costumava, hindo no seu Cavallo armado. Ficãrão os barbaros atonitos; porque nunca tinhaõ visto tal modo de pelejar, e atemorizados se começãrão a desordenar, e a sentir o furor das nossas armas, usando elles das suas frechas muy bem em nosso danno, e fariaõ a victoria duvidosa senão acudira o nosso Capitaõ a animar fortemente os seus soldados, que encarniçados encheraõ as prayas de

CAPITULO XLV.

TEm seu principio esta Capitania dos Ilheos da Ilha de Tinharê, onze, ou doze legos da Bahia para a parte do Sul, e vay correndo deste lugar ao mesmo rumo; - sincoenta legoas por costa atè dar fim no porto do rio de Santa Cruz, tres legos da Villa de

Part. I.

Ha grandes, e fermosos arvoredos por junto destes rios, em cujo abonno he celebre aquelle espantoso Cedro, que desceo por este a baixo, e saindo pela barra fora se achou lançado na praya de tão crecido trôco, e envelhecidos braços, q̃ deu só elle toda a madeira necessaria para a fabrica da Igreja da S. Misericordia, que fizeraõ os moradores da Villa dos Ilhêos, sem que algũ outro pão entrasse nella: não chegaõ aqui os Cedros, tão celebrados do monte Libano, de q̃ se

Y

apro-

aproveitou Salamaõ para a fabrica do Templo de Jerusalèm! Deste a seis legoas corre o rio de Tayga pe muito caudeloso, que tem seu nascimento em huma fermosa lagoa, em que ha duas Ilhas cheas de grande arvoredo: seguesse o rio de São Jorge, que faz a barra dos Ilhèos: a diante deste se segue o de Curnigpe de menos conta, e deste a doze legoas o de Pâipe fecundissimo de matas do estimadissimo pão Brasil. Junto deste em distancia duas legoas corre o rio grande em quinze grãos, e meyo de altura, tem bom surgidouro de navios pequenos, he navegavel por oyto legoas; de grandes pelcarias, e muitos arvoredos. Entraõ nelle pelo sertão muitos rios, e lagoas, que fazem seu bojo dillatado: achaõ-se nelle mais de vinte Ilhas habitaveis; e este he aquelle rio, que guia a grandes conveniencias, e Minas do sertão; pelo qual abaixo desceraõ em canoas de cascas de arvores muitos dos cõpanheiros de Antonio Dias Adorno, que subindo pelo rio das caravellas affirma, desentranhara estes sertoes, e descubrira emeraldas, safiras, e outros Minerais.

Ha outros rios já hoje muy conhecidos, especialmente, o de Santo Antonio, doqual a Santa Cruz correm duas lagoas, e he o rio, em cujo porto entraraõ as naõs da India de Pedro Alveres Cabral quando descubrio este novo Mundo, o qual està em altura de dezaseis grãos, e meyo. Desta Capitania fez

ElRey D. Joaõ III. merce a Jorge de Figueiredo Correa; Escrivaõ de sua Fazenda; oqual a mandou em seu lugar povoar por Frãcisco Romeiro, Cavalleiro Castelhana, com huma Frota provida de aprestos, e moradores, tudo à sua custa; aqual desembarcou no porto do Tinhare, e comessou a povoar o morro de São Paulo, doqual descontentes se passaraõ para junto do rio dos Ilhèos, chamado assim por causa de tres Ilhetas, q̃ tem junto da barra, donde não ló a Villa, mas toda a Capitania tomou o nome. Aqui se fortificaraõ, e assentaraõ a Villa, que intitullaraõ São Jorge, e em lisonja do Senhor da terra, onde pelo tempo adiante sustentaraõ grandes guerras contra o gentio selvagem Tupanaqui até que por tempos fizeraõ pazes, e os trataraõ de sorte, que elles mesmos lhe foraõ de grande utilidade para que a Capitania fosse em crescimento. Abrio o Capitão commercio com homens ricos de Portugal, e fabricou quantidade de engenhos de açucar, com que embreve tempo em nobresceo a terra.

CAPITULO XLVI.

Proseguesse a materia dos mesmos successos, particularmente dos da Capitania de S.

Vicente.

POr este tempo andava a Capitania de São Vicente muy revolta com os continuos assaltos, que

que faziaõ por todas aquellas terras os Tamoyos, inimigos dos Portuguezes delde o tempo da entrada dos Francezes no Rio de Janeiro. Andavaõ à caça da nossa gente, como das feras, para pasto da gula, e juntamête da vingança. Accommetiaõ repentinamente, ora das terras aos que viviaõ no sertão de Piratininga, ora das canoas aos que viviaõ junto do mar; e não se dava a ninguém por livre dos seus arcos, e dentes. Entre tantas angustias o santo velho Nobrega era o alivio de todos por si, e por seus subditos, avizandando-os, ser aquillo castigo de culpas, e falta de observancia da Ley, que se arrependessem, e fizessem penitencia, estando sempre aparelhados com a consciencia limpa. Mas como Deos costuma sempre tirar dos grandes trabalhos dos homens algum fruto, tirou agora destes, dous muy dignos de memoria, por tão exemplares. Dos que cativavaõ estes a larves não só se aproveitavaõ para comer; mas usavaõ das mulheres muy depravadamente com lascivia. Entre as que se temiaõ de ser cativas havia huma viuva mistiça de bom viver, aqual disse hum dia a suas amigas: *Os contrarios Tamoyos me haõ de cativar; porèm eu não me hey de deixar levar viva; porque me não tenhaõ por mãceba como as de mais.* Com esta resolução se foy confessar, e commungar, e pouco depois succedeo o que tinha profetizado, e morreo às facadas por defen-

Part. I.

sa da castidade.

Outra muito fermosa, tambem mistiça cazada, vindo hum Domingo de commungar disse: *Os Tamoyos me haõ de levar em suas canoas, e en passarey bradando por tal parte, (nomeando-a,) e ninguem me acudirá.* Tudo assim aconteceo, e o que a cativou a deu a seu pay para sua mãceba; mas elle nunca a pode dobrar da sua constância, nem cõ carinhos, nem forças. Hia prêhe, e depois de parir, tẽdo soffrido grandes trabalhos, lhe matou o barba-ro o filho, e o assou, e comeo a sua vista, e a ella fez o mesmo, morrendo despedaçada por guarda de sua limpeza, para exemplo, e confusão das que lá vivem hoje tão desho-nestamente. Entre tantos assaltos dos contrarios fizerão tambem os nossos Indios hum contra elles, e tomãrão hum seu principal Capitão, que tinha morto, e comido a muitos dos nossos; os quaes por mayor vingança não só o esposte-jaraõ; mas tambem o comeraõ occultamente, de que foraõ muy reprehendidos dos Padres por aquella acção gentilica. Além destes trabalhos, sobrevierão outros de muy gravissimas doenças, que derão bem trabalho aos ditos Padres da Companhia.

Entrou o anno de 1562. e nelle continuãvãõ ainda as revoltas de S. Vicente, e hiaõ cada vez ameaçando mayor ruina; porque os Indios inimigos, com o exercicio le achavão mais dêstros, com as prezas da

Y ij

carne

carne humana mais encarniçados, e com a industria da gente Franceza, que ficara no Rio de Janeiro, mais soberbos: não pretendião já assaltos somente, mas acabar, e consumir de todo os Portuguezes, e lançallos por huma vez fóra de seus districtos. Ajuntava-se a todos estes males o infeliz successo, que de proximo tinhaõ havido os nossos; porque accommetendo daos Tamoyos cõ o mayor poder, q̃ possu- hiaõ, por justos juizos de Deos, ou castigo de culpas, forão delles ven- cidos, e desbaratados. E como nun- ca vem hum mal só succedeo tam- bem rebelarem-se contra nòs os In- dios Tupis do sertão, e deraõ de subito sobre a Villa de Piratininga para a destruhirem; mas sendo os nossos avizados por hum delles, que Deos moveo a vir dizello oc- ultamente em cinco de Julho do dito anno. Ficaraõ todos a temori- sados pelo pouco poder, com que se achavão para resistir ao raõ for- midavel dos levantados; porém animados por dez Padres da Com- panhia, que alli se achavão, convo- cando-se a todos os amigos das Al- deas vesinhas, a quem Deos mo- via os coraçoes em nosso favor, poderão os nossos muy bem resistir aos inimigos.

Hum dos que obrou mayores finezas em nossa ajuda foy aquelle famoso Indio chamado Martim Affonso, e antes Tebyrecá, que era o mais principal de Piratininga; o qual convocou a todos os seus

subditos de tres Aldeas suas, e de- samparou as suas granjas, e em qua- to os inimigos não chegaraõ não cessou de admoestar os seus, e ani- malos à peleja, e defensão da Fé, e Doutrina Christãa, e daquelles, que lha ensinaraõ. E succedeo que veyo hum seu sobrinho da parte contra- ria, Capitão muy esforçado, filho de seu irmão Ararayg, a persuadi- lo que deixasse a parte, que seguia pelo perigo, a que se expunha. Zombou disso o valeroso Affonso, respondeo, que confiava em Deos vencello, e matallo, por honra da Fé, e defensão da Igreja Santa, cuja Bandeira arvorou logo, armando- se como costumava.

Estando as cousas nestes ter- mos, recolhidas as mulheres, e me- ninos dos Portuguezes, e Indios na Igreja por lugar mais forte, e para que alli rogassem a Deos pelo bom successo do cõflicto, ao romper da manhã de nove do dito mez daõ os inimigos de improviso sobre a dita Villa de Piratininga, com taõ grande estrondo de gritos, e asso- vios, bater de pés, e arcos (como costumão) que parecia se vinha o Mundo a baixo, e se arruinavaõ os montes vesinhos. Todos elles pin- tados, e empennados, jactanciosos, prometendo-se a vitoria, deixando nas costas grande canalha de ve- lhas, carregadas de panellas, e aza- dos, em que disiaõ haviaõ de co- zera carne dos cativos, segundo as leys de seus barbaros costumes. Po- rêm traçou o Ceo o negocio ao con-

contrario ; porque os nossos os fahiraõ a receber com brio, e esforço, não menor, com Bandeiras da Igreja de Deos, pela qual pugna-vão. Envestiraõ-se huns aos outros, e era cousa notavel ver aqui pelejar os pays contra os filhos, e estes contra aquelles, e todos os parentes huns contra os outros às frechadas.

Foraõ varios os successos da batalha: atè que por fim cansados, e desbaratados se retirãrão os contrarios com morte de muitos, e muitos mais feridos, e foy cousa milagrosa não morrer, nem hum só dos nossos, ainda que ficãrão muitos frechados, aos quaes se acudio logo com curas. O que mais fez delanimar aos inimigos foy a morte do sobrinho de Martim Affonso, que se chamava por sua valentia *Jagoanharò*, que quer dizer *Caõ bravo*. Este com a sua companhia, q̃ capitaniava, a commetteo a Igreja, cativo da rica preza das mulheres, que alli estavão; mas teve tal ventura que lhe sahio ao encontro huma setta despedida de hum escravo, que o derrebou morto. Fugiraõ os seus, e delanimaraõ-se todos os mais, e assim ao outro dia deixãdo todos os arredores pizados, e destruidos, se foraõ com a mã vettura, hindolhes os nossos picãdo as costas. Celebrou-se esta victoria com acção de graças a Deos nosso Senhor, confirmaraõ-se os Indios na Fè, e muitos outros se convertêrão por este meyo, tiran-

do Deos mayores bens do que tinhaõ sido os males, e trabalhos passados.

Porém estes grandes gostos, e alegria geral de toda aquella Capitania agoou a morte do grande Martim Affonso Tebyrecà, que succedeo em dia de Natal do mesmo anno, aqual foy muy sentida, de todos, e com razãõ; porque era grande Christaõ, e columna forte daquella, ainda tenra Christandade, e Capitaõ muy esforçado. Vendo-se doente conheceo sua morte, mandou chamar hum dos Padres da Companhia de Jesu, confessou-se com elle, e praticou largamente em cousas de Deos, mostrando a vivela da Fè Catholica, e amor do mesmo Senhor, que tinha em seu coração; fez seu Testamento, e em commendou muito a sua mulher a perseverança na Religiaõ Christaã, e Doutrina dos Padres, e recebidos todos os Sacramêtos daquelle hora, com hum Crucifixo nas mãos, elpirou com mostras muito claras de sua salvaçaõ, e acompanhado de todos foy levado a sepultar à Igreja dos ditos Padres, a quẽ elle tinha feito grandes beneficios, admitindo-os em suas terras, ajudãdo a fundar Igreja, e cazas para sua vivenda; fez com que fossem obedecidos, e respeitados; deu traças ao seu sustento corporal. Finalmente, Deos o tomou por instrumento da conservaçaõ da Fè, e dos Portuguezes naquella parte; porque senão fora elle se perdia tudo.

No mesmo tempo, que as cou-
sas hiaõ com este bom rosto no
sertão de Piratininga com os Tu-
pys, andava o maritimo em perpe-
tua lida, com os Tamoyos: porque
os da parte do Rio de Janeiro ti-
nhaõ vindo em suas canoas, e a la-
teado toda a praya de Boigaçu,
Goabà, e varias outras partes, ma-
tando, e levando cativos quantida-
de de mulheres, e meninos; estes
para tenro pasto do seu ventre,
aquellas para o dalacivia: não ha-
via remedio a tantos malles; porq̃
andavaõ em ligeiras canoas de
quinze, e vinte remeiros por ban-
da, elles muito destros no remar,
e não havia poder evitallas, nem
darlhe alcanse, nem força nossa
que as accobardasse.

Por este tempo, tendo chegado
de Portugal Valco Fernâdes Cou-
rinho, e vendo a sua Capitania do
Espirito Santo desbaratada das
guerras do Gentio, dezejava tomar
satisfação: porèm achava-se impos-
sibillitado de gente, e aprestos, do
inimigo, por extremo soberbo com
as vitorias passadas. Viveo cõ esta
magoa como afrontado alguns an-
nos; atè que persuadido de suas
poucas forças, e queixas dos povos
mandou pedir socorro à Bahia ao
Governador Geral, que como Ca-
pitão cuidadoso do bem de todo o
Estado aprestou huma Armada de
embarcaçoens da costa ligeiras,
guarnecidas de gẽte, e armas, e por
Capitão mór seu filho Fernão de
Saà, mancebo de grande coração,

e digno herdeiro das partes, de leu-
pay; fez-se à vela, e veyo a embo-
car a foz do rio chamado *Quiri-
carê*, que està em altura de deza-
nove grãos, coufa de trinta legoas
da Villa do Espirito Santo.

Aqui se foy encorporar cõ elle a
gẽte de guerra da Capitania: fizeraõ
em terra seus valos, e reparos; e de-
raõ em breve sobre o Gentio desa-
cautelado, q̃ facilmente desbaratã-
raõ com morte, e cativeiro de mui-
tos; porèm a gloria deste successo
se converteo logo empranto; porq̃
reunidos os barbaros, dispostos em
bandos numerosos, e apostados a
desafrontar-se, quando ainda os nos-
sos cantavaõ a vitoria, rompendo
os matos, enchendo os montes de
a laridos, e os ares de frechas, deraõ
com tanto impeto sobre elles, que
foy forçado mandar Fernão de
Saà retirar ao mar; porèm com tal
desordem, e perturbação dos seus,
que antes de poderem chegar às
embarcaçoens, mataraõ às frecha-
das ao proprio Capitão com mui-
ta gẽte. Foy sentidissimo o successo,
assim pela perda de hum mançe-
bo tão brioso, empenhado na liber-
dade da terra, como da consequen-
cia dos barbaros, que dalli tiraraõ
mayor estimação de seus arcos;
posto que não ficaraõ tão folgados
com o resto, que ficou do socor-
ro.

CAPITULO XLVII.

De como a Rainha intentou renunciar o governo do Reino, e não se lhe aceitou.

1560. **N**O fim do anno de 1560. intentou a Rainha Dona Catharina, Regente dos Reynos de Portugal por seu neto ElRey D. Sebastião, largar o governo dos ditos Reynos, e a razão era, porque se via apertada, e enfadada com os cuidados de tantos negocios, a que devia attender, como eraõ os particulares de Portugal, a defensão dos Lugares, e Praças de Affrica, a Conquista, Navegação, e cõservação do Imperio da India, a povoação da Provincia de Santa Cruz, vulgarmente chamada Brasil, e de tantas Ilhas, e outros Comercios, e Senhorios de terras; vendo també muitas cousas descaminhadas, e feitas não como era licito, nẽ como ella entendia, e ordenava, por culpa de Ministros descuidados, e pouco zelosos, que sempre em todos os tempos houve; como tambem alguns avisos, que tinha dado a Castella àcerca dos successos de Africa, a que via que se attendia muy pouco, importando muito; enfastiada destas lidas, e deseiosa de repouso, e descanso, chamou o Cardeal Infante D. Henrique, seu cunhado, hum dia nas vespõras da festa do Natal de nosso Senhor Jesu Chris-

to, e lhe deu conta de como intentava deixar o governo destes Reynos, e renunciallo nelle pois era razão que havendo ella de largallo, ló a elle competia a sua Regencia.

O Cardeal lhe deu varias razões, por onde o não devia deixar tão cedo, nem innovar cousa alguma em quanto ElRey, seu neto, não chegava a idade de poder governar por si, e que o povo estava contente com aquella fõrma de governo, e que deixando-o ella se poderiaõ descontentar, ainda que elle da sua parte faria muito pelos ter contentes, e quietos. Mas a Rainha persistio na sua determinação, allegando o verse já falta de forças, e achacada para continuar com a carga de tantos cuidados, e dezejar ter algum descãço nesta vida, para tratar das cousas tocantes ao bem de sua alma, e de sua salvação, e assim outras razões, pedindolhe a elle dito Cardeal tivesse por bem desencarregalla, e aceitar o dito governo, pois era varaõ, e mais apto para o exercitar.

O Cardeal movido de suas supplicas disse que aceitaria se os Estados do Reyno conviessem nisso, para o que seria necessario darlhe ella parte disso, fazendo-lho a saber por cartas, em que lhe manifestasse as razões, que havia para deixar o governo, ou chamando-os a Cortes. Algũs tachão o Cardeal de ambicioso do governo, e de mãdar, pois sendo Principe Ecclesiastico não devia aceitar, nem introme-

trometerse com governos mundanos; porêm a necessidade do Reyno, e a resolução, e petição da Rainha; e outras mais razoens o delculpaõ da acção presente.

Tendo a Rainha o consentimento do Cardeal, seu cunhado para a renuncia, que intentava fazer nelle do governo do Reyno, que elle aceitava, elcreveo logo em vinte quatro de Dezembro do dito anno a todos os Prelados do Reyno, e a

todos os Fidalgos, que le achavaõ auzentes da Corte, e assim a todas as Cidades, e Villas, cujas Camaras tem voto em Cortes, dando-lhes conta da sua determinação, e pedindo-lhes que o houvesse por bem por lhe darem gosto; não lhe parecendo preciso abalar para isto todo o Reyno a Cortes, em que se faz grande despesa; e a copia da Carta, que a todos escreveo he a seguinte.

Carta da Rainha Dona Catharina aos Estados deste Reyno.

N Eu a Rainha vos envio muito saudar, como àquelle, que prezo. Quando Nosso Senhor foy servido levar para si El Rey meu Senhor, que santa gloria haja pareceo, como logo entã fostes sabedor por cartas del Rey meu neto, dever eu aceitar o governo destes seus Reynos, e Senhorios, assim por Sua Alteza o deixar declarado antes alguns mezes de seu falecimento em hums Capitulos, que deixou feitos; como por me ser pedido com muita instancia pelo Senhor Cardeal, meu irmão, e pelas mais pessoas, que se ao tal tempo acharã presentes; o que eu aceitei assim por obedecer ao que Sua Alteza deixava ordenado, e declarado (cujã obediencia sempre antepuz a tudo) como por me não negar em quãto pudeisse à obrigação, que a estes Reynos tinha, querendo por elles (como sempre quererey) antepor a vida, e ao descanso o que a elles convem; e assim o fiz, e continuey atégora, que claramente vejo, e experimento de mim q me faltaõ já de todo a idade, a saude, e a disposição para o poder mais fazer, lembrandome juntamete tanto, como he razão, que ja he tempo de nesta vida, que me resta conhecer, e servir a Nosso Senhor as grandes merces, que delle tenho recebidas, e considerando como a mim, já por estas razoens, não he possivel tomar por mais tempo esta carrega, que me sempre foy muy pesada, pelo muito que dezejey fazer nella, e pelo muito, que ella requeria, que em mim não ha. Assentey com Deos, com minha consciencia, e com minha obrigação deixala, e nisso estou de todo de terminada; e olhando, que em nenhuma outra pessoa cabia milhor, nem a alguma outra era mais, proprio, e devido semelhante carregio, que ao Senhor Cardeal, meu irmão, assim por a elle pertencer por direito, segundo por Letrados, a que mandey ver, e estudar, foy determinado, e assentado, como por suas muy grandes virtudes; e por quem elle he, e pelas muitas, e grandes quali-

qualidades de sua pessoa, e longa experiencia nas cousas do Governo destes Reynos, lhe pedi o quizesse aceitar, e a mim desobrigar de cousa, com aqual eu já não podia, e para aqual me faltavaõ de todo a desposição, e as forças, que se requiriao; e com quanto a elle parecesse o pezo tão grande, e o receasse, e ponderasse com aquella grande prudencia, que Nosso Senhor lhe deu, toda a via movido por elle mesmo, q̃ sabe minha tenção, e que sabe quanto seu serviço, e bem destes Reynos será ter elle o Governo delles, em quanto El Rey meu neto não he da idade, que convem para por si só Reger, e governar, se persuadio ao ceitar, como com sua consciencia o podesse fazer, que em mim foy de muy grande consolação, parecendome, que naquellas cousas, em que por minhas fraquezas neste tempo, que governey, não compri conforme a meus desejos, satisfasia agora em deixar no dito governo huma tal pessoa, e que tão inteiramente ha de cumprir com as obrigaçoens d'elle. Pareceome devervos dar conta do estado, em que estas cousas estão, assim para saberdes as causas, e razoes; porque me movo a deixar este Governo, como tambem para saberdes como o deixo ao Senhor Cardeal, a quem de direito pertence, e do qual tenho por muy certo, que hão estes Reynos de ser assim bem Regidos, e governados que se lhe siga a elle ante Deos muy grande merecimento, e dos naturaes muito louvor, e grande satisfacção, e contentamento, de que amim, se nesta vida o posso ter de alguma cousa, me caberá muy grande parte por quanto sempre procurey, e dezejey o bem, e descanso delles. Escrita em Lisboa a vinte quatro de Dezembro. Pantaliaõ Rabello a fez de 1560. E folgarey de logo me fazerdes saber por vossa carta, que sois disto tão contente, como he razão, e eu de vós confio.

Recebida esta carta, e entendida a resolução da Rainha foy geral o sentimento em todos de ver que ella se resolvia resolutamente alargar o governo do Reyno, entendendo elles, e dezejando, que ella o tivesse, e administrasse até a idade de vinte annos del Rey, seu neto, como seu avô deixou ordenado, ou até elle ter idade, e capacidade de poder governar por si o Reyno; e ainda que algumas faltas, e defcuidos reconheciaõ, com tudo queriaõ antes que ella governasse, do que o Cardeal Infante, temen-

do-se da sua condição frouxa, mais propria do seu estado Ecclesiastico, que do geral do Reyno, pelo que lhe escrevêraõ todos significandolhe o grande desgosto, que lhe causara o seu intento; pedindo-lhe desistisse d'elle, e continuasse o governo do Reyno de seu neto, com que elles estavaõ contentes, e não convinha haver mudança em tal tempo, nem darlhe a sentir, e experimentar ao Reyno novos estilos de governo, alegando-lhe muitas razoes por onde o não devia largar; porque além de encar-

regar a sua consciencia, nisso fazia o mayor serviço a Deos. Das quaes cartas, em reposta, ló porey neste lugar a do Arcebispo de Braga D. Frey Bartholomeu dos Martyres, por ser de pessoa tão qualificada;

pois he de hum santo Varaõ, de cuja Beatificação se trata, merecendo estar já canonizado; assim por abreviar, como porque basta para prova desta verdade; a qual he seguinte:

Carta do Arcebispo Primaz D. Frey Bartholomeu dos Martyres.

Senhora. Graça, e fortaleza. A que recebi de vossa Alteza sobre o negocio de deixar o regimento do Reyno me deu muita desconsolação, como dá a todos, os que dezejaõ paz, e quietação destes Reynos. E pois vossa Alteza houve por bem fazer-me merce de me dar conta deste caso; darmeha licença para eu dizer em poucas palavras o que entendo delle.

Digo Senhora, que quando a combaterem esses dezejõs, ou tentações de sua quietação espiritual, e corporal lembresse de tres cousas, e vencelashá, como confio em nosso Senhor.

A primeira a paz, e soccego, em que o Reyno está tegora com o seu Regimento, e as torvações, e calamidades, em que estão os outros Reynos, não he tempo de novidades, não he tempo de innovar, e alterar Regimentos de Reynos, que estão soccegados, não convem deixar o certo pelo duvidoso.

A segunda, lembre-se vossa Alteza do amor, reverencia, e credito, que o Reyno lhe tem, muito mais, que em vida del-Rey nosso Senhor; isto tenho não sómente por obra de Deos, mas por milagre de Deos; tendo nõs Rey menino, e estando os homens nestes tempos tão cheyos de effeitos de seus interesses. Pois sendo assim, não parece bom aggradecimento a nosso Senhor deixar a Cruz em tal tempo.

A terceira, lembre se, que o Reyno enxerga nella agora dotes, e graças de Deos para Reger mais, q nunca a saber inteireza, prudencia, e diligencia. Pois com que consciencia esconderá estes talentos em tal tempo, e sepultalos-há em nossa Senhora da Esperança. Affirmo-lhe diante do Senhor, que se tal faz, que he razão que descreça, e mingoe nella a esperança de sua salvação. Não me alegue vossa Alteza indisposições corporaes; porque nunca esteve tão madura para governar, como agora: nessa fraqueza corporal cresce o lume interior, e o zelo da honra de Deos, e bem do Reyno. E quanto à quietação de seu espirito, que tanto dezeja, confio em nosso Senhor que depois, que entregar o Reyno a seu neto, para elle por si o Reger, lhe haõ de ficar annos para suas devações. Por isso da parte de Deos lhe requeiro, que não expida esta Cruz de seus hombros por pesada que seja, porque soltando-a em tal tempo, digo que se arisca a fazer huma grande offensa a nosso Senhor.

lembre-se

lembre-se tambem vossa Alteza do que me disia persuadindome a tomar esta braga muito mais pesada para mim; do que são todos seus Reynos para ella; de exemplo conforme ao Conselho, e senão, tambem eu buscarey minha vida, e quietação, e tornarmehey para Bemfica, aprendendo de vossa Alteza.

O que mais diz vossa Alteza q̃ o Cardeal tomarà o Regimento, notoria cousa he, que de todo em todo seguindo vossa Alteza seu parecer, e dezejo, não ha outros hombros, em que se possa lançar a Cruz. Mas haja vossa Alteza dō delle; bastemlhe os negocios Ecclesiasticos; e os trabalhos da Coadju-toria no Regimento do Reyno Temo certo, q̃ se tudo vossa Alteza lhe lançar às costas, que cedo não tenhamos Cardeal, nem Governador. Melhor he levarem ambos o jugo do Senhor pois em dous corpos poz Deos huma alma, e huma vontade; o que he outro milagre de Deos, e por tal conhecido neste Reyno.

A conclusão he, que se meu voto tem valor; eu não consinto, que vossa Alteza deixe o Regimento. Mas se totalmente se detremina fazer sua vontade, justissimo, e necessarissimo he, que o Cardeal Infante succumba a carga, e a leve; e Deos não nos desempare entre tantos perigos. Nosso Senhor encha a vossa Alteza de espirito de zelo da consolação da Republica, da qual (diz São Lucas) encheo ao Santo Velho Semeão, qui expectabat consolationem Israel; e esta he a môr prova, que tinha, que estava cheyo do Espirito Santo. De Braga aos sete de Janeiro de 1561.

Capelaõ, e servo de vossa Alteza.

O Arcebispo Primaz.

Grande ponderação se podia fazer sobre a materia desta carta; que deixo por abbreviar, e só faço reparo, em que o santo Arcebispo falou nella com espirito profetico, e luz do futuro naquellas palavras: *E quanto a quietação de seu espirito, que tanto dezeja, confio em nosso Senhor que depois que entregar o Reyno a seu neto para elle por si reger, lhe haõ de ficar annos para suas devoções.* Pois ainda governando ella atè elle ser de vinte annos, como ElRey D. João ordenava, ainda lhe ficavaõ quatro annos de

vida, para empregar nos exercicios de vida loccegada, a que tanto alpirava. E assim mais a relolução, e animo Apostolico, com que o santo varaõ fala à Rainha, e ameaço, de que senão desistisse do seu intêto, tambem elle largaria a braga, que era a Mitra, que ella lhe fez aceitar por força, e elle a reputou sempre por duro cativeiro, dezejãdo verse livre delle, no descanso do seu Convento de S. Domingos de Bemfica, donde era Prior, quando por força o fizeraõ Arcebispo de Braga.

Movida a Rainha de tantos rogos dos presentes, e abalada com esta carta do santo Arcebispo, e com as dos mais Prelados, Cavalheiros, e Camaras do Reyno, sendo algumas muy largas, muy doutas, e com razoes muy authorizadas, e scientes; e compadecida do sentimento de todos elles desistio do intento, e resolução em que estava, e condescendeo, e aceitou o continuar, por mais algum tempo, com o tal governo, por lhes fazer a vontade, e dar gosto, e não se mostrar ingrata ás finezas de taes Vassallos, tão amorosos, e dignos de estimação; dandolhe a certeza de que os não amava menos. E assim governou mais dous annos, como adiante se verá.

Sintirão os Portuguezes do tempo del-Rey D. Affonso V. que sua mãy a Rainha Dona Leonor, mulher del-Rey D. Duarte, os governasse em sua menoridade; e os do tempo presente se lastimavaõ de q̃ estouta Rainha os queira desamparar, e os deixe de reger: tantas variedades fazem, e causaõ os diversos tempos, as diversas condições, os diversos genios, os talentos, e disposições dos fogeitos! A Rainha Dona Catharina era Senhora de animo varonil, governava com prudencia, muita inteireza de justiça, por isso merecia que todos a venerassem, e estimassem, e folgavaõ todos de ser regidos por ella.

CAPITULO XLVIII.

De como a Rainha Regente enviou Embayxadores ao Concilio de Trento, e escreveu a alguns Cardeaes em nome del-Rey.

O Concilio Tridentino (chamado assim por ser celebrado na Cidade de Trento) foy convocado pelo Sũmo Pontifice Paulo III. por Bulla sua do anno de 1542. para acudir, e dar remedio às heregias de Martin Luthero, e Joaõ Calvino, e seus discipulos, que se tinhaõ levantado neste tempo em Alemanha, e hiaõ inficiando todo aquelle Imperio com seus delatinados erros, e todos seus Reynos logeitos, e França, Inglaterra, Holanda, e todos os Paizes baixos; e assim mais para reformar alguns abusos, e maos costumes, introduzidos entre os verdadeiros Catholicos. O qual Concilio foy o mais notavel de quantos se tinhaõ celebrado antes; e principiou em Dezêbro do anno do Nascimento de N. Senhor Jesu Christo de 1545. ao qual concorreraõ todos os Prelados das Igrejas de todo o Catholicismo, e os que não podiaõ ir por velhice, ou enfermidade, mandavaõ seus substitutos, homens, os mais doutos das suas Diocesis; e os Reys, e Principes Embayxadores de muita authoridade, e prudencia

dencia, e Theologos os mais famosos de seus Dominios para ajudarem a definir, e determinar os Prelados as materias graves, de que se havia de tratar, e dispor.

Muitos foraõ de Portugal em tempo delRey D. Joaõ III. e de seu neto D. Sebastiaõ. Durou muitos annos; parou algumas vezes por morte dos Pontifices, que o principiaraõ, e continuaraõ, que foraõ Paulo III. Julio III. e ultimamente querendolhe dar fim Pio IV. convocou todos os Prelados para isso determinados. A Rainha Dona Catharina Regente de Portugal mandou novos Embayxadores, e

Theologos em nome delRey D. Sebastiaõ, e escreveo a alguns Cardeaes, cujas cartas porey neste lugar para que se veja o zelo da Fè dos Principes deste nosso Reyno de Portugal, que Deos quiz sempre conservar puro nella em cumprimento da Promessa de nosso Senhor Jesu Christo, feita no Campo de Ourique ao nosso primeiro Rey o santo D. AffonsoHenriques, que entre outras muitas cousas lhe disse, que Portugal: *Seria para sua Divina Magestade Reyno santificado, puro na Fè, e amado por sua piedade.* As cartas saõ as seguintes:

Carta delRey de Portugal para o Cardeal de Inglaterra sobre a celebração do Concilio Tridentino.

Sempre louvey muito a Sua Santidade o fervoroso desejo, que mostrou do principio de seu Pontificado até o presente de celebrar solemnemente o Sacro Concilio, donde esperava remedio dos abusos, que se inventavaõ em todos os estados da Republica Christãa; mas sobre tudo me por admiração a prudencia, com que escolheo os que em taõ importante caso haviaõ de presidir em seu lugar, e representar seu officio, entre os quaes vos deve lembrar, pois entrastes em taõ divina eleição, que além da commun obrigação, que tem todos os Cardeaes, como esleyos, e columnas da Igreja de ajudar obra taõ santa, com o espirito, exemplo, e diligencia necessaria a vòs, pelo que deveis ao Real sangue, com que tendes tanta participação, compete mais inteiramente procurar o bom successo, e proseguimento do Sagrado Concilio, ao qual mando meus Embayxadores, e espero que pois he notorio o meu zelo, e o que usaraõ os Reys meus antecessores para o accrescentamento de nossa Santa Fè, que os ouçais com toda humanidade; por que além de nisso fazerdes o que deveis, eu receberey grande contentamento, e que assim o sintais em todas as cousas quando me rogardes, &c.

Carta do mesmo Rey para o Cardeal de Trento, à cerca do dito Concilio.

Posto que dignamente escolheo Sua Santidade a Cidade de Trento para celebração do Sagrado Concilio, pelas conveniencias, e muitas commodidades, que nella havia para o effeito delle; toda via creyo, que não foy pequena parte de assim parecer bem a todos serdes vós o Prelado, e protector della, o que eu tive por muy acertado depois que por informação dos Padres, que lá enviei soube o zelo, fervor, e caridade, de que usais em todas as cousas tocantes, e pertencentes ao Sacro Concilio; pelo que vos rogo, e encomendo muito, que pois Deos escolheo a vossa Igreja para nella o Sacro Concilio se celebrar, e ordenar o que cumpre a reformação de toda a Christandade, trabalheis nisso de maneira, q̃ vossa fama seja de cada vez mais accrescentada, e exemplo, e estímulo para todos os Prelados; e além do substancial, e eterno premio, que por isso recebereis de Deos, a humanidade, e boa vontade, que mostraes aos meus, e que espero que achem em vós os meus Embayxadores, por saber a afeição, que tenho à S^e Apostolica, e Santa Madre Igreja, me obriga fazer-vos saber a boa afeição, e vontade, que também tenho de vos comprazer no que vos cumprir: de Santarem, &c.

Achavase neste tempo em Roma por Embayxador de Portugal (como está dito acima) Lourenço Pires de Tavora, muy aceito ao Pontifice, e a toda a Curia Romana, ao qual o mesmo Pontifice deu parte do animo, com que entrava a governar, de proseguir, e acabar o Concilio, e das objecções oppositas contra elle por parte dos Hereges, e ainda do Emperador, e del Rey de França; e Lourenço Pires o animou, e exhortou com razão efficazes razões, que elle não desistio do intento, e o executou; e além disto ajudou muito ao Embayxador, e Prelados, que deste Reyno foraõ ao dito Concilio, encaminhando-os em muitas cousas,

em que sua experiencia, e authoridade lhe davaõ lugar para o poder fazer: e sendo muita para que o Papa os tratasse com mayor estimação, que a outros muitos, e nas duvidas das precedencias, que se moveraõ no Concilio, primeiro entre o Arcebispo de Braga, e o de Najaos Italiano, e depois com o de Granada, em que se vintilou a questão da Primazia de Braga, foy de tanto proveito, como o confelhou o santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; e nas cartas de Lourenço Pires para El Rey se acha, que na primeira questão ordenava o Papa ao de Najaos que se deixasse preceder do de Braga, posto que mais moderno na promoção

moção, o que depois não teve effeito com a chegada do de Granada, também mais antigo que o nosso, pela grande opposição que a isso fizeraõ os Ministros de Castella em defensão da Igreja de Toledo. Abrio-se o Concilio, e principiou a prosecução d'elle em 28. de Janeiro do anno de 1562. e se lhe deu fim, e acabou de celebrar no anno seguinte de 1563. no mesmo mez de Dezembro, em que tinha principiado havia dezoito annos, finalizando-se sendo Summo Pontifice o mesmo Pio IV.

CAPITULO XLIX.

Do cerco de Mazagaõ, e de suas primeiras gentes.

O Que aconteeo no terrivel, e apertadissimo cerco, e combates da nossa Fortaleza de Mazagaõ em Africa contarey pela mais verdadeira relação, que me for possivel, como por informações, q̃ para este preposito tive; e tomando a Historia algum tanto de longe ha-se de saber, que depois que os Arabes sahiraõ de suas terras, fogeitaraõ toda Africa, veyo por discurso do tempo a Reinar Almançor, Emperador, e Pontifice na seita de Mafamede, e Senhor de toda Africa, e da mayor parte de Hespanha. Este Almançor amou muito as Letras, Armas, e Justiça, e boa ordem, de modo que se acha ser o primeiro, que entre os Arabes or-

denou que todas as cousas se vendessem a pezo; e além de outras muito boas cousas, e Ordenações, que a seus Povos deu, dividio todas as geraçoens dos Arabes pela terra de Africa, conforme ao que de huns, e outros tinha alcançado, e como homem de delgado juizo, escolheo para sua Corte, e guerra as gentes da geração de Ethigi, que eraõ os mais esforçados, e nobres de toda Africa entre os Arabes, os quaes apolentou junto à sua cadeira, que naquelle tempo era a Cidade de Marrocos, que segundo se escreve tinha cem mil visinhos; estas gentes da geração de Ethigi seriaõ cem mil homens de guerra, os cincoenta de cavallo, e os mais de pé, com os quaes o dito Almançor fez grandes guerras, como se mostra nas Chronicas dos Arabes, e de Hespanha.

Andando o tempo revolvendo os Estados do Mundo, vieraõ os Arabes a perder os bons costumes de seus antigos, e a mayor parte de Hespanha, donde veyo dividirem-se em Cabildas, pela terra de Africa, principalmente por Berberia, Numidia, e grande parte da Libia, estendendose pelos campos, destruindo as fermosas Cidades, e Fortalezas, que pelos antigos Africanos, Romanos, e Godos foraõ fundadas, e edificadas, fazendo mais calo de viver isentos, que de seguir a uniaõ de hum corpo, e Principado; o que foy causa de haver entre elles muitas Cabeças; sem

sem embargo que sempre tiverão Principes, que governavaõ em diversos Reynos, que novamente em Affica fizeraõ.

Havia nos lugares maritimos de Berberia alguns armados de Corsarios Arabes, que com favor dos Arabes do Reyno de Granada faziaõ roubos nas Costas de Hespanha, e por esta causa ElRey D. João I. deste nome, Rey de Portugal, e Principe belicoso, e que não sofria offenças, molestado destes infieis passou a Africa com quatro filhos, tres legitimos, e hum bastardo; todos esforçados, e virtuosos mancebos, e com o favor de Deos, e a valentia de taes filhos, tomou à força de armas a Cidade de Ceuta, no Estreito de Gibraltar; e depois passou duas vezes a Africa D. Affonso V. neto do dito Rey, levando comfigo hum só filho, que tinha, [que depois foy ElRey D. João II.] e tomou outras tres Cidades na Berberia, a saber Alcacer ceguer, Arzila, e Tangere, donde os Portuguezes faziaõ tal guerra aos Arabes, que lhes foy forçado despejarem muitas terras por dentro do Sertão, e outras na Costa do mar.

E Reynando o felicissimo Rey D. Manoel se tomaraõ outras na Provincia de Ducalla, que agora chamaõ Duquilla, q̃ são Azamor, e C,afim, das quaes, e dos outros belicosos lugares recebiaõ os Arabes grandes danos das corridas, e entradas, que os Portuguezes

faziaõ. E passados alguns annos Reynando o Serenissimo Rey D. João III. do nome, por alguns respeitoos, que não digo, deixaraõ os Portuguezes Azamor, e C,afim, e outras terras, que pareciaõ escudadas; porque para entrar em Affica pela Provincia, e Reyno de Fez, bastava Ceuta, fermosa, e famola Cidade; e tambem a Cidade de Tangere, e para entrar no Reyno de Marrocos, e terra de Duquilla, contra os valentes Cavalleiros da geraçãõ de Ethegi, a Cidade de Mazagaõ era sufficiente porto para desembarcarem os Portuguezes, quando importasse fazerlhe guerra; assim que ElRey D. João III. quiz que só estas tres Fortalezas se conservassem, e defendessem; as quaes mandou fortificar, especialmente Mazagaõ, que está duas legoas ao Occidente da Cidade de Azamor, e tem hum grande bahia, capaz de poder nella ancorar hum grossa Armada, como os Reys de Portugal costumavaõ enviar contra os infieis.

CAPITULO L.

Do fundamento, que o Xarife Muley Abdelá teve para ir contra Mazagaõ.

Reynando pois entre os Arabes Muley Abdelà Xarife de Marrocos, de Fez, de Suz, de Taflem, e outras Provincias, sendo

do muito molestando, e dandole por injuriado dos Portuguezes terem em seus Reynos, e Senhorios, Cidades, e Fortalezas determinou expugnar, e deitar fóra de seus Reynos, e terras; estas gentes, de que recebia má visinhança, tomandolhe os lugares, e Praças fortes, que em Africa tinhaõ, ao que dizem foy sollicitado de algũs maos Christãos, que sobre este caso lhe escreveraõ, e assim de certos Elches, que a elle se foraõ esperando grandes merces; no que se enganaraõ; porque Mouros sãõ pouco liberaes, e nada verdadeiros no q̃ promettem. Tinha o Xarife sabido por suas informaçoes, que a Fortaleza de Mazagaõ estava sem gente de cavallo, e poucos de pè, e mortos de fome, q̃ determinavaõ deixalla, para o qual já tinhaõ o baluarte minado para o derrubarem; o que tudo correspondia ao seu desejo, por cuja causa veyo a determinar-se em a comer antes esta Fortaleza, que alguma das outras; porque além das commodidades, que se lhe offerciaõ, tinha por sem duvida, que no Inverno, que elle a queria vir cercar, não poderia ser soccorrida de Lisboa, que està cento e dez legoas à quem mar ao Norte, da dita Fortaleza; o qual vento no Inverno curta poucas vezes; de modo, que confiado em sua potencia, e tempos contrarios, se dava a entender, que a tomada da Fortaleza lhe seria facilissima.

Part. I.

CAPITULO LI.

Do que o Capitão mór Ruy de Sousa sentio do segredo do Xarife, e o que fez.

E Stando o Xarife resolutos no que determinava fazer havia quatro, ou cinco annos que para esta guerra ajuntava artilharia, e muniçoens, sem ninguem entender para que, posto que havia suspeita ser contra Christãos, e no anno de 1561. no mez de Novembro, 1561 chamou suas gentes, huns de Berberia, e outros de Numidia, e Libia, dando a entender que se temia de Turcos de Argel; e com esta dissimulaçaõ estavaõ os Portuguezes seguros da guerra, e sem suspeita alguma de se lhe fazer a elles; mas Ruy de Sousa, que entãõ era Capitão mór da Fortaleza, com algum receyo, que do cerco tinha, contratou com o Alcaide de Azamor, que lhe vendesse vinte mil sãveis; o que o Alcaide fez como tinha de costume, sem dar a entender que havia alguma novidade; e por mais segurar o Capitão mór Ruy de Sousa, lhe deu os sãveis fiados sobre dous arrefens.

CAPITULO LII.

Do que se fez em Mazagaõ sobre hum aviso, que se deu.

N Este tempo veyo de Marrocos hum Arabe Christão

Aa

Novo

Novo, chamado Nicolao da Conceição, que fora fazer certos resgates, o qual disse, e affirmou a Ruy de Sousa, que elle tinha entendido, que todo o apparatus da guerra, que o Xarife fazia era contra os Christãos, que devia aperceber-se com tanto cuidado, como que sobre elle só viesse; não se dava muita tẽ, nem credito a estas palavras, pela contratação feita dos sãveis, com tanta dissimulação; mas sem embargo desta confiança, Ruy de Sousa praticou nestas cousas, como homem prudente, e de recado, e assim mandou que se fortificasse a porta da Villa, e outros lugares; porque o Capitão Fernão de Crasto, soldado velho de experiencia, dando mais fe a Nicolao da Conceição, com humma Companhia de duzentos soldados se poz em fortificar o seu Baluarte, que era o mais fraco, que na Fortaleza havia, por não estar acabado, e minado para o derrubarem, e assim o mesmo fizeram os outros Capitães dos outros Baluartes, de modo que de dia, e de noite o Capitão môr com toda a gente trabalhavaõ com muito contentamento, e cuidado, sem embargo da fome, que padeciaõ havia muitos dias, não comendo pão, porque o não tinhaõ; mas comiaõ os sãveis salgados, que dos Mouros houveraõ comprados, que naquelle tempo foy misericórdia de Deos tirada das mãos dos inimigos.

CAPITULO LIII.

Da vinda de hum Cassis a Mazagaõ dissimuladamente.

NÃO satisfeito o Xarife das informações, que tinha mandou hum Cassis, negro, desprezível chamado Prefugas, para que fiandose delle os Christãos, se informasse do Estado da Fortaleza, e tornasse com avilo do que vira; não era mal acertado o que nisto o Xarife fazia; porque mais fé se havia de dar aos natúraes Vassallos, que aos estrangeiros profugos. O Cassis se veyo à Fortaleza, dizendo querer ser Christão, e juntamente trazia, como por alvitre a vinda do Xarife ao cerco, e o que mais trazia a cargo era persuadir ao Capitão môr mandasse desfazer a ponte, por onde os da Villa sahiaõ ao campo, dizendo, que por a ponte havia o Xarife de commetter a primeira entrada, e que para o primeiro impeto se devia de aperceber, que estava certo, que se do primeiro acometimento não tomavaõ o lugar, gastariaõ atẽ as hervas, e logo se tornariaõ às suas casas. Tinha esta eloquencia o Cassis, e era taõ efficaç em suas razoens, que acabou o que pertendia, que era desfazer a ponte; e com sua maligna audacia se fazia muito devoto, e deseioso de entender os Mysterios de nossa Santa Fẽ, donde

de vinha a ser muito continuo na Igreja, e a aprender com muita diligencia mais o que lhe cumpria, que as oraçoens; sem embargo que sempre perguntava algumas cousas ao Cura, e a outras pessoas continuando a Igreja, e os muros, hora deitando os olhos aos Baluartes, hora na artilharia, medindo com os olhos, e examinando a grossura dos muros, e a altura dos Baluartes; tornando sempre à Igreja, donde tomava seu fundamento. E visto de hum Cavalheiro o cuidado, que o Mouro tinha de entrar, e sair da Igreja, pediu ao Capitão mór Ruy de Sousa lhe dèsse aquelle devoto Mouro para o ensinar a rezar os Mandamentos, e os Artigos da Fè; o que logo lhe foy concedido; mas como o Mouro trazia outro intento, tanto ganhou a vontade a seu amo que se fiava delle como de amigo, do que depois bem se arrependeo. Alguns envejosos disserão, que o Cavalleiro mais com cubiça, que devoção pediu o Mouro; mas de qualquer sorte que fosse, nem por cubiça, nem por devoção, ninguém se fie do inimigo, mais que atè certo limite; porque acontecem em semelhantes calos grandes enganos, desgostos, e perigos; e por este respeito deytão particular conta deste Mouro.

CAPITULO LIV.

Do pregação, que o Xarife deitou contra Mazagaõ.

PAssados alguns dias depois da vinda deste Cassis à Fortaleza mandou o Xarife apregoar guerra contra os Christãos de Mazagaõ. Este pregação abalou toda a Mourama dàquem, e dàlem dos montes Athlantes, que quasi se despovoaraõ as montanhas, e campos, entrando em Marrocos todas as gentes das Provincias sujeitas ao Xarife, assim como quando hum grande rio sahe da mãy, que alaga os campos razos, da mesma maneira se cubrião os campos de Mouros de gente de cavallo, de camellos, e gados, e assim de gente de toda a qualidade, que atè as velhas vinhaõ àquella santa jornada, com tanto gosto, e alvoroço, como se verdadeiramente consistisse nisso a salvação de suas almas; mandou logo o Xarife que a gente de guerra caminhasse com a artilharia; de toda a outra multidão ordenou que não fossem mais que as pessoas, que pudessem trabalhar.

CAPITULO LV.

Como hũ filho do Xarife foy eleito por Capitão mór, e encomendado a ElRey de Dara.

M Andada a artilharia com a gente de guerra, ordenou o Xarife por Capitão General a hum seu filho, muito querido, mancebo de vinte annos, chamado Muley Hameth; este mancebo encomendou o Xarife a ElRey de Dara, seu tio, homem de muita discrição, e conselho, o qual Rey havia de correr à posta a Marrocos com as informações do que passasse no cerco, e tornar com a determinação do que ao Xarife, e ao seu Conselho parecesse se devia fazer. Este Rey he Senhor de huma Provincia na Numidia chamada Dara, e porque não havia naquella jornada de entender em outra cousa senão no Conselho, não trouxe de seu Reyno mais que cem Cavalleiros, que o acompanhavão, deixando a mais gente prompta para quando cumprisse, ou importasse virem ao cerco.

CAPITULO LVI.

De como o filho do Xarife chegou a Mazagaõ, e o Mouro Cassis fugio para os seus.

C Aminhando Muley Hameth por suas jornadas chegou a

Mazagaõ a 4. de Março do anno de 1562. às oito horas da noite, e deu mostras de sua gente meya legoa da Fortaleza, aonde mandou assentar o Campo; mas porq̃ do Baluarte Santiago lhe atiravaõ com huma bombarda chamada Aguia, que sobrelevava por cima das tendas; ao outro dia seguinte mandou affastar as tendas muito atraz, e dalli atè Azamor assentou tres arrayaes, de maneira que dentro em duas legoas se alojaraõ passante de cento e cincoenta mil homens de guerra, com seus gados, e camellos, o que era huma fermosa vista, posto que aos cercados espantosa, e fea.

Dahi a dous, ou tres dias da chegada de Muley Hameth, o Mouro Cassis, de que já fiz menção, tendo acabado tudo ao que fora enviado, vendo tempo conveniente, e occasião disposta huma noite, que seu amo estava na vigia, lhe roubou a casa de vestidos, e dinheiro, e se foy ao muro, donde se deitou na cava chea de agua, e dalli, deixando huma capa se foy salvo, e livre aos seus. Os da vigia sentindo que se deitara algum homem na agua viraõ a capa, à qual atiraraõ muitas arcabuzadas; mas como amanheceo acharaõ o Mouro menos, e conheceraõ a astucia, e ardil, de que usou, do que o Capitão mór ficou muito confuso, e enganado por se fiar do inimigo, e muito descontente, vendo que ao Xarife era manifest-

ta, a pouca gente, com que se achava, e a muita fome, que na Fortaleza havia.

CAPITULO LVII.

Do aviso, que o Capitão mór mandou a Lisboa, e do que a Rainha Regente fez, e dos primeiros, que foram em soccorro.

TInha já neste tempo o Capitão mór Ruy de Soula de Carvalho mandado a Portugal hum caravella, em que Bartholomeu Guerreiro vinha a pedir mantimentos, e polvora, porque receavaõ q viria o Xarife cercar aquella Fortaleza, como se dizia; mas como agora na verdade se vio sitiado, despachou logo outro navio com a certeza, e nova da chegada à Rainha Regente Dona Catharina, e ao Cardeal, seu Coadjutor, pedindo-lhe soccorro de gente, mantimentos, polvora, e muniçoens, e o mais de q na Villa havia falta. Os quaes entendida a grandissima necessidade, mandaraõ que se fizesse gente para o soccorro, e em quanto se fazia, mandou a Rainha chamar os Cavalleiros de Mazagaõ, que na Corte andavaõ requerendo satisfaçoens de seus serviços, a quem rogou quizessem soccorrer sua patria, que sem elles estava desamparada, e juntamente lhes fez a todos merces, com gran-

des esperanças de bons despachos quando tornassem. Estes Cavalleiros por entaõ foraõ sessenta, os quaes se embarcaraõ com muitos mantimentos, e muniçoens, e foraõ os segundos, que chegaraõ ao soccorro; porque de antes era chegado Bartholomeu Guerreiro, e todos foraõ recebidos com grande contentamento, como em tal tempo se esperava.

Tanto que o navio, que vinha de Mazagaõ chegou a Lagos, tocaraõ tambores por ElRey, e de improvisõ se ajuntaraõ sessenta soldados cõ o Capitão Francisco Portocarreiro, o qual se embarcou em hum navio com muitos mantimentos, e em dous dias chegou a Mazagaõ; apoz esta caravella partio Antonio de Sequeira, e seu irmão com quarenta homens à sua custa. Tambem partio Jorge Mendes de Faria, que à sua custa levou sessenta homens, e assim foraõ alguns Fidalgos do Algarve, com gente, e parentes, de modo que já a Fortaleza tinha quem a defendesse, e mantimentos em abundancia. Os mareantes de Tavira, Lagos, e Faro, ajuntaraõ quarenta homens pagos à custa da sua Confraria, aonde entraõ os Irmãos com certo dinheiro, e de todas as pescarias, que fazem, e navios, em que navegaõ, daõ a parte de hum homem para a Confraria, donde procede terem humabolsa de sete, ou oito mil cruzados, de que se ajudaõ em suas necessidades,

dades, e acodem aos rebates de Africa, sendo sempre os primeiros; assim que estes honrados homens mandaraõ logo soccorro, debaixo da Capitania de hum mareante chamado Pedreanes de Tavira, e levarãõ huma Bandeira de Campo de seda de cores, com humnao bordada de huma parte, e da outra as Armas Reays de Portugal, de que elles por merce del-Rey podem usar na guerra.

CAPITULO LVIII.

Do recado, que o filho do Xarife mandou a Ruy de Sousa, e de sua reposta.

TAnto que Muley Hameth assentou o Campo, mandou hum Alfaqueque a Ruy de Sousa com a leguinte Embaixada: *Que elle consentira estar alli aquella Fortaleza atè o prezente; mas que agora queria que lha despejasse, que lhe daria lugar que levassem quanto na Villa havia, e tinha, menos a artilharia, e armas; e quando senão quizessem aproveitar de sua mansidaõ, entãõ lhe tomaria por força a terra, que era sua, que para isso trazia alli o poder, e authoridade do Xarife, seu pay, para que não querendo elle consentir, e obedecer ao seu mandado, os reduzir a todos ao fio da espada.*

E juntamente lhe mandou dizer, como aconselhando o, que

elle Capitaõ o podia muy bem fazer, visto como o seu Rey era menino, e estava debaixo de tutoria, e o Reyno governado por mulher, e era sufficiente desculpa para hum Capitaõ, que por razãõ de guerra estava tão arriscado, e devia aceitar partido tão seguro, e escusar mortes de homens.

Ouvidas estas loberbas palavras por Ruy de Sousa, que era toda a brandura, e cortezia do Mundo, lhe respondeo, que não era elle, nem os Cavalleiros, que com elle estavaõ, homens que temessem seu poder, e ameassos; mas que elles lhe fariaõ dura resistencia, e defenderiaõ a Fortaleza del-Rey menino, seu Senhor, como bem veria; porque todos os que estavaõ no lugar eraõ Portuguezes, que professaõ morrer, ou vencer, e quando morrem na guerra, he vencendo a seus inimigos.

CAPITULO LIX.

Do numero dos Mouros, que cercaraõ a Mazagãõ, e do que fizeraõ.

PAssadas estas Embaixadas, mandou o Mouro q se dêsse ordem na guerra, e se tratasse da morte dos Christãos, pois engeitavaõ a paz, que lhe offerecia, e as vidas, de que lhes fazia merce. Logo aquella noite principiaraõ huma trincheira da parte de Azamor

mor contra a Villa a mil e quinhentos passos dos muros donde derao principio a todas as obras, que depois fizerao.

Antes que passe a diante com a Historia, se deve saber que gente veyo sobre Mazagaõ, e como cercaraõ toda a Villa de fortes trincheiras, e assim a fórma da Fortaleza, para que nestas cousas lenaõ falle mais no discurso deste cerco, que serà causa de elcular confusaõ; e quanto ao numero dos Mouros, houve muitas, e varias relaçoens; mas Milcer Jeronymo, Catalaõ, que andava entre os Mouros, e se veyo à Fortaleza, disse que a gente de nome, e conta, que vieraõ ao cerco eraõ as seguintes.

O Alcaide Massa Magalhese, ViloRey, e Justiça mór de Marrocos, trouxe mil lanças, e trezentos Azuares arcabuzeiros; o Alcaide Lasseynaõ Buca, Capitaõ do Campo, e Secretario do Xarife, trouxe duas mil lanças; o Alcaide de Mahameth Mequinez, do Conselho do Xarife, trouxe duas mil lanças; o Alcaide de Jaym Benala de Teza, trouxe duas mil lanças; o Alcaide de Bengara de Fez, Mestre de Campo, trouxe duas mil lanças; o Alcaide Zaccar, Comprador, e Vêdor do Campo, trouxe mil e quinhentas lanças; o Alcaide Barraixa, tio do Xarife, trouxe mil e oito centas lanças; Moley Mancor, tio do Xarife, trouxe mil e oito centas lanças; Moley Solimaõ trouxe

mil e oito centas lanças; o Alcaide de Rebadem, Elche, que fazia a salva às iguarias do Xarife, trouxe mil lanças; o Alcaide de Mancor, Elche renegado Portuguez, Caçador mór do Xarife, trouxe oito centas lanças; o Alcaide Hudebaide, Elche Castelhana, Estribeiro mór do Xarife, trouxe mil e duzentas lanças; o Alcaide Mamy, Elche Castelhana, que trazia o Guiaõ diante do Xarife, trouxe oito centas lanças; o Alcaide Mustafá, Elche Castelhana, Vêdor de todas as muniçoens do Xarife, trouxe mil lanças; o Alcaide Icafá, Elche Castelhana, Capitaõ da Artilharia, trouxe mil lanças, e duzentos arcabuzeiros; o Alcaide Carracaõ, Elche Portuguez, trouxe quinhentas lanças; o Alcaide Muça de Casfim, trouxe quinhentas lanças; o Alcaide Cobus de Azamor, trouxe quinhentas lanças, e duzentos arcabuzeiros.

E vieraõ mais todos os mancebos nobres das Cidades, e Villas, como aventureiros por servir ao mancebo Capitaõ nesta primeira empreza, os quaes gastaraõ muito dinheiro em galantarias, gallas, e armas bem guarnecidas, como homens, que determinavaõ assassinar-se em todas as occasioens arriscadas; estes seriaõ quasi tres mil Cavalleiros; vieraõ mais das montanhas, e Aldeas dos montes Atlantes oito Xeques com onze mil lanças, dos mais esforçados Arabes

Arabes, que ainda tem opiniaõ de serem da geraçaõ de Ethigi. A mayor parte desta gente de cavallo, vinha muito bẽm armada de coletes, e fayas de malha, e boas couraças em veludo, e bocado com capacetes dourados, que entre os capillares de cores, e brancas adargas lustravaõ belissimamẽte. Muitos destes Cavalleiros eraõ arcabuzeiros, e bẽsteiros, que a cavallo peleijão escaramuçando, e atirando aos contrarios do modo que os Tartaros costumãõ.

Toda esta Cavallaria fazia o numero de trinta e sete mil e sete centos Mourcos; e dizia o dito Misser Jeronymo, que a gente de pẽ se naõ podia numerar; mas que a commum opiniaõ era, que passaria de cento e vinte mil homens. Mandou tambem o Xarife parte da sua Mazagania, que he a guarda de sua pessão, os quaes eraõ os seguintes, a saber o Alcaide de Canaã, Elche Grego, veyo com trezentos e sessenta Turcos arcabuzeiros grandes atiradores; o Alcaide Azem Corito Asturiano, trouxe trezentos e oitenta arcabuzeiros; o Alcaide Mançor, Elche Portuquez, trouxe quatrocentos arcabuzeiros; o Alcaide Logronho, Elche Castelhana, trouxe quatrocentos arcabuzeiros, q̃ diziaõ ser Andaluces, ou seriaõ Granadinos; o Alcaide Jafẽ, Elche Castelhana, Canario, trouxe novecentos arcabuzeiros; o Alcaide Cara Burny, Elche Grego,

que dizia ser Lacedemonio, trouxe quatrocentos arcabuzeiros; os quaes somados fazem o numero de tres mil duzentos e cincoenta. Os mais destes arcabuzeiros atiravaõ com mosquetes de muy grossos pilouros. Vieraõ tambem os Cassizes das Provincias, os quaes trouzeraõ à sua custa muita gente de trabalho, aos quaes chamavaõ *Bodreiros*; o Cassis de Marrocos trouxe quatro mil bodreiros; o Alcaide Cassis de Fez, trouxe mil e quinhentos bodreiros; o Cassis de Suz, trouxe mil bodreiros; o Cassis de Tesa, trouxe tres mil bodreiros; o Cassis de Taflete, trouxe quatro mil bodreiros, e saõ treze mil e quinhentos, os quaes eraõ ajudados de toda a outra multidãõ, que todos trabalhavaõ por honra, ganho, e devoçaõ, por ser apregoado entre elles jubileu, e absolviçaõ de todos os peccados ficando puros, segundo elles criaõ, como o dia em que nasceraõ, vindo a esta guerra. A artelharia, que trouxeraõ a este sitio eraõ vinte e quatro peças, dez dellas eraõ de bater, muito grossas; em que houve peça, que o seu pilouro tinha na circunferencia cinco palmos e meyo; assim havia outras como saõ camellos, pedreiros, e colibrinas, que atiravaõ pilouros de ferro coado. Esta he a informaçãõ, que da gente de armas, e artelharia dos Mouros se soube.

CAPITULO LX.

Do sitio de Mazagão.

Agora se dirá da Fortaleza, que está edificada em forma quadrada com quatro Baluartes, correspondentes às quatro partes do Ceo, a saber, hum ao Oriente, chamado Santiago, todo edificado dentro no mar; e o outro ao Occidente, chamado S. Pedro, fundado na terra; e o outro ao Septentrião, dito S. Sebastião, que da banda Oriental fortifica a marè chea; e todo este lanço de muro, que vay ao Baluarte Santiago, com preamar a mayor parte do anno se não póde rodear com bateis, por causa do escarceo do mar, que naquêlle lanço do muro bate com grande impeto. O ultimo Baluarte se chama Santo El-pirito, que está de rosto ao Meridiano, e com a preamar chega a agua junto do seu espigão, donde começa huma couraça de pedra lavrada, que corre ao longo do mar, e vay entestar com o Baluarte Santiago; entre esta couraça, e o muro, fica huma cava de cento e cincoenta e seis palmos de largo, conforme toda a outra, a qual está cheia de agua, que por huma comporta lhe entra, e ferrando esta comporta, haverá na cava de altura duas braças de agua aonde se faz muita pescaria, que para os soldados pobres he bom remedio.

Part. I.

Esta agua se sustem dentro, porque no Baluarte S. Sebastião se atalha com huma couraça, de modo, que sendo a marè vazia, e ferrada a comporta, fica a Fortaleza toda rodeada de agua, aonde podem andar bateis, com artelheria, que não he pequeno favor para a Fortaleza, a qual está fundada em pedra viva, e a cava picada na mesma rocha; no contorno dos muros haverá mil quatrocentos e oitenta passos pouco mais, ou menos, e a largura tem cincoenta palmos; trinta e sete no grosso do muro, e treze na ameya, ou parapeito, que he da altura de hum homem. Os muros tem de altura pela banda de dentro quarenta palmos, e por fora muito mais. Os cavalleiros sobre os Baluartes, teraõ de alto até trinta palmos, e toda a Fortaleza em torno tem sessenta e nove bombardeiros, os mais delles com grossa artelheria de bronze, e assim tem muitas seiteiras atravessadas por todo o parapeito do muro, que parecia impossivel poderem por ellas ferir os homens da Fortaleza, mas viose por experiencia que as deviaõ tapar com pedras, porque por ellas matavaõ os homens, que cuidavaõ estarem seguros à sombra da alta ameya. Ao longo da cava nos Baluartes ao lume da agua estaõ bombardeiros para que se de improvilo nella entrarem os inimigos com escadas, sejaõ castigados de travez com as bombar-

Bb das.

das. Tem esta Fortaleza tres portas, hum a dellas, que está entre os Baluartes S. Pedro, e S. Sebastião, serve de recolher o gado, quando os Mouros correm, e esta não tem ponte, mas passa o gado a nado para a cava; a outra porta está entre o Baluarte S. Pedro, e Santo Espirito, esta tem hum a ponte de madeira, por onde os Cavalleiros sahem ao campo, e no recebimento da porta está hum a grande abobeda, e sobre ella hum Baluarte razo com boa artelaria, que dos seus travezes ajuda, e defende os dous Baluartes S. Pedro, e Santo Espirito. A outra porta está junto ao Baluarte Santiago, por onde a Villa se serve do mar em tempo de cerco. Esta porta he bem fortificada, e tão segura, que muito caro custaria a quem por força por ella quizesse entrar.

A sisterna da Fortaleza he muito grande, e de muito forte abobeda, fundada sobre grossas columnas, e tem de comprimento cento e sessenta palmos, e de largura cento e cincoenta e cinco; no tempo do cerco tinha cinco palmos e meyo de agua, que montaõ a mil tonelladas o palmo; e acabado o cerco, que durou dous mezes, e haveria na Villa passante de tres mil pessoas, faltou hum palmo de agua, o que se teve por grande maravilha, e milagre, porque se deu sempre agua liberalissimamente. Tambem tem a Forta-

leza hum poço de agua, de que pôde beber a gente com maré vazia, e vem-lhe esta agua de fóra do campo por canos por debaixo da cava, e por esta causa com maré cheia he salgada, porque pelos poros da terra entra agua do mar dentro no poço. Tem esta Villa dous rebelins, hum junto da cava, e outro mais longe, que dentro da sua Praça, se pôde dar hum a batalha; nestes rebelins estão tranqueiras, que se fechaõ quando os Mouros tem muita vantagem. Todas as tranqueiras, e rebelins os inimigos romperaõ por muitas partes, fortificandose como com muros, a cuja lombra estavaõ bem seguros.

CAPITULO LXI.

De como os Mouros fizeram hum bastião de terra.

MAs tornando à Historia: ha-se de saber, que tanto que os inimigos principiaraõ a trincheira, como já disse, vieraõ com ella ganhando terra contra o Baluarte Santo Espirito, e como chegaraõ a quatro centos passos delle, formaraõ hum bastião de tal grandeza, que nelle pudessem plantar a artelaria, que logo asentaraõ com suas mantas, donde batiaõ o Baluarte, e defendiaõ, ou faziaõ muito que os seus gastadores andassem seguros, o que lhe valia pouco; porque da Fortaleza

lhos matavaõ por andarem no principio trabalhando indiscretamente, e sem cautela, ou reparos, que os amparasse, e encubrisse, e vendo que dos muros lhe matavaõ muita gente do trabalho, mudaraõ a ordem, e de noite com grandissima diligencia trabalhavaõ todos, assim os gastadores, como a cavallaria, e toda a multidão, dando os Cavalleiros, e soldados vinte caminhos cada hum, assim de terra, como de pedra, e as mulheres, e meninos enchiaõ os caminhos como formigueiros, e vinhaõ carregados de feixes de lenha, de modo, que com a grande multidão crescia a obra estranhamente.

CAPITULO LXII.

Do que os Mouros fizeraõ com hum feiticeira para derribar Mazagaõ, e da morte de muitos, e do seu muito trabalhar.

ORdenou o Capitaõ mór Ruy de Sousa, que contra o ardil dos Mouros se fizessem faroes no Baluarte, que muito claro os mostravaõ, de sorte que na realidade eraõ muitos em muito mayor numero, sendo bem vistos dos nòstros pela grande ventagem do sitio, que os da Fortaleza lhe tinhaõ. E hũa noite desamparaõ os Mouros a estancia, e artelharia, levando

do as Bandeiras, de modo que ao outro dia senaõ vio nenhum, e ficaram as bombardas no seu bastiaõ. Isto podia ser manha, ou ardil, e por esta causa naõ consentio Ruy de Sousa que algum soldado sahisse fóra, posto que se offereceraõ muitos. Ao outro dia, que foraõ quinze de Março, tornaraõ os Mouros ao seu trabalho, trazendo diante de si hum feiticeira, a que elles chamavaõ santa, que com certas palavras magicas queria derribar os muros de Mazagaõ em terra, mas foylhe dada hum arcabuzada, que ella naõ havia adivinhado, com que feneceraõ seus enganos, e encantamentos. E os inimigos cobraraõ nova indignação, dando aquella noite hum brava bataria, em que perderaõ muitos dos seus, e no Baluarte nenhum homem perigou.

Affirmou com juramento Fernão de Crasto, Capitaõ do Baluarte, e outros homens dignos de fê, que matareaõ dos inimigos aquella noite, mais de quinhentos Mouros, porque com a grande claridade do luar, que entaõ fazia, viaõ cahir os trabalhadores a pares; e os que com caridade queriaõ levar os mortos, antes que chegasse a elles cahiaõ tambem, de maneira que era hum ferrosa vista para os que a seu salvo faziaõ tal mortandade; e disse o dito Capitaõ, que aquella noite distribuirá por sua mãõ hum quintal de polvora sómente com os arcabu-

zeiros, que no seu Baluarte pelejavaõ, no que não deve de haver duvida; porque outras noites aconteceo o mesmo.

Não deixaraõ os Mouros o seu continuo trabalho, posto que recebiam da Fortaleza tantas mortes, antes se mostravaõ mais desejosos de levar adiante a sua obra, a qual cresceo de modo, que em poucos dias chegaraõ defronte do Baluarte Santo Espirito, aonde se detiveraõ; porque queriam alevantar ahi hum bastiaõ de mayor altura, que o Baluarte, para subjugarem toda a Fortaleza, tolhendo aos Christãos o uso della, e de se poderem defender; e tanto que levantaraõ hum boa altura, fizeram junto desta montanha de terra, outro bastiaõ aonde assentaraõ duas grossas peças de artelharia com suas mantas, donde batiaõ de muito perto o nosso Baluarte. E dalli por diante criaraõ ao longo da cava hum grossa trincheira, com que cercaraõ a Fortaleza de mar, a mar, a saber do Baluarte Santo Espirito, até o de S. Sebastiaõ, e na ponta deste junto ao mar, pozeraõ cinco bandeiras de gente de cavallo, e Turcos arcabuzeiros, para impedir que os Christãos sahissẽ fora, pela porta do mar, que com a marè vazia tinhaõ livre, ao longo do muro, por onde com facilidade podiaõ dar nos Mouros, e por esta causa faziaõ naquelle lugar boa guarda; mas sem embargo da boa vigia dos

inimigos se lhe fez hum grande offensa, como aqui se verá.

CAPITULO LXIII.

Do que sete Cavalleiros fizeram nos Mouros, que estavaõ sobre Mazagaõ.

D Elejava muito o Capitaõ ter alguma informaçã do estado dos Mouros, para a qual havia necessidade de lingua, ao que se offerceo Pedro Lourenço de Mello, esforçado Fidalgo com seis Cavalleiros da terra, cujos nomes eraõ os seguintes; porque he bem fiquem em memoria: Pedro Fernandes de Pontevel, Fernaõ Vieira, Pedro Rodrigues, Domingos Gonçalves, Luiz Fernandes, e Balthazar de Pomares; e não foraõ mais, porque na terra não havia mais cavallos. Estes sete sahiraõ pela porta do mar, junto ao muro por irem encubertos, e de improviso deraõ na guarda do Alcaide Cabué de Azamor, aonde os mais dos Mouros fugiraõ, ficando alguns arcabuzeiros, que se não puderaõ valer dos arcabuzes, por estarem de saperecebidos de fogo, os quaes foraõ logo alanceados por seu mau recado, e passando os Cavalleiros adiante ficou Luiz Fernandes, sem outras armas, mais que hum arcabuz, e como o disparou nos inimigos, arremetteo a elle hum Mouro, e antes

tes que o levasse lhe deu Luiz Fernandes com ambas as mãos com o arcabuz na cabeça, com que lha quebrou, mas o Mouro o derribou do cavallo, e ambos juntos foraõ a pè, deitando mão cada hum às suas armas; o Mouro vinha já feito com huma agomia, com a qual ferio tres vezes a Luiz Fernandes, e a ultima lha deixou metida nos lombos, e elle se foy com a cabeça quebrada arrastrandose pelo chaõ.

Nesta conjunção os outros Cavalleiros andavaõ seguindo, e alanceando os Mouros, que fugiaõ, por cuja caula não viraõ ao companheiro derribado, e ferido senão ao recolher; porèm Fernão Vieira seguiu hum valente Turco arcabuzeiro, o qual se meteo no mar, e encarou o arcabuz em Fernão Vieira, que fallandolhe em Arabio lhe disse, que se entregasse. Ao que o Turco respondeo, que não queria, e querendolhe atirar com o arcabuz, lhe deu Fernão Vieira huma lançada, e o tornou a requerer que se entregasse; mas o emperrado Turco disse sempre que não se rendia, finalmente foy morto às lançadas dentro no mar, e de honrado se deitou sobre o arcabuz, de modo que nunca Fernão Vieira lho pode tomar, tirandolhe o bedem preto, e huma jaqueta azul, que trazia vestida.

Os outros Cavalleiros depois que fizeraõ fugir huma grande

multidaõ de inimigos tornaraõ ao companheiro ferido, que nunca poderaõ pôr a cavallo, e assim o arremessaraõ em hum batel, que levavaõ de soccorro, e se tornaraõ à Fortaleza sem receber outro dano, deixando feito muito estrago nos inimigos.

CAPITULO LXIV.

De como chegou a Mazagaõ o General Alvaro de Carvalho, e do que então succedeo.

A Os vinte e quatro dias do mez de Março chegou Alvaro de Cavalho, esforçado Capitaõ em Africa, aonde quarenta e quatro vezes venceo os Mouros em batalhas, e escaramuças de cavallo, mas como nunca estivera em outro tal cerco, e defença da terra, parece que naquella maneira de guerra não tinha muita experiencia, do que alguns Fidalgos, que já estiveraõ em outros cercos mostravaõ desgosto, escrevendo a Portugal algumas cousas de descontentamento, e seria apaixonadamente; porque muitos homens são mais mimosos do que convem. Este Capitaõ, que nesta guerra foy General chegou com sua Armada, em que levou muitos Fidalgos, e criados del Rey, e Cavalleiros de Mazagaõ, que em Portugal andavaõ requerendo seus del.

despachos, partio depois delle hum fusta pequena do Algarve, em que andava por Capitão Manoel Rodrigues de Freixo, valente Cavalleiro, a qual fusta passou tanta tormenta, que foy necessario deitar as muniçoens ao mar, e juntamente os mantimentos, que de baixo da cuberta hiaõ; e por não ficar lastro se meteraõ os mais dos homens deitados debaixo da cuberta, mas a tormenta foy tão impetuosa, que muitas vezes ficava a pequena fusta cuberta dos mares, de sorte que vendose muitas vezes perdidos, milagrosamente os salvou Deos, e dous dias, e noites, que navegaraõ com tal tormenta, não comeraõ, nem beberaõ, por terem os mantimentos deitados ao mar.

Chegado pois que foy Alvaro de Carvalho, no segundo dia desembarcou com alguma gente, e muito perigo, por causa do mar de levadio, que na baixamar andava, com que se alagavaõ os batéis ao desembarcar acabellando a gente debaixo delles, mas ninguê perigou, nem dos tiros, que os inimigos atiravaõ do primeiro forte, aonde tinhaõ duas bombardas, com que puderaõ impedir a desembarcação se Deos lhes não tirara este conselho, como tirou outros muitos. Antes da chegada do General atiravaõ os Mouros com hum trabuco, a que chamavaõ *Maimona*, que o seu pelouro tinha na circumferencia cinco pal-

mos e meyo. Destes pelouros cahiaõ alguns na fisterna sem fazer damno, pela muita grossura da abobeda.

Muito espanto causou o trabuco na Fortaleza, e se perseveraraõ muitos dias os tiros, especialmente de noite, seria muito o damno, que faria; mas não matou mais que dous homens, hum dos quaes ficou de tal sorte amassado, que os ossos, e carne foraõ feitos humma pasta disforme, e espantosa. A defença, que os da Fortaleza tinhaõ para não perigarem com este trabuco era, que tanto que se ouvia o estrondo, que fazia quando atirava se appellidavaõ com humma voz: *Guarda trabuco*, e logo todos tomavaõ os portaes das portas, e janellas por valhaconto, e por este respeito não perigou mais gente. Este trabuco ceçou por alguns dias, donde veyo a entenderle na Fortaleza que tinha arrebetado; mas ao depois atirou alguns tiros, com que derribou muita parte do Baluarte.

A noite em que chegou Alvaro de Carvalho lhe deraõ os Mouros humma salva de arcabuzeiros, que se julgou em mais de seis mil tiros, e parece que vieraõ alli de todo o campo com arcabuzes dobrados para fazer espanto, e terror aos Christãos, que alguns se admiraraõ, e atemorizaraõ, ouvindo o que não tinhaõ de costume. No dia seguinte se poz mão em entulhar pipas sobre os reparos das estancias,

tancias, que o General assignou aos Fidalgos, que com elle foraõ. E quando os Mouros com sua trincheira chegaraõ defronte do Baluarte, acharaõ na cava alguns barcos do serviço da Villa, os quaes ataraõ ao seu bastiaõ; e vendo o General a mingoa que faziaõ, por serem muito necessarios para os desembarques dos bastimentos, que do Reyno hiaõ, e para o mais serviço da Fortaleza, mandou chamar hum soldado velho na terra de nação Italiano, chamado Jeronymo Belo, homem esforçado, e de muito engenho, ao qual perguntou se haveria algum remedio para poderem haver os barcos à mão; o qual respondeo, que elle faria o possivel para os trazer, e tirar donde estavaõ, e logo se determinou a ir buscallos, e huma noite o dependuraraõ do muro abaixo, e chegando à cava se foy a nadado com huma faca na boca aos barcos, e lhe cortou as cordas, com que estavaõ atados, e os trouxe até a porta do mar, sempre nadando diante delles, o que foy hum feito muito para estimar, e acção, que se ajunta às mais famosas do Mundo, e de muito risco, e grandissimo perigo; porque se fora sentido dos Mouros somente Deos lhe podia valer.

CAPITULO LXV.

Do que succedeo no Baluarte Santo Espirito, e sua repartição.

TOrnando pois à Historia: no Baluarte Santo Espirito estava o Capitaõ Fernão de Crasto, homem valente, e muito esforçado, que tinha hũa companhia de duzentos soldados; porém a maior parte delles estavaõ feridos, por cuja causa o General lhe rogo, que recolhesse consigo a D. Diogo Manoel, que logo no cavalleiro arvorou sua Bandeira, que favorecia, e guardava com muito perigo seu, e morte de seus criados, e se vio muitas vezes cuberto de terra das bombardas contrarias, de que cabia boa parte ao Capitaõ Fernão de Crasto, e aos soldados, e Cavalleiros, que com elle estavaõ; mas como D. Diogo chegou de refresco, e era manco de olho de ganhar honra, se arriscava muito no cavalleiro, donde veyo a appellidaremno de seu nome, o que Fernão de Crasto soffria, e tolerava com prudencia; porque todos estavaõ em serviço del Rey, aonde por razaõ, em taes tempos não havia de haver lugares de distincção, e preminencias; porque muitas vezes são causa de desordem.

Nesta occasiaõ quizerão Nuno Pereira, e outros Fidalgos arvo-

rar suas Bandeiras com D. Diogo Manoel, estimulados da honra, que com grande perigo em tal lugar se ganhava, o que Fernão de Crasto não consentio, nem a D. Diogo Manoel, do que houve entre elles algumas quebras, que o General soldou, repartindo o muro, e Baluartes em estancias pelos Capitães, e Fidalgos, que traziaõ gente, e podiaõ bem reparar, e guardar os taes lugares; deu a primeira estancia a D. Gonçalo de Castellobranco ao pé do cavalleiro, onde estava hum furiosa peça de artilharia, chamada Aguiã, que havia de reparar, e defender com sua gente, que entãõ eraõ oitenta homens. Esta estancia estava à mão esquerda do cavalleiro caminhando ao Occidente, para onde vou contando as estancias até rodear a Fortaleza, e tornar ao mesmo Baluarte da parte do Oriente onde fenece. Tanto que D. Gonçalo se encarregou da estancia trabalhou muito por fazer arrebentar hum bombardã dos inimigos, que batia de rosto a sua, a qual foy arrebentada com hum tiro da outra, que tinha na sua estancia, pela qual acção, e proeza deu ao condestavel, que fez o venturoso tiro, vinte cruzados, e o mesmo fazia a todos os tiros, que este bombardeiro na sua estancia disparava, a quem dava além do dinheiro outras muitas peſſas, para o ter contente, e fazer desprezar o risco, para não perder o ani-

mo, à vista de taõ grande perigo.

Neste lugar foraõ alguns homens feridos; porque ordinariamente batiaõ os Mouros aquella bombardeira, de que recebiaõ muito damno, e D. Gonçalo corria risco ao levantar da manta, por onde entravaõ muitos pilouros de arcabuzeiros; finalmente tantas vezes quebravaõ os Mouros a manta, que não havendo já madeira, para a reparar, cessou o perigo, e gasto de D. Gonçalo, e tapandose a bombardeira deixou a estancia, dizendo, que aconselhado de alguns amigos que lhe diziaõ, que já que lha não davaõ no cavalleiro, não a devia aceitar no Baluarte; e assim ficou de sobreſelente vigiando, e trabalhando, avantajandose a alguns q̃ cuidavaõ fazello muito bem. Alli aconteceu hum estranho calo, que estando hum carpinteiro pregando a manta da bombardeira lhe deu hum pilouro de arcabuz no olho do camaratello, ficando ametado no paõ, e a outra no ferro. Outro pilouro deu nos peitos a hum homem desarmado, que lhe fez hum grande polmaõ, sem lhe fazer damno. Outro pilouro deu em hum braço de hum moço, que lhe não fez mais q̃ hum pequena nodoa preta; este o tomava em boa occasiaõ, porque lhe deu vindo elle sahindo da Igreja de se confessar. Isto foy publico, e bem manifesto a todos.

Foy depois aquella estancia pedida de Nuno Fernandes de Magalhães,

Ihaens, onde elle, e seu irmão Afonso de Torres, com sua gente, e amigos, trabalhavaõ honradamente todo o tempo do cerco, do que muitos houveraõ inveja, por ser a estancia mais propinqua ao cavalleiro, que a outra alguma, e alli arvorou huma Bandeira de Campo de seda verde, aleonada, a qual em poucos dias foy taõ crivada dos arcabuzes contrarios, que se não podia foster, pois lhe não ficaraõ mais que retalhos pegados na hastia; e no mesmo lugar arvorou hum Guiaõ de damasco pardo, com que perseverou até o fim do cerco.

A segunda estancia do Baluarte se deu a Vasco Fernandes Homem, aonde com sua gente, e amigos trabalhou, e vigiou honradamente, dormindo sempre no muro com suas armas prestes, e arvorou huma grande Bandeira de Campo de cores vermelha, azul, branca, e amarella, com huma Cruz da Ordem de Aviz no meyo, da qual Ordem era Cavalleiro. Esta Bandeira mandou despedaçada a Portugal, para que vissem como os inimigos os tratavaõ, e como eraõ certos, e seguros no ponto que faziaõ, que arvorando qualquer hastia, logo com os arcabuzes a derribavaõ, dando muy grandes gritos, e alaridos, com os que a seu parecer enfadavaõ os da Fortaleza.

A terceira estancia junto ao Baluarte no muro se deu a D. Antonio

Lobo, que elle defendia com sua gente, amigos, e companheiros, dormindo nella com suas armas prestes todo o tempo, que o cerco durou. Pelo muro adiante se deu a quarta estancia a Luiz de Crasto, Mercador rico, que levou cem homens com seu tambor à sua custa, e com elles entulhou duas casas de bombardeiros em cima do muro, e sobre o entulho fez duas seiteiras atravessadas, abertas em grossas traves, e por reparo da gente levantou sobre a ameia do muro pipas de terra plenas, postas de modo que nunca pelas seiteiras os inimigos puderaõ ferir nenhum homem, sendo dalli muito molestados com feridas, e mortes. Arvorou nesta estancia huma Bandeira de Campo de seda branca, e roxa, com que enfadou aos Mouros, que de noite blasfemavaõ de taes Bandeiras, dizendo, porque não punhaõ a del Rey, como dantes estava.

Nisto mostravaõ quanta vigilancia tinhaõ sobre a gente de socorro, na conta da qual nunca no numero erraraõ cousa de cem homens; por onde se via quaõ espartos, e vigilantes eraõ, qua não taõ sómente tinhaõ conta com suas gentes, mas com as dos contrarios. Isto se sabia, porque de noite nas matracas, que de huma, e outra parte se davaõ, diziaõ os Mouros; *Vós outros ratinhos falais muito, porque tendes agora tantos homens mais, e comeis muitas*

marmeladas, bebeiis bom vinhobráco; porém vòs pagareis, vòs pagareis tudo junto, que nem isso vos ha de valer. Ao que lhe respondiaõ de dentro: Que por isso lhe deviaõ a elles muito, que foraõ causa de terem muitos regalos, mantimentos, e dinheiro, que lhes rogavaõ que se não fossem do cerco, que em quanto alli estivessem, estariaõ ricos, e abastados, que havia alli Fidalgos que davaõ a cada soldado que derribava hum Mouro trinta, quarenta onças; e pelos que faltaõ de vòs outros podereis julgar quaõ ricos poderemos estar.

Estas praticas de cima dos muros com os inimigos, não são convenientes, antes muito prejudiciaes, e são dignas de castigo, porque muitas vezes por ignorancia, ou descuido se descobrem segredos, que já em algum tempo custaraõ caro aos cercados. Esta foy humá grande desordem, e não pouco prejudicial. A causa, porque os Mouros fallavaõ em marmeladas, era porque quando se perdeu o navio de Sebastiaõ de Brito, que deu à costa, e a travez, foraõ todas as cousas perdidas a terra, aonde acharaõ os Mouros muitas caixas de marmelada, e barris de conservas, e pipas de bom vinho branco, que elles não duvidavaõ tanto, como dos prezentos, e pipas de carne; e assim acharaõ muita roupa, e calças recamadas dos soldados, e criados delRey, de cincoenta, e sessenta

cruzados de feitio, que para a tal jornada, e cerco pareciaõ bem esculadas, mas naquelle tempo foy bom acharemle, porque vissem os inimigos com quanta largueza, e gastos os Portuguezes hiaõ ao soccorro, e guerras, e quantos mantimentos tinhaõ, em tempo, que elles padeciaõ tanta fome, que só por este respeito se partiaõ muitos para suas casas.

Fallavaõ nas marmeladas, porque algumas vezes estando no valleiro, e Baluarte os nossos comendo, lhe deitavaõ abaixo caixas de marmelada, e bolos de alugar, que elles com grande furia, e desprezo tornavaõ a deitar acima, como se fossem de rolgar. Hum dos grandes favores, que entre outros muitos fez Deos aos cercados, foy vir aquelle navio a travez, e deitallo a tormenta junto da porta do mar; do qual se salvou a madeira, que para reparos foy muito conveniente, por ser muito necessaria; porque não havia outra na Fortaleza, e estavaõ determinados a desmanchar a Igreja, mas nosso Senhor, que soccorre nas mayores necessidades, deu taõ grande remedio à custa de taõ pouca perda. Tornando às estancias contaremos dasque se leguem.

CAPITULO LXVI.

Repartição do mais muro de Mazagaõ.

Passando à estancia de Luiz de Crasto estava a dos mareantes de Tavira, que eraõ os quarenta arcabuzeiros, que já disse, os quaes por industria de Pedro Paulo, Cavalleiro esforçado, Capitão de huma galé, alevantaraõ junto da ameyda do muro hum travez de pipas humas sobre outras, cheas de terra, donde matavaõ os inimigos a tiros certos; passando a estancia destes honrados homens, estava o travez, ou Baluarte de sobre a porta da Villa, aonde estava Antonio Carvalho, que tinha huma grande tenda feita de vèlas de navio, em que se recolhia muita gente sua, e do Capitão mór Ruy de Sousa de Carvalho, e assim do General, por ser junto às suas casas, alli tinha as trombetas, e Bandeiras de seda verde, e branca, com dous Estandartes em dous mastros, a que os Mouros atiravaõ tantas bombardadas até que derribaraõ hum delles. Tambem nesta estancia estava o Capitão Antonio Coelho com gente del Rey; adiante està o Baluarte S. Pedro, que o tinha o Capitão Domingos Alvares Leite, com huma companhia de soldados velhos, e huma Bandeira verde, e branca. a qui estava Luiz de Fa-

Part. I.

ria com sua gente, e Bandeira de seda de cores. Passando este Baluarte corre o muro para o Septentrião contra o Baluarte S. Sebastião, neste muro tinha sua gente João de Teive, e na estancia hum Guiaõ de damasco vermelho, e branco com huma Aguia bordada de cada parte. Em todo este lanço de muro estava outra muita gente dos Capitães Domingos Alvares Leite, e João de Mendoça, com que bem se vigiava, e pelejava, com alguma artelharia, que no muro tinhaõ, donde faziaõ guerra ao Alcaide Cobus de Azamor, que alli estava com cinco Bandeiras de gente de pé, e de cavallo; adiante estava o Capitão João de Mendoça, esforçado Cavalleiro, que tinha o Baluarte S. Sebastião, e nelle sua Bandeira.

CAPITULO LXVII.

Da gente, que estava no Baluarte S. Sebastião, e à vante.

NO Baluarte S. Sebastião estava João de Mendoça por Capitão com sua companhia de soldados muito destros na guerra, por haver muitos dias, que refidiaõ em Mazagaõ, e juntamente estava Lourenço de Caceres, Sargento da guarda del Rey, que tinha a companhia, que Jorge da Sylva mandou ao soccorro, que

Cc ij era

era de oitenta soldados, gente boa, e escolhida, que tinhaõ humma tenda de vèlas em que se recolhiao; isto fez este Fidalgo como virtuoso que era, de que não tomaraõ exemplo outros mais ricos, que por ventura estavaõ em Lisboa dizendo ditos graciosos sobre as cousas de Mazagaõ. Tinha Lourenço de Caceres na sua estancia seis Bandeiras de damasco verde, e branco, com hum Leão das Armas de Jorge da Sylva, bordado de huma parte, e da outra a Cruz da Ordem de Christo. Do Baluarte do Norte ao de Santiago, caminhando ao Oriente, no tempo da marè vazia, havia boa guarda, a qual fazia Jorge Mendes de Faria, do Algarve, que tinha sua estancia sobre a porta do mar, que elle guardava com sessenta homens, q̃ levou à sua custa.

CAPITULO LXVIII.

Da gente, que estava no Baluarte Santiago, e por diante.

NO Baluarte Santiago estava o Capitaõ Jorge Fernandes de Granada, com humma companhia de soldados praticos, e valentes homens; adiante estava Francisco da Cunha, Fidalgo do Algarve muito esforçado, com sua gente, com que bem vigiava sua estancia, e as alheyas, rondando de noite os muros com muita dili-

gencia. Tornando ao Baluarte Santiago para o de Santo Espirito, estava outra estancia de Pedro Zuzarte com gente, e Bandeiras das Armas Reaes, logo adiante tinha a estancia Fernão Cabral com cem homens, que levou à sua custa, com tambor, e Bandeira de Campo de seda amarella, e branca; e passando adiante estava João Rodrigues de Torres, filho de João Affonso de Torres, que era hum riquissimo Mercador, que levou cem homens à sua custa, e quatro trombetas, com hum tambor, e tinha humma Bandeira de Campo de seda branca aleonada. Tambem mandou Antonio Gonçalves Mercador hum seu filho muito moço, o qual se chamava Damiao Gonçalves; e posto que era de pouca idade, tinha espiritos de homem de grande esforço, e gastou com sua gente, e amigos muito largo, em especial com os Cavalheiros pobres, e feridos.

Adiante da estancia de João Rodrigues de Torres era a estancia da gente do Algarve, que foy a soldo del Rey com o Capitaõ Francisco Portocarreiro, Cavalleiro de muito esforço, e grande diligencia, o qual fez sobre a ameia do muro hum travez de pipas terraplenadas, como o tinha João Rodrigues, donde se fazia notavel damno nos inimigos. Logo adiante tinha Pero de Goes humma furiosa peça de artelharia chamada *Salvagem*, que de perto do Ba-

Baluarte Santo Espirito defendia muy bem seu espigaõ, e por cada tiro, que fazia bom emprego, dava o dito Pero de Goes mil reis ao bombardeiro; porque receavaõ muito os bombardeiros fazer hum tiro, por causa do grande perigo, que corriaõ, porque em levantando a manta da bombardeira para atirar huma peça, choviaõ os pelouros dos inimigos sobre elles; mas o interesse do dinheiro que os Fidalgos lhe davaõ, lhe fazia darem alguns bons tiros, que faziaõ muito damno nos inimigos; os quaes negoceavaõ por este modo, por interesse tambem, o que lhe valeo muito neste cerco, e os que escaparaõ vivos ficaraõ bem aproveitados. Esta liberalidade dos Fidalgos se deve muito louvar, porque faziaõ aos homens espertos, e cuidadosos em seus officios, e elles eraõ servidos como queriaõ.

Aqui importa dar noticia do que aconteeo a D. Antonio Lobo com o seu hospede, que era bombardeiro, ao qual prometteo trinta cruzados se arrenbentasse huma bombarda dos inimigos, ao que respondeo o bombardeiro: *Que já lhe dava Gomes Freire cincoenta, que não quiz aceitar, e não tomaria menos de cem.* Nisto se vê quanto perigo corriaõ os bombardeiros, e quaõ liberaes eraõ os Fidalgos Portuguezes no serviço do seu Rey.

Adiante està sito o Baluarte Santo Espirito, donde comecey,

o qual carecia de Praça, por não estar acabado; esta Praça mandou fazer o General, sobre mastros, e vigas apontados, e sobre ellas taboado cuberto de terra, que sendo muito firme, servia como se fora abobeda, que foy grande remedio para os trabalhos, que houve no discurso do tempo da guerra.

Todos estes Capitães, que ficão nomeados, que tiveraõ gente à sua custa, e assim os mais todos trabalharaõ muito nas estancias, reparando-as, e fortificando-as com grandes obras, e tambem ajudaraõ nas do Baluarte; vigiando aos quartos no cavalleiro de dia, e de noite, onde sofreraõ com esforço muitas bombardas, e lhes mataraõ, e feriaõ de suas companhias muitos soldados, e gastaraõ muito de sua fazenda com grande liberalidade, e contentamento; finalmente obraraõ tanto, e taõ generosamente, q̃ nenhuns homens no Mundo de nação alguma se acha, que livre, e voluntariamente obrassem taes finezas, expondo-se a tantos perigos por seu Rey, ou Republica, nem fizessem, ou fação taes cousas com tanto amor.

CAPITULO LXIX.

Do amor que se tinhaõ os Portuguezes no cerco de Mazagão.

DEclarada a ordem, que na Fortaleza por sua defenſa se deu

deu, serà razão que diga o grande amor, com que os Portuguezes, assim Fidalgos, e Cavalleiros, como todo o outro povo, servião a seu Rey em tempo de tal necessidade, que he muito para estimar, e remunerar com grandes merces. Os Portuguezes por natureza, ou dom de Deos concedido aos Reys de Portugal, além de serem muito leaes, e esforçados, de tal sorte amaõ a seus Reys, que o menos que por seu serviço aventuraõ, são os bens da fortuna, os quaes galtaõ liberalmente na paz, e na guerra em tanto extremo, q̃em cousas do serviço del Rey, como são festas, ou guerras, não sòmente se empenhaõ, mas vendem os Patrimonios até ficarem sem cousa alguma; pois das vidas não são menos prodigos, que da fazenda, e daqui vem que poucos Portuguezes nas guerras de seu Rey fazem mayores façanhas em feitos de armas, do que farão milhares de homens estrangeiros assoldados, posto que sejam esforçados, como claro se viõ neste cerco, para onde não sòmente corriaõ os homens de guerra, mas os meninos de quatorze, e quinze annos, morgados de grandes casas, muito mimosos de seus pays, e mãys. Isto fazem os Portuguezes contra a opiniaõ de todas as Naçoens do Mundo, que trazem por adagio, *Que do cerco se deve fugir, e a Batalha se deve ir.*

Ao contrario faziaõ estes mo-

ços, que fugiaõ de seus pays para o cerco, embarcandose em pequenos barcos, sem temor das tormentas do golfo de val das Egoas, e sem mantimento, e vestidos, e quasi mortos de fome, e sede chegavaõ ao soccorro, e quanto mayores temores lhes representavaõ das mortes de seus parentes, e amigos, tanto com mayor fervor, e animo se embarcavaõ, em tempo que em Castella senão achava soldado, que por esforçado que fosse se quizesse assentar a soldo, para soccorrer aos Portuguezes, taõ amigos, e parentes; e dizem que quando o Embayxador de Portugal pedio a El Rey Felipe de Castella mandasse soccorrer a Mazaçaõ, pedio o dito Rey como discreto, e homem de guerra, a trassa da Fortaleza, e vistos os bastioens, e trincheiras; e considerando como os inimigos estavaõ pegados nos muros, e a multidão, que de combates havia, mandou chamar alguns Capitães, e Cavalleiros de experiencia em calos de guerra, e mostroulhe a trassa, os quaes affirmaraõ que conforme a trassa, que tinhaõ presente, que na Fortaleza não havia remedio; porque ou se haviaõ de render, ou morrer todos obstinadamente; por onde lhe pareceo que era o soccorro escusado, e assim não foy soccorrida a Fortaleza, senão de Lisboa, e Algarve, e do favor Divino, principal soccorro dos Christãos.

Nem

Nem he de maravilhar dos moços Fidalgos irem ao soccorro, como fica dito; mas de velhos de oitenta annos, que tinhaõ experimentado trabalhos, e perigos, que nos cercos são muy certos. Hum destes foy Simão Sodré, que era hum Fidalgo criado na India, que se tinha achado em alguns cercos, aonde com fome ajudou a comer muitas correas, e adargas; este velho por costume, ou natureza, assim tinha o coração tão honrado, e belicoso, que posto que lhe foy mandado da parte del Rey que se não embarcasse, o não deixou de fazer, e perdera antes toda sua fazenda, que a jornada, o qual Fidalgo no cerco foy muito conveniente, porque sem embargo de sua muita idade, trabalhando mais do que ella permitia, foy occasião com este notavel exemplo para que alguns homens movidos da vergonha de tantas cans se despuzessem ao trabalho. Estando certos Fidalgos em huma pousada debatendo em huma porfia já vencidos da colera para fazerem algum mau feito, elle os reprehendeo com asperas palavras, de que elles envergonhados se foraõ apartando, tendo mais respeito às suas cans, que à honra, que já cada hum tinha posta na balança para a aventurar a qualquer mau successo, que viesse. Este, e outros velhos trabalhavaõ nas obras, e vigias com tão vivos elpíritos, que se lhe podia haver inveja, posto

que juntamente ficassem os invencidos nas cans, e na idade iguaes a elles.

Assim se mostrou tambem o grande amor, que os Cidadãos de Lisboa tinhaõ a seu Rey, porque de improviso fizeraõ mil homens de guerra para o soccorro, que logo mandaraõ; e outros tantos fizeraõ os Officiaes Mecanicos da dita Cidade, os quaes davaõ dinheiro com muito gosto, e contentamento, dizendo: *Que deixariaõ suas casas, officios, filhos, e mulheres para irem ao cerco servir, e pelejar contra os Mouros em defesa da Fè, e de seu Rey que era menino; e que quanto dinheiro para isso lhe pedissem dariaõ, e sendo necessario venderiaõ os proprios filhos quando outra cousa não tivessem.* Desta sorte o fizeraõ os Moedeiros de Lisboa, gente por privilegios, e liberdades dos Reys antigos muita isenta de fintas, os quaes aconselhados do Lecenciado Antonio Dias seu Conservador, voluntariamente se fintaraõ entre si, e mandaraõ ao dito cerco oitenta soldados pagos à sua custa por dous mezes adiantados; e dariaõ muito mais se a guerra durara mais tempo do que durou.

Ditofo, e feliz se póde chamar o Rey de taes Vassallos, como disse o Soldaõ de Cambaya a Martim Affonso de Sousa, quando cõ elle andava na guerra contra os Mogores, proferindo estas palavras: *Se eu tivera alguns Caval-*
leiros

teiros taes como vós, posto que fossem poucos, eu castigara estes Mouros, com que nunca mais tornasse a esta terra. E muitas vezes repetia: *Que bema Ventura se podia chamar o Rey que taes Vassallos tinha, pois tantos milhares de legoas afastados delle lhe ganhavaõ tantos Reynos, e Senhorios.* Tambem as Damas do Paço em Lisboa como sentidas de não poderem obrar nesta occasião alguma fineza, se despicavaõ no modo possivel, fechando as janellas aos galanes, dizendolhes, que não mereciaõ favores estando elles em Lisboa, e Mazagaõ sitiado.

Cousa maravilhosa era neste tempo ver os meninos de Lisboa de seis annos para cima, como ordenavaõ esquadroens com bandeiras, e tiros de polvora, e como pelejavaõ huns contra outros, de modo que puzeraõ fogo a huma tendeira, que vendia polvora, e queimaraõse quatro tendas, e nellas dous soldados, que a compravaõ, e huma mulher, e sete, ou oito meninos, que os menos esca paraõ com as vidas; e dia de S. Jorge, que foy vespera do primeiro assalto, que os Mouros deraõ à Fortaleza, appellidaraõ as regateiras, e meninos de Lisboa: *Vitoria, vitoria, que S. Jorge venceo os Mouros;* e como diga a Sagrada Escriitura: *Que a voz do Povo he voz de Deus,* bem se cumprio, porque passado o dia de S. Jorge, que na Fortaleza fizeraõ huma so-

lemne Precissão, o dia seguinte foraõ os Mouros vencidos, com muitos mortos, e queimados. E assim se disse tambem nas Igrejas de Lisboa ao Domingo seguinte, depois do segundo combate, que dia de Mayo (que foy na festa feira antes) foraõ os inimigos segunda vez vencidos. Isto se não podia saber em dous dias, salvo se algum dos espiritos Angelicos, que entre nós andaõ o divulgasse no Povo, como aconteceu a El Rey D. Afonso Henriques em Coimbra quando quiz tomar Santarem.

Visto o grande amor do Povo para com seu Rey, vejamos o mesmo Rey como trata o seu Povo. Os Reis de Portugal tem huma particularidade, que os obriga a amar a seus Vassallos, não como Principe, e Senhor delles, mas como pay; porque nenhum Fidalgo ha em seus Reynos, que delle não receba estipendio, ou moradia, de modo q não sómente elles recebem do Rey estas merces, mas todos seus filhos; tanto que são de idade para irem ao Paço servir, logo tem parte da moradia de seus pays, e como passaõ de vinte annos são acrescentados a toda a quantia, que os pays tem, e sem embargo destas merces, recebem outros muitos favores, tomandolhe El Rey seus criados, dandolhes cargos, com que se fazem ricos; e por esta causa toda a mayor parte do Reyno se mantem das merces del Rey; donde vem
que

que os Reys de Portugal são os mais perseguidos, e importunados de todo o Mundo, por respeito de muitos negocios de seus Fidalgos, e criados.

Pois por causa das Justiças tem outro immenso trabalho, porque está obrigado a ouvir, e despachar todos seus Vassallos, de modo que não ha pobre, ou rico do mais remoto lugar dos seus Reynos, q̃ não venha a ElRey, não somente com qualquer agravo, mas a pedir-lhe merces para si, e para seus filhos, o que ElRey tudo cumpre, e daqui vem que nos Reys de Portugal justamente cabe o titulo de *Pay da Patria*, porque nunca nenhum Pay foy assim tão piedoso com seus muy amados filhos, como os Reys de Portugal o são com seus Vassallos, e assim senão pôde determinar qual tem mais obrigação, se os Povos a seus Reys, ou elles a seus Povos.

CAPITULO LXX.

Do que aconteceu em Mazagão no cerco a trinta de Março.

TOrnando aonde deixey a gente nas estancias, e proseguindo a Historia, digo que aos 30 do mez de Março batiaõ os inimigos com tanta pressa o Baluarte, e bombardeira de D. Gonçalo de Castello Branco, que em poucos dias foy cega, como fica

Part. I.

dito, e dada logo a Nuno Fernandes de Magalhães, aonde se mostrou assaz diligente, porque com a gente que levou, e alguns amigos em poucos dias, e partes das noites entulhou huma parede que fez sobre o muro, com que o engrossou, ficando aquella parte muito fortificada. Nestes dias Vasco Fernandes Homem com sua gente, e amigos fez outro tal entulho, tendo já dantes sobre a ameia do muro pipas levantadas, e cheas de terra, que lhe custou muito trabalho, e dinheiro.

E porque nesta estancia se trabalhou, e vigiou todo o tempo do cerco, quero neste Fidalgo fallar particularmente, o que posso afirmar, posto que com palavras não poderey encarecer com quanto contentamento neste cerco servio a ElRey, gastando sua fazenda tão liberalmente, que quasi foy havido por prodigo, tanto que escrevendolhe a Rainha Dona Catharina, que ficasse em Mazagão depois dos Mouros hidos, lhe encomendava muito não gastasse tanto da sua fazenda, o que elle continuava dando mesa aos amigos que a elle se chegavaõ, Fidalgos, criados delRey, e aos Cavalheiros que na Fortaleza não tinhaõ gasalhado, nem que comer, aos quaes não só dava duas abundantes mesas cada dia, mas tudo o que elles pediaõ, e haviaõ mistur se lhes dava de sua casa com liberalidade; e além do referido ves-

Dd

tia

tia aos que tinhaõ necessidade, e emprestava dinheiro aos Fidalgos, e criados delRey quando lho peadiaõ, e assim a outros, posto que bem conhecia que nunca lhe haviaõ de satisfazer. E sobre tudo não espediçou dinheiro jugando, nem em vestidos de sua pessoa, mas com muita modestia andou no cerco, aonde fez tudo o que como a bom Fidalgo devia.

Esta ordem teve D. Gonçalo de Castellobranco, que gastou mais que ninguem em dar mesa a muitos. Assim o fez Ambrosio de Aguiar, Luiz de Faria, Gomes Freire, e outros mais, que seria largo querellos todos nomear; e passando aos trabalhos ordinarios, que eraõ cavar, carretar terra, e pedra, levantar as estancias, derribar as casas para lhe tirar as pedras, mudar a artelharia de huma parte para outra, fazer minas, e reparar o derribado, e juntamente acudir aos repiques, era tanto o trabalho, que quasi não se sabia aonde se pudesse acudir primeiro.

CAPITULO LXXI.

Do que aconteeo aos nove dias de Abril.

HUma quinta feira nove do mez de Abril diziaõ os inimigos, que havia de ser o dia em que nos haviaõ de degolar, e cativar a todos, e cuido que já entre elles teriaõ tomado final da venda

de alguns, como entre nós faziaõ alguns homens soberbos, dizendo muitos ditos sem sabores, mais de homens fanfarroens, que de verdadeiros Portuguezes, e assim diziaõ, que deixassem chegar os Mouros, que pelejando maõ a maõ veriaõ os perros quem eraõ os Portuguezes; e pôde ser que esta fosse a causa que os inimigos tiveraõ para chegarem tanto a seu salvo ao muro. Estes mesmos se viraõ depois em tal estado, que deraõ todas suas esperanças por muito pouco dinheiro; não sey porque os homens que tem alguma criação, e honra, em tal tempo soltaõ palavras, de que não somente são notados, mas qualquer pequena desgraça, que lhe aconteça, he causa de grande zombaria. A estes taes castigavaõ os antigos Capitães de sorte, que Scipiaõ o fez com dous Cavalleiros, que no cerco de Carthago despedaçaõ entre as mãos hum bollo feito ao modo dos Carthaginezes, dizendo, que saqueavaõ Carthago, o que o celebre Scipiaõ castigou, despedindo de seu Campo os taes fanfarroens, porque os mais destes palanfradores cumprem cõ palavras e obras, que em tal tempo são necessarias.

Muitos dias havia que os Mouros entulhavaõ a cava, atè chegar ao Baluarte, e porque determinavaõ minallo para o derribarem, fizeram huma trincheira, ou reparo atravessado do rebelim pequeno, que

que estava pegado com a cava, que elles tinhaõ fortificado da lua parte, donde atravessaraõ a trincheira que digo, atè o canto do nosso Baluarte. Este reparo levantaraõ em tanta altura, que sufficientemente amparava os que chegavaõ a picar o muro, e quando cavavaõ a mina, juntamente faziaõ huma subida para o Baluarte, porque se a mina não houvesse effeito, subissem acima a pelejar mão a mão, como valentes homens; e fizeraõ a estrada tão larga, que cabiaõ por ella cento e vinte homens em fileira, e o reparo era tão largo, e forte, que nenhuma bombarda das nossas o podia romper, e depois que perderaõ as esperanças da mina, levantaraõ o reparo, e estrada em tal maneira, e altura, que subiaõ por ella muito facilmente a combater o cavalleiro, como em seu lugar se dirá.

CAPITULO LXXII.

De huma grande bataria, que se deu a Mazagão.

A Sexta feira seguinte deraõ os inimigos huma brava bataria com toda lua artelharía, comq̃ derribaraõ grande parte do Baluarte, e huma guorita donde elles receberaõ muito damno, e puzeraõ aquella noite fogo à porta da Villa, a que se deu repique com muita pressa, aonde acudio muita gente com alguma desordem, e hou-

ve terrivel peleija de arcabuzadas, e bombardadas, que durou muita parte da noite, e por ser em tal tempo era mais espantoso, porque se sentiaõ os pilouros de arcabuzes, e bombardas passar zonindo, e asloviando junto aos homens, sem ousar ninguem tomar outro lugar, nem affastar-se do perigo, q̃ em todas as partes era presente. Alguns disseraõ, que se devia ter a porta da Villa aberta para que vissem todos os Mouros muito bem quaõ pouco se nos dava de a queimarem, e ao meu juizo fora muito acertado, ao menos de dia, porque era hum muito grande desprezo leguro; mas o General mandou que dalli por diante estivessem de toda a sorte de gente, Fidalgos, Cavalleiros, e soldados de dia, e de noite vigiando aos quartos, o que se fazia com muito grande recado. Ao Sabbado seguinte atiraraõ com seus trabucos nove tiros, que não fizeraõ mais damno que derribarem huma casa; mas a seguinte segunda feira atiraraõ muitos mais em grande numero, que causou muito grande admiração ver hum pelouro, que cahio na pousada de Luiz de Faria, Fidalgo muito esforçado, que deu em hum tacho, que o seu cozinheiro tinha na mão, e lho quebrou sem perigo do cozinheiro; outro pilouro cahio na pousada de Nuno Pereira, muito honrado, e esforçado Fidalgo, e dandolhe em hum braço lhe ator-

mentou todo o corpo, de que dentro em poucos dias falleceo.

Este Fidalgo sendo muito bom Cavalleiro se ria dos que fugião dos trabucos, e os tinha por covardes em grande maneira, mas nem por isso elcapou da morte, sendo menos merecedor della que o cozinheiro; mas são juizos de Deos, em que se não póde dar outra sentença se não a do mesmo Deos, que disse por S. Lucas: *Que nem na morte dos Galileus, nem na cabida da Torre de Filoé forão mais culpados os mortos, que alli morrerão, que os vivos, que estão em Jerusaleem.* Isto digo, porque na morte de Nuno Pereira se fallou com muita, e inconsiderada liberdade Portugueza, dizendo: *Que por sua culpa, ou soberba lhe dera o pilouro;* o que por dito, e sentença de nosso Redemptor se mostra fallo, mas os que não são virtuosos Portuguezes, são tão soltos em deitar juizos, e confirmar sentenças, que nem os mortos se podem livrar de suas desenfreadas linguas. De huma cousa se póde aqui louvar Nuno Pereira, que se era na vida muito esforçado Cavalleiro, na morte se mostrou muito Catholico.

CAPITULO LXXIII.

De algumas ccusas, que succederão no cerco de Mazagão.

A Terça feira seguinte atirarão os Mouros muitos tiros de trabucos, que fizeraõ golpes formidaveis, como foy hum que cahio na Sacristia da Igreja, que deu em huma arca, em que estavaõ as Vestimentas Sagradas com que se dizia Missa, e a fez em pedaços sem tocar nellas, nem em hum Santo Crucifixo, e hum Menino Jesus, que na dita arca estavaõ, sobre a qual estava dormindo hum miço que ajudava as Missas, que acordou à grande grita, com que agente appellidou o grande estrondo do trabuco, e em se metendo debaixo do portal da Sacristia, que estava quatro, ou cinco passos da arca donde deu o pilouro, ficando o moço meyo pafemado, e dizia que elle sentira o vento do pilouro levantarlhe os cabellos das cabeça. Este caso foy cousa milagrosa, e por tal julgada na Fortaleza. Outro pilouro cahio em huma pousada, aonde entã chegava Jorge Mendes de Faria, que estava assentado sobre huma arca, e della se levantou ao estrondo do trabuco, chamando pelo Nome de Jesus, e cahindo o pilouro lhe deu em huma rodella, que na mão tinha, que bran-

brandolhe huma parte, e fazendo em pedaços a arca, em que estava assentado, levando a roupa que tinha dentro pelo sobrado abaixo, e a cravou dous palmos pela terra de huma logea.

Este caso fez o milagre da arca das Vestimentas mais conhecido, porque as salvou Deos, e a roupa profana se perdeu, livrando nosso Senhor o homem, que a elle se encomendou. Deraõ os trabucos tanto espanto na Fortaleza, que toda a pessoa que em casa estava, procurava meterse debaixo de algum portal, aonde estivesse segura; a este tão grande perigo deu bom remedio Izidoro de Almeida, levantando quatro meyo camellos a modo de trabuco, com que atirou taes tiros dentro no arayal dos inimigos, que tiveraõ por bem de cessar com seus trabucos por muitos dias, e o mesmo se fez na Fortaleza, e houve treguas de trabucos entre a Fortaleza, e elles; porque viraõ os inimigos com quanta ventagem lhe pagavamos os pilouros que na Fortaleza metiaõ, que eraõ da mesma grandeza dos nossos, e muitas vezes se achavaõ os proprios que da Fortaleza lhe atiravaõ, com que elles nos tornavaõ a atirar; os quaes faziaõ aquella jornada alguns dias, huma, e duas vezes, excepto hum trabuco que elles tinham, que chamavaõ *Maimona*, que despedia hum pilouro muy disforme.

CAPITULO LXXIV.

De alguns Fidalgos, que vierão de soccorro a Mazagão, e do que mais succedeo.

Nestes dias chegou àquella Praça Antonio Moniz, que era hum esforçado Fidalgo, e muito experimentado nas guerras da India, debaixo de cuja capitania se podia fiar a Fortaleza, e maiores casos de guerra se os houvesse. Tambem chegou Pedro de Goes, valente Cavalleiro, e em sua companhia outros de muita experiencia, que a Rainha mandava porque entendeo o grande perigo, que no cerco havia. A quatorze de Abril chegou o Capitão Gaspar de Magalhães muito esforçado, e experimentado Cavalleiro, assim nas guerras de Italia, e França, como na de Africa, o qual levou huma companhia de duzentos e cincoenta soldados del Rey; e porque o tempo estava muito contrario arribaraõ a Cadis as caravelas, em que levava a gente, mas elle com o seu navio trabalhou contra os tempos, e mares, de fazer viagem por chegar com soccorro tão necessario; porque além da gente, que levava, embarcou vinte e quatro barris de polvora, de que na Fortaleza havia muita falta.

Este

Este primor tem os Portuguezes, que quando cumpre à sua honra, contrastaõ os Elementos, e por debaixo do mar navegaõ; pôde-se dizer por debaixo do mar, porque quando hum navio Latino vay contra mar, e vento, quasi vay por debaixo delle. Chegado este Capitaõ logo, desembarcou com os seus Officiaes, e polvora com oitenta homens, e com sua Bandeira, e tambor, se foy à Igreja aonde lhe differeã Missa, e benzeção a Bandeira, que era de seda azul, e amarella em barras, e atravessados por cima dellas dous bastoens, que nos ferros tinhaõ esta letra:

*Aqui travail ne peut souffrir
Grand honneur ne peut venir.*

O que nelle bem se cumprio; porque em chegando o que subio ao cavalleiro com a nova Bandeira lhe deraõ tantas bombardadas, que o cobrião de terra, e pedra, ferindolhe alguns homens. Logo o General partio o cavalleiro entre elle, e o Capitaõ Fernaõ de Craсто, que dantes alli estava; porém Gaspar de Magalhaens poz mão em fortificar sua estancia com madeira atravessada, e pregada sobre grossas estacas, e entulhando tudo o que cumpria para sua defenfa. Neste trabalho lhe deraõ muitas pedradas, e duas pedras, que saltaraõ da muralha o pizaraõ de modo que senão podia bolir, nem manear dos braços, e por esta causa andava todo empraçado

com grandes dores, com que bem justificou a letra de sua Bandeira.

Achou-le em todos estes trabalhos junto delle Fernaõ Rodrigues, Feitor, que foy em S. Thomé, que era hum dos esforçados Cavalleiros deste tempo, o qual nos trabalhos, vigia, e peleja se mostrou homem de grande animo, pois andando o sobredito Capitaõ occupado no reparo, e defenfa do Cavalleiro, entendeo que hum bombardada, que estava de rosto ao mar, não fazia alli cousa alguma, havendo outros lugares donde podia damnificar os inimigos, do que deu conta ao General, e logo fez com a sua gente passar a bombardada a hum travez, que estava junto ao Baluarte Santo Espirito, donde defendia o seu espição, e atirava ao bastião dos Mouros, fazendolhe grande damno. Esta foy a bombardada, que se deu a Pedro de Goes, como fica dito.

Neste tempo atiravaõ os inimigos ao cavalleiro tantas bombardadas, que os que estavaõ na defenfa o não podiaõ soffrer; mas Gaspar de Magalhães quiz arriscar a vida por assegurar as dos companheiros, e subindo sobre o parapeito, vio aonde estava a bombardada que tanto o molestava; foy-se logo à estancia de D. Antonio Lobo, e prometteo ao bombardeiro, que alli estava hum vestido, se arrebatasse a bombardada dos inimigos, que de rosto tinha, que era a que fazia o damno. O bombardeiro

deiro cobiçoso do vestido , e de quinze cruzados , que D. Antonio Lobo já de antes por este mesmo caso lhe tinha promettido , se esmerou tanto no apontar , e atirar da bombardas , que meteo o pilouro dentro da bombardeira contraria , com que não sómente matou alguns Mouros , que andavaõ rodeando a bombardas , mas de tal forte lha arrebentou , que nunca mais servio.

Nestes dias , ou alguns antes Pedro Paulo , esforçado , e venturoso Capitaõ de huma galé , ordenou huns arcos com humas settas de fogo para queimar a lenha dos inimigos , com a qual se reparavaõ para levantar com brevidade suas trincheiras ; e ordenadas as settas elle as lançou nos reparos dos inimigos , que algumas vezes ardiaõ pouco , e hum dia , que ventava fresco Norte ; João Riscado , Cavalleiro de muito valor , e elle deitando as settas , e panellas de polvora , prendeo o fogo de modo , que toda a lenha , que sobre as trincheiras tinhaõ ardeo , sem lhe poderem valer , e de tal maneira pegou por baixo , que nunca já mais se apagou , de que procedeo não se fiarem nunca mais os Mouros da montanha de terra , que trouxeraõ contra o nosso Baluarte , nem ousaraõ plantar sobre ella artelharia , temendo que se arruinaria ; porque se queimava por baixo a lenha , que era a mayor parte do seu fundamento , e aconteceo que

quatro Mouros determinados se deitaraõ por cima da sua trincheira , para a parte do nosso muro , sem nenhum temor dos nossos arcabuzeiros , e alli juntos trabalhavaõ por apagar o fogo ; mas os seus proprios os cobriaõ com a terra , que deitavaõ para apagar a lavareda , e juntamente Luiz de Faria lhe fez atirar huma bombardada , com que os meteo feitos em pedaços dentro na sua trincheira , onde ficaraõ seus ossos encravados.

Tanto , que os Mouros principiavaõ sua trincheira , logo a guarneceraõ com muita gente , arcabuzeiros grandes atiradores , os quaes eraõ taõ certos , que por qualquer fresta , ou luzerna que os nossos queraõ atirar , ou vigiar os matavaõ , e estavaõ tanto a ponto , que vendo que a luzerna , ou buraco se escurecia logo o que a tinha a seu cargo fazia seu tiro , que de ventura errava , principalmente na gente bisonha que do Reyno hia ao soccorro por se não saberem resguardar do perigo , de que não eraõ sabedores , e muitas vezes aconteceo a alguns traveços poremlhe chapeos nas frestas , ou buracos , e tanto que as viaõ escuras improvisõ eraõ passados dos pilouros , e hia isto em tanto crescimento , que não ousava pessoa alguma levantar a cabeça para ver o Campo , que logo o não derribassem pela testa , ou cabeça , e aconteceo , que indo ao soccorro alguma gente , a primeira pessoa que

que chegou ao muro em desembarcando foy hum Clerigo Fidalgo da Ilha da Madeira por nome Barthalar de Mendoça, que já estivera na terra por algumas vezes antes do cerco, e em chegando ao muro quiz ver o Campo, e tendas do arrayal dos Mouros, e em descobrindo a cabeça, em hum instante lhe deraõ huma arcabuzada pela testa, que improvilo cahio sobre o lugar em que tinha os pès, o que meteo em confusão aos companheiros que com elle desembarcavaõ por onde houve tanto cuidado em se resguardarem, que já não havia pessoa que ousasse apparecer, donde veyo que os Elches nas matracas que de noite davaõ aos do muro dizerem: *Vós outros que fazeis, que não ousais apparecer, muito grande cuidado pondeis em guardar as cabeças, e parecevos que tendes os pès seguros.* Por onde se entendeo que os Mouros minavaõ o Baluarte.

CAPITULO LXXV.

De como os Portuguezes abrirão a mina em Mazagão.

A Os quinze dias do mez de Abril abrirão os Portuguezes ante manhã a mina, que foy hum feito assinalado, de que se deve fazer menção. Como os Mouros tinhaõ intentado derribar o Baluarte Santo Espirito pa-

ra entrarem por elle a cavallo, como tinhaõ promettido a seu Rey, começaraõ a fazer a mina ao longo do chaõ, não entendida dos cercados, para com barris de polvora deitarem todo o edificio em terra; porque minavaõ de dia, que com o trafego da gente senão entendia, nem ouvia, e de noite estavaõ quietos, e senão fora o aviso não esperado corria a Fortaleza muito risco, e tambem differaõ, fora achado hum caparaõ de hum gaviaõ na Fortaleza, e dentro nelle se achara hum escrito, em que davaõ o proprio aviso, e entendido o dito ardil, Isidoro de Almeida com muita diligencia poz por cima do Baluarte certas vasilhas com ovos dentro para saber porque parte vinhaõ os inimigos minando, e em chegando sobre o lugar onde se picava o muro, pondo a vasilha começou a tremer com as pancadas, que debaixo se davaõ, o q deu a conhecer a parte por onde vinhaõ minando. Entendido isto por Isidoro de Almeida, e João da Sylva, fizeraõ com muita diligencia huma contra mina, que foy dar na dos Mouros, os quaes tinhaõ entrado dez palmos dentro no nosso Baluarte, e porque a nossa mina foy por cima da sua cinco palmos, João Riscado, o mais esforçado, e valeroso Cavalleiro deste tempo, e Pedro Lourenço de Mello trabalharaõ de a endireitar, o que não custou pouco trabalho, e dinheiro, leva-

va cada hum dos cabouqueiros a mil reis por dia, e era pouco, segundo o trabalho, e perigo que nas taes minas se passa; pois como se vieraõ a encontrar as minas, e conheceraõ os Mouros, que estavaõ perto dos Christãos, fingiraõ picar em outra parte para assegurar o seu desenhio.

Isto penetrou João Riscado, que andava dentro na mina, e era dos vinte deputados para a romper, e como vio que os inimigos dissimulavaõ, disse que logo se rompesse a mina, o que Diogo de Valconcellos começou a fazer, metendo huma alavanca, e cuidando que já a tinha aberta disparou pelo lugar da alavanca hum arcabuz, que não fez effeito, mas João Riscado bradou, que logo se abrisse a mina pois os Mouros tinhamõ entendido q se queria abrir, e dando hum cabouqueiro hum grande golpe com alavanca abriu hum buraco, por onde João Riscado fez meter o arcabuz a Pedro Lourenço de Mello, que o disparou dentro na mina, com que matou alguns Mouros, o que se entendeu, porque os Mouros deraõ huma grande grita, e arremeteraõ ao Baluarte com lanças, e dardos, onde por razão de guerra houveraõ de trazer arcabuzes, e bombas de fogo; mas os Mouros em lugares tão perigosos tudo o que fazem he mais por cumprimento, q por obrigação, e honra; assim que como João Riscado, que

era hum dos primeiros, vio as lanças metidas pelo buraco, meteo elle por entre ellas o seu arcabuz, que entaõ não tomou fogo, pelo que Simaõ de Goes meteo huma espingarda, que desparou nos inimigos, que perseveravaõ na grita, e no buraco. Deraõ logo a João Riscado outro arcabuz carregado com perdigotos, e neste tempo por elle estar diante lhe tocavaõ os Mouros com as lanças em hum colete, que tinha vestido sobre huma coura danta, e meteo o arcabuz por cima das lanças, que tomou fogo, e espalhou os inimigos pela mina fóra; vieraõ mais outros arcabuzes, e outros muitos dardos à formiga, com que de todo os inimigos deixaraõ a mina, com mortes de muitos dos leus, que elles tiraraõ arrastrando-os pelas pernas.

Com este bravo conflito se acabou de abrir a mina, e foraõ os Christãos ao cabo, tomando a ferramenta dos Mouros, reparando-se com colchoens molhados, não cessando de atirar com arcabuzes dados de mão a mão, porque na mina não cabiaõ mais que dous homens emparelhados de rosto aos inimigos. Vieraõ a este tempo os Mouros com muita lenha acceza, a qual puzeraõ na boca da mina para deitar dalli fóra os arcabuzeiros, que por entre o fogo faziaõ muitos, e bons tiros; e porèm João Riscado, que foy sempre diante, se firmou sobre huma

rodella no colchaõ, sobre que estava soffrendo a tempestade do fumo, que entrava pela porta da mina, que não estava reparada, por onde de mais longe os nossos arcabuzeiros atiravaõ aos inimigos. E verdadeiramente esteve João Riscado muitas vezes affogado da grande força do fumo dandose por morto, mas a honra o deteve em tanto perigo, até que os Mouros entenderaõ, que com aquelle genero de ardil não deixavaõ os nossos Portuguezes a mina, de que veyo tornaremse à furia dos arcabuzes atirando de travez, porque de rosto não ousavaõ, pois os matavaõ de dentro, e sem embargo do tal perigo hum Turco muy principal veyo de rosto ao buraco, e encarando o arcabus, lhe deu João Riscado, que estava prestes, huma arcabuzada com que o deitou de pernas arriba dentro na cava; e dalli por diante estavaõ soldados aos quartos atirando de dia, e de noite arcabuzadas aos inimigos, e os inimigos a elles, sem matarem ninguem, ferindo muitos das pedras, que quebravaõ dos muros aonde davaõ os pilouros.

Nesta vigia da mina estavaõ Fidalgos, e Cavalleiros, que de noite velavaõ aos quartos. Entre estes foy Gaspar da Cunha, irmão de Christovão da Cunha, que algumas noites vigiava seu quarto com seis homens seus, e estava diante delles metido na agua até os joelhos; e posto que na frialdade

da agua, muito mayor tormento lhe dava o grande luor, que do luar attogadiço, e estreito lhe caulava, que a frialdade; e assim que em hum mesmo tempo padeciaõ frio, e calma. Da mesma sorte passavaõ todos os mais Fidalgos, e Cavalleiros, que nas minas vigiavaõ; e verdadeiramente que algumas manhãas sahiaõ os soldados velhos de Mazagaõ, tão feridos no rosto, e tremendo de frio, que era muito para delles haver dõ, e compaixão, porque se lhe ajuntava ao trabalho a pobreza, que he o mayor de todos os males.

Algumas vezes os levava Vasco Fernandes Homem a sua casa, e os mandava curar, dandolhe dinheiro, e a hospedagem da mesa, em quanto durou o cerco, e muitos dias depois aos que a queriaõ receber, o que foy causa de ser tão bemquisto, que todos os Cavalleiros pobres de Mazagaõ o tinhaõ por pay, e amparo em suas necessidades. Nesta mina pelejaraõ o primeiro dia Pedro Lourenço de Mello, João Riscado, Simão de Goes, Diogo de Vasconcellos, Fernão Vieira, Gaspar de Mendoça, João Pires de Gavi, Duarte Luiz, Simão Pires, Domingos Gonçalves, todos Cavalleiros da terra, e outros muitos de que não soube os nomes, que eraõ dignos de muito grandes honras, e merces por seu tão finalado valor.

CAPITULO LXXVI.

Do que a Rainha Dona Catharina determinou sobre o cerco de Mazagão mandando alguns Fidalgos.

Neste tempo pareceo à Rainha Dona Catharina Regente destes Reynos de Portugal, que em caso de tanta importancia, em que se aventurava a honra do Reyno, e a vida de tantos Fidalgos, devia mandar a Mazagão alguns Fidalgos experimentados na guerra, os quaes foraõ Vasco da Cunha, e Christovão da Cunha seu irmão, para que não sómente pelejassem, mas no negocio do conselho fossem iguaes ao Capitão General, o qual não determinasse cousa alguma sem tomar primeiro conselho com elles, e sobre este caso lhe escreveo huma carta, da qual o General tomou alguma desconfiança, o que se entendeo no discurso do tempo adiante; porque nos conselhos se não tomava nunca resolução, posto que se davão razoes evidentes, assim no modo da guerra, como nos reparos, e por esta causa aquelles, que entendiaõ da guerra, andavaõ tão tristes, que muito bem se conhecia o desgosto.

Estes sobreditos Fidalgos eraõ Cavalleiros de muita experiencia, que Vasco da Cunha se criou, e

envelheceo na guerra da India, que ao presente era a mais encarecida, e perigosa de todo o Mundo, onde teve experiencia de muitos annos de guerra, em que ganhou fama de bom Capitão, e esforçado Cavalleiro; e Christovão da Cunha era tão antigo na guerra, que sendo moço esteve no cerco, e tomada de Rodes, criando-se depois nas galês de Malta da Ordem de S. João Bautista, aonde pelejou muitas vezes no mar, e na terra valerosamente, e por esta causa o Graõ Mestre lhe encarregava os casos de muita importancia, e o punha nos mais honrados, e preminentes cargos, que na Ordem havia, e sendo estes que digo andavaõ na Fortaleza como soldados Extravagantes, trabalhando, e vigiando mais do que sua idade sofria.

Estes Fidalgos chegaraõ aos 16. dias de Abril, onde com sua vinda toda a gente da Fortaleza recebo novos espiritos, assegurando-se muito com a presença de taes Cavalleiros; porque na guerra muito mais animo daõ os poucos Cavalleiros de experiencia, que as muitas armas, e os muitos homens sem ella, e daqui veyo alegrarem-se os companheiros com a chegada de tão experimentados velhos; os quaes subiraõ ao muro armados de fermosas armas, que juntas com as veneraveis cans, eraõ tão vistosas, que levavaõ atraz de si os olhos de todos os que os viaõ; porque

Christovão da Cunha trazia sobre hum almilha affogueada, e dou- rada hum sobre vestia de setim carmezim, e nella hum grande Cruz de S. João de Malta, que lhe tomava todo o peito, e outra tal nas costas, que lustrava belis- simamente, entre todas as armas, que na Fortaleza havia. Faley tão largo nestes Fidalgos; porque ne- nhuma batalha pôde ser famosa, nem bem ordenada, salvo aquella que entre os robustos, e fortes mancebos tem esmaltados as ve- neraveis cans. E quando Quinto Curcio quiz mostrar a boa ordem, e beleza das batalhas de Alexan- dre, pintava nas primeiras fileiras hum Senado de valentes, e experi- mentados velhos.

Mandou tambem a Rainha pa- ra este effeito Antonio Moniz, e Pedro Vaz de Sequeira, Fidalgos velhos de muita experiencia, e valentia, os quaes na India fize- raõ affinalados feitos de armas. El- tes Fidalgos, e os sobreditos en- travaõ em conselho, de que nun- ca se via effeito, foy assim mesmo enviado nesta companhia hum Italiano, que diziaõ ser grande Artifice de engenhos, e invenções de guerra, que por ser Estrangei- ro era muito estimado, e remun- rado com grandes merces. Este Italiano era escusado aonde esta- vaõ os Cavalleiros sobreditos, e outros Portuguezes experimenta- dos na guerra de Italia, e India, como eraõ Francilco da Sylva,

Gaspar de Magalhaens, e Isidoro de Almeida, pessoas de gentil en- genho, e de grandes ideas em cou- sas de guerra, pelas quaes, e pe- lo seu valor se fizeraõ muito co- nhecidos nas partes onde tinhaõ militado.

CAPITULO LXXVII.

De huma briga, que houve en- tre os nossos, e como se soube que os Mouros queriaõ combater outra vez a Fortaleza.

A Os vinte dias do mez da A- bril subio hum Mouro sobre o Baluarte, a horas de meyo dia, e esteve olhando muito de vagar a gente que estava descansando nel- le, e rindose o Mouro se deixou estar em quanto se naõ affirmavaõ ser Mouro; mas como foy conhe- cido arremeteraõ com elle os da guarda, e o Mouro se tornou à sua estancia, que era de baixo do mu- ro, aonde tinhaõ cavado lugar em que cabiaõ muitos, que vigiavaõ de dia, e de noite; logo tocaraõ a repique onde acudio a gente com tanta pressa, que se houvera de abater a Praça feita sobre madei- ra, que logo se mandou apontoar com grossas traves, e estando mui- ta gente em hum passo estreito, se revolveo huma perigosa briga en- tre huns mancebos da Villa, e on- tros dos que foraõ ao soccorro, e foy

foy tal a contenda, que se teve por mais perigosa do que se fora com os inimigos, por ser em tempo, que se elles subiraõ se fizera huma mã jornada para os da Fortaleza; mas Vasco Fernandes Homem, e Gomes Freire com outros Fidalgos apaziguaraõ a briga, sem castigo dos authores della; e affirmo acontecço em outro repique outra briga não menos perigosa que a passada.

Nestes dias se passou à Fortaleza Micer Jeronymo Catalaõ, que andava entre os Mouros, o qual disse, como querião dar o combate à quinta feira seguinte, que era dia do Joco, que entre nós he Feira, e que tinhaõ para este dia apregoado o assalto por todo o arrayal. Com esta nova se fizeraõ na Fortaleza prestes para o combate, reparando o cavalleiro, e fazendo na estancia de Vasco Fernandes Homem hum travez de pipas teraplenadas, para espingardeiros, que depois de Deos, foy a principal causa do desbarato dos inimigos. Deitaraõ os Mouros fama de combater à quinta feira, por nos desinquietar, porque não acometendo elles aquelle dia, cuidassemos que não veriaõ ao outro, e assim nos fossemos de dia em dia descuidando, para que elles de repente arremettessem, e levasssem do primeiro impeto o Baluarte, e para mais nos assegurarem, mandaraõ de noite junto à boca da mina dizer aos nossos arcabuzeiros, q

nos querião dar o assalto quinta feira com a maré vasia, porque haviaõ de pelejar pela baixa mar, com escadas por muitos lugares. Isto disse hum Mouro algemado, fingindole Christão que delejava passar-se a nós com mais de duzentos Elches, e juntamente dizia, que a gente meuda dos Mouros morria de fome, e fugia para suas casas de vinte em vinte.

Estes palavras do falso Mouro fizerão toda a quinta feira a gente da Fortaleza estar todo o dia em armas, sem trabalhar nos reparos, que então erão muito necessarios, e os Mouros se ajuntaraõ nas suas trincheiras com as Bandeiras soltas, que era final de batalha; mas como não fizeraõ mais que os dias passados, assentaraõ na Fortaleza que os inimigos não ousavão acometer até não terem muito do muro derribado, e assim passou aquelle dia; mas de noite trabalharão com grande cuidado, e pressa; porque suspeitavão na Fortaleza os inimigos que se chegavão ao combate; e assim disserão depois os Mouros que se vierão fazer Christãos, que a causa porque não combaterão à quinta feira, foy por certa delconfiança, que se tivera dos Elches, porque fora achada huma carta escrita da Fortaleza ao Alcaide Longondo, de que se tivera mã suspeita; que foy industria de Christovão da Cunha, que como homem que da guerra tinha muita expe-

experiencia, escreveo aquella carta, fingindo ter já outras escritas, em que promettia grandes dadi-vas aos Elches, que se passassem à Fortaleza no tempo, que entre elles estava concertado. Esta carta deitou Christovão da Cunha na estancia do Alcaide Logron-do, como que entre elles andava o concerto de muitos dias antes, o que foy causa de se deixarem aquietar; porque à festa era a dos Mouros, como depois se vio.

CAPITULO LXXVIII.

Das devoçoens, que se fizeram por Mazagaõ em todo Portugal.

PArece que neste lugar tão propinquo ao do combate se deve fazer menção das devoções, que se fazião em Portugal pelos da Fortaleza; porque ellas foraõ causa da salvação dos homens da guerra, e da vitoria havida dos inimigos da nossa Santa Fè. Assim que antes que chegasse a nova do primeiro assalto, se fazião em todos os Mosteiros de Frades, e Freiras, muitas, e devotas Procissões, e nas Igrejas se encomendavaõ nos Pulpitos, em Portugal, e Castella, aonde a Rainha, e a Serenissima Infanta Dona Maria, mandavaõ muitas esmolaz aos Mosteiros, em especial a Guadalupe, para que os Religiosos com suas oraçoens ajudassem os Caval-

leiros, que em Mazagaõ pelejavão pela honra de Deos; e depois que veyo a nova do primeiro combate do assalto, em toda a Cidade de Lisboa senão entendia em outra cousa, senão em Romarias, Missas, e devoçoens acompanhadas de muitas lagrimas, com que regavaõ as Igrejas, e a muy devota Rainha, sabindo do Conselho muito tarde, se recolhia ao seu Oratorio, aonde perseverava a mayor parte da noite com lagrimas de devoção, e andava tão desconçolada, que claramente em sua Real pessoa se via a grande afflicção que seu animo padecia, e juntamente mandava com grande diligencia fazer gente em Lisboa, e outras partes, e assim provisoens de mantimentos, navios de vinho, e agua da Ilha da Madeira, que custava cada hum dous, tres mil cruzados, além disto mandou mais duas boticas copiosissimas de todas as cousas necessarias para os doentes, e feridos, e muitas municoens, e aprestos de guerra, em tanta abundancia, que no cerco se não experimentou falta de cousa alguma.

CAPITULO LXXIX.

Do primeiro assalto q os Mouros deraõ à Fortaleza.

SEsta feira 24. de Abril rompendo a alva, os Fidalgos, Cavalleiros, e soldados subidos no muro

muro se puzeraõ em ordem para a peleja, cada hum em sua estancia esperando os Mouros atè o meyo dia, e os que se achavaõ ao pè do cavalleiro na estancia de Nuno Fernandes de Magalhaens, e Vasco Fernandes Homem, onde se esperava o assalto, estiveraõ de joelhos com as lanças baixas, sobre o parapeito, que era de ceiros cheyos de terra, e tanto que apparecia alguma lança, logo era cortada dos arcabuzes contrarios. Os Mouros começaraõ a atirar com sua artelharía, com mayor furia do que antes atiravaõ, derribando muita parte do cavalleiro, e Baluarte, matando, e ferindo muitos homens; e como o General vio, que a marè seria quasi cheya, e não vinhaõ os Mouros no termo que prometteraõ, disse à gente, que os que não tinhaõ comido fossem jantar, e tornassem logo, que os inimigos já por aquelle dia não acometeriaõ, o que alguns fizeraõ por ser tarde, e fazer grande calma, e os que ficaraõ na guarda, estavaõ seguros pelas razoes sobreditas.

Mas como os Mouros viraõ, que na Fortaleza afrouxavaõ de atirar, entenderaõ que haveria descuido, dispararaõ toda a artelharía junta, e de repente arremetteraõ com quatro Bandeiras de cores, com pomos dourados nas halteas, e hum guiaõ branco, que todos juntos puzeraõ na parte que do cavalleiro tinhaõ, que era quasi

todo; porque da nossa havia humma pequena Praça, a mayor parte feita no ar, fundada sobre madeira, que o Capitaõ Gaspar de Magalhaens ordenou para alargar sua estancia, pois era taõ pequena, que nella se não podia pelejar. Esta fortificou com pipas terraplenadas, que defendiaõ as costas aos soldados da arcabuzaria do inimigo.

Neste tempo estava junta toda a cavallaria dos Mouros com as Bandeiras despregadas para entrar quando cumprisse, e juntamente sahio humma banda de arcabuzeiros da parte do Norte com outras cinco Bandeiras, humas brancas, e outras de cores, e chegando junto do mar, cravaraõ humma das Bandeiras na praya, adonde lhe mata-raõ hum Alferes, e sete Turcos, ficandolhe a Bandeira cravada na areia atè o fim da Batalha; e porque tinhaõ dito, que se haviaõ de deitar na Fortaleza trezentos Elches, por esse respeito não mata-raõ muitos mais; porque não se determinaraõ os da Fortaleza se não tarde, que davaõ a entender estes Turcos, que commetteriaõ, cuidando que elles eraõ os que se vinhaõ para a Fortaleza.

Estes Turcos davaõ a entender que acometeriaõ o Baluarte S. Sebastiaõ do Norte; mas a verdade era, que o temor que tinhaõ de que por aquella parte sahiraõ os Christãos a darlhe em cima, os obrigou com tão conhecido peri-

go a fazer hum feito temerario, que lhe houvera de custar as vidas a todos, mas elles se arrimaraõ à couraça, que no fim da cava se ajunta ao Baluarte; aonde estando seguros dos nossos arcabuzeiros, houveraõ de ser afogados com a marè, que como encheo lhe dava a agua pela barba; assim estiveraõ atè a noite, que com sua sombra salvaraõ as vidas. Subidos pois os inimigos ao cavalleiro de-raõ huma muy terrivel grita com taõ grandes alaridos que parecia vir alli o inferno todo junto, deitando dentro na Praça do Baluarte huma grande tempestade de fogo, que prendeo em humas bombas, que estavaõ arrimadas, e a huma rodella, que estava chea de alcanzias de polvora, com que se queimaraõ alguns homens, tocando logo o sino a rebate com grande pressa, aonde acudio a gente, que desarmada estava nas cascas jactando, que de diversas partes corriaõ ao Baluarte, huns vestindo as armas, e outros com lanças, e rodellas em calças, e em couras como os tomou o som de repique.

Mas quem contará os casos dezastrados, que no cavalleiro acontecerã, e verdadeiramente huma grande eloquencia ficará muda, se houvera de pintar o fogo, as mortes, os feridos, e sobre tudo aquelle infernal estrondo da artelharia, e arcabuzaria, que de ambas as partes juntamente se disparava, e assim a terrivel, e barbara grita

dos homens, pedindo huns alcanzias de polvora, e outros bombas de fogo, pedras, e lanças; e juntamente se ouviaõ outros brados taõ confusos, que se não entendiaõ, e o espesso fumo, e fogo faziaõ tal espanto, que verdadeiramente representava hum dia do Juizo, e quereremse os Elementos confundir huns com os outros, repugnando cada hum a seu contrario; finalmente foy tal o estrondo da artelharia, e arcabuzaria daquelle dia, que nenhuma ave, nem animal parou na terra, e mar dahi tres legoas, que não deixasse suas antigas moradas, e costumados postos, fugindo sem apparecerem por muitos dias depois dos Mouros idos.

Neste taõ grande conflito estavaõ no cavalleiro tres Capitães, a saber, Ruy de Sousa de Carvalho Capitão mór da Fortaleza, Fernão de Castro Capitão do Baluarte, Galpar de Magalhães; e Bartholomeu Guerreiro Alferes, com seu filho Christovão Guerreiro, e o esforçado João de Mello Fidalgo do Algarve, que pelejou valerosamente, e tambem Ambrosio de Aguiar, Francisco da Cunha, Pedro Lourenço de Mello, João Riscado, Bernardino Ribeiro, e outros Fidalgos, Cavalleiros, criados del Rey, e alguma gente meuda, que não lho impedindo, subiraõ ao cavalleiro; os quaes estavaõ taõ apertados, que não podia cahir pedra, dardo, lança, ou pilou-

louro, que não mataſſe, ou ferilſe homens.

Eſta foy huma das deſordens deſte dia, e a principal cauſa de outras muitas; porque aonde havia tanta, e deſordenada gente, houve homens, que não podendo ſoſter taõ eſpantoso fogo, saltaraõ abaixo pela eſcada feita de ralos paos, por onde ficavaõ metidos pelas pernas feitos ponte aos que deſciaõ. Entre eſtes houve alguns valentes homens, que forçados do impeto dos que ſe retrahiaõ, cahiraõ do cavalleiro, outros empuxavaõ os que achavaõ diante, e todos juntamente cahiaõ abaixo, quebrando as pernas, e as aimas. Eſtava neſta terrivel cõtenda o intrepido Capitão, e eſforçado Ruy de Souſa já todo queimado do primeiro fogo das bombas, o qual dizia: *Ah Cavalleiros de Jeſu Chriſto ſoccorrey o Baluarte del Rey noſſo Senhor, não digais, que não morre diante de vòs o voſſo Capitão.* Palavras eraõ eſtas para que todo o homem, que ſem temor da morte em tal tempo as ouviſſe, ſe arremeçaſſe dentro nos inimigos, como logo fez Pedro Paulo, e outros muitos, que lançandoſe com grande furia ſobre o parapeito, donde não poderiaõ eſcapar ſe os que preſentes eſtavaõ os não tiraſſem. Tomou logo o eſforçado Capitão Gaſpar de Magalhaens duas lanças de fogo, e eſtando pelejando com ellas, lhe deraõ huma pedrada na cabeça, que elle en-

taõ não ſentio; mas correndolhe o ſangue pelo roſto abaixo, tomou mancheas de terra, e levantando a ſellada, com a terra tapou, e ſecou a ferida, tornando logo a pelejar com as bombas, e vendo arder huma rodella, e alcanzias de pólvora, a levantou no ar para a deitar nos inimigos; mas veyolhe ao encontro huma panella de pólvora dos contrarios, e dando-lhe no roſto cahio ſobre ella, com que ſe lhe queimou o roſto, e as mãos, de que lhe ficou a direita aleijada, e o roſto abraſado, e cheyo de coſturas; mas o muito eſforçado Capitão ſe levantou com grande acôrdo, chamando a gente, que eſtava na Praça do Baluarte.

Neſte instante prendeo o fogo em hum barril de pólvora, que eſtava debaixo do cavalleiro, e verdadeiramente pareceo como huma eſpantosa boca do inferno, e aſſim de tal ſorte queimou eſte Capitão, que as canellas das pernas lhe ficarão deſpidas, e nuas de carne, das quaes nunca já mais foy ſaõ; eſte fogo o levantou no ar, e cahio abaixo como morto, onde lhe acudirão Gaſpar da Cunha, e Luiz Cayado, com outros Fidalgos, para o levantar, mas tornando em ſi, perguntou: *Se o cavalleiro eſtava por El Rey?* Ao que reſpondeo Luiz Cayado: *Que eſtava, e eſtaria.* A iſto diſſe o Capitão: *Agora morra em quando Deos ſor ſervido.* E com eſtas

palavras se aliviou de sorte que o poderaõ levar por seu pè à pouxada, onde o deixaraõ por morto. Foy tal o impeto deste fogo, que o ar delle arrebatou a Affonso de Torres, que estava na estancia de seu irmão Nuno Fernandes de Magalhães, e dalli o levou ao fim da Praça da madeira, donde cahira abaixo se fenaõ pegara fortemente na propria madeira; porèm ficou muito queimado no rosto, mão, e perna direita, de que esteve muitos dias em cura.

Antes deste fogo chegou defarmado Martim Vaz de Sousa, esforçado mancebo, q̃ pelejava com hum chuçã tão descuberto, que Gaspar de Magalhães o avilava q̃ se cobrisse, porque o não matastem; mas como neste Fidalgo fervia o sangue, por mancebo, por esforço, e honra, quanto mais temor lhe mostrava, e metia o Capitaõ, com tanta mais furia pelejava, levantandose sobre o parapeito, onde lhe deraõ hum arcabuzada de mosquete na cabeça, com que cahio morto, sem se mover, nem dar hum pequeno suspiro; porque o pilouro seria do tamanho de hum noz, e lhe abriu hum muito grande buraco, por onde lhe saltaraõ os miollos fõra sobre as armas, e rosto dos que estavaõ junto, e affastados delle. Tambem veyo defarmado ao Baluarte Jorge Nunes de Leaõ, Fidalgo experimentado nas guerras da India, o qual subido no cavalleiro pelejava

sobre hum feixe de piques, e dalli arremessando dardos, e lanças nos inimigos mostrava seu muito esforço, ahi foy ferido na ilharga direita de hum arcabuzada, e na cabeça de hum zagunchada, de que em sua pouxada morreo, e posto que estava taõ mal ferido, não se sahia da peleja, mas porque se deffangrava muito, perdida a vista dos olhos, o levaraõ muito contra sua vontade, porque dizia: *Que o deixassem morrer contente em serviço de Deos nosso Senhor, e del Rey*: o que não contentirão os piedosos companheiros. E assim já meyo morto o deixaraõ em sua pouxada, onde faleceo.

Na verdade que muitos lhe tiveraõ inveja da morte; porque foy de todos bem julgado, que junta com a opiniaõ que de sua virtude se tinha, deu causa ao comum sentimento; e que tão virtuoso Cavalleiro estaria gozando a Bemaventurança. Estava no cavalleiro D. Diogo Manoel, e seu cunhado Pedro Vaz da Veiga, muito esforçado Fidalgo, que em todos os trabalhos, e perigos se achou presente, assinalandole em tudo estremadamente, que com os outros defendião o cavalleiro. Neste tempo subio hum Mouro negro despido, com hum grande grenha espantosa, e fea, que de tres tiros que atirou com hum arcabuz, matou logo tres Fidaigos, hum delles foy aquelle valerosissimo Pedro Lourenço de Mello, que

que seu grandíssimo esforço o matou; porque este esforçado Fidalgo quiz emprender hum feito temerario, que foy lançar mão de huma Bandeira dos inimigos, a tempo que o Mouro negro atirava com o arcabuz, que nelle primeiro disparou, e cahio sobre o lugar em que tinha os pés, e por espaço de hũ Credo esteve abrindo, e ferrando a mão direita, digna de ser guardada, e estimada como huma muy rica joya; e posto que nos combates morreraõ alguns esforçados Fidalgos, e valentes Cavalleiros, este só foy mais sentido que todos; porque verdadeiramente era muito esforçado, muito chaõ, humilde, e de branda conversação. Tambem este Mouro matou a Francisco de Carvalho, e Jorge de Macedo, Fidalgos de grandes prendas, os quaes pelejavão com lanças.

Este Mouro, e outro que o cobria com huma adarga, foraõ derribados do travez pelo Capitão Francisco Portocarreiro, que os descubria pela parte do mar. Durando este conflito ardeo o dito barril que já disse, e assim queimou mais hum Fidalgo, chamado Lourenço de Sã, que todo seu corpo foy feito em carvão, de que padeceo terriveis dores em todo o tempo que viveo, o que se pôde piamente crer he, que teve nesta vida o seu purgatorio. Tambem se queimou Bernardino Ribeiro

Part. I.

no rosto, e pernas, de que esteve muito no ultimo fim da vida, ficando o rosto abrazado, e cheyo de costuras. Alvaro Dias Rebelo estando pelejando com lanças de fogo, foy tão queimado, que era cousa horrorosa, de que lhe ficou o rosto abrazado, e a mão direita aleijada, e a esquerda, e huma perna muito maltratada.

Tambem foy queimado Simão Viegas, Gaspar Valente Alferes da Bandeira Real, e Affonso Barreto, Bartholomeu Guerreiro, Christovão Guerreiro, Domingos de Almeida, e Gaspar de Medeiros, que além de ser queimado, lhe derão huma arcabuzada na cabeça. A Domingos Gonçalves lhe deraõ outra, que lhe atravessou ambas as queixadas, e foy queimado no rosto, e João Gonçalves de Alcobaça foy tão queimado, que a sua vista causava terror, e espanto; assim foy Vicente Alvares Ribeiro, e João Pires de Gavi; e Francisco Barriga foy ferido de huma arcabuzada na garganta, e Francisco da Gama foy ferido de hum pilouro de bombarda, que já tinha dado no reparo, e morto hum homem, e dando-lhe a elle na garganta lhe trocõ a boca à orelha.

Tambem forão queimados Balthazar de Pomares, e Bartholomeu Carvalho, velho de setenta annos, Cavalleiro valerosíssimo, a quem acontecerão grandes tranfes de guerra com os Mouros, que

se não podem crer, por serem estranhos, e de admiração. A Domingos Vieira, velho de setenta annos, deraõ hum arcabuzada pela boca, que lhe passou a queixada, e peito esquerdo, sahindo-lhe o pilouro pela espadua, e pelejando ainda assim ferido, lhe deraõ outra na cabeça, com que por força o levaraõ à sua casa, das quaes feridas convaleceo; Antonio Ribeiro pelejando com hum lança, lhe quebraraõ hum olho; e Antonio Mouraõ foy muito ferido de zagunchadas, de que esteve muito mal; matareaõ Joaõ Vaz, e Balthazar Affonso, Pedro Fernandes de Pontevel, Gaspar da Costa, Pedro Rodriguez, Gaspar Fernandes, e Gaspar Rodrigues. Estes todos eraõ Cavalleiros de muita valentia, e experiencia, e alèm destes matareaõ alguns soldados, de que se não faz menção, por serem de menos conta, posto que não de menor valor.

Passando adiante com a relação do combate, ha-se de saber, que no principio delle, Fernaõ de Crasto Capitaõ do Baluarte, tanto que vio o primeiro fogo se apartou delle para a escada, e vista a desordem dos homens, os começou de envergonhar, dizendo: *Arriba soldados, arriba Cavalleiros, que vergonha he esta?* E elle mesmo se foy com hum lança, e adarga contra os Mouros, e vendo hum delles vestido de escarlata, que com muito grande atre-

vimento se levantava sobre o parapeito para cortar as lanças dos Christãos, lhe deu hum lança-da, com que passado pela barriga o derribou do cavalleiro dentro na cava, e dalli por diante pelejou até o queimarem no rosto, que se foy curar. Estando pois a batalha nesta taõ espantosa preça, e perigo, pareceo a Isidoro de Almeida, que era tempo de dar fogo à mina, que tinha feito por debaixo da estrada, por onde os Mouros subiaõ ao cavalleiro, que como fica dito, cabiaõ por ella ao largo cento e vinte homens em parrelha, mão a mão.

Esta mina foy muy difficullosa de fazer, por ser por baixo de area solta, pedras, e rama; e assim porque ainda ardia o fogo por baixo da lenha, o que remediavaõ com alguns colchoens molhados para poderem seguramente fazer a obra, e andar com polvora, em lugar de tanto perigo. E sem embargo deste tão grande inconveniente Isidoro de Almeida, e Francisco da Sylva com boa industria, e perigo levarão à mina dentro no entulho dos Mouros dez palmos, em que meterão dez barris de polvora, dos quaes arderão sete, sumindo para dentro os Turcos, e Elches arcabuzeiros, que em cima estavaõ; e outros voaraõ pelos ares, outros ficarão cravados por baixo dos braços, que com muita força de homens os não podião desencravar sem ficarem

rem desconjuntados de modo que ainda que a mina não matou muitos, ficarão com tudo os vivos muito espantados, e atemorizados.

Arrebentou a mina por muitos lugares, que foy causa de dar grande baixa à trincheira dos Mouros, de modo que a nossa artelharia dos travezes jogava desembaraadamente, dando nos inimigos tão crueis mortes, que estavam atônitos, e confusos. Neste comenos desciação de cima do Baluarte para os Mouros hum delles queimado, que levava a camiza ardendo, e passando por onde os Elches arcabuzeiros estavam tomando polvora, prendeo o fogo nelles, com que se queimarão passante de trezentos, dos quaes a mayor parte morrerão, e os outros forão queimados de sorte, que nos combates não poderão mais pelejar. Diferão os Mouros, que aquelle fogo viera do Ceo em favor dos Christãos, a qual opinião ficou entre elles até o presente.

CAPITULO LXXX.

Em que se prosegue a noticia do terrivel combate de Mazagão.

TOrnando ao cavalleiro, que todo ardia em fogo, assim dos nossos, como dos contrarios, hase de saber, que foy tão grande,

e espantosa a confusão dos inimigos, que se não scuberao determinar, e esta foy a causa porque não foy entrado dos Mouros, parecendo-lhe, que sendo tanto o fogo do cavalleiro, estaria minado, ou nelle estaria feito algum artil dos Christãos para os queimarem depois de entrados; e os nossos cuidavao dos Mouros o mesmo, porque como tinhao sabido, que da nossa parte não havia naquelle lugar mina, imaginavao, vendo tanto fogo, que os inimigos o tinhao minado; e por esta causa no primeiro impeto huns, e outros se apartarao, ou abaterao abaixo, ficando alguns Fidalgos, e Cavalleiros defendendo os reparos, com mortes, e perigo grandissimo.

Todos estes homens se enganarao, por não terem experiencia; porque nem os Mouros haviaõ de pôr fogo à mina estando sobre ella, nem os Christãos o deviaõ de fazer pela mesma causa; mas tanto q foy entendido como o fogo era da nossa desordem, começaraõ os Christãos de subir com muita pressa, e determinação. Hum dos que ficaraõ dentro foy Ambrosio de Aguiar, Fidalgo esforçado, que defendia muito bem o seu lugar com huma chuça encontrando os inimigos, que queriaõ entrar. Este Fidalgo além da sua valentia se mostrou ser de grande animo, e para muito, assim nos continuos trabalhos que tomava, como nas vigias que fazia, e neste combate foy

foy bem conhecido dos Mouros, os quaes arremeçavaõ lanças, e dardos sobre elle, e sobre os que presentes estavaõ pelejando, e assim pedradas, com que matavaõ, e derribavaõ os homens, e nesta maneira pelejava. Tinhaõ os Mouros grande ventagem aos Chri-tãos; porque atiravaõ tantas pedradas, e com tanta força, que a poucos homens davaõ que os não derribassem, e houve Mouros, que com os alfanges cortavaõ as lanças, e feriaõ os soldados, como foy hum ferreiro de Mazagaõ, ao qual deraõ hum cutilada tão grande sobre a cabeça, que lha fenderaõ, porèm escapou milagrosamente, e viveo com o final que della lhe ficou; e ainda que não houvera cutiladas, nem lançadas, não era caso de ser por isso a peleja menos perigosa, como alguns ociosos differaõ, desculpan-do a sua covardia, por lá não irem; porque muito mayor he a guerra de fogo, que as lançadas, e mais valentia he esperar a morte a pe-queda, sem poder passar adiante, ou tornar atraz, que andar escaramuçando, ou pelejar às lançadas, e cutiladas, cousa que os da Fortaleza tanto desejavaõ; e assim o confessavaõ os Cavalleiros de Mazagaõ, que se tinhaõ achado em muitas escaramuças de cavallo no campo de muito grande risco: mas que aquelle modo de pelejar era o mais perigoso, e temerario que já mais viraõ; pois lhe não deixavaõ

mostrar o valor; e esforço de seus braços; e se não fora processo infinito relatar as particularidades, e successos desta batalha, mostrara o arrojo, e valentia que se vio nestes homens, assim Fidalgos, como Cavalleiros; mas basta o que está dito, que he muito menos do que se experimentou.

Ficou tambem dentro Nuno de Brito, o qual foy muitas vezes arrebatado no ar com a violencia do fogo, e derribado das pedradas se tornava a levantar, pondo a lança nos Mouros, que queriaõ aco-metter a entrada. Tambem estava no cavalleiro Francisco da Cunha, Fidalgo de grande valor, e outros de cujos nomes não tive noticia, e dos que subiraõ foy o primeiro Christovaõ da Cunha, aonde lhe deraõ tantas pedradas, que o derribaraõ; mas elle com grande valor se levantava; e punha sua lança nos inimigos, e dizia aos companheiros como haviaõ de pelejar, e offender aos Mouros, sem ficarem offendidos; alli lhe deraõ hum zagunchada pela boca, que lha passou de parte a parte, cortandolhe o buço, como se fosse com hum thifoura.

Louvo neste conflito levanta-remse os homens quando das grandes pedradas cahiaõ, e com muita razaõ; porque o lugar era muito estreito, e cheyo de muito sangue que se tinha derramado, e delatinados das furiosas pedradas, e tiros, que nelles choviaõ; além de

estarem carregados de armas, que era maravilha fazeremno tão depressa, e com tanto acordo. Tambem pelejou esforçadamente Tristão Vaz da Veiga, a quem deraõ na garganta huma aicabuzada, de que por milagre escapou; a Gaspar da Veiga seu irmão deraõ outra na barriga, de que senão teve esperança de vida, e convaleceo muito tarde. Subio a esta contenda Lopo de Siqueira, esforçado Fidalgo, Manoel de Melquita, João Lopes seu irmão, Vasco Fernandes Coutinho, Jeronymo Pestana, Manoel Rodrigues de Freixo, Miguel de Arnil, Pedro Zuzarte, Gonçalo Ribeiro, Francisco de Zoure, João de Barros, Gaspar Leite, Miguel Pestana, Duarte Luiz, Luiz Nicolao, Francisco Niculao, Alvaro Rebello, Luiz Cayado, Manoel Landim, Antonio Velho, Bartholomeu de Vasconcellos, que no Brazil tomou a Fortaleza do Rio de Janeiro aos Francezes, e assim pelejou muito valerosamente D. Diogo de Castellobranco, que querendo dar huma lançada em hum Mouro, lhe lançaraõ mão da lança, forcejando os Mouros de fõra, e elle de dentro largo tempo, puxando por ella para huma, e outra parte; finalmente D. Diogo livrou a lança da mão dos inimigos, estando já desesperado de a cobrar, e determinado a se deitar com ella entre os Mouros pela não perder senão com a vida. Tambem pelejaraõ

com grande valor D. Gonçalo de Castellobranco, D. Diogo Manoel, Pedro da Fonseca, Sancho de Toar, Manoel Correa, Francisco Ferreira, e D. Antonio Lobo, que passando, lhe disse o General: *Muitos faltaõ no cavalleiro que mostravaõ ser para muito.* Ao que respondeo D. Antonio: *Se dizeis isso por mim, eu vos prometto de não descer do cavalleiro senão morto, ou com victoria.* E logo sobio, onde o fez com tal desempenho de sua palavra, como deste Fidalgo se esperava.

CAPITULO LXXXI.

Do mais que succedeo no cavalleiro em o assalto de Mazagão.

E Stava neste tempo o cavalleiro com as Bandeiras rotas, e queimadas, e não loavaõ as trembetas, nem os tambores; o que Francisco da Cunha não pode soffrer, bradando que se remediasse logo muito depressa esta grande falta, mas não era facil pela muita que tinha de gente; porèm accordando a isso o General, que estava junto do canto do Baluarte, ordenou a Luiz de Craсто, que logo com grande diligencia, e cuidado levasse sua Bandeira, com alguns homens ao cavalleiro, o que elle logo executou brevissimamente, deixando a sua estancia, e subindo

ao Baluarte lhe derribaraõ o Alferes de huma arcabuzada, que deu com elle em terra de tal modo, que o levaraõ dalli quasi morto. E Gaspar Gato, que no rosto estava muito mal ferido, tomou a Bandeira, e a teve hum pouco, e desgostandole de estar occupado com ella, sem trabalhar na peleja, a deu a Pedro Antonio, homem preto, que a teve junto ao parapetto, como valente, e esforçado soldado, e dalli com a espada nua atirava grandes golpes aos Mouros quando appareciaõ, de que ficavaõ taõ espantados, que huns com os outros se confundiaõ; e elle lhe dizia com muito animo: *Ab perros infames, viva El Rey D. Sebastiaõ*. Deste muito esforçado, e valente Preto, se diffêraõ muitas cousas, e grandes aventuras, as quaes eraõ dignas de muito grande louvor; mas esta foy muito para estimar, e acção de grande valor. A esta hora deitaraõ os Mouros outra tempestade de fogo, com que queimaraõ a Gaspar Gato, Gonçalo de Siqueira, Nicolao Rodriguez, e outros muitos, que não nomeyo por lhe ignorar os nomes. Neste tempo subio Antonio Muniz Barreto, onde achou Luiz de Craсто mandando, que tirassem debaixo dos pès hum soldado, que ainda conservava algum alento, que depois com boa cura viveo.

Aqui disse Antonio Moniz: *Ab senhor Luiz de Craсто, pare.*

cerros que são boas hortas estas de Alvalade? Ao que respondeo Luiz de Craсто: *Que para o tempo taõ boas eraõ aquellas, como as de Alvalade*. De modo que estando taõ rodeados de mortos, e esperando elles o mesmo, ou em occasiaõ quasi certa de lhe vir a succeder o mesmo, diziaõ ditos, e graças, como se estivessem divertindose nas hortas de que fallavaõ. Neste tempo subio ao cavalleiro Gomes Freire, Fidalgo de muito esforço, a quem verdadeiramente se podia encomendar qualquer importante negocio de guerra, por seu grande cuidado, vigia, e boa diligencia. No tempo do repique chegou D. Antonio de Almeida, filho de D. Duarte de Almeida. Este mancebo vinha apressado, e corrido por não se achar no cavalleiro; e porque entaõ a gente se retrahia, ou apartava do fogo, quiz elle fazer força aos muitos, que vinhaõ recuando empurrados dos primeiros; mas foy derribado do muro abaixo altura de trinta palmos, e como estava armado, e cahio de costas, teve-se por cousa milagrosa não arrebentar, como succedeo a hum Cavalleiro que cahio sobre elle.

Mas o esforçado mancebo se desembaraçou debaixo do morto, e com o impeto que levava lançou mão da espada, e a rodela embracada, subio por outro lugar ao cavalleiro, onde do fogo foy algumas vezes levantado no ar, e lhe deraõ

derão muitas pedradas, e zagunchadas, de que nosso Senhor o guardou, como da queda já se disse em outra parte, que levantarem-se os homens que cahião de pedradas, ou como este Fidalgo cahio, e assim qualquer outro accidente desta qualidade, era de grande animo, e esforço; e os antigos Capitães quando vencião seus contrarios notavaõ nos vicios semelhantes cousas, e nos mortos o modo como estavaõ feridos, se era nos peitos, ou costas, e daqui tomavaõ conhecimento, e aviso, com que gente pelejavaõ, e como se haviaõ de haver com elles. Nisto teve Pirro grande primor, e assim todos os assinalados Capitães daquelles antigos tempos, e por este respeito faço grande caso deste, que não parece pequeno.

CAPITULO LXXXII.

De como os nossos pelejaraõ esforçadamente no cavalleiro, vendo hum Crucifixo arvorado no muro.

EM toda a distancia de tempo, que durou o combate, que foraõ quatro horas, dous Frades de S. Francisco estiveraõ no muro com hum Crucifixo levantado contra os Mouros, que dava muito animo, e esforço aos Christãos para pelejarem sem nenhum temor, e muita confiança; e em

Part. I.

quanto aconteciaõ estas cousas no cavalleiro, estavaõ nas estancias de Nuno Fernandes de Magalhães, e Vasco Fernandes Homem, alguns Fidalgos, criados delRey, e Cavalleiros de Mazagão postos de joelhos, esperando quando por alli entrariaõ os Mouros, por ser lugar mais aberto, e aparelhado para entrar, que outro nenhum; mas como na estancia de Vasco Fernandes Homem estavaõ os arcabuzeiros de João de Mendoça, destros, e valentes homens, atiravaõ com tanta pressa, e ordem que nunca os inimigos ousaraõ entrar por lugar tão chaõ, e aberto.

Aqui esteve Vasco da Cunha, Antonio Carvalho, Vasco Fernandes Homem, Ruy Dias de Soutomayor, João de Sousa, João de Teive, e outros muitos, onde Fernão Vieira disparava as bombas, e lanças de fogo nos Mouros, com que os aflagava, e elles o serviaõ com muitas pedradas, e arcabuzadas, com que mataraõ dous arcabuzeiros nossos, e todos os Fidalgos que alli estavaõ se tinhaõ por mortos, por terem suspeita de que aquelle lanço do Baluarte estava minado, porque os dias antes picaraõ os Mouros por baixo, e metiaõ felhas dentro, que se podia presumir serem de polvora.

Aqui aconteceu entre outros hum caso estranho, que estando Vasco Fernandes Homem com huma mão sobre huma pipa, lhe

meteraõ hum pilouro de arcabuz por entre a manga da camisa, e a carne até o sangradouro sem lhe fazer mais que hum pequeno vergaõ, que todos viraõ, e se maravilharaõ. Tambem aqui deraõ hum arcabuzada a Ruy Dias de Gasto, de que esteve propinquo à morte; tambem deu hum pilouro de bombardas ao cavalleiro, e cahio sobre Nuno Fernandes de Magalhães sem perigar. Assim como Deos guardou a estes, o fez a outros muitos, que estavaõ no cavalleiro; porque estando no muro duas bombardas affestadas ao cavalleiro carregadas com dardos, e pilouros, para que se acaço succedesse, que os inimigos entraßem, logo disparassem as bombardas para os matarem; veyo hum homem defatinado muito de pressa pôr fogo às bombardas, e senaõ fora Vicente Carvalho, que estava presente, e lhe tomou o murraõ, o defastre se effectuava, onde ao menos poderaõ morrer cem Fidalgos, e Cavalleiros.

Tornando pois ao combate, no principio delle Joaõ Riscado grande Cavalleiro, que do principio do acometimento servio na peleja, e defença, entendendo que detraz do parapeito junto da estancia de Nuno Fernandes de Magalhaens estavaõ alguns Mouros escondidos; porque muitas vezes via daquella parte levantar braços, e arremear dardos, e pedras; e como entendeu o que suspeitava,

lançou com grande perigo a cabeça fóra, e vio estar juntos alguns inimigos. Logo pedio hum pannela de polvora, e acaço lhe deraõ hum grande jarra della, a qual quebrou, e accezos os muros a deitou nos Mouros, que os queimou de tal modo, que nunca mais alli tornaraõ; mas em recompensa lhe deraõ hum arcabuzada na cabeça, que ao suslayo lhe fez hum perigosa ferida, e outra de zaguncho, e pedradas taõ furiosas na cabeça, e garganta, que o fizeraõ tornar atraz, e torcer o rosto sobre as costas, o que poucos homens poderiaõ soffrer.

Mas como Joaõ Riscado era dos homens valerosos, com força, e coração esperava taes pedradas, e assim pelejou até senaõ poder ter nos pès, pelo que lhe foy forçado irse curar, e em seu lugar subio Pedro Carvalho, que logo foy queimado nas mãos, e rosto que não via cousa alguma; que diremos de Pedro de Goes, o qual estava na sua estancia dando ordens; e mandando tirar a sua bombardas, a qual deixou com a furia, com que hum nobre coração arreben-ta nas injurias recebidas. Com esta arremeteo ao cavalleiro, onde do fogo, e pedradas foy algumas vezes derribado, e dandolhe hum pedrada na face cahio saltandolhe a sellada fóra da cabeça, que elle tomou, e levantandose com grande presteza, pelejou com gran-

grande valentia, e esforço notavel.

Logo lhe deraõ outra pedrada, na cabeça cõ q̃ o derribaraõ, e desta perdido o sentido andava pelo chaõ entre as lanças quebradas, e os pès enlameados da muita agua, que tinhaõ deitada para contra o fogo, misturada com o sangue, que se derramava; desta sennaõ pode elle levantar, e se o naõ ergueirão muito depressa, alli acabara seus dias pizado da multidaõ da gente, que no Baluarte estava. Neste tempo Sebastiaõ de Brito estava na porta do mar; que lhe era encomendada por ser homem esperto, de que se podia fiar tal cargo, como era o que tinha, que era muito importante; pois estando este Fidalgo recolhendo os mantimentos, e muniçoens, que dos navios vinhaõ, vieraõ a elle correndo alguns homens muito espantados, dizendo, que o cavalleiro fora dos inimigos minado, e eraõ queimados quantos nelle estavaõ, e que já estava tomado dos Mouros.

Mas Sebastiaõ de Brito muito indignado contra tal nova, ferrou a porta; porque aquelles temerosos, e outros taes naõ fizessem impeto, e desordem, aos quaes envergonhou com palavras dignas de quem elles eraõ; e logo se foy com muita pressa ao cavalleiro, aonde subio, e se encarregou das alcanzias de polvora, que foy causa de naõ haver alli mais nenhuma

Part. I.

desordem, e chegado ao espigaõ, ante o parapeito, tomava as alcanzias, e quebrandoas as dava a Nuno da Cunha, e a Fernaõ Rodrigues, os quaes as arremessavaõ nos Alferes das Bandeiras dos inimigos, com que se queimavaõ, do que procedia reformaremse muitas vezes; e assim foy muito ferido Nuno da Cunha, e queimado Fernaõ Rodrigues.

Estando pois ainda a batalha em pezo pelejando huns, e outros com grande pertinacia, pedio Pedro de Goes que viessem arcabuzeiros, os quaes assentou aonde lhe pareceo, fazendolhes grandes promessas; e começaraõ a derribar os Alferes inimigos com tanta pressa; que naõ podendo já sofrer as muitas mortes que recebiaõ, desampararaõ a Praça, e apressadamente se desceraõ vencidos, e tristes; e tanto que foraõ nas suas trincheiras dispararaõ toda a sua artilharia, com a qual mataraõ hum só homem, que estorçadissimamente tinha pelejado aquelle dia, ao qual levou hum pilouro a cabeça fóra dos hombros muito longe, ficando o corpo em pé por hum pequeno espaço. Acabado o combate ficaraõ huns, e outros taõ surdos, e quebrantados, que bem se mostrou o damno recebido; e a causa que havia para chorar os mortos; e posto que a victoria foy dos Portuguezes, perdemos alguns esforçados Fidalgos, e valentes Cavalleiros dignos de

Gg ij

erer-

eterna memoria para a posteridade, que se deviaõ muito sentir, o que não poderey deixar de fazer neste lugar.

CAPITULO LXXXII.

De como a Rainha mandava consolar aos que perdiaõ seus filhos, e parentes.

A Rainha Dona Catharina sabendo dos muitos mortos, que em Mazagaõ morreraõ, mandava consolar os seus progenitores, assim como a Lourenço de Sousa, que mandando-o a Rainha consolar, e a sua mulher, responderaõ, que elles estavaõ muito satisfeitos, porque Martim Vaz seu filho morrera no serviço de Deos, e delRey, e que o filho herdeiro, que lhe ficava, estava prestes para ir servir a Sua Alteza em Mazagaõ, ou qualquer parte que ElRey fosse servido. O mesmo aconteceo a Sebastião de Macedo, Fidalgo virtuoso, e discreto, que tomou com muita paciencia a morte de seu filho herdeiro Jorge de Macedo, Cavalleiro de muito preço, e valentia; assim succedeo à muito honrada, e virtuosa Isabel do Avelar, a quem no animo nenhuma Lacedemonia lhe fez ventagem, quando a Rainha a mandou visitar, e consolar da morte de seu filho Jorge Nunes de Leaõ, a qual respondeu: *Que já lhe ti-*

nhaõ nas guerras da India, morto quatro filhos, que muito a quebrantavaõ, e muito mais este, que grandemente amava; mas que ainda lhe ficava outro, que era sua ultima, e unica consolação, ao qual ao presente estava fazendo prestes para o mandar a Mazagaõ em serviço de Deos, e delRey.

Isto não consentio a Rainha, mandandolhe dizer quanto lhe agradecia o seu tão honrado offerecimento, o qual lhe satisfaria com assinaladas merces, como logo mostrou; porque prescrevendo humas principaes Casas, por morte de Jorge Nunes, e pedindo-as hum Fidalgo muito privado, lhas negou, dizendo: *Que Jorge Nunes não era ainda morto, nem o seria já mais diante dos Reys de Portugal para delles receber merces; cujo irmão que unicamente lhe ficou, foy depois o Delembargador Duarte Nunes de Leaõ, bem conhecido neste Reyno, e fóra delle por seus escritos.*

Mas voltando a Mazagaõ, he de saber, que no fim da batalha, e já quasi noite, armou o General Cavalleiros a todos aquelles, que o quizerão ser, em memoria de tão famosa resistencia, que alli fizeram, contra tão grande poder de barbaros tão valentes, e obstinados, e da vitoria que delles alcançaraõ. Aqui aconteceo hum caso gracioso, e digno de memoria para escarmiento de outros, o qual he o seguinte.

CAPITULO LXXXIV.

De alguns casos graciosos, que succederão acabado o primeiro combate.

HUm mancebo bem disposto, e melhor armado, que em cousas de gastos se aventajava aos outros homens, por ser muito rico, foy logo no fim do combate armado Cavalleiro, e tanto que amanheceo determinou embarcar se, ou por amores, e saudades de sua mulher, com quem era casado de pouco, que he honesta desculpá, ou por temor de outro tal dia, como o passado; finalmente se foy à porta do mar, onde então fazia a guarda Sebastião de Brito, o qual como vio o mancebo querer-se embarcar lhe disse: *Que não podia ir-se com armas, que deixasse a sellada, a qual era guarnecida de seda, e ouro.* O mancebo se desculpou, dizendo: *Que chegava ao navio para trazer dinheiro, que logo tornaria.* O que lhe não valeo com Sebastião de Brito; por que homem, que se não engana de ligeiro, tarde he enganado; e assim vendo que o não deixava ir deu a sellada; e querendose partir lhe foy pedida a espada dourada, que elle tambem deu, e o que he mais de notar, que hum soldado, que estava presente, fingio que lhe devia certa quantia de dinheiro, de que o mancebo se esconju-

rava, affirmando que tal dinheiro lhe não devia; mas em fim como o navio estava para partir, por não ficar em terra, lhe foy forçado pagar o que não devia, e dera muito mais por se ver fora do perigo, que já tinha experimentado; e não se pôde crer que nenhum homem obre cousa tão vergonhosa senão por amores, os quaes logeitaõ tudo a si, e he verdade que houve outro homem tão saudoso, e namorado de sua Dama, que se lhe fora possível passar a nado para a ir ver o fizera; tão varios são os seus effeitos, que huns perdem as vidas em muito grandes perigos por suas Damas, e outros por ellas as poupaõ.

O que pelo contrario aconteceu a D. Diogo Manoel, q quando lhe davaõ as bombardadas no cavalleiro, onde estava, depois q se alimpava da terra, e pedra, q sobre elle com grande perigo cahia, dizia: *Que por amores de sua Dama sofreria muito mayores trabalhos.* Considerando isto a discreta Rainha Dona Isabel a Catholica de Castella, quando El Rey D. Fernando V. seu marido foy cercar a Cidade de Granada, foy ella ao cerco, levando todas suas Damas, por cujos respeito os Fidalgos fizeraõ grandes feitos de armas contra os Mouros, trazendo às suas Damas as cabeças, e despojos dos que vencião; o que se conta por cousa muito virtuosa.

Hum Ecclesiastico mancebo gran-

grande valente, e muito namorado; por cuja causa fazia em sua terra grandes valentias, que os covardes com algum favor em sua patria fazem; chegou a Mazagaõ a matar Mouros, e andando pela Villa dando mostras de sua pessoa muito fogoso, olhando para todas as partes, vestido em huma coura com hum montante debaixo do braço, parecendo mais soldado, do que seu estado requeria, de modo que cuidavaõ todos os que o conheciaõ, que se o General o não detivesse, o Xarife corria risco; mas elle o entendeu de outra maneira, e se houve muito ao contrario do que se esperava, porque tanto que ouviu o tom das continuas bombardas, e os pilouros, que pela Fortaleza passavaõ a huma, e a outra parte se atemorizou de forte, que na mesma noite do dia que chegou, se embarcou no navio em que foy, sem sahir mais em terra, até partirse para a sua.

Destes taes valentes ha muitos nos grandes Povos, que por culpa dos Magistrados são authores de mortes, e ferimentos de homens, que debaixo de boa fé vivem descuidados; e assim tem lugar o adagio, que diz: *Não vive mais o leal, que em quanto quer o traidor.*

De outro Ecclesiastico farey menção, porq se guardê os Sacerdotes de outros semelhantes acontecimentos. Hum Clerigo de reverenda pessoa, e obras pouco virtuosas foy morto na Fortaleza, o

qual o mais do tempo residia em Mazagaõ, gastando largo em banquetes, jogos, touros, canas, e valentias. Estas cousas com grande despeza fazia em Mazagaõ por sua intenção, de que não pude saber a origem, o que eraõ obras mais de homem mundano, e dissoluto, q de honesto Sacerdote. Este homem era no jogo grande tafful, e desta habilidade se aproveitava na Ilha da Madeira, e em outras partes onde assistio, e todo o dinheiro que ganhava, vinha gastar a Mazagaõ.

Andando pois hum dia à formiga tirando terra das minas, que elle pudera escusar, e estando dizendo muitas palavras graciosas, de que era bom official, chegou-lhe a occasião de acabar seus dias, e não havia huma hora que jogara quanto dinheiro tinha, e com este enfadamento deixou o trabalho, e se foy a huma guarita para ver o que faziaõ os Mouros no campo, e não foy bem chegado quando por hum pequeno buraco lhe deraõ huma arcabuzada por huma queixada, ficando-lhe o pilouro metido no cerebro, de que ficou morto; e aquelle que no mesmo instante estava rindo, e zombando dos Mouros, que não estavaõ na Quaresma confessados, logo tornou para o mesmo lugar sem rir, nem zombar, mas morto, mostrando delle os que o conheciaõ. Assim, que este Clerigo, que houvera de ir à guerra a curar as

almas,

almas, e corpos dos irmãos, como faziaõ os Padres da Companhia de Jesus, por onde mereceraõ diante de Deos, e do Mundo louvores, e premios; foy a jogar, e triunfar em banquetes, e festas, morrendo taõ desastradamente.

Outro exemplo quero aqui escrever de hum soldado, q̃ chegou a Mazagaõ, o qual dizia, que todo o soldo de dous mezes gastara em gulodices de comer, de que já não tinha nada, e como entrou na pouxada arrimou o arcabuz a humma parede, sem que nunca mais se atrevesse a pegar nelle, e sendo calumniado de fraco, e ameaçado com roca, dizia que se o embarcassem de noite com roca na finca, como tinhaõ feito a outros, elle se iria para Lisboa muito contente, sem vergonha; e depois que ouvio tal tormenta de bombardadas, disse que já se embarcaria de dia se lhe dessem licença; e o que se ha de notar neste homem he, que em quanto os Mouros estive-raõ no cerco, sempre esteve deitado gemendo dos dentes, e partidos os Mouros se levantou como hum touro, e cada dia tinha brigas, e arrancava a espada a cada canto. Estas cousas disse aqui para advertirem os Capitães sobre seus soldados, e para que se veja que taes se mostraraõ postos na guerra muitos fanfarroens que na Corte se andaõ ostentando.

Outro mancebo, que se prezava de gentilhomem andou na For-

taleza muito custoso de roupas bem feitas, e taõ justo de botas picadas, e limpo de vestidos, que era muito para ver, o qual nunca subio ao muro, nem se empoou, mas todos os dia dava humma vista pela porta do General, e se recolhia à sua madrilheira, sem ser mais visto. Eu supponho, que este mancebo devia ser da natureza dos martas, ou arminhos.

CAPITULO LXXXV.

Das folias, que se fizeraõ na Fortaleza pela vitoria do combate, e do mais em que logo se cuidou.

DEpois que se acabou o combate sobreveyo a noite muito triste, escura, surda, e sem folias, nem trombetas, como quer que de antes todas as noites se fazia ao contrario, o que considerando hum alentado soldado, que estava na vigia, cujo nome era digno de ficar em memoria, lhe pareceo que em tal tempo se devia mostrar mayor alegria, que as noites passadas para entristecer aos inimigos, que tambem estavaõ furdos, e ao tempo de mudar as guardas não tocaraõ seus tambores, como costumavaõ, e deixando a vigia encomendada aos que estavaõ alli, foy ter com Luiz de Crasto, que estava na sua estancia dormindo armado, e quebranta-

do, ao qual disse, que porque não cuidassem os Mouros, que estavamos mais vencidos que vencedores, devia logo mandar chamar a sua folia, para festejarem a victoria sobre o muro, para que vissem os inimigos, que estavamos victoriosos, e os desprezavamos; o que logo se poz por obra, o que tudo se festejou no quarto da madorna, e a parte da alva, e no fim se recolhêrão a dormir.

O mesmo fez com João Rodrigues de Torres, que estava na sua estancia tambem dormindo armado, que logo se levantou, e mandou os seus trombetas ao Baluarte, aonde tangerão alegremente, e assim foraõ por todo o muro tanguendo, o que fizeraõ atè que a manhã veyo rompendo, que os trombetas do General começaraõ a tanger como tinhaõ de costume. Tanto que amanheceo tornaraõ os da Fortaleza a porse em armas, esperando o segundo combate, e assalto, que logo cuidavaõ que se dèsse, e como viraõ que os Mouros trabalhavaõ na sua trincheira, que a nossa mina abaixou, tambem elles trabalharaõ com grande diligencia, reparando o cavalleiro, do que cumpria. Estas diligencias faziaõ os homens Fidalgos, e Cavalleiros; os quaes Fidalgos Portuguezes não sòmente pelejaõ nas guerras, mas servem de gastadores, e trabalhadores, como os mais robustos homens de trabalho se achão. Esta

he huma das finezas, que os Portuguezes nobres tem muito para estimar, e blasonar com grandes louvores.

CAPITULO LXXXVI.

Do conselho, que se teve se sahiriaõ a dar nos Mouros, e como não teve effeito.

A Os vinte e seis do mez de Abril se teve conselho sobre se sahiriaõ fóra a dar nos Mouros, que com grande pertinacia, e desprezo batiaõ o muro, e estavaõ picando debaixo da estancia de Nuno Fernandes de Magalhães, o que muitos não sofriaõ, tomando cada dia por sua esta injuria, assim que juntos em conselho houve muitos votos, que sahissessem pelo lugar por onde os Mouros subiaõ, e que dandolhe em cima de improviso a horas de meyo dia, se faria huma boa jornada, e se lograria huma boa occasiaõ, e poderia succeder, que ganhassem a trincheira, e artelharia, e quando assim não succedesse, ao menos reconheceriaõ se os inimigos minavaõ; porque havia suspeita, que todo o Baluarte estava picado. Isto se entendeu, porque huma noite hum Elche deitou hum caparaõ de assor dentro na Fortaleza, e outra noite perguntou: *Se viraõ o caparaõ*, e foylhe dito, *que sim*, e elle disse: *Que olhassem pelos pés do*

do affor, que a cabeça estava segura.

E por esta causa, e methaphora no conselho se affirmava, que deviaõ sahír fóra; porèm que fosse pela baixamar, e de noite pela parte do Norte, huma encamizada de quinhentos homens, e tanto que estes chegassem defronte do lugar do combate, sahiriaõ outros quinhentos arcabuzeiros pela porta do mar, contra o bastiaõ dos Mouros, e assim todos juntos com grande estrondo de trombetas se fariaõ senhores do bastiaõ, e trincheiras, e poderiaõ encravar a artelharia, ou derriballa na cava.

Este conselho estava posto em razaõ, julgando a cousa de dentro da Fortaleza; mas a verdade era que se sahisses, por qualquer via, todos se perderiaõ; porque se tomassem a trincheira, e o bastiaõ que estava junto da cava, ficavaõ-lhe dentro outras trincheiras muito altas, e fortes, com artelharia, que estava asseltada ao muro, com que podia matar a gente, que estivesse no bastiaõ; e se quizessem passar estas primeiras trincheiras, todos se perderiaõ nas muitas cavas, valados, e travezes, que os Mouros tinhaõ nestas estancias; e porque Deos foy servido desviar este conselho, e não quiz que tivesse effeito, nem houvesse outro senão o de sua misericordia, como fez com ElRey Ezequias, quando lhe mandou dizer por Isaias Profeta: *Que não temesse a multidão dos Assyrios, que sobre fe-*

rusalem estavaõ; porque pelo caminho por onde vieraõ, por elle tornariaõ, e que elle guardava a Cidade por amor de si, e de David seu servo. O que se cumprio em Mazaçaõ, que guardou Deos a Fortaleza por honra sua, e de sua Fè, e das muitas oraçoens de seus Fieis; e aconteeço que pelo caminho, por onde os Mouros vieraõ com grande soberba, pelo mesmo tornaraõ vencidos, e quebrantados.

Esta noite do conselho sahio Ifidoro de Almeida pela mina alta do Baluarte, e vio o que os Mouros da guarda faziaõ, e fallandolhe em Castelhana, lhe disse: *Ah Cavalheiros, pareceos que estais seguros?* E logo se recolheo. Outra noite sahio pela mina de baixo Cleofas Gil, esforçado Cavalleiro, e vio o que faziaõ os Mouros da guarda, os quaes dormiaõ de modo, que pudera matar alguns delles, mas muito caladamente subio pela sua estrada no nosso Baluarte, o que deu tal sobressalto aos que vigiavaõ, que apellidaraõ: *Arma arma*, e houve repique à meya noite, a que acodio toda a gente da Fortaleza, a qual o General mandou pôr no canto do Baluarte, por senão abater a Praça de madeira. Assim se cumprio; porque D. Diego de Menezes, e Sebastiaõ de Brito, com o comedimento de bons Cavalleiros, e Fidalgos, não quizerão passar adiante, o que servio de grande exemplo para que toda a

outra gente o não fizesse; e visto o que era se tornaraõ às suas estancias, e pudera aquelle atrevido Cavalleiro ser alli morto por engano dos que o viraõ subir cuidando que era Mouro.

CAPITULO LXXXVII.

De como os nossos sabiraõ outras vezes de noite a ver o arrayal do inimigo.

A Outra noite seguinte se offereceo Gaspar de Medeiros, mancebo animoso, e determinado Cavalleiro de Mazagaõ, o qual disse ao General, que elle sabia fora a ver todas as obras, que os Mouros faziaõ, do que o General ficou muito satisfeito, parecendo-lhe que faria o que dizia, e sahindo pela mina fora, vio largamente o que queria, e tornando logo com a informação ao General, o qual não ficando inteirado do quanto desejava o mandou outra vez fora, o que o valente mancebo não duvidou, e sahindo pela mesma parte tomou hum feixe de lenha dos inimigos, com que cobrio a cabeça, em que trazia huma arcabuzada do combate passado; e subindo pela trincheira dos Mouros vio o que faziaõ, e o em que fallavaõ, com que logo se tornou ao General, que se deu por muito bem servido.

Havia neste tempo na Fortaleza grande trabalho em levantar os

reparos, que sobrelevassem os dos inimigos, para que senhoreando suas obras ficassem os nossos superiores, e com ventagem; e por esta causa cada hum imaginava algum ardil. Nesta investigação de novos ardis era Christovão da Cunha muito cuidadoso, e hum dia passando pela poulada de Antonio Coelho Capitaõ de huma companhia, lhe disse, que fossem ver se achavaõ modo de damnificar os inimigos, e chegando sobre a porta da Villa, se subio sobre humas pedras, estando o Antonio Coelho sostendo que não cahisse; neste tempo dispararaõ os Mouros huma bombarda, e deraõ na muralha, que toda cahio sobre o dito Christovão da Cunha, e Antonio Coelho, que logo morreo; e Christovão da Cunha, que ficou enterrado debaixo de muita pedra, foy desenterrado meyo morto, e levado em braços à sua poulada, do que depois esteve muito tempo enfermo, de sorte que se não movia de hum lugar, e para o moverem de huma parte para a outra, era com grande relguardo; porque todo seu corpo ficou moído, e pizado.

Havia dous dias antes, que se tomara com elle, e com hum Italiano conclusão em fazer humavez de madeira sobre a Praça do Baluarte, o qual se deixava de fazer por sua ausencia. Isto sabido por Christovão da Cunha se fez levar ao muro em huma cadeira, e fez

e fez dar principio à obra ; que era muito necessaria. Outro dia parecendo-lhe que estava saõ, se foy ao Baluarte Santiago a ordenar algum modo para damnificar os inimigos, e passando por entre humas pipas, lhe deraõ huma arcabuzada na cabeça, que lhe passou o chapeo, e o barrete dobrado na testa, rapandolhe o cabello junto ao casco, da qual cahio no chaõ, onde acodiõ seu irmão Vasco da Cunha, que lhe tinha dito, que não passasse por alli, o qual disse: *Matarão, matarão*, ao que elle levantandose respondeo: *Naõ matarão, naõ matarão*, e se foy a poulada, onde do ar que recebeo da pizadura, tornou a recahir, de que esteve alguns mezes tolhido.

CAPITULO LXXXVIII.

Do que se fez em Mazagaõ, e de como se tomou hum lingua.

AO outro dia, que foraõ 28. de Abril, Pedro Paulo, Capitaõ de huma galè, homem de grande esforço, e bem afortunado em todos os successos, que empredeo contra os Mouros, pediu licença ao General para ir tomar lingua, que entaõ era muito conveniente, e necessaria, o qual lha concedeo; e metendose em hum batel, levou consigo Domingos Gonçalves, Pedro Fernandes, Gaspar Pires, Antonio Ferreira, Ma-

Part. I.

noel Real, Joaõ Domingues, Domingos Fernandes, Belchior Gonçalves, Francisco Martins homem pardo, todos muito valerosos, com os quaes se partio ante manhãa, e se foy contra Titte Cidade deserta, e meteo o batel em huma calheta, e com os sobreditos Cavalleiros, se poz de salto junto das tendas do Alcaide C, afim, e em amanhecendo veyo por aquella parte hum Mourõ de cavallo, e chegando ao mar para se lavar, poz os olhos no Ceo contemplando as Estrellas, e manhãa, no qual tempo arremeteraõ a elle, e o abarcaraõ sobre o cavallo, encarandolhe hum arcabuz aos peitos se fallasse, pelo que não disse palavra alguma, e logo o tiraraõ da sela sem rumor, e o meteraõ no batel, ao que acodiraõ alguns Mouros, a tempo que o batel já estava de largo, donde atiraraõ huma arcabuzada ao cavallo, que dando hum pequeno gemido, cahio morto.

Chegando Pedro Paulo com esta preza à Fortaleza, toda a gente concorreo a vello, do que o Mourõ muito se espantava; porque em lugar taõ estreito os homens armados pareciaõ huma grande multidão. Este Mourõ foy perguntado por muitas vezes, e sempre fallou por huma boca, dizendo huma mesma coula, e era que ainda os Mouros dariaõ outro combate, e que senaõ tomassem a Fortaleza, não torna-

riaõ mais, porque se retirava a gente huns às suas searas, e outros fugindo do perigo, e fome, que entre a gente meuda fazia terrivel guerra.

Esta mesma noite correu huma exalação, ou resfulgente Cometa de sobre a Fortaleza contra Azamor, o qual era muito largo, e espantoso. Este Cometa virão os Cavalleiros, e outros muitos, cuja vista lhes causou grande admiração. Neste tempo se fazia o nosso travez de madeira sobre a Praça do Baluarte; porque os inimigos levantaraõ tanto a sua obra, que nos foy forçado igualar com elles. Já de antes Ifidoro de Almeida, e Domingos Pereira com muito grande perigo tinhaõ levantado sobre a ameia do muro hum reparo de faxina, e terra, que custou a vida de hum homem; mas sem embargo do perigo se levantou para reparo dos arcabuzeiros, que dalli fizeraõ guerra no segundo combate, como o fizeraõ no primeiro, do travez de pipas, como fica dito.

Este mesmo dia deraõ os Mouros huma grande bataria de bombardas no cavalleiro, e Baluarte, com que derribaraõ muita parte da muralha. Estava então na guarda Francisco da Cunha, Pedro Zuzarte, e seu irmão com outra gente, e assim mesmo Lourenço Marques, que com muito perigo andava reparando com sacos de terra hum portal, que com a arte-

lharia se abrio, e levando elle, o hum forçado sacos de terra, hum pilouro de bombardas matou o forçado, que Lourenço Marques tirou pelos pés, e o cobrio com hum ceiraõ, e tomando elle só o saco de terra o arrimou ao portal, que naquella sezaõ era alvo dos arcabuzeiros Turcos. Achouse nesta briga João Picoto, valente Cavalleiro, que não trazia outras armas, senão hum cesto, com que acarretava a terra, e pelejando com alcanzias, deu huma bombardas no reparo, que matou hum homem, e dandolhe o impeto da terra, e madeira nos peitos, cahio como morto; logo Ambrosio de Aguiar o cobrio com hum ceiraõ, e tornou a reparar o damno, que fez a bombardas, pondo elle, e outros os pés sobre João Picoto, que tornou em si levantandole com muita furia, como homem desatinado, perguntando, porque o cobriaõ com ceiraõ como a morto; e injuriado de estar tanto tempo como esmorecido, tornou com colera a deitar alcanzias de polvora nos inimigos em vingança da bombardada, de que Deos o guardou.

Este Cavalleiro era notado na Fortaleza de muito confiado, e temerario, porque se arremessava aos mayores perigos desarmado sem nenhum medo, de modo que muitas vezes lhe custava caro. Nesta conjunção estava na mina de cima Miguel Pestana, que ficou

cou enterrado dentro na mina, e dizia, que não soubera quem o tirara debaixo da pedra, donde sahio muito pizado. Tambem se achou nesta bataria Duarte Luiz, esforçado Cavalleiro, que andava desarmado, e por rodela trazia hum cortiça, que com seu bom coração lhe servia de arnez dobrado. Este Cavalleiro he digno de grande louvor por suas obras, e esforço; porque foy homem, que em todos os lugares mais perigosos o achavaõ, ou enterrado debaixo das pedras, ou pelejando com alcanzias de polvora. Tambem andava desarmado com hum cestão na cabeça Simão Pires, que em todos os perigos, e combates se mostrou homem muito valente, e esforçado.

CAPITULO LXXXIX.

De hum enxame de abelhas, e de hum carta de hum Elche, que se deitou em Mazagaõ.

HUm destes dias vieraõ ao cavalleiro tanto numero de abelhas, que caularaõ admiracão. Isto foy notado daquelles, que entaõ tinhaõ a guarda daquelle dia, que o contavaõ por grande maravilha. Estas abelhas se levantaraõ todas, e foraõ contra Azamor, e sendo o vento muito, e contrario, seguitaõ o caminho,

que levavaõ sem torcer a nenhuma parte. Neste mesmo tempo escreveo hum Elche Castelhaõ hum carta, e a deitou na Fortaleza preza em hum pasta de chumbo, e a substancia della era: *Que os Mouros queraõ dar o assalto à festa feira, primeiro de Mayo, que pelejassemos como Leoens, pois o eramos, e que fizessemos como no primeiro combate, que bem entendiamos, que os inimigos estavaõ temerosos.*

Isto tinhaõ assentado os Mouros; mas como viraõ que nos chegava novo soccoro, determinaraõ executallo à quinta feira antes, por não pelejarem com a gente, que vinha em seis, ou sete navios, que entaõ chegavaõ à Fortaleza, em que Francisco Henriques levava duzentos e cincoenta soldados, e Fidalgos, q a Rainha mandou de soccorro, por cuja causa trataraõ os Mouros de segundar o assalto, antes q aquella gente entrasse na Praça, com cujo reforço entendiaõ, que lhe seria mais duro o combate; assim que amanheceo o ultimo dia de Abril, se puzeraõ todos em ordem de peleja para esperar, e resistir ao combate, como tinhaõ feito nos dias antecedentes, e no cavalleiro se teve melhor ordem, que no combate passado; porque não subiraõ senaõ certos homens, e alguns arcabuzeiros, de que no primeiro assalto houve grande falta; e estando esperando quando os inimigos subiriaõ, passando de
onze

onze horas deu final hum trombeta, que estava no Baluarte S. Pedro, que a cada Mouro que subia, fazia hum final, e a estas horas fez muitos, porque subiaõ muitos, e metiaõle debaixo do muro, aonde tinhaõ cavado lugar, em que cabiaõ alguns homens; pelo que, e tambem porque os Mouros foraõ vistos estar juntos com as Bandeiras despregadas, e com humas elcadas, como que as queriaõ arri-mar ao muro, teve-se por certo o assalto, que logo se deu na fôrma seguinte.

CAPITULO XC.

Do segundo combate, e assalto, que se deu a Mazagão.

TInha este dia a guarda do cavalleiro Luiz de Faria, Fidalgo de grande esforço, o qual sempre desprezou os mayores perigos, em que neste cerco se achou, tornando sempre ao Baluarte S. Pedro, que era a sua estancia, donde por sua grande diligencia receberaõ os inimigos notavel damno, que lhe não custou pouco dinheiro, o que com os bombardeiros dispendeo. Estava este Fidalgo na guarda do cavalleiro com a sua companhia, e Sebastião de Brito, Manoel Rodrigues de Freixo, Gaspar Leite, Artur de Brito, e outros, que todos seriaõ vinte e oito, pareceolhe que já os Mouros não viriaõ combater por ser tarde, e a

marè chea, que era o final mais certo, que podia ter dos inimigos não pelejarem, e por esta causa todos se queriaõ recolher a jantar, por ser tempo de mudar as guardas; mas Manoel Rodrigues de Freixo, Cavalleiro de grande experiencia, olhando por entre humas pipas vio junto ao bastião dos Mouros estar toda a sua cavallaria junta, ouvindo alguma falla, ou sermaõ, que os Cassizes na guerra costumão fazer.

Isto entendido disse Gaspar Leite, que vissem como os inimigos estavaõ promptos, e calados, que senaõ fossem jantar, atè ver em que parava aquelle silencio; e estando ainda praticando deraõ os Mouros hum grande grita no fim da falla do Cassiz, e logo dispararaõ a sua grande peça Maimona, que rompendo o parapeito abrio hum portal de dez, ou doze palmos de largo, aonde matou tres soldados, e a Sebastião da Sylveira. Tanto que os inimigos fizeraõ este final, subiraõ ao cavalleiro com tres Bandeiras de cores, humas dellas amarela muito comprida, e com grande alarido deitaraõ dentro nelle muito mais fogo, que no combate passado; porque tinhaõ entendido, que aquellas eraõ as armas, com que faziaõ mais crua, e terrivel guerra. De modo que deitaraõ panelas de polvora, levadeiras, camizas, e çapatos cheyos della, com que abrazaraõ toda a Praça do cavallei-

valleiro, e aos que estavaõ dentro nella, e não lómente usaraõ desta manha, ou traça, mas ainda lançavaõ muita polvora solta para alimento do fogo.

Vinha cõ este ardil hum Mouro com hum sacco de polvora, rolando pela estrada acima, para que dalli a deitassẽ as mancheas no cavalleiro, o que foy visto de Duarte Barreto Cabo de Esquadra do Capitaõ Fernão de Crasto, que logo a toda a pressa poz fogo a huma bomba, e com ella pelo portal do parapeito envestio o Mouro, que tão arriscadamente trazia a vida, com a morte diante de si, e assim ardeo o sacco de polvora, e o Mouro que o trazia com outros mais, ao que os Christãos deraõ huma grita, e os Mouros outra, e logo tornaraõ a deitar quantidade de polvora, do qual incendio a mayor parte da gente se retirou, e os arcabuzeiros que estavaõ em lugar seguro, se deitaraõ abaixo com a violencia do fogo, quebrando as pernas, e as cronhas dos arcabuzes, cousa muito vergonhosa para se ver, e muito mais para quem o ler, se lhe não der alguma desculpa. Neste tempo tocaraõ a repique com muita pressa, e os tambores, e trombetas, tocavaõ, e tangiaõ com grande arrogancia, sem cessar, de modo que isto junto com o estrondo da artelharia, fazia tal horror, q̃ houve homens que ficaraõ surdos, e por muitos dias não ouvirão cousa alguma.

Antes de se começar o combate estava o vento Sul, e havia dias que cursava. Este vento era contra a Fortaleza, ao tempo que toda a artelharia, e batalha havia de ser fogo, pois toda a sua lavareda, e fumo se espalhava pelos Portulguezes, com que os cegava, e o fogo pudera queimar a faxina, de que estavaõ feitos os reparos no Baluarte, a qual estava seca com o calor do Sol, que muito facilmente atearia nella o fogo, desbaratando os arcabuzeiros do ultimo travez, que todo estava cercado de lenha. Mas nosso Senhor, que favorece aos seus, mudou o vento em breve tempo, que se voltou contra os inimigos, de sorte que todo o damno, que os Christãos houveraõ de receber, cahio sobre os Mouros; e verdadeiramente foy este hum grande milagre à vista de todos da Fortaleza, que bem incredulo será aquelle que o negar; porque ao tempo da Batalha o fogo defatinou os Mouros de sorte, que não viraõ o portal feito no cavalleiro, e os poucos que o defendiaõ.

Já a nossa gente tornava a subir, huns envergonhados, e outros resolutos, e os primeiros que o fizeram foraõ Diogo de Vasconcellos, Domingos Pereira, Manoel Rodrigues de Freixo, que tinhaõ cahido abaixo com a furia, e impeto da polvora, e da mesma maneira Gaspar Leite, João de Sousa, Diogo Muniz, e Simão Alvares da

Cunha, que foy muito queimado, e logo subiraõ outros muitos, aonde deraõ ao Sargento de João de Mendonça huma pedrada, com que lhe lançaraõ os miolos pelos ouvidos fóra, à qual não valeo a sellada, que em vão lhe guardava a cabeça.

O mesmo João de Mendonça pelejou valentemente; e à sua imitação o fez Fernão Hortiz, Gaspar Leite, Francisco de Bairos, Vasco Fernandes Homem, Francisco Ferreira, Antonio Soares, Francisco de Moura, Antonio Botelho, Ruy Dias de Soutomayor, e Jeronymo Botelho Capitão da Armada, que foy ferido, e queimado; o mesmo succedeo a Luiz Pestana, e a Martim Fernandes, homem pardo valente soldado feriraõ muito mal, e queimaraõ Jorge Prêgo, e a Duarte Luiz feriraõ de zagunchadas, e lhe deraõ duas arcabuzadas, das quaes estando se curando em hũa casa, lhe deraõ outra pela janella em huma perna; e tambem feriraõ outros, que não vieraõ à minha noticia.

CAPITULO XCI.

Dos Fidalgos, que forão queimados, e feridos neste combate.

PElejaraõ neste combate os Fidalgos, e Cavalleiros, que no primeiro assalto deraõ grande

prova de seu valor; o primeiro foy Sebastião de Brito, que com grande acôrdo, e esforço tornou a seu costumado jogo das alcanzias, donde lhe queimaraõ o rosto, e mãos. Tambem foy queimado no rosto, e mãos o Adail Francisco de Figueiredo, esforçado Cavalleiro, que se poz no portal que a bombarda abrio, e alli defendia, o que não via com os olhos que os tinha cegos, e queimados, e estando em tal lugar lhe deraõ huma forte pedrada, com que o derribaraõ, e andava debaixo dos pés tão pizado que o puderaõ matar, senão bradara, dizendo que ainda estava vivo, que o não acabassem de matar, e dalli o levarão pela mão à sua pouxada, e depois melhorou, assim da vista, como do mais.

Tambem foy queimado D. Pedro de Menezes, que neste combate dava alcanzias quebradas, e algumas vezes as deitava nos inimigos. Deste modo pelejou esforçadamente Gomes Freire junto ao parapeito, de que foy queimado; e o mesmo fez segunda vez Miguel Pestana, que com bombas, e lanças de fogo pelejava, adonde o queimaraõ juntamente com Fernão de Roboredo. Aconteceo neste combate hum grande desastre a João de Melo, valeroso Fidalgo do Algarve, o qual sabendo ferido, e queimado no fim delles, se recolheo a huma tenda de João Rodrigues de Torres, e estando

tando descançado sobre hum catre lhe cahio hum pilouro de trabuco sobre os pés, e lhe despedaçou hum delles, e ao outro cortou ambas as solas da bota, como se fora com alguma navalha, e a ter os pés recolhidos quatro dedos tivera que contar do perigo, salva a vida; deste desastre faleceo passados alguns dias, de que foy martyrizado; porque na primeira cura lhe cortaraõ os dedos sobre hum almofariz com grandes golpes, de que o esforçado Cavalleiro não fallou palavra. Tambem foy queimado Ambrosio de Aguiar, e Nuno de Brito, e outros de que aqui não faço menção.

CAPITULO XCII.

De como derão fogo à mina em Mazagão.

DUrando ainda o combate entendeo Isidoro de Almeida, que era tempo de dar fogo à mina; que para o segundo assalto tinha feito, e vendo aos Mouros, que estavam juntos, e apertados na estrada, por onde subiaõ, mandou logo dar fogo à mina, a qual fez mayor effeito do que a passada; porque tinha dezanove barris de polvora, e por isso arrebentou por muitas partes, despedindo pelos ares os inimigos, e somergindo para baixo outros; o que causou grande espanto aos Mouros, que estavam a cavallo olhando pa-

Part. I.

ra o combate, que voltando com muita pressa os cavallos se retiraraõ atraz cuidando que os alcançaria a mina; com este susto cessaraõ de subir, o que fazião com temor da morte, que lhe davaõ os seus Alcaides matando com traçados os que o não querião fazer.

Arrebentada a mina, abaixou a trincheira, que os Mouros tinham feito para reparo da sua estrada, e tanto a rebateo, que houve lugar por onde a nossa artelharia chegasse; era cousa espantosa ver o estrago que fazia nos Mouros os furiosos tiros cheyos de dardos, e cadeas de ferro, que se não via mais que ruas de corpos mortos, e despedaçados; cousa terrivel para se imaginar! Porque hião voando pelo ar braços, pernas, e meyos corpos de homens, bedens, e adargas, que arremeçava a furia da polvora muito longe, de que os inimigos ficaraõ atonitos, e confusos, de modo que se não bulião de hum lugar, e se algum muito atrevido queria soccorrer os seus Alferes, que estavam em grande trabalho, erão derribados dos arcabuzeiros, e artelharia dos traizes, que desembaraçadamente disparavão.

Estando o combate nestes termos Pedro Paulo foy com muita diligencia à porta do mar para ir aos navios, q'então chegavão com soccorro; e porque a porta estava fechada, e Sebastião de Brito tinha a chave, e estava no cavallei-

li

ro

ro todo queimado, foy forçado que assim como estava fosse abrir a porta, do que se admiravaõ os que o viaõ, por ir tão disforme, que espantava. Finalmente a porta foy aberta, e Pedro Paulo fez logo que todos os bateis, que estavaõ no porto fossem a bordo dessembarcar os soldados, de modo que o Capitão Francisco Henriques juntamente dessembarcou com toda a sua gente a tempo que seria meyo combate passado, e quando chegou ao muro foy recebido com os olhos, e vontades, que a tal socorro, e em tal tempo se podia imaginar, e verdadeiramente se pareceo a humas grandes aventuras, que nos livros fabulosos se contaõ; e porèm sendo esta tão verdadeira a executou com muita mais ousadia, da que nos taes livros se pintaõ os Cavalleiros andantes, ou aventureiros.

Subido Francisco Henriques ao Cavalleiro com sua Bandeira levantada, donde feriraõ, e mataraõ alguns homens, e perseverou atè o fim da batalha, a que aconteceo hum valentia a Hippolyto Zuzarte, Alferes desta companhia, que assim como vinha desarmado em calças, e em coura se poz com a Bandeira no portal, que no cavalleiro estava aberto, onde foy muito queimado, e se teve por milagre não o matarem de arcabuzadas, que em lugar tão aberto davaõ.

CAPITULO XCIII.

Do terror, que os Mouros tinham do valor dos Christãos, e como elles appellidavaõ vitoria.

Muito se espantavaõ, e temiaõ os Mouros quando viaõ ao mesmo tempo pelejar os Christãos, e que por huma, e outra parte lhe entrava tal socorro. Isto lhes fez perder o animo, de sorte que já pelejavaõ mais por cumprimento, que por vontade. Neste meyo tempo hum bombardeiro, que estava no travez de Pedro de Goes, fez hum bem afortunado, e acertado tiro na ponta do espigão do Baluarte, onde estavaõ as Bandeiras dos Mouros, levando huma com o seu Alferes feito em pedaços; e no mesmo tempo derribaraõ os nossos arcabuzeiros os que tinhaõ as outras Bandeiras, do que alegres os nossos, vendo-as todas prostradas por terra, applaudindo o successo, gritaraõ: *Vitoria, vitoria.* O qual appellido foy tão gostoso, e alegre nos ouvidos dos Portuguezes, como triste, e lastimoso nos dos Mouros, que posto que logo as levantaraõ; não podendo já soffrer o combate, e mortes dos seus, se desceraõ abaixo a toda a pressa, arrastrando alguns pedaços dellas, que nas hastias lhe ficaraõ. Viose logo

logo a grande perda, que os Mouros receberão; porque toda a cavallaria, que estava á mira do combate, se foy tão triste, e surda, como acontece aos que semelhante perda, e deshonra recebem. Logo dispararão toda a sua artilharia, que nenhum damno fez, senão na muralha, com o que por estaõ os Mouros se contentarão.

CAPITULO XCIV.

Como os Religiosos de S. Francisco estiverão sempre com hum Crucifixo no muro, e as mulheres erão companheiras

nos trabalhos

NEste combate estiverão dous Religiosos de S. Francisco, com hum Crucifixo levantado sobre o muro, como tinha succedido no primeiro assalto, e junto a elles o General, em parte que todos os Cavalleiros podiaõ ver a Imagem de Christo Senhor nosso, com que muitos se animavaõ para pelejar esforçadamente, como fizeraõ, o que não he muito para admirar, quando as mulheres o faziaõ; porque em todo o tempo dos combates andaraõ as velhas, e moças, e algumas das nobres embuçadas servindo com agua, e pedras aos homens que pelejavaõ, e outras deixavaõ as quartas nas mãos dos que bebiaõ, e arremecavaõ pedras nos inimigos.

Part. I.

Isto não he novo nas mulheres Portuguezas; porque muitas vezes se acha pelejarem varonilmente, e huma mulher de Mazagaõ, por nome Paulina Fernandes, tomou huma chuça, com a qual se poz na escada do muro, e com ella defendia, que ninguem descesse a baixo, e animava a pelejar aos que subiaõ com brandas, e amorosas palavras. O mesmo fez o esforçado Ruy de Soula de Carvalho, que estando na cama muito queimado se levantou, e posto na escada do muro com huma espada na mão, fazia voltar alguns homens, que se queriaõ retirar para suas casas.

Tambem se levantou Joaõ Riscado da cama, e foylhe mandado pelo General, que tornasse para casa, o q elle não fez; mas chegou-se a hum barril de polvora, dando aos arcabuzeiros a que haviaõ mister, o que lhe custou abrirelhe, e aggravar selhe a ferida, do que esteve inchado, e meyo morto. Assim o fizeraõ outros Cavalleiros, que estavaõ feridos, e queimados, que se levantavaõ a pelejar, não como doentes, mas como bons, e esforçados Portuguezes.

No fim do combate vieraõ as mulheres a bailar no terreiro, aonde cantaraõ muitas cantigas alegres, com que deraõ a todos muito contentamento; e acabando as mulheres vieraõ os homens, com violas, e pandeiros, e cantaraõ chistes, e vilancetes, dançando

liij

mu-

muchachins, até que chegaraõ as fulias, e depois as trombetas, que toda a noite se tocaraõ, com muita festa, e alegria, dando louvores a Deos, que lhes deu taõ prodigiola vitoria de seus inimigos.

CAPITULO XCV.

De como os Mouros tornaraõ a profeguir a obra, e os Christãos a preparar-se para outro combate.

AO outro dia tanto que amanheceo tornaraõ os inimigos ao trabalho; e os Christãos a fazerem-se prestes para quantos combates lhe quizessem dar; porque com a experiencia, que já os homens novos na guerra tinhaõ do primeiro, e segundo combate, estavaõ já affeitos, que em nada estimavaõ, nem temiaõ os perigos, nem os inimigos. Tinha já de antes Ifidoro de Almeida, e Francisco da Sylva feita outra mina, tanto dentro nos muros, que se elles tornavaõ a dar outro assalto lhe fariaõ grande damno; nisto, e em outras coulas se conheceo o quanto estes Cavalleiros foraõ proveitosos no cerco; e quanto serviço fizeraõ a leu Rey. Ao outro dia os Mouros cavaraõ, e desenterraraõ os mortos, que a mina soverteo, e dalli por diante sempre trabalharaõ para nos dar a entender, que ainda tornariaõ ao combate. O mesmo faziaõ na Fortaleza;

e porque Ifidoro de Almeida receou, que os Mouros buscariaõ a nossa mina, avisados dos soldados bisonhos, que do muro diziaõ, que tornassem os perros a combater, que elles cahiriaõ em outra peyor que as passadas; e por este respeito ordenou quando meteo a polvora na mina, de deixar em cada barril hum cordel, que chegava à Fortaleza, aonde ordinariamente estavaõ os homens vigiando aos quartos com os cordeis na mão, para que tanto que sentissem tocar nos barris da polvora, dessem fogo à mina, para queimarem ao menos os que andassem descavando os barris.

Mas os inimigos não tiveraõ tal cuidado, e só trataraõ de desenterrar os seus mortos, e trazerem infinidade de lenha, com que cubriaõ suas trincheiras; porque estando determinados de se partir, e retirar dalli, visto não poderem conseguir o intento que trouxeraõ de escalar aquella Praça, queriaõ pôr fogo à lenha para que à sombra do fumo passassem sem perigo, como depois fizeraõ. Passado este ultimo combate, estiveraõ os Mouros no campo oito dias, trabalhando, e desenterrando os mortos, e armas que ficaraõ de baixo da mina, e juntamente atirando muitas arcabuzadas, com que feriaõ, e matavaõ alguns homens na Fortaleza, onde os trabalhos não cessavaõ de dia, e de noite; porque esperavaõ outro combate,

bate, por quanto os Mouros de novo com tanta lenha coroaão todos seus reparos.

CAPITULO XCVI.

De como os Mouros se partirão de Mazagaão, pondo fogo às suas estancias.

Quinta feira, dia da Alcenlaão de nosso Senhor Jesu Christo pozeraão os Mouros fogo à sua lenha, que foy notavel cousa de ver, de cujas lavaredas sahiraão taõ grandes nuvens de fumo, que todo o campo era cuberto, e se o vento fora contrario à Fortaleza, certamente causaria nella grande temor, e receyo, cuidando que os inimigos viriaão encubertos com aquelle fumo a investilla por todas as partes, o que era facil de fazer; mas os Mouros, que de antes tinhaão levado toda a sua artelharia, partirão cubertos com este fumo, e não foraão vistos ir, senão no fim das suas trincheiras, contra Azamor, os quaes levavaão as Bandeiras levantadas, e despregadas, tremolando ao vento, humas brancas, e outras vermelhas, em barras atravessadas, de modo que indo vencidos, se davaão a entender vencedores.

Tanto que na Fortaleza viraão que os Mouros se retiravão, lhe derão grandes gritas, e apupadas, e dispararão do Baluarte Santiago huma furiosa bombarda, que deu

dentro em hum esquadrão, com que o rompeo; mas logo os Mouros se ajuntarão, levando os feridos, e mortos entre si, e caminhando em ordem levarão o caminho de Azamor, que era o que trouxerão. A gente de cavallo andou com muita diligencia buscando, e revolvendo todas suas estancias, por lhe não ficar algum Elche escondido, e por fim de tudo se retirarão sem serem vistos por causa do fumo.

Aconteceo nesta partida hum desastre, que foy ferirem Cleofas Gil, aquelle muito esforçado Cavalleiro, que sahio pela mina fôra a ver as obras dos Mouros, que em todo o tempo do cerco andou desarmado, e na partida dos Mouros quiz observar a sua marcha, onde lhe derão huma arcabuzada no peito, que foy a ultima, que os inimigos atirarão, da qual faleceo, causando com sua morte muito grande tristeza, e sentimento aos Fidalgos, e Cavalleiros da Fortaleza.

CAPITULO XCVII.

Dos que morrerão no cerco de Mazagaão.

Morrerão em todo o discurso do tempo, que durou este cerco, vinte e cinco mil e tantos inimigos, segundo a conta, que deraão os Mouros que se converterão, e fizeraão Christãos; e segun-

do outras informações, dizem que foram muitos mais; e dos Christãos falecerão pelejando noventa e oito, e outros morrerão de desastres, e doenças, que todos fizeram o numero de cento e dezaete; e os feridos, e queimados foram duzentos e setenta, cousa digna certamente de grande admiração ser tão pouca a perda em tão porfiada guerra; mas assistionos conhecidamente o favor Divino com os seus fortes auxilios. Partidos os Mouros se fez huma solemne Procissão por toda a Villa, acompanhada do General, Fidalgos, e Cavalleiros, e de quatorze Sacerdotes cantando o *Te Deum laudamus*, e o Cantico, que principia: *Cantemus Domino gloriose enim magnificatus est; equum, & ascensorem deiecit in mare, &c.* Acabada a Procissão se recolherão todos a suas pousadas, dando muitas graças a nosso Senhor pelas merces, que lhe fizera em lhe dar a vitoria não esperada do esforço, e valentia de suas pessoas, feno da grande misericordia do proprio Senhor, a quem não cessava de dar graças, e louvores, levantando as mãos ao Ceo, dizendo, bemdito, e louvado seja Senhor o vosso Santissimo Nome, que fostes servido por vossa grandissima misericordia, e piedade darnos vitoria contra tanta multidão de inimigos de vossa Santa Fé. Estas, e outras exclamações fazião ao Senhor, pedindolhe se

quizeisse lembrar das almas dos amigos, e parentes, que naquella guerra perecerão, attribuindo tudo às grandissimas merces, que o Senhor foy servido fazerlhe em tempo de tanta necessidade.

CAPITULO XCVIII.

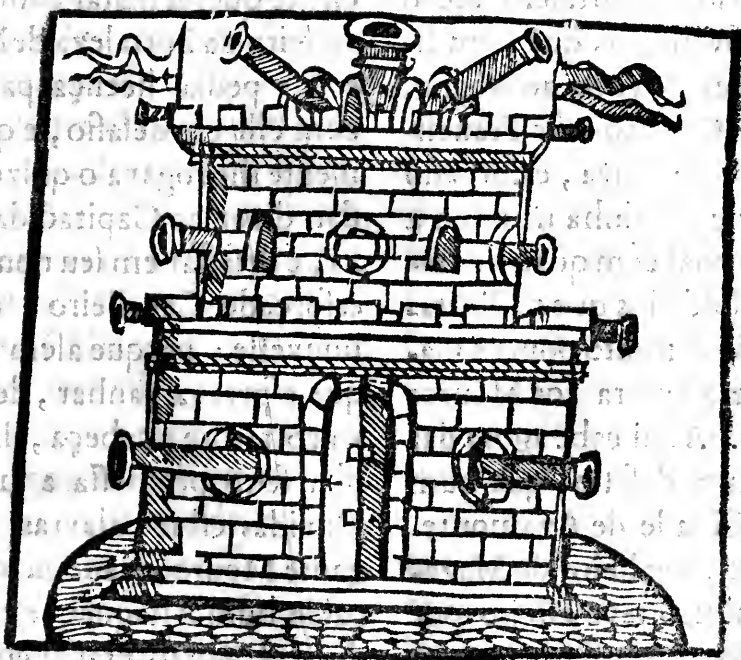
Do summario, e fim do cerco de Mazagão.

Algumas cousas me parecem não se deviaõ notar neste cerco para se emendarem em outro, quando succeda havello; e a primeira he, que não houve homens de trabalho, que foy muito grande falta, donde veyo que os Fidalgos, e Cavalleiros honrados, que haviaõ de ser poupados para a peleja, andavaõ servindo nos trabalhos de dia, e de noite, e vigiavaõ seus quartos como lhe cabiaõ por ordem. Tambem foy desordem não se trazer no mar hum Capitão, para mandar desembarcar o que os homens do soccorro levavaõ, de maneira que custava mais o desembarque das cousas do que valia, e por este respeito ficavaõ nos navios, e se perdiaõ. Tambem foy desordem não haver em cada Baluarte hum Capitão da artellaria, esperto, porq̃ muitos tiros se disparavaõ sem necessidade, e por isso se gastou muita polvora superflua. Outros casos notaveis acontecerão, que ainda que são de admiração, e parecem impossiveis os referi-

ferirey pelas muitas testemunhas que foraõ presentes : hum delles he de Pedro de Goes, Fidalgo valeroso, e polido em todas suas acçoens. Querendo este Fidalgo reprehender os homens mimosos, que por respeito das moscas engeitavaõ os comerès, elle as comia às mancheas diante daquelles melindrosos, e assim os gafanhotos, e baratas vivas, o que julgo por humma grande, e soldadesca façanha, pelo vencimento da repugnancia interior. Outro caso notavel he de Gaspar Fernandes, criado del Rey, que com a testa quebrava as amendoadas durazes, e cocos da India, e fendia as portas; e assim fazia outras cousas de grande admiração, e quando quebrava alguma coula lhe ficava a testa tão branca como de antes a tinha. Tambem havia homens de grandes forças, como

D. Pedro de Almeida, mancebo de dezoito annos, que com a mão levantava pezo de dez, ou onze arrobas Portuguezas. Destes esforçados Heroes, era D. Gaspar Coutinho, o Capitão Agostinho Ferraz, Francisco Ferreira, João Riscado, e outros q̃ deixo de nomear. Este foy o fim, e successo do apertado cerco, e porfiada guerra da nossa Praça de Mazagão, para a qual se abalou todo o Imperio Mauritano, sem fruto seu, o q̃ servio de grande credito à nação Portugueza, e reputação de suas armas; cuja resistencia se julgou por impossivel em toda Europa, e sua vitoria foy applaudida em toda ella, e o valor dos Portuguezes louvado em todo o Mundo.

E para satisfazer aos curiosos que não virão esta Fortaleza a offereço aqui estampada.



CAPITULO XCIX.

Do desafio, que hum Mouro de Azamor fez a hum Cavalleiro de Mazagaõ, e se dá noticia de outros successos do General.

PAssados alguns dias depois do cerco vendo os da Fortaleza, que os Mouros estavaõ já quietos, e partidos para as suas Provincias, e terras, determinou Alvaro de Carvalho Capitaõ General com os mais Fidalgos, e Cavalleiros, que ao loccorro foraõ, virem ao Reyno descançar em suas casas dos trabalhos passados, ficando por Capitaõ môr da Fortaleza Ruy de Sousa de Carvalho muy esforçado Cavalleiro em Africa, que no cerco foy muito queimado, e affistio na Fortaleza atè o mez de Novembro, que com licença delRey se veyo ao Reyno, ficando por Capitaõ môr Francisco de Barros de Paiva, esforçado Fidalgo, que a Rainha mandou a Mazagaõ, o qual com quatro companhias de soldados que na Fortaleza ficaraõ, e muito poucos Cavalleiros fazia guerra aos Mouros de Azamor. Aqui cabe agora dar conta de hum desafio, que hum Mouro da Cidade de Azamor teve com hum Cavalleiro de Mazagaõ, o qual não teve effeito por culpa do Mouro, mas contarey o

successo, que he muito para notar.

Havia naquelles dias na Cidade de Azamor huma Moura muito nobre, bem aparentada, e de bom parecer, a qual namorava hum Mouro esforçado Cavalleiro, e como andando o tempo, proseguindo o Mouro seus amores, e a Moura lhe não correspondesse, determinou contratar com ella, que se casasse com elle, lhe promettia a cabeça do mais esforçado Cavalleiro, que houvesse na Fortaleza de Mazagaõ; ao que a Moura deu por resposta, que sendo caso que elle tal fizesse, e lhe levasse a cabeça do Cavalleiro, que em sua promessa dizia, sendo morto pelo estorço, e braço de sua pessoa, lhe promettia, e dava sua palavra de se casar com elle; o qual ouvindo a reposta de sua Dama, se foy com grandissimo alvoroço ao Alcaide, e lhe disse, que elle se queria matar com hum Cavalleiro da Fortaleza de Mazagaõ, e lhe pedia licença para entrar com elle em desafio, e que juntamente lhe rogava o quizesse mandar dizer ao Capitaõ da Fortaleza, e desafiar em seu nome o mais esforçado Cavalleiro, que nella houvesse; porque além da honra que esperava ganhar, determinava cortarlhe a cabeça, da qual tinha feito promessa a sua Dama. Ouvidas estas palavras do arrogante Mouro, mandou logo o Alcaide hum Alaqueque com recado ao Capitaõ Francisco de Barros,

ros, em que lhe fazia saber, que tinha hum Cavalleiro, que se queria matar com outro da Fortaleza, que se nella houvesse algum, que se quizesse aventurar, e sair ao desafio, levaria muito gosto, e que do referido lhe pedia mandasse logo resposta. Chegado pois o Alfaqueque ao sitio onde os taes se costumão pôr quando vem com recados, e contratos, que se trataõ entre os Alcaides de Azamor, e Capitães da Mazagaõ, e dando sua embaixada, se achou presente Domingos Gonçalves, esforçado mancebo, que no cerco lhe passaraõ as queixadas com hum pilouro de arcabuz, como na historia precedente se fez menção, o qual logo aceitou o desafio pedindo ao Capitão fosse servido darlhe licença para se matar com aquelle soberbo Mouro, que esperava em Deos lhe daria vitoria contra aquelle inimigo da sua Santa Fè.

O Capitão Francisco de Barros não ficou menos alvoroçado com o seu Cavalleiro aceitar o desafio, do que o Alcaide quando o seu Mouro o commetteo; e confiado no favor Divino, e esforço do seu Cavalleiro, lhe deu licença, e respondeo ao Alfaqueque, dissesse ao Alcaide, que esses poucos Cavalleiros que na Fortaleza tinha, eraõ taes, que cada hum per si queria aceitar o desafio do seu Cavalleiro, mas que para esse effeito estava prestes Domingos Gonçalves, que os seus Cavalleiros bem

conheciaõ, e que para isso elle podia assinalar o sitio, e lugar com as mais condiçoens, que entre os desafios havia de haver. Ido pois o Mouro com a resposta se effeituo logo entre o Alcaide, e Capitão o dia, e sitio em que o desafio havia de ser, e foy desta maneira o contrato, que os desafios se haviaõ de matar na praya junto à Fortaleza, onde os Alfaqueques costumão porse, que será hum tiro de arcabuz do mesmo lugar, e sitio onde o Capitão havia de estar com sua gente, que com a maré vasia espraya o mar mais de quinhentos passos ficando a area tão dura, que escaçamente se vem as ferraduras dos cavallos quando por ella correm, e alli se haviaõ de fazer dous riscos em distancia de cincoenta passos, dentro dos quaes se haviaõ de matar os desafios, e não levariaõ mais armas offensivas, nem defensivas, que irem em cima de seus cavallos com suas lanças, e espadas; e o Alcaide poderia vir com sua gente, e porse à vista do dito desafio, e depois dos desafios se encontrarem hum contra o outro, não poderiaõ sair-se cada hum de seu risco, retirandose de seu contrario, porque em tal caso o que fóra sahisse ficaria vencido, e cativo de seu contrario sem contradição, nem embaraço de porfia.

Chegado pois o dia assinalado entre elles, veyo o Alcaide com toda a sua gente de pé, e de cavallo, e se poz no sitio que lhe era li-

mitado, donde mandou recado ao esforçado Capitaõ Francisco de Barros, que logo se fez prestes, e sahindo fóra com toda a sua gente mandou ao condestavel tivesse toda a artelharia afeitada, e apontada, e estivesse com muito grande vigilancia, pondose pegado ao Baluarte Santo Espírito com sua gente posta em ordem; e o Cavalleiro armado com as armas de Christaõ, que para tal tempo convinha, se despedio do Capitaõ, e mais Cavalleiros, parentes, e amigos taõ contente, e risonho, como se verdadeiramente fosse entrar em algumas festas, ou torneyos se foy de seus padrinhos acompanhado pór em seu risco, e logo o Mouro despedindose com muita brevidade do Alcaide, e da mais gente acompanhado de seus padrinhos se foy pór em seu lugar, e postos os Cavalleiros ambos em suas estancias, sahiraõ os padrinhos Mouros a ver o nosso Cavalleiro que armas tinha, o qual acharaõ que não tinha mais vestidos, nem armas, que a camiza, e calçoens com os braços regaçados, e sua espada de tiracolo à mão direita, e a lança na própria mão, coufa que ao Mouro poz em muito grande confusão verlhe as armas ambas postas a hum lado, e a causa era, porque o Cavalleiro jogava de ambas as mãos, e em semelhantes occasioens se ajudava deste artil, por ser de sua natureza esquerdo, que foy causa por onde

o Mouro o temeo muito; e além disso estava em camiza, para dar a entender ao Mouro a pouca conta que delle fazia, e quaõ pouco o temia, pois visto o nosso Cavalleiro dos seus padrinhos, ficando posto em seu lugar se partiraõ, e em sua companhia os padrinhos do Cavalleiro Christaõ, chegando ao Cavalleiro Mouro, que em seu lugar estava posto, e buscando-o se tinha algumas armas defensivas lhe acharaõ em cada ilharga hum Tilli, que he à maneira de nomina do tamanho de hum Livro Missal, em que trazem escrito o Alcoraõ do seu Mafamede, que elles tem em grande veneração, e por grande reliquia, os quaes são taõ fortes, que bem teraõ mão huma lançada, o que visto pelos padrinhos Christãos lhe differaõ, que devia de tirar os Tillis, pois via muito bem que o seu Cavalleiro não tinha sobre si cousa alguma, ao que o Mouro respondeo, que os não tiraria, porque aquillo não eraõ armas, mas eraõ reliquias, que elle muito estimava, e replicandolhe os seus proprios padrinhos os tirasse, que era grande ventagem que tinha ao Christaõ, e quando os não tirassem, o delafio não teria effeito; ao que o Mouro respondeo, que por nehum caso os tiraria, que eraõ reliquias santas, que tirando-as as ficava desprezando, o que seria causa de ficar vencido do Cavalleiro Christaõ.

Vendo

Vendo a reposta do Mouro, os padrinhos Christãos se tornaraõ a dar conta do que passava ao Capitão, o qual logo mandou dizer ao Alcaide, que mandasse a o seu Cavalleiro tirasse os Tillis, que não vinha conforme ao contrato do desafio. Ouvido pelo Alcaide o recado, mandou aos padrinhos Mouros, que fizessem tirar os Tillis ao Cavalleiro Mouro, e que não os querendo tirar, que pelo mesmo calo não entrasse com o Christão em desafio; dito a Melehude (que assim se chamava o Mouro) o mandado do seu Alcaide, disse que por via alguma os não tiraria, nem entraria sem elles em desafio; mas a verdade era, que tanto q o Mouro vio o Christão em camiza com os braços regaçados, q seria mancebo de trinta annos, de boa estatura, robusto, cor morena, cabello negro, e crespo, e além disso a espada, e lança à mão direita, o ficou temendo de sorte, que me parece, que ainda que no desafio o mandassem entrar com os Tillis o não fizera, bulcando outra qualquer escusa por donde não houvesse effeito. E visto pelo Cavalleiro Christão, que em sua estancia estava, a dilacção, e recados que havia de parte a parte, informado do que passava, disse que não fosse a escusa dos Tillis parte para o desafio não ter effeito, que elle era contente de pelejar com o Mouro com aquella ventagem dos Tillis, e se aquelles

Part. I.

lhe não bastassem pozesse outros dous; o que sabido pelo Alcaide, mandou dizer, que elle não era contente, ainda que o Christão quizesse que o seu Mouro entrasse com os taes Tillis no desafio, e se logo os não tirasse, não houvesse effeito, ficando com o Cavalleiro Christão a palma da vitoria; mas nem isso foy bastante para o emperrado Mouro tirar os Tillis, mas antes cuidou se acharia por bem afortunado em levar consigo escusa tão sufficiente para não haver effeito o desafio, que elle de commetter tão arrependido estava; o que visto pelo Alcaide, mandou, que o Mouro fosse apeado do cavallo, e assim a pé fosse diante de toda a gente até Azamor, que está duas legoas da Fortaleza, os quaes se partiraõ muy tristes, e injuriados, levando o Mouro a pé com muitos empuxoens, e pancadas, dizendolhe palavras afrontosas, o que foy visto pelo Capitão Francisco de Barros, o qual mandou logo tocar suas trombetas, e tambores com as Bandeiras arvo- radas tremolando ao vento, dando grandes baterias de arcabuzeiros, e logo disparando toda a artilharia da Fortaleza, deitando seus pilouros, que assobiando hiaõ por cima do esquadrão dos Mouros, e sobre tudo os Cavalleiros da Fortaleza escaramuçando pela praya com grandes festas, e os moços com outra gente, que de cima do muro estava à mira do des-

Kk ij

afio

afio, que lhe davaõ muito grandes gritas, e apupadas, de que forão afrontados, e abatidos, e tão tristes, que verdadeiramente parecia que os seus proprios cavallos hiaõ sentindo a falta do seu Cavalleiro. Chegados pois a Azamor foy o Mouro Melehude metido em huma prizaõ, e dahi foy desterrado para nunca mais tornar àquella Cidade, que era sua Patria, posto que alguns Cavalleiros de Mazagaõ dahi a alguns annos se encontraraõ com elle em algumas pelejas, e escaramuças, aonde lhe viraõ fazer cousas de muito esforço.

Agora julguem os affeiçãoados a suas Damas as injurias que este Mouro padeceria, indo na sua Patria, pelas ruas, e portas de seus parentes, e amigos, e o que mais he, pela de sua Dama, tão afrontado, e aniquilado, se lhe seria melhor arriscar antes a vida com aquelle Cavalleiro, contra o qual o pudera favorecer a fortuna, do que chegar a sua convardia a tão miseravel estado. Ponderem pois os esforçados Fidalgos, e Cavalleiros, o premio que merecia este valeroso Africano; o qual foy logo remunerado por ElRey D. Sebastião, dandolhe o Habito de Christo com boa tença; fazendo em todo o discurso do tempo que viveo acçoens dignas de eterna memoria, e ultimamente foy morto no campo de Mazagaõ de hum pilouro de arcabuz.

Naõ será razaõ, que de hum Capitaõ tão celebre, e vitoriofo como foy o General Alvaro de Carvalho lenaõ contem algumas vitorias notaveis, que contra os Mouros empredeo, e em mais de trinta annos, que foy Capitaõ, antes em muitas batalhas, e escaramuças que teve, sempre ficou vencedor, desbaratando-os por muitas vezes com assinaladas vitorias, que nosso Senhor foy servido darlhe contra estes infieis, ficando sempre o campo por elle, e seus Cavalleiros. Era este Capitaõ homem de meãa estatura, barba rala, olhos grandes, e quando tomava alguma paixãõ se lhe formavaõ nas alvas algumas veas sanguineas, que o faziaõ temeroso. Gastava muita parte do dia, e noite em passear, tomando só consigo conselho nas occasioens de guerra; e huma tarde succedeo, que mandando chamar o Almoçadem para mandar Escutas fóra, andando passeando na sua antecamera, chegou a huma porta, e levantando hum pano de raz, vio na sala hum menino de idade de quatro annos passeando a proposito, e fallando só; o que por entãõ dissimulou, e se deixou estar para ver a determinação do menino, e escutando-o lhe ouviu dizer com muita resolução, como se fora homem de cincoenta annos: *Eu naõ hey de mandar hoje Escutas fóra, porque estão os Mouros no campo, e tomarmashaõ. As palavras deste me-*

menino o meteraõ em tal confusão, que determinou por aquelle dia não mandar Escutas fóra. Nesta conjunção chegou o Almocadem, que elle tinha mandado chamar, ao qual disse, que se tornasse, que quizera mandar Escutas para ao outro dia tomar campo, mas que tivera outro conselho, que já por aquelle dia o não tomaria. Ao outro dia pela manhã mandou ao Adail, que não tomasse mais campo, que ao redor dos valos, para o gado poder pastar, e sahindo as atalayas a descobrir os postos que o Adail lhe tinha mandado, leguraraõ o campo, e tendo-o seguro a horas de meyo dia, sahiraõ de hum posto que chamaõ o Palmarinho quatrocentos Mouros de cavallo, e porque este era hum dos postos que o Capitaõ determinava mandar descobrir, e vendo que os Mouros sahiaõ da cilada, lembrando-lhe o dito, e consideração de humma criança de tão tenra idade, teve o caso por milagroso, e com toda a instancia mandou saber daquelle menino, e trazendolho lhe fez muitas perguntas a seu modo, a que o menino respondia como homem de muita idade, donde veyo tomarlhe tal affeição, que todos os dias o mandava buscar a horas de comer, e levantadas as melas, se punha a praticar com elle, preguntandolhe, que postos mandaremos tomar à manhã, respondendolhe este menino tan-

to a proposito, como se fora homem de muito entendimento; basta dizerse, que todos os successos de guerra, que emprendia este Capitaõ, eraõ guiados por ordem Divina.

Era este General, fogeito de grandissimo conselho; muitas vezes tomava pareceres de alguns Cavalleiros, mas sempre se guiava pela sua opiniaõ, como neste cerco claramente se vio, que se affentou que sahisses fóra a dar assalto nos Mouros, mas guardando para si seu parecer não referia ao que em conselho se determinava, porque sem duvida se perdiaõ todos, como atraz ficadito; era muito temido dos Mouros, tinha muita brandura com os Cavalleiros, e soldados, estimava-os muito, tanto que não contentia, que nenhum Fidalgo lhe dissesse, que havia na India soldados muito esforçados, q̃ elle logo não replicasse, que o seriaõ, mas que mais que os seus os não havia no Mundo; e estando hum dia com seu irmão Ruy de Sousa de Carvalho, em grandes differenças sobre os soldados de Mazagaõ, e os das galés, lhe disse seu irmão: *Saõ, Senhor, os soldados das galés tão esforçados, que pelejando a pè quedo, se lhe mataõ o companheiro, com os pès sobre elle pelejaõ*; ao que respondeo: *Que era verdade, mas que os de Mazagaõ eraõ mais que soldados, porque eraõ filhos que pelejavaõ com seu*

seu pay; ao que Ruy de Sousa de Carvalho não replicou palavra alguma.

Assistindo pois o General nesta Fortaleza, q̃ era sua por merce del-Rey, e fazendo guerra aos Mouros de Azamor, e da terra da Duquella, succedeo, que hum dia da Bemaventurada Santa Luzia pela manhã, fez muito grande nevoa, por cujo respeito a gente da Fortaleza não sahio ao campo, e ao meyo dia aclarando o tempo, mandou o Adail a hum Cavalleiro, chamado Francisco Affonso das Neves, fosse descobrir hum posto, a que chamaõ Pedralvinho; e indo o Cavalleiro descobrindo, lhe sahiraõ de huma cilada duzentos Mouros de cavallo, que estavaõ com o arrayal a favorecer o seu Cavalleiro, donde se travou huma grande escaramuça, e atirando huma pessa de artelharia do Baluarte Santiago derribou hum Cavalleiro, chamado João Gonçalves de Azamor, e dando os Mouros volta para o tomar, os Christãos, que seriaõ vinte e cinco, vendo os Mouros sobre elle, acodiraõ para lho tirar, como tiraraõ. Neste tempo chegou Ruy de Sousa de Carvalho, que seria mancebo de vinte e cinco annos, com outros vinte e cinco de cavallo, que por todos seriaõ cincoenta, e dando Santiago nos Mouros, acodio o Capitaõ nas suas costas a favorecellos com a mais gente de cavallo, que por to-

dos eraõ cento e cincoenta, e vendo os Mouros, que se hia o Capitaõ chegando, se puzeraõ em fugida. O Alcaide sentindo fraqueza nos seus, arrebentou da cilada donde estava com suas Bandeiras, e trezentos de cavallo mais, que por todos seriaõ quinhentos, vendo o Capitaõ, que se embaraçavaõ com a sua gente, acudio com muito grande pressa.

A nossa dianteira, vendo o seu Capitaõ comsigo, apertaraõ com os Mouros de tal sorte, que não podendo o Alcaide aguardar o grande impeto dos Christãos, se poz tambem em fugida. E seguindo-o o alcance hum Cavalleiro, por nome Domingos Fernandes Ribeiro, chegou ao Alcaide, e lhe deu duas lançadas, e outra no cavallo, com que o derribou; e vendo os Mouros o seu Alcaide, deraõ volta com grande pressa, embaraçando-se com os nossos de feição, que hum filho seu, por nome Bady, se apeou, e deu o cavallo a seu pay, em que se salvou, e tomando o de outro Mouro, em que cuidou salvar-se, carregaraõ sobre elle quatro Cavalleiros, cujos nomes eraõ Fernão Vieira, Affonso Rombo, Duarte Luiz, Alvaro Vaz o Adibe, e não só tomaraõ Bady filho do Alcaide, mas mataraõ-lhe dous cunhados, e captivaraõ hum, e dalli toraõ seguindo-o o seu alcance, matando, e ferindo muitos, até chegarem às portas de Azamor, onde se recolhe-

lheraõ com muito grande perda dos seus. Chegado o Capitaõ, que hia favorecendo os seus Cavalleiros, se poz em hum outeiro, chamado o Outro de Mazagaõ, que distará da Cidade de Azamor hum tiro de bomba. A este tempo chegava tambem a soldadesca que na sua esteira hia seguindo o Capitaõ; e chegando com as suas Bandeiras, aonde estava, e o nosso Guiaõ, foraõ vistos dos Mouros, que na Cidade estavaõ, os quaes com muita pressa quizerão passar o rio, que hia de monte a monte, que foy causa de seaffogarem muitos dos seus, mulheres, e meninos; e vendo o Capitaõ como os Mouros se dispunhaõ a despejar a Cidade, mandou que se ajuntasse todo o gado que pelo campo andava, e alguns Mouros, e Mouras, que ficaraõ de fóra, o que se fez com muita brevidade, onde se acharaõ perto de tres mil cabeças de gado vacum; e do meudo, ovelhas, carneiros, e cabras, passaraõ de oito mil, e porque se vinha chegando a noite com muita abundancia de agua, foy necessario viremse recolhendo logo à Fortaleza, com determinação de irem no dia seguinte tomar a Cidade, e para esse effeito determinavaõ levar escadas, e pellas de artelharia, para entrarem na Cidade, e isto por parecer de muitos; mas o Capitaõ determinou muito ao contrario, porque o seu parecer, com o de alguns Cavalleiros

antigos que na terra havia, relolveraõ, que indo acometer a Cidade, podia succeder acodir muita gente dos Aduares, que estavaõ setenta legoas distante della, da parte da Xauhia, como da terra da Duquella, e fazerse huma má jornada, por onde acharaõ que não era bom conselho, pois Deos lhe tinha dado tão grande vitoria, e por este respeito se deixou de fazer, e vindose recolhendo, chegaram à Fortaleza com esta preza, às dez horas da noite; e dando graças a nosso Senhor por lhe dar tão assinalada vitoria, por intercessão da Bemaventurada Santa Luzia; e porque na Fortaleza não cabia todo o gado ficou de fóra nos rebelins, fugindo aquella noite muito do meudo, que os Mouros ao outro dia ajuntaraõ, e do mais se não foy nenhum, por causa das tranqueiras com que se fechaõ os rebelins. Esta foy hum das mais ricas prezas, que se tomaraõ nos lugares de Africa, e a mais festejada, porque deste dia até o presente sempre se guardou o desta gloriosa Santa, fazendose por cima de todo o muro hum a solemne Procissão, levando nella quatro Bandeiras, que aquelle dia tomaraõ a Abdala Belcoche, que assim se chamava o Alcaide.

CAPITULO C.

De outras vitórias, que em Mazagaão se conseguirão.

PAssado algũ tempo deu Deos outra vitoria a este Capitaõ, que contarey confõrme me forem lembrando os successos della. Costumava ElRey de Marrocos mandar todos os annos a Mazagaão cortar os pães, e derribar os valos, para cujo effeito mandava alguns Alcaides de dentro de Marrocos, que dista vinte e quatro legoas da Fortaleza, com muita gente, e toda a Alarvia que reside na Serra Verde, doze legoas distante de Mazagaão, e muita da Xauhia, a que os Mouros chamaõ Algarves, e de toda a terra da Duquella; esta gente tinha por costume trazer todos seus gados aos campos de Mazagaão a pastar, donde se ajuntavaõ mais de dez mil homens de cavallo, e trinta mil de pé, os quaes affistiaõ naquelle campo todo o mez de Abril atè a entrada de Mayo. Em dia do Bemaventurado S. Jorge, estando toda esta gente espalhada pelos campos de Mazagaão, determinaraõ de abalroar com o Capitaõ, e toda a sua gente, até as portas da Fortaleza; porq̃ não obstante ser grande a multidaõ de infieis que no campo estava, nunca o Capitaõ deixava de sahir fóra com sua gente de pé, e de cavallo. Traziaõ

os Mouros mais de dous mil escopeteiros de pé, e tres mil bêteiros, e a mais gente de pé vinha com dardos, e zagayas, de sorte que cobriaõ todo aquelle campo, que mostrava hum formidavel perspectiva. Estando pois o Capitaõ fóra com sua gente, começou de se travar a nossa arcabuzaria com a sua, e andando os nossos soldados nesta pressa, arrebentou a sua cavallaria por todas as partes, de modo que foy necessario à nossa, que era muito pouca, acodir, e favorecer os nossos soldados, que andavaõ desmandados, donde foy forçado travaremse de hum a, e outra parte toda a gente de pé, e parecendolhe aos Mouros, que toda a nossa gente de pé, e de cavallo lhe ficava de fóra, de raõ hum terrivel grita, apertando com grande impeto os nossos, que entre elles pareciaõ hum pequeno garfo, mas o Bemaventurado S. Jorge quiz mostrar alli o seu poder; pois diziaõ os Mouros, que o viraõ andar em hum cavallo branco com hum espada na mão em favor dos Christãos, e foy a contenda de sorte, que se matou muita quantidade de Mouros, e cavallos; porque houve soldado que tomou a lança das mãos a hum Mouro de cavallo, que indo para o alancear lhe deitou mão da lança, e levando da espada, foy o Mouro forçado a largar a lança; basta dizerse, que foy tal a mortandade, que hum homem principi-

cipal, chamado Bernardo Azedo, achando-se aquelle dia a pé, dentro no rebelim matou hum Mouro cruelmente às estocadas; foy esta huma das grandes vitorias, que Deos deu em toda Africa, porque além de nos defender da multidão de infieis, ficaraõ os nossos senhores do campo, deitando os inimigos fóra com muita perda dos seus, não havendo nos nossos mais damno que a morte de Gonçalo de Crasto, Sargento de hum companhia, dous homens feridos, e cinco cavallos. Outras muitas vitorias alcançou este Capitaõ, as quaes não refiro, por não parecer extenso; mas só contarey huma q̃ teve com o Alcaide Muçá, que depois de alguns annos passados veyo a este Reyno com sua mulher, e filhos.

Este Alcaide Muçá, era em Berberia grande Senhor, Alcaide, e Justiça mór de Marrocos, e muito querido do Rey, e temido do Povo; succedeo que gabando-lhe os Cavalleiros de Mazagaõ, se dispoz a querellos experimentar, e para esse effeito ajuntou mil Mouros de cavallo, e quinhentos espingardeiros, e caminhando suas jornadas, chegou à Cidade de Azamor, onde lhe fizeraõ grandes festas, e como os Cavalleiros de Mazagaõ souberaõ, que elle era chegado, ficaraõ muito alvoroçados com a sua vinda, não sabendo já quando havia de ser o dia que se haviaõ de encontrar com elle, e

Part. I.

porque havia dias que tinha chegado, e não corria, andavaõ os Cavalleiros da Fortaleza muito enfadados, porque assim o tem de costume todas as vezes que os Mouros fazem tardança em virem correr o campo, pois todo o seu passatempo consiste em jogarem as lançadas, e parece que era dom que Deos tinha promettido a este Capitaõ, que com quantos mais Mouros pelejava, mayor vitoria alcançava, pois estando este Alcaide descansando do trabalho do caminho, determinou vir armar ao campo de Mazagaõ, e se meteo em humacilada, que està pegada aos valos, que chamaõ a cova do Picouto, dia de S. Vicente, e sabendo o Adail fóra depois de Missa, mandou descobrir este posto por hum Cavalleiro chamado Gonçalo Fernandes da Rosa, e indo descobrir lhe derrubaraõ os espingardeiros de pé o cavallo, o qual se não pode salvar que o não cativassem, porque acodindo a sua cavallaria, que estava muito perto o tomaraõ às mãos sem os companheiros lhe poderem valer, por serem mais de mil e quinhentos os Mouros de cavallo, a q̃ logo deraõ rebate na Fortaleza, e acodindo a nossa gente a tempo que os Mouros já vinhaõ de volta com o nosso Adail pelas ruas dos valos dentro onde se travou hum grande escaramuça, que durou passante de huma hora de relógio sem de nenhuma das partes se conhe-

LI

cer

cer ventagem alguma; os nossos não soffrendo andarem tanta distancia de tempo na peleja sem mostrarem o esforço de suas pessoas aos novos hospedes; apertarão com elles de modo que com perda de alguns Mouros os deitaram fóra do lugar; a este tempo vinha chegando a nossa arcabuzaria em favor dos Cavalleiros, e investindo fortemente com os inimigos, acodio a sua arcabuzaria, que detraz de hum valo estava, e passavaõ de mil escopeteiros, por se ajuntar à arcabuzaria de Azamor com os quinhentos que comfigo trouxe de Marrocos, entre os quaes, e os nossos soldados que seriaõ duzentos e cincoenta, se travou huma tal peleja, que toda aquella parte do campo em que a briga se fazia com a mais parte onde a cavallaria pelejava senão via cousa alguma com a grande fumaça, que de huma, e outra parte se levantava, tanto que foy forçado apartaremse as cavallarias de ambas as partes; e poremse à mira, vendo os seus soldados com quanto esforço, e impeto acometiaõ huns aos outros, mas como os nossos eraõ soldados velhos de muitos annos de Africa, que os mais delles se tinhaõ achado neste cerco, apertarão com os Mouros de tal sorte que a tiros certos matavaõ, e feriaõ os Mouros contrarios, e foy tal o impeto destes bons Portuguezes, que não podendo os inimigos aguardar, lar-

garaõ o lugar levando comfigo os mortos, e feridos. Quando a nossa cavallaria vio ir os seus escopeteiros desbaratados, e postos em fugida, não apertarão menos com os seus de cavallo, de modo que dando com elles fóra, lhe foy forçado tomarem os seus de pé nas ancas dos cavallos, recolhendo se com toda a pressa, ficando os nossos no campo vitoriosos, fazendo ponte de prata ao inimigo, que se hia retirando; basta que os trataram de maneira, que se tornou este Alcaide pelo caminho por donde veyo à Cidade de Marrocos, muy triste, e desconfolado, arrenegando de *Alboreja*, que assim lhe chamaõ à Fortaleza na sua Arabia, e nunca mais tornou ao lugar aonde tambem o receberaõ. Este Cide Muça se veyo depois de alguns annos caminho deste Reyno com sua mulher, e filhos, fogindo delRey de Marrocos, que lhe quizera cortar a cabeça, e tomarlhe a fazenda pelo ver muito poderoso, e rico, que este he o galardão, e paga que elles daõ a quem tambem os serve, e estando aposentado na Cidade de Lisboa, mandou matar huma Moura de sua casa, q se quizera fazer Chri-tãa, pelo qual respeito o desterrou ElRey D. Sebastiaõ para a Cidade de Evora, aonde morreo, ficando seus filhos neste Reyno, até que com licença, que se lhe deu, foraõ para Berberia.

Aos sete dias do mez de Setembro

bro, véspera de nossa Senhora da Luz, fogiraõ os Cavalleiros que estavaõ cativos em Azamor, e como vinhaõ carregados de ferros, não podiaõ caminhar, e adiantandole hum, que abriu os ferros, chegou à Fortaleza meya hora ante manhãa ao dia de nossa Senhora, e abrindolhe as portas, disse ao Capitão, que eraõ fogidos todos os cativos que estavaõ em Azamor, os quaes não pude- raõ abrir os ferros, pelo qual re- peito não podiaõ caminhar, que devia de mandar soccorrellos. O Capitão Alvaro de Carvalho ou- vindo a nova dos cativos fogidos com grande alvoroço mandou al- guns Cavalleiros a soccorrellos, ao que sahiraõ alguns parentes, e amigos, em quanto o Capitão com a mais gente se ficavão avi- ando para irem nas suas costas, e foy taõ grande a pressa destes leaes amigos, que os mais delles foraõ desarmados, parecendolhe que se tardassem hum instante, corria perigo tornaremnos a cativar, por serem já horas de os poderem ter achado menos, e tambem por lhe parecer que estariaõ já perto, e que logo os achariaõ; mas os ca- tivos como vinhaõ algemados, e com grandes cadeas, não cami- nharaõ aquella noite mais que hu- ma legoa, e distavaõ outra da For- taleza. Tanto que o Alcaide soube que os seus cativos eraõ fogidos, despedio logo a toda a pressa tre- zentos Mouros de cavallo, que

Part. I.

fossem atè as portas de Mazagaõ em busca delles. Os nossos Caval- leiros tendo caminhado meya le- goa, não acharaõ os cativos, e só avistaraõ os trezentos Mouros; pararaõ, esperando pelo Capitão, com determinação de que se os Mouros achassem os cativos, mor- rerem todos sobre elles; a este tempo vinha já chegando o Capi- taõ com cem de cavallo a hum posto a que chamaõ as Palmeiras da Cooceparo, e o Alcaide dando costas aos seus trezentos Mouros, que vinhaõ na dianteira, trazen- do comsigo setecentos de cavallo, e oitocentos de pè, avistando a nossa gente parou, mandando di- zer à sua dianteira, que em elle abalando, se passassem da parte da Villa, para que a nossa gente lhe ficasse no meyo; e com suas Ban- deiras arvoradas apresentou bata- lha ao nosso Capitão. Neste tem- po sahiraõ da nossa dianteira doze Cavalleiros, e da parte dos Mou- ros cincoenta, a elcaramuçar, e travandole hums com os outros, lhe feriraõ os nossos, cinco dos seus; e porque ao Capitão lhe pa- receo, que aquella gente era mui- to mais que seiscentos de cavallo, que Azamor tinha de Ordenança, mandou chamar o cativo, e fazen- dolhe pergunta se vinha alli algu- ma gente nova, lhe respondeo, que o dia de antes era chegado hum Alcaide, chamado Alelix, neto de hum Elche com duzen- tos atiradores de espingardas, e

Ll ij

béf.

bêstas, e que da parte da Xauhia devia de vir também gente, e como a força era muito grande, e com muito fogo, determinou o Capitão não lhe dar batalha, por estar muito afastado dos valos, e abalandole a nossa gente para tomar a praya, arremeteo muito depressa a sua dianteira com muito grande impeto, e pondo-se da parte da Villa, acodio Pedro Alvares de Carvalho com setenta homens de cavallo, e arremetendo com grande furia com a frente à Fortaleza contra os Mouros, que daquella parte estavaõ, deu nelles com tão grande impeto, que do primeiro encontro lhe derribaraõ muitos Mouros, e cavallos, e naquella volta nos feriraõ hum homem, e mataraõ dous cavallos; a esta pressa acodio o Alcaide com sua gente feita em duas batalhas a encontrar-se com o Capitão, onde se travou huma tal escaramuça, q̃ em pouco tempo se encheo o campo, de Mouros, e cavallos mortos, e chegando hum Mouro ao Capitão, lhe atirou huma lança, e elle desprezandose de dar no Mouro com o ferro, traçou a lança, e lhe deu tão grande pancada, que o fez dar de focinhos no pescosso do cavallo. A este tempo acodiaraõ trezentos soldados nossos, que a tiros certos derribavaõ os Mouros. Pedro Alvares de Carvalho, filho morgado do Capitão, mancebo esforçado, andando entre os Mouros como hum Leão, fez tan-

to da sua parte com os seus setenta Cavalleiros, que poz os Mouros em grande aperto; e o Capitão com a sua gente trataraõ o Alcaide tão mal, que lhe fizeraõ largar o campo com grande perda dos seus; e foy tal a vitoria deste dia, que mostrando a Senhora da Luz, cujo dia era, seus santos milagres, davaõ os pilouros nos homens, e recuavaõ atraz sem fazer damno algum; o que se não duvide, porque assim passou na verdade, pois foy tão grande o acmetimento, e força dos Christãos este dia, que cuidõ verdadeiramente, que se os Mouros fossem muitos mais, não deixariaõ os nossos de os desbaratar, pois andavaõ neste conflito muito denodados, e destemidos. Finalmente deixaraõ os Mouros o campo, e se retiraraõ tão quebrantados, e tristes, que ficando-lhe os cativos no caminho, os não buscaraõ, que sem falta os achariaõ, por estarem em brenhados tão perto do caminho, que lhe ouviraõ ir chorando os mortos; e recolhidos os inimigos, se tornaraõ os nossos à Fortaleza com a liberdade dos seus cativos; e aquelles infieis se foraõ com perda de mais de duzentos mortos, e feridos, ficando o campo semeado de cavallos mortos; dos nossos feriraõ tres homens, e mataraõ hum, com mais quatro cavallos, e cinco feridos; esta foy a perda que os nossos houveraõ aquelle dia; durou a peleja das nove horas

até a humo depois do meyo dia.

Estas, e outras victorias teve este Capitaõ em dias assinalados, e as mais dellas se tinhaõ por milagrosas, porque parecia impossivel desbaratarem taõ poucos Christãos tanta quantidade de Mouros; mais tinha este Capitaõ, que por grandes victorias que alcançasse, sentia tanto a morte de hum Christão, que não festejava a victoria como tinha de obrigação, e quasi que se não tinha por victorioso, sentindo muito a falta de hum Cavalleiro, ou soldado, e dizia que mas queria a vida de hum delles, que a morte de duzentos Mouros, que tanto os amava, e queria. Este Capitaõ adoeceo gravemente, e assim enfermo venceu ainda algumas vezes os Mouros, e por mal que estivesse não queria estar na cama, e falleceo sentado em huma cadeira, conhecendo sua morte se despedio de todos, e foy muito sentido de todos os seus Cavalleiros, e soldados.

CAPITULO CL.

Do que aconteceu nas Ilhas de S. Jorge, e do Pico, com a noticia de algumas particularidades desta segunda.

T Ambem quero dar noticia de alguns casos notaveis, que neste tempo acontecerão nas Ilhas dos Afllores. A 29. de Agosto de

1562. que era Domingo, duas horas depois de anoitecer, tremeo a terra na Ilha de S. Jorge muy fortemente, e deu tres abalos taõ grandes, que foraõ sentidos por toda a Ilha de tal sorte, que cuidou a gente que todos morriaõ sumergidos com a Ilha debaixo do mar, e foy tal o temor, que logo aquella noite fizerão muitas Prociçloens de Preces, pedindo misericordia a Deos. Quarta feira 24. de Setembro, depois de vespertas, choveo na mesma Ilha de S. Jorge pedra assim como polvera, e durou por espaço de meya hora muita quantidade da dita pedra. No Sabbado seguinte choveo na mesma Ilha areia como terra, e toda vinha sem agua, e muita quantidade, de modo que se despovecu a terra, e chorava a gente que era cousa lastimosa, e causou grande temor. A 27. de noite tornou a tremer a terra com muito grande abalo, e se atemorizou toda a gente, acodindo a fazer Prociçloens de dia, e de noite.

Na Ilha do Pico tremeo a terra todos os dias até 17. de Setembro do dito anno de 1562. e em huma quarta feira tremeo vinte e quatro vezes. E ao Domingo, que foraõ 22. do dito mez, estando a gente à Missa, tremeo taõ fortemente, que todos ficaraõ atemorizados, e cuidaraõ ser sumergidos. E logo na segunda feira seguinte pela meya noite, começaraõ a cahir por toda a Ilha muitos rayos

rayos, com grandes trovoens, relampagos, e tremor da terra, e estando nisto viraõ correr tres ribeiras de fogo, as quaes nasciaõ de hum alto monte, a que chamaõ o Pico do Cavalleiro, e vinhaõ correndo ao mar para a banda da Serra Ventosa, e no cume deste Pico se abrio hum lagoa de fogo, que o fez arrebentar, e lançar muitas pedras para o ar, tamanhas como casas, e estas pedras corriaõ para o mar assim ardendo, e faziaõ nelle grande ruido, e estrondo, e entravaõ assim ardendo pelo mar dentro hum bom espaço, que era mais de tiro de bésta, e estas pedras, que se ajuntavaõ assim no mar, faziaõ rocha nelle, que entre humas, e outras ribeiras se faziaõ bahias, e portos onde podiaõ invernar navios, pelo crescimento das pedras, que hiaõ correndo para o mar, e sahiaõ ardendo do dito cabeço, ou Pico. Quarta feira 25. de Setembro choveo na dita Ilha pedra como nozes.

Em quinta feira 26. do dito mez arrebentaraõ outras ribeiras de fogo muito espantosas, que hiaõ dar no mar com grande rugido, causando grande pavor. No Sabbado seguinte à noite se abrião duas linguas de fogo na mesma Serra, taõ grandes que parecia tocarem nas nuvens. Da dita Serra sahiaõ duas ribeiras de fogo muito temorosas, que corriaõ ao mar com grande violencia; por cuja causa se despovoou a Ilha,

fugindo toda a gente della, acolhendose às Ilhas de S. Jorge, Fayal, e Terceira, pelo grande risco em que se achavaõ. Este elevado monte, chamado Pico, que he o mesmo que *Bico*, arde com grande verocidade, e impeto, lançando de si outras muitas ribeiras de fogo, que em oito, ou nove mezes foraõ mais de quarenta, continuando assim dous annos, e depois foraõ aplacando, vendose este fogo das outras Ilhas com grande temor.

Esta Ilha do Pico he hum das nove dos Afflores, a saber a Ilha de Santa Maria, a de S. Miguel, a de nosso Senhor Jesu Christo, chamada communmente a Ilha Terceira, (em cuja Cidade de Angra reside o Bispo dellas) a de S. Jorge, a do Pico, a do Fayal, a Graciosa, a das Flores, e a do Corvo. A Ilha do Pico está ao Sul da Ilha Terceira vinte e tantas legoas, e está entre a de S. Jorge, que lhe fica ao Norte, e a do Fayal, que está ao Sul della, e de humas às outras seraõ o mais longe seis legoas, que em partes ha hum só legoa de hum a outra. Tem esta Ilha de comprimento de laeis legoas, e quatro de largo; corre o comprido della de Nascente a Poente, e para a banda do Nascente tem hum levantado monte, ou cabeço, chamado *Pico*, de que a Ilha toma o nome, e he taõ alto, que poucas vezes sobem as nuvens tanto, que cheguem

guem a cobri-lhe o cume do Pico; chamaõ-lhe a coroa do Pico, por ser mais agudo, e porque as nuvens o não cobrem muitas vezes; e assim os marçantes, como os Povos das outras Ilhas não vem mais que esta coroa do Pico, e o mais parece. Céo por andarem as nuvens mais baixas. No mais alto cume deste Pico ha huma planicia; coufa de hum quarto de legoa em circuito, e no meyo tem huma concavidade tão profunda, que se estende ao centro da terra, ou ao mar, donde muitas vezes vem os marçantes, e a gente das outras Ilhas fahir linguas de fogo, e fumo continuamente.

No Verao os moradores da terra, e alguns curiolo, que vaõ deste Reyno, sobem arriba a esta coroa com muito trabalho, e vaõ a tempo que possaõ tornar a dormir abaixo às casuas dos vaqueiros, por ser tão grande a frialdade; que se não pode sotrer de noite. Ao Norte deste Pico nas suas margens esta outro mais pequeno, que se chama do *Cavalleiro*, e he donde agora rebentou o fogo, como acima fica dito. Nas margens deste cabeça ha varias creações de gado; aproveita-se muy pouca terra desta Ilha para a sementeira, por ser muy fragosa de pedras, e alcantilada de rochas; com tudo ha nella muita fruta de espinho, mais, e melhor, que nas outras Ilhas; os moradores della trazem pantufos de pelles de porco cruas com ca-

bello, por ser a terra muito aspera; ha nella tres Villas pequenas, e cete, ou oito Lugares.

CAPITULO CII.

Convoca a Rainha a Cortes, e renuncia o governo do Reyno.

A Cabado felizmente o notavel cerco, e prodigiosa defensa da Praça de Mazagaõ, com outros feitos famosos no Estado da India, e mais Conquistas deste Reyno, tendo-o governado com summa prudencia, e valor de seu animo a Serenissima Senhora, e muito virtuosa Rainha Dona Catharina, por espaço de cinco annos, e quatro mezes, vendose já cançada com tantos negocios do governo do Reyno, a mayor parte delles encaminhados muito ao contrario do que ella desejava, resolveose segunda vez com determinada resolução a deixallos, enfastiada já dos tumultos da Corte; e tambem porque appetecia o repouso de sua alma, e dar a Deos com quietação os ultimos dias de sua vida, pois se achava com larga idade, e queria empregar a que lhe restava em seu serviço; para o que convocou a Cortes os tres Estados do Reyno, Ecclesiastico, Nobreza, e Povo no principio do mez Outubro deste anno de 1562. e juntos os Procuradores, e os mais que nellas haviaõ de af-

fistir

sistir na sala destinada para isso, lhe mandou a Rainha propor pelo Doutor Antonio Pinheiro o seguinte: Que ElRey seu Senhor, e marido, que Deos tinha, a nomeara, e declarara, muitos dias antes do seu fallecimento, por tutora, e curadora do Senhor Rey seu neto, e por Regedora, e Governadora de todos seus Reynos, e Senhorios; e que depois do seu fallecimento fora esta sua vontade, e determinação approvada, e ratificada pelo Senhor Cardeal seu irmão, e pelos Grandes dos ditos Reynos, conforme a escritura, que disse fora feita nesse tempo; do que ella com muito justas causas se pudera escusar de tão grande trabalho, vendo, e conhecendo, que nenhuma cousa lhe era mais propria, que sentir tão grande perda, e pedir a nosso Senhor nella consolação, e conformidade com sua Divina vontade, que a grandeza da dor requeria, e que aquelle de quem recebia espiritos, e forças em todas as cousas, fora Deos servido, por seus grandes peccados, q̃ lhe faltasse; todavia lembrando-se mais da obrigação q̃ lhe tinha, q̃ do q̃ se lhe representava em cousa tão grande, para a qual nunca as partes, q̃ para ella se requeriaõ podiaõ ser iguaes aos desejos, que ella tinha de o fazer com bom acerto; aceitou o servir nisso a Deos nosso Senhor, e obedecer a ElRey seu Senhor, e fazer alguma obra de amor ao Senhor Rey seu neto, a quem o tinha muy grande, e que assim pro-

cedera no trabalho, até que conhecendo-se sem forças para o continuar, determinara de o deixar, e o declarara assim ao Senhor Cardeal seu irmão, e a todo o Reyno; e por elle, e por todo o Reyno lhe fora pedido com a instancia, que se sabia, que o não quizesse deixar; apresentandolhe muitas razões para isso, e que ella pelo prazer, e também por senão mostrar ingrata a taes Vassallos tanto para estimar, quiz tirar forças donde as não havia, e mostrarlhe que não era menos o amor com que isso queria tornar a fazer por elles, que aquelle, com que elles lhe pediaõ que ella o fizesse.

Porém que agora considerando os annos que havia que governava, e regia estes Reynos, e como verdadeiramente sua disposição por causa dos muitos, e grandes trabalhos, que nisso tinha passado, e principalmente por sua grande desconsoação, não era a que convinha para poder mais com tão grande pezo, como era o governo de tão grandes Reynos, e Senhorios; pelo que declarava às ditas Cortes, onde Sua Alteza estava presente, e os tres Estados do seu Reyno estavão juntos, que lhe não era possível, nem se atrevia a continuar mais com o dito governo, e daquelle dia em diante o renunciava, e nelle não entenderia mais que somente ainda dez dias, para que dentro nelles se declarasse que governasse o Senhor Cardeal, seu irmão, ao qual por tantas ra-

zoens, e por tantas, e tão grandes qualidades, como em sua pessoa concorriaõ era devido, e muy proprio o governo destes Reynos; e a ella, e a sua consciencia gastar a vida, que lhe restava na salvação de sua alma; o que havia muitos dias, que tivera já feito senão esperara ser mais proprio fazello no dito lugar de Cortes, q̄ achava ser muy conveniente para declarar esta sua determinação, e q̄ pedia a Sua Alteza que se na parte de sua tutora, e curadora deixara por alguma maneira de cumprir com o que devia à obrigação de tão grande cargo, se lembrasse que não podia isto ser senão por razão da fraqueza, e miseria de que todos os mortaes somos compostos, attendendo que em tudo o que fizera em sua criação, e em seu serviço fora sempre desejando de o poder fazer melhor, e na parte q̄ tocava ao governo dos seus Reynos, e Senhorios, pedia tambem a todos, os que erão presentes, e assim aos ausentes, não reparaassem em suas fraquezas, e descuidos, que nisso teria; mas que attendessem ao grande desejo, que sempre tivera de os governar em justiça, e paz, e concordia de todos; e que lhe quizessem asseitar aquella sua vontade, e grande zelo, que sempre nella houvera de todo o seu bem, e accrescentamento particular de cada hũ, e universal de todos; e que esperava em Deos nosso Senhor, que do senhor Cardeal, seu irmão seriaõ tambem, e com tanta justiça, e paz

Part. I.

governados, e regidos, que do seu bom governo, e da grande obediencia, e fidelidade de todos elles esperava ella se seguisse grande honra para Deos, e grande serviço do senhor Rey seu neto, e grande beneficio de todos seus Reynos, e Senhorios. Isto deu a Rainha por escripto ao dito Doutor Antonio Pinheiro assinado de sua mão em 8. de Outubro do dito anno de 1562.

Grande foy a desconfortação, com que foy ouvida esta proposta, e resolução da Rainha, e contrariada de todos mandando-lhe pedir que os não quizesse desgostar, nem desamparar em tempo de tanta necessidade; mas ella resolutamente se desencarregou, e não quiz convir na supplica dos que lho contrariavaõ com grande sentimento, porque desejavaõ que ella continuasse com o governo até seu neto ter idade para o tomar, e governar por si pelo bem, que ella o fazia. E se nos tempos passados sentio o Reyno que o governasse a Rainha Dona Leonor, mãy del Rey Dom Affonso V. e mulher del Rey Dom Duarte, por ser Estrangeira, e por haver no Reyno Infantes, homens de muita prudencia, e capacidade para o governo que em fim lho vieraõ a tirar, e entregar ao Infante Dom Pedro; agora succedendo ao contrario; sentiaõ amargamente que estoura o largasse; tal era a sua bondade! tal o acerto do seu governo!

Mm

verno!

verno ! Em seu tempo se continuou a refórma das Religioens, que ElRey seu marido fazia, e se fizeraõ de novo muitos Mosteiros, e Igrejas com a sua ajuda. A sua instancia fez o Summo Pontifice Paulo IV. a Igreja de Goa, Cabeça do Imperio da India, Metropolitana Arcebispal, e creou de novo os Bispos de Cóchim, e Malaca, e foraõ para primeiros Bispos destas duas Cidades dous Religiosos da Ordem de S. Domingos, fogeitos de muitas letras, prudencia, e virtude, a saber, D. Fr. Jorge Temudo para Cochim, e D. Fr. Jorge de Santa Luzia para Malaca, e para a Cidade de Braga neste Reyno de Portugal, nomeou para Arcebispo no mesmo tempo hum grande santo Várão da mesma Ordem, que foy D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, natural de Lisboa da Freguezia do seu appellido, de cuja Beatificação se trata, que aceitou obrigado da obediencia do seu Provincial. Por industria desta Serenissima Rainha, e do Cardeal Infante seu cunhado, passou em seu tempo à India o Supremo Tribunal do Santo Officio da Inquisição. Tambem à sua instancia se alcançou do Papa Pio IV. a approvação, por authoridade Apostolica, dos cultos do glorioso S. Gonçalo de Amarante, prodigiolo Portuguez, no anno de 1561.

Outras muitas obras fez dignas de grande louvor, q̃ não particula-

rizo por abbreviar. Mas tornando ao que hiamos tratando, que era a renunciação do governo do Reyno, proseguiole o acto das Cortes, e para a boa direcção dellas, deu Lourenço Pires de Tavora, Fidalgo bem affamado, e conhecido, que era hum dos trinta eleitos, que costumaõ representar nellas todo o Estado da Nobreza, as advertencias, ou documentos seguintes, tirados da sua grande prudencia.

Parece necessario haver hum Secretario; ver se se fard dos da companhia, ou se se chamará de fóra, e proceder nas determinações, que se tomarem por termos, e autos. Que não se ajuntem os vinte e quatro sem os seis. Que os seis chamem aos vinte e quatro todas as vezes que tiverem entendido alguma novidade. E que os vinte e quatro chamem aos seis quando parecer os devem advertir de alguma cousa, ou para lhe dar nova commissão: ordenar de huns, e dos outros quem faça os chamamentos: ordenar quem proponha nas congregações: baja mesa, bancos, e escripturaninha, e o provimento disso toque ao Senhor Duque de Aveiro. E parece que quando os seis chamarem, deve propor o Senhor Conde da Castanheira; e quando os vinte e quatro, proponha o Senhor Duque de Aveiro. Ver se as determinações das proposições se se tomaraõ por mais votos, ou por eleição de alguns Deputados para isso; se

se quem propuzer mandarà calar, ou tornar a repetir o que disse; devem os trinta communicar-se com os outros dous Estados; ver onde, e como eleger nesta primeira congregação quem trate isso com elles; ordenar o que se lhes diga; em tudo se deve fugir mostras de superioridade, e competencias nas presidencias; porque são causa de perturbação, e enlevo. Devese considerar, vista a importancia, na brevidade, e resolução nos negocios, que se haõ de tratar nestas Cortes, e de todos os que por ellas estão suspensos se se poderá escusar pedir este Estado dilação alguma ao termo que a Rainha nossa Senhora poz para o acto, e de quantos dias será, ou se contentando-se por agora com o que os outros Estados em tanto tempo tem apontado, em seus capitulos para o bom provimento das necessidades do Reyno, remeter-se a elles, declarando, que procedendo as Cortes, irão vindo os ditos capitulos, e provando os que forem de mais importancia, e assim ajuntando outros, se parecerem necessarios. Devese tambem considerar, se concedendo Suas Altezas, que nos capitulos dos outros Estados se communicará todo o procedimento delles com esta congregação da Nobreza, será justo aceitar o termo, que a Rainha ordena ao acto, pois com a dita concessão, e certeza nella se alcança o effeito, que se póde pertender, e se escusa a dilação, que já vay sendo muy prejudicial a outros muitos

Part. I.

effeitos. Se se deve entender, o parecer, e determinação dos outros Estados, sobre o ponto de quando será o acto, para que se estiverem deliberados em ser segunda feira, como Sua Alteza ordena, prover esta congregação a não ser na primeira determinação contraria ao consentimento dos mais, visto como da uniaõ, e conformidade nos pareceres se ganha muita força, para as proposições, e do contrario nascem suspeitas, e desconfianças entre amigos.

Devese tambem considerar se entendendo que o Estado dos Povos insista em mais dilação no acto das Cortes, se basta esta para a Nobreza prover nestes dias ao menos em summa ao mais necessario o responder à Rainha nossa Senhora, que o dito Estado da Nobreza com a mayor diligencia, e mayor cuidado que lhe for possível se disporá para o termo que as Cidades lhe pedem, pois sem elle não se poderá fazer o dito acto. Ajuntar toda a Nobreza, como está proposto parece à primeira vista negocio fermoço, necessario, e conveniente; mas considerado pela parte contraria os inconvenientes parece muito prejudicial; porque se debilita a authoridade desta congregação, e se diminue do poder, que pelo primeiro ajuntamento, e por aquelle solemne acto lhe estava tacitamente concedido, se se lhe pedir na junta que agora se pertende consentimento no feito, e por fazer arrogasse o summo Im-

Mm ij

tercio

perio huma muy numerosa companhia de muy differentes pareceres, e pertençaens, quererão ser consultados em todos os procedimentos, será este hum modo de proceder, em que não haverá fim, nem resolução, padecem os negocios, padecem os Povos no sustentamento de seus Procuradores com taes invençoens de dilação. Se tambem se ha de ajuntar todo o Estado, como se aponta, e não lhe ha de dizer a congregação outra cousa mais que advertillos, para darem os capitulos, que lhes bem parecer ao Escrivão, para a qual pratica bastão quatro palavras; e feito tão grande concerto, e solemne chamamento, pela Rainha nossa Senhora para effeito, do que huns, e outros pediamos dizer, creyo que os chamados se recetirão muito, e se haverão por offendidos, e que não faltara na tal junta quem aponte cousas indecentes desse acto, e achará quem o siga, ou dos escandalizados, por ficarem de fóra, ou dos zelosos, segundo seu parecer: pelas quaes razões o ajuntamento será damnozo, e cheyo de inconvenientes, com nor os accidentes, e será fomento de muitas dilações, muito prejudiciaes ao fim, que se pretende. Ter cumprimento com o Estado Ecclesiastico se dilaton mais do necessario, devem ir duas pessoas, ou as mesmas que forão ao das Cidades, e dizerlhes que suas Senhorias terão entendido o que o Estado da Nobreza, por commissão da Rainha nossa Senhora, teve na

eleição dos vinte e quatro Diffinidores, e seis Eleitos para com os outros dous Estados servirem nestas Cortes, conforme ao que Sua Alteza com suas Senhorias tem tratado, e para o bom effeito deste negocio he muy necessaria a uniaõ, e conformidade de todos os tres Estados, faz saber a suas Senhorias esta congregação que elles estão presentes, e desejosos de communicar com elles, para que conferindo os pareceres de huns, e outros se conformem no que for mais serviço de Deos; e del Rey nosso Senhor, e bem destes Reynos: e que o modo de como isto sera devem de praticar: e que as Cidades tiverão, e tem o mesmo cumprimento com esta congregação; e para este effeito estão conformes.

No proleguimento destas Cortes houve dilação na conformidade dos votos, e pareceres, e assim se forão demorando por espaço de tres mezes, não tendo effeito a renuncia da regencia do Reyno, que a Rainha fazia, no termo por ella determinado, dilatandose a rogo dos mesmos Cortezãos, por assim ser precisamente necessario; e como El Rey D. Sebastião seu neto, era ainda menino de muy pouca idade para tomar o Sceptro, que tinha pouco mais de oito annos, e a Rainha se resolveo a largallo; trataraõ as Cortes de eleger ao dito Cardeal por Governador, assim pela obrigação, que nelle havia de ajudar os Reynos de Portugal, e assim por amor del.

delRey D. Sebastião seu sobrinho, como por não haver outro Principe no Reyno de mais authoridade, e experiencia; e ainda que houve duvidas em alguns dos Grandes, porque se achavaõ melhor com o governo da Rainha, finalmente se vieraõ a conformar, e elegeraõ ao dito Cardeal, e lhe pediraõ aceitasse, e o mesmo lhe pedio tambem a Rainha; e elle não desprezando a offerta, compadecido da necessidade dos Povos, e deseioso de fazer este serviço ao menino Rey, como grande zelador do bem cõmum, e dotado de muita virtude aceitou, e assim lhe foy entregue a Regencia dos Reynos, e Senhorios de Portugal em 23. de Dezembro do dito anno de 1562. ficando a Rainha sempre correndo com a criação delRey como dantes.

CAPITULO CHI.

De huns apontamentos, que os Povos propozeraõ, e pedirão nestas Cortes.

Que ElRey nosso Senhor, tanto que for de nove annos se tire dantre mulheres, e se entregue aos homens. Que D. Aleixo se aposente por ser muito velho, e para isso. Que o Conselho escolha Camareiro mór, e que não seja do Estado Real. Que se escolha para Fisico mór hum Letrado

Christão Velho. Que ElRey se mude dos Paços da Ribeira, por serem humidos, e muito devaços. Que cale ElRey, posto que não tenha idade, e seja em França, e a mulher se traga, e se crie neste Reyno. Que elcolhaõ doze para o Conselho Portuguezes, e não Estrangeiros, e algum que entenda de guerra, e que sejaõ eleitos nas Cortes, e que entrem os Duques, e o Senhor D. Duarte, e o Senhor D. Antonio, e q no Conselho não haja precedencias no votar, nem nos assentos. Que os do Conselho não recebaõ por si, nem por outrem, mulher, nem filhos, nenhum serviço, nem emprestado, e assim o jurẽm. Que se faça Ley que os do Conselho não pessão merces por si, nem por outrem atè Vossa Alteza não ser de idade para governar. Que os do Conselho votem juntamente, e não apartados, nem por escritos, e com o parecer de todos juntos despachem as merces, tenças, e comendas, e as Provisões levarão vista dos do Conselho. Que o assentamento do Reyno seja visto pelos do Conselho. Que os filhosamentos se fação pelos do Conselho, e não passe dos Grandes atè Vossa Alteza não ser de idade, e os que tomar seja com casamento e moradia. Que por encurtar despesas haja moderação, e comece na sua Capella, e tire dos Capellães, e não tome moços da Capella sobejos, e faça numero de cada hum

hum. Que dos Fificos , e Cirurgiães sobejos faça numero de cada hum. Que os Embaixadores , que manda aos Reynos Estrangeiros não estem perpetuos , e se venhão tanto que acabarem suas Embaixadas por encurtar despezas. Que se faça Ley que se não dê officio de sua Casa a Estrangeiros , nem Prelazias. Que pelas necessidades do Reyno mande que se tirem , e cessem as obras , e se fação lemente as Fortalezas do mar até Vossa Alteza ser de idade , e governar. Que se não larguem os lugares de Africa , nem Mazagaõ , e assim o pedem , e requerem. Que no Algarve se fação Fortalezas , onde parecerem necessarias. Que Vossa Alteza não consinta fazeremse mais Mosteiros no Reyno pelos muitos que ha , por serem prejudiciaes , e enfadonhos tantos peditorios. Que senão dê dote a nenhuma Freira senão de coula , que renda , e por sua morte fique a seus herdeiros. Que os da Ordem da Companhia , que hora he muito differente do que mostrou no principio pelo muito que pedem , e tem , que vivaõ de esmolas , como todos os outros fóra de Portugal , e que não tenhaõ proprio , ou se desfaça de todo , e que se lhe tome a renda ; os quaes começaraõ a ensinar Latinidade nesta Cidade de graça , e agora leuão mil cruzados , e por todo tem dezaseis mil cruzados , ou não haja mais que doze em cada Casa. Que

Vossa Alteza haja do Santo Padre q̃ nenhum Mosteiro herde. Que os Estudos de Coimbra se desfaçaõ por serem prejudiciaes ao Reyno , e a renda se applique para a guerra , e quem quizer aprender vá a Salamanca , ou a Pariz , e não haverá tanto Letrado sobejo , nem tantas demandas. Que os Prelados não venhão à Corte se não chamados , ou por licença , e que residão em suas Prelazias , e não lhes encarreguem officios. Que Vossa Alteza tome dous dias na semana , hum para assinar , e outro para ouvir partes. Que façaõ Ley que nenhuma filha possa herdar calando fóra do Reyno. Que não haja mais Desembargadores do Paço do que antigamente sohia haver. Que não haja tantos Desembargadores na Casa da Supricaçaõ , e do Civel , elcolha os necessarios , e os outros apolenteos , e aos que ficarem accrescente os ordenados ; porque senão podem manter com o que tem ao presente. Que na Fazenda não haja mais q̃ tres Desembargadores , e o Juiz della. Que os officios de Regedor , e Governador , e Desembargadores , e os mais Officiaes da Justiça se não dem a filhos como herança. Que os Officiaes da Mesa da Consciencia não tomem conhecimento do que lhe não pertence , como fazem tomando a jurisdicçaõ de Vossa Alteza , e quanto às Ordens , que haja Juiz dellas , como sempre foy. Que haja por esculadia

da a Casa da Relação do Hospital, onde se despacha em Mesa, como cada huma das outras, e assim os da Misericordia. Que os Corregedores sejaõ por Almoxarifados como em tempo del Rey D. Manoel. Que não haja Juizes de Fóra, e que o sejaõ os homens honrados, por se elcufarem gastos. Que as residencias se tomem por pessoas leigas, e de boa consciencia, e não por Letrados. Que estem fóra do lugar aquelles a que se tomar a residencia. Que não haja Juiz das Cizas, e o sejaõ os Juizes Ordinarios. Que nos lugares grandes onde se não elcusa Juiz de Fóra que se proveja dos Desembargadores, que se despejarem das Casas, donde tambem se elcolherão Corregedores, e se lhe accrescente o mantimento, e a alçada. Pareceo bem a Vossa Alteza por encurtar despezas, e gastos que as appellaçoens viessem à Casa do Civel, onde se tirava sentença, e dalli tornava à Casa da Supricação com muita despeza das partes, e muita dilação, e porque senão ule, e tornem como dantes; e porque tem muitos feitos crimes, e civeis a Casa da Supricação de casos leves pedem haja por bem, que não passando de mil reis em ferimento, onde não houver disformidade, nem parte, e assim de resistencias de porteiros, e outras semelhantes se livrem em Camara. Que os Alvarás, que estaõ concedidos aos Officiaes de

Vossa Alteza para arrecadarem suas rendas senão concedaõ a Prelados, nem outras pessoas. Que os Corregedores não vaõ ao Paço senão chamados. Que os parentes não sejaõ Officiaes, e se guarde a Ordenação. Que o Official de Vossa Alteza, que houver de fazer pagamentos, e os não fizer seja demandado perante o Juiz da terra. Que não devassem sobre quem trazer mercadorias de Castella a este Reyno. Que as suspeiçoens dos Julgadores não passem de vinte dias. Que os rendeiros se não chamem ao engano. Que não seja Juiz quem não souber ler, nem escrever. Que os Juizes dos Orfãos dem a residencia cada tres mezes. Que nenhum Official sirva por outro. Que como algum for julgado a degredo, ou a açoutes se faça logo execuçaõ. Que quando algum instrumento de agravo se pedir declarem para que caso se pede. Que tirem ao Meirinho da Corte, dos homens que traz; basta trazer doze. Que senão recebaõ nenhuns Capitulos, se os não accusar quem os der. Que quem teve juro a doze por milheiro se lhe redusa a rezaõ de defaseis, e senão descontados os rendimentos lhe tornarão o proprio. Que em todo o caso se desempenhem a Vossa Alteza muitas cousas, que são vendidas por pouco, e valem muito. Que se tome a dizima do pescado para as galès, para que os mareantes a deraõ. Que os re-

gucn.

guengos, campos, e leziras, que foraõ dados para os lugares de Africa se lhe tornem. Que os da Coroa do Reyno se não desmembrem atè Vossa Alteza não governar. Que os Desembargadores do Paço, Casa da Supricação, e do Civil, que se aposentaraõ sem idade, e levaõ o mantimento, que se lhe não dê. Que os Officiaes da Fazenda, e de fóra, que entraraõ com pouco nos officios, e tem muito dem conta como o houveraõ. O que foy tomado para El-Rey, e posto em proprio que se venda. Que mande cumprir o Regimento da sua Casa, e que não tenha moradia, quem tem mantimento do officio. Que não haja Arrendador mór, e que os Proveedores, ou Corregedores das Comarcas arrendem as rendas, e tomem as fianças. Que se esculem Almoxarifes, e que os Contadores mandem o dinheiro, que os Recebedores das Tavolas arrecadarem. Que nenhum criado de Vedor da Fazenda tenha officio nella, nem o receba. Que não haja ahi tantos Escrivães na Alfandega, e Casa da India. Que o Provedor mór da Alfandega, q̃ vive nas casas de Vossa Alteza, as despeje, e deixe, e o Provedor seja Fidalgo. Que os Officiaes da Alfandega não sejaõ Christãos Novos. Que o Porteiro da Alfandega seja homem honrado. Que se ponhaõ pençoens nos Bispos, para as despezas da Santa Inquisi-

ção. Que as Terças, que se gastaõ, nas Fortalezas se tome conta dellas. Que se arrendem as Alfandegas, por se escularem tantos gastos de Officiaes. Que se façaõ em Capitulo geral das Ordens de Christo, Santiago, e Aviz, Estatutos, que se não possaõ quebrar, senaõ em outro Capitulo. Que as Comendas da Mesa Mestral senaõ dem, e fiquem para Vossa Alteza como foraõ, e saõ ordenadas. Que das Comendas, que vagarem, se tire a terça parte para a guerra, e com esta condição se dem. Que as Comendas Dalpalhaõ, e Portalegre, e outras das Ordens se dem para as galés. Que Vossa Alteza não dê licença para irem servir Comendas, senaõ a homens de vinte annos para cima. Que os cincoenta mil cruzados, que o Santo Padre concedeo dos Prelados para as guerras, haja de sua Santidade que sejaõ para sempre. Que todos os Bispos, e Beneficios dem ajuda, e penção para a guerra de Africa. Que os Christãos Novos mercadores do Reyno sustentem duas galés, e os mais da marçanaria ajudem para huma. Que sendo caso que senaõ faça despeza na Torre de S. Gíão, o que se nella gasta seja para as galés. Que o Capitaõ mór, que for das galés, as não proveja senaõ outro por mandado de Vossa Alteza, porque saõ mal providas de tudo, por lhes ficar em casa o que para isso lhe daõ. Que haja por bem

bem tomar informação de como os Capitães das galés o fazem, e saber-se ha no Algarve. Que mande que as caravellas, e navios tragão chapas de ferro, e lugares aparelhados para lhe pôrem artelharia quando for necessario. Que nenhum Mourisco viva na costa do Algarve, por não darem avisos, como se presume. Que os filhos dos que servem de Juizes, e Vereadores que servirem nas galés dous annos, Vossa Alteza os filhe, e haja por seus. Que mande pôr em Tangere mil lanças de cavallo, e com ellas pessoa de Estado, e muita qualidade. Que mande que se exercitem nas armas para quando for necessario, e que duas legoas do mar todos tenham espingardas, lanças, e bestas. Que os Duques, e Senhores ajudem para a guerra de Africa, conforme a seus estados, e rendas. Que em todo genero de pescado haja Almotaçaria. Que nas Alfandegas do mar, senão levem direitos de presuntos, gallinhas, e outras cousas desta qualidade. Que ascoimas dos poderosos se arrecadem para as Cameras. Que aos Fidalgos se não tomem casas, nem camas. Que receitem os Medicos em lingoagem. Que nenhum Corregedor, nem Justiça, tome carneiros, e gallinhas, nem outros mantimentos. Que encomendem aos Prelados que castiguem aos seus culpados nas devaças em pescar, e caçar. Que tire o escrever

Part. I.

dos gados, e o que o tiver sabido se possa tomar delle conta de dous em dous annos. Que não haja cartas de visinhança. Que nos Bispos haja quem ajude para penitentes, e convertidas. Que tire as Cizas, e não querendo protellação de não cahir em posse, e querendo-as; aos lugares, que as aceitarem seja pelo que estavaõ ha dez annos; e arrendandoas, não ponha novas condiçoens, de que resultaõ grandes damnos, e que os recebedores sejam perpetuos. Que mande aos Contadores que fação conta das ordinarias, e as avenças sejam a dinheiro somente, e que nenhum Cizeiro possa deixar na alma da parte por se evitarem perjuros. Que arrendando as Cizas não haja mais rendeiros no ramo, que dous, e se for de quinhentos visinhos para baixo hum só. Que as partes que forem citadas seja para Audiencia certa. Que não se querendo concertar com os carneiros que os Vereadores lha possuão taixar, e senão que elles Cizeiros cortem a carne. Que não sejam obrigados os mercadores a fazer saber as mercadorias das entradas. Que sendo Officiaes de Senhores, e dos direitos Reaes, não possuão ser do Conselho. Que não possuão usar de privilegios de Cizeiro, não correndo a renda. Que havendo Juizes das Cizas fação Audiencias nas casas publicas. Que haja por seu serviço, que das cousas meudas de

Na

co.

comer sennaõ pague Ciza. Que revogue as Provisõens passadas, para que quem não vier à Tabula pague o dobro. Que das demandas que não vencerem os Cizeiros paguem as custas, e haja por bem já que leva a Ciza contra razão, e vontade dos Povos, não haja dobro nellas. Que se não guarde o das tecedeiras, que tirar a tea do tear, e se escrever. Que se não pague Ciza de egoas infantis, assim como sennaõ paga dos cavallo. Que os que passarem a pastar com seus gados, o não fação a saber de hum termo a outro. Que se escuse os Provedores. Que os rendeiros do verde o não possão tornar a ser sennaõ passando tres annos. Que a mulher que não passar de quarenta annos, não viva em casa por si. Que os elpingardeiros, e bêteiros pois não servem, que os tirem, ou deixem só os que sennaõ podem escular. Que mande aos Corregedores das Comarcas, que achando Official que faz má letra, que se não lea bem, que o faça aprender, ou venda o officio. Que os Escudeiros sendo continuos em armas, e cavallo, gozem privilegios de Cavalleiros. Que não venhão Siganos ao Reyno. Que os officios das dadivas das Cameras se tornem a ellas. Que mandem ao Brasil gente ociosa para o povoarem. Que haja de Sua Santidade, que todos os prazos se fação fateozim, e paguem para a guerra de Africa de doze reis hum,

Que mande pôr preço certo aos pastos. Que nenhuma pessoa que for a feira possa vender junto. Que mande que nas terras maninhas, ou esteriles se semeem pinhoens. Que nestas Cortes mande que os lugares comarcãos paguem para as despezas dos que vem a ellas. Que mande imprimir as Chronicas dos Reys passados. Que mande que aos lavradores não comprem a novidade antes de a recolherem. Que lembre de pagar aos criados de seu avo. Que em todo o Reyno seja a medida de razoura. Que a farinha se calque humavez, e os farellos duas. Que não passe licença para comprarem pão para vender. Mande q haja egoas, e cavallo castigos. Que o preço do pão seja conforme a medida. Que os Alcaides móres, que não residirem em suas Fortalezas, que tenham nellas Procuradores, e Feitores, para requererem em seu nome. Que os Officiaes dos direitos Reaes não entrem nos officios da Camera. Que o cofre dos orfãos não esteja mais de hum anno na mão do depositario. Que os marchantes, que tem privilegio para pastar não pastem, sennaõ onde podem pastar os visinhos. Que os Mamposteiros sejaõ postos pelas Cameras. Que se fação minutas para se fazerem as escrituras. Que onde houver rendas do Conselho se fação celleiros de pão para os tempos de necessidade. Que mandem aprender Medicina

dicina moços Christãos Velhos. Que os moleiros tomem por pezo, e assim tornem a entregar. Que tenha grande pena quem for testemunha de casamento Clandestino, não sendo o pay contente. Que se faça Ley que nenhum Castelhana seja Pastor neste Reyno. Que o Procurador do Conselho não seja constrangido a servir outro officio mais baixo. Que a pessoa que tiver cincoenta mil reis tenha egoa, e não de trinta, como era. Que se enxertem os azambujeiros. Que se faça Ley, que não levem prata para a India, nem para outras partes, e para serviço de cada hum se taixe. Que se faça taxa de paõ no que está agora. Que se faça cada anno taxa nos officiaes mecanicos, com grandes penas. Que a taxa das carnes esteja como está agora. Que não devassem sobre as Alfandegas. Que as pessoas a quem derem officio, o não vendaõ dentro em tres annos. Que o estanho seja todo hum, e marcado. Que quebre os coutos para escular muitas cousas. Que no Algarve possaõ trazer seda, e gozar das liberdades, que gozaõ em Africa. Que o rendeiro de paõ, e azeite, ou que o tiver para vender não possa ser Vereador. Que o Escrivão da Camera perpetuo não tenha gado. Que devassem sobre os officiaes se daõ à execução a Ley da seda. Que saiba como os Vedores da Fazenda servem, e

Part. I.

achando que o não fazem como devem, tire os culpados, e fiquem dous sómente, que bastaõ. Que as cousas de Africa, e despachos della tire, e passe aos do Conselho. Que não haja calças Imperiaes.

CAPITULO CIV.

De como o Cardeal Infante governou o Reyno.

ENTregue o Cardeal do governo do Reyno, se applicou com todo o cuidado aos negocios publicos, e particulares delle, e de suas Conquistas, e navegações das Armadas, com tanta promptidaõ em todos os negocios da Republica, e tão continuo nos despachos, com humanimo soffredor de todos os trabalhos, que não perdendo ponto de acodir a todas as cousas necessarias do governo do Reyno, juntamente governava o Arcebispado de Evora, onde era Prelado, e attendia com muita diligencia à Justiça, e graças da Legacia, que a elle como Legado, eraõ encarregadas. Não faltava ao essencial da quietação destes Reynos, como Inquisidormór, ajuntando a isso os negocios da Abbadia de Alcobaca, que tambem tinha, e com estes cargos occupado em extinguir do Espiritual as cizanias do Judaismo, heregias, e maos costumes, com

Nnij gran-

grande zelo da Fé Catholica. A cousa em que mais se empregava com fervoroso delvelo era no provimento dos Religiosos, e Pregadores, que enviava às Indias Orientaes a semear a doutrina Evangelica, entre as barbaras naçoens dos Gentios, onde o Nome de Christo fosse conhecido.

Nestes exercicios continuava o Cardeal Regente, que nenhum outro cuidado tinha, nem recreação buscava senão no serviço de Deos, que entendia nascer de seu governo. Mas porque em tudo pudesse acertar, além de elle ser hum retrato de todas as virtudes, consultava com Deos as duvidas de arduos negocios, e para que com mais ajuda o pudesse obrigar, não chegava a si senão homens de que tinha muita confiança, e provada experiencia de virtudes; entre os quaes teve muita authoridade diante d'elle aquelle celebre Varaõ Fr. Luiz de Granada, da Ordem dos Prègadores, a quem era muito inclinado por sua grande virtude, prudencia, e letras. Em particular era muito affecto aos Padres da Companhia de Jesus, pelo incansavel zelo da salvação das almas em que florescia, com exemplo affaz digno de grandes louvores; mas posto que geralmente a todos os desta Religião tivesse respeito, por em tudo se inclinar a seus conselhos, era o primeiro nas veneraçoes o Padre Leaõ Henriques, a quem com

mais particular devoção se communicava, o qual era Fidalgo por geração, e muito pequenino de corpo, mas nas letras, e virtudes muito grande, adornado de huma pureza de espirito, a qual Deos quiz preservar de toda a cizania de más inclinaçoens, que a natureza corrupta costuma brotar nos coraçoes humanos. E para que o Cardeal se applicasse melhor aos particulares do governo do Reyno, vagando pouco depois o Arcebispado de Lisboa, por morte do Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos de Menezes, o tomou para si, largando o de Evora, que proveo em D. Joaõ de Mello Bispo do Algarve, por lhe ficar tudo na Corte, e poder mais facilmente acudir a todas suas obrigações, como fazia com muita pontualidade.

CAPITULO CV.

Da instituição do Conselho de Estado, e dos avisos que Lourenço Pires de Távora deu ao Cardeal no principio do governo.

TAnto que o Cardeal Infante D. Henrique tomou posse do governo do Reyno, que lhe foy dado pelos tres Estados d'elle juntos em Cortes, pela renuncia que d'elle fez a Rainha, como fica dito, instituhio logo o Conselho

felho, que dalli em diante se chamou de Estado, e dizem que o primeiro dos Ministros, que escolheu para elle, fora Lourenço Pires de Tavora, pela sua grande prudencia, e dom de conselho, que parece havia nelle, de que o Cardeal se quiz aproveitar, pela experiencia, que dillo tinha, e ainda affirmão alguns, que o dito Lourenço Pires foy o que introduzio o tal Conselho. Com zelo, e liberdade parece que começou a exercitar a occupação; porque deu logo neste tempo hum papel ao Cardeal, a quem era muito obrigado, e havido por parcial seu na competencia, que havia entre elle, e a Rainha; e por esta razão menos bem visto della, o qual continha advertencias, e avisos para o bom regimento do Reyno, e dizia assim.

Sendo Vossa Alteza Governador, e novo no governo, limitado por poucos annos, he necessaria muita industria para ser acatado, e temido, e para as Leys serem guardadas; pelo qual deve em tudo proceder com muito rigor, e antes parecendo cruel, que piedoso; porque a piedade neste seu estado he muito damnosa à sua reputação, e ao serviço del Rey, e usando de rigor com consideração, e boa informação, não cabrá em muitos inconvenientes, que já tem experimentado por sua misericordia, e brandura.

Posto que Vossa Alteza não se póde fazer amar de todos, não sen-

do o tempo para os contentar com merces, deve-se acostar à parte de não ser odiado, e isto se alcança guardando justiça, e não tomando o alheyo, nem fazendo Leys prejudiciaes aos pequenos.

Não deve Vossa Alteza por nenhum modo desenganar os Grandes do Reyno, e Fidalgos grados de lhes não poder fazer merces no tempo do seu governo; porque desesperando-os, dará causa a grandes desgostos, e a ser mal servido; e por tanto entreter os requerimentos he mais seguro.

Não se offusque, nem confunda Vossa Alteza, vendo que em todas suas proposições lhe offerecem inconvenientes, e duvidas para o effeito; e tenha por certo, que em toda a deliberação ha inconvenientes em contrario; mas considerados huns, e outros, escolha por bom o que for menos mau; porque de outra maneira não se poderá resolver em cousa alguma; e a nosso Estado cumpre mudar a ordem, ou forma desviada do que ao presente se pratica.

Considere Vossa Alteza, que nem todos os do Reyno forão de acordo no contentamento de se lhe dar o governo, e que os que o servirão nisso, e folgaão de Vossa Alteza governar, foy por causa do descontentamento do governo passado, cuidando que Vossa Alteza emendaria as desordens, e daria outra forma no procedimento dos negocios; e não vendo elles agora o que esperavaão,

ravaõ, não podem deixar de ser muito descontentes, e por ventura arrependidos, e juntos assim com os mais, que refutaraõ o novo governo, se pôde entender estar todo o Reyno, e todo o Estado descontente. E por tanto com animo deliberado se deve Vossa Alteza dispor à execução das cousas, como por muitas lembranças lhe está apontado, e de outra maneira deixa muito trabalho a El Reyno, e Vossa Alteza perde muita da opiniaõ, e credito, com que estava recebido ante todos.

Todas as cartas, que receber dos Embaixadores, ou de Capitães de Africa, ou do Governador da India, e Capitães de Fortalezas, deve mandar ler em Conselho, para que os que alli estão sejaõ instructos em todas as materias, que correm no mundo, e conforme a boa intelligencia, que tiverem, saberem melhor votar, e dessa maneira com mais consideração se poderá prover em todos os negocios.

Escusaria o immenso trabalho, que agora tem occupandose em todas as mendeças dos negocios, com repartir delles com os do seu Conselho, mandando ajuntar alguns, ou todos em huma casa no Paço, deputandolhes dias, e horas para se ajuntarem, e verem todas as cousas, que tocaõ a Estado, e Guerra, que vem de fóra, para escolherem os negocios a que se deve acudir, e consultarem o como, e o que se ha de responder, e prover, e sobre isso to-

marem as informações, e darem depois conta a Vossa Alteza em somma para a execução.

Deve Vossa Alteza guardar-se dos Ministros, e Conselheiros, que attenderem muito ao proveito, interesse, e authoridade propria; porque os desta natureza não se desvelaõ no que toca a seu serviço, nem ao del Rey; mas nas mais das suas operações, seraõ prejudiciaes à Fazenda, reputação, e credito de Vossa Alteza, e dos que o servirem sem particulares respeitos, deve Vossa Alteza ter cuidado de os honrar, e gratificar.

He tanto necessaria a constancia no Principe, que governa, que sendo variavel em suas deliberações, cabira em grande descredito, e perderá toda a reputação, e dará offadia aos que andarem derredor delle de tentarem muitas vezes fazello mudar, conforme ao respeito, e interesse de cada hum. Por tanto devia Vossa Alteza propor no seu Conselho todos os negocios ordinarios, que houver de fazer tocantes ao governo de toda a Cidade, e assim quaesquer accidentes, que sobrevierem, e praticando as naquella congregação, ouvindo os pareceres, e mandando tomar mais informações, se forem necessarias, e discutidas as materias, poderá eleger a parte, que julgar por melhor, e depois de determinada comfigo só, dalla à execução, sem sobre isso mais ouvir ninguem, nem receber outros inconvenientes, senão fossem alguns

alguns, que sobreviessem de novo, e em que todos vissem ser mudança necessaria, pela novidade, e não pela inconstancia; e se depois disto alguem quizesse confutar o que desta maneira se assentasse, Vossa Alteza o não devia de ouvir, mas antes dar mostras de lhe desprazer aquella ousadia. He esta fôrma tão importante em toda a deliberação, que sem duvida ouso a dizer, que quem o não seguir, não tão somente não será temido, nem acatado dos seus subditos, mas ainda será pouco estimado de seus visinhos, e daqui nascerá também não poder nunca o tal Principe ser ledos, nem contente, nem terá saude; pois a natureza não sofre os desasocegos das mudanças do animo.

Começa Vossa Alteza a cabir em suspeita, e ser notado de fazer tudo com Foaõ; far-se-ha por essa maneira odioso, e terá a mais da gente em continuo escandalo pelos inconvenientes, que da estreita conversação arreceaõ: deve escusar em tudo, o que o sofrer, os solilloquios, e se elle ha que este pôde ser prejudicial com tanto credito, e reputação, como lhe dá, e com claramente dar a entender, que se não pôde viver sem elle, guarde-se não seja tudo o que agora faz para seu desgosto no provir: veja, e considere bem se seria de muito serviço de Deos, e del Rey restaurar o officio de Escrivão da Puridade, ou dar outra alguma ordem, com que este homem tivesse igual.

Parece que não guarda a autoridade, e reputação, que devia procurar ao seu Conselho, determinando, dispondo, ou publicando alguma cousa, das que não são communs, e correntes, sem primeiro consultar com o dito Conselho, e deve sabellas primeiro de Vossa Alteza, que das Regateiras.

Parece que não deve recear mudar a fôrma às cousas, em que notavelmente ha certeza da má ordem, e por esta razão nas de Justiça se se ella não guarda; e por consequencia nas da Fazenda, e deve considerar, que deixando as cousas como agora estão, não se desculpa do erro, que nellas atéqui houve; mas parecerá que elle as ordenou assim, inda que outrem governasse; e para excluir os que lhe contradizem a mudança, não deve propor, que a quer fazer em geral; mas comece por partes, perguntando particularmente o que se deve fazer em cada huma, e vendo-se os erros, não poderão negar ser necessario o remedio, pois he de muito mais importancia, que os inconvenientes, que para isso se podem apontar.

Queixandose da Justiça do Reyno em geral, deve mandar tirar inquiriçoens dos que a governaõ, e castigar os culpados, e ordenar como os Corregedores sejam triennaes; e assim os Juizes, e ver se seria bom seguir nisso o assento, que se tomou nas Cortes para o pedirem a Sua Alteza.

He obrigado por bom governo, e por consciencia prover na devacidaõ, que ha nos jogos de toda a sorte. Da criaçaõ del Rey deve tratar em Conselho para entender que pessoas lhe poraõ, e em que cargos. Deve advertir o que depois de deixado o governo pôde succeder, e a facilidade, que ha para poderem nascer desgostos entre elle, e Vossa Alteza. Deve assentar em suas lembranças o estado, em que tomou o governo. As dividas, que havia. As tenças, que eraõ dadas por comendas. O contrato da India, e mau exito delle. O modo na Justiça. A forma na Fazenda. O apercebimento nos Almazens. O estado dos Lugares de Africa. Os navios, q̃ havia no Reyno para Armadas. O estado da India. Deve assentar em outra folha tudo o que em cada hum das partidas remediar no tempo de sua governança. Deve querer entender o que rende a India. O que gasta, e despende em Armadas, e Officiaes. O que importa a carga, e o que fica liquido para El Rey. Deve ter a folha do rendimento do Reyno. Deve mandar tirar ao Feitor da Casa da India o registo de todos os officios, que se provem na India, e de quantos, e de quaes pessoas são providos. Deve ter em seu Escritorio hum rol de todos, os q̃ pedem comendas por serviço em Africa, com as ancianidades, e meritos em soma de cada hum: e assim outro rol dos que as pedem por tenças, que tenhaõ com essa condi-

çaõ, com a soma da tença, que cada hum tiver: e assim outro rol dos que pedem merces por Embaixadas, e idas fóra, e desta maneira poderã muy facilmente, vagando qualquer comenda, provella com si go sò, vendo pelos ditos roes a valia das comendas, e o merito das pessoas, e ou tirando tenças, ou pagando serviços de fóra do Reyno, ou dandoas aos que as serviraõ em Africa poderã fazer o despacho sem trabalho.

Deve melhorar em comendas, que vagarem alguns homens de mercedimentos se ellas forem grandes, e as que elles deixarem dar a outros, e assim provendo de humas em outras poderã fazer o despacho maior, e contentar mais requerentes.

Não se deve desanimar Vossa Alteza para procurar o remedio aos trabalhos deste Reyno ver as difficuldades, que nisso se lhe offerecem; graõ gloria, e fama serã a sua achando modo, e restauraçã de tanta perdiçaõ. As impossibilidades para isso são mais imaginarias, que verdadeiras, ponha ante seus olhos muitos Principes, e Varoens illustres, que limitados Reynos, e Republicas levantaraõ a grandes Imperios, e livraraõ Povos de duros cativinhos; nas taes operaçoens se mostra a virtude, o valor, e o espirito: não eraõ estes mais que homens, e alguns não eraõ Christãos. Repartio Deos com Vossa Alteza muitas das suas merces, communicou muitas virtudes; não quer elle sem nós as mais das vezes fa-
zer

zer tudo por nos não tirar olive ar-
bitrio, e parte da honra, que nos
pode caber; quer que trabalhemos,
que nos desfuelemos, e que se apro-
veite Vossa Alteza do grande juí-
zo, e bom entendimento, que lhe
deu: quanto mais difficuloso pa-
rece o negocio, tanto mais honro-
so será qualquer remedio, que se
lhe der, reformaçãõ he necessaria
em tudo, novas Leys, novas or-
denanças, ninguem as pode insti-
tuir melhor, que o novo Governador,
e sendo ellas justas, e provei-
tosas, quem as refuzará, recebê-
lasha todo o Reyno com animo con-
tente; pois serão para seu bem;
não devem ser ouvidos os particu-
larmente interçados, nem se pô-
de fazer mayor serviço a El Rey
nosso Senhor, será muy grande o
que se fizer a Deos. A disposiçãõ
para o effeito he grande, e sendo
assim não pôde haver grande diffi-
culdade. Farseha Vossa Alteza
dessa maneira no Ceo immortal por
gloria; na terra por fama, e para
tal fim, qual será o animo, que se
não esforce, e qual será o inconve-
niente, que enfraqueça, e estorve a
determinaçãõ, que nisso se deve to-
mar.

Se a despeza ordinaria, que se
faz na Fortificaçãõ de São Gíão se
ha de converter a outra parte, en-
tenda Vossa Alteza, que levan-
tandose agora a mão daquella obra,
não se tornará mais a ella, e fica
perdida a que esta feita, e sendo
aquella Fortaleza de muita impor-

Part. I.

tancia para a defençãõ do porto, e
de authoridade desta Cidade, não
devia de todo deixar o que esta fei-
to, mas proceder nisso como poder,
ainda que com menos gasto, ou ao
menos a devia de cerrar com faxi-
na, e terra, que ao menos poderá
durar sete, ou oito annos, até vir
melhor commodidade; e no tal re-
ducto poderá seguramente estar a
artelharia, e quem a guarde para o
effeito, que se pertende, em quanto
não ha receyo de grço exercito, que
desembarque em outra parte.

Deve determinar o que se ha de
fazer no negocio da Mina, se será
serviço del Rey mudar a fôrma cos-
tumada atéqui, e occupar desde
Axem até Caraõ todos os portos,
onde se pôde resgatar ouro; dizem
haver nesta costa pimenta, e poder-
se fazer nesta Mina cada hum anno
quinhentos quintaes.

Deixar de cobrir Tumbocutu, e
favorecer quem quizer tomar essa
empreza.

Deve pôr em Conselho o que se
fará de Mazagaõ, e deliberar-se em
o suster, ou soltar antes que venha
o Inverno, para em qualquer das
partes, em que se resolver, poder
ter tempo para se prover; e em cada
humha dellas (havendo em ambas
muitos inconvenientes de disputa)
assentar por commum consentimen-
to, não tomando sobre si sô a elei-
çãõ de suster, ou deixar pelo perigo
dos acontecimentos, que em cada
humha de haver.

Alargar a taxa do trigo, para
Oo poder

poder vir muito de todas as partes.

Mandar tirar devaça dos culpados no terreiro, por pessoas que não sejam Officiaes da Cidade, nem menos das Justças dos Corregedores; mas pessoas particulares criadas para isso.

Arrendar a Alfandega, ou não tomar depositos; não trazer nada a ella Mercadores grossos pelas arvezaçoens.

Tomar conta ao Thesourreiro da Alfandega de tres, em tres mezes; porque esse he o tempo, a que elles recebem, e pedem duas vezes o dinheiro. Se tudo isto observar governará com acerto; e agradará a Deos; servirá bem a ElRey, e satisfará geralmente aos Povos deste Reyno.

Muitos destes conselhos, como tão laudaveis, tomou, e executou o Cardeal Regente, como se vê da conta, que deu a ElRey, quando lhe entregou o governo do Reyno, referida no capitulo primeiro da Segunda Parte.

CAPITULO CVI.

Dos grandes trabalhos, que a conteceraõ na ilha de S. Miguel, e de hum deluvio de fogo, e agua, q̃ nella houve.

A Ilha de São Miguel estende-se da parte do Nascente ao Poente: tem de soito legoas de comprimento, e tres de largo de mar a mar, e para a parte do Nas-

cente tem oito legoas de comprimento, que principiaõ da parte do Norte da Villa da Ribeira Grande até a Villa do Nordeste, que he o fim da Ilha, e da parte do Sul de Villa Franca até a dita Villa do Nordeste correm as mesmas oito legoas, e neste espaço ha grandes serras, e cabeços muito altos cobertos de grandes matos, e arvores sylvestres, onde se criaõ muitos gados, e nas margens destes montes ha planicies, e terras de pão, e nove Povoaçõens de Freguesias: e desde que se descobrio a dita Ilha ategora sempre nestas serras houve fogos em muitas partes dellas, que prendem em Minas de enxofre, principalmente humas grandes furnas, que estaõ no meyo da serra, junto das quaes nasce hum grande ribeira de agua quente, que em parte senão pôde lofrer, e será da hi ao mar coula de legoa e meya. E por cima da Villa da Ribeira Grande estaõ humas caldeiras de agua fervendo, e lançaõ de si muito enxofre, e fumo, e tambem està hum cabeço, que se chama o *Pico que arde* que continuamente lança de si fumo, e da mesma sorte o faz a serra por muitas partes, que sahe de lameiroens de agua, donde bem se colhe haver fogo debaixo delles, e de toda esta serra, que arde sempre, e todos os annos treme duas, tres, e quatro vezes, e dura oito, nove dias o tremor, e entre dia, e noite quatro, e cinco vezes. No

1563

No anno de 1563. huma quinta feira dia de São João Baptista começou a tremer esta Ilha até vespóra de São Pedro, e foy o tremor tão grande, e continuado, que toda a gente della andava atemorizada, e fogia para os campos, aonde dormia com temor da ruina dos edificios, gastando a mayor parte do dia, e da noite em Procissões com muitas penitencias, e da mesma sorte os meninos fazião suas deprecaçoens a Deos para que aplacasse a sua ira, e usasse com elles da sua Divina misericordia, temendo serem todos alli mortos, e sumergidos debaixo da terra com os grandes tremores della, com os quaes cahiraõ a mayor parte das Villas da Ribeira Grande, Alagoa, e Agua de paõ, e outros Lugares da Ilha.

A causa deste tremor foy que estava hum Pico, ou Cabeço muito grande, e alto, que se chama o *Pico da Lagoinha*, tomando este nome de huma pequena lagoa que tem no cume, e na margem està outra lagoa tão grande que occupa terra que levarà quatro moyos de trigo de sementeira, e este Pico està entre Villa Franca, e a Villa da Ribeira Grande, que estão ambas Norte, e Sul a saber: Villa Franca ao Sul, e a Ribeira Grande ao Norte. Tinha mais este Pico da parte do Sul huma ribeira, que corria por Villa Franca, na qual ribeira tinha o Capitão Manoel da Camera moendas, que lhe ren-

Part.I.

dião mil cruzados, e defronte desta ribeira nascia outra para a parte do Norte, que corria pelo meyo da Villa da Ribeira Grande, na qual o dito Capitão tinha moendas, que lhe rendião dous mil cruzados, as quaes moendas se perderão, como a diante direy. Tinha mais este Pico da parte do Nascente huns lameiros pequenos, os quaes continuamente lançavaõ fumo, e se achava nelles enxofre. E na fralda delle tinha mais em roda legoa, e meya, segundo o parecer de todos, por onde estava este lameiro, que lançava o fumo, arrebentou o fogo de tal forma no centro deste Pico, que se presume que deste lameiro se ascendeo; porque em todas as Ilhas, onde ha estes fogos todos estão em lameiros de agua, e com a grande violencia do fogo fazia tremer a terra, pelo fogo não poder sahir debaixo do Pico, de que se pôde tomar exemplo de hum Castello minado, a que se poem o fogo.

Tremendo assim a terra do dia de São João por diante, como acima disse; à segunda feira vespóra de São Pedro hum hora antes do Sol posto, havendo grandes tremores em toda a Ilha, mayores, e mais a meudo, que dantes, estando todo o Povo fóra das Povoaçoens nos campos com grandes temores, e receyos, foy visto no ar sobre toda a Ilha tudo coberto de fogo em grandes nuvens muito

Oo ij

negras,

negras, que despedião grandes faíscas de fogo, que delcia sobre a Cidade, Villas, e Lugares da Ilha, isto com grandes trovoadas, gemidos, estrondos, e grandes terramotos; o que tudo sahia do dito Pico da Lagoinha, que arre-bentava com a força do fogo; e foy este fogo tão alto, e estes estrondos tão grandes, que na propria hora foy visto na Ilha Terceira, que està trinta legoas ao Poente desta Ilha, e assim foy visto nas Ilhas de São Jorge, do Pico, Graciosa, e do Fayal, que são sessenta legoas da dita Ilha de São Miguel, e tiverão este fogo, e trovoens tão presentes, que lhes parecia ser nas suas proprias Ilhas; e todo o Povo destas Ilhas oito dias não entraraõ nas casas, e gastavaõ o tempo de dia, e de noite em Procissoens, pedindo a Deos os livrasse do assombramento daquelle fogo, e temor, com que se viaõ ameaçados.

Estando assim atemorizados com o fogo sobre as ditas Povoaçoens, e com tão grande trabalho, huma hora depois de anoitecer, foy Deos servido por sua grande misericordia se levantasse hum vento Sul do mar, que lançou estas nuvens de fogo para a parte do Nascente, aonde estão as serras altas, que acima disse, que são oito legoas de comprido, e tres de largo de mar a mar, e destas nuvens começou a chover pedra pomes, que he huma pedra, que o fogo

coze, e fica muito alva, que parece pedra ume cozida, he muito leve, a qual cahio, e choveo sobre nove Freguesias, que estão dentro nestas oito legoas do longo do mar, a saber da parte do Norte: *Porto Fermosa, a Maya, os Reys Magos, a Achada, Achadinha, São Pedro, Avila do Nordeste.* E da banda do Sul as terras de *Villa Franca, a Povoação Velha, o Fayal*; e chovia esta pedra cahindo muito basta, e muito pò, que parecia farinha, que se peneirava, e tão basto, que encobria tudo, e as pedras eraõ muitas do tamanho de bolas de jogar, e da hi para baixo, e muitas pedras se acharaõ do tamanho de cantos de casas, e durou esta terrivel chuva atè o Sabbado seguinte depois do dia de São Pedro, fazendo tamanha escuridaõ, que sempre era noite, e tão escura que na rua não viaõ os homens as mãos, e durava huma hora de relógio, e fazendo algũa claridade depois da hora do escuro, não aturava mais, que hum quarto de hora, e esta claridade era, e parecia luar quanto se podiaõ ver huns aos outros. Neste tempo continuamente relampejava com grandes fuzilamentos de fachas de fogo, e havia grandes gemidos da terra, que punhaõ grande espanto. Na Cidade, e na Villa da Ribeira Grande, e Villa Franca não chovia esta pedra senão alguma cinza, porèm padeciaõ grandes tremores da terra, que

que duraraõ todo este tempo.

Nestes dias os Povos destas Freguesias, onde chovia esta terra, e pedra, se acolhiaõ às Igrejas, chorando, e gritando pela misericordia Divina, esmorecendo, e desmayando muitas mulheres, e gente moça, e ainda algũs homens, trepassados do grande temor, e ancia da morte. A grita dos meninos era cousa lastimosa, sem as afflictas mãys lhe poderem valer, e assim com esta confusão não podiaõ os Parocos fazer o seu officio, nem Procissõens, nem consolallos, e animallos em tão grande trabalho com alguma Pratica espiritual; não cessando em confessar, e darlhe os Santos Sacramentos, como quem via claramente a morte diante dos olhos cada hora, e cada instante, de noite, e de dia, e diziaõ Missa à meya noite para administrar os Santos Sacramentos, e houve Vigario, que disse Missa às Ave Marias, para fazer Sacramento, e administrallo aos penitentes. Em vinte e quatro horas confessou hum Cura, que se achava só, duzentas pessoas, e entre tanto mandou algumas vezes pôr todos de joelhos para lhe fazer a absolvição geral, pelo grande temor, e risco da morte em que se viaõ.

Estando assim com este grande trabalho desde a vespõra de São Pedro atè o Sabbado seguinte 3. de Julho pela manhã, que se poderiaõ acolher, padecia a gente

muita fome, e sede por não haver aguas, que todas estavaõ cobertas de cinza, e por não haver mulher, que podesse, nem tivesse, com que amassar, e cozer paõ, estando tambem as calas arruinadas, e alagadas de pedra, e cinza. No breve tempo que a escuridaõ permittia alguma claridade corriaõ alguns homens às rochas a buscar agua nas fontes, e là os tomava o escuro, não tendo outro remedio, mais que deitarem se no chaõ, atè tornar algum claro, levantando-se cobertos de cinza, e assim achavaõ a agua, e a que levavaõ, era coada, para se poder beber, e a repartiaõ com muita regra, e não comiaõ, pelo não haver, e se alguma cousa de comer se achava o temor da morte lhe impedia a vontade de o comer.

Neste tempo os gados que andavaõ no campo, e nas serras, assim grosso, como meudo, vendo que as pedras lhe davaõ, e que tudo era escuro, e que não achavaõ que comer, nem que beber, por estar tudo coberto de pedra, e cinza; acodio todo à grita das gentes, e se metia nas Igrejas, e davaõ gemidos, e balados, olhando para a gente, como que pediaõ remedio para a sua grande necessidade; cousa certamente muito lastimosa, e digna de compaixão! As aves do ar pasmavaõ pelos campos, e vinhaõ como tontas meterse nas casias, e Igrejas consentindo que as tomassem.

Neste

Neste tempo não sabião estas Freguesias o que se passava na Cidade. Ponta Delgada, nem nas mais Villas por não poderem passar pelos caminhos, por estarem entupidos, e as ribeiras virem muito grandes, e com muito lodo, que levavaõ muitos gados ao mar, que hiaõ para beber, e eraõ arrebatados das furias de suas correntes. Foy tanta esta pedra, e cinza que choveo nas terras sobre os trigos, que estavaõ semeados, que ficou altura de sete, ou oito palmos, e nas serras choveo mais; porque todas as ribeiras grandes de altura de huma lança de vinte e cinco palmos, e mais, ficaraõ razas, e os matos encravados, ou enterrados, que não apparecepão, nem arvore alguma.

CAPITULO CVII.

Em que se prosegue a mesma materia dos trabalhos da Ilha de São Miguel.

NO Sabbado seguinte deu mais lugar a pedra, e se vio o Sol, e começou a gente a caminhar para a Cidade, que está sita ao Poente, levando diante de si o gado para lhe fazer os caminhos, e pizar a cinza, e pô que corria, e tambem para mantimento da gente, entendendo, que toda a Ilha assim estava, e faziaõ conta de se hirem assim sustentando com elles até virem navios, em que se

salvassem, e fossem viver em outras terras. Hindo assim o povo de seis Freguesias, que as outras não podiaõ vir por estarem mais na ponta da Ilha: tendo andado ja duas legoas, se levantou por diante hum grande borborinho, ou força de vento, que moveo o pô, e fez escurecer o ar, de sorte que cuidavaõ todos acabar alli a vida enterrados, e pegados huns nos outros andaraõ huma legoa fóra do pô onde passaraõ huma ribeira, a qual à sua chegada por chover muito na serra, vinha tão grande fóra da mãy, que era espanto, a qual ribeira vinha chea de lodo, e muitas pedras; e porque o gado apertado da grande sede, acodio a beber foy muita parte delle arrebatado da corrente, levado ao mar, e a gente escapou, e esperaraõ que passasse o mayor impeto da chea, e entaõ passaraõ, e andaraõ outra legoa com muito trabalho dos meninos, que hiaõ a pé de tres, e quatro annos, que seguindo o trabalho, que levavaõ, e podello tolerar, bem he de crer que os Anjos compadecidos de sua innocencia, os levavaõ pelas mãos.

Andando assim huma legoa chegaraõ à Villa da Ribeira Grãde, onde cuidavaõ que achassem algum remedio, e acharaõ a Villa toda arruinada, que cahio com o tremor da terra, e a ribeira, que pelo meyo della passava vinha tão grande, que passava por cima das pontas;

pontes; por cuja causa esperaraõ que abaixasse a ribeira, e foraõ mais a diante outra legoa a hum Lugar q̃ se chama *Rabo de Peixe*, onde acharaõ toda a gente da dita Villa, e alli foraõ todos agasalhados, e acharaõ agua de poços, e favas secas, se aproveitaraõ das carnes do gado, que levavaõ, que comiaõ sem paõ, pelo não haver, nem quem moesse, nem fornos para cozer, que tudo estava no chaõ, e nos campos se accommodavaõ todos. A gente, que assim hia perseguida destes trabalhos seriaõ duas mil pessoas, e a da Villa da Ribeira Grande seriaõ outras tantas, e todos se accommodaraõ neste Lugar.

Este Pico da Lagoinha, que assim arrebentou, e lançou esta pedra, e cinza sobre estas oito legoas de terra fez huma concavidade, que na boca em redondo tinha legoa e meya de circuito, e de altura, ou profundeza ao centro seria hum quarto de legoa, e là no profundo ficou ardendo hũ grande fogo no meyo, que occuparia semeadura de dous alqueires, o qual fogo lançava muitas pedras para o ar tamanhas como pipas, muito altas com taõ grandes estrondos, que se ouviaõ dahi a doze legoas, e tornavaõ a cahir no mesmo fogo; e isto pela fraqueza, em que hia consumindo o fogo, e altura da terra, por se hir pondo no centro da terra, e estar já muito fundo, e por hum

lado deste fogo lançava huma fuma muito põ negro de grossura de huma casa, muito alto, e tornava a cahir na fuma. A Lagoa grande, que acima disse, que estava ao pè deste Pico, e as fontes das Ribeiras de Villa Franca, e Ribeira Grande todas ficaraõ sumidas nesta concavidade, e as ribeiras secas.

Em os dous dias do mez de Julho do dito anno de 1563. dia de nossa Senhora da Visitação no meyo deste trabalho, que fica referido aconteeço que entre a Villa da Ribeira Grande, e a Villa da Lagoa em huma encruzilhada de caminhos, que està meya legoa da dita Villa Ribeira Grande, e huma legoa da dita Lagoa, arrebentou huma formidavel lingua de fogo no caminho, que vay para a Cidade, o qual fogo começou a subir para hum Pico muito alto, que se chama o *Pico do Capateiro*, o qual està no principio destas serras de oito legoas, que acima se disse para a parte do Poente, e se assentou este fogo no cume do monte, ou Pico, e da hi começou a lançar de si muitas pedras ardendo, as quaes cahiraõ ao redor do Pico dous tiros de béstia. Isto com grandes estouros, e bramidos do fogo, e com grande fumaça muito negra, e quando veyo ao Domingo seguinte, que eraõ quatro do dito mez, estava já o Pico meyo gastado do fogo, e partido pelo meyo de alto abaixo, e neste

nestle meyo estava a mayor força do fogo o qual fazia tão grandes estrondos, que na Ilha Terceira que está distante vinte legoas, os ouviaõ; e quando veyo a terça feira, que foraõ cinco do dito mez arrebentaraõ rios de fogo, que corriaõ para o mar, que está dahi meya legoa, e traziaõ estes rios muita pedra, que vinha ardendo, e fazendo muitos terramotos. O primeiro rio veyo por huma ribeira de agua abaixo, e levou hum Lugar, que se chamava a *Ribeira Seca*, que he arrebalde da Villa Ribeira Grande, levando as casas ao mar com a sua Igreja: alargura deste rio seria de trinta braças. E o segundo rio começou á festa feira, que foraõ nove do mez, e tomou outro caminho, correndo ao mar pela outra parte, e levou hũs casaes ao mar, e assim sahiraõ outros rios, que causaraõ muitos trabalhos aos Ilheos.

A pedra pomes, que corria pelas ribeiras a baixo nestes Lugares, e Villas, que a terra cobrio, se ajuntou no mar, e fez Ilheos de huma legoa de comprimento, e de terço de largo, pouco mais, ou menos. Estes Ilheos eraõ muitos, assim da banda do Sul, como da do Norte, e foy achada esta [pedra pomes] setenta legoas ao mar para a parte do Nascente, que he o caminho para este Reyno de Portugal, e andava tão basta por ci-

ma da agua do mar, que os navios faziaõ caminho por ella descobrindo a agua, que a pedra trazia coberta. Continuouse este grande trabalho por todo o mez de Julho, e a vinte e oito delle houve outra grande serraçaõ, e tormenta que durou todo o dia sobre toda a Ilha de muitos trovões, e relampagos, muito medonhos, que puzeraõ grande temor, e applacandose, voltaraõ os Povos a reedificar suas casas, e fazendas, em que receberaõ grande perda. Perdeo ElRey muito, e Manoel da Camera Capitãõ da dita Ilha, que todas suas moendas ficaraõ destruidas, e D. Gil Eanes, e Dona Catharina Ferreira, e o Corregedor Manoel Alvres, e outros Fidalgos, e moradores da terra, e foraõ perdas muito grossas. Era neste tempo Bispo destas Ilhas D. Manoel de Almada.

CAPITULO CVIII.

Do Subsidio Ecclesiastico, que o Papa concedeo a ElRey, e para que effeito.

NO capitulo 27. desta Chronica fica dito como Lourenço Pires de Tavora, estando em Roma por Embayxador deste Reyno alcançou do Papa Pio IV. para ElRey D. Sebastiaõ hum subsidio, ou contribuiçaõ Ecclesiastica

fiaftica de duzentos , e cincoenta mil cruzados, por tempo de cinco annos a faver cincoenta mil em cada hum anno, para a juda de formar huma Armada de navios, e galés, para defenfa das Coftas deftes Reynos de Portugal, e Algarve, infestadas de piratas Mouros, e para guarda do Estreito do mar, e foccorro das noffas Praças de Africa, que por fe executar neste tempo o referevey de propofito para este lugar, a qual Armada fempre de antes a houve, com mais, ou menos navios, e então allegava o dito Embaixador diante do Summo Pontifice, que fe não podia a parelhar fem a dita ajuda de custo. Fez esta fupplica fem commiçaõ delRey para ella, tomando occafião do que então fe concedeo para o mefmo effeito a ElRey de Castella, e dando parte a ElRey do intento, elle (ou os que governavaõ por elle) eftimou muito o alvitre, e lhe efcreveo muitos a gradecimentos, recõmendando-lhe muito o pediffe com grande empenho a Sua Santidade, não defiftindo do requerimento até não conseguir apretenção. Fez Lourenço Pires a diligencia, e com exemplo fresco do outro concedido a Castella, e com o emprego continuo de noffas Fronteiras, e bons fuccellos de noffas competencias com os infieis, foy facil alcançar o que pedia, como fica tratado no dito capitulo.

Pedia Lourenço Pires em nome
Part. I.

me delRey quinhentos mil cruzados, que contribuiffe o Estado Ecclefiaftico, e Clero deftes Reynos para o dito effeito, e o Papa conferindo aqualidade da petição com os Cardeaes, e as offertas, que lhe fazia de fervir com esta Armada a Sua Santidade, fe della tiveffe neceffidade em alguma occafião dentro no termo apontado, e informado da verdade, lhe concedeo fõmente ametade, limitão agraça como he ufo da Curia que vem a fer os duzentos, e cincoenta mil cruzados, que por tempo de cinco annos houeffe do Estado Ecclefiaftico de Portugal, dos quaes fe apparelhaffe hum Armada, que fe chamaffe Ecclefiaftica. Mas eftribado o Notario nas liberaes offertas, que em nome delRey fazia Lourenço Pires ao Papa, poz na Bulla taes claufulas, e condiçoens, que mais era carga para o Reyno, e prejuizo delRey, que alivio, e ajuda; porque trazia as condiçoens seguintes.

Que esta Armada feria mantida com este dinheiro, e além della que havia ElRey ter outra Armada a faver: a que então tinha, paga d fua cufa, e despezas. Que esta Armada Ecclefiaftica havia tambem de fervir contra os infieis, Hereges, Scismaticos; e contra quaefquer peffoas, que o Papa quizeffe que ella ferveffe em fua ajuda, e favor. Que as Bandeiras defta Armada haviaõ de ter as Armas Reaes delRey de huma parte, e as do

Pp

Papa,

Papa, e Sé Apostolica da outra igualmente. Que este dinheiro havia de haver tres lançadores, hum que Sua Alteza escolhesse, outro o Cardeal Infante e outro a Cleresia. Que estes tres haviaõ de ordenar hum Recebedor, ou hum arca, ou lugar seguro, onde estivesse este dinheiro para se dispender nestes usos sòmente. Que se de hum anno sobejasse alguma cousa se guardasse para a Armada do anno seguinte. Que estes lançadores, e thezoureiros, e mais arrecadadores seriaõ obrigados cada anno a dar conta a hum pessoa, que Sua Santidade, e a Sé Apostolica mandariaõ estar nesta Corte para lha tomar. Que esta pessoa, que havia de tomar estas contas, teria jurisdicção para constrianger aos tres, e aos mais para fazerem aquillo, que elle ordenasse naquello negocio. Que todas as vezes que o Santo Padre, ou seus Successores, pedissem, ou quizessem pedir a El Rey que lhe mandasse esta Armada para defensão dos Estados da Igreja Romana, ou para contra infieis, ou Scismaticos, seria Sua Alteza obrigado a mandarlha de graça livremente, sem q̃ Sua Santidade despendesse com ella cousa alguma. Que alem desta Armada Ecclesiastica fosse El Rey obrigado a mandarlhe com ella outra semelhãte em conserva para lã servirem ambas a sua custa, e del Rey, e do Reyno

Estas eraõ as condiçoens, que trazia a Bulla, que não podia ser

mais peizadas para os Portuguezes livres, e isentos de sujeição alguma; de sorte que se o Pontifice por suas particulares paixoens, quizesse contender com alguem havia a Armada Portugueza ir ajudallo, desamparando as necessidades para que se ordenou. E quando El Rey se queixava, que não podia fazer hum, e pedia ajuda para ella, pela necessidade de a haver mister em resguardo do seu Reyno, e mal poderia fazer duas Armadas, quem confessava não poder por entãõ preparar hum? Nem El Rey podia ter tal obrigaçãõ, e ló o podia fazer em occasião de grave necessidade da Igreja Catholica, se quizesse livremente. Não sey que mais se pudesse pedir por parte do Pontifice se elle tivera concedido o dito subsidio nas suas mesmas terras? E sendo isto hum cousa intoleravel, e contra razão, e direito nenhuma repugnancia lhe fez o dito Embaixador, porque elle mesmo se tinha offerecido em nome del Rey a servir a Igreja em alguma necessidade publica, e parecendo-lhe, q̃ em tal tempo não se offerceria occasião disso, ou que no ministerio, em que se empregava em serviço desta Coroa, o não fazia menor à mesma Igreja Catholica, como assim era, ou commutando o a seu modo, com sua subtilidade, entenderia, que licitamente se poderia faltar a alguma das condiçoens, por outro qualquer respeito,

respeito, ou que era mayor gloria das Armas Portuguezas acharem-se em huma tal função em defenſa da Igreja Romana, e de ſeu Paſtor: e como tinha alcançado iſto extraordinariamente por ſua industria, não quieria deſgoſtar o Papa com repugnancias, de quem eſtava muy aceito, e facilitaria tudo a ElRey, por onde ſenaõ faria reparo nas condiçoens ou poderà ſer q̃ por amor dellas ſepediria depois em lugar deſte ſubſidio para ElRey o Padroado dos Moſteiros, que andavaõ em Comendatarios, ainda que a odiante com o dito Padroado ſe pedio a retenção do ſubſidio, que ſe dimittia, como fica dito no capitulo 27. que o dito Lourenço Pires devia forjar, e de qualquer ſorte, que foſſe, não andou niſto muito acertado em pedir ao Papa os frutos dos bens Eccleſiaſticos, dedicados a Deos em ſuas Igrejas pela piedade, e votos dos antigos Fieis, para os empregar em outros affectos, ſem urgente neceſſidade, ſeguindoſe daqui muitos escandalos extorçoens dos Parrocos feitas em ſeus freguezes, e parecendo-lhe que com iſto fazia hum grande ſerviço ao ſeu Principe, ſe enganou; porque de ſemelhantes ajudas de custo nunca ſe vio bom fim no que ſe pertendia. Sem embargo de tudo eſtimoule a Bulla, e o Cardeal a mandou executar no ſegundo anno do ſeu governo do Reyno, que foi neſte de 1564. pu-

Tem. I.

blicandoa, e intimando-a a todos os Cabbidos do Reyno (tal vez ſem tenção de ſe dar cumprimento às condiçoens que trazia) o que deu grande cuidado a todos, e conſultãdoſe huns aos outros ſobre o que faziaõ, ſe ajuntãraõ Procuradores de todos elles na Cidade de Lisboa, onde ordenãraõ hum grande, grave, e douto Arrezoado feito pelo Doutor Chriſtovaõ de Mattos, Beneficiado, e Procurador da Sé da dita Cidade, no qual moſtrãraõ a Sua Alteza, como não eraõ, nem podiaõ ſer obrigados a pagar tal ſubſidio; mas conſiderada a neceſſidade do tempo e altercaçoens, que houve de parte a parte, ſe vieraõ a concordar com Sua Alteza em lhe darem ſómente por tempo de dous annos cento e vinte cinco mil cruzados, de que ſe fez contrato. E ſobre eſta Bulla, e ſuas condiçoens houve varias conſultas, e pareceres de homens doutos julgando todos ſer muito prejudicial a eſte Reyno, e ha diſcurſos bem fundados, q̃ ſe fizeraõ ſobre iſſo, q̃ por abreviar, e parecerem eſcuzados não ponho aqui.

CAPITULO CIX.

Da queixa que ElRey fez a alguns Principes de Europa, e do que reſultou della.

No anno de 1565. ſe queixou o Cardeal Governador del-

Pp ij

te

te Reyno em nome delRey D. Sebastião ao Emperador Maximiliano II. de que alguns vassallos seus, com ousado atrevimento batiaõ moeda nas terras dos seus Dominios com a marca, e cunhos de Portugal, e a introduziaõ nestes Reynos em grave prejuizo da sua Real Fazenda, e de todos os Portuguezes, por ser de metaes in-

feriores, de mais liga, menos quilates, e pezo das Portuguezas, pedindolhe que acodisse a este damno, e castigasse estes atrevidos, e Ladroens falsificadores do dinheiro sangue do corpo da Republica, do que movido o Emperador baixou hum Decreto, em que o prohi- be com graves penas, cujo theor he o seguinte.

Decreto do Emperador Maximiliano II.

Maximiliano Segundo pela graça de Deos eleyto Emperador dos Romanos, sempre Augusto Rey de Germania, e de Hungria, e de Bohemia, e de Dalmacia, e de Croacia, e de Esclavonia, e Archiduque de Austria, Duque de Borgonha, e de Istria, e de Corintia, e de Carriola, e de Vintemberga, e Conde de Haspursgo, e de Tirol. A todos e quaesquer Eleitores, e outros Principes Ecclesiasticos, e Seculares, Arcebispos, Bispos, e Prelados, Duques, Marquezes, Condes, Baroens, e Cavalheyros, Nobres, e Senhores, Respublicas, Magistrados, e Prezidentes, Corregedores, Capitaens, e Governadores de Cidades, terras, e Lugares, e seus Lugar Tenentes, e Officiaes, Burgo Mestres, e Concilia- rios, Juizes, Communidades, e Burguezes, Visinhos, e quaesquer outras pessoas nossas sogeitas, e fieis do Sacro Imperio, e dos outros nossos Reynos, e Provincias, e Senhorios nossos hereditarios de qualquer Estado, e ordem, e condiçaõ, que forem, aos quaes estas nossas presentes Letras, ou seu treslado autentico forem mostradas saude, e graça nossa Imperial, e todo bem. Fazemos saber por este nosso publico Edicto a vossas devoçoens, e dileçoens, e aquaesquer outras pessoas de como o Serenissimo Principe, o Senhor D. Sebastião, Rey de Portugal, nosso amigo, e irmão, e consanguineo, muy amado, por hum Enviado, e Procurador de Sua Serenidade, nos fez entender amigavelmente como algumas pessoas de alguns annos a esta parte ousaraõ bater, e estampar alguns dinheiros, ou peças de cobre semelhantes aquelles, dos quaes uzaõ em seu Reyno de Portugal, e outrosi dinheiros, e peças de ouro semelhantes aos que valem dez cruzados de Portugal, com o cunho, e estampa, e final da moeda de Portugal, os quaes não sò não correspondem, nem são iguaes em pezo, valor, nem preço a moeda de Portugal antes são de muito menor preço, e valor, e que levaõ, e enviaõ ao Reyno de Portugal em grande quantidade os ditos dinheiros assim forja- dos,

dos, e semelhantes à moeda de Portugal distribuido-os por boa, e leal moeda de Portugal, pelo qual forjar desta mã moeda se faz muy grande desacato, e afronta ao dito Serenissimo Rey de Portugal, e outrossi muito damno ao dito Reyno de Portugal, e foyeitos delle, e porque nos foy amigavel, e irmanavelmente pedido, que oportunamente quisessemos prover, e acudir aos fraudes, e enganos destes falsarios, e impedir, e refrear a sua temeraria onfadia, e insolencia para que para o tempo vindouro se não atrevaõ a ousar, ou tentar de fazer semelhante, pela qual causa sendo nós inclinados à muy justa, e muy racional petição do dito Serenissimo Rey de Portugal nosso irmão, e amigo, e consanguineo muy amado, e entendendo pertencer ao nosso cargo Imperial impedir, e refrear o dito forjar, e estampar, e distribuir estas falsas moedas, prohibidas pelas Leys antigas, e vedadas por Constituições, e Ordenações nossas, e do Sacro Imperio, e sob graves penas contra os autores, e obreiros dellas. Ordenamos, e mandamos a vossas devoções, e dileções, quaesquer outras pessoas, por nossa authoridade Imperial sobre gravissima indignação nossa, e do Sacro Imperio, e sob as penas constituidas, e ordenadas pelas sacras Leys dos antigos Emperadores; pelas Constituições, e Ordenações nossas, e do Sacro Imperio contra os estampadores, e autores de moeda falsa, q̃ desde agora em diãte nenhuma pessoa presume de contrafazer, nem imaginar de cõtrafazer alguma moeda de ouro nem prata, nem de cobre de qualquer valor, ou preço semelhante à estampa, ou cunho, ou sinal do dito Serenissimo Rey de Portugal; nem tão pouco estampar, nem forjar, nem enviar a Portugal alguma moeda com o cunho, ou sinal, ou estampa do dito Serenissimo Rey de Portugal de qualquer preço, ou valor, que seja, nem tão pouco alli distribuir, despender, nem descambar com outra moeda, antes que disso inteiramente se hajaõ de guardar, e abster; e primeiramente mandamos, e ordenamos a quaesquer Magistrados os quaes de nossa parte tem alguma jurisdicção, para que com toda a diligencia busquem os ditos estampadores, e officiaes de moedas falsas, e se acharem alguns, que nisto sejaõ culpados que contra elles guardem, e executem as Leys, e Constituições, e Ordenações nossas, e do Sacro Imperio, e que rompaõ, e cortem em pedaços as moedas, que assim forem estampadas, e feitas, ou forjadas, ou vafadas, ou de outra qualquer sorte contra feitas à maneira de outra moeda, e que façaõ proclamar, e publicar, que ninguem as possa gastar, nem receber sob grandes penas, para isso ordenadas; e que em tudo, e por tudo hajaõ de obedecer, e guardar estreitamente, e muy finaladamente este nosso mandamento; e que não fassaõ, nem presumão de fazer cousa alguma em contrario, para que não encorraõ em nossa indignação, e do Sacro Imperio, por ser assim nossa vontade, e em testemunho de verdade firmamos estas Letras de nossa mã: as quaes vão sel-

ladas do nosso proprio sello. Dadas na nossa Cidade de Viena em Austria a 29. dias do mez de Agosto no anno de Nosso Senhor Jhesu Christo de 1565. e dos nossos Reynos dos Romanos oterceiro, e de Hungria o segundo, e de Bohemia odezasete. Foy firmado por Sua Magestade do Emperador Maximiliano, com o sello de Sua Imperial Magestade em cera vermelha alli abaixo imprimido, e mais abaixo firmado, e escrito o que se segue. Por mandado proprio de Sua Magestade Imperial. Taller registada Braum.

Tambem a Inglaterra se mandou ElRey queixar do mesmo; onde de mais atrevidamente se batiaõ em casas publicas estas moedas, que mandavaõ a Portugal, principalmente cobre, em grave prejuizo nosso, e porque não quizerãõ obedecer, resultou disso o que se verá na Segûda Parte desta Chronica no cap. 3.

CAPITULO CX.

De como Lourenço Pires de Tavora foy por mandado do Cardeal governar a Praça de Tangere, e dos successos de sua viagem, e governo.

TEndo o Cardeal D. Henrique, Regente deste Reyno, noticia pelos avizos, que lhe vinhaõ de Africa, que o Xarife Muley Abdalâ Rey de Marrocos, intentava vir cercar a nossa Cidade de Tangere com hum grande exercito, para tomar vingança nella da grande a fronta, que tinha recebido dos Portuguezes, sendo rechaçado por elles tantas vezes na-

quelle celebre cerco, que mandou pôr á Praça de Mazagaõ, de que acima se tratou largamente, dando-lhe isto muito cuidado ao Cardeal por estar aquella Cidade pouco defensivel, tratou de afortificar e nomeou para Capitaõ môr della a Lourenço Pires de Tavora, parecendo-lhe não poderia achar outro mais sufficiente, em valor, e prudencia para a defender em tal tempo de tal guerra. Escusavase elle por estar já velho, e molestado de muitos trabalhos, padecidos em serviço deste Reyno, e requerer mais descanso delles, que entrar em novos cuidados, accrescentando a suspeita de que o queriaõ a partar da Corte pela liberdade, com que dava o seu parecer, e votava no Concelho, sem attender a respeito alguns; mas desenganado desta suspeita, e persuadido do Cardeal, e de alguns amigos, que lhe deitou, se deu por convencido para aceitar, fazendo-lhe alguma pequena merce, e promessas de outras mayores; (sendo isto coula mais facil) sem embargo de ter já em outro tempo regitado o mesmo governo, dando-lhe ElRey D. João em premio dos serviços

serviços de Alemanha, o q̃tambem allegava para não aceitar agora.

Tendo Lourenço Pires aceitado a Capitania de Tangere, troulogo o Cardeal de que se lhe dessem as cousas necessarias para a defenſa della, e aparelhado elle, partio da barra de Lisboa em 15. de Abril deste anno de 1564. com hum pequena Armada, que consistava de hum forte galiaõ para sua pessoa, e outros navios de guarda, que levavaõ gente, cavallos, mantimentos, e muniçoens. Acompanharaõ a Lourenço Pires grande numero de Fidalgos de todo o Reyno, huns por ordem do Cardeal para o ajudarem na guerra, de que tinhaõ experiencia, e outros por aventureiros, movidos da fome do cerco, para se acharem nelle, e ganharem honra, e gloria á custa do seu sangue, e do esforço do seu braço em serviço de Deos, de seu Rey, e sua Patria. Importa fazer memoria daquelles, de quem loubamos os nomes, pezandonos de os não sabermos a todos para delles a fazermos, e são os seguintes.

Christovão de Tavora filho do dito Capitaõ mór, Alvaro Pires de Tavora, seu cunhado, filho de Ruy Lourenço de Tavora, Francisco de Tavora, filho de Bernardim de Tavora, Reposteiro mór; Vasco da Sylveira, D. Luis de Menezes, Alfêres mór, D. Gastaõ Coutinho, filho de D. Gonçalo Coutinho, D. Francisco de Moura, filho

de D. Luis de Moura, D. Julianes da Costa, filho de D. Giliãnes da Costa, Vêdor da Fazenda, Manoel Telles, filho de Andre Telles Embaixador em Castella, Ruy Nunes Barreto, filho de Francisco Barreto General das galès, Jorge de Mello, filho de Alvaro da Cunha, Antonio de Mello de Taveira, filho de Balthazar de Mello, Manoel de Mello, filho de Francisco de Mello, D. Rodrigo de Mello, filho de D. Gomes de Mello, Fernão Annes de Lima, filho de Jorge de Lima, Fernão de Lima de Abreu, Nuno Furtado de Mendonça, filho de Jorge Furtado, Diogo de Mendonça, filho de João Arraes de Mendonça, D. Jorge de Faro, filho de D. Francisco de Faro, D. Diogo de Castello Branco, filho de D. Francisco de Castello Branco, Camareiro mór, D. Luis de Almeyda, filho de D. Lopo de Almeida, D. Francisco de Almeida, D. Antonio de Almeida, D. João de Azevedo, Almeirante, Mem de Brito, filho de Leonel de Brito, Gonçalo Mendes de Brito, filho de Manoel de Brito, Nuno de Brito, D. Luis Coutinho filho de D. Frâncisco Coutinho, D. Luis de Sande, filho de D. João de Sande, Ruy Gil Magro, João Rodriguez de Torres, filho de Antonio de Torres, Antonio de Torres, filho de Nuno Fernandes de Magalhaens, Escrivão da Camera, Simão da Veiga, filho de Manoel Cabral, Gonçalo Figueira, filho de Manoel Figuey-

ra, Luis de Castilho, filho de João de Castilho, Antonio Jaques, filho de Henrique Jaques, D. Diogo de Avelhaneda Castelhana, Balthasar Leitaõ o do Rocio, João de Barros, Francisco Teixeira, filho de Antonio Teixeira, Pedro Homem, filho de Vasco Fernandes Homem, Fernão Cabral, Luis da Castanheda, Manoel Pereira, sobrinho de Manoel Quaresma, Galpar Pereira, seu cunhado, Simão de Goes, filho de Sebastião de Goes, Francisco Giraldes, filho

de Lucas Giraldes, Andre Callema, filho de Diogo Callema, Andre Gonçalves de Ribasfria filho de Gaspar Gonçalves Ribasfria, e outros cujo nome se não sabe.

Chegando a Roma a noticia de q Lourenço Pires estava feito Capitaõ mór de Tangere escreveu o Summo Pontifice Pio IV. a ElRey a carta seguinte digna de memoria pela lembrança, que não perdia do que tratara tão familiarmente, dizia assim.

Carta do Summo Pontifice Pio IV. para ElRey D. Sebastião.

Charissimo, &c. Ouvimos dizer que tendes mandado a Africa ao amado filho Lourenço Pires para Governador da vossa Cidade de Tangere, a qual eleyção não podemos deixar de aprovar muito, porque como quem bem o conhece não duvidamos que com sua fidelidade, esforço, prudencia, e vigilancia ha dedar grande satisfação a Vossa Magestade na defensão daquella Cidade. Pelo que tocandonos tanto o cuidado de vossas cousas, e de toda a Republica Christãa, estimamos que para melhor defensão de huma Cidade apartada da de Hespanha por tão pequeno espaço, e tão infestada dos inimigos de nossa Religião, seja encomendada a tal pessoa a guarda della. E porque da boa vontade, que lhe cobramos, sendo vosso Embaixador em nossa Corte, não deminuimos cousa alguma, e a conservamos da mesma maneira, e a conservaremos sempre, nos alegramos também (além do respeito do que vós ganhaes em o ter alli) de o honrardes desta maneira, porque sabemos que se não encomendão taes cargos senão aos homens assinalados, e que se tem em muita conta; o que nos pareceo dizer a Vossa Magestade, para que entenda quanto nos agradou a estimacão, que delle fez, e quanto contentamento receberemos com todas as mostras, que lhe der de sua graça. Dada em Roma em S. Marcos a 26. de Junho de 1564. anno quinto do nosso Pontificado.

E ao mesmo Lourenço Pires escreveo outra carta cheia de affectuosas afeições, e lembranças, de

favor, e amizade, dandolhe o parabem do novo cargo, mostrando receber com elle summo gosto, e ani-

animando-o a dar cumprimento á obrigação, em que estava posto, e á confiança, que delle fazia ElRey e para mais o esforçar, e dar mayor valor aos seus lhe concedeo a elle, e a todos os Fronteiros, e soldados da quella Praça, Indulgencia plenaria, e remissão de todos os seus peccados, todas as vezes que pelessem em defensão della, ou dentro de seus muros, ou fora delles no campo com os inimigos da Fè, estando contritos, e arrependidos de seus peccados, confessados, ou com animo de o fazerem em podendo commodamente. Grande honra para os seus descendentes, e não pequena para o Reyno, que produz Varoes q sabem merecer tanta estimação.

Chegado Lourenço Pires a Tangere cresceo a fama da gente, e Armada, que levava, e juntamente o cuidado nos Mouros de se prevenirem, e de offenderem aos nossos. Era neste tempo Alcaide mór de Arzilla Cide Roho Bentuda, o qual então se achava em Fèz chamado do Xarife, Rey de Marrocos; e voltando de lá, logo quiz fazer experiencia do valor do novo Capitaõ, como era costume da quelles barbaros fronteiros das nossas Praças. Foy este Mouro bem nomeado, em Africa intitulava-se Senhor de Arzilla, Larache, e Alcacere Quibir, prezava-se muito de soldado, valeroso, trazia consigo dous filhos muito bons cavalleiros com este visinho, e contendeo

Tom. I.

Lourenço Pires em quanto governou Tangere com muito pouco descanso, como elle largamente relata nas suas cartas a ElRey.

Quasi todos os dias logo de pois de sua chegada, que foy em Mayo seguinte, vinha Bentuda dar rebates a Tangere, correndo com muita gente seus campos, e Atalayas até os muros, como fazendo negação ao novo Capitaõ de senquietando o, sem esperar q sahissem, nem levar preza alguma pela vigilancia, que o dito Capitaõ mandava ter em se recolher tudo com tempo; até que hum dia, já no principio de Junho, veyo com mais de dous mil, a tempo que o Capitaõ tinha posto Atalayas largas, e mandado gente a recolher lenha, de que havia muita falta na Praça, e juntamente dar pasto ao gado, e sendo os Mouros descobertos onde estavaõ emboscados, que era em hum palmar, e em outro sitio chamado *a Comba do Adail*, deraõ as Atalayas final tocou-se a rebate, e recolheo-se tudo a bom tempo, vindolhe os Mouros no alcance, e chegaraõle tanto às tranqueiras, que foy preciso chocar a nossa gente com elles, e matarlhe muitos dos seus, não morrendo dos nossos mais, que hum homem chamado Rodrigo Rebello de huma arcabuzada que lhe deraõ pelos peitos no dia seguinte sahindolhe às costas, e ficou ferido Jorge de Mendonça de huma lançada a baixo do coadril, e

Qq

o seu

o seu cavallo de que veyo morrer à Cidade. Os Mouros receberam muito damno da nossa arcabuzaria, e artelharia da Praça, morrendo muitos, e levando muitos mais feridos, e sem cativarem cousa alguma se forão a correr a Ceuta, onde estava por Capitão D. Pedro da Cunha, a quem Lourenço Pires despachou logo avizo por mar do q̃ passava, para q̃ se acautelasse, e houvera de ser muito mayor perda dos Mouros se na porta não succedera tal enlevo, e embaraço de cahidos pela pressa, q̃ não deixava sair a gente para fóra.

Todo aquelle Verao, e parte do Inverno se esteve com receyo do cerco, continuando as novas das grandes, e extraordinarias preparações, que o Xarife fazia em Fez onde estava, que se tinha por certo ser contra Tangere. Estava ainda então aquella Praça muito mal segura, e a fortificação muito no principio: aparelhou-se Lourenço Pires tudo quanto o tempo dava lugar com grande trabalho corporal, mas muito soccego no animo. Porém o cerco não teve effeito desfazendo o Xarife os aprecebimentos; e recolhendo-se a Marrocos, ficou-se continuando, com a fortificação da Cidade em que se poz tão boa diligencia, que em menos tempo, do que se cuidava, se acabou della mais do que se queria de Lourenço Pires, quando o mandaraõ, e ficou em estado que dizia elle q̃ lhe podia o Xarife

perder as esperanças; mas isto tanto à sua custa, pelo mal que do Reyno era provido das cousas necessarias para a obra, e pela continuação dos rebates dos Mouros, sendo quasi sempre necessario trabalhar, e pelejar juntamente, que affirmava tambem, que em tudo o em que servira em sua vida não trabalhara tanto.

Tendo-se o Alcaide de Bentuda aproveitado desta occasião quanto pode, e corrido em mais de hum anno, que havia que Lourenço Pires alli estava, por muitas vezes com grandes presumpções, sem poder levar a melhor de nenhuma dellas, como que se houvera com gente mais descansada, porque em todo este tempo se não havia perdido, outra pessoa mais que hum Atalaya, e sendolhe isto máo de soffrer pela sua arrogância, e presumpção, q̃leria parte natural, e parte adquirido com alguns bons successos, q̃ haveria tido em nossas Fronteiras, tentou hum modo, com que lhe pareceo q̃ poderia ficar superior ao menos na opiniaõ entre os seus, e foy de mandar desafiar a Lourenço Pires para hum batalha de tantos por tantos cavalleiros, fiado pôde ser como vizinho de tão perto, na nossa obediencia, que se não atreveria a meter-se em tal negocio sem licença del Rey; porque assim o mostrou ofim; e assim he de crer, que não quereriaõ os Mouros encontrar-se em numero igual com os Portuguezes, de quem tantas ve-

zes toraõ desbaratados com muito interior partido; mas nem este discurso lhe sahio ao Mouro como cuidava, porque Lourenço Pires não sómente lhe aceitou o desafio, mas passou nelle muito adiante, como se verá no capitulo seguinte.

CAPITULO CXI.

De hum desafio, que o Alcaide de Argila fez ao Capitão de Tangere; e de como não teve effeito por causa do mesmo Mouro.

Este desafio lhe mandou fazer o Alcaide por dous Judeos de Alcacere Quibir conhecidos dos Portuguezes; e por serem taes os mensageiros duvidou muito o Capitão mór Lourenço Pires da lealdade do recado, e para cautela lho pediu por escrito, assinado por elles, e lho deraõ na fórma seguinte.

Dizemos nõs Salamaõ Alcarouche, e Abrahaõ Guibre criados do Senhor Alcaide Cide Robo Bentuda, que Deos guarde, que he verdade, que o dito Senhor Alcaide nos mandou, que da sua parte dissessemos ao Senhor Capitão de Tangere Lourenço Pires de Tavora que o desafiava com aquantidade de gente, que elle Senhor Capitão quizesse, para com outros tantos elle Senhor Alcaide pelejar com elle, e que para segurança disto vir a effeito se-

Part. I.

dariaõ de ambas as partes os refens, que fossem necessarios, e que elle tinha jurado pela cabeça del Rey, seu Senhor de o cumprir assim; e q se elle Senhor Capitão não quizesse aceitar o dito desafio, que elle prometia de o escrever a El Rey de Portugal pela via de Mazagaõ; e porque he verdade q o Senhor Alcaide nos mandou que dissessemos as palavras, que neste nosso assinado se contém lhas dissemos da sua parte ao Senhor Capitão, e por verdade disto nos assinamos a qui ambos nove de Mayo de 1565. Salamaõ Alcarouche Abrahaõ Guibre.

Respondeo o Capitão em hum carta muito larga ao Alcaide, que sendo assim como os Judeos dissleraõ aceitava o desafio para quando, e como quisesse, e em alviçaras lhe mandou hum cativo de estimação Mouro de sua casa, e premiou os Judeos, e com elles mandou hum Cavalleiro chamado Pedro Veloso, homem prudente, e discreto, em quem o Capitão achou capacidade para tratar, e ajustar este negocio com o Mouro. Foy, e voltou com dous Mouros, que traziaõ a reposta ao Capitão na qual lhe certificava o Alcaide de ser seu o recado dos Judeos; porque elle os mandara em seu nome, e que estimava que elle aceitasse o desafio, e que se com isso ficara alegre que muito mayor prazer recebia elle, e qual quer de nõs (palavras proprias,) q não cumprir, e se arrepender a vergonha f-

rá sua, não lhe ficará a palavra. E q̃ para ajustar com elle a forma lhe mandava aquelles dous seus criados, que ouviria, e despacharia com brevidade. Lida a carta perguntou o Capitaõ aos Mouros q̃ mais commiçaõ traziaõ para tratar a quelle negocio, e responderaõ que só vinhaõ a entregar aquella carta; de que o Capitaõ mór ficou agastado, e mandando os agazalhar, ao outro dia lhe fez a mesma pergunta, e entaõ responderaõ, que sim traziaõ commiçaõ do Alcaide seu Senhor para tratar cõ elle Capitaõ o dito negocio.

Vendo o Capitaõ tal variedade, e inconstancia começou a entender que era tramoya, e que em Mouros havia pouco que fiar, e com aquelles não quiz tratar cousa alguma, visto haver nelles tanta falta de palavra, e o despedio cõ

humã larga carta para o Alcaide, em que se queixava destes termos, pedindolhe pessoa de capacidade para tratar a materia, se he que dezejava ver a conclusaõ della, que o mais era gastar tempo de balde. Envioulhe entaõ o Alcaide hum Mouro chamado Abedaramaõ Alhaufi, Fidalgo, seu parente, homem de assento, e muito ler, e proposito com humã carta, em resposta, e amplos poderes para ajustar com o Capitaõ o numero da gente, com que haviaõ de sair a campo, e o sitio, onde haviaõ de dar batalha, e o mais, que fosse necessario tratar; e o que com elle se passou, e como isto se veyo a desvanecer se verá melhor por humã carta que Nuno Furtado de Mendonça elcreveo a Dona Brites de Lucena sua mulher a qual he a seguinte.

*Carta de Nuno Furtado de Mendonça, para sua mulher
Dona Brites de Lucena.*

E U vos escrevi os dias passados por hum criado de Simaõ da Veyga, creyo que vos seria dada, em que vos dava conta do que se tinha passado a cerca do desafio, e pelas particularidades, q̃ eu sabia do Capitaõ me pareceo sempre que não havia de vir a effeito, e se havia de desfazer pela parte dos Mouros, que do Capitaõ por certo que ninguem sabe isto melhor que eu, que elle ganhou nisto tanta honra, como de taõ valerozo Capitaõ se esperava, e no negocio se vera como não ficou por elle nada, porque a fê que ninguem estava taõ determinado a morrer, como elle, ou a alcançar humã taõ valerosa vitoria; porque como digo fallava elle muitas cousas destas comigo, que não dizia a sua mulher; não quiz Deos que viesse o negocio a effeito por nossos peccados; porque eu juro por vossa vida, que mais prezava achar-me nelle que darem-me hum conto de renda: todos aquelles dias me que-ria mal Dona Catharina, e me rogava cem pragas, e ao Adail; porque
dizia

dizia que nós metiamos seu marido naquillo; porque nos via fechados, e cuidava q̃ nós tínhamos a culpa, e seu marido andava nisto mais alvoroçado, que nós. Agora he grande minha amiga. O caso passou desta maneira.

Aqui tornou avir hum Mouro, homem Fidalgo parente de Bentuda com huma carta de crença, em que o Alcaide dizia, que tudo o que aquelle Mouro fizesse, e assentasse, e dissesse acerca daquelle caso, que elle o havia de cumprir. Quando o Capitão vio isto mandou chamar à sua falla grande todos os Fidalgos, e Cavalleiros, moradores, e soldados da Cidade, e lhes fez huma muito boa falla, em que lhe deu conta como era vindo aquelle Mouro com aquella carta de crença para se fazer aquelle desafio; e por quanto elle não queria fazer cousa, que tanto importava ao serviço de Deos, e del Rey sem nos dar a todos conta, pela vontade, que em nós via de pormos as vidas por serviço de Deos, e de nosso Rey, dizendo que elle não podia dar a todos conta disto, por serem muitos, e porque neste negocio cumpria terem segredo em algumas cousas: por isso que elegessem seis Cavalleiros, e dous Fidalgos para com elles tomar conselho, e determinar este negocio, como se poderia fazer, e q̃ posto que elle os podesse tomar que não queria, se não que elles os elegessem por mais vozes; e que elle com o Contador, que alli estava queria tomar os votos. Tomou papel, e tinta: fomos logo os Fidalgos a votar, pondo primeiro as mãos sobre os Santos Evangelhos jurando de o fazer lizamente, e o mesmo fez todo o Povo, e esquivaraõ em votar desde depois de jantar até as oito horas da noite. Sabiraõ seis Cavalleiros muito honrados, e esforçados, de que por certo se podia fiar negocio tão grave, como este era, e dos Fidalgos sabimos D. Luis de Almeida, e eu.

Isto assim feito, fomos chamados os eleitos, e nos deu a todos o juramento de guardarmos segredo, e em tudo fazermos como entendessemos que era serviço de Deos, e del Rey. Depois de sobre isso nos fazer outra pratica perante todo o Povo, e nós estávamos assentados todos os eleitos sem fallarmos palavra. Depois disto ser assim feito, nos fechámos todos oito com o Capitão em huma casa, e depois de haver muitos debates, e porfias mandámos chamar o Mouro, e dous Judeos, criados do Alcaide, hum por nome Salamaõ Guibre, e outro Tobi, e o Capitão estava com febre, e grande dor na cabeça, disse-me que dissesse ao Mouro, e aos Judeos o que era assentado herguime em pé, e disse; que o Senhor Capitão, e aquelles Cavalleiros, e Fidalgos em nome de Deos, e de sua Santa Fé, e por serviço de nosso Rey lhe tínhamos dito que queríamos, e aceitávamos o desafio pelo Alcaide de Arzila, commettido, como já sobre isto lhe tinha escrito o Senhor Capitão, e que elle era vindo com aquella carta do Alcaide de crença para se assentar; por isso que dissesse onde queria o Alcaide, que se desse esta batalha, e as seguranças que para isso se requeriaõ.

Disse

Disse que o Alcaide de Arzila em nome de Deos, e de sua fé, e por serviço do seu Rey estava muito alvoroçado para aquelle negocio, e se queria matar com nosco cento por cento, e que elle daria arrefens, que fossem em Beleta, ou na Ponte de Gosma, que são de Tangere cinco legoas. Respondemos que para aquelle negocio ser lá, que eraõ necessarios muy grandes arrefens, que sem darnos filhos de Rey em arrefens não poderíamos ir lá seguros, pela muita gente, que elle Alcaide tinha; e porém que nós lhe nomeavamos seis Lugares de mar amar, e que qualquer destes, que tomassem, que lhe pediríamos muy pequenos arrefens, e q̃ muito melhor se podia concluir o negocio. Disse q̃ lhos nomeassemos, nomeamos estes Lugares, q̃ são muito perto de nossas tranqueiras, os quaes são: os Pomares, ou Tranqueiras do mato, ou o campo da fonte da Bodea, ou o campo da volta de D. Pedro, ou onde foy o desbarato de Cidade Amete, que desbaratou Bernaldim de Carvalho, ou a Barra de Tangere o velho, do rio para a Cidade; qualquer destes que quizessem, conforme a elle lhe pederíamos os arrefens. Respondeo que elle não podia aceitar a quelles campos sem fallar com o Alcaide.

Quando vimos isto, que elle não queria responder, sem fallar com o Alcaide, pareceo-nos bem, para mais a bastança, darmos-lhe licença para isso, e assim se foy levando estes Lugares por escrito, e hum carta do Capitaõ, em que lhe dizia, que pois elle o mandava desafiar, que elle podéra tomar o campo, mas que alli lhe mandava seis Lugares, que escolhe-se qual quizesse; e que assim como escolhe-se lhe pediria a segurança do campo, pois era Senhor delle. Tardou lá dous dias dentro nos quaes nos aparelhavamos assim de armas, como das consciencias, e adornos. Não vos digo as que eu tinha determinado de levar; porque vos não pareça máo galante. Tornou em muy desviado proposito do que foy; porque verdadeiramente estes Mouros nos queriaõ armar traiçãõ, e matarnos atodos, e disse, que o Alcaide dizia, que de qualquer destes Lugares era contente, e que em nós o deixava. Tornamos outra vez atomar conselho com os eleitos, e foy de terminado que fosse na Tranqueira do mato, ou no campo dos Pomares, mandamos outra vez chamar o Mouro, e Judeos: disselhe o Capitaõ (que já a este tempo estava bem disposto) que na quellas duas partes na que melhor lhe parecesse fosse, e respondeo que na Tranqueira do mato, disselhe, que eramos muito contentes, e que quanto ds armas, cada hum levasse as que quizesse, com tanto que não houvesse a cubertados, nem atiradores de béstia, nem de fogo por nenhuma invençãõ, que fosse, sòmente lança, e espada. Atudo isto disse que sim.

Disselhe entãõ o Capitaõ que elle havia de ter Atalayas no outeiro, e em Bogimar, e na Forcadinha, e em Bonamaqueda, e em Tangere o velho, e que
para

para dentro destas Atalayas não havia de entrar alguém, nem de pé, nem de cavallo; e que para estas Atalayas lá hirem seguras, havia elle Alcaide dar estros tantos homens, para que nos não tomassem os nossos, e q̃ sómente haviaõ de vir os cem cavalleiros, que com nosco se haviaõ de combater, e que isto estava muito bem. Quando elle ouviu isto ficou morto, e respondeo, que tal não podia ser, que bastava hum seguro do seu Rey, e que haviaõ de vir quantos Mouros de pé, e de cavallo quizessem ver o combate, e dizendolhe o Capitaõ que não havia de consentir q̃ das Atalayas para dentro entrasse alguém, mais que os contendores, respondeo, que dava tudo por desfeito, e se queria ir, e confessou a hum Judeo que El Rey mandara dizer ao Alcaide, que tal não fizesse, que lhe cortaria a cabeça, e escreveo-lhe entaõ huma carta, a sustancia da qual era, a quem bem a entendeo, q̃ elle não fizera aquillo se não para armar alguma manha, e traição aos Portuguezes; e o Capitaõ que assim a entendia lhe mandou dizer que não maldasse mais sobre aquelle negocio pessoa alguma; de maneira que tudo ficou desfeito.

Isto he o que se passou realmente. Não fomos nós taõ ditozos que isto viesse a effeito; aldemenos eu o estimara em muito; porque com a ajuda de Deos esperava de sahir como filho de meu pay; mas não faltará hum dia que Deos nos queira fazer mercè, que juntamente nos pague tudo. Perdoaime escrevervos isto; porque não quero que digaes que vos não escrevo novas. De pois disto passado chegou huma carta del Rey, cujo treslado com esta way. Mais novas não há nenhuma, que vos escreva, senaõ que desde entaõ para cá nos tem mortos, e cativos nove homens do campo. Eu estou bem á feitura desta, Deos louvado, e os que comigo tenho. Beijovos Senhora as mãos, e de minha mãy, e irmãa. De Tangere 9. de Junho de 1565. annos. Os nomes dos Judeos são os que a qui vão neste treslado da carta del Rey. Parece-me bem mandarvos a qui as mais cartas, que sobre este negocio se escreveraõ do Alcaide para o Capitaõ, e as que o Capitaõ lhe escreveo a elle; são boas para passar huma hora da calma.

Carta del Rey D. Sebastião ao Capitão de Tangere a cerca deste desafio.

Lourenço Pires de Tavora amigo, eu El Rey vos envio muito saudar. Por via de Nicolao Botelho recebi as vossas cartas de 6. e 16. do presente, em que me dais conta do recado que o Alcaide de Arzila vos enviou por Abrahão Guibre, e Salamão Alcarouche Judeos, e como vos parecera devido ao serviço de Deos, e meu, e à vossa honra, e reputação responderdes ao dito Alcaide na forma, em que o fizestes, segundo particularmente vi pela copia da carta, que por Pedro Velloso vosso criado, escrevestes

crevestes ao dito Alcaide, que me enviaſtes juntamente com o treslado da reposta, que o dito Alcaide vos mandou, e da que lhe fizestes, e as causas, e razoes, que vos moverao a aceitardes este desafio antes de mo fazerdes a saber, e os termos, em que este negocio ficava, e sendo elle de tal qualidade, que não somente consiste nelle honra, e reputação, mas ainda se aventura os principaes Cavalleiros que nessa Cidade me servem, que são a principal força, e defensão della, por muy certo tenho, que fareis em toda esta materia as considerações que ella requer; pelo que não tenho nisso que dizer, senão que espero em Deos nosso Senhor, que assim como o principal respeito, que dizeis que a isso vos moveo, foy por ser seu serviço, o seja de vos deixar ſahir desta empreza com aquella honra, e vitoria que eu deſejo, e além da muita confiança que tenho em nosso Senhor, será servido disto ser assim; tambem me dà diſſo certa eſperança entender por vossa carta o bom animo, e prompta vontade, que em todos os Fronteiros, Cavalleiros, e moradores dessa Cidade conheceis para este desafio se eſfeituar, e nelle servirem a Deos, e animo, que eu de todos, e de cada hum delles tenho por muy certo; e porque todos não poderao entrar no dito desafio, em caso que se haja de eſfeituar, aos que nelle entrarem fazeo certo da minha parte do conhecimento, e lembrança, que sempre terey deste serviço, e aos que não couber nelle entrar, direis que lhe agradeço ſuas boas vontades, e que elles se devem de contentar com eu entender, e ter por muy certo quanta força a ſi meſmos fazem em ſofrerem o não entrarem no dito desafio, e quamiguaes huns, e outros estaõ nas vontades, e nos deſejos de me servirem, e de offerecerem ſuas peſſoas, e vidas por meu serviço, de que eu terey sempre a lembrança, que he razão, e que não faltaraõ outras muitas occaſtoens, em que poſſaõ mostrar o eſforço de ſuas peſſoas; e o que nesta materia mais ſe paſſar, e fizer me eſcrevereis com aquella diligencia, que ella requer. Escrita em Lisboa a 30. de Mayo de 1565.

CAPITULO CXII.

Em que ſe proſeguem, e finalizaõ os ſucceſſos de Lourenço Pires de Tavora no ſeu governo de Tangere.

DEsfeito o desafio converteo Bentuda a furia, que mostrava para elle, em ajuntar a mais

gente, que pode, mandando vir de Fez muitos arcabuzeiros de pè para vir buscar Lourenço Pires, e pelejar com elle, segundo publicava, e em 14. de Junho ſeis dias depois de deſfeito o desafio correo a Tangere, e metendo na serra de São João duzentos de cavallo, que mandou correr primeiro dalli, ſahio elle em ouvindo as bombardas, que le deraõ ao rebato com toda

toda a mais gente da filada, que chamaõ de Vicente Fernandes, e sendo o Adail Sebastião Gonçalves Pitta aparelhado para se poder receber muito damno na gente, q̃ andava fora por Atalayas dos Lumares, com descuido, e culpa sua de não tomar o rebate como devia, com tudonão se perdêraõ mais q̃ dous meninos, que desmandados tinhaõ hido escondidos á ferra, e huma Atalaya extraordinaria, e sahindo Lourenço Pires ao rebaste, e ordenando a sua gente nos Lumares em fórma de batalha para esperar os Mouros, e mandando alguns de cavallo a escaramuçar com elles não quiz o Alcaide a cõmettello, nem esperar mais tempo, e espalhando a gente por diversas partes do campo se fatissez com mandar de noite talhar as hortas, e os paens, e ao outro dia se recolheo a Arzila.

Destá sorte se ficou continuando no mesmo modo de guerrear de parte a parte; porq̃ tambem os seus campos de Arzila padeçiaõ os mesmos trabalhos da nossa gente, que humas vezes lhos queimavaõ, e outras com entradas lhe faziaõ muito damno, e estrago, até que em 27. de Setembro de 1565. fez Bentuda outra corrida com hum grosso pè de gente, com que chegou a pelejar com a nossa. O caso passou assim.

A chavale a Cidade falta de mantimentos, e de lenha, e o Capitão mór não oulva dar campo

Part. I.

por se achar tambem com muita falta de cavallos; em fim no dito dia obrigado da necessidade mandou sahir a gente ao campo remediando as Atalayas o melhor que pode, mandando a diante Escutas pelo receyo que havia de inimigos, e perigo que podia sobrevir pelo defeito de cavallos. Sahio certo o receyo; porque se achavaõ em boiscados os dous filhos de Bentuda com quatro centos de cavallo pouco distantes das nossas Atalayas, para que vendo occasião acommettessem os nossos, e vendo a agora tanto á lua vontade se descobriraõ sobre a tarde. Deuse rebaste a tempo q̃ já o Capitão mór por huma parte, e o Adail por outra vinhaõ recolhendo a gente cõ as carradas, e cargas de lenha, e feno, e achandose o Capitão com muy poucos de cavallo apressou tudo, e se veyo chegando à sombra das tranqueiras, e ao favor dos soldados, que a ellas tinha mandado concorrer, e no sitio do Palmeirim se detevê para se armar, e esperar pelo Adail, que vinha a toda a pressa recolhendo a outra gente, e detendo os Mouros com muito esforço, e boa ordem, os quaes tanto que viraõ o Capitão mór parãraõ. Deu elle entãõ ordem ao Adail, que com quarenta de cavallo, com que se achava, fosse lançar os Mouros de hum pequeno outeiro, que tinhaõ occupado, e nelle esperasse por segunda ordem sua.

Rr

Fez

Fez o Adail o que se lhe ordenava, e partindo com este proposito, foy tanto o fervor nos q̃ o acompanhavaõ, q̃ antes de chegarem ao dito sitio, remeteraõ aos Mouros sem o Adail os poder reprimir, e dando todos com impeto nelles acudiraõ os outros, e assim foy forçado ao Adail pelejar com elles, governando os seus quarenta com muito boa ordem, e esforço, e a peleja foy de ambas as partes muy crua, levando os nossos, sendo taõ poucos, por quatro vezes a taõ grande multidaõ de barbaros, e elles sobrevindo outras quatro, sobre os nossos, e hindo já o Capitão mór para soccorrer, e ajudar o Adail, notouse, que por outra parte se vinha levantando hum grande poeira de gente Moura, que vinha correndo, e soube-se logo por hum lingoa, que eraõ outros quatro centos, e juntando-se todos; mandou o Capitão mór ao Adail que se juntasse a elle, e o mesmo ordenou a todos os mais Fronteiros, e gente, e que lhe fosse buscar a Bandeira Real à Cidade para acommerter, e dar batalha aos Mouros, que estavaõ em som, e ordem de a receberem, e ainda de serem elles os que acomettessem; mas indo já os nossos marchando contra elles, e desfaziendo-os, se pueraõ em retirada, como vencidos, sendo tantos, deixando os nossos senhores do campo, e pezarosos de não executarem nos Mouros a sua colera.

Mas tornando ao Adail, e a seus companheiros, foy hum das mais famosas proezas dos Portuguezes, e que parece incrivel pelejarem só quarenta Cavalleiros contra quatrocentos, e não só pelejar, mas vencellos; pois os fizeraõ voltar costas quatro vezes, ficando sem animo de seguir os nossos, quando os viraõ retirar para o Capitão mór, podendo-o muy bem fazer. Sahio o Adail ferido em humma perna, e o seu cavallo por muitas partes do pescoço. Sinalaraõle muito na sua companhia. Nuno Furtado de Mendonça, Francisco de Tavora, D. Francisco de Moura, D. Rodrigo de Mello, Manoel de Mello, Simão da Veiga, Gonçallo Figueira, Gaspar Antunes, Luiz de Castilho, e todos os mais pelejaraõ com grande esforço, e fizeraõ muito notavel estrago nos Mouros.

Nuno Furtado foy o de menos paciencia, e o primeiro, que os acometteo, e correo mayor perigo, e houvera de ser logo morto se lhe não acudiraõ. Francisco de Tavora esteve quasi perdido entre os Mouros, donde sahio crivado de lanças, e o cavallo muito ferido. Manoel de Mello correo tambem muito perigo entre os Mouros. D. Francisco de Moura foy o que fez mayores coulas, entrou pelos inimigos, e atravessando hū com alança, a não pode tirar, e lançando mão á espada, fez campo largo, e rua por onde sahio de entre

tre elles; mas ferido com huma lançada na cara, e em huma mão. Simão da Veiga sahio tambem ferido nas costas, e o seu cavallo por muitas partes. D. Rodrigo de Mello não obrou menos. Gonçalo Figueira pelejando esforçadamente foy encontrado de hum Mouro, e cahindo do cavallo em terra entre elles correo mayor perigo; mas valeraõlhe os companheiros que o tiraraõ vivo, e saõ, porèm o seu cavallo ficou muito ferido. Tambem Ayres Quinteiros sahio perigosamente ferido cõ duas lançadas, e o mesmo succedeo ao seu cavallo. Finalmente de todos hã muito que dizer; mas baste o referido para vir facilmente no conhecimento do mais, que aqui se obrou. Não morreo algum dos nossos, ainda que sahiraõ alguns mal feridos.

Tambem he digna de memoria huma generosidade, que Lourenço Pires usou com o dito Alcaide, e foy o caso, que succedendo fugirem tres mercadores Christãos novos moradores em Tangere, que por ordem do Santo Officio da Inquisição estavaõ presos na torre do Castello novo da quella Cidade donde sahiraõ de noite de pendurandose por huma corda de huma alta fresta, que da torre fica para a parte do mar, e achandose neste tempo em Tangere huma casila de importancia do Alcaide Bentuda; fez Lourenço Pires re-
prezalia nella sem embargo de ter

vindo com seguro seu, dando a entender, que presumia, que na casila viera seguro do Alcaide para os mercadores se poderem acolher a elle, e fez isto por ver se podia obrigallo a tornarlhe os fugidos por salvar a sua casila.

Mas insistindo o Alcaide em os não entregar, fazendo honra de não faltar aos que hiaõ buscar o seu amparo, e impedir a restituição da casila, ou que lhe mostrassem as culpas, que havia por onde devia ser perdida, exagerando muito a quebra do seguro, se meteo algum tempo em meyo, em que Lourenço Pires o teve de avizar a ElRey; cuja reposta foy louvarlhe o que havia feito em reter a casila, e querendo que se não restituísse sem entrega dos prezos, accrescentando porèm, se disso não nascessem mayores inconvenientes a seu serviço. Mas Lourenço Pires depois q por apertados exames lhe não pode constar q na casila houvera culpa na fugida dos Christãos novos, a tropeland o o interesse na occasião, em q concorriaõ tantas razoes para a poder vender por licito, a deixou ir livremente sem lhe fazer algum damno, fazendo lhe mayor força o cumprimento de sua verdade, q os proveitos, que pudera esperar da tomadia da casila, em que havia grandes riquezas.

Passado o primeiro anno, e os temores do cerco, que se esperava em Tangere, começou Lou-

Rrij renço

renço Pires a requerer licença para voltar a sua casa, e El Rey lha foy dilatando, até que em Setembro do anno de 1565. a pertou por ella com mayor instancia, do que obrigado El Rey lhe ordenou que se detivesse ainda até Março seguinte, pela necessidade, que disso havia, e que então sem falta o mandaria vir, e isto que para Lourenço Pires foy de pouco gosto servio depois de lhe augmentar a gloria com o felicissimo successo, que se segue.

Havendo naquella Cidade muita falta de lenha foy forçado em 3. de Fevereiro deste anno de 1566 dar huma guarda com Atalayas de melhora, e depois de serem na serra de S. João, e pelo campo toda a gente de sobras, e grande parte de soldados, e assim a gente de cavallo para se aproveitarem do beneficio de tão largas Atalayas, sendo Domingo aconteceu estarem no campo os filhos de Bê-tuda com toda a gente de seu pay, os quaes havia onze dias que por commiçaõ do dito Alcaide esperavaõ aquellas Atalayas, e assim haviaõ de aguardar vinte dias para com aquella largueza poderem fazer o damno, que muitas vezes se fez em taes occasioens; correo esta gente pela parte de Magoga, que responde ao campo de Tangere o velho: achou-se o Capitão na Atalaya do Palmar com os Fronteiros, e alguns moradores, que por todos não

chegavaõ a quarenta de cavallo, estava alli para guarnecer a guarda da serra, e os que se recolhessem do campo, e esperou naquella lugar para esse effeito todo o tempo, que bastou para que os Mouros lhe não tomassem a dianteira ao entrar do vallo Real, que está em o rio dos Indios; entrou pelo portal, q̃ alli está para acudir aos da serra, que não tinhaõ acabado de sahir, e assim foy subindo para os Lumares, ajuntando-se a elle alguns de cavallo de todas as partes, e desta sorte foy caminhando com o Guiaõ devagar, ficando o Adail hum pouco atraz com alguns poucos Cavalleiros, e logo entraraõ os Mouros pelo mesmo portal do vallo, por onde o Capitão entrou, e comecaõ a travarse com o Adail.

O campo he muito largo, e de muitos cõregos, e quebrados com pedras, e assim chegou o Capitão ao facho dos Lumares, que he fõra das tranqueiras, que alli estáõ por hum bom espaço, e deixando na quelle alto o Guiaõ com seu filho Christovão de Tavora Fronteiros, e moradores que eraõ já recolhidos a elle, tornou logo só arecolher o Adail, e fazello andar, para que ajuntandose todos em hum corpo podessem resistir melhor aos inimigos, e salvar huma parte de gente, q̃ ainda vinha do rio dos Indios para cima, e cincoenta soldados, dos que tambem vinhaõ de traz, os quaes

quaes o Capitaõ mór tinha mandado á terra para defenderem não afaltassem Mouros de pè os nossos carros, e chegando o Adail lhe disse que lhe parecia tempo de voltar; o Capitaõ lhe respondeo, que queria trazer aquelles Mouros mais acima para que a volta fosse melhor; e assim recolhendo a gente andou para cima para esse effeito, e os Mouros, ou entenderaõ, ou receáraõ o que poderia ser, e detiveraõse hum pouco; e entendendo o Capitaõ que se os deixava alli cortariaõ a gente da guarda, e soldados, que ainda vinhaõ no dito sitio; e sendo obrigação dos Capitães aventurarem tudo por salvar, e defender a lua guarda, lhe foy forçado pedir volta, e chamar *Santiago* antes de chegar ao seu Guiaõ, que já estava perto, e assim acometeo os Mouros com o Adail, e a gente que o acompanhava, e dando sobre elles, que eraõ muitos, pois como se soube depois passavaõ de mil, custaraõ muito a romper: mas acudindo os do Guiaõ: Christovaõ de Tavora, Alvaro Pires de Tavora, Francisco de Tavora, D. Francisco de Moura, e os mais Fronteiros os acabaraõ de lançar do campo; e desbaratando-os os pozeraõ em fugida com muitos mortos, e feridos, e taõ timidos, q̃ passando por muitos carros, q̃ os nossos deixaraõ na terra com a pressa, não os offenderaõ, sendo q̃ sabiaõ muito bem fazernos nisso hum grande damno pela fal-

ta que haviaõ de fazer à Cidade.

O Adail Sebastiaõ Gonçalves Pitta foy o primeiro q̃ voltou ao brado do Capitaõ; e não o acompanhando mais que até quarenta de cavallo fez com elles maravilhas; parou defronte do portal bem abaixo do vallo, por onde os Mouros tinhaõ entrado, e dalli bradou á gente que se detivesse; mas hiaõ alguns Fronteiros taõ cevados nos Mouros por aquella parte, e pela donde hia o Capitaõ, q̃ não ouviraõ a grita, e chegaraõ até o dito portal, e não cabendo os Mouros por aquelle lugar, se lançaõ de muitas partes por cima do vallo, sem ficar algum dentro, e não contentes os nossos, que alli estavaõ, com isso, não sendo mais q̃ até quinze, esperaraõ os Mouros, q̃ tornassem a voltar alli, e com as lanças varadas, por hum bom espaço defenderaõ o aperto da gente, q̃ não entrassem, onde de ambas as partes, se recebeo muito damno de lanças, de arremeço, e bestas, cõ morte, e ferimêto de muitos dos nossos. Os mortos foraõ nove, q̃ os Mouros deixaraõ sem cabeças: conta-se entre elles Manoel de Mello, Antonio Jaques, D. Diogo de Avelhaneda, Antonio de Mello de Tavilla, Fernão de Lima, o qual tendo acabado de servir sua Comenda havia dous mezes se detinha servindo a El Rey até a volta do Capitaõ João Calado, Francisco Barroso, Alvaro Rabello, e outros de menos nome.

Os

Os feridos forão D. Gil Annes, D. Diogo de Castelobranco, Gaspar Antunes, e outros; D. Diogo de Castelobranco achandose com o cavallo muito ferido se foy retirando para a companhia de Francisco de Tavora, e Christovão de Tavora, q se acharaõ embaixo, e otrouxeraõ no meyo atè o cavallo lhe cahir; e não podendo tomar ancas veyo a pè, atè que hum Atalaya lhe deu o seu cavallo, e por isso foy logo cativo. Todos fizeraõ raras proezas. Do Adail se conta que matou mais de trinta Mouros; finalàraõse tambem muito Nuno Furtado, D. Francisco de Moura, D. Rodrigo de Mello, Gaspar Pereira derribou dous, e com hum delles se juntou, e indo o Mouro para o ferir, lançoulhe a mão aos cabellos, e o derribou, e os companheiros o matàraõ, passando elle no alcance dos mais. Gonçallo Mendes de Brito se atracou com outro, cahindo ambos em terra, e fugindolhe o cavallo, tomou o do Mouro. D. João de Azevedo, Gonçallo Pereira, Diogo de Mendonça, Luiz de Castilho João de Barros, Balthazar Leitaõ, Alvaro Pires de Tavora, todos fizeraõ maravilhas, parecendo rayos devoradores. Foy grande o estrago dos Mouros, assim de mortos, como de feridos. Da nossa parte não se perdeu cousa alguma, mais que onze homens. Com este glorioso successo coroou, e rematou Lourenço Pires de

Tavora felizmente o tempo do seu governo, e voltando para Portugal, continuou o cargo de Concelheiro de Estado. Succedeolhe no de Capitaõ de Tangere D. João de Menezes.

CAPITULO CXIII.

De huma pratica que D. Aleixo de Menezes fez á Rainha Dona Catharina, e ao Cardeal Infante sobre a creação del Rey, quando se lhe deu por Confessor o Padre Luiz Gonçalves da Camera seu Mestre.

TEndo o Padre Luiz Gonçalves da Camera da Companhia de Jesus o cargo de Mestre del Rey, e o Padre Fr. Luiz de Montoya da Ordem dos Heremitães de Santo Agostinho o de seu Confessor, escusandose este do cargo por sua humildade, que era homem de santa vida, e por ser já velho cansado, e não poder, ou não querer seguir a Corte; trabalhou o Mestre, e sahio com o seu intento de ficar por Confessor contra o parecer de muitos, e como D. Aleixo de Menezes, Ayo del Rey conhecia o seu genio, e antevia em que o negocio havia de vir a parar, aguardando occasião, em q o Cardeal veyo visitar a Rainha lhe fallou namaneira seguinte.

Desde

Desde o tempo que por nomeação del Rey nosso Senhor, que Deos tem em sua gloria, e approvação de Vossas Altezas, me foy encomendada a creação del Rey nosso Senhor, tratey sempre de corresponder da minha parte à grande confiança deste cargo, e do tempo, e conjunção, em que me foy entregue, atalhando quanto em mim foy possível às occasiões de trabalhos, e perturbações tão temidas, e choradas nos Reynos, em que os Principes ficão de tão pouca idade, e sem buscar exemplos em Reynos estranhos, alcançey q̃ nos de Castella, e Portugal forão entre outras menores, sete causas as principaes, com que os Ayo, e guardas dos Principes os desencaminharão a elles, e perturbarão a paz, e quietação do Povo, e causarão discordias, e mortes, entre a Nobreza; a todas as quaes procurey o remedio em mim proprio, cortando pelo poder, e authoridade, licitos a meu cargo, tudo o que podia de algum modo inclinar a estes taes extremos.

A primeira causa de males publicos, e fundamento de valias, e privanças particulares, foy criarem os Principes em desamor, e pouca obediencia de seus parentes, persuadindo-os que o verdadeiro modo de reynar consistia em não reconhecer sujeição a pessoa alguma; e que o respeito de mãys, tias, e avós, e mais pessoas de sangue he hum certo modo; de cativoiro, e indigno da grandeza, e liberdade Real; porque

em quanto com esta arte alienaõ a vontade del Rey, da quelles, que por razão da sua grandeza o podem cõ authoridade aconselhar nas cousas, o trazem com mais afrontoso cativoiro sujeito aos seus intentos, e proveitos particulares.

Deste extremo tão perigoso está El Rey nosso Senhor tão fora como a experiencia tem mostrado a Vossas Altezas a cuja obediencia, e conselho o criei, sempre tão sujeito que nunca me ouvio tratar das grandezas de seu Estado, sem que juntamente entendesse que as não tinha absolutas; mas subordinadas ao parecer, e disposição de Vossas Altezas; e sendo assim que he authoridade deste cargo, que sirvo, e alargueza das cõmições, que se me tem dado, se estendem a prohibir, e conceder a El Rey muitas cousas de seu gosto, já mais lhas concedi, ou neguey, sem mostrar que consultava primeiro à Rainha nossa Senhora; porque alegrandose com a licença, e liberdade tivesse conhecimento, agradecimento, e amor a quem lha dava, e atalhandose os excessos de seu appetite, reconhecesse, e venerasse quem o podia mandar.

A segunda causa, que desterrou sempre a paz dos Reynos, e alterou a Nobreza delles, foy quereremse os Ayo sustentar no favor, e graça, dos Principes apartando de sua comunicação as pessoas de Estado, valor, e conselho occupando os lugares principaes de seu serviço com seus parentes, e amigos que attentos

a louvar o governo, e felicidade de quem os accrescenta, e vituperar os de quem se receaõ, servem de humas espias ordinarias das acçoens, pensamentos, e palavras do Principe, e dos que fallaõ com elle atalhando os caminhos todos, por onde lhe pode chegar a verdade, e desengano do Estado, em que vive.

Neste caso, como taõ perigoso me portey, e houve de modo, que nunca pedi cargo, nem officio para parente meu, posto que a muitos delles por capazes, e benemeritos se puderãõ dar alguns, que solicitey para estranhos: e se alguns por eleição de Vossas Altezas entraraõ na guarda, e serviço del Rey, naõ foy por negociação, nem industria minha. Nem eu (podendo bem fazello) os avantajey nunca aos mais da guarda, communicacão, e serviço del Rey nosso Senhor; mas com humma igualdade cõmua a todos, assistiaõ sempre ao que lhes tocava, evitando com isto o pensamento; que podiaõ ter de valerem mais por minha via, e a queixa dos outros Fidalgos quando pela mesma se vissem menos favorecidos. E a El Rey persuado sempre, que à imitacão de Deos seja no amor, e favores igual, e indifferente a todos os seus: e que sò tenhaõ melhoria ante elle os que se avantajassem em virtudes, e merecimentos proprios.

O terceiro fundamento de discórdias foy a cobiça, e grande ambição dos que tem os Principes em seu poder, q̃ usando mal da conjunção do

tempo, e daquella vontade sogeta pela criaçãõ, e pouca experiencia a tudo o que pedem, e lhe aconselhaõ costumaõ accrescentar suas casas, e pessoas com Estados, e titulos, e rendas, que as mais das vezes, ou se tiraõ aquem melhor as tem merecido, ou ao Patrimonio Real, que concideraõ pobre para merecimẽtos alheys, e muyrico para os seus proprios.

De meu procedimento neste particular da bom testemunho o estado da minha fazenda, a que depois, que entrey neste cargo, senaõ accrescentou cousa alguma, e me acho no fim do serviço, e idade taõ pobre, como entrey nelle, naõ que desconheça cõ isto a vontade que em El Rey nosso Senhor, e Vossas Altezas achey muitas vezes para o meu accrescẽtamento, e de meus filhos; mas quiz guardar estas mercès para tempo, que entregue El Rey nosso Senhor do governo dos seus Estados, e livre de minha guarda, e administraçãõ se veja que nascem todas, mais do seu animo, e vontade, que de minha cobiça, e nogociaçãõ.

O quarto fundamento, q̃ muitos tomaraõ para accrescentar a sua estimaçãõ, e valia foy apartarem os Principes da afabalidade, e cõmunicacão dos seus Vassallos, em particular dos Nobres, persuadindolhes que a verdadeira grandeza consistia em dar pouca parte de si ao Povo, e accrescentar com severidade o respeito, e veneracão propria, da Magestade Real, que nunca he bẽ respeitada, sem ser em alguma ma-

neira temida ; attendendo nisto a converter em si agraca , e favor popular , que tiraõ ao Principe, em quanto (como entre Nuncios) daõ repostas , e dispensaõ merces , que os Reys houveraõ de fazer por si mesmos.

Deste mal taõ nocivo , e prejudicial para quem ha de senhorear animos Portuguezes, em que pòdem mais os favores dos Principes , que todos os interesses da vida , trabalhay por apartar a Sua Alteza tanto com mayor cuidado , quanto mais conheci sempre em seu animo huma grandeza, e pensamentos altivos , mostrandolhe com vivas razões , que appropriade, e forças dos seus Reynos , e conservaçaõ de sua Coroa , consistia no bom tratamento dos Nobres de Portugal.

O quinto defeito de Aynos , que com evidencia se deixa conhecer nas pessoas dos Principes, he em tudo contraposto ao inconveniente passado, em quanto com affabillidade, ou familiaridade, e continua conversação dos Reys, com as licenças da sua pouca idade, descuidandose nas ceremonias, e tratamento da Magestade Real em fórma que descuidados, quando mayores, da gravidade, e termos necessarios à sua grandeza, ou faltaõ nellas em occasiões, e tempos devidos, ou as usãõ impropriamente , e como emprestados ; erros que costumãõ causar defestimaçaõ , e pouco respeito do Principe no animo de seus Vassallos. Sobre o que me desvieley de maneira

que antes delRey nosso Senhor chegar ao perfeito uso da razãõ, e depois velando, e dormindo sò, e acompanhado , o tratey, e venerey, sempre com as salvas , e ceremonias, q fizera a ElRey seu avo, se fora vivo, attendendo naõ sò a criar hum Principe de costumes correspondentes ao seu Estado , mas a ensinar com meu exemplo aos Fidalgos da sua criaçaõ , que naõ viraõ a Magestade dos Reys passados , a submissão, e respeito, com q sempre foraõ venerados os Reys Portuguezes.

A sexta causa de males publicos consiste em inclinarem aos Principes com demasia a exercicios de guerras , e caça , jogos , festas, e outros , que em mediania saõ virtudes , e nos extremos vicios ; porque em quanto os Reys occupados em qualquer daquelles , a que seu natural mais os inclina se descuidaõ do Estado, e governo publico, para que possaõ os que assim os tem em seu poder , meter mão com mayor liberdade no regimento do Reyno , e adervocar a si tudo aquillo , que os Principes desamparaõ, como a experiencia me tem mostrado na grande vehemencia, com que ElRey nosso Senhor apreheende qualquer cousa a que o inclinaõ : e como em tudo aquillo, q começa busca logo os extremos, trabalhay naõ sò de o apartar de vicios, que em sua natureza os naõ hã ; mas de temperar , e dar modo em seu animo às virtudes ; porque postas no extremo naõ venhão a perder sua natureza,

e compornos hum Rey vicioso por excesso de virtude: que erros na inclinação del Rey nunca acharão lugar, senão com pretextos de bons intentos, que excedão a mediania, e igualdade necessaria a quem hà de Reynar.

De inclinar o animo real, ou inclinado naturalmente, lhe premitir costumes viciosos, que he a setima, e mais propinqua causa de sua perdição, por onde alguns abrirão illicito caminho a sua privança, não trato; porq̃ nem o foyeito, e Real natureza deste Principe he capaz delle, nem justo, que eu pertenda louvor dos erros, que não commetti, quando attenta a obrigação de minha pessoa, e cargo, ainda pelas virtudes se me não devem graças: assim que mediante o bom natural, que Deos foy servido dar a Sua Alteza, e alguma pouca industria, que puz para o apartar dos inconvenientes referidos, tem Portugal té o presente hum Principe de claro, e maravilhoso entendimento, temeroso de Deos, e por extremo zeloso da exaltação da Fe Catholica, de animo liberal, inclinado d' mefericordia, deseioso de fama, e nome honroso, e de tão grandes pensamentos, que medidos com seu Estado, parecem nascidos para mayores Imperios: e finalmente tal, que se estas prefeições não subirem a grande extremo, ou novas communicaçoes o não mudarem pelo discurso do tempo, do estado em que o temos agora, gozará Portugal do mais excellente Princi-

pe, que teve de muitos annos a esta parte.

Tudo o qual me pareceo justo conferir com Vossas Altezas, não por querer agradecimentos, ou satisfação de cumprir com o que devia, nem por imaginar que alguma cousa destas lhe seja occulta, mas como com as liçoens, e novos exercicios de Estado ha de ter El Rey nosso Senhor mais communicação que a minha, de que se lhe pôde seguir affeição que o guie por differente caminho, do que lhe eu tenho mostrado, quiz fazer a Vossas Altezas esta lembrança, e pedir-lhe, que attendaõ ao estado, em que de presente temos a El Rey, para se medir com o do tempo ao diante, que não duvido ser tão melhorado em tudo, quanto a capacidade, e mayor conhecimento das cousas são avantajadas em Sua Alteza, do qual assim como não he justo que usurpe eu a gloria, sendo o fruto de trabalho, e industria alheya, assim não queria que se me roubasse a que mereci com tanta vigilancia, e trabalho do pensamento, q̃ não he tão pequena honra, por igual a qualquer das q̃ herdey de meus antepassados; e como minha muita idade acompanhada de algumas indisposições, não dão lugar a tão continua assistencia, como atégora fiz com a pessoa del Rey nosso Senhor, he justo, que Vossas Altezas supraõ com o seu cuidado onde não abranger o meu, e ajudem a sustentar a Portugal hum Principe ornado de partes tão merecedoras de Imperio;

Imperio ; porque se não perca em poucos dias o trabalho de muitos annos , e chorem os seus Vassallos para sempre a mudança de tão excellente natural , onde os mayores vicios tememos , que venhão a ser os excessos de virtude.

Com differentes effeitos foy ouvida esta pratica, porque a Rainha a recebeo com algumas lagrimas, nascidas por ventura do que colligio do pezo, e sentido das palavras, e do receyo, e suspeita, com que foraõ ditas, sabendo que senão movera a esta demonstração huma pessoa tão grave, e considerada, como D. Aleixo, sem grande fundamento: e o Cardeal, como Author principal da eleição do Mestre, vendo que em alguma maneira se punha duvida ao acerto della, ficou suspenso, e carregado, aguardando q̃ a Rainha respondesse, a qual enxugando as lagrimas, disse a D. Aleixo, que de sua fidelidade, e vigilancia, em crear, e doutrinar a El-Rey seu neto, lhe não dava graças, porque todas seriaõ menos das que se lhe deviaõ; porẽm que a tudo aquillo, e a mais era obrigado fazer, tanto pelo respeito de seu sangue, e pessoa, quanto pela grande confiança que El-Rey, que Deos tinha em sua gloria, fizera delle para o deixar nomeado por Ayo, e guarda de seu neto, antepondo-o a todas as mais pessoas que havia no Reyno; e q̃ na mesma divida lhe estava a ella, e ao

Part. I.

Cardeal seu irmão, que com a propria vontade approvaraõ a nomeação del-Rey seu Senhor, cren-do que quando El-Rey seu neto fahisse semelhante a seus costumes, seria qual elles delejavaõ, e o Rey-no havia mister; e que com o Mestre que novamente se dava a El-Rey, não era seu intento alterar no poder de seu cargo cousa alguma, nem elcufarlhe o cuidado, e vigilancia ordinaria, pois assim o tempo, e modo das liçoens, a communicação, praticas, e doutrinas do Mestre com El-Rey, tudo queria que fosse regulado, e medido por seu parecer; pelo que lhe pedia, e mandava, que se até entãõ trabalhara muito na criação, e doutrina del-Rey, dalli em diante o fizesse tanto com mayor cuidado, quanto a idade, e mayor conhecimento que hia tendo das cousas, requeriaõ mais particular assistencia, em que ella lhe promettia tomar sua parte, e que pediria ao Cardeal seu irmão o tomasse tambem à sua, como quem tinha tão grande parte no bem, ou mal deste Reyno.

Com isto se calou a Rainha, e o Cardeal em poucas palavras disse a D. Aleixo, q̃ conhecia quanto ao justo correspondera sempre à sua obrigação em todas as cousas, e muy particularmente na criação, e doutrina del-Rey seu Senhor, e que assim esperava que correspondesse ao diante em companhia do Mestre que se lhe dava,

Ss ij que

que como pessoa de vida tão religiosa, esperava que sobre os bons fundamentos, que elle lhe tinha lançado, fundasse, ou formasse hum Rey tão Christão, e ornado de virtudes, como o Reyno esperava, e havia mister, para o que não perdoaria a trabalho de sua pessoa.

Dito isto se despedio o Cardeal da Rainha com a mesma melancolia com que respondera, e ouvira a pratica a D. Aleixo, o qual querendose tambem despedir da Rainha, lhe disse ella, que lhe agradecia muito o que lhe dissera, e o tempo, e occasião que buscara para lho dizer, e que não eraõ menores os temores que ella tinha, dos que colligira de suas razoens; porẽm que a guarda, e tratamento do corpo delRey seu neto, desde entãõ lha encomendava de novo, e entregava com mayor authoridade, se mayor podia ser. Ao que lhe respondeo D. Aleixo, que pouco importava a guarda do corpo, se entrassem, e voltassem a ElRey por via da alma, e com pretexto de consciencia, e virtude o levassem a extremos, e singularidades. *Façamos o que està em nossa mão, (lhe respondeo a Rainha) e deixemos a Deos a sua parte, pois he quem dispoem, e governa os corações dos Reys, e quando elle permitta que pela via menos imaginada venha tão grande calamidade ao Reyno, não seremos participantes da culpa, ainda que o sejamos no sentimento.*

CAPITULO CXIV.

De como governou a India João de Mendoça, e do que em seu tempo succedeo.

F Alecido o Conde ViloRey D. Francisco Coutinho, trataraõ logo os Cavalleiros, e Senhores, que se achavaõ na Cidade de Goa de lhe dar successor, que governasse o Estado da India; e estando ainda o corpo defunto presente na Igreja de S. Francisco, onde se depositou, juntos os Ecclesiasticos, e Seculares de mayor authoridade, Ministros, e Officiaes, como he uso, abrio se a primeira successão, e se achou nomeado nella D. Antão de Noronha, que tinha voltado para o Reyno; abrio se a segunda, e sahio João de Mendoça que estava presente, tendo vindo do governo de Malaca, a quem o Secretario Manoel Leitaõ leo a successão, e elle a aceitou, de que se fez hum termo, em que se assignou, e logo alli na Capella mór deu a homenagem do Estado nas mãos do Capitaõ da Cidade Lopo Vaz de Sequeira; e depois posto de joelhos diante de hum Altar, que para isso se armou, pondo as mãos sobre o Missal, onde estava tambem hum Crucifixo, jurou de guardar, e manter justiça às partes, confórme o estylo da terra. Feito

Feito isto enterrouse o corpo do Conde , e o novo Governador se recolheu para as casas em que pousava , que estavam a nossa Senhora do Rosario , donde senão quiz mudar para a Fortaleza , onde estão os Paços dos Governadores ; porque no Setembro seguinte esperava por VisoRey , e por seis mezes não quiz fazer mudança de casa.

Principiava a dar expedição ás cousas do governo , enviando Capitães para algumas Praças , quando chegaraõ a Goa Embaixadores do Camorim de Calecut a visitar o Governador , e a fazerlhe queixa dos grandes estragos , que nas suas embarcaçoens que navegavaõ com Seguros , tinha feito Domingos de Melquita , contra o capitulado nas pazes celebradas de parte a parte : e para que melhor se entenda o caso , he de saber , que perentido o Conde VisoRey passado daquella reposta do dito Camorim , quando elle lhe mandou fazer queixa de semelhantes roubos , como consta do capitulo 41. determinou vingarse para poder dar em satisfação a mesma reposta , ou desculpa , para o que se lhe offereceo boa occasião , sabendo que passavaõ a Cambaya mais de oitenta fustas Malavares , as quaes navegavaõ com Seguros dos nossos Capitães de Chale , e Cananor , determinou destruillas , e para isso mandou ao dito Domingos de Melquita , Ca-

valleiro de muito valor , e pouco escrupulo , proprio para aceitar esta acção não pouco escrupulosa. Partio a executalla com cento e vinte homens em tres navios , sem declarar a alguem aquella jornada , nem se saber para onde era.

Chegado elle ao rio de Carapataõ , mandou surgir defronte delle duas legoas ao mar ; porque nem por huma , nem por outra parte passasse embarcação alguma , que elle não visse , e alli se deteve de meado de Fevereiro até o fim de Março , tempo em que os Malavares voltavaõ de Cambaya , e assim tanto que appareciaõ a dous , e a trez , e a quatro os hiaõ pilhando , e levados os tristes a bordo das nossas embarcaçoens a hum , e hum lhe cortavaõ as cabeças , e lançavaõ ao mar , e outros botavaõ vivos , cozidos nas suas proprias velas , e dando furo nos navios os metiaõ no fundo , e desta sorte destruhio mais de vinte , e matou mais de dous mil Mouros , em que entravaõ alguns de Cananor , que foy causa de se renovar a guerra passada , que estava quieta , como adiante se verá. E foy tão grande a perda , que abrango a todos os portos do Malavar , e foy em todos elles muy sentida , e chorada geralmente , e muitos quebraraõ de todo , pelos cabedaes que alli traziaõ , e estando o Melquita nesta acção , morreo o dito VisoRey , e succedeo a eleição do successor , e a vinda

vinda dos queixosos à Cidade de Goa.

Mostrouse João de Mendoça muy sentido, e disse aos Embaixadores o que lhe tinha guardado, e lhe houvera de responder o Conde ViloRey, se fora ainda vivo: *Que aquelle Capitão devia ser algum Portuguez levantado, que o castigassem por lá se o pudessem colher, que elle faria o mesmo, se por cá apparecesse.* E estando os Naires para se voltarem com esta bem merecida satisfação, e outras mais apparentes, que verdadeiras. Chegou á Barra de Goa o fingido levantado Domingos de Mesquita, e o Governador o mandou desembarcar prezo á visita dos Embaixadores para melhor dissimular, os quaes se partiraõ logo mais satisfeitos do caso, e o dito Mesquita foy solto, e muito honrado pelo Governador com agradecimentos, e merces, pela boa execução que dera ao que se lhe ordenou.

Huma Moura de espirito varonil, e de grande estimação entre a sua gente por suas boas qualidades, mulher de hum dos mortos pelo Mesquita, que era hum dos principaes da terra, discorrendo pela Cidade de Cananor com grandes prantos, e fortes razoes, insitou a Mourisma á vingança daquelle feito. Convocaraõse todos contra a nossa Fortaleza, de que era Capitão D. Payo de Noronha, jurando de não largarem as

armas até não lançarem os Portuguezes fóra de sua terra. Deu El. Rey principio a esta ira com abrazar arrebatadamente mais de trinta navios, que se abrigavaõ com aquelles muros. Despachou logo o Governador a André de Sousa com seis navios em soccorro daquelle Praça, aonde já achou poderoso a Ade Rajão. Assim se abrio a guerra no Malavar, e proseguia lentamente.

Chegaraõ neste tempo, que era principio de Setembro de 1564 as naos do Reyno, em que hia por ViloRey D. Antão de Noronha, a quem João de Mendoça sem alteração entregou aquelle governo, com que se achava, mais em deposito, que em posse, não desmerecendo a sua qualidade, e boa correspondencia com o virtuoso, e humano, tello dilatado tempo. Sahio pobre da India, havendo tido postos grandes nella; que o sahir da India pobre quem nella teve alguma mão, he a execução da verdadeira bondade, e grandeza de animo. De Malaca sahio com pouco, e do governo do Estado com menos, pelo pouco tempo que o teve, e pelo seu grande desapego, e liberalidade. Partio para o Reyno no Janeiro seguinte de 1565. e achando temporaes contrarios, não querendo ir a Mocambique, arribou a Ormuz, e dahi seguiu sua viagem para Lisboa, aonde chegou a salvamento.

CAPITULO CXV.

Do Viso Rey D. Antão de Noronha, e dos successos da India em seu tempo.

NA monção de Março do anno de 1564. partio para a India D. Antão de Noronha, mandado pelo Cardeal Infante D. Henrique, Regente deste Reyno, por Viso Rey daquelle Estado para succeder ao Conde do Redondo. Este Cavalheiro era o primeiro nomeado nas vias que a Rainha Dona Catharina dera ao mesmo Conde, e por ter vindo para o Reyno lhe não succedera, como no capitulo passado se disse. Com mayor authoridade voltava agora ao Estado, onde era já bem conhecido por seu valor, e esforço, e pela prudencia, e limpeza de mãos, com que tinha governado a Praça de Ormuz. Levou na sua conserva quatro naos, e chegando a Goa foy bem recebido com grande aplauso, pelo que conheciaõ delle, e pelo que elle conhecia de tudo; a primeira cousa em que entendeu, foy em soccorrer com hum grande Armada a Praça de Cananor, que estava cercada por causa do que se disse no capitulo precedente. Foy por Capitaõ mór do soccorro D. Antonio de Noronha, que havia de attender à guerra por terra, e á do mar Gonçallo Pereira

Marramaque. Partio tambem logo Pedro da Sylva e Menezes com sete navios, para assegurar as casilas dos mantimentos, que vinhaõ para Goa, onde hiaõ faltando. Descompollos o mar para a parte do rio Canaroto, e desgarandose tres, se encontraraõ com outros tantos dos Malavares, com quem pelejaraõ, e os prenderaõ, e já vitoriosos se vieraõ encorporar na Elquadra, junto de Mangalor. Dalli voltando todos, entraraõ entre os Ilheos, e a terra firme o Corsario Murimuja, Mouro esforçado com dezafete parãos, com os quaes pelejaraõ furiosamente. Ao principio se nos mostrava a fortuna pouco favoravel; mas por fim foraõ os Mouros vencidos, com morte do pirata, e quinhentos dos seus; e dos nossos sómente trez; afundaraõlhe dous parãos, e tomaraõ cinco; aos mais seguirãõ o alcance atè o rio de Pudepataõ, aonde foraõ soccorridos por outros muitos, sacudindo muy bem a todos a nossa artilharia; da sua foraõ ganhados vinte canhoens de bronze.

Cuidado o Viso Rey da guerra de Cananor, despachou a D. Paulo de Lima Pereira com quatro galés de soccorro, o qual havia feito grandes estragos nos Malavares. Chegando a Betecalã avistou o pirata Canatale, Malavar, com sete parãos carregados de prezas da Costa do Norte. Bem conheceo D. Paulo a ventagem do

do contrario; mas por se não mostrar temeroso, partio velozmente a envestillo. Pelejou-se com terrivel porfia; o Capitão contrario com mais tres dos seus aboradeirao ao nosso, e os outros aos mais. Fugiraõ logo vergonhosamente duas das nossas embarcaçoens. Bento Caldeira de Almada perseverou constante atè q̃ abrazado com os seus se foy ao fundo. Ficou sò entre os inimigos o valeroso D. Paulo, onde fez couzas incriveis atè fazer retirar o pirata, desenganado de o poder render, com grande estrago nos seus navios, e mais de duzentos homens mortos, e dos de D. Paulo trinta, e outros muitos feridos, e elle mortalmente em quatro partès, e com esta grande proeza voltou para Goa, não podendo já ir a Cananor.

Aqui eraõ apertados os nossos da grande multidaõ dos barbaros, que tinhaõ a seu arbitrio a campanha. Resistiolhe valerosamente Andrè de Sousa atè que o mataraõ. Succedeolhe D. Antonio de Noronha com o soccorro, que levou, e fez taes estragos nos inimigos em varios recontros, matandolhe atè dous mil, e destruindolhes os Palmares, fruto de que principalmente se sustentaõ, que irritou de tal sorte a Cidade, e com ella todo o Malavar, donde concorreraõ contra a Fortaleza noventa mil combatentes. Avisou destes apparatus a D. Payo de Noronha hum Naire, chamado

Nicorigoaripo, leal amigo dos Portuguezes, aconselhando-o recolhesse na Fortaleza a gente, e tudo o que houvesse na Povoação; porque era impossivel poderse esta defender. Executouse o conselho, porèm D. Antonio disse, que não desistiria por nenhum caso da defesa daquelles muros, ou taipas com os seus soldados em quanto lhe durasse a vida, para o que se fortificaraõ todos com os Santos Sacramentos, administrados pelos Religiosos de S. Francisco, que em todos os perigos lhe assistiaõ, animando os. Passaraõ a noite com as armas na mão.

Ao romper da manhã chegou Ade Rajao com aquella grande multidaõ, e logo envestio as fortificaçoens com grande gritaria, que atroava a terra, arimando as maquinas ao muro, e montando o mais de dous mil homens, muitos entraraõ na Povoação. Sahiolhe ao encontro Manoel Travaços com trinta soldados, o qual com rija disputa degollou a muitos. D. Antonio de Noronha andava intrepido discorrendo as estancias, animando a sua gente, achando em todas as partes mais que admirar, do que advertir. Hia cortando corpos barbaros, e vendo os cortar pelos seus. Foy notavel o estrago, que se fez nelles nas estancias de Thomè de Sousa Coutinho, de Gaspar de Brito, e dos dous Betancores: as balas despedidas contra taõ basta multidaõ

ne-

nenhuma se perdia. Já retrocediaõ temerosos de tão brava resistencia, quando acodiraõ dous Cassizes a animallos, e os fizeraõ proseguir. Estavaõ os Religiosos entre tanto em oração na Fortaleza, e as mulheres com os filhinhos ao colo discorriaõ chorosas de humas partes para outras, não se dando por seguras em alguma, e concorrendo á Igreja pediaõ favor, e misericordia ao Senhor dos Exercitos.

Neste tempo entrando dous Religiosos com hum Crucifixo nas mãos cada hum, pelos sitios mais arriscados, tal foy o esforço que communicaraõ com aquelles Sagrados Estandartes nos nossos soldados, que com perda de mais de cinco mil barbaros os fizeraõ retirar, e dos nossos morrerãõ tão poucos, que delles se não fez conta. Teve-se o successo por milagre, e todos concorreraõ a dar graças ao Senhor pela vitoria que lhes dera. As mulheres, trocando as lagrimas de temor em alegria, abraçavaõ com grande contentamento aos defensores victoriosos. Chegou Gonçallo Pereira com a sua Armada, com que ficaraõ mais alentados, e pouco depois Alvaro Paes de Soutomayor, para succeder a D. Payo. Ambos proseguiraõ a guerra, e assollaraõ a ferro, e fogo a Cidade de Ade Rajão, talhandolhe hum grande bosque de palmas, tudo a pezar de brava resistencia, com

Part. I.

muita mortandade inimiga, sem perda de hum só Portuguez; e nisto veyo a parar a guerra de Cananor, que tanto assombrou ao principio.

Não era menor o trabalho, que se experimentava em Ceilaõ; porque o tyranno Raju sempre implacavel, desejando fazer-se senhor de toda a Ilha, convocando hum poderoso Exercito, dando mostras que marchava a Cota, acometeo arrebatadamente hum noite a Columbo, e subiraõ as muralhas mais de dous mil. Acudio á defensta o Capitaõ Diogo de Ataide com D. Martinho de Castello-branco, e outros Cavalheiros, e os rebateraõ com estranho valor, hum a, e muitas vezes, até que pela manhã se retiraraõ com perda de mais de quinhentos. Assentou o inimigo de render por sitio hum a, e outra Praça. Quiz cegar o foço de Cota, e sahiraõ contra os gastadores cincoenta dos nossos, que amparados de huma nuvem, que os encobria (successo, que senão foy favor Divino, não pareceo ordinario) fizeraõ grande estrago nos contrarios, sem serem offendidos, com que os fizeraõ desistir. Foy testemunha da maravilha Fr. Simaõ de Nazareth, Religioso Franciscano, que os acompanhava. Porém Cota chegou a extrema necessidade, e querendo remediar a fome com algum Elefante dos inimigos, fizeraõ hum a sahida de pouco pro-

Tt

veito

veito ; desesperados muitos soldados , quizerão fugir para os contrarios ; reduzio-os o Ataide com favores , e despezas , que fez de sua fazenda.

Sabendo Jorge de Mello , Capitão da Ilha de Manar o perigo de Cota , persuadio a ElRey de Candea , inimigo de Raju , entrasse por suas terras agora que estava ausente ; e o intento era para o divertir de Cota. Executouse na companhia de alguns Portuguezes , destruindo tudo , e pondolhe por terra a grande Cidade de Chilao ; porém estava tão obstinado , que não quiz desistir do principiado ; antes se preparou para dar hum bravo assalto de noite. Foy o Capitão avisado por hum mulher , que se entendeu ser o Anjo da Guarda ; porque foy o total reparo , e unico remedio daquelle grande perigo. Avisou Pedro de Ataide ao de Columbo , pedindo-lhe , que tanto que de noite ouvisse a artelharia , sahisse a dar nas costas ao inimigo empenhado no assalto. Acometeo Raju bravamente , mas não achou os nossos descuidados como presumia , nem com desalento de esfomeados. Era incrível o estrondo , e confusa vozeria em toda a parte , e chegaraõ a entrar na fortificação por duas partes. Acudio a hum o Ataide com ElRey , e á outra Estevão Gonçalves , Capitão dos Inhames , e executaraõ taes bravozidades , que os fizeraõ largar

o ganhado. Neste tempo chegou de Columbo o Capitão Diogo de Ataide com Jorge de Mello , que tinha chegado de Manar com cem homens de soccorro , e por causa da escuridade não puderaõ obrar mais que abraçar os Reaes do inimigo , recolhendose a Columbo ; porque sahindo elle vencedor , era certo acometer logo aquella Fortaleza. Empenhou finalmente Raju o resto do seu poder , acometendo em pessoa o Baluarte de Preacota , aonde achou cincoenta soldados , que lhe pareceraõ outros tantos rayos ; taes foraõ os estragos que obraraõ , e não menores nos mais sitios. Vinda a manhã , e conhecendo Raju quaõ debalde porfiava , se retirou escorrendo sangue a Ceitavaca , com perda de mais de dous mil mortos , sem faltar hum só dos nossos.

Quem duvidará de ser prodigiosa esta vitoria , e de nos assistir na batalha conhecidamente o favor Divino , mayormente não sendo os defensores mais de trezentos , e muitos delles velhos , e enfermos , e todos mortos de fome , durando o sitio quatro mezes ; porque a gente delRey se passou toda ao inimigo , accrescentando-lhe demasiadamente o campo ? Os mesmos barbaros affirmaraõ , que hum bellissima mulher no ar , acompanhada de hum veneravel velho vestida de roxo , recolhia , e cobria com hum manto , que tinha

nha azul, aos Portuguezes, e ap-
parando nelle as balas, e settas, as
fazia voltar contra os atiradores,
e os matavaõ. Os quaes ninguem
duvidou serem a Virgem Maria
nossa Senhora, e seu glorioso Es-
poso S. Joseph. São dignos de
eterna memoria tão fortes defen-
sores; fallaremos daquelles, de
quem permanecem os nomes, me-
recendo-o todos perpetuo.

Gaspar Pereira de Lacerda, que
esteve à entrada da Cidade com
trinta soldados. Antonio Cardoso
Sueiro, defronte da Ilheta dos
desafios; no passo dos molquitos
Manoel Lourenço; no dos Pa-
chas Ayres Ferreira; João de Mel-
lo de Ataíde no de André Fernan-
des; Henrique Moniz Barreto
em Preacota, de que era Capitão
Francisco Gomes Leitaõ; João
Correa de Brito aos Mainatos; o
Capitão mór Pedro de Ataíde,
ElRey, e outros Cavalleiros sol-
tos para acudirẽem aonde os cha-
masse o mayor perigo; D. Fran-
cisco de Noronha, Rodrigo Fur-
tado, e Francisco de Macedo, que
recolhendose depois a S. Francis-
co, não foy menos Religioso, do
que tinha sido soldado.

Receoso o Capitão mór, de
que voltasse o inimigo a continuar
o sitio, mandou salgar quatrocen-
tos dos mortos mais gordos para
sustento dos nossos, por não haver
outro, de que foy reprehendido
por Fr. Simão da Nazareth; des-
culpou-se o Capitão com a grande
Part. I.

necessidade; mas não foy neces-
sario este horrivel mantimento, por-
que logo acudio outro de Colum-
bo, e o Raju não foy em estado
de poder voltar logo. Porém ven-
do a difficuldade, que havia em
sustentar com soccego a Cota, a
desmantelaraõ, passando ElRey
a Columbo, onde não encontrou
menor guerra depois nos animos
ambiciosos dos Portuguezes, che-
gando a estado de o mandar soc-
correr ElRey D. Sebastiaõ.

Neste mesmo tempo vieraõ so-
bre Damaõ tres mil cavallos Mo-
gores. Avisou o Capitão mór João
de Sousa a Goa, e aos outros mais
visinhos. Acodio Tristaõ de Men-
doça de Chaul com duzentos ho-
mens, e o VisoRey despedio qua-
tro navios de soccorro. Tanto que
se ajuntaraõ procuraraõ o inimi-
go, que só com a vista fizeraõ fu-
gir, deixando a bagagem no cam-
po, de que os nossos gozaraõ.

Os Ministros do Graõ Turco
desejosos de communicar com Or-
muz, tinhaõ proposto pazes. Foy
o motor destas praticas o Baxá de
Baçorà, governando a India o
Conde do Redondo. Pareceraõ-
lhe grandes para serem tratadas
sem o mesmo Turco, ainda que
o seu Ministro era authorizado, e
mandou a Antonio Teixeira por
Embaixador a Constantinopla, o
qual era Cavalleiro de partes,
e luzimentos para semelhantes
actos. Entrou no anno de 1565.
por aquelle barbarizado Palacio,
Tr ij que

q̃ pouco antes fora christão; achou o Emperador no seu estrado fazendo coifas, que por adulação lhe compravaõ os Grandes de sua Corte por tão alto preço, que só disto o sustentavaõ. Não he a occupação de mãos, e a applicação dos sentidos a cousas honestas acção impropria nos Principes, antes louvada como virtude. Disselhe o Embaixador: *Que aquelle seu Baxà pedia pazes ao Viso Rey da India, e a utilidade dellas para o Imperio Turco.* Respondecolhe o Emperador, sem deixar a occupação que tinha: *Eu a ninguem peço pazes, se El Rey de Portugal as quer, mande-me hum Grande de sua Corte, e ouvillohemos.* Com esta arrogante reposta lhe pareceo virse a Portugal, onde aslentarão de lhe não responder.

CAPITULO CXVI.

Em que se prosegue a mesma materia.

1566

ENtrou o anno de 1566. com alguns successos varios, bem pouco favoraveis os primeiros, como foy sahindo duas Esquadras a dar caça á Frota que partia dos portos de Aquem para Meca hum naõ da primeira, de que era Capitaõ Pedro Lopes Rebello encontrou hum das esperadas, e pelejaraõ ambas até se abrazarem humas, e outras, salvandose o dito Rebello com alguns Mouros em

humas galeotas, que o seguia, sobre cuja repartição houve depois grandes desgostos. A outra Esquadra navegou com o mesmo intento até o Estreito, e voltando já sem fruto, foy destruida de hum tormenta de cinco dias: sorveo o mar dous galeoens, e morreraõ quatrocentas pessoas.

El Rey de Cananor cançado já da prolixa guerra, e das grandes perdas que por terra, e mar lhe tinhamos causado, sem elle poder tomar vingança, arrependido de a ter movido, pediu pazes, que se lhe concederaõ muito a nosso salvo. As ultimas acçoens deste argumento foraõ prezas de varios navios pela Costa do Malavar, cursada de Gonçallo Pereira Marraque: morte de muitos Mouros, que acõdiraõ a defender a aguada, que em Monte Deliz fazia Manoel de Brito, navegando de escolta com as casilas, que vinhaõ nadando de Malaca, China, Maluco, Pegú, Bengala, e de toda a Costa de Coromandel para os portos Indicos: varios recontros, em que houve boas fortunas de nossa parte, menos em hum, que custou a vida a D. Lopo de Moura, deixando-o com opiniaõ de animoso; porque voltando aos hombros de hum escravo, por levar as pernas feridas de modo, que senaõ podia sustentar nellas, e renovandose o conflito, voltou como pôde a elle, onde o mataraõ. Succedeo aqui hum feito memoravel.

ravel. Calisto de Sequeira, escopeiteiro destrissimo, abriu secretamente no campo huma cova, donde com sua espingarda não perdia tiro; viaõ os barbaros o damno, e não descubriaõ quem o causava. Veyo hum a conhecer donde procedia, e fazendolhe tiro ao mesmo tempo que o nosso apontava a elles, cahiraõ ambos mortos.

O grande Bramá do Pegú incitado de alguns Magicos, q̃ em seu nascimento lhe prognosticaraõ haver de casar com hum a filha del Rey de Columbo, a mandou agora pedir: elle q̃ a não tinha, por não perder taõ boa occasiã de se aproveitar da potencia daquelle Principe contra os Portuguezes, de quem vivia escandalizado, aconselhado pelo seu Camareiro mór, introduzio por sua hum a filha do tal valido, fermosa, e estimada do mesmo Rey, e a entregou aos Embaixadores, e para mais o obrigar, fingio hum dente, parecido ao que em Goa foy moido, e abraçado em tempo do Viso Rey D. Constantino, e lho mandou como em dote da esposa, affirmando ser o proprio, que pelo fundo do almofariz se sumira, e fora ter milagrosamente a seu poder.

Como esta maldita reliquia era summamente appetecida, creraõ os Embaixadores que era a propria, e avisando ao seu Rey, lhe causou isto tanto gozto, e alegria, que as recebeo com o mayor aparato que foy visto. A galè da

noiva era toda forrada de laminas de ouro, e os remeiros fermosissimas donzelas. Envejaõ El Rey de Candea desta fortuna, informou ao Bramá destes enganõs, offerecendolhe com hum a verdadeira filha, outro dente, affirmando ser o verdadeiro, que dantes estava em Jafanapataõ, e falsos assim o de Goa, como o de Columbo. Porém elle vendo o mau remedio, que aquillo já tinha, por senão confessar enganado, pareceolhe mais prudencia dissimulando não se dar por entendido; mas servio de conveniencia aos Portuguezes, porque senão moveo contra elles, como pretendia o fingido logro. Aqui se deve advertir, que não obistou a destruiçã que em Goa se fez daquelle inestimavel reliquia entre aquelles barbaros, para que não resuscitassem estas duas, como entã se ponderava; e porque se não entregou entã a quem com tanto empenho a pretendia, se multiplicou agora para damno do Estado, o qual ficou perdendo aquella grande somma de ouro, que por ella dava o mesmo Pegú.

Neste anno se começaraõ a sentir grandes diminiçoens nos interesses da India com a destruiçã do grande Reyno de Bisnagã, donde ella se provia de muitas cousas, de que elle he abundante. Foy acometido pelos Reys de Dacã, Nizamaluco, Idalxã, e Gutubixa, conjurados contra sua grandeza, trazendo cincoenta mil cavallos,

e tre-

e trezentos mil infantes. Sahio-lhes ao encontro o de Bisnagá com dobrado numero, e talvez mais que dobrada idade; porque tinha noventa e seis annos. Teve-os quasi vencidos; mas voltandose a fortuna, sempre varia contra elle, foy vencido, e morto. Chegaraõ tarde á Cidade, Corte delRey, e por isso a acharaõ já saqueada pelos proprios naturaes, que em tres dias haviaõ tirado mil quinhentos e cincoenta Elefantes carregados de joyas, e dinheiro, que importaraõ em mais de cem milhoens de ouro, e a cadeira Real das festas, que não admittia preço. Com tudo ainda o Idalxá achou entre o desprezado hum diamante do tamanho de hum ovo de gallinha, que servia de base á plumagem do cavallo do Rey vencido, e outro menor, mas extravagantissimo, e muitas outras joyas de excessiva estimação. Dividiose aquella Monarquia pelos filhos, e sobrinhos do morto.

CAPITULO CXVII.

Proseguemse os feitos da India sendo VisoRey della D. Antão de Noronha.

1567 **N**O fim do anno passado, e principio do presente de 1567. fez o VisoRey varias expediçoens para differentes Praças. O Marramaque para Amboino a amparar aquella Christanda-

de perseguida com mil homens em doze navios. Para Banda a D. Manoel de Noronha, que na viagem foy morto ás punhaladas pelo Escrivaõ da sua galé, pelo ter affrontado, dandolhe com humana lição para que os grandes aprendaõ a tratar com mais decoro aos humildes, de quem na verdade saõ irmãos, nos quaes não ha menos pundonor, e de entre os quaes se se não levantaraõ algum dia por meyo de alguma honrosa façanha, he vanissima a sua grandeza. Alvaro Paes de Sottomayor desoccupado de Cananor, navegou para a Costa do Malavar com vinte navios. Para Ceilaõ Lizarte de Aragaõ com hum; D. Leoniz Pereira para Malaca com seis; e D. Joaõ Coutinho com outras tantas embarcaçoens. Jorge de Moura para o Norte. E a D. Francisco Mascarenhas com vinte e sete entre pequenos, e grandes, a reprimir o orgulho da Rainha de Olala, que pretendia eximirse de tributaria de Portugal. Para o mesmo effeito determinou o VisoRey fundar em Mangalor hum Fortaleza, e partio a executallo com hum Armada de sete galès, dous galeoens, e cinquenta fustas. E chegando ao sitio premeditado, desembarcou, e acampouse em terra em 4. de Janeiro de 1568. Dentro da Cidade se achava a Rainha, q se chamava Bucadevi Chantar, com treze mil homens de guarnição, e bastante arte-

artelharia. Chegando a noite pozeraõse os nossos a ceiar com tanto descanso, e descuido, como se estivessem em Goa, entregandose depois a varios jogos, e divertimentos, sem fazer caso do inimigo, q̃ tinhaõ taõ visinho, o qual aproveitando da occasião, q̃ lhe dava esta confiança deu de subito sobre elles com dous mil fazendo grande estrago, mais com a confusão q̃ caularaõ nos nossos, que se matavaõ huns a outros sem se conhecerem com a escuridaõ, que com as armas. Enfurecidos os nossos com o delejo de vingança, deraõ ao outro dia na Cidade, e a entraraõ á escala, abrazando-a por varias partes, com morte de muitos barbaros, pondo em fugida a Rainha; morreraõ dos nossos até quarenta.

Reservouse a fundação da Fortaleza para dia de S. Sebastião, dedicandose a este glorioso Martyr em obsequio delRey de Portugal. Acabada a obra, entregou o VisoRey o governo della a seu cunhado Antonio Pereira com trezentos homens de guarnição, e muniçoens para seis mezes, e se recolheo a Goa. Depois governando já D. Luiz de Ataide, pediu pazes a Rainha já desengañada, e aceitou-as compradas com tributo accrescentado, e huma grande somma de dinheiro, que deu por huma vez.

O Achem impaciente, não podendo soportar que os Portugue-

zes possuisssem a illustrissima Praça de Malaca que foy sua, a fazia continuo alvo de seus intentos, pertendendo restituirse della; mas sempre com mau successo. Agora acariando as vontades de quasi todos os Principes do Oriente, concorrendo tambem o Turco, desejoso de meter o pé na India para a levar na mão. Embarcouse em pessoa com suas mulheres, e filhos, porque entendia, fiado na copia que levava, ir mais a aposentar-se, que a combater-se com Malaca. Apareceo inopinadamente à vista della, cobrindo aquelle rio com quasi trezentos navios mayores, e menores, a artelharia infinita, e a gente de peleja mais de vinte mil. Celebrava D. Leoniz Pereira com hum jogo de canas na area os annos delRey D. Sebastião, e sentindo confusos aos companheiros com a vista da repentina Armada, proseguio a festa com igual semblante, chegando-a mais hum pouco á agua, para que os Achens não imaginasssem que lhe podiaõ perturbar o animo, e aguar o gosto.

Achavase o Capitaõ com mil e quinhentos homens, e delles somente duzentos eraõ Portuguezes. O Achem deu principio a seus intentos com hum pobre presente, que enviou ao Capitaõ, a fim de saber por esta via o estado da Cidade, e depois de varias diligencias astuciosas desembarcou a gente, e a artelharia, cercou a

Pra-

Praça, fortificouse com plataformas, e finalmente arrimando mais de duzentas escadas aos muros ao som de terriveis gritas, instrumentos, e artelharia acometeo por todos os lados. Por todos elles tinha o Capitaõ destribuida a sua gente. Os Sacerdotes conhecendo o grande risco, offereceraõse para defender hum posto; mas apenas provaraõ o furor adverso, quando deraõ a conhecer a sua impericia para o exercicio das armas, recolhendo-se à Igreja, onde cheyos de pavor pelejavaõ melhor com rogativas a Deos.

Enfureceraõse as armas de parte a parte; alguns dos nossos ousaraõ envestir nas trincheiras inimigas hum troço que degollaraõ, matando juntamente o Principe, que se intitulava Rey de Arù, e recolheraõse com hum canhaõ, carregados de armas, e de cabeças barbaras com perda de hum só Portuguez, e seis Malayos. Porém já neste tempo tinhaõ subido sobre as fortificaçoens muitos inimigos. Animava-os, e soccorria-os El-Rey posto sobre huma eminencia, donde a cavallo estava vendo o combate. Era mayor o concurso ao Baluarte Santiago: receberaõnos com golpes, e com chammass innumeraveis. Soccorre-o o Capitaõ com Estevaõ Leite, que nelle achou envolto a Manoel Henriques com mais de mil barbaros; e executando ambos fermosas valentias, os lançaõ a todos abai-

xo com horivel estrondo, destroço, e confusão.

O Baluarte de S. Domingos experimentou o proprio risco com morte de alguns Portuguezes; e soccorrido por Francisco Paes, e Francisco de Moura, que pelejaraõ admiravelmente, conseguiraõ o mesmo triunfo. El-Rey incitado da raiva, batia com o corpo em terra descompunhase, e arrojando as toucas, blasfemava do seu mesmo Profeta. Vendo já que tres dias de furor de tantos peitos, de tantas maquinas, de tanto fogo, como cingia aquella Cidade, não a rendia em alguma parte, perdeu as esperanças de a conseguir, e recolhendo com extremo silencio quanto tinha em terra, deixando nella quasi quatro mil homens espalhados, huns mortos, outros espirando, foyle fugindo, deixando accezas quantas embarcaçoens lhe ficavaõ ociosas por causa da gente morta. Tres Portuguezes somente custou esta prodigiosa defenla: Simaõ de Sampayo, Belchior de Carvalhaes, e Francisco Dias, cujos nomes hebem que fiquem em memoria, pois acabaraõ em taõ honrosa empreza.

Desaffombrados os vencedores começaraõ a abraçar-se, e a applaudir-se, e a alimentar-se. Mereceraõ todos muito: mais que todos os Apostolicos Varoens D. Belchior Carneiro, Jesuita, Bispo de Nicea, e D. Fr. Jorge de

Santa

Santa Luzia, Dominico, Bispo de Malaca, ambos pessoas de muita virtude, e Santidade, que incessantemente andaraõ desde a Igreja às muralhas fazendo oração a Deos, e servindo aos homens. O Capitaõ agradecido, e liberal para todos, por todos repartia ao mesmo tempo louvores, agradecimentos, joyas, e dinheiro, não se contentando de comprar aquella gloria com seu valor sómente, senão também com a sua fazenda. Quinze mil cruzados lhe custou esta compra, ou fundação de Morgado, mais illustre, e firme; porque durará em quanto durar a memoria dos vivos. O VisoRey tanto que teve noticia do perigoso estado desta Praça, expedio a toda a pressa a João da Sylva Pereira com sete galés de soccorro com gente, e muniçoens. Chegou quando já se celebrava a vitoria. E pouco depois também ElRey de Viantana, nosso visinho, e amigo com fessenta, o qual recebido com Real pompa visitou ao Capitaõ mór na Fortaleza, alegrandose da vitoria, pezandolhe só de não chegar a tempo que pudesse ter parte nella.

Naõ faltavaõ ao VisoRey cuidados á porta com a Idolatria em todo este tempo. Achandose gravemente molestado das insolencias, que os habitantes da Ilha de Salfete usavaõ em desacato de nossa Religiaõ, perseguindo aos

Part. I.

Christãos, que nella felizmente se produziaõ: compoz huma boa Armada para seu castigo, dissimulando muito o intento. Quando os Salfetanos o imaginavaõ menos, viraõ entrar por suas portas as nossas armas com tanto furor, que sem parar foraõ derribados até duzentos Templos dos seus Idolos. Ha nesta Ilha huma cousa digna de memoria, e vem a ser huma montanha muito levantada, em que ha tres mil cellas distribuidas a modo de caracol, cada huma com sua cisterna, tudo aberto ao picaõ em rocha viva. Corre por dentro do mesmo monte huma gruta, ou caminho encuberto, feito da mesma sorte com semelhantes cellas às ilhargas, e se estende tanto, que dizem chega até Cambaya; com que de necessidade passa esta notavel fabrica por baixo daquelle mar.

O Padre Fr. Antonio do Porto, Religioso de S. Francisco, resolutos em inquirir este segredo, se prevenio de gente, mantimentos, velas de cera, e barbante; e deixando a ponta preza na entrada da gruta, caminhou por ella dentro por espaço de sete dias, e vendo que não achava fim, e que teria andado cincoenta legoas, e que hia já faltando o provimento, voltou guiado do fio, admirado, mas não satisfeito. Este foy em mais duvidoso, e prolixo labyrintho o verdadeiro Theseo. Pouco fingio a estranha fabula, que não

executasse a ouladia Portugueza! Tem os naturaes da terra para si, que esta maquina a mandara fabricar *Bimilamanfa*, que ha mais de mil e quatrocentos annos foy Rey de toda a terra desde Bengala até o Mogor. Outros entendem ser esta obra, e outras semelhantes do pay do Principe S. Jolasat, convertido por S. Barlaão, que foy Rey na India.

As cousas de Maluco procediaõ neste tempo pouco favoraveis por culpa de alguns Portuguezes, sendo as q̃ na India mais felizmente principiaraõ. Gonçallo Pereira Marramaque, que acima se disse partira para Amboino, chegou agora à Ilha de Cebú, acompanhado dos Reys de Bachaão, e de Tidore, onde se tinhaõ introduzido os Castelhanos, governados por Miguel Lopes de Lagaspa, Biscainho, com quem se descompoz, e sahio dalli descontente, pela perda de mais de trezentos homens, mortos quasi todos de enfermidade, natural da terra. Passou a Amboino, ou Ito, que ambos estes nomes tem aquella Ilha, mayor que todas as daquelle Archipelago, com trinta legoas de circunferencia: deliciosa por bosques amenissimos, por hortas frutiferas, por muitas ribeiras de clarissimas aguas, e soccegadas correntes, que vão regando, ou guarneecendo os valles com engraçadas voltas. He abundante de carnes, pescado, e frutos de to-

da sorte, e de excellente gosto. Habitaõ nella duas castas de gente, os Ulimas, que são Mouros naturaes, e possuem tres Povoaçoens; e os Ulenfivas, Gentios, que possuem quatro, e nunca se unirão bem.

Chegou o nosso Capitaõ, e achou-os levantados contra os Portuguezes, e soccorridos de seiscentos Jãos, que se achavaõ bem fortificados, e animosos. Acomete-os, e com grande trabalho, e risco os derrotou, e venceu, e finalmente lançou da Ilha. A causa das discordias, que tinhaõ com os nossos, tendo elles recolhido com muita affabilidade aos mesmos Portuguezes, accitado a nossa amizade, Religiaõ, e sangue por meyo dos calamentos de suas filhas, e irmãs, foy que os habitantes da Ilha de Curon, tomando motivo de queixa contra os Itenles, por razãõ desta mesma amizade que tinhaõ comnosco, intentaraõ lançar a huns, e outros fora da tal Ilha. Acometeraõ de improvisõ; mas foraõ rechaçados por mão dos Potuguezes em huma bem disputada batalha, em que foraõ vencidos.

Quizeraõ os defendidos mostrar-se gratos aos defensores, e entre outras demonstraçoens lhe deraõ hum esplendido banquete, que melhor fora nunca tal terem intentado, por ser caula de hum grave escandalo, e mal, que delle se seguiu a huns, e outros. Quizeraõ

zeraõ as mulheres dos banqueteadores ver homens taõ esforçados, e sahiraõ de suas casas. Oh quanto arruinaõ as sahidas, e as vistas das mulheres! Quanto melhor lhe està o recato, e recolhimento! Juntaraõse a vellos naquellas mesas, para que com a sua vista, e mostras de benevolencia lhe significassem tambem o seu agradecimento. Hum dos banqueteados embebido na rara fermosura de hum donzela, e movido de furiosa lascivia, saltou da mesa, e se foy a abraçalla, com o que escandalizou tanto aos circunstantes, que houveraõ de ser alli degollados todos os Portuguezes, por causa da torpeza daquelle emborachado, se lhe naõ valera a prudencia de Genulio, Cidadão dos principaes de mayor authoridade.

Deraõse por taõ affrontados daquella offensa publica, que naõ podiaõ soccegar sem tomarem vingança de taõ immodestos hospedes, nem Genulio os podia aplacar com menos, que com a expulsão delles fóra da terra, que elle naõ desejava menos, e de commun acordo lhes fallou: *Ponderando o mal que correspondiaõ aos favores recebidos, o mal que observavaõ a Ley que ensinavaõ, que amoestando hum cousa, obravaõ outra muito differente, que jactando de ensinar policia, obravaõ barbaridades insolentes; que pré-gando a Deos, que do Ceo està vendo tudo para premios, e castigos, ou*

Part. I.

naõ executavão o que criaõ, ou naõ criaõ o que diziaõ, que como querião persuadir ao que ensinavaõ por santo, e bom, sem o executarem como professores? Que pré-gavaõ a Christo Crucificado, e cracificavão a quem os recolhia ainda pelo proprio Christo; que querião fazer Christãos sem o parecerem; que erão huns tyrannos para com os seus amigos, apontando exemplos de varios Reys, e Principes do Oriente; e finalmente, que sendo dignissimos de morte por aquella insolente acção, que hum delles executara nos seus olhos, e os mais naõ estranhavaõ, nem reprehenderaõ, no que se mostraraõ cúmplices, lhe concediaõ a vida com condiçaõ, de que logo despejassem a terra. Todos mostraraõ nos semblantes, que desejavaõ mais exemplar castigo, e que o executariaõ se logo naõ aceitaassem a condiçaõ.

Os Portuguezes, que unidos com os Itenles foraõ poderosos para resistirem aos Curoens, sòs naõ poderiaõ defenderse destes irados, tomaraõ por mais seguro partido acolherse às naos, e o fizeram bem envergonhados; para que se veja o fruto de huma bebedice. Tanto que elles deraõ á vela, logo os aggravados Itenles pozeraõ aos Atives, e Tavires os mesmos preceitos, que a elles pouco antes punhaõ os Curoens, que era ameaçallos com guerra se nos consentissem mais em seus portos. Responderaõ elles: *Que eraõ*

Vv ij

Chris-

Christãos, e que como taes haviaõ de consentir, e favorecer em seus portos, e em suas casas aos Portuguezes expulsos de Ito, ainda que empenhassem para isso as proprias vidas. Escandalizados os Itenfes com esta reposta, deraõ de repente sobre aquellas duas Povoações, e as destruíraõ com morte de quasi todos. Logo foraõ reduzindo à sua obediencia todos os Lugares, que estavaõ á de Portugal, martyrizando com grande crueldade a todos os que se confessavaõ Christãos. Entre todos foy notavel a que usaraõ com o Regulo de Ulate, que atado a hum tronco lhe hiaõ cortando a carne, e afando-a á sua vista a comiaõ, e lha davaõ a comer tambem, o que elle soffeo com incrível valor, até dar a vida por Christo, profetizando-lhes o castigo, que já lhes vinha pelo caminho, como logo experimentaraõ.

Chegou Gonçallo Pereira Marraque, que vinha vitorioso dos Jaos seus defensores, e offereceolhes o soccego da paz, e o perdão da culpa se se rendessem. Estavaõ elles soberbos com a protecção da Rainha de Japara, e com a sua gente, e armas, e de lugares vizinhos, abraçaraõ antes a guerra. Saltou entre elles o nosso Capitão, e supposto hia pelejando valerosamente, esteve quasi perdido. Vio notavel desordem aonde hia a Bandeira de Christo; e correndo a diante com sua espada, e

rodella, disse: *Santiago*, huma, e mais vezes. Fez em fim, e obrou taes proezas, que os Japaros com a morte de Palatima, leu Capitão, foraõ humilhados aquelle dia. Assim tambem logo os Itenfes, por mais que desde humas serras, em que se acastellaraõ, fizeraõ muito com armas, e mais com as astucias. Custou esta acção cinco Portuguezes, e deixou o Pereira a D. Duarte de Menezes por Capitão de Ito com presidio em huma Fortaleza, que alli fundou.

Em Ternate foy morto El Rey Aeyro dentro na Fortaleza as punhaladas; por ordem do Capitão della Diogo Lopes de Mesquita. A causa diz Diogo de Couto, (e outros que o seguem) mal informado por hum sequaz do mesmo Rey, que foy por pura tyrannia do dito Capitão com desejo de o esbulhar, sendo elle hum fiel Vassallo del Rey de Portugal, e fino amigo dos Portuguezes. Não ha duvida, que os Capitães destas Ilhas foraõ sempre muito livres, e pouco observadores das ordens, e Regimentos del Rey, e das suas obrigaçoens, usando de algumas tyrannias por suas conveniencias, temendose pouco de castigos, por estarem muito distantes do Governador da India; e que quando fossem capitulados, era facil desfazer a prova em Goa, por não haver quem lá a sustentasse; de sorte, que recebendo ellas os Portuguezes com muito amor, e abraçando

çando a Fè Catholica com mayor facilidade , que outro algum Povo do Oriente , foraõ os mais mal succedidos com os Capitães que governaraõ, excepto com Antonio Galvaõ no reynado de D. Joaõ III. porque não viraõ tempo mais feliz , nem governo mais bemaventurado.

Com tudo não estava este Rey taõ innocente , que deixasse de merecer a morte ; posto que lha não devia mandár dar o dito Capitão , por ser acção superior ao seu poder ; porque como affirmão as Relações dos Missionarios , que lá andavaõ prégando , Ministros de Deos, e Varoens Santos, a quem se deve dar todo o credito, e nenhum à Relação do apaixonado , era este Rey hum fino tyranno contra toda aquella Christandade , falso à Coroa de Portugal , e inimigo encuberto dos Por-

tuguezes , contra os quaes não cessava de mover os animos dos outros Ilheos , com dissimulação , e cautela , por cuja causa succediaõ là tantas revoluçoens.

CAPITULO CXVIII.

De duas cartas notaveis , que de Portugal , e Roma se escreveraõ ao Viso Rey da India, e finaliza o seu governo.

O Referido no capitulo precedente se prova em parte de huma carta do Cardeal Infante D. Henrique , Regente deste Reyno, escrita para o Viso Rey da India, em Almeirim a 14. de Março do anno de 1565. e enviada pelas naos que aquelle anno foraõ do Reyno, a qual he a seguinte.

Carta del Rey para o Viso Rey da India.

Viso Rey amigo. En El Rey vos envio muito saudar. Posto q̃ confio , q̃ de todas as cousas universaes , e particulares , que tocarem ao serviço de nosso Senhor , e meu , e bem das partes , tereis o cuidado , diligencia , e vigilancia que convém ; todavia por esta particularmente me pareceo lembrarvos , que as minhas Fortalezas , que mais distantes estão dos lugares de vossa residencia , podem padecer mais detrimento , que as que menos distão ; e assim convem haver ácerca dellas tanto cuidado , que os Capitães , Officiaes , e moradores das ditas Fortalezas não se possaõ descuidar , nem deixar de fazer o que cumpre á sua obrigação , parecendo-lhes que não poderão ser castigados , quando o merecerem. E porque fuy informado de algumas cousas particulares , que em Maluco tem necessidade de remedio , me pareceo escrever-volas , para que provejaes nisso com toda a diligencia , e efficacia que for possível , e são as abaixo declaradas.

Dizem, que os Regimentos, e Provisões, que os Capitães de Maluco tem minhas, e de meus Governadores, e as que lhes apresentam as partes, quasi communmente annullão em tudo o que não faz a proposito do seu interesse, e as que podem ajudar para seus proveitos, interpretão, estendem, e amplificação como lhes parece, com perjuizo de meu serviço, e das partes. E que a guerra, e destruição, que se fez naquella terra, agora ha seis annos, com tantas mortes de Christãos, e Mouros, procedeo da cobiça dos Capitães. E que a raiz, e causa de grandes males, he terem os Capitães trato com o Rey da terra, por si, ou por seus Feitores; porque pelo interesse que esperão, o deixão perseguir os Christãos, e não lhe vão à mão a isto.

E que traz ElRey de Ternate dous Capitães seus a queimar, roubar, e fazer quanto mal podem aos Christãos de Amboino, e aos Portuguezes, que procurão defendellos: e haverá quatro, ou cinco annos que isto dura: e os Capitães com tudo dissimulão. E que o mesmo Rey de Ternate tem entranhavel odio aos Christãos, e tem muitos em sua casa por cativos, que tomou na guerra: e sendo que tomou alguns sobre seguro, e não podia cativar, outros por outras razões, os faz viver como Mouros: e os ditos meus Capitães o sabem, e passaõ por isso.

E que mandando no anno de mil quinhentos sessenta e dous o Conde Viso Rey, a quem Deos perdoe, fazer em Amboino hum Fortaleza por Antonio Paes, o meu Capitão que então era de Maluco, impedio fazer se, por não descontentar a ElRey, sendo a dita Fortaleza muy necessaria, e efficaç remedio contra os males que o mesmo Rey faz, e de que se podião seguir grandes, e manifestos bens. E cumpria que se mandasse fazer logo; porque com esta Fortaleza se podia segurar a de Maluco, que dizem estar em grande perigo; porque o Rey se vay fazendo cada vez mais poderoso: e como os moradores da dita Fortaleza não tem donde bem, e facilmente possaõ ser providos de mantimentos, senão de Malaca, donde para lhes servirem he necessario perto de hum anno de tempo, podem os Mouros tolher que lhes não vão, e com isto tomar a Fortaleza: e fazendose huma em Amboino, serão soccorridos de mantimentos todas as vezes que for necessario. E que serviria mais esta Fortaleza de defender que os Jaos não fossem pelo cravo a Amboino, donde levão mais de mil quintaes cada anno; e havendo alli Fortaleza, teria eu mais de dous mil, além da noz, e massa que a terra dà: e cresceria a Christandade, que he grande meyo para segurar a terra, e crescerem todos os proveitos della.

Dizem tambem, que os meus Capitães se fazem Senhores absolutos, e se mostrão por muitas maneiras inimigos dos Christãos, e dos Ministros Ecclesiasticos, e dos que entendem na Christandade, e favor della, deshon-

rando-os, vexando-os, e abatendo-os publicamente, diante do Rey, Mouros, Christãos da terra, e Portuguezes: e daqui vem tomarem os infieis atrevimento contra os mesmos, e terem os Christãos pouco respeito à doutrina, e Ministros della, e assim todos perdem o que devem à Fé, e Ley de Deos, &c. Pelo que vos mando, e ordeno, que com todo o cuidado ponhaes cobro nisto, remedeando estas desordens na melhor fôrma que for possível.

Atèqui o Cardeal Regente em nome de seu sobrinho ElRey D. Sebastião, do que se prova bem o mau procedimento, assim dos Capitães da nossa Fortaleza, como delRey Aeyro de Ternate; e que toda a innocencia deste confitio lómente em ser morto à traição dentro na Fortaleza, entrando nella em boa fé, e amizade a visitar o Capitão mór; pelo que se deve emendar nesta parte a Couto, e aos que o seguem, porque vão apartados da verdade. Por esta carta, e outras informações mandava o VisoRey prender o dito Rey por Gonçallo Pereira Mar. ramaque; mas elle se houve com tal astucia, que vindo meterse nelle nas mãos com toda a sua familia, desmentio a opinião que lhe davao de traidor, com esta generosa confiança, e se livrou da prizaõ, para depois continuar em sua rebeldia, até vir a ser morto no anno de 1570. porque estes successos não forão juntos, mas muitos, e varios, e se continuaraõ por todos os annos de sessenta, e ainda no de setenta não pararaõ; porque morto o Rey, o mandou o Capitão com demasiada furia espoltejar, e salgar, e metido em hum

caixaõ o mandou lançar ao mar, à vista da mulher, e filhos, que com grande piedade o pediaõ para o sepultar, e divulgado este successo pela Ilha, se alvoraçaraõ os Ternatenses, e trataraõ da vingança; a diante se verá por causa disto, huma viva guerra, e o fim lastimoso, a que as nossas coulas alli chegaraõ.

Por fim já do seu governo ordenou o VisoRey a D. Luiz de Almeida, que fosse a Malaca esperar a Primavera, para sahir a correr o mar de Surrate; e examinar a authoridade, com que navegavaõ as embarcaçoens daquelles portos, que necessitaõ da Portuguezia para os cursar. Levou seis, de que eraõ Capitães Fernando Telles, que depois foy Governador da India, D. Lourenço de Almeida, Antonio de Mello Coutinho, Antonio de Faria, e Luiz Ferreira. Lá ajuntou mais quatorze navios. Renderaõ naquelles Canaes tres naos muy poderosas em grandeza, e riqueza de carga. Chegaraõ com duas a Damaõ, e com perda de hum navio que se afundou logo ao envestir a primeira. Esta foy a ultima ordem publica de D. Antaõ de Noronha

em seu visoreynado. Em seu tempo mandou o Cardeal Regente para aquelle Estado doze naos de Armada, divididas a quatro cada anno nas monçoens de Março. Nas primeiras, foy por Capitão mór Francisco de Sá: das segundas, Luiz Gomes da Cunha; e das terceiras, João Gomes da Sylva.

Assim em Roma, como em Goa, se tratava neste tempo com muito empenho do progresso das Christandades da India. Em Goa o Arcebispo Primaz D. Gaspar, convocando hum Concilio Provincial. Em Roma o Pontifice S. Pio V. Religioso que tinha sido da Ordem de S. Domingos, e agora governava a Igreja de Deos

com grande acerto, escrevendo huma carta ao VisoRey, e a seu Conselho, para que favorecessem, e ajudassem aos Prelados, e Missionarios Religiosos a dilatar a Fè de Christo. Deu occasião a esta carta, saber o Santo Pontifice, como havia na India pessoas de respeito, indignas do nome Christão, e Portuguez, que attendendo a seus proprios interesses, querião antes os paizanos Gentios, q̃ Christãos; e com capa de zelo, e de Justiça, escreveraõ ao Cardeal Intante, que os Religiosos violentavaõ os Gentios ao Bautismo. A carta traduzida de Latim he a seguinte.

Carta do Summo Pontifice ao VisoRey da India.

A Os amados filhos, nobre Varão, VisoRey, e Conselheiros do Serenissimo Rey de Portugal, e dos Algarves nas partes da India Oriental. = Amado filho, saude, e benção Apostolica. Não acabamos de dar graças ao Pay das misericordias, e Deos de toda a consolação, o qual entre os grandes, e varios cuidados que nós desvelão em razão do nosso cargo, ha por bem de nos alegrar, e consolar com as alegres novas, que vem das partes da India: porque ouvimos quanto nellas tem crescido a Igreja Catholica; e que grande numero de Gentios se converte todos os annos do culto dos Idolos à Fè de Christo: com os quaes augmentos da Igreja, e salvação de tantas almas, o nosso coração se exalta com tanta alegria, que a não podemos explicar facilmente. E todos os Povos, e Naçoens da Christandade sabem quanto louvor se deva por este respeito aos Serenissimos Reys de Portugal; porque com o seu cuidado, diligencia, e admiravel grandeza de animo, ajudando Deos seus piedosos trabalhos, e principios se conseguio, que o Sagrado Evangelho chegasse até os ultimos fins da terra, e os que andão em trevas começassem a ver a luz da verdadeira Religião, e conhecessem a seu Creador. Mas porque somos devedores, assim aos que estão longe, como aos que estão perto, e desejamos ardentissimamente, que o

nego.

negocio da conversão dos Gentios, proceda com muito fervor, e que tantas almas, que se haviaõ de perder, se ganhem com dobrada diligencia, quizeamos encomendar a vossa devoção tão santa, e tão piedosa obra. Se na propagação da Fé se tratasse somente da honra de nosso Senhor Jesu Christo, convinha a tão Catholicos Varoens derramar o sangue por ella, como muitos da vossa Nação com grande gloria sua derramarão; os quaes agora recebem o fruto de seus merecimentos. Mas além da honra de Deos, além da salvação das almas, trata-se tambem da gloria do carissimo nosso filho, e vosso Rey: trata-se da vossa honra, e da vossa inclinação; porque quantos mais Gentios receberem a Fé de Christo, tanto mais esclarecido se fará, e glorioso o nome do vosso Rey: lucrarsehão mayores forças, para que com a Divina graça se conquistem as Naçoens barbaras, e se ajuntem ao Reyno de Portugal; e assim crescerá o vosso nome, e da vossa Nação, e os vossos merecimentos para com a Religião Catholica. As quaes cousas consideradas por vós, convém que com perfeitissimo animo deis toda a ajuda, e favor possivel aos Obreiros, que trabalham na Vinha do Senhor, como são os Prelados, e outros Varoens Religiosos de quaesquer ordens; e principalmente entenderéis por vossa prudencia, ser necessario, q̃ os Gentios sejaõ defendidos, e guardados diligentemente das injurias dos soldados; e que se tirem todos os impedimentos, e escandalos, com que sua conversão por algum modo se possa impedir, e retardar. E se bem confiamos, que fazeis, e haveis de fazer estas cousas, com tudo, para que as façaes com mais fervor, e diligencia, vos admoestamos diante de Deos nosso Salvador, e vos encarrégamos este cuidado em remissão de vossos peccados. Dada em Roma em S. Pedro debaixo do annel do Pescador a 11. de Outubro de 1567. no segundo anno do nosso Pontificado.

Espirava já o governo de D. Antão de Noronha quando chegou esta carta a Goa, e assim ficou a execução della para o seu successor D. Luiz de Ataide. Embarcouse para o Reyno, e morreo na viagem. Achou-se em seu testamento, que lhe cortassem o braço direito, e o reservassem para ser levado à sepultura de seu tio D. Nuno Alvres em Ceuta, e que o corpo se deitasse ao mar. Assim se executou, e não faltou quem ob-

Part. I.

servasse, que este golpe mandado dar em si mesmo, e neste membro, foy execução de sentença dada contra si proprio; porque firmando, obrigado de hum parente, certo papel injusto, disse: *Maõ que tal firma, bem merece cortada.* Tanto póde hum respeito, que obriga hum homem a fazer aquillo mesmo, que elle proprio abomina. Era D. Antão de Noronha pessoa de bom natural, entendimento, e zelo, e viloreynou

Xx

quatro

quatro annos. Devia ser o intento de passarem de tres, querer o Cardeal Regente, que o governo, e mando delRey D. Sebastião seu sobrinho, principiasse em hum mesmo tempo em todo o Imperio Portuguez, o qual o estava exercitando por elle, e lho queria entregar em fazendo a idade de 14. annos, como se verá na segunda Parte.

CAPITULO CXIX.

Noticias do Patriarcha da Ethiopia, e de hum carta que escreveo a ElRey D. Sebastião.

POr morte do Patriarcha D. Joaõ Nunes Barreto, q morreo em Goa a 20. de Dezembro de 1562. succedeo no Patriarchado da Ethiopia o Bispo D. André de Oviedo, que lá andava, como fica dito acima; mas tendose em Portugal noticia da pouca esperança, que havia da reduçãõ dos Abexins, julgou o Cardeal Infante Regente, seria mayor serviço, e gloria de Deos nõsso Senhor, sa-

hir o Patriarcha dalli, e navegar a Japaõ, onde tanto se dilatava a Fè de Christo, por meyo dos Padres da Companhia, depois que lá prègou, e lhe abriu a porta o Apostolo S. Francilco Xavier, e assim escreveo em nome delRey ao seu Embaixador na Curia Romana, alcançasse esta mudança do Summo Pontifice, que entãõ era S. Pio V. o qual aos 2. de Fevereiro de 1566. expedio hum Breve, em que exhortava o Patriarcha a se partir para Japaõ, e para a China, com as mesmas faculdades, e indultos, que lhe haviaõ sido concedidos pelos Romanos Pontifices, seus predecessores em Ethiopia, senãõ tivesse mayores esperanças de poder reduzir os Abexins á Fè Catholica. Aos 15. de Junho do anno seguinte 1567. escreveo o dito Patriarcha D. André ao Pontifice as razoens, que o moviaõ a não delamparar o seu rebanho, protestando com tudo obedecerlhe na mais perigosa empreza, se ouvidas as suas razoens, dispuzesse o contrario. Na mesma occasiãõ escreveo a ElRey D. Sebastião a carta seguinte.

Carta do Patriarcha de Ethiopia para ElRey de Portugal.

DEos nõsso Senhor com sua mão poderosa, e clemente, prospere a Vossa Alteza em todo o bem muitos, e ditosos annos, e lhe dè saber, e forças com a sua graça para fazer em tudo a sua santa vontade, e governar seus Povos, e Reynos com inteira justiça, paz, e caridade, conforme a seu Divino beneplacito. Amen. = Este anno de 1567. recebemos cartas da India com hum treslado de hum de Vossa Alteza, para mim, e outras
letras

letras de Sua Santidade, nas quaes me mandava passar ao Japão, e à China, quando seguramente pudesse, e residir naquellas partes, senão tivesse mayor esperança da redução destas Naçoens da Ethiopia à Igreja Catholica Romana. Por falta de navio me não pude embarcar ategora, nem bastariaõ para isto duas fustas, que o Viso Rey da India intentava mandarme, nem dez, nem vinte, em razão dos Turcos, e Mouros de Arquicò, e Maçua, e de outros, que correm os mares: e senão vierem algumas velas grossas, não será possível levarem hum só homem de Ethiopia. Quanto mais, que se nós sabirmos, será necessario levar connosco todos os Catholicos, para não ficarem perdidos entre Hereges, sem remedio espiritual, nem temporal, e para isto he necessaria Armada grossa, como todos pedem, e eu supplico a Vossa Alteza. = Seria mayor serviço de Deos mandar Vossa Alteza a esta terra quinhentos até seiscentos homens; porque à sombra deste poder se daria certamente obediencia à Igreja Romana, e o Reyno ficaria concertado nas materias de Fé: e todos quantos aqui estão são de parecer, que por nenhum caso se deve largar esta empreza, por estar hoje a terra mais despejada de Turcos, e Mouros, e ser já morto o Rey, que nos perseguia, e reynar hum seu filho, que se mostra mais amigo dos Portuguezes, e se não segue a nossa Fé, por lhe não parecer verdadeira, ao menos não a persegue. O Reyno anda revoltado, e perturbado com guerras, e nem todos obedecem ao Rey, antes ha muitos Senhores, que se resolvem a receber os Portuguezes, se vierem, e entre elles o Babar Nagays, Senhor do Reyno de Tigre, e hum primo irmão del Rey Athanás Segued, chamado Habitacun Joannes, muy inclinado à Nação Portuguesa, e à Fé Catholica, e que em certa alteração se declarou por Vassallo de Vossa Alteza, a cuja honra, e gloria pertence levar ao cabo o que El Rey vosso avô de gloriosa memoria, começou com grande zelo, e com muitas despesas. = Tambem dispender Vossa Alteza os bens, e rendas q̃ Deos lhe deu, neste soccoro para tanto bem das almas, lhe poderá ser mayor Coroa no Ceo, e reduzir estas Naçoens à união da Igreja Catholica, mayor vitoria, que os triunfos de Cesar, além da mayor segurança do Estado da India; porque se os Turcos senhorearem estas terras, poderãõ fazer grande prejuizo à India, que não está longe, em razão dos muitos aprestos, que aqui ha de ferro, escravos, vitualhas, e outras cousas para fornecer galés. E pelo contrario juntos os Portuguezes com os Abexins, darião por estas Costas notavel detrimento ao Turco, e pelo Certão dentro grande gloria a Jesu Christo, não só no remedio dos Catholicos, e redução dos Scismaticos, que he grande bem; mas tambem na conversão dos Gentios, que não tem conto em Ethiopia, em diversas, e grandes Regioens, e muitos delles se querem converter, mas o Rey dos Abexins os não deixa bautizar, por

lhe parecer, que depois de serem Christãos já os não pôde cativar, nem opprimir com tributos. Habitão estes Gentios as terras de Damur, onde nasce muito ouro, gengibre, cardamomo, e marfim, e ha grande abundancia de vitualhas, mantimentos, e vacaria, e he tão grande terra, que segundo dizem, confina por huma parte com Sofala, onde tratão com os Portuguezes. Portanto supplico a Vossa Alteza, que antes de levantar mão de Ethiopia, tome inteiro, e maduro conselho, e disponha o que lhe parecer mais acertado em Jesu Christo; porque eu da minha parte prompto estou pela graça de Deos para ficar em Ethiopia, ou ir a Japão, e aonde Vossa Alteza, ou Sua Santidade me mandarem. Nosso Senhor seja sempre com Vossa Alteza, e lhe deixe fazer em tudo sua Santissima vontade, enchendo-o de sua Divina graça, e amor. Amen. De Ethiopia aos 18. de Junho de 1567.

Naõ se conseguiu desta carta o effeito pretendido; porque nunca acabou de chegar o soccorro de Portuguezes, tão pedido, e suspirado pelos Padres, e Catholicos de Ethiopia, que se se tivera mayor cuidado de o mandar, pudera acometerse huma gloriola empreza, e lograrse huma grande ventura. Porém ElRey divertido na pretensão de Africa, começoulhe a descuidar algum tanto das cousas do Oriente, que em seu tempo começaraõ a descahir, e depois delle quasi de todo vieraõ a arruinar-se; e o Patriarcha continuou com a diligencia de ver se podia reduzir aquelles Scismaticos atè o anno de 1577. em que morreo aos 9. de Julho, consumido de trabalhos, e de desgostos do pouco que aproveitava, e de penitencias, com grande opiniaõ de Santidade, e milagres.

CAPITULO CXX.

Succeßos do Brasil, particularmente do Rio de Janeiro.

A Ndavaõ por este tempo as cousas da Provincia de Santa Cruz muy varias, cujos successos vou abreviando. Os Padres da Companhia não cessavaõ nas suas Missões, fazendo muy grande fruto para a Igreja, em utilidade do Estado, e do Reyno de Portugal. O Padre Nobrega, e o grande Apostolo daquelle Estado Joseph de Anchieta, aventuraraõ a grandes trabalhos, entrando valerosamente pelo Certão de S. Vicente, onde padeceraõ grandes trabalhos, mas não fizeraõ menor fruto: reduziraõ a muitos daquelles barbaros Tamoyos ao gremio da Igreja, e a todos a assentar paz com os nossos, que tinhaõ tão molestados com os assaltos passados.

Succedeo pouco depois alli humma geral fome, particularmente no distrito da Bahia, originada de humma pestelencial doença q̃ houve naquelle Estado: nesta penuria chegarão a tal miseria, que se vendião os pays aos filhos, e os maridos às mulheres. Houve tal Indio, que se vendeo a si proprio por humma só cunya de farinha para livrar a vida. Nas compras, que nesta occasião fizeraõ os Portuguezes houve depois grandes duvidas sobre encargos de consciencia. Consultaraõ o Tribunal da Mesa da Consciencia em Lisboa, e delle foy a resolução seguinte: *Que o pay podia em direito vender o filho em caso de apertada necessidade: e que qualquer se podia vender a si mesmo para gozar do preço.* Havida esta resolução, entraraõ em consulta na Cidade da Bahia o Bispo D. Pedro Leitaõ, com o Governador Mem de Sá, o Ouvidor geral Braz Fragofo, e o Padre Provincial da Companhia Luiz da Grãa: e pareceo bem, que se publicasse ao Povo a resolução da Mesa da Consciencia; porq̃ com ella ficassem quietos os que compraraõ na fórma contheuda, e os que foraõ comprados fóra della se tivessem por livres; porẽm como os moradores da Bahia, e de toda a Costa estavaõ feitos Senhores de taõ grande quantidade de Indios, vendidos fóra do direito, por tios, irmãos, e parentes, que não tinhaõ dominio sobre elles; deter-

minouse, que os taes eraõ livres. Vistas com tudo as grandes difficuldades, que se allegavaõ de se largarem todos estes Indios do serviço dos Portuguezes; e porque podiaõ outra vez meterse entre os Gentios, com dispendio de suas almas, e não sem perigo da Republica, foy permittido que ficassem em casa dos que os tinhaõ, com as condiçoens seguintes: *Que os ditos Indios assim mal havidos, fossem avisados de sua liberdade; mas q̃ como livres servissem aquelles, que os resgatareaõ em suas vidas, por evitar os inconvenientes, que do contrario se podiaõ seguir, e que fugindo os taes Indios, os pudessem os amos mandar buscar, e castigar; e com condição, q̃ os amos em reconhecimento lhes pagassem em cada anno por seu serviço aquillo, que justamente lhe fosse taixado; com declaração, que continuando elles a fugir para o Gentio, sendo depois da primeira vez, perdessem a soldada de hum anno em recompensa do que os amos perderão em buscarlos: e outro sim, que os possuidores dos ditos Indios, os não poderião vender, nem dar, nem trocar, nem levar fóra do Brasil: e os que os não quizessem possuir com as condiçoens apontadas os largassem logo.*

Porẽm nem estas condiçoens se guardaraõ, nem a resolução servio de mais, q̃ de cativarem mais Indios dalli por diante com capa de vendidos per si, ou por seus pays. No mesmo tempo se fez con-

consulta sobre outra desordem mayor, e era que com capa de humma sentença dada contra os Indios Caaetes, que dava a todos por escravos, pela morte que derao ao primeiro Bispo do Estado D. Pedro Fernandes Sardinha, e não só a estes se haviaõ por cativos, mas tambem à volta delles a outros muitos, por cuja causa despovoa-vaõ as Aldeas, fugindo para o Certoão: a esta desordem acudiraõ o Governador, e o Ouvidor, exceptuando os que se reduzissem à Fé; porèm nem ainda isto foy de muito fruto, pelo que acudiraõ os Reys ao seu remedio, dando a todos geralmente por livres, excepto aos que fossem cativos em guerra justa, e finalmente se Vieira a dar por livres do dito cativo a todos os naturaes do Brasil por outro Decreto.

No anno de 1564 mandou o Cardeal Regente fundar para os Padres da Companhia hum Collegio na Bahia; e o dotou em nome delRey seu sobrinho com humma congroa equivalente à sustentação de sessenta Religiosos, applicada na redizima da dita Capitania, que pelo tempo a diante se reduzio a dinheiro por humma Provisão Real, passada em Lisboa aos 7. de Novembro do dito anno.

No principio deste mesmo anno preparou o Governador geral humma Frota, que enviou ao Rio de Janeiro; e o fundamento foy, que tendo dado conta á Rainha

Regente do successo da guerra, que fizera contra Villa Gailhon, na enxada do Rio de Janeiro, rendendo, e destruindo a Fortaleza da Ilheta, como acima se disse no anno de 1560. foy festejada a nova, como merecia, e approvado tudo o que alli se obrrou; mas não pareceo justo não deixar lá presidio de gente Portugueza; por cuja causa regendo já o Cardeal, e porque chegou nova noticia das pazes assentadas com os Tamoyos por meyo dos Padres da Companhia, mandou preparar dous fermolos galeoens com aprestos de guerra, e soldadesca, e por General a Estacio de Sá, sobrinho do dito Governador, e os remeteo com elles a seu tio, para que juntos ás mais forças do Estado, se fosse fazer Senhor do mesmo destrito do Rio de Janeiro. Chegou Estacio de Sá, e vistas as ordens delRey, em que lhe ordenava fosse meter gente nossa na dita enxada, senhoreando a terra, e lançasse de todo fóra aos Francezes, e começasse alli a fundar humma Povoação.

O Governador, que nenhuma outra cousa mais desejava, vendo-se com aquelle soccorro, aprestou humma boa Frota, e mandou-a com aquelle novo Capitaõ, dandolhe o Regimento seguinte: *Que fosse demandar a Barra do Rio de Janeiro, e entrasse nella a som de guerra, e observasse alli as disposições, e conselhos do inimigo, e se achasse*

occafão, que prometteffe esperança de vitoria, procuraffe tirar o inimigo ao mar alto, e abi rompesse com elle, fazendo sempre por conſervar as pazes com os Indios Tamoyos; e ordenandolhe por fim do Regimento, que podendo tomar conſelho com o Padre Nobrega, não obraffe couſa de importancia ſem elle, pelo grande conceito, que tinha de ſua virtude, e prudencia experimentada.

Chegou Eſtacio de Sá à Barra do Rio de Janeiro no mez de Fevereiro, e mandou logo chamar o dito Padre; porẽm achando os Tamoyos rebelados, e tendo noticia de que em S. Vicente havia novas revoltas, voltou àquella Capitania. Soubeſe na Bahia o retiro da Armada, e deu eſta noticia muy grande cuidado, por ſe não ſaber a cauſa; mas tudo foy para melhor ſucceſſo; porque compoſtas as couſas levou dalli grandes ſoccorros de mantimentos, e Indios amigos; e dous Padres da Companhia Gonçallo de Oliveira, e o ſanto Anchieta para remedio eſpiritual, e para conſelheiros, e directores de huma, e outra lingua, em que eraõ peritos; e tendo gaſto alli o reſto do anno, ſe tornaraõ a fazer à vela no Janeiro ſeguinte, e a 20. do dito mez, dia dedicado a S. Sebaſtiaõ, que por bom prognosico tomaraõ por Padroeiro da empreza, por ſer tão grande Martyr; e por ſer nome do ſeu Rey.

Chegaraõ a occupar a Barra do Rio de Janeiro no primeiro do mez de Março: aqui lançaõ ferro junto as Ilhas que eſtaõ proximas a ella, eſperando pela nao capitania, que por ſua grandeza, e ventos contrarios vinha mais devagar. Unidas já todas, entraraõ pela Barra dentro; ſaltou a infantaria em terra, e começouſe a fortificar com trincheiras, e foços no lugar aonde depois chamaraõ Villa Velha, junto a hum altiffimo penedo, que pela fórma delle ſe chama *Paõ de açucar*, e outra penedia, que por outro lado a cercava, com que ficavaõ em parte defendidos. Huma ſó couſa deſcontentava o lugar, que era a falta de agua; mas Deos a deparou muito boa em hum poço que alli ſe abrio.

Deſte lugar haviaõ os noſſos de ſahir a conquistar, e haviaõ de ſer conquistados com deſigual poder; porque ſuppoſto que eraõ eſpantolas aos Indios as noſſas armas de fogo, e noſſas naos poſſantes: era com tudo muito mais formidavel a grande multidaõ de canoas volantes, e guerreiras a centos, e infinidade de Tamoyos armados, que cobriaõ os mares, e as prayas, todos ao ſom de guerra: elles, e ſeus lugares cercados, e vallados, inſolentes das vitorias paſſadas; e ſobre tudo ajudados, e animados com as naos de alto bordo dos Francezes. Eraõ eſtes Tamoyos entre todas as Naçoens do Brazil,

ouſa.

ousados no acometer, sagazes nas cilladas, e no arco destrissimos: despediaõ a setta com tal força, que passava o escudo, e muitas vezes succedia traspassar hum corpo, e sahir ainda com tal vigor, que se hia penetrar em outro, ou em qualquer arvore. Com esta casta de gente era a nossa contenda.

Animavaõ os Padres aos soldados com forçolas palavras; e não menos o Capitaõ com huma valente pratica, adequada ao intento, e à occasiã presente, com que os soldados tomaraõ resolução, e perderaõ algum terror, com que estavaõ. Pouco depõis de alojados, aos 6. de Março fizeraõ os inimigos huma investida aos nossos como para prova da sua disposiçã, e valor: acharaõ porẽm valor, e resistencia, qual não cuidavaõ: pelejou-se de huma, e outra parte; mas foraõ vencidos dos nossos, que mataraõ muitos, e puzeraõ os mais em fugida, fazendo preza nas canoas, em que vieraõ. Aos 12. do mesmo mez lhe tomaraõ os nossos outras vinte e sete canoas. Com estes bons principios tomaraõ os nossos grande animo; e se foraõ continuando os successos favoraveis pela nossa parte. Vio-se aqui hum favor conhecido do Ceo, que fez pasmar aos mesmos inimigos; porque muitos pelouros dos Francezes davaõ nos peitos dos nossos, como se deraõ em duro ferro, cahindo aos pès, ou tornando frustrados para traz,

como aprovando a justiça da nossa causa; e as feridas, que alguns recebiaõ, ainda que mortaes, com tal facilidade saravaõ, que era força attribuir-se ao favor Divino. Quiz a presumpção de Ambrosio Fernandes, Cirurgiaõ q os curava, attribuir a cura á sua grã pericia; porẽm quiz Deos mostrar o contrario, ficando morto em hum conflito, e proseguindo o mesmo favor da cura milagrosa, ainda em mortaes feridas. Huns attribuiã o favor à Virgem Maria, e outros ao Martyr S. Sebastiaõ, que tinhaõ tomado por Padrociro.

Foy mais notavel, e patente o successo, que aconteceu no principio de Junho: appareceraõ à vista do nosso arrayal tres poderosas naos de Francezes, bem artilhadas, e huma grande quantidade de canoas de guerra, que passavaõ de cento e trinta; presentaraõ batalha aos nossos, com as costumadas vozes, e alaridos, que atroavaõ os mares, e os montes. Não desmayaraõ os nossos, antes os receberaõ com forte animo disparando sobre elles quantidade de artilharia, e arcabuzaria, com taõ bom emprego, que fez deitar a capitania á costa, entre huma penedia, donde mal se pode salvar; acometeraõ os inimigos em ordem de guerra: as tres naos Francezas se começaraõ a desfazer em fogo de pelouros, bombas, e alcanzias. Os Tamoyos cobrindo os ares com nuvens de flechas, que

cahiaõ sobre os nossos. Porém servio de amparo a protecção do insignie Martyr S. Sebastiaõ, que com té invocaraõ; porque passada a tromenta, correndo as estancias, senaõ achou morto algum, sendo que da parte contraria o forraõ muitos, e os vivos postos em fugida pela nossa artelharia. O Capitaõ Sã, não satisfeito de defenderse dentro do arrayal, quiz mostrar que tinha poder, e animo para buscar o inimigo fóra delle. Acometeo as naos Francezas, e fez nellas cruel estrago com a artelharia da capitania. Despedio no mesmo tempo esquadras contra as Aldeas, e contra as canoas de pesca, em que fizeraõ muitas prezas, e deixaraõ ao inimigo atemorizado.

Aos 15. de Outubro tiveraõ outra grande vitoria de sessenta e quatro canoas inimigas, que tinhaõ cercado, e posto em grande perigo a sete nossas, às quaes acodindo outras sete, depois de larga peleja as desbarataraõ, e se senho-rearaõ de algumas. Fez o Capitaõ Sã tambem huma surtida contra huma grande Aldea; mas tendo noticia, que em outra muito affamada estavaõ os Indios juntos em huma festa, deu sobre elles, e os poz quasi todos a ferro, e fogo; mas tambem foy á custa de muitas feridas dos nossos, e morte de Antonio da Lagea, que por querer livrar huma mistiça de S. Vicente, que alli estava cativa, sa-

Part. I.

hia taõ maltratado do mesmo fogo, que em breves dias morreo.

CAPITULO CXXI.

Prosegue-se a guerra do Rio de Janeiro, expulsão dos Francezes, e fundação daquella Cidade com o nome de S. Sebastiaõ.

F Oraõ varios, e continuados os successos da guerra por todo o anno de 1566. mas com o favor de S. Sebastiaõ, que tinhamos tomado por Padroeiro, sempre succederaõ em favor nosso. Em Julho succedeo, que desesperados os Tamoyos com os seus maos successos, aconselhados dos Francezes, determinaraõ empenhar o resto do seu poder, e com cento e oitenta canoas bem armadas, e governadas por muy destros Capitães seus, e Francezes, quizerãõ fazer huma surtida contra os nossos: partiraõ em segredo até cou-sa de huma legoa do arrayal Portuguez, e alli se detiveraõ encubertos com huma ponta de terra, despedindo algumas poucas como a offerecer batalha aos nossos, para que sahindolhe, se fossem retirando até os irem meter na cillada. Tinha sahido do nosso arrayal huma canoa, em que hia Francisco Velho, Mordomo do Santo Martyr, a buscar madeira, para se lhe fundar huma Capella; e

Yy

foy

foy dar com as canoas inimigas.

Sahio em seu soccorro o Capitão com mais quatro, puzeraõle as contrarias em retirada manhosa, e as foraõ meter na cillada; alli se viraõ em grande perigo, e certamente seriaõ destroçadas, segundo o grande numero, que lhe vinha cahindo em cima, se lhe não valera o mesmo Santo, que elles invocavaõ no conflito, permittindo que pegasse fogo na polvora da canoa ao disparar de huma roqueira, cujo incendio, como coula desacostumada, meteo terror nos inimigos, e os fez fugir, por mais q os Francezes quizeraõ ter maõ nelles. Ficaraõ os nossos desassombrados, attribuindo o calo a favor de S. Sebastião, e muito mais quando depois viraõ, que os Tamoyos perguntavaõ: *Quem era aquelle soldado tão gentilhomem, que andava armado no tempo do conflito, e saltava intrepido em suas canoas, e lhe meteo tal terror, que foy a mayor causa de fugirem?* Desembarcando os nossos em terra, foraõ á Igreja, e fizeraõ acção de graças por tão evidente favor. E daqui ficou introduzida a festa das canoas, que alli se celebra todos os annos em dia de S. Sebastião.

Em Novembro deste mesmo anno partia da Bahia o Governador Mem de Sá a fundar a Cidade do Rio de Janeiro, por ordem delRey, expulsando dalli os inimigos, cuja resistencia o tinha já

muito enfadado pela dilatação da guerra: foy em sua companhia o Bispo D. Pedro Leitaõ, o Padre Ignacio de Azevedo, Visitador da Companhia de Jesus, que depois foy martyrizado no mar, como a diante veremos, o Padre Provincial Luiz da Grãa, o grande Anchieta, e outros, levando hum bom soccorro de embarcaçoens, e soldados valerosos, e chegou áquella Barra em 18. de Janeiro do anno de 1567. e tomado por bom prognostico, quiz logo em dia de S. Sebastião, que se fizesse huma investida contra o inimigo, que estava fortificado em duas Aldeas de mayor conta, fortificadas de gente, foços, cavas, e artelharia, que pareciaõ inexpugnaveis, confiando no Santo que tanto ás claras os favorecia. Saltaraõ em terra depois de varios pareceres, lançou o Bispo sua benção Pastoral, encomendaraõ os Religiosos o negocio a Deos, com voto feito ao Patraõ por concordancia de todos.

Ao romper da manhã do dito dia, dispostos dous batalhoens da flor da infantaria da Armada, e o arrayal a cargo do Capitão mór Estacio de Sá, feita primeiro huma breve falla em nome do Santo, acometeraõ igualmente a ferro, e fogo a fortificação principal, que era a de Uraçumiri, mais difficultosa por sitio, e presidio mayor de Tamoyos, e soldados Francezes, e depois de varios successos

fos foy entrada , e vencida com lastimoso estrago dos Tamoyos, que morreraõ todos , e dos Francezes dous , e cinco tomados às mãos foraõ pendurados em hum pao , para terrivel espectaculo dos mais. Custou aos nossos dez , ou doze mortos , sendo o de mais conta o Capitaõ Gaspar Barbosa, homem de muito esforço , e virtude ; porẽm o que mais se sentio foy sahir muy mal ferido o Capitaõ mór Estacio de Sá, de que morreo pouco depois.

Concluido este combate , acometeraõ a segunda Aldea , chamada Paranápucuy , que estava situada na Ilha do Gato , para o que foy necessario conduzir a artilharia , e baterlhe as cercas , que eraõ dobradas , e fortissimas : mas em breve tempo foraõ postas por terra , e mortos quantidade de barbaros. Fortificaraõse alguns em huma casa ; mas obrigados de hum apertado cerco se vieraõ a entregar só a partido de vida ; mas não da liberdade. Morreo da nossa parte hum Portuguez , e alguns Indios. A' vista destas vitórias delmayaraõ os Tamoyos , perdendo a confiança , que tinhaõ nos Francezes , fugiraõ huns pelo Certaõ dentro , e os mais pedirã pazes , que lhe foraõ concedidas. Fizeraõ os Portuguezes acção de graças a Deos , e ao Martyr S. Sebastiaõ : tomaraõ posse da terra , abrazaõ as forças contrarias , principiaraõ outras de no-

Part. I.

vo mais perduraveis , e tambem lançaraõ os fundamentos á Cidade , que dedicaraõ a S. Sebastiaõ , em memoria de tantos beneficios delle recebidos , e tambem por respeito delRey , que era Sebastiaõ. Foy substituido em lugar do Capitaõ mór defunto , Salvador Correa de Sá , seu sobrinho , e do Governador geral.

Agora que nos vemos senhores destes destritos , he bem se faça huma breve descripção delles. Entre o Promontorio a que hoje chamamos Cabo frio , e aquella paragem da terra , que corresponde ao Tropico Austral , a que chamamos da Ilha grande , corre hum pedaço da America , dos mais notaveis , que fabricou a natureza , porque no meyo destes dous estremos , altura de vinte e tres graos e meyo , parece tomou à sua conta a mesma natureza industria saahir com tal sitio , que igualmente fosse inexpugnavel a inimigos , seguro aos amigos , e proveitoso a todos os viventes. Consta esta de huma bahia , e de hum grandioso reconcavo na fôrma que logo diremos , e tem por nome *Rio de Janeiro* , nome que lhe foy posto por ser descoberto no primeiro de Janeiro do anno de 1532. pelo famoso Heroe daquelles tempos Martim Affonso de Sousa.

Foy este sitio sempre formidavel a todo o inimigo maritimo ; porque na verdade he temerosa , e

Yy ij horri-

horrivel aquella muralha natural, que vay cercando toda esta paragem junto ao mar, das mais estranhas penedias que já mais se viraõ. Affombro he das Armadas mais fortes, quando chegando de mar em fóra a ter vista da terra, em lugar de prayas que alegrem, começaõ a ver apparencias disformes de rochedos taõ altos, que sobem às nuvens, e espantaõ aos homens com as figuras que fazem, e confôrme ellas; assim lhe poem os nomes: *O Frade, a Gavia, a Cella*, e outros semelhantes. Quando já vem chegando à Barra, se vèm levantados de hum, e outro lado, quaes dous Gigantes fortes, dous monstruosos corpos de solido penedo, a que chamaõ *Paens de açucar*, que dando com as cabeças nas nuvens, lavaõ os pès nas aguas. Vomita cada hum delles, quasi das suas entranhas fogo, e pelouro, quando entraõ em coleira, de duas Fortalezas Reaes; não ha capitania inimiga, que ouse embocar; porque a Barra he de novecentas braças sómente; o encostar a hum, e outro penedo he naufragar; e o tomar o canal pelo meyo, he esperar a furia do canhão à mão tente de huma, e outra parte das forças. E quando fosse possível a entrada, não he possível a sahida; porque de força ha de voltar com a marè, e obedecer aos pès de hum destes penedos, experimentando seus rigorosos tiros.

Pelo terreno vay rodeando toda a Bahia, e reconcavo do Rio de Janeiro aquella espantosa serania, que já por vezes temos dito corre a Costa toda, e com a parte della mais aspera, chamada as *Montanhas dos Orgãos*; porque em fóra destes instrumentos vaõ levantando em ordem desigual montes sobre montes, fazendo altura immensa, que excede as nuvens, e parece chega à segunda região do ar; representaõ aquelles grandes montes, muralhas, ou torres formidaveis, postas entre nós, e os Barbaros, que habitaõ a outra parte; porque alli fulmina a natureza em tempos tormentosos taes rayos, curiscos, e estrondos de disformes trovões, que affombraõ a terra; e chegaõ a suspeitar as Naçoens agrestes, que estavaõ armados de proposito para defença dos Portuguezes. São com tudo alegres em tempos de bonança aquelles picos inaccessiveis, por sua fóra, altura, e fermosura, revestidos de arvoredos muy verde, e arrebeitando em ribeiras de agua, que despenhadas dos altos cumes, vem a pagar tributo ao mar, e alegraõ os olhos dos moradores. He o alagamar da Barra para dentro huma estendida, e fermosa bahia, emulada de Todos os Santos, formada das enchentes do Oceano, que embocando pela Barra dentro, chegaõ quasi a lavar os pès daquelles montes, a que chamamos

Orgãos. Tem este alagamar, ou bahia como cousta de oito legoas de diametro, e vinte e quatro de circumferencia; està entrexaçada de lhas, boqueiroens, e esteiros: estes ornados da verdura dos mangues, e vermelho dos passaros, a que chamaõ *Goarazes*, fazem a vista aprazivel: as Ilhas fazem numero de quarenta, entre mayores, e menores, com grossas fazendas, e moradores. Desembocação nella varios, e caudelosos rios, huns do Certaõ, outros das serras circunvisinhas, que com o doce de suas aguas fazem continua guerra ás do mar, querendo prevalecer cada qual dellas.

He abundantissima de pescado em tanta quantidade, que houve tempo, em que era necessario navegar com cautela em embarcaçoens razas, para evitar o perigo dos peixes, que saltando de hum a outra parte cahiaõ dentro: e succedia ser talvez com prejuizo do rosto, e olhos dos que navegavaõ. He facilissimo o meneyo, e serviço dos arredores; porque saõ muitas as embarcaçoens, mayores, e menores, que cortaõ estas aguas de dia, e de noite, fazendo alegre vista, e suave o commercio. Todo o circuito desta bahia està hoje povoado de moradores de fazendas grossas, entre as quaes avultaõ mais as dos engenhos de açucar, que passaõ de cem, supposto que com menos maquinas que as da Bahia.

Fundouse a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em hum lugar distante do arrayal hum legoa, e se fortificou com forças, e a Barra com duas de hum a, e outra parte, fechandose a porta totalmente aos inimigos. No coração da Cidade deu o Governador Mem de Sà sitio para se fundar hum Collegio aos Padres da Companhia de Jesus, e lhe applicou dote de renda necessaria para sustento de cincoenta Religiosos em nome del Rey, que assim o ordenava o Cardeal Regente, cuja merce accitou o Veneravel Padre Azevedo, Visitador entaõ, e depois Martyr, cuja escritura do dote se passou em Lisboa, firmada já pela mão del Rey em 6. de Fevereiro do anno seguinte de 1568. e diz assim: *Por quanto nos consta do fructo, e proveito, que a Republica Christãa recebe no Collegio da Bahia, e que os Padres da Companhia de Jesu traballão com a Divina graça, não só por afugentar as trevas da infidelidade com a luz Evangelica; mas tambem de promover os Christãos com doutrina, e exemplo. E porque considerando nós o Instituto desta Religiaõ, e seu modo de viver; esperamos que estes fructos da Divina gloria, e Republica Christãa crescerão cada dia mais, augmentandose o numero dos ditos Religiosos, e edificandose mais Collegios como sabemos que tinha intenção fazer El Rey meu avó, e Senhor, que Deos haja. Havemos por bem,*
que

que se faça outro Collegio na Capitania de S. Vicente, para cincoenta Religiosos da dita Companhia, e nas outras visinhas a ella, aonde os Religiosos do Collegio da Bahia não podem abranger, se occupem em ensinar a doutrina Christãa aos Fieis, e em converter os infieis à nossa Santa Fé, para que ajundando se assim huns aos outros espalhem o som da prégacão Evangelica por todos os termos da nossa jurisdição no Brasil. E a cada hum dos ditos Religiosos se dará tanto de minhas rendas, para seu mantimento, e vestido, quanto se dá a cada hum dos que vivem no Collegio da Bahia. Acabada esta gloriosa expedição, e principiados os edificios da nova Cidade, partio o Governador Mem. de Sã para a Bahia, deixando a seu sobrinho Salvador Correa de Sã por Capitaõ Governador do Rio de Janeiro, e fez aviso a Lisboa a ElRey do que havia obrado, onde foy recebida esta nova com grande gosto, e alegria de todos.

CAPITULO CXXII.

De outros successos de guerra notaveis.

ENtre os Indios nossos confederados que nos ajudaraõ nesta guerra foy hum chamado no Bautismo Martim Affonso de Sousa, nome que se lhe deu do Descubridor do Rio de Janeiro, o qual

fez taes proezas contra os Tamoyos, que elles aggravados do muito que os afrontou, tiveraõ lempre intento de se vingar delle. A este depois de acabadas as guerras, mandou o Governador que assistisse com sua gente em hum sitio visinho à Cidade, que tem hoje por nome S. Lourenço. Aqui depois de assentada a sua Aldea, intentaraõ os ditos Tamoyos, reliquias dos vencidos, que viviaõ no Cabo frio havello às mãos, e fazer delle hum banquete, e tiveraõ boa occasiaõ; porque havendo de carregar em seu destrito de pao Brasil quatro navios Francezes, lhe pediraõ os ajudassem nesta empreza, e como os Francezes dependiaõ delles aceitaraõ, entrando em som de guerra pela Barra do rio dentro com oito lanchas, e grande numero de canoas.

Estavaõ ainda as Fortificações sem forças, para lhe impedir o passo, e a Povoação sem cerca, por cuja causa se teve por perigoso o caso; porque o inimigo chegou inopinadamente, seu poder era grande, e o nosso muy limitado, e se acometessem, corriamos entaõ risco. Tomaraõ os nossos animo, e mandaraõ perguntar aos Francezes, com que intento entraraõ? Responderaõ que hiaõ entregar nas mãos dos Tamoyos a Martim Affonso de Sousa. Ficaraõ os nossos mais desassombrados; mas sempre com algum cuidado àcerca do Indio amigo, e do mais

mais que poderia acontecer ; pelo que mandou o Governador Salvador Correa de Sã avisallo, e buscar soccorro de canoas a toda a pressa a S. Vicente.

Naõ desmayou o Indio com o aviso ; mas tratou de se fortificar o melhor que pode , despejou a gente inutil para fóra , e esperou com animo o inimigo. Desembarcou este em terra , e conheceraõ entaõ ser o seu poder formidavel, em comparaçaõ do com q elle se achava ; porque as quatro naos jogavaõ muita artilharia ; as oito lanchas lançaraõ de si summa de Francezes com armas de fogo ; as canoas taõ grande multidaõ de Tamoyos, que cobriaõ as prayas, taõ bem apercebidos, como para alguma guerra de mais porte.

Porèm traçava a qui o Ceo hum successo de grande fama , e foy que os inimigos dando por certa a vitoria, aquelle dia que sahiraõ em terra quizeraõ descançar sem fazer operaçaõ alguma. Succedeo que aquella mesma noite entrou na Aldea hum pequeno soccorro, que o Governador mandou de Portuguezes capitaneados por Duarte Martins Mouraõ, homem de valor. Visto este soccorro chorou de alegria o Capitaõ Sousa, e depois de exaggerar aos seus os grandes louvores da lealdade dos Portuguezes, que em taõ apertada occasiaõ naõ se esquecerã delles, e depois de lhes trazer à memoria as façanhas de seus antepas-

sados, e as que elles tinhaõ obra-do na contiuaçaõ daquellas guerra, taõ prolongadas, tomou humma resoluçaõ digna de coraçã esforçado ; e confiado no valor dos seus, e no silencio, e escuro da noite, mandou romper as cercas, e appellidando o nome de Jesu Christo, e do Martyr S. Sebastiaõ, acometeo ao inimigo de improviso. Travouse aqui huma bem ferida batalha ; porque os nossos, à voz, e exemplo de seu Capitaõ pareciaõ Leoens ; e como deraõ em corpo desconcertado, faziaõ no inimigo grande estrago. Por outra parte a mesma multidaõ fazia resistencia, e pelejavaõ fortemente os mais esforçados ; mas como sem ordem, e entre a confusaõ da noite, houveraõ por fim de voltar as costas. Seguirã os nossos o alcance, e com pouco damno fizeraõ huma grande matança.

Em quanto huns, e outros andavaõ na briga, as naos Francezas que estavaõ junto da praya, postas em seco com a vazante da marè, naõ puderaõ jogar da artilharia, o que advertindo alguns dos nossos, assestaraõ contra ellas hum falcaõ pedreiro, que tinha hido com o soccorro, disparando-o nos convezes virados para a terra á maõ tente nuvens de pedras ; matareaõ muitos dos Francezes, e destroçaraõ a inxarcea miuda. Acabada esta memoravel vitoria aclarou a manhaõ, e viraõ entaõ

entaõ os inimigos o seu grande estrago, e mal puderaõ as reliquias dos Francezes reduzirle às suas naos, e as dos Tamoyos a algumas de suas canoas. E assim confusos, e envergonhados voltaraõ todos pela Barra fóra, e chegando ao Cabo frio choraraõ os Tamoyos a sua ruina, e os Francezes se partiraõ com bem pouca alegria para suas terras, deixando com esta ultima vitoria o Rio de Janeiro desassombrado.

Soube El Rey D. Sebastiaõ do caso, louvou muito o esforço do Indio, e o mandou premiar muy bem com peffas, Habito de Christo, e hum vestido do seu proprio corpo. Depois de alcançada a vitoria chegou o soccorro, que se tinha mandado pedir a S. Vicente; e achando concluido o effeito para que vinhaõ, naõ quizerãõ voltar sem alguma proeza memoravel, pelo que os mandou o Governador contra o Cabo frio, para onde os inimigos se tinhaõ retirado; onde acharãõ terem se já hido os Francezes; porẽm acharãõ huma nova nao daquella Naçaõ bem artilhada, e carregada de mercadorias: voltaraõ com esta noticia, e como estavaõ os do Rio vitoriosos, e os de S. Vicente desejosos de pelejar, convieraõ em ir com todas suas canoas render aquella nao.

Partio o mesmo Capitaõ Governador em pessoa com gente de effeito, e chegando a serem avil-

tados dos montes do Cabo frio, fizeram os Tamoyos aviso aos Francezes, entre os quaes servio de rizo o poder de pequenas canoas contra huma nao artilhada de porte de mais de duzentas tonelladas. Porẽm choraraõ o que riraõ; porque as canoas acometerãõ huma madrugada por huma, e outra parte, e ganharaõ de repente os costados, donde por mais que a nao estava preparada de artelharia, e guarnecida de soldados armados, e arteficios de fogo, a artelharia naõ fazia effeito; porque jogava pelo alto, e ficavaõlhe as canoas debaixo: e da mesma maneira todas as mais armas de fogo ficaraõ frustradas; porque as frechas varejavaõ os bordos de maneira que naõ era possivel chegarem os Francezes a elles, os quaes logo sentiraõ bem a força das pequenas canoas, e julgaraõ à sua custa ser rizo o rizo que de antes tiverãõ.

Acometerãõ os nossos a subida tres vezes; mas como ao entrar ficavaõ a peito descuberto, foraõ rebatidos com os piques, e com alcanzias de fogo; e nestes tres acometimentos cahio sempre o Governador ao mar, sem saber nadar, e sempre foy livre pelos nossos Indios. Prolongavase a briga travada de parte a parte: o Capitaõ da nao vestido de armas brancas, brigando com duas espadas, defendia, e animava aos seus com valor, discorrendo por todo o convès

ves: entenderão os nossos, que neste consistia a dilatação do successo; mas como andava tão bem armado não entravaõ com elle as settas. Entrou em brio hum frecheiro, perguntou se tinhaõ aquellas armas algum lugar por onde entrasse huma frecha? Disserão-lhe que pela viscira: bastou o dito para o effeito, disparando huma frecha, que pelo mesmo lugar penetrou o olho; e interior da cabeça ao Capitão contrario, e deu com elle no convès; á vista do que desmayaraõ os soldados; fugiraõ para debaixo depois de muy bem feridos: entraraõ os nossos, e renderaõ a nao á vista dos mesmos Tamoyos contrarios, que como escaldados não se atreveraõ a ajudar a seus amigos.

Mandou o Capitão Governador dar á vela, e entrou com a nao no Rio. Deu o faco aos soldados, que em breve tempo appareceraõ todos vestidos dos melhores panos do Mundo. A artilharia applicou-a á defenſa da Cidade, e na Fortaleza de Santa Cruz na Barra se conservaõ ainda hoje algumas destas peças. A nao mandou o dito Capitão mór a Mem de Sá seu tio com a relação deste bom successo, e ficou elle sómente com a gloria d'elle, não tomando cousa alguma do despojo para si. Estes grandes feitos dos Portuguezes na America, enfrearaõ dalli em diante aos nossos inimigos para nos terem mais respeito, e não se atre-

Part. I.

verem contra nós. Foyse augmentando a Povoação da Cidade com utilidade dos Portuguezes, e muito mais que por esta via se descobriraõ as Minas do ouro. De Pernambuco não temos noticia dos successos particulares destes annos, só consta que se hia augmentando a Povoação, e a utilidade dos engenhos de açúcar, donde veyo sempre o mais sellete, e de outras produções do paiz. De tabaco senaõ tratava ainda neste tempo, nem se entendia ainda a sua utilidade. O fruto espiritual era mais commum, e geral por toda esta nova Lusitania.

CAPITULO CXXIII.

Do casamento da Senhora Dona Maria, e de como foy para Parma.

O Infante D. Duarte filho del-Rey D. Manoel, foy casado com a Senhora Dona Isabel filha do Duque de Bragança D. Jayme, da qual teve, e deixou por sua morte hum filho, chamado tambem D. Duarte, que faleceo solteiro na Cidade de Evora, adornado de muitas, e grandes virtudes, como diremos na segunda Parte. Teve mais duas filhas, a mais velha se chamava Dona Maria, que calou com Alexandre Farnesio, Principe de Parma, e Placencia, para o que mandou seus Embayxadores a este Reyno

Zz

a pe.

a pedilla por esposa, e a ajustar o casamento, e os contratos delle, e feito isto veyo huma Armada em busca della, muito bem guarnecida de muy lustrosos soldados, e por General della vinha o Conde de Mâsfelth, Cavalheiro Flamen-go, que trazia comsigo sua mulher com suas Damas, e tudo o mais necessario.

Chegando esta Armada ao porto da Cidade de Lisboa, disparou muita, e grossa artilharia toda aquella tarde; e ElRey D. Sebastião, o Cardeal Infante D. Henrique Regente do Reyno, a Rainha Dona Catharina, a Infanta Dona Maria, a Infanta Dona Isabel mãy da noiva, e o Senhor D. Duarte seu irmão, estavaõ todos postos em huma varanda dos Paços, que chamaõ da Ribeira, por estarem fundados junto do mar da dita Cidade, e em suas prayas, sentados em seu Throno Real, onde receberaõ o Conde, e sua mulher, e mais Senhores Parmenles, que vinhaõ em sua companhia, dos quaes aceitaraõ muitos cumprimentos, e cartas do seu Principe.

Houve naquella noite Seraõ Real, e outras muitas festas, e aviada a jornada da Princeza, partio esta Senhora desta Corte de Lisboa para a de Parma em 14. de Setembro, dia da Trasladação da Vera Cruz do anno de 1565. Despediose de sua mãy, irmã, e tias a Rainha, e Infanta Dona Maria com muitas lagrimas, e fauda-

des de parte aparte. Acompanhou ElRey, e o Cardeal seu tio, e o Senhor D. Duarte seu irmão, e outros muitos Senhores Portuguezes, atè bordo da Urca, em que embarcou, e foy pela Barra fora. Deu ElRey, e o Senhor D. Duarte ao Conde peffas da India de muito valor, e o mesmo fizeraõ a Rainha, e Infantes á Condeça, e suas Damas, premiando-as com muitas joyas de grande valor.

Foy esta Princeza adornada de muitas, e preclarissimas virtudes, e acabou a vida com fama de grande santidade. Foy máy do Principe Raynuncio Farnesio, que foy hum dos oppositores a este Reyno por morte do Cardeal Rey, como em seu lugar diremos. A outra filha do Infante D. Duarte foy a Senhora Dona Catharina, a qual era mais moça, e calou neste Reyno com D. João primeiro do nome, Duque de Bragança, que pertendeo a mesma successão do Reyno, como se dirà em seu lugar.

CAPITULO CXXIV.

Do estrago q̃ Gaspar Caldeira, Portuguez, veyo fazer com Francezes na Ilha da Madeira, e da Armada q̃ foy contra elle.

Governando o Cardeal Infante o Reyno de Portugal, achou

achou, que os Reys passados tinham ordenado, e prohibido aos homens que hiaõ à Mina, que não pudessem trazer ouro por sua conta, pela qual razão lhe tomavaõ por sua ordem todo o que traziaõ, do que aggravados muitos homens do mar, doutos, e entendidos na Arte da Nautica, se foraõ de Portugal; huns para França, e outros para varias partes do Norte: entre os quaes foy hum Gaspar Caldeira, homem de grande experiencia, e Mestre da Marinhagem; este muito sentido, e agastado pelo que lhe foy tomado, se foy para França com animo de tomar vingança, como fez nos pobres innocentes, que lhe não tinham culpa. Sabendo o Cardeal da retirada destes Marinheiros, mandou publicar Editaes, para que dentro de certo tempo determinado voltassem para este Reyno, promettendo de lhe perdoar se obedecessem. Ao que alguns obedecerã; porém o Caldeira não quiz, o qual ficando lá, se concertou com alguns Francezes, e Archolezes, para que o acompanhasssem a fazer hum roubo, e vingança de pouco custo, e muito proveito; e segurando-os disso, os induzio a aparelhar algumas naos de Armada, e os trouxe à Ilha da Madeira com a dita Armada, que para esse effeito fizeraõ, e a investiraõ aos 3. do mez de Outubro do anno de 1566. com sete naos, que comsigo traziaõ, e a saquea-

Part. I.

raõ, e roubaraõ, matando perto de duzentas pessoas da Ilha, na qual estiverã quinze dias, estando toda a gente della pela serra fugida, e escondida, em quanto ahi estiverã os Francezes.

Foy avaliado o sacro que levarã, e a perda que fizeraõ em milhaõ e meyo de ouro. Levaraõ da Fortaleza toda a artelharia munda, e a grossa ficou quebrada, e encravada. Forçaraõ muitas mulheres, e quebraraõ muitas Imagens de Santos; porque a mayor parte dos que alli vinhaõ, eraõ hereges Luteranos. Chegando a Lisboa aviso deste successo, e de como estavã na Ilha estes ladroens descancados, se ordenou a toda a pressa huma Armada para ir contra elles, e se fez com a mayor furia, e presteza que se tinha visto em outra alguma occasião; e foy por Capitão mór della Sebastião de Sá filho de João Rodrigues de Sá, Alcaide mór da Cidade do Porto; (que depois foy Camareiro mór do Cardeal, sendo Rey) constava esta Armada de dezoito velas; a saber, cinco galeoens, e humanao, que o singular Varão Jorge da Sylva armou à sua custa, e foy por Capitão della, com o que manifestou muita parte do seu valor, zelo da Fé, e piedade Christã, da qual neste tempo resplandeciã muitas outras obras; e o mesmo fizeram neste acontecimento os mais Fidalgos da Corte; os quaes em geral, e em

Zz ij

par-

particular mostraraõ a constancia, e fogo do nome, e peito Portuguez, e de suas nobrezas, e lealdades. Hia mais hum a nao de Aventureiros, homens, que não eraõ obrigados, e o faziaõ movidos ló do zelo Christão, e de grangear fama, honra, e nome. Outra de Francisco Henriques; outra de Pedro Pessoa: outra de Manoel Castanhõ: outra de Jordaõ Tavares: outra nao Mercante que estava de partida para S. Thomé, e levava os soldados do Capitaõ Francisco Disouro, e quatro caravellas, e hum a del Rey, e hum pataixõ da Cidade, com que o filho do Capitaõ mór tinha partido a diante, com as quaes se acharaõ na Ilha vinte e duas velas da Armada; porẽm quando chegaraõ a ella, já os ladorens Francezes se tinhaõ retirado, e os não puderaõ topar; pelo que se voltou a nossa Armada para o Reyno. Esta Armada se aparelhou em menos de oito dias, prestezanunca tal vista, embarcandose todos nella com taõ delatinado impeto, que se atropelavaõ huns aos outros, e não havia podellos reprimir, nem ter maõ nelles; embarcandose tantos, que já não cabiaõ dentro nas embarcaçoens.

Vendo o Cardeal frustrada a diligencia, que se fez para castigar estes tyrannos, tratou de haver ás mãos o Caldeira, principal autor de taõ grande maldade; escreveo logo a França ao Embaixador de

Portugal, dandolhe conta do que o dito Galpar Caldeira tinha obrado neste Reyno, e Ilha da Madeira, mandandolhe, que em todos os modos fizesse muito pelo haver ás mãos. Chegado o aviso ao Embaixador, ficou muito sentido de o não saber mais cedo; porque havia poucos dias que o dito Caldeira alli tinha estado. Porẽm na mesma casa do Embaixador se agasalhava hum Marinheiro Portuguez, que não acodira aos Editos, e era muito amigo do dito Caldeira, com o qual se concertou o Embaixador, prometendolhe da parte del Rey de Portugal perdaõ, e mais ainda hum bom premio se o espiasse, e dẽsse a prizaõ, o qual com effeito prometteo de o entregar, e assim o fez, vindolhe no alcance atẽ hum a Fortaleza de Biscaya, que chamaõ Fontẽ-Rabia, onde o levou enganado, e dentro nella o prenderaõ; o que sabido em Portugal, foy logo mandado trazer a Lisboa com muitas guardas, e segurança, sendo causa sua prizaõ de se fazerem outras muitas.

E já quando este delinquente chegou a Lisboa tinha El Rey D. Sebastiaõ tomado o governo do Reyno, havendo poucos dias, que o Cardeal se uo tinha entregado, como adiante se verá; e trazendo-o, desembarcou na Ribeira em 16. de Fevereiro do anno de 1568. onde concorreo todo o Povo da Cidade para o ver, e todos

o queriaõ matar com grande paixão contra elle pela grande maldade que fez, se a Justiça o não defendesse, e dahi o levarão à casa da Relação, onde lhe foraõ feitas perguntas, e depois o meterão na Cadea publica do Limoeiro, onde não esteve mais q̃ dous dias, nos quaes se sentenciou, e condenou a arrastar, e enforcar, e sahio da Cadea em 18. do dito mez pelas sete horas da manhã. A gente era infinita pelas janellas, e pelas ruas estava tanta, q̃ se não podia romper, fazendo a Justiça o caminho ás pancadas para o levarem; e foy do Limoeiro aos Cubertos, e dahi á Ribeira, onde lhe cortaraõ as mãos ao pè do Pelourinho, e quando ahi chegou eraõ já duas horas da tarde; daqui foy levado ao caes da pedra, e ahi enforcado, e esquartejado; a cabeça se pregou na forca, e os quartos foraõ postos pelas mais publicas portas da Cidade, onde estiveraõ tres dias, e depois tirados, e sepultados pelos servos da Santa Casa da Misericordia.

Este homem morreo muy contrito, e arrependido do grande mal, e peccado que tinha feito contra Deos, contra ElRey, e sua Patria, e naturaes, pedindo muitos perdões a Deos, e à gente, fazendo exclamaçoens tão internectas, que concorrendo todos a vello com duro coração, e animo raivoso, por causa de sua grande tyrannia, e insolencia que usou,

chorarão ao depois com pena, e lastima delle, pedindo a Deos lhe perdoasse, e rezandolhe por sua alma.

Tambem se prenderão no Reyno de Castella dous Pilotos, que andavão fugidos, hum chamado Antão Luiz, e outro o Conheiras, e foraõ trazidos a esta Cidade, e sentenceados morrerão enforcados no mesmo caes da pedra.

Mandou logo tambem fazer queixa destes insultos a ElRey de França por João Pereira Dantas, pedindolhe satisfação, e castigo; mas elle se houve com taes termos na sua proposta áquelle Rey, usando de exclamaçoens, e palavras como de quem pedia misericordia, como de inferior, sendo de hum Principe Soberano, e poderoso em todas as quatro partes do Mundo, que pedia huma satisfação amigavel, por não quebrar a paz, que havia entre ambos, por huma culpa, que bem se entendia não fora delRey, e quando não se dèsse por obrigado a castigar Vassallos tão mal procedidos, tinha poder para tomar vingança; e ainda que ElRey de França, e a Rainha sua mãy mostrarão muito sentimento, e mandaraõ passar ordens para que os culpados fossem prezos, e castigados, e a este Reyno veyo hum Gentilhomem de sua Camera para o desculpar, e ajustar a composição; o Conselho de Portugal se desgostou, e ElRey se deu por mal servido de João

Joaõ Pereira ao mesmo tempo que a elle parecia tinha obrado maravilhas. E como os Reys ambos eraõ moços, tempo em q os Vassallos tomão liberdades, e as leys são mal guardadas, foyle metendo tempo em meyo, e dissimulando de sorte, que a satisfação de tão grandes insultos foy elquecendo, e nunca teve bom effeito.

CAPITULO CXXV.

Do que ElRey passou com D. Aleixo sobre lhe não consentir, que sahisse fóra em hum cavallo mal domado.

TInhaõ vindo a ElRey huns cavallos frizoens, ou Irlandezes escolhidos por fermosos, e como huma tarde dissesse a seu Ayo D. Aleixo, que estava enfadado, e que queria ir fóra, elle lhe respondeo, que lhe parecia bem, e que visse Sua Alteza de que tinha mais gosto, e de que cavallo, para se lhe aparelhar. Respondeolhe ElRey, que lhe mandasse pôr em ordem hum dos frizoens, ao que o Ayo lhe respondeo, que não era possivel; porque não estavaõ ainda domados, e feitos como convinha, e que lhe poderia succeder algum desastre em cavallos mal domados. Infistio ElRey em demandas, e repostas, até que o seu Ayo o delenganou, que em nenhuma maneira havia de ir em frizoens.

ElRey como moço se recentia de modo, que sahio para outra casa, e pondo a mão no pano, foy dizendo algumas palavras, em que mostrava enfadarle de tanta fogueira, e obediencia; e ouvindolhas alguns Fidalgos, que estavaõ na casa de fóra, hum delles se poz de joelhos, e lhe beijou a mão, louvandolhe o tal pensamento, e animo livre, e o enfadamento da fogueira, e governar taes Vassallos, accrescentando: *Que assim havia de fazer quem havia de ser Principe Soberano.*

Parou ElRey, e cahindo na adulação, e no tiro, que cuidavaõ fazer a seu Ayo por aquella via, se tornou a meter para dentro, onde deixara a D. Aleixo, a quem com muita brandura, e obediencia disse, que lhe mandasse sellar tal cavallo, que era dos de sua pessoa, ou qual quizesse; porque já D. Fulano lhe beijara a mão, porque lhe desobedeceffe. Entre lagrimas nascidas de ver o bom natural delRey, e o seu entendimento lhe deu D. Aleixo as razoes, que o moviaõ a não condescender em tudo com seu gosto, temendo o perigo de sua Real pessoa, em que só estavaõ postos os olhos, e esperanças do Reyno; e que como seu Ayo, e guarda de sua pessoa estava obrigado a evitarlhe qualquer perigo, e elle obedecerlhe por esse mesmo respeito, e tambem pelo livrar a elle dos raios de tantos queixosos.

CAPITULO CXXVI.

De outra practica, que D. Aleixo de Menezes fez a El Rey no dia antes que se lhe entregasse o governo do Reyno.

Chegando El Rey a idade de quatorze annos, em q̃ houve de tomar o governo do Reyno; não obstante que na clausula do testamento del Rey seu avó ficara ordenado, que a Rainha governasse até elle ter vinte annos cumpridos, para mostras do qual cumprimento se pedio á Rainha, que juntamente com seu neto quizesse entender no governo; ao que ella deu consentimento, obrigada do grande amor, que lhe tinha; mas o tempo mostrou em breve como esta petição fora mais contemporizar, que querer cumprir, o que della se seguio.

E como D. Aleixo de Menezes seu Ayo entendesse, que com a entrega, e governo do Reyno se havia de seguir huma grande mudança, e que para a sua muita idade, respeito, e authoridade de sua pessoa convinha retirar-se à sua casa, e não authorizar com suas cansas novidades que antevia.

A manhã do dia antes que fizessem as ceremonias da entrega, acabando El Rey de ouvir Missa, lhe pedio que o ouvisse diante de

alguns Fidalgos que alli estavam, que tiverão por novidade pedir audiencia o que a todo o tempo a tinha; e parando El Rey com o amor, e veneração que lhe tinha, lhe disse o seguinte.

Dez annos ha, que por falecimento del Rey D. João meu Senhor, que Deos tem em gloria, e por voto, e nomeação sua me foy entregue a criação, e guarda de Vossa Alteza em idade de quatro annos, e com ella os animos, e esperanças de todo este Reyno, que como a unico successor dos Reys, que tantos annos o governarão, e o alcançarão por meynos de orações, e lagrimas vos ama, e venera com o mayor affecto, que a todos os mais. A vigilancia, e cuidado, com que assisti a este cargo, e procurey responder ao pezo delle, não encareço; porque por grande que fosse nunca podia igualar a grandeza do deposito, e da confiança, que de mim se fez, e pareceria arguir a Vossa Alteza de pouco lembrado, referindolhe serviços, de que Vossa Alteza he a mayor, e mais intima testemunha, das quaes, e do animo, com que os fiz me mostrou Deos o fructo, e satisfação, que desejava, vendo antes de minha morte a Vossa Alteza em idade de tomar o governo de seus Reynos, e ornado de entendimento, partes, e inclinações dignas não só deste Imperio, mas de outros muito mayores, a que Deos, a grandeza do animo de Vossa Alteza, e as occasiões abrirão cedo

cedo caminho; e porque os muitos annos, que tenho, e a nova fôrma do governo não darão lugar ao diante a tão continuas, e particulares advertencias, como atégora sophia fazer a Vossa Alteza, me pareceo, que devia ao contentamento deste dia, e ao amor, e lealdade, com que crey, e servi a Vossa Alteza, fazerlhe algumas lembranças, que por serem feitas em tal tempo, com tal animo, e em tal idade, merecem ser bem ouvidas, e estimadas em lugar do ultimo, e mayor serviço, que em minha vida fiz a Vossa Alteza.

Entraís, Senhor, neste incomportavel trabalho de governar vossos Reynos em idade, que com o nome de liberdade, e supremo Senhoria, temo que vos persuadão, que até não fugirdes da companhia, e conselho da Rainha vossa avô, e do Cardeal vosso tio não sois verdadeiro Rey, que he a traça, por onde os que se querem aproveitar de vossa liberdade, fião abrir caminho na sua privança; e como estes attendão só à sua grandeza, e proveito particular, procurão approvando por justo qualquer delicto dos Principes, não lhes contradizendo cousa licita, ou illicita, que intentem mostrarlhes, que o tempo, que vivião sojeitos aos bons conselhos, de quem com elles procurava sua estimação, e accrescentamento, foy huma sojeição, e cativoiro indigno de sua dignidade, de donde se seguirá, que apartados de vós aquelles, que com verdadeiro amor vos podem desen-

ganar das faltas, que ha no governo, e cercado de quem por se sustentar na privança, approva por justos os erros do vosso gosto, padeça o Reyno grandes trabalhos, e o animo de vossos Vassallos não seja para com Vossa Alteza o que sophia ser para com os Reys vossos antepassados.

E como Deos dotou a Vossa Alteza de hum animo generoso, inclinado a emprender cousas grandes, temo que usando deste bom fundamento vos inclinem a empreza (se bem menores que vosso coração) mayores do que permittem as forças de vossos Reynos. E como os que seguem este caminho, medem as cousas não pelo que são, senão pelo que querem que ellas pareçam aos Reys, encubrindo-vos a industria, trabalho, e meudeza, com que vossos antepassados sustentavão com limitada fazenda a reputação do seu Estado, vos engrandecerão as riquezas, e forças de vossos Reynos, donde se seguirá meterem-vos em emprezas, de que ou sabireis com pouca honra, ou aventurareis vossos Estados, e vida, sem conhecerdes o engano, senão quando lhe falte o remedio.

E porque nem a piedade, e animo religioso dos Reys está seguro de inconvenientes, lembro a Vossa Alteza como quem desde tão pouca idade conhece sua inclinação santa, e zelo da exaltação da Fé Catholica, que nunca temi faltas na pessoa de Vossa Alteza por costume, e obras

obras viciosas, senão por algum excesso, ou demasia, que passasse os limites das virtudes. Porque muitas cousas ha, com que hum pessoa particular pôde ganhar gloria, que sirvão de condenação a hum Principe. Tanto vay na differença dos estados! E porque em materias semelhantes senão podem dizer maiores particularidades, torno a lembrar a Vossa Alteza, que no que se lhe persuadir com pretexto de Religião, e consciencia, tenha singular attenção; porq̃ (o q̃ Deos não permitta) a haver alguns trabalhos, e alteraçoes em sua pessoa, e Reynos, por este caminho hão de ter entrada.

No tratamento de Vossa Real pessoa vos lembro que não percais hum ponto de Magestade com os que mais intimamente vos servirem, e seja sempre o favor, e privança dentro da veneração devida a vossa grandeza; porque os Reis vossos antepassados estenderão o seu Imperio pelas mais remotas partes do Oriente sendo pays ao Povo, e aos Nobres Principes clementes; porque como dos Grandes a El Rey ha menos differença, que do Rey ao Povo, convém dar selhe o favor acompanhado da Magestade necessaria para os manter em respeito, o que não milita na gente popular, aonde o excesso da affabilidade não aventura a authoridade do Principe, antes cativa os animos daquelles, que o considerão tão clemente, e evita com isto hum erro, com que cahirão muitos Reis, que entregando suas

pessoas, e authoridade nas mãos de seus validos, e guardando o fausto, grandeza, e trato altivo para seu Povo vierão a ser aborrecidos de huns, e desestimados de outros, que nestes extremos vem a dar os Principes, que desacertão os mezos da conservação, e authoridade.

Não vos direy eu, Senhor, que nesta idade em que estais, deixeis a companhia, e communicação dos Fidalgos da vossa criação, e de ter com elles os honestos passatempos, que requerem os vossos poucos annos, que isto fora violentar as condições da natureza, só vos lembro que estes sirvão para as horas da conversação, jogos, caça, e passatempos. Porém que nas materias de Estado, Fazenda, e governo deis em tudo a mão aos Fidalgos antigos, criados nas escolas dos Reis D. Manoel, e D. João de gloriosa memoria; vossos avós, com cuja experiencia, e conselho sustentareis vossos Reynos na paz, e prosperidade, em que elles volos deixarão; porque assim como será improprio intrometeremse estes nos exercicios, e mocidades, que hoje vê o mundo; assim seria preverter a ordem delles, e expon vosso Estado a hum ruina manifesta, metendo cousas de tanta consideração em mãos de pessoas faltas de annos, e experiencia.

E porque com a nova intrancia no Reyno pertenderão alguns de Vossa Alteza merces exorbitantes, medidas mais pela grandeza de seu animo, e condição, que pelo que pe-

de *o* estylo, e a possibilidade deste Reyno, e por ventura o merecimento dos pertencores, remediara Vossa Alteza os inconvenientes de taes pertencoes, remetendo tudo a seu Conselho, e não despachando petições por via extraordinaria; porque a liberalidade excessiva feita em principio de governo, como senão pôde estender a todos, contenta aos menos, e aggrava aos mais a que não chega, e serve isto de hum continuo arrependimento aos Reys, depois que com o discurso do tempo cahem no erro, que fizeram.

Nas cousas em que Vossa Alteza se puder servir de Ministros seculares, não dé a mão a Ecclesiasticos, tirando-os de seu primeiro Instituto, como supposio de que servem mais, e selhe paga com menos; porque de mais de não se darem nunca bem cousas profanas, tratadas por mãos sagradas, com qualquer das cousas, que o Ecclesiastico pertende para sua Religião, e com cada huma das merces, que Vossa Alteza lhe faz para ella se poderão pagar os serviços de muitos Ministros seculares, porque he muito differente a pertençaõ de huma Communidade, em cujo respeito o muito parece pouco, do particular de huma pessoa, aonde o pouco a satisfaz, e paga grandes serviços.

Se por ventura aconselharem a Vossa Alteza, que convem reformar em seu Reyno trajas, e costumes, pezos, e medidas, ou qualquer outra cousa usada, e introduzida

de tempo immemorialvel, ainda que o conselho seja justo, e a reformação necessaria, vos peço, e aconselho, que o não façais nos primeiros annos de vosso governo; porque tem tal aceitação no Povo os seus costumes antigos, que até para melhoria sua sentem qualquer alteraçã, que se faça, e mais em conjunção de novo governo, a cuja pouca experiencia attribuem antes a novidade, que a virtude: que só a esse fim a ordenaõ, donde se segue suspirarem pelo tempo, e memoria dos Reys passados, e começarem a desamar o presente, e a tello por estranho.

Muito me alargo, e muito detenho a Vossa Alteza, mas como este he o testamento de minha lealdade, e por ventura o ultimo atrevimento do meu amor, conceda Vossa Alteza perdaõ à liberdade, e extensã de meus conselhos, pois o merecem estas lagrimas de contentamento, com que o zelo destas cans, que nascerão em serviço de vossos avos, e vão do vosso à sepultura, deixando-vos em meu lugar tres filhos herdeiros de minha lealdade, em quem ficará meu o sangue continuando a servidaõ, que já não pode a pessoa, e nelles podereis mostrar ao Mundo a opiniaõ, em que tivestes os serviços de quem os gerou.

Como a pessoa de D. Aleixo por suas qualidades, e por ter crecido a El Rey desde menino, era tão respeitada, e amada d'elle, cujo amoroso zelo, com que lhe deu estes conselhos em forma de quem

se despedia do serviço ordinario, e assistencia do Paço, e ElRey commovido dos annos, e amor, que lhe tinha o abraçou quasi com os olhos razos de agua, sem lhe consentir, que se puzesse de joelhos, como queria, para lhe beijar a mão, com breves palavras lhe disse, que os conselhos, e amor com que lhos dava, estimava, como merecia a importancia delles, e que huma das cousas, com que se alegrava por tomar o governo do Reyno, era para lhe mostrar nas merces, que lhe determinava fazer, a reputação, em que sempre tivera seus serviços, e que no que tocava a seus filhos, perdesse o cuidado, porque de mais da obrigação, em que lhe estava, pelo serem, elles por si mereciaõ os accrescentamentos, q̃ a seu tempo lhes faria; e que se de presente contentia por suas indisposições, e muita idade, retirar-se do serviço, e assistencia ordinaria do Paço, não era pelo escusar do seu serviço, e das advertencias, e conselhos, que sempre esperava da sua prudencia, e do muito amor, com que o criara. E accrescentando a estas, outras palavras acompanhadas de submissão, e amor, se recolheu ElRey, levando a D. Aleixo consigo, e deixando aos presentes admirados do termo tão affavel, e desusado em sua condição.

CAPITULO CXXVII.

Traducção de huns versos Gregos, que a Rainha mandou a ElRey seu neto no dia antes, que tomasse o governo, com hum Memorial feito pela mão del Rey do que determinava observar no governo do Reyno.

NO monte Archivo da Ilha de Chipre na sepultura de hum Principe daquelle Reyno foram achados huns versos em Grego, que se enviaraõ a ElRey D. João III. e a Rainha pelos ouvir louvar muito, e ver o proveito, e utilidade que delles podia proceder; no dia antes que ElRey seu neto tomasse o governo do Reyno lhos deu, dizendo, que lhe pedia, e encomendava muito, que trabalhasse por deixar outro tal epitafio em sua sepultura; porque muitas vezes ouvira dizer a ElRey seu avô, que só aquillo envejava nesta vida; os quaes são os que se seguem.

O que pude fazer por bem, nunca o fiz por mal.

O que pude alcançar por paz, nunca o tomei com guerra.

O que pude vencer com rogos, nunca o afugentei com ameaças.

O que pude remediar em segredo, nunca o castiguei em publico.

O que pude emendar com avisos,
nunca o castiguey com açoutes.

Nunca castiguey em publico, que
primeiro não avisasse.

Nunca consenti à minha lingua, que
disse mentira, nem permitti a
meus ouvidos, que ouvissem li-
sonjas.

Refreey meu coração, para que não
dejeasse com o seu pouco.

Veley por conservar meus amigos, e
desveleime por não ter inimigos.

Não fuy prodigo em gastar, nem co-
biçoso em receber.

Do que castiguey tenho pezar, e do
que perdoey alegria.

Nasci homem entre os homens, por
tanto comem os bichos minhas
carnes.

Ouvi virtuoso, e vivi virtuoso
com os virtuosos, por tanto des-
cançará a minha alma com Deos.

Aceitou ElRey o papel com ro-
to alegre, e disse à Rainha, que
o veria, e procuraria quanto em
si fosse de imitar seus conselhos, e
quando menos seria companheiro
da inveja delRey seu avó.

*Memorial, que ElRey fez por sua mão antes de receber o gover-
no, do que determinava observar, e fazer quando gover-
nasse, do que se colhe seu pio, e santo zelo.*

Terey a Deos por fim de todas as minhas cousas, e em todas ellas me
lembrarey delle. Trabalharey por dilatar a Fé de Christo, para que
se convertão todos os infieis. Favorecerey muito as cousas da Igreja. Ar-
marey todo o Reyno, fortificallohey, e reformarey. Defenderey alfayas,
e delicias. Fazer merces a bons, e castigar a maos. Não crer levemente,
mas ouvir sempre ambas as partes. Fazer justiça ao grande, e ao peque-
no. Em me deitando, e alevantando, conta com elle muy particular. Cui-
dar à noite no que fiz, e falley naquelle dia. Tirar as onzenas. Conquis-
tar, e povoar a India, Brasil, Angola, e Mina. Todo o que me fallar
desonestidades castigarey rigorosamente. Quando houver de fazer algu-
ma cousa communicalla primeiro com Deos. Tirar os peccados, mandan-
do para isso homens Letrados, e que temão a Deos. Reformar costumes,
começando primeiro por mim, no comer, e vestir. E em o negocio ter pri-
meiro conta com o bem commum, e depois com o particular. Tirar alguns
tributos, e buscar modo para que Lisboa seja abastada. As Leys, que
fizer mostrallas primeiro a homens de virtude, e letras, para que me apon-
tem os inconvenientes que tiverem. Levantar os subditos por amor em quan-
to puder. Ser inteiro aos Grandes, e humano aos pequenos. As Comen-
das sirvaõse em Africa. Devaçar dos Officiaes da Justiça, e da Fazen-
da cada anno. Escrever a todos os Prelados, que fação dizer Missas, e
orações por mim a Deos, para que me guie no acerto do governo, e pe-
dir

dir Jubileu ao Papa. Não ter junto de mim senão homens tementes a Deos. Ter nos portos de mar homens de confiança, que vejaõ os que entraõ não sejaõ suspeitos na Fé. As cousas, que não entender bem, communicallas primeiro com quem possa dar parecer desenganado. Não dar, nem prometter cousa alguma que seja injusta, ou mal feita. Mostrar bom rosto, e agasalhado a todos. Prover os cargos, e officios em quem for para isso merecedor, e não por outros respeito. Não desfayar nas difficuldades, antes ter mayor fê, e confiança em Deos. Mostrar sempre animo muy liberal, e não acanhado. Gabar diante da gente os homens Cavalheiros, e mostrar aborrecimento às cousas prejudiciaes à Republica. Não dizer palavras que escandalizem, especialmente quando estiver agastado. Os meus Embaixadores haõ de ir sempre vestidos à Portugueza. Em todas as cousas que fizer terey sempre primeiro conta com a honra de Deos. Serey pay dos pobres, e dos que não tem quem faça por elles.

Bem afortunado fora ElRey se assim como soube escrever, e dispor estes documentos do que determinava obrar, os soubera guardar inteiramente, e se não esquecera delles por maos concelhos. He grande desgraça, que perdes-

sem as lisonjas a hum Principe, que em annos tão verdes ardia tanto no zelo da Religião Catholica, e bem commum de seu Reyno, e sabia ordenar tão santas, e tão prudentes direcçoens.

F I M.

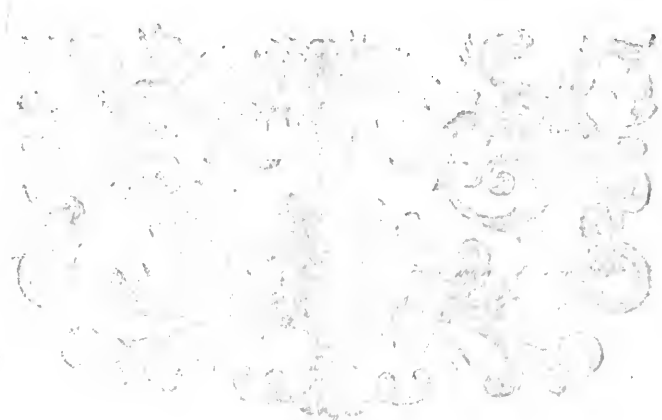




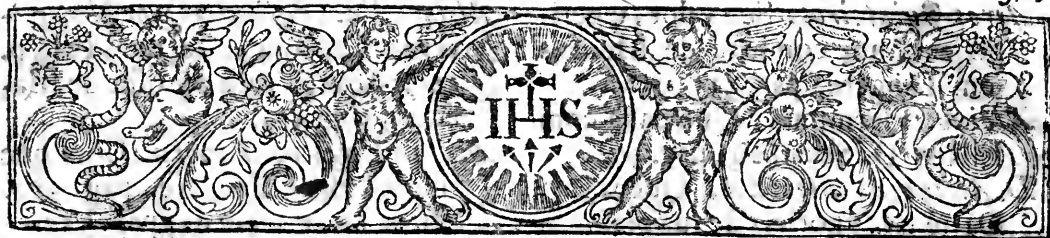
PROTESTO.

POr quanto nesta Chronica se trata de alguns Servos de Deos, que floreceraõ em virtudes, e morreraõ com fama de Santidade, e se referem muitos milagres, e successos, que exceedem as forças humanas, conformandome em tudo com os Decretos Apostolicos, declaro, que nenhuma das sobreditas pessoas, e cousas tem mais authoridade, ou certeza, que a que lhe daõ os Authores que as escreveraõ; e em tudo me sogeito às determinações da Santa Igreja Romana.

MIGUEL LOPES FERREIRA.



INDEX



INDEX

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS, QUE
se contém nesta Chronica.

A

A *Cção barbara.* De hum Portu-
guez na India, pagina 95. Pre-
mio q por ella teve, pag. 96.

Acção heroica. De hum Rey barba-
ro, pag. 96.

Acção immodesta. De hum Portu-
guez em Amboino. Occasiona grã-
des damnos, pag. 339.

Adão Gençalves. Seu raro valor, e
mudança de vida, pag. 166.

Ade-Rajao. Incita os barbaros con-
tra a nossa Fortaleza de Cananor,
e vem sobre ella com cem mil ho-
mens, e retirase vencido, pag. 97.
e 98. Volta sobre ella com outra
multidão formidavel, e tornase a
retirar vencido, pag. 328. e 329.

Aeyro. Rey de Ternate. Sua morte,
e causa della, pag. 340. e 343.

D. Affonso Henriques. Aparece a hū
Religioso de Santa Cruz de Co-
imbra acompanhado de S. Theo-
tonio, e S. Sebastião, e lhe promet-
te o nascimento delRey D. Seba-
stião, pag. 29. Promessa que lhe fez
Christo, pag. 181.

D. Affonso V. Rey de Portugal. Faz

guerra aos Mouros de Africa, e
lhe toma Alcacer-Ceguer, Arzila,
e Tangere, pag. 184.

D. Affonso. Rey Christão. Despoja-
do de Jafanapatao. Vive em Goa,
e porque. Trata o Viso Rey de o
restituir, e não tem effeito, e por-
que, pag. 107. e 108.

Affonso Barreto. Seus trabalhos no
cerco, e guerra de Mazagaão, pag.
227.

Affonso Dias Pereira. Capitaõ de
Balsar. Seu raro valor, e acçoens,
pag. 103.

D. Affonso de Lancastre. Quem foy,
pag. 6.

Affonso Rombo. Seu valor, e acções
na guerra de Mazagaão, pag. 267.

Affonso de Torres. Suas acçoens, va-
lor, e trabalhos no cerco, e guer-
ra de Mazagaão, pag. 226.

Agostinho Ferraz. Suas grandes for-
ças exercitadas na Praça de Maza-
gaão, pag. 255.

Aggrav. Feito ao Santissimo Sacra-
mento, pag. 21.

Ayres Ferreira. Achase na prodi-
giosa defenſa de Gota, pag. 331.

Ayres Gomes da Sylva. Seu raro va-
lor, pag. 100.

Ayres

- Ayres Quinteiros.* Seu valor, e perigo em hum combate de Mouros em Tangere, pag. 315.
- Aleixo.* Hermitão. Que passa com ElRey D. Sebastião, pag. 90.
- D. Aleixo de Menezes.* Quem foy. Da-se larga noticia de sua pessoa, e de seus filhos, p. 63. até 68. O que disse delle o Emperador Carlos V. ibi. Parecer que deu sobre quem se havia de dar por Mestre a El-Rey. p. 70. e 71. Assento que se lhe dava no Paço, p. 87. Falla que faz á Rainha, e ao Cardeal ácerca da creação delRey, pag. 318. e 319. Outra a ElRey, e o que com elle passa ácerca de hum cavallo, pag. 366. e 367.
- Alexandre Farnesio.* Principe de Parma. Casa com a Senhora Dona Maria filha do Infante D. Duarte, pag. 361. 362.
- Almançor.* Emperador dos Mouros. Suas partes, e acçoens, pag. 183.
- Alvaro de Carvalho.* Vay por General da guerra de Mazagaõ com hum bom soccorro, pag. 197. Desembarca com muito trabalho, pag. 198. Salva que lhe daõ os Mouros em chegando, ibi. Concorde alguns Cavalleiros, e reparte por elles as estancias do muro, pag. 200. Acabada a guerra de Mazagaõ volta a Lisboa, pag. 256. Outras acçoens suas, e vitorias notaveis governando esta Praça, pag. 260. até 263. e pag. 264. até 269. Todas as suas vitorias foraõ milagrosas, ibi. Sua morte, ibi.
- Alvaro Dias Rabello.* Seu valor, e trabalho no cerco, e guerra de Mazagaõ, pag. 227.
- Alvaro Gonçalves Pinto.* Posto por Governador da Ilha de Ballar, pag. 94. He acometido, e sahindo a campo a dar batalha aos inimigos he morto, e quasi todos os seus obrando maravilhas de valor, pag. 102.
- D. Alvaro de Menezes.* Quem foy, pag. 66.
- Alvaro Paes de Soutomayor.* Vay governar Cananor, e acçoens suas, p. 329. Navega para a Costa do Malavar, pag. 334.
- Alvaro Pires de Tavora.* Com que animo passa Tangere, pag. 303. Seu valor, e acçoens, pag. 317.
- Alvaro Rebello.* Guerra de Mazagaõ, pag. 231. Passa a Tangere, pag. 303. Sua gloriosa morte pelejando contra Mouros, pag. 317.
- D. Alvaro da Sylveira.* De quem foy irmão, p. 99. Soccorre a Fortaleza de Baharem, ibi. He vencido, e morto pelos Turcos, pag. 100.
- Alvaro Vaz Adibe.* Seu valor, e acçoens em Mazagaõ, pag. 262.
- Ambição.* Vicio, que desacredita o valor dos Portuguezes, pag. 158.
- Amboino.* Ilha. Seus successos, pag. 149. Sua descripção, e outros successos notaveis, pag. 338. e 339.
- Ambrosio de Aguiar.* Acçoens suas em Mazagaõ, pag. 210. e 224. Seu raro valor, e louvor nesta guerra, pag. 229. e 244. He afogueado, pag. 249.
- Ambrosio Fernandes.* Cirurgiaõ. Atribue as curas milagrosas á pericia da sua Arte, pag. 352. Com sua morte se conhece o seu engano, ibi.
- Amor.* Dos Portuguezes a seu Rey, pag. 206. e 207.
- Padres André Fernandes, e André da Costa da Companhia de Jesus.* Vaõ por Missionarios aos Reynos de Inhambane, e Otonge, e seus grandes trabalhos nesta Missão, p. 128. 130. 131. 133. até 135.
- André Fernandes.* Achase na prodigiosa defenla de Cota, p. 331.
- D. André de Oviedo, Bispo.* Seus trabalhos com pouco fruto na Regiaõ da Abbaflia, pag. 99. Trata de se sahir dalli, e he persuadido pelos Portuguezes que os não desampare, ibi. Succede neste Patriarchado, e he mandado sahir della,

della, e porque. Razoens por onde o não executa, pag. 346. Escreve a ElRey sobre isso, ibi. Sua gloriosa morte, pag. 348.

André de Sousa. Sua morte gloriosa na guerra de Cananor, p. 328.

Animaes. Marinheiros, e sylvestres da Região de Monomotapa. Suas qualidades, pag. 113. e 117. 118.

Anonymo. Mancebo. Acção sua vergonhosa, e baixa, p. 237. Outros mais, e suas acçoens vergonhosas, pag. 239. Outro, Regulo de Ulatte. Seu glorioso martyrio, p. 340. Outro, Soldado. Incita a festejar, e applaudir a vitoria do primeiro combate de Mazagão, pag. 239. e 240.

D. Antão de Noronha. Governador de Ormuz. Soccorre a Praça de Baharem, p. 99. Vem sobre os inimigos, e os desbarata, p. 101. He feito VisoRey da India, e successos do seu governo, pag. 327. até 345. Navega para aquelle Estado, p. 327. Soccorre a Cananor cercada de guerra, ibi. Despacha varios Capitaens, p. 334. Parte a fundar a Fortaleza de Mangalor, ibi. He assaltado dos inimigos de noite com estrago dos nossos, e porque, pag. 335. Acomete a Cidade à escala, e a destroe, ibi. Funda a Fortaleza com o nome de S. Sebastião, ibi. Soccorre a Malaca, e castiga os rebeldes de Salsete, e porque, p. 337. Dá outras ordens, pag. 343. Recebe cartas de Portugal, e Roma, e p. 343. Sua morte, e elogio, ibi.

Senhor D. Antonio. Quem foy, p. 43. Outras noticias suas, p. 46. 47. e 55.

D. Antonio de Almeida. Quem foy, e seu grande valor na defensão de Mazagão, p. 232.

Antonio Botelho. Acçoens suas na defensão de Mazagão, pag. 248.

Antonio Cayado. Portuguez. Foy grande valido do Emperador de Monomotapa, e servio o mayor cargo daquelle Imperio, pag. 120. Part. I.

Visita por mandado do Emperador ao santo Padre Gonçalo da Sylveira, e fervehe de lingua, p. 137. O que mais passa com o dito santo Padre, e com o Emperador acerca delle, pag. 139. até 141.

Antonio Cardoso. Acha-se na prodigiosa defensão de Cota, p. 331.

Antonio Carvalho. Acçoens suas no cerco de Mazagão, p. 203. e 233.

Antonio Coelho. Acçoens suas na defensão de Mazagão, p. 203. Busca meios de damnificar os Mouros, e he morto lastimosamente, pag. 242.

Antonio da Costa Travaços. Capitaõ de Tucotori. Soccorre a Cota, e faz retirar os inimigos, p. 150.

Antonio Jaques. Morre pelejando contra Mouros em Tangere, p. 317.

Antonio da Lagea. Seu valor, e gloriosa morte, p. 353.

D. Antonio Lobo. Sua estancia, e acçoens no cerco de Mazagão, pag. 201. 205. e 214. Outras acçoens suas muito notaveis, pag. 231.

Antonio Luiz. Seu raro valor, e acçoens na India, e sua gloriosa morte, pag. 100.

Antonio de Mello de Tavilla. Morre pelejando contra Mouros em Tangere, p. 317.

Antonio Moniz Barreto. Sahe com quatro companheiros a reconhecer Damaõ, p. 93. Acomete o inimigo acampado em Parnel vencendo grandes difficuldades, e o derrota, e faz fugir duas vezes, p. 94. Soccorre a Mazagão, p. 213. Acçoens suas notaveis nesta guerra, p. 232.

Antonio Mourão. Seu valor, e trabalho no cerco, e guerra de Mazagão, p. 228.

D. Antonio de Noronha. Seu valor, p. 108. Soccorre a Surrate, e vêce prodigiosamente a Chinguiscaõ, p. 110. e 111. Vay por Capitaõ mór de humma Armada em soccorro de Cananor, p. 327. Padece tormenta, e

Ccc pele.

peleja, e vñce hũa Armada de Mouros, ibi. Chega a Cananor, e obra açoens notaveis de valor, p. 328.

Antonio Pereira. Governã a Fortaleza de Mangalor, p. 335.

Doutor Antonio Pinheiro. Prêgador famoso. Quem foy, p. 24. 31. 49. e 53. Queixase a Rainha Dona

Catharina, e porque, p. 60. Propeem nas Cortes a resolução da Rainha renunciar o governo do Reyno, p. 272.

Fr. Antonio do Porto. Seu animo, e resolução notavel em examinar huma gruta, p. 337.

Padre Antonio de Quadros. Foy Provincial da Companhia de Jesus na India, p. 128. e 129. Manda Missionarios a prêgar a Fé aos Cafres de Monomotapa a rogo do Vifo-Rey da India, p. 128.

Antonio Ribeiro. Seu valor, açções, e trabalhos no cerco, e guerra de Mazagaõ, pag. 227.

Padre Antonio Rodriguez. Grande lingua Brasílica. Anima os Indios na guerra, p. 162.

Antonio de Siqueira. Do Algarve. Soccorre a Fortaleza de Mazagaõ, pag. 189.

Antonio Soares. Suas açções no cerco de Mazagaõ, p. 248.

Antonio Teixeira. Vay da India, la Constantinopla por Embaixador ao Graõ Turco, e sobre que, e volta a Portugal com a reposta, p. 331. e 332.

Antonio Velho. Guerra de Mazagaõ, p. 231.

D. Antonio de Vilhena Manoel. Seu raro valor, p. 98.

Apparatos. O com que os Principes de Portugal foraõ recebidos na Cidade de Touro, p. 3. e 4. e em Almeirim, p. 4. 5. e em Lisboa, pag. 11. até 20.

Apontamentos. De cousas muito convenientes, q os Povos propozerão, e pedirão em Cortes, p. 277.

Arabes, ou Mouros. Sua noticia an-

tiga, e suas guerras, p. 183. Fazem crua guerra a Mazagaõ, p. 184. Intentão destruir aquella Fortaleza por arte Magica, e succedelhe ao contrario com grande estrago seu, p. 195. Sua vantagem, e valor nella guerra, p. 230. Retiraõse vencidos do primeiro combate, p. 235.

Armadas. Do Reyno para a India. Seu numero, e Capitães, pag. 91.

Na India, e seu effeito, p. 92. e 93.

Outra na India, p. 92. e seu effeito, p. 96.

Do Reyno outra, seu numero, e Capitães, p. 101.

Outra, seu numero, Capitães, e successos, p. 105.

Outra, desbaratada na India, p. 110.

Outra, em soccorro de Surrate, e seu effeito, ibi.

Outras muitas, seu numero, Capitães, e successos, p. 148. até 150.

Outra no Brasil, e seu effeito, p. 164.

Outra do Reyno para Tangere, p. 303.

Outra do Reyno para a India, e na India para Cananor, p. 327. e seus varios successos, ibi.

Armadas do Reyno para a India, e seus Capitães mores, p. 344.

Armada de Parma para conduzir a Senhora Dona Maria, p. 362.

Armada Franceza, que veyo destruir a Ilha da Madeira, p. 363.

Outra de Portugal contra esta, ibi.

Artur de Brito. Açcoens suas na defenfa de Mazagaõ, p. 246.

Arvore venenosa. Que ha em Monomotapa, e seu contrario maravilhofo, p. 116.

Arvoredo. Famoso da Capitania dos Ilheos, do qual huma fô emmadeirou toda huma Igreja, p. 169.

Aves. Da Região de Monomotapa. Suas qualidades, e grandeza, pag. 117.

B

B *Ady.* Filho do Alcaide de Azamor. He cativo pelos Portuguezes de Mazagaõ, p. 272.

Ba-

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS.

- Baharem.* He acometida, e cerca-
da pelos Turcos. Varios succes-
sos desta guerra, p. 99. até 101.
- Bahia de Todos os Santos.* Sua fun-
dação, e grandezas, e por quem,
p. 158. Seus successos, p. 160. até
163. ep. 349.
- Balsar.* Ilha. He acometida, e se-
nhoreada dos Portuguezes, p. 94.
E depois defendida valerosamente,
e por ultimo desamparada, e por-
que, p. 102. e 103.
- Balthasar Affonso.* Sua morte glo-
riosa no cerco de Mazagaão, pag.
228.
- Balthasar Guedes de Sousa.* Vay por
Governador a Ceilaão, p. 109. Re-
siste com muito valor a Raju, que
o acometeo com excessivo poder,
p. 149.
- Balthasar Leitaão.* Suas acçoens em
Tangere, p. 318.
- Balthasar de Mendoza.* Fidalgo Sa-
cerdote. Suas acçoens, e morte no
cerco de Mazagaão, p. 216. e 238.
- Balthasar de Pomares.* Acção sua
notavel na guerra de Mazagaão, p.
196. e 197. Seu grande trabalho,
p. 227.
- Banquete.* Dado aos Portuguezes em
Amboino. Occasiona grandes ma-
les, p. 338. e 339.
- D. Bartholomeu.* Rey de Omura.
Sua conversão, e Bautismo, p. 151.
- D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.*
Arcebispo de Braga. Escreve á
Rainha Dona Catharina, e sobre
que, p. 178. Sua eleição em Arce-
bispo, p. 274. Sua virtude, e fan-
tidade, ibi. Duvidas que teve no
Concilio Tridentino, e sobre que,
p. 182.
- Bartholomeu Carvalho.* Seu valor, e
trabalho no cerco, e guerra de Ma-
zagaão, p. 227.
- Bartholomeu Guerreiro.* Soccorre a
Praça de Mazagaão, pag. 189. Seu
grande valor, p. 224. Seu grande
trabalho, p. 227.
- Bartholomeu de Vasconcellos.* Seu
valor, e esforço na guerra de Ma-
zagaão, p. 231.
- Batalha naval.* Na India, vencida
pelos Portuguezes, p. 97.
- Batalha.* Em Baharem, perdida pelos
Portuguezes por sua culpa, p. 100.
- Batalha na Ilha de Primbalaão,* ven-
cida pelos Portuguezes, p. 110.
- Em Surrate,* vencida pelos Portu-
guezes, p. 111. Outra em Damaão,
p. 149. E no Brasil outras muitas,
p. 162. 165. 168. 172. e 174.
- Bautismo.* Del Rey D. Sebastião, pag.
32. O de hum Principe de Inham-
bane, p. 127. O del Rey seu pay,
mây, irmãos, e sua Corte, p. 131.
O do Emperador de Monomota-
pa, e sua Corte, p. 138. O dos
Reys, e Principes do Japaão, pag.
151. Outros muitos, e muito solem-
nes em Goa, p. 153. e 155.
- D. Belchior Carneiro.* Da Compa-
nhia de Jesus. Foy Bispo de Ni-
cea, p. 153. Obra maravilhas na
defensa de Malaca, p. 336. e 337.
- Belchior de Carvalhaes.* Sua glorio-
sa morte na defensa de Malaca, p.
336.
- Belém.* Mosteiro famoso. Nelle se
sepultaão os Reys, e Principes de
Portugal, p. 16. 41. 46. e 47.
- Bento Caldeira de Almada.* Morre
pelejando com muito esforço con-
tra Malavares na India, p. 328.
- Fr. Bernardo de Castro.* Padece las-
timoso naufragio por não desam-
parar a mais de duzentas pessoas,
que com elle morrerão afogadas,
p. 93.
- Bernardino Ribeiro.* Seu esforço, e
valor na Praça de Mazagaão, pag.
224. Seu grande trabalho, p. 227.
- Bisminaique.* Senhor da Costa da Pes-
caria do Aljofar. Acomete a Pu-
nicale, e a destroe, e porque, p.
104.
- Bisnaga.* Reyno famosissimo do Ori-
ente. Sua grande riqueza, e des-
truição, p. 333.
- Braço.* De S. Sebastião. Que está em
Lis-

Lisboa, donde veyo, p. 31.
Bramà. Rey do Pegù. Seu notavel calamento, p. 333.
Braz Fragofo. Ouvidor geral do Brasil. Sua resolução ácerca dos escravos daquella Provincia, p. 349. e 350.
Brasil. Nome impropriamente posto á Provincia de Santa Cruz, e porque, p. 157. Noticia de varios successos desta Provincia, ibi, até p. 174. Quando foy descuberta, e por quem, p. 158. Sua Povoação, ibi. Outros varios successos desta Provincia, p. 348. até 61.

C

C Açadores. Dos Elefantes. São conhecidos em Monomotapa, p. 117.
Casar. Turco. Pirata famoso dos mares da India, p. 103.
C, asim. Cidade de Africa. Quando foy cercada, e quanto custou a defender antes que fosse largada aos Mouros, p. 39. E quando foy largada, p. 41.
Cafraria. Sua descripção, e grandezas, p. 112. até 127.
Cafres. Quem são, e porque se chamaõ assim, p. 112. Seus barbaros costumes, p. 120 até 127.
Calisto de Siqueira. Seu raro valor, e acçoens, p. 103. Outras, e sua lastimosa morte, p. 333.
Camera de Lisboa. Sua grande authoridade se mostra em senão obrar cousa grande no Reyno sem o seu beneplacito, pag. 50 e 51. O que obra na entrega do governo á Rainha Dona Catharina, ibi. Concorre ao levantamento delRey D. Sebastião, p. 52. Persuade a ElRey D. João III. que case com a Rainha sua madrastra, p. 72.
Cananor. He acometida, e guerreada fortemente pelos barbaros, p. 92. 93. e 96. até 98. Renovase esta

guerra, e porque, p. 326. E successos notaveis della, p. 327. até 329.
Canatale. Pirata Malavar. He vencido pelos Portuguezes na India, p. 327 e 328.
Cardeaes. Como se houveraõ na morte do Papa Paulo IV. p. 76. E na eleição de Pio IV. p. 77. Sua benevolencia para com Portugal, p. 78. e p. 86. Quaes delles foraõ Protectores deste Reyno, ibi.
Cardeal Amulio. Louva os Portuguezes, e de que, p. 86.
Cardeal. De Portugal. Vid. *D. Henrique.*
Carlos V. Emperador de Alemanha, e Rey de Castella. Foy pay de D. Joanna Princeza de Portugal, p. 2. Ajustalhe o casamento, e dá commissão para ella ser entregue em Portugal, ibi, e p. 3. Manda visitar a ElRey D. João III. pela morte do Principe seu filho, e tratar a volta da Princeza para Castella, p. 34. e 35. Renuncia o Imperio, e Reynos de Castella, pag. 68. O que disse em abono de D. Aleixo de Menezes, ibi. Outra sentença sua, p. 71. He mandado visitar pela Rainha de Portugal sua irmã, p. 73.
D. Carlos. Principe de Castella. De quem foy filho, e sua lastimosa morte, p. 28. e 40.
Cartas. DelRey de Portugal para Lourenço Pires de Tavora, p. 82. Do Summo Pontifice para ElRey de Portugal, p. 84. DelRey de Tonga ao VisoRey da India, pag. 132. DelRey de Portugal para o de Bungo, p. 151. Do mesmo para o Arcebispo de Goa, pag. 153. Do Summo Pontifice para o dito Arcebispo, p. 156. Da Rainha aos Estados do Reyno, p. 176. Do Arcebispo de Braga para a Rainha, p. 178. DelRey de Portugal ao Cardeal de Inglaterra, p. 181. Do mesmo ao Cardeal de Trento, p. 182. De hum Elche renegado aos cercados

cados em Mazagaõ, p. 245. Do Summo Pontifice a ElRey de Portugal ácerca de Lourenço Pires, p. 304. Huma muito notavel de Nuno Furtado de Mendoça para sua mulher, p. 308. Outra delRey D. Sebastião para o Capitaõ de Tangere, p. 311. Outras delRey, e do Ponrifice, e do Patriarcha de E-thiopia, p. 118. e 119. e pag. 341. 344. e 346.

Cassís. Mouro. Dissimulaçãõ com q vem a Mazagaõ fazerse Catholico, p. 186. Foge para o campo dos Mouros, p. 188.

Dona Catharina. Rainha de Portugal. De quem foy filha, e com quem casou, p. 1. Filhos que teve, ibi. Sofre com animo varonil a morte de tantos filhos, p. 2. Coopera no casamento de seu filho o Principe D. João, p. 5. Dissimula com animo esforçado a morte do dito Principe, e a encobre á Princeza, e porque, p. 16. Recebe o gosto do nascimento do Principe seu neto, p. 30. He sua madrinha, p. 32. Acompanha a Princeza na sua despedida, p. 35. Assiste á morte delRey com animo muy esforçado, p. 44. e 45. Entregaelhe o governo do Reyno, e porque, p. 50. 51. e 59. Faz seu Procurador ao Infante Cardeal, e para que, p. 53. Elege fogeitos capazes para assistirem á criação delRey, e Me-stres para o doutrinarem, p. 59. e 60. Manda visitar o Emperador seu irmão, e á Rainha de Hungria, dándolhe os pezames da morte de sua irmãa a Rainha Dona Leonor, e tratar outros negocios, p. 72. até 75. Manda Embaixador a Roma, p. 76. Despacha VisoRey para a India, p. 91. Recebe da India hum prodigiosa pedra, p. 106. Escreve a ElRey de Bungo ao Japão, p. 151. Intenta renunciar a regencia do Reyno, e trata isto com o Cardeal Infante, p. 175. Escreve Part. II.

a todos os Estados do Reyno, p. 176. Desiste do intento, e porque, p. 180. Manda Embaixadores, e Theologos ao Concilio Tridentino, e escreve a alguns Cardeaes, p. 181. Socorre a Mazagaõ apertada de guerra, p. 189. 213. e 219. Soccorros espirituaes, e Preces, com que lhe valeo, p. 222. Manda consolar, e confortar os pays, e parentes dos q morrião na guerra, p. 236. Palavras notaveis que disse por Jorge Nunes de Leão, ibi. Envia novos soccorros, pag. 245. Convoca a Cortes, e renuncia o governo do Reyno, e o que nisso se passa, pag. 271. até 277. Sentimento q causa a sua resolução, p. 273. Summa de suas acçoens, p. 274. Responde a hum proposta de D. Aleixo de Menezes, p. 323. e 324. Como se portou no casamento da Senhora Dona Maria com o Principe de Parma, pag. 362. Documentos, q deu a ElRey seu neto antes de tomar o governo, p. 371. *Senhora Dona Catharina.* De quem foy filha, e cõ quem casou, p. 362. *Cavalleiros.* Portuguezes cativos em Azamor. Fogem para Mazagaõ, e escapaõ do poder dos Mouros por merce de nossa Senhora da Luz no seu dia, p. 267.

Casamento. Do Principe D. João. Quando se começou a tratar, p. 2. Quando se ajustou, ibi, e pag. 3. Quando se effeituou, ibi, e p. 4. Quando se consummou p. 18.

Casamentos. Que se offereceraõ á Infanta Dona Maria sem effeito, p. 69.

Caso. Raro, e lastimoso, p. 21. Outro na India notavel, p. 97. Outro, engraçado, de huns animaes em Monomotapa, p. 114. Outros notaveis no cerco de Mazagaõ, p. 200. e 212. Outros graciosos no mesmo cerco, p. 237. 238. e 239. Outro admiravel em Ceilaõ, p. 329. Outros notaveis na guerra do Rio de Janeiro, p. 352.

- Cedemacão.* Senhor de Surrate. Mata atraçoadamente ao Madre Maluco, e porque, p. 109. He por isso apertado com guerra, e industria, com que se livra, ibi. He novamente acometido do contrario, e pede socorro aos Portuguezes, offerecendolhe a Cidade, e sendo livre por elles, difficulta o cumprimento da palavra, e porque. Sua morte, p. 110. e 111.
- Ceilaõ.* Seus successos, p. 109. e 329.
- Cerco.* De Maluco. Quando foy, e quanto custou, p. 39.
- Cerco.* De Mazagaõ. Guerra viva, por quem foy posto, quando principiou, e acabou, p. 187. até 255. Cerco notavel de Cota, p. 329. e 330.
- Centa.* Cidade de Africa. Por quem foy tomada aos Mouros, p. 184.
- Chinguiscaõ.* Vem contra Surrate, e se retira, e porque, p. 109. Volta com mayor poder, e odio, e he vencido pelos Portuguezes, pag. 110 e 111. Mata a Cedemacão, ibi.
- Christandade.* Da India. Seu augmento por diligencia dos Religiosos das Ordens da Companhia de Jesus, S. Francisco, e S. Domingos, p. 111.
- Christo.* Promete que o Reyno de Portugal será sempre puro na Fé, e delle amado, p. 181.
- Christovaõ da Cunha.* Seu valor, e acçoens no cerco de Mazagaõ, p. 218. Seu grande trabalho, e perigo, p. 230.
- Christovaõ da Cunha.* Outro. Vay por Conselheiro de Guerra a Mazagaõ. Noticia de sua pessoa, e acçoens, p. 219. Industria com que engana os Mouros, p. 221. e 222. Procura meyo de os damnicar, e sahe muito maltratado, e ferido mortalmente, p. 242. e 243.
- Christovaõ Guerreiro.* Seu valor na defenfa de Mazagaõ, p. 224. Seu grande trabalho, p. 227.
- Christovaõ Pereira Homem.* Capitão de huma Esquadra. Navega para a Abbassia, e encontrandose com outra de Turcos peleja valerosamente, e he vencido, e morto com os companheiros, p. 103.
- Christovaõ Jaques.* Foy particular Descubridor do portos do Brasil, p. 158.
- D. Christovaõ de Moura.* Porque via chegou a ser Marquez de Castellarodrigo, p. 5.
- Christovaõ de Tavora.* De quem foy filho. Passa a Tangere, pag. 303. Seu valor, e acçoens, p. 316. até 318.
- Cide Botafã.* Capitão de Damaõ. Delampara a Cidade obrigado dos Portuguezes, p. 92. e 93. He de novo acometido, e desbaratado, pag. 94. Volta sobre Balsar, e faz grande estrago nos Portuguezes, p. 102. Torna sobre ella, e a acha delamparada, e prosegue a guerra com varia fortuna até ser destruido pelos nossos, p. 103.
- Cide Mariaõ.* Acomete a nossa Praça de Damaõ, e he vencido, e morto, p. 149.
- Cide Robo Bentuda.* Arcaide de Arzila, fronteiro a Lourenço Pires de Tavora. Faz guerra a Tangere, e desafia ao dito Capitão para huma batalha, p. 305. até 318.
- Cleofas Gil.* Seu esforço, e acção notavel na defenfa de Mazagaõ, p. 241. Sua lastimosa morte, e porque, p. 253.
- Clero.* Do Reyno de Portugal. Repugna ao subsidio que se lhe impunha, e concertase com ElRey, p. 299.
- Còchim.* He sublimada a Cathedral, p. 102.
- Collegios.* Dos Padres da Companhia de Jesus na Bahia, e Rio de Janeiro. Sua fundação, p. 350. e 357.
- Columbo.* Noticia, e successos desta Ilha, p. 149. e 329.
- Concelho de Estado.* Sua instituição, p. 285.

Concilio Tridentino. Porque se chama assim, por quem, e porque foy celebrado, quando principiou, e se lhe deu fim, e sua grandeza, p. 81. 180. e 183.

Conde de Masfelth. Conduz a Senhora Dona Maria para Parma, como foy recebido, e despedido de Portugal, p. 362.

D. Constantino de Bragança. Quem foy, p. 91. Suas acçoens, pag. 46. He eleito Vito Rey da India, e faz viagem para ella, p. 91. Capitães q o acompanhaõ, e Armada que leva, ibi. Chega a Goa felizmente, e começa a governar, e executar acçoens generosas, p. 92. Acomete a Cidade de Damaõ, e a senhorea, p. 93. Manda sobre a Ilha de Balsar, e succedelhe o mesmo, p. 94. Despacha hum Armada para o Estreito de Mecca, ibi. Prende a Luiz de Mello, e o solta, e porque, p. 97. Manda soccorrello, p. 102. Manda desamparar a Fortaleza de Balsar, e porque, pag. 103. Vay sobre Jafanapataõ, e toma a Cidade com grande trabalho, pag. 107. e 108. E a desampara com mayor risco, ibi. Navega para a Ilha de Manar, e funda nella Fortaleza, p. 109. Outras acções suas até 111. Fede ao Provincial da Companhia de Jesus envie alguns Missionarios à Região de Cafraria, p. 118. Recebe hum carta del Rey de Otonge, p. 132. Como se houve com hum famosa reliquia supersticiosa, p. 143. até 145. Seu elogio, ibi. Funda hum Templo ao Apostolo S. Thomé, pag. 146. Fabrica hum famosa nao, e volta nella para o Reyno, ibi. O que lhe acontece em chegando, p. 147.

Conversaõ. Dos Gentios. Foy sempre o intento principal dos Reis Portuguezes em suas Conquistas; quando teve mayor effeito, p. 152. e 153.

Cortes. Dos tres Estados de Portu-

gal, convocadas pela Rainha Dona Catharina, e para que, pag. 271. Elegem o Cardeal Infante por Governador do Reyno, p. 276.

Cosme de Torres. Da Companhia de Jesus, Missionario Superior no Japão, p. 151.

Cota. Seus successos, e trabalhos notaveis, p. 149. 327. e 328.

Santa Cruz. Nome proprio, e principal da Provincia do Brasil. Seus successos, e noticias, pag. 158. até 174. Cruz de Christo. Bandeira dos Portuguezes contra infieis, p. 162. e 168.

D

Damaõ. He acometida, e tomada dos Portuguezes, p. 93.

Damas. De Lisboa. Mostraõse esquivas, a quem, e porque, p. 208.

Damiaõ Gonçalves. Quem foy. Suas acçoens, p. 204.

Decreto. Do Emperador contra os que em seus Estados batiaõ contrafeita a moeda de Portugal, pag. 300. Decretos dos Reis de Portugal em favor dos Indios Brasillicos, p. 350.

Descalças. De Madrid. Mosteiro fundado pela Princeza de Portugal, p. 37.

Despezas. Grandissimas que fez El Rey D. João III. p. 39.

Desafio. Que o Alcaide de Azamor, manda fazer ao Capitaõ de Mazagaõ, p. 257. até 259. Outro, notavel, que o Alcaide de Arzila fez ao Capitaõ de Tangere, p. 307. e 308.

Diogo de Ataide. Governador de Columbo. Defende aquella Praça com incrível valor, p. 329. Outras acçoens suas, ibi.

D. Diogo de Avelhaneda. Morre na guerra dos Mouros em Tangere, p. 318.

D. Diogo de Castellobranco. Acções suas

- suas no cerco de Mazagaão, p. 231.
 E em Tangere, p. 318.
- Diogo Lopes de Mesquita.* Capitão de Ternate. Mata a ElRey Aeyro, e porque, p. 340.
- D. Diogo Lopes Pacheco.* Quem foy, p. 6. Duvidas que teve com Lourenço Pires, e sobre que, pag. 7. até 10.
- D. Diogo Manoel.* Seu grande valor, e acçoens no cerco de Mazagaão, p. 199. 200. 226. e 231. Palavras suas notaveis, 237.
- D. Diogo de Mello Coutinho.* Capitão de Manar. Soccorre a Cota, e faz retirar os inimigos, p. 150.
- Diogo de Mendosa.* Acçoens suas na guerra dos Mouros em Tangere, p. 318.
- D. Diogo de Menezes.* Seu esforço na guerra de Mazagaão. Evita hum grande desordem, p. 241.
- Diogo Moniz.* Seu valor, e acçoens no cerco de Mazagaão, p. 247.
- D. Diogo de Noronha.* Acçoens suas, p. 93. Fica por Governador de Damão, p. 95. Sahe contra os inimigos, e os vence em batalha, p. 103. Sua grande prudencia, e industria com que livra a Damão da invasão dos inimigos, p. 109. Sua morte, p. 110.
- Diogo de Vasconcellos.* Seu valor, e acções notaveis na defenfa de Mazagaão, pag. 217. 218. e 247.
- Documentos.* Que deu Lourenço Pires de Tavora para as Cortes celebradas em Lisboa, p. 274.
- Domingos de Almeida.* Seu grande trabalho em Mazagaão, p. 227.
- Domingos Alvares Leite.* Sua effancia em Mazagaão, p. 203.
- Domingos Fernandes Ribeiro.* Seu raro valor, e acçoens, p. 262.
- Domingos Gonçalves.* Acção sua notavel, p. 196. 197. e 218. Seu grande trabalho, p. 227. Aceita o desafio de hum Mouro de Azamor, p. 257. até 259. Seu premio, e morte, p. 260.
- Domingos de Melquita.* Mandado pelo VisoRey da India destroça as embarcaçoens do Malavar, que navegavaõ com Seguro, e porque, p. 325. Honras com que foy tratado por esta acção, p. 326.
- Domingos Pereira.* Seu valor, e acçoens, p. 244. e 247.
- Domingos Vieira.* Seu grande valor, e trabalho no cerco de Mazagaão, p. 228.
- Infante D. Duarte.* De quem foy filho, marido, e pay, pag. 45. 46. e 361.
- D. Duarte.* Filho natural delRey D. Joaõ III. Quem foy, p. 2.
- Senhor D. Duarte.* De quem foy filho, e noticias suas, p. 45. 46. 47. 54. e 361. Faz o casamento da Senhora Dona Maria sua irmãa, pag. 362.
- Duarte Barreto.* Seu valor, e acçoens, p. 247.
- D. Duarte da Costa.* Segundo Governador do Brasil, p. 159.
- Duarte Luiz.* Seu valor, e acçoens, p. 218. 231. e 245. Seu trabalho, e risco de vida, p. 248. e 262.
- Duarte Martins Mouraõ.* Seu valor, e acçoens notaveis, p. 359.
- D. Duarte de Menezes.* Suas proezas, p. 104. Governa a Praça de Ito, p. 340.
- Duques.* Eraõ os de Bragança, e Aveiro, p. 2. e 4. O de Aveiro, seu nome, e acçoens, pag. 5. 6. 10. 16. 46. e 54.
- Duque de Bragança.* Seu nome, p. 36. Acompanha o Principe D. Joaõ p. 10. E a ElRey, p. 11. e 16. Intenta matar hum Herege, e porque, p. 21. Retirase a Villa Viçosa, e porque, p. 35. Acompanha, e faz a entrega da Princeza, p. 36. e 37. Sua grandeza de animo nesta occasião, ibi.
- Duque de Urbino.* Estimacão que faz do Embaixador de Portugal, p. 85.
- Duvidas.* Que houve na entrega da Princeza, e porque, p. 7. até 9.

E

Ecclesiasticos. Acçoens improprias de alguns em Mazagão, p. 237. e 238.

Elefantes. Suas qualidades, e como se caçaõ, 117.

ElRey de Marrocos. Manda todos os annos destruir os campos, e fearas de Mazagão, p. 264. E o que lhe succede hum anno, ibi.

Emperador de Monomotapa. Seus usos, e costumes, Corte, e numero de suas mulheres, e nomes das principaes, p. 119. Grandeza, com que se trata, ibi, até 122. Recebe com muita honra ao santo Padre Gonçallo da Sylveira, e he por elle instruido na Fê Catholica, e baptizado com o nome de D. Sebastião, e sua mãy a Emperatriz com o de Dona Maria, e motivos, que para isso teve, p. 137. e 138. Trata de matar o santo Padre, e por que motivo, ibi. E o manda martyrizar, p. 141. Trabalhos, e castigos, que padeceo por esta sua maldade, p. 143.

Escriptura. Do dote do Collegio do Rio de Janeiro, p. 357.

Estacio de Sã. He enviado pelo Cardeal Regente ao Brasil para se reftaurar o Rio de Janeiro, pag. 350. Chegã á Bahia, e formada alli a Armada parte a executar a empreza, ibi. Retirase a S. Vicente, e porque, p. 351. Prosegue a viagem, desembarca, e toma por Padroeiro o Martyr S. Sebastião, ibi. Anima os soldados, e vence duas vezes aos inimigos ajudado do favor Divino, p. 352. Alcança outras famoſas vitorias, p. 353. Consegue outras muito prodigiosas, p. 354. e 355. Sua lastimosa morte, ibi.

Estados do Reyno. Demonſtração que fazem, querendo a Rainha largar o governo d'elle, e a commovem a Part. I.

desistir do intento, p. 177. e 180.

Esteuaõ Gonçalves. Suas acçoens, e raro valor, p. 330.

Esteuaõ Leite. Seu valor, p. 336.

Estragos. Da Ilha da Madeira. Quem os causou, p. 363.

Estudos. DelRey, e quanto aproveitou nelles, p. 88.

Excellentẽ Senhora. Quem foy, pag. 40.

Exequias. Do Principe D. João, p. 33. e 34.

F

Faixas. Que os Portuguezes tem em Monomotapa para resgate do ouro, p. 115.

Feticeira. Mourisca. Intenta destruir a Praça de Mazagão por arte Magica, e he morta pelos Portuguezes, p. 195.

D. Filippe I. Rey de Castella. Foy pay da Rainha Dona Catharina de Portugal, p. 1.

D. Filippe II. De Castella. Com quem casou a primeira vez, pag. 1. e 40. Conclue o casamento da Princeza sua irmãa, e faz a entrega della ao Embaixador de Portugal, p. 3. e 4. Solicita a volta da dita Princeza para Castella, e porque, p. 35. Vem esperalla ao caminho, p. 37. Porque não soccorre Mazagão, p. 206.

D. Fernando de Almada. Quem foy, pag. 55.

Fernão Cabral. Soccorre a Praça de Mazagão, e obra outras acçoens, p. 204.

Fernão de Castro. Capitão na defenſa de Mazagão. Acçoens suas notaveis, e trabalhos nesta guerra, p. 195. 199. 200. 224. e 228.

Fernão Hortic. Seu valor, e acções, p. 248.

Fernão de Lima. Morre pelejando com os Mouros em Tangere, pag. 317.

- Fernão de Roboredo.* Seu valor, e trabalhos na guerra de Mazagão, p. 248.
- Fernão Rodrigues.* Acções notaveis, p. 214.
- Fernão de Sá.* De quem foy filho. Sua morte fazendo guerra aos Gentios do Brasil, p. 174.
- Fernão de Sousa de Castello Branco.* Seu valor, p. 108.
- D. Fernando de Vasconcellos de Menezes.* Arcebispo de Lisboa. Ministra as Benções aos Principes noivos, pag. 18. Ministra na exequias do Principe, pag. 34. E nas del Rey D. João, p. 48. e 49. Faz por sua alma hum Officio particular, ibi. Assiste ao Auto da Acclamação del Rey D. Sebastião, e aceita os juramentos, p. 54. Jura por si, p. 55. Sua morte, p. 284.
- Fernão Vieira.* Seu valor, e acções, p. 196. 197. 218. 233. e 262.
- Festas.* Notaveis, com que a Cidade de Lisboa applaudio o casamento dos Principes, p. 11. até 20.
- Fidalgos, Cavalleiros.* Assinalados nas guerras da India, p. 100. Outros, que acompanharaõ a Lourenço Pires de Tavora em Tangere, e se singularizaraõ na guerra de Africa, p. 303. até 318.
- Filhos.* Quantos, e quaes foraõ os del Rey D. João III. p. 1 e 2.
- Fogo.* O das Ilhas dos Afores foy espantoso, p. 270. 291. 295. e 296.
- Fomes.* Em Portugal, p. 40. e 56. Na Bahia outra, p. 349.
- Fontes, e aguadas.* Extraordinarias do Portuguezes na India, p. 101.
- Forma.* Da entrega da Princeza Donna Joanna na Raya, p. 9. e 10.
- Frades.* De S. Francisco. Em Mazagão animaõ os Christãos com hum Crucifixo arvorado, a resistir contra os Mouros, p. 233. e 251.
- Francezes.* Vaõ ao Brasil, pag. 158. Fortificaõse, e armaõse contra os Portuguezes, p. 159. Saõ expulsos por elles, pag. 164. até 166. Saqueaõ a Ilha da Madeira, p. 363.
- Dona Francisca Sardinha.* Sua desgraça, p. 105.
- D. Francisco.* Rey de Bungo. Sua conversão, e Bautismo, p. 150. e 151. Favorece a Christandade, ibi.
- Francisco Affonso das Neves.* Suas acções, p. 262.
- D. Francisco de Almeida.* Soccorre a Cananor, p. 110.
- Francisco de Bairos.* Seu esforço, em Mazagão p. 248. Governa esta Praça, e p. 256. Aceita hum desafio do Alcaide de Azamor, pag. 257. até 260.
- Francisco Barreto.* Entrega o governo da India ao successor, volta para o Reyno, e padece grandes trabalhos na viagem, p. 92. 93. 105. e 106. Pedra prodigiosa q̃ trouxe, ibi.
- Francisco Barriga.* Suas acções, e trabalhos, p. 227.
- Francisco Barroso.* Morre pelejando em Tangere, p. 317.
- Francisco Cabral.* Da Companhia de Jesus. Bautiza os Reys do Japão, p. 152.
- Francisco de Carvalho.* Seu valor, e morte, p. 227.
- D. Francisco Coutinho.* Conde do Redondo. Vay por Viso Rey á India, pag. 148. Parte para Calcut com hum Armada. p. 149. Soccorre Cananor, p. 150. Sua morte, ibi.
- Francisco da Cunha.* Sua estancia, e valor na defenfa de Mazagão, pag. 204. 224. 230. 231. e 244.
- Francisco Dias.* Sua morte, p. 336.
- Francisco Ferreira.* Suas grandes forças, p. 255.
- Francisco de Figueiredo.* Seu valor, p. 248.
- Francisco da Gama.* Seus trabalhos, p. 227.
- Francisco Gomes Leitão.* Achase na defenfa de Cota, p. 331.
- Francisco Henriques.* Soccorre Mazagão, e mostra seu valor, p. 245. e 250.

Francisco de Macedo. Acçoens suas na India, p. 331.

D. Francisco Mascarenhas. Capitão mór de huma Armada, pag. 148. Soccorre a Cananor, p. 150. Vay contra a Rainha de Olala, p. 334.

D. Francisco de Moura. Navega a Tangere, p. 303.

Francisco de Moura. Suas acçoens, p. 248.

Francisco Nicolao. Achase na defen-
sa de Mazagaõ, p. 231.

D. Francisco de Noronha. Achase na
defensa de Cota, p. 331.

Francisco Paes. Seu valor, p. 336.

Francisco Portoarrero. Capitão do
socorro que a Cidade de Lagos
mandou a Mazagaõ, p. 189.

Francisco Riscado. Seu raro valor,
p. 98.

Francisco Romeiro. Primeiro Gover-
nador da Capitania dos Ilheos, p.
170.

Francisco da Sylva. Faz grandes ter-
viços a El Rey em Mazagaõ, p. 252.

Francisco de Tavora. Seu valor em
Tangere, p. 303. 314. 317. e 318.

S. Francisco Xavier. Frutos de suas
Missões, p. 149. 151. e 152. Cô-
move a bautizar a El Rey de Bun-
go, seu grande amigo, ibi.

Francisco Zoure. Capitão na defen-
sa de Mazagaõ, p. 231. Vay con-
tra o Caldeira, p. 264.

Fulgencio Freire. Da Companhia de
Jesus. Seus grandes trabalhos, p.
103. e 104.

Fura. Monte de grandes Minas, e
que tradição tem, p. 114.

G

D. Om Garcia. Quando foy por
Viso Rey á India, p. 39.

Garcia Rodrigues de Tavora. Go-
vernador de Damaõ. Resiste a Ci-
de Mariaõ, e o vence, p. 149.

D. Gaspar. Primeiro Arcebispo de
Goa. Quem foy, p. 102. Convoca

Concilio Provincial, p. 344.

Gaspar Antunes. Seu valor, e acçoens
contra Mouros, p. 314.

Gaspar Barbosa. Sua morte, p. 355.

Gaspar de Brito. Seu esforço na In-
dia, p. 328.

Gaspar Caldeira. Sahe aggravado de
Portugal, e porque, pag. 363. He
prezo, e justificado, p. 364. e 365.

Gaspar Carvalho. Soldado valeroso
p. 150.

D. Fr. Gaspar do Casal. Quem foy,
p. 44. e 45.

Gaspar da Costa. Sua morte, p. 228.

D. Gaspar Coutinho. Suas grandes
forças, p. 255.

Gaspar da Cunha. Suas acçoens, p.
218. e 225.

Gaspar Fernandes. Sua valentia, e
morte, p. 228. e 255.

Gaspar Gato. Seu valor, e trabalhos,
p. 232.

Gaspar Leite. Acçoens suas, p. 231.
246. 247. e 248.

Gaspar Madeiros. Seus trabalhos na
defensa de Mazagaõ, p. 227.

Gaspar de Magalhães. Soccorre Ma-
zagaõ, p. 213.

Gaspar de Mendonça. Suas acçoens,
p. 218.

Gaspar Pereira. Seu grande esforço,
p. 318.

Gaspar Pereira de Lacerda. Achase
na defensa de Cota, p. 331.

Gaspar Rodrigues. Sua morte, p. 228.

Gaspar de Sarria. Quem foy, p. 53.

Gaspar de Teive. Quem foy, p. 7.

Gaspar Valente. Seus trabalhos, p.
227.

Gaspar da Veiga. Suas acçoens, e
trabalhos, p. 231.

Genulio. Cavalleiro Itente. Repre-
hendo aos Portuguezes, p. 339.

D. Gil Annes. Sahe ferido de hum
combate, p. 318.

Goa. Cidade. Cabeça do Estado da
India. He sublimada a Cathedral,
p. 92. e 102.

Gomes Annes de Freitas. Seu animo,
pag. 97.

Gomes

Gomes acçoens, p. 205.
 210. 221. e 232.
S. Gonçalo de Amarante. Sua Beatificação, p. 174.
D. Gonçalo de Castello Branco. Obra acçoens notaveis, p. 200. 210. 231.
Gonçalo Coelho. Descubridor dos Portos do Brasil, p. 158.
Gonçalo de Craсто. Sua gloriosa morte, p. 265.
Gonçalo Falção. He criminado, occultase, e alcança perdão, p. 148.
Gonçalo Fernandes da Rosa. He cativo, p. 265.
Gonçalo Figueira. Navega a Tange-re, p. 303.
Gonçalo Mendes de Brito. Seu valor, p. 318.
Gonçalo de Oliveira. Da Companhia de Jesus, acompanha os Portuguezes na restauração do Rio de Janeiro, p. 351. e 352.
Gonçalo Pereira. Seu valor, p. 318.
Gonçalo Pereira Marramaque. Soccorre a Cananor. Seus successos no mar, p. 327.
Gonçalo Ribeiro. Achase na defença de Mazagão, p. 231.
Gonçalo de Siqueira. Seu grande valor, p. 230.
O Padre Gonçalo da Sylveira. Seu espirito de profecia, p. 101. He martyrizado, p. 141.
Governo. Do Reyno. He entregue a Rainha, p. 51. Como foy dado ao Cardeal Infante, 277.

H

D *Om Henrique*. Infante Cardeal. Bautiza ao Principe D. Seba-tião, p. 32. He duas vezes pro-posto para Papa, p. 77. Institue o Concelho de Estado, p. 284. 285.
Henrique Moniz Barreto. Achase na guerra de Cota, p. 331.
Henrique de Sá. Soccorre Amboi-no, p. 149.
Herege. Inglez, q se chamava Ma-

laret. Comette hum grave sacrilegio, pelo que foy queimado vivo, p. 21. até 23.
Hypolito Zuzarte. Seu raro valor, p. 250.

I

J *Afanapatao*. He acometida, e tomada dos Portuguezes, e desamparada, e porque, p. 107. e 108.
Jeronymo Belo. Acção sua notavel, p. 199.
Jeronymo Botelho. Suas acções p. 248.
Jeronymo Dias de Azevedo. Capitaõ de hum navio, peleja com tres de Mouros, p. 150.
Jeronymo Pestana. Seu valor, p. 231.
Padre Ignacio de Azevedo. Quem foy, p. 354. Aceita a fundação do Collegio do Rio de Janeiro, p. 357.
Ilhas. A da Madeira he saqueada, e destruida, p. 363. A de S. Miguel. Seus grandes tremores de terra, p. 290. até 296. A de S. Jorge, e do Pico. Padecem os mesmos terremotos, p. 269. e 270. Sua descripção, ibi.
Ilheos. Successos desta Capitania, p. 167. e 168. Sua descripção, p. 169. e 170.
Imagem. Da Virgem nossa Senhora, que o Padre Gonçalo da Sylveira levou a Monomotapa. Fala ao Emperador, p. 138.
Indios. Brasillicos. Sua conversão, p. 160. Castigos que forão dados a alguns rebeldes, p. 161. e 162. Seu cativoeiro, p. 349. Aymorés. Sua noticia. Sahem de suas brenhas contra os Portuguezes, e são por elles vencidos, p. 166. 167. e 168. Pedem paz, e aceitaõ Leys do Governador, p. 168. Tamoyos. Revelaõse contra os Portuguezes, e lhe fazem guerra, p. 158. 164. até 172. São vencidos pelos nossos, p. 351. até 155. e 358. até 360. Tupis. Assálraõ a Villa de Piratiniñga, e são rechaçados milagrosamente.

mente, p. 172. Caactes. Porque
forão julgados por escravos, p. 350.
Inquisição. Na India, e seus primei-
ros Ministros, p. 105. e 274.
Instrucção. Que ElRey D. João III.
deu aos Conductores da Princeza
sobre a fórma da entrega, p. 7.
Rainha Dona Joanna. De Castella.
Foy mãy da Rainha Dona Catha-
rina, p. 9.
Princeza Dona Joanna. Mãy del-
Rey D. Sebastião. Summario da
sua vida, p. 37.
Dona Joanna Deça. Quem foy, pag.
32. 53. e 64.
D. João III. Sua morte, e circuns-
tancias, p. 44. até 47. Manda po-
voar o Brasil. p. 158. e 170.
Principe D. João. De quem foy fi-
lho, p. 2. Sua morte, e sepultura,
p. 25. e 26.
D. João I. Faz guerras aos Mouros,
e lhe toma Ceuta, p. 184.
D. João. Duque de Bragança. Com
quem casou, p. 362.
João Bolès. E outros Hereges Fran-
cezes são convencidos, e castiga-
dos, p. 163. e 164.
D. João de Lancastre. Quem foy, e
que cargo teve, p. 5.
D. João de Mello. Arcebispo de E-
vora, p. 284.
João de Mendça. Governa o Estado
da India, p. 324.
D. João de Menezes. Governa a Pra-
ça de Tangere. p. 318.
D. João de Noronha. Soccorre a
Praça de Baharem, p. 99.
D. João Nunes Barreto. Patriarcha
da Ethiopia. Sua morte, p. 346.
João Pereira Dantas. Vay por Em-
baixador a França, p. 364.
João Riscado. Suas acçoens na de-
fensa de Mazagão, p. 215. até 218.
224. 234. 251. 255.
João da Sylva Pereira. Soccorre Ma-
laca, p. 327.
D. Fr. João Soares. Sua Dignidade,
e cargos, p. 5.
S. Jorge. Favorece os Portuguezes,
Part. I,

em hum combate, p. 264.
Isidoro de Almeida. Obra milagres de
valor, p. 213. 216. 228. 241. 244.
249. e 252.

L

L *Ourenço Pires de Tavora.* Quem
foy, e seus grandes serviços, p.
75. 3. 4. 6. 7. 68. 76 até 86. 274.
Infante D. Luiz. Acçoens suas, pag.
11. 16. 32. 35. 36. 41. e 43.
Luiz de Mello da Sylva. Suas ac-
çoens, p. 92. 93. 96. até 98. 102. 107.
110. e 111.
Santa Luzia. Favorece aos Portu-
guezes, p. 263.

M

M *Alaca.* He sublimada a Cas-
thedral, p. 102. He fortemen-
te apertada com guerra por
ElRey do Aquem, e defendida pe-
los Portuguezes, p. 335. e 336.
Maluco. Quando foy cercada, p. 39.
D. Manoel. Rey de Portugal. Cida-
des, que em seu tempo se toma-
rão aos Mouros, p. 184.
Manoel. Homem principal de Am-
boino. Detem o tumulto daquella
Ilha, p. 149.
D. Manoel de Almada. Foy Bispo
das Ilhas, p. 296.
D. Manoel de Noronha. Sua desastra-
da morte, p. 334.
Manoel Rodrigues Coutinho. Capi-
tão de Punicale. Seu valor, p. 104.
Governa a Ilha de Manar, p. 109.
Manoel Rodrigues de Freixo. Socor-
re Mazagão, p. 198.
Manoel de Vasconcellos. Capitão mór
de Maluco. Suas acçoens, p. 111.
Dona Maria. Rainha de Hungria.
Quem foy, p. 62. e 72.
Dona Maria. Infanta, irmãa delRey
D. João III. Noticias suas, p. 15. 24.
e 45. Visita a Rainha sua mãy em
Fff

Badajós, p. 69. Escreve ao Emperador, pag. 74. Como soccorria Mazagaõ, p. 222. Outras acções suas, p. 362.

Senhora Dona Maria. De quem foy filha, e com quem casou, p. 361.

Martim Affonso de Sousa. Tamoyo convertido. Seu raro valor, p. 258.

D. Martinho de Castellobranco. Defende valerosamente a Fortaleza de Columbo, p. 329.

Mazagaõ. Porque se conserva no dominio de Portugal, pag. 184. He fortemente acometida pelos Mouros, e valerosamente defendida pelos Portuguezes. Successos notaveis desta guerra, p. 188. até 253. Sua descripção, p. 193. e 194. Sua defenfa foy julgada por impossivel pag. 206.

Mem de Sã. Terceiro Governador do Brasil. Seu grande talento, pag. 159. Suas acções, p. 160. 164. 166. 168. 169. 174. 349. 350. 354. 355. 357. e 358.

Memorial. Del Rey D. Sebastião, 372.

Menino santo. De Goa, seu martyrio p. 157. Outro prodigioso em Mazagaõ, p. 260.

Minas. De ouro, e prata em Monomotapa, p. 114. e 115.

Ministros. Do Graõ Turco. Pedem paz ao Viso Rey da India, p. 331.

Monomotapa. Sua descripção, e particularidades, p. 112. até 118. 127.

Mulher. A que avisou o Capitaõ de Cota de hum grande perigo he reputada por Anjo, pag. 330. As de Mazagaõ como se portaraõ no cerco, p. 329.

N

N *Lo.* De Aventureiros armados contra o Caldeira, p. 364.

Nao Chagas. Sua grande felicidade, e porque, p. 146.

Nicolao Vilbagailbon. Cavalheiro Francez. Apoderafe do Rio de Ja-

neiro, p. 158. 159. 163. He vencido, e despojado da Fortaleza, 166.

Nossa Senhora da Luz. Favorece aos Portuguezes contra os Mouros, p. 268. Obra o mesmo favor em Cota, p. 331. E no Rio de Janeiro, p. 352.

Nuncio. Do Papa neste Reyno. Acompanha os Principes a Sê, e lhe concede Indulgencias, p. 16. e 10.

Nuno Furtado de Menoça. Escreve a sua mulher huma carta notavel, p. 308.

Nuno Pereira. Seu valor, p. 199. e 200. Sua lastimosa morte, p. 211.

O

O *Raçoens, e Preces.* Que se faziaõ a Deos pelo nascimento del Rey D. Sebastião, p. 28. e 29.

Ordem. Da Companhia de Jesus. Pedem os Povos, que não haja em cada Cala mais que doze Padres, pag. 278.

P

P *Apa.* Paulo III. Convoca o Concilio de Trento, para reformação da Igreja Catholica, p. 180.

Papa. Paulo IV. Manda huma letta de S. Sebastião a El Rey D. Sebastião, p. 32. Sua morte, p. 76. Cria os Bispados de Cóchim, Malaca, e o Arcebispo de Goa, p. 102. 174.

Papa. Pio IV. Sua eleição, pag. 77. Sua benevolencia para com Portugal, ibi até 86. Estimação que faz do Embaixador deste Reyno, p. 82. até 86. Encarregalhe gravissimos negocios, pag. 85. Continua, e dá fim ao Concilio de Trento, p. 181. e 183. Escreve a El Rey de Portugal, p. 84. E ao Arcebispo de Goa, p. 150. Beatifica a S. Gonçalo Portuguez, p. 274. Concede a El Rey D. Sebastião hum subsidio, p. 297.

El-

Elcrevelhe ácerca de Lourenço Pires, e lhe concede Indulgencias, p. 304. e 305.

Papa. S. Pio V. Escreve ao Viso-Rey da India em favor da Religião Christãa, e dos Missionarios, pag. 344. Ordena que o Patriarcha da Ethiopia vá para o Japão, p. 346.

D. Pedro Fernandes Sardinha. Primeiro Bispo do Brasil, p. 350.

D. Pedro Leitão. Segundo Bispo do Brasil. Suas partes, e virtudes, p. 163. Sua resolução, p. 349. Acompanha os Conquistadores do Rio de Janeiro, p. 354.

Portugal. Sua prosperidade, e declinação, p. 38. e 39.

Portuguezes. Suas heroicas acçoens na Abbassia, p. 99. 104. Em Baharem, p. 100. Em Jafanapatao, pag. 107. 108. Em Surrate, p. 111. Em hum encontro maritimo, p. 150.

No Brasil, p. 162. 165. 168. 173. e 352. 361. Em Mazagaõ, p. 223. até 268. Em Tangere, p. 306. 313. até 318. Em Cora, p. 330. Em Malacca, p. 336. Louvor que lhe deu o Soldão de Cambaya, p. 207.

Povos de Portugal. Soccorrem a El-Rey com huma grande somma de dinheiro, p. 40.

Praticas. Do Doutor Antonio Pinheiro, pag. 53. De D. Aleixo de Menezes, p. 319. 367.

Pranto. Muito doloroso, por El-Rey D. João III. p. 46.

Preste João. Ou Emperador da Abbassia. Acompanhado dos Portuguezes vence a seus inimigos, p. 99.

Privilegios. Que gozão os Portuguezes em Monomotapa, p. 115.

Procissoens De Preces, p. 23. até 25.

Q

*Q*ueixas. Del-Rey de Portugal ao Emperador, e a Inglaterra, p. 299. até 302. Outras, p. 150. 325. e 326.

R

*R*aynuncio Farnesio. Principe de Parma. De quem foy filho, e como pertendeo o Reyno de Portugal, p. 362.

Reys de Portugal. Favores com que correspondem ao amor dos Vassallos, p. 208. e 209.

Reliquias. De S. Sebastião, que estão em Lisboa, p. 31. e 32.

Ruy de Sousa de Carvalho. Capitão mór de Mazagaõ. Como se houve para o cerco, que os Mouros lhe queriaõ pôr, p. 185. 186. 189. Resposta que deu a hum recado do General dos Mouros, p. 190. Suas notaveis acçoens, p. 261. e 262.

S

*S*abã. Rainha. Onde se diz que reynou, p. 114.

Salamaõ. Onde se diz que mandava buscar ouro para o Templo, p. 114.

Salvador Correa de Sá. He feito Capitão mór da Armada, e guerra do Rio de Janeiro, p. 355. Acçoens suas memoraveis, p. 358. 359. até 361.

Rey D. Sebastião. He seu nome escripto na Confraria de Jesus antes de nalcer, p. 29. Seu nascimento, e Bautismo, p. 30. e 32. Acção sua notavel sendo de dous annos, p. 43. He acclamado Rey, p. 52. até 56. O que passa com hum Ermitão, p. 90. Como se houve no calamento da Senhora Dona Maria, p. 362.

Senado Romano. Estimação que faz do Embaixador de Portugal, p. 85.

Sinaes. Que precederão ao nascimento del-Rey D. Sebastião, p. 27. 29.

Solenidade. Com q El-Rey D. Pedro I. fez Conde a hum seu valido, p. 62.

Sumilhercs. Quem foraõ os del-Rey D. Sebastião, p. 59.

T

- T** *Angere*. Cidade de Africa. Por quem foy conquistada, p. 184. Seus successos notaveis governando Lourenço Pires de Tavora, p. 305. até 318.
- D. Theodozio**. Duque de Bragança, pag. 36.
- S. Theotónio**. Aparece a hum Religiofo no Convento de Santa Cruz de Coimbra, p. 29.
- S. Thomè**. Cidade. He acometida por ElRey de Bisnaga com formidavel poder, p. 95. Fundase o primeiro Templo ao primeiro Apostolo da India, p. 146.
- Thomè de Sousa**. Primeiro Governador da Provincia do Brasil, e fundador da Cidade da Bahia, p. 158.
- Touro**. Cidade do Reyno de Leaõ. Celebrafe aqui o calamento dos Principes de Portugal, p. 3.
- Tribunal**. Da Mesa da Consciencia. He consultado ácerca dos escravos do Brasil, p. 349.
- Tristaõ de Mendoça**. Soccorre a Damaõ, e faz retirar o inimigo, p. 331.
- Tristaõ Vaz da Veiga**. Soccorre a Fortaleza de Balsar, p. 103. Seu valor, e acçoens, p. 231.

V

- V** *Alor*. Notavel o dos Portuguezes, p. 100. 150. 165. 166. O de algumas mulheres que morrerão pela Fé de Christo, 157. 171.

Vasco da Cunha. Seu valor, e acçoens p. 219. 233.

Vasco Fernandes Coutinho. Senhor da Capitania do Espírito Santo. Pede soccorro ao Governador do Estado do Brasil, contra o Gentio, e que successo teve, p. 174.

Vasco Fernandes Homem. Suas notaveis acçoens, pag. 201. 209. 218. 224. 233.

Vasco de Freitas. Seus rigorosos procedimentos em Amboino causão muitas revoltas, e morte de muitos Christãos Novos, p. 149.

D. Vasco da Gama. Quem foy, p. 39.

Vereadores de Lisboa. Que pegarão na varas do Paleio quando os Principes foraõ á Sé. Quem foraõ, p. 17.

Verfos sentenciosos. Que a Rainha Dona Catharina deu a ElRey seu neto, p. 371.

S. Vicente. Capitania do Brasil. Seus varios successos, pag. 163. 170. e 174.

Vicente Alvres Ribeiro. Seu valor, pag. 227.

Vicente Carvalho. Seu valor, e acçoens, p. 203. He prezo em Goa, pag. 104. Achase em Mazagaõ, e evita hum grave delastre, p. 234.

Visaõ. Admiravel, que teve hum Religiofo em Santa Cruz de Coimbra p. 29. Outra do Espírito Santo em Cananor, p. 98. Outra da Virgem nossa Senhora, e S. Joseph em favor dos Portuguezes, p. 330. 331. Outras muito espantosas, que teve a Princeza Dona Joanna, p. 27. 28.

Ufo. Ou cerimonia, que se observava no beijamaõ dos Duques a ElRey, e aos Principes, p. 7. e 36.

FINIS LAUS DEO.

